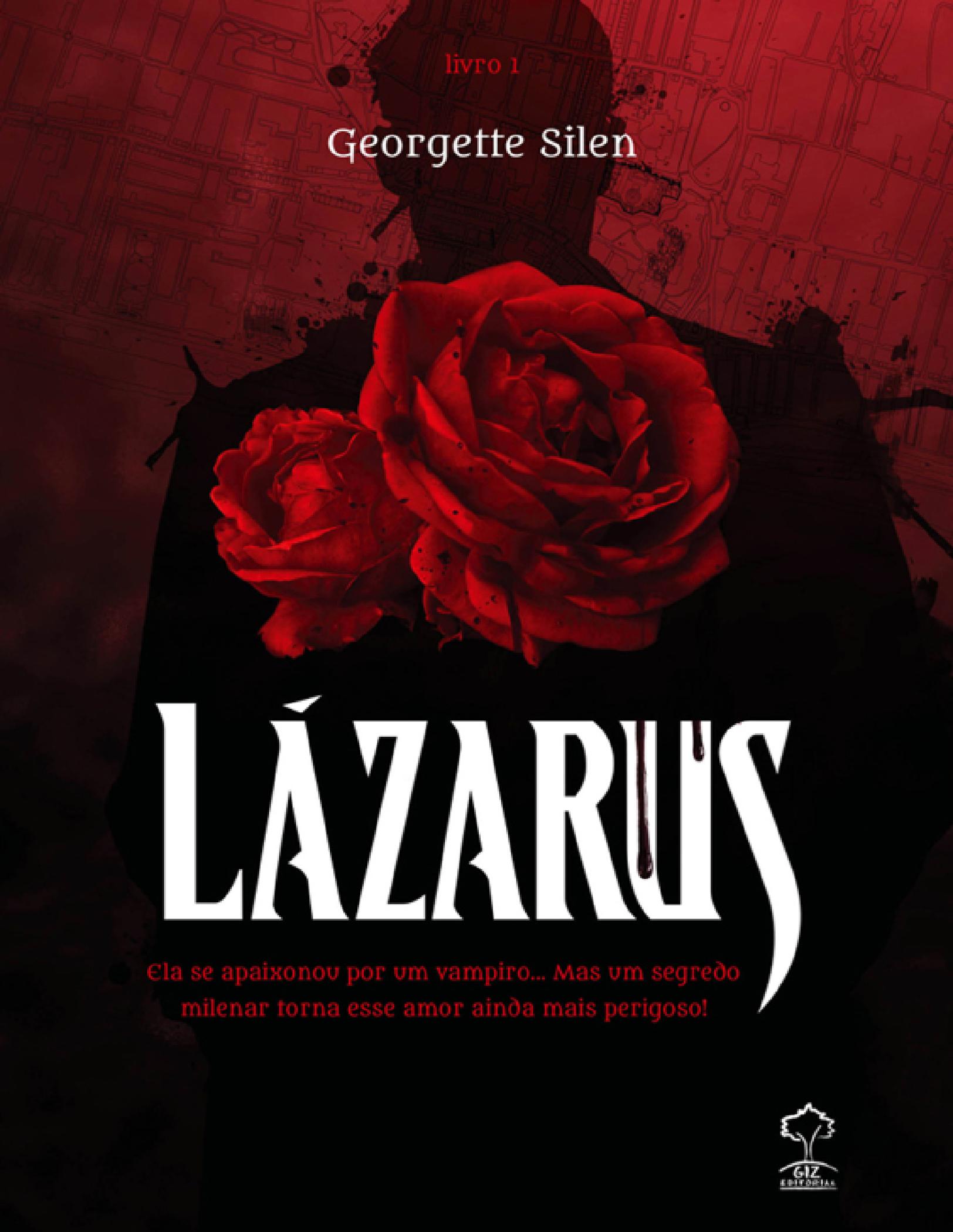


livro 1

Georgette Silen



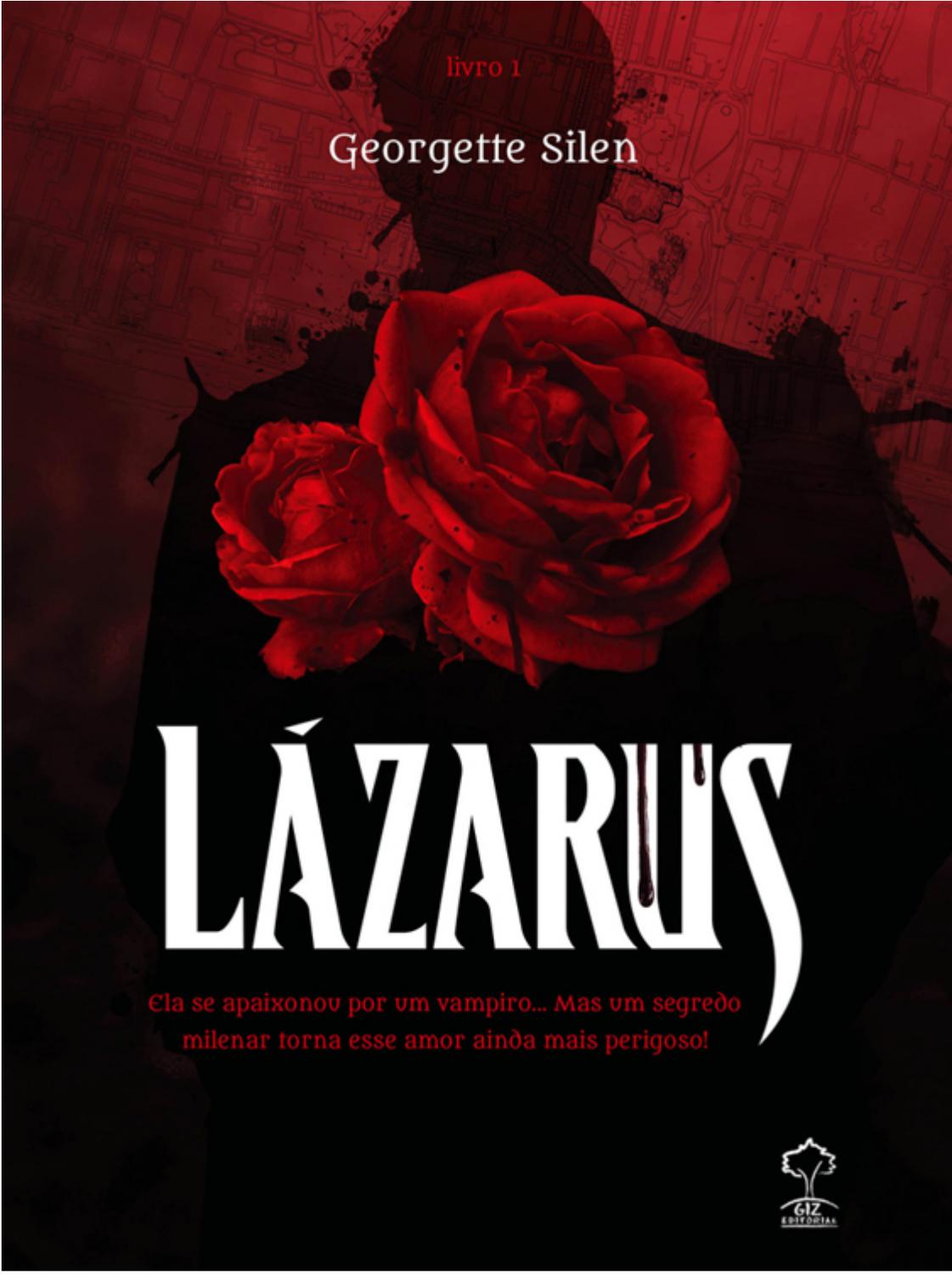
LÁZARUS

Ela se apaixonou por um vampiro... Mas um segredo milenar torna esse amor ainda mais perigoso!



livro 1

Georgette Silen



LÁZARUS

Ela se apaixonou por um vampiro... Mas um segredo milenar torna esse amor ainda mais perigoso!



Georgette Silen

LÁZARUS



São Paulo, 2013

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

*Para Morgana Souza Viana, minha sacerdotisa de além-mar, e
Aicha Souza Viana, a luz da minha vida.*

Agradecimentos

A segunda edição de um trabalho sempre carrega consigo as marcas de sua trajetória. Lázarus apareceu ao público pela primeira vez em 2010, e de lá pra cá eu conheci muita gente através dele. Fiz amigos-leitores e leitores-amigos nos quatro cantos do Brasil e do mundo, e tenho muito a agradecer. Como não posso colocar o nome de todos aqui – espero que me compreendam e perdoem – citarei alguns. Mas tenham a certeza de que eu vejo os rostos e me lembro dos nomes dos incríveis leitores que passaram e continuam em minha vida, e que torcem pelas vidas de Laura, Robert, Cínthia, Josh, Carlo, Clementine e os outros personagens da série.

Em primeiro lugar agradeço à minha filha, Morgana Souza Viana, que insistiu para que eu colocasse no papel o sonho que foi o embrião deste livro e desta série.

À Aicha Souza Viana, segunda herdeira, pelos olhos que sempre brilham ao ver meus livros.

À Giulia Moon, pelo cuidado e dedicação nos detalhes do livro.

À Helena Gomes, grande escritora, que leu este livro em fase embrionária e acreditou em seu potencial.

À Tatiana Ruiz, que fez todos os snacks de divulgação nas redes sociais.

À Simone Mateus. Obrigada pela oportunidade de fazer um trabalho do jeito que sempre sonhei.

A Newton Carrara, com muito carinho.

À Taciani Ody, pela gentileza e atendimento impecáveis.

À Vanusa Tavares de Siqueira, maravilhosa professora da sala de leitura da E.E. Professor João Gonçalves Barbosa, de Caçapava,

por plantar em seus alunos o “bicho” da leitura, e fazer com que eles se apaixonassem pela história deste livro.

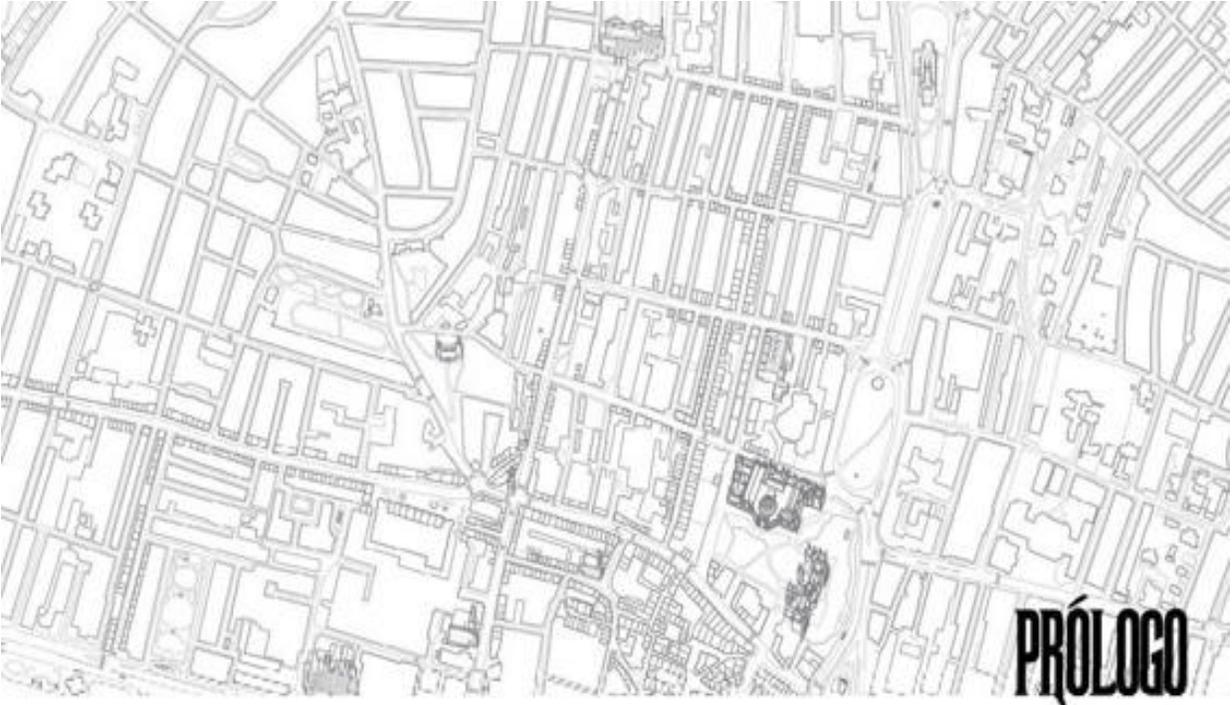
Aos queridos blogueiros Mirela Ribeiro, Danilo Barbosa e Renata Mallman Lopes, pelas primeiras resenhas que o livro ganhou.

A toda a equipe de produção da Giz Editorial.

E a todos os leitores que se encantaram com *Lázarus*, pois sem vocês uma história, se não fosse contada, jamais poderia ser uma história.

A vocês, meu muito obrigada, sempre!

Georgette Silen



Prólogo

Bristol — Inglaterra — Junho

Vamos, é só dar um passo, só mais um. Você consegue. O que tem a perder? Você não tem mais nada!

O pensamento chegou quando a brisa da maré alta soprou. O cheiro de maresia salgada com peixe podre, misturado ao tabaco e bebida que vinham dos bares próximos, dava enjojo. Ou será que eu estava amarelando?

— Não, você já tomou essa decisão, não vai voltar atrás. E voltar atrás para quê?

Falava sozinho, olhando para o atracadouro onde as ondas batiam ferozes, respingando nos meus pés. O mar ficava agitado naquela época. *Bom, é isso aí.* Olhei em volta mais uma vez, para ter certeza de que não tinha ninguém por perto. Não, não havia ninguém. Eu estava sozinho. Sozinho. Como sempre fora a minha droga de vida. Uma porcaria sem fim!

Apertei os nós dos dedos. E daí que estava sozinho? Era melhor assim. Quem iria se importar comigo? Com o idiota e beberrão do Holly Finger? Quem notaria minha falta? Minha ex-mulher, aquela vaca maldita? As prostitutas do Samuel's? *Talvez sim*, dei um sorrisinho. Eu mandava bem, isso as vadias poderiam confirmar para qualquer um. Meu senhorio? Ele daria queixa à polícia por falta de pagamento ou pegaria minhas coisas no quarto barato para cobrir o prejuízo. Coitado! Dei risada. Nem mesmo no trabalho dariam por minha falta. Não fui despedido àquela tarde por — como foi mesmo que o escroto do meu patrão dissera? — *‘um comportamento inadequado de atrasos e por estar alcoolizado no expediente’?*

Pelo menos pude desferrar naquele merda um bom par de golpes antes que me jogassem na rua. E o almofadinha ainda ameaçou chamar a polícia! Desgraçado!

— À merda com todos eles! — resmunguei, dando mais um gole na garrafa.

O conhaque ardeu e me fez lacrimejar. Eu logo estaria livre de todo aquele bando de corvos fedorentos e carneiros! Era só dar mais um passo...

E então percebi que não estava sozinho como pensara.

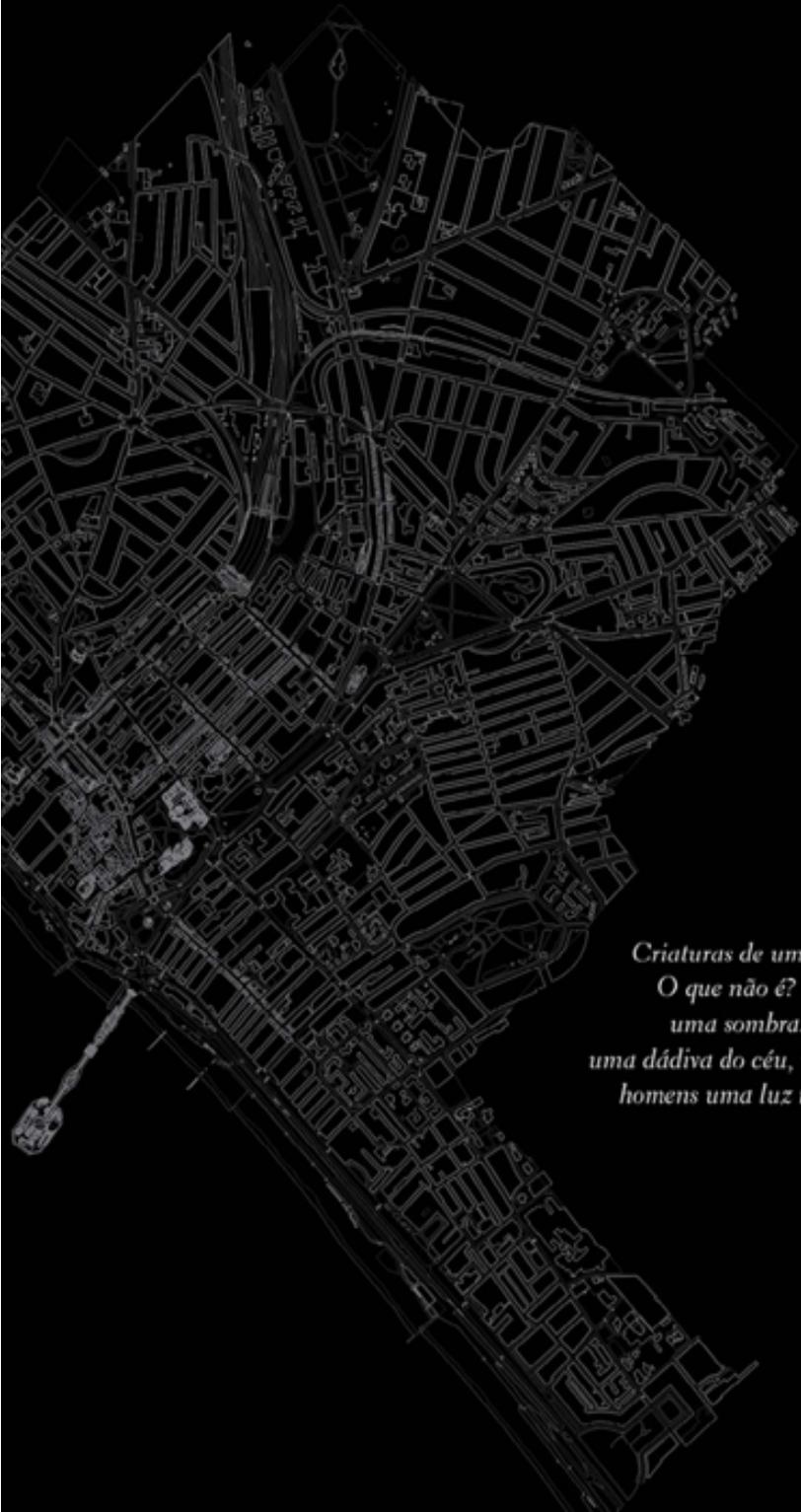
— Quem está aí? — chamei para a escuridão.

Não conseguia enxergar direito, mas tinha certeza de que alguém estava parado a uns vinte passos. *Merda!* Tudo o que eu não queria era um mala para bancar o herói.

O estranho não se mexeu nem respondeu.

— Seja lá quem for, você está me atrapalhando aqui, parceiro — engrossei a voz. — Melhor ir dando o fora antes que eu...

Parei de falar. Não havia ninguém ali. Pisquei os olhos várias vezes para conferir. Comecei a dar risada. Holly, sua besta! Agora você deu para ver coisas? Melhor acabar logo com isso. Virei-me para o cais e tremi em um arrepio, assim que a brisa aumentou por detrás do meu corpo. Foi tudo muito rápido. Alguma coisa me agarrou pelas costas e senti o rasgo na garganta. Apesar da dor, consegui olhar para trás, para o grande par de olhos vermelhos na escuridão.



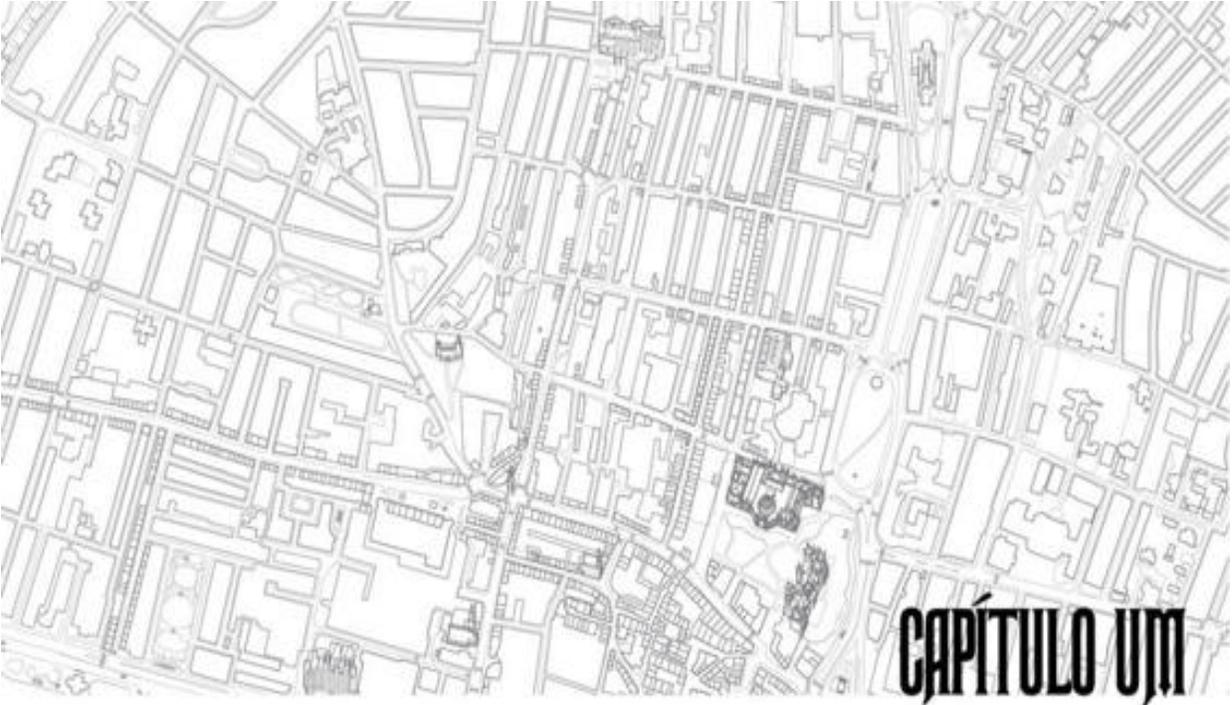
Livro Um

Travessia

*Criaturas de um dia, o que é qualquer uma delas?
O que não é? O homem não é senão o sonho de
uma sombra. No entanto, quando surge, como
uma dádiva do céu, um lampejo de sol, pousa sobre os
homens uma luz radiante e, oh! uma vida benigna.*

Píndaro





Livro Um – Capítulo Um

Terminal Rodoviário do Tietê São Paulo — Dezembro

Feliz Natal! Ho, ho, ho!

A rodoviária estava literalmente um inferno. Multidões caminhavam apressadas para suas plataformas, carregando bagagens enormes, multicoloridas. Parentes se despediam, mandando lembranças para suas famílias. Lágrimas e choro por toda parte.

Enquanto as pessoas se acotovelavam, o risonho Papai Noel continuava a desejar um feliz Natal, distribuindo balas às crianças e folhetos informativos aos passageiros. Lembrei-me de Ben...

Ambulantes passavam oferecendo água, refrigerantes, sucos, biscoitos, em cadências e sotaques dos mais variados. Era impossível livrar--se deles. Estava ansiosa pelo silêncio e a ordem dentro daquele caos. *Eu deveria ter tomado um avião.* Mas essa

provavelmente teria sido a pior solução — se é que haveria alguma boa em meio aos derradeiros acontecimentos.

Faziam realmente sentido as últimas 24 horas? Como aquele rastreador conseguiu me encontrar? Eu não deixara vestígios durante o último ano, tudo tinha sido meticulosamente planejado para evitar isso. Era o mínimo que eu poderia fazer: sumir, desaparecer, proteger os que ficaram para trás. Era meu principal objetivo, maior do que qualquer outra necessidade.

— Campo Grande, 21 horas e 30 minutos, plataforma 37. Passagens, por favor! — gritou o fiscal da empresa de ônibus, afastando meus devaneios e me fazendo caminhar para a fila de embarque.

Não levava bagagem, apenas duas mochilas com coisas importantes para alguém em minha situação. Por isso, rapidamente entreguei meu bilhete e embarquei. Com alívio afundei o corpo na poltrona nos fundos do veículo e puxei as cortinas, numa tentativa de conseguir paz e silêncio para raciocinar. Foi um golpe de sorte — o único dentre os problemas que aconteceram — achar uma passagem disponível naquela época do ano, pois elas se esgotavam bem antes. Uma sorte que não convinha desperdiçar nem abusar.

Campo Grande, em Mato Grosso do Sul, era o único lugar para o qual poderia ir agora — seguro por muitos motivos — antes de prosseguir para outro destino. A pergunta, entretanto, era: qual seria esse destino? Para onde ir, quando todos os lugares poderiam encerrar armadilhas, algumas conhecidas e outras inteiramente novas?

Estava imersa em pensamentos quando o assento ao meu lado foi ocupado. Uma senhora, de cerca de setenta anos ou mais, sentou-se, inclinando um pouco a poltrona. Trazia uma bolsa antiga, bordada com miçangas em padrões de flores, que me fez recordar das bolsas que minha avó usava na Inglaterra. Sorri levemente. Pequenas trivialidades da vida mantinham seu fascínio em nossa memória, nos surpreendendo ao emergirem em situações improváveis. Podia até me lembrar do cheiro dela quando me sentava em seu colo para ouvir histórias.

Assim que se acomodou a gosto, a pequena senhora — com o cabelo curto repartido de lado, os fios brancos se misturando ao castanho natural formando uma *neve cinza* na cabeça — retirou da bolsa uns óculos de aro de tartaruga, com lentes grossas, presos num delicado cordão de pérolas miúdas. Ela os poliu com uma flanela e os colocou.

Um fascínio inusitado me dominou. Aquela mulher comum, com trejeitos e gestos repetidos dezenas de vezes ao dia, teve o poder de momentaneamente me afastar de minhas aflições, fazendo-me sentir quase normal. Mas a sensação durou pouco. No momento seguinte, ela pegou um livro velho, mas bem conservado. Mais por hábito do que por curiosidade, meus olhos bateram no título: *Bíblia Sagrada*.

Estremeci. Fiquei grata por ainda estar usando meus óculos escuros. Apesar da prática adquirida em camuflar emoções como forma de defesa, seria difícil disfarçar meu olhar de desespero. Virei o rosto, decidida a interromper minhas observações sem sentido. Mesmo assim não pude deter a saudade e a dor que me inundaram de formas e em graus diferentes, e que sempre me dilaceravam.

Eles estariam bem? O quanto eu os havia magoado? Poderiam me perdoar algum dia? Entenderiam a minha escolha? Aquelas perguntas me atormentavam dia e noite sem parar. Minha decisão pode tê-los afetado mais do que eu pensava, embora fosse a atitude correta a se tomar. Eu lutava para acreditar nisso. Fechei os olhos e seus rostos povoaram minha mente: Clementine, Carlo, Joshua, Morgana, David.

Eu os veria novamente? Haveria ainda esse tempo? O tempo de pedir desculpas? Eles foram a minha família, minha estabilidade, meu porto seguro. Salvaram minha vida quando tudo conspirava para destruí-la. A imagem de Jeanete surgiu e minha garganta se apertou. *Jean...*

Sem demora outro rosto tomou meus pensamentos: Cínthia. Não pude vê-la antes e não tive contato com ela depois. Era mais seguro manter-me incomunicável. Seria insuportável conviver com a ideia, mínima que fosse, de que algo lhe acontecesse por minha causa. Eric estava com ela em Amsterdã, na Holanda, frequentando a Universidade, e nada poderia machucá-la com ele por perto. Pelo menos, eu queria acreditar que fosse assim. Além disso, o Acordo era

muito respeitado nos países baixos, mais do que em qualquer outro lugar na Europa, mesmo com os sinais de dissidência na Ordem. Se a situação ficasse complicada por lá, os outros estavam em Bristol, na Inglaterra, a uma distância relativamente curta para uma ação mais vigorosa. Cínthia estaria segura, mas não significava que minha dor e saudade fossem menores. Sentia tanta falta dela.

Ao meu lado, a senhora acendeu a luz para ler a Bíblia. Nas mãos segurava um rosário cor-de-rosa. O mundo de hoje era um lugar bom para os que possuíam uma fé simples. Tentei manter o foco em sua figura, mas aquela distração foi insuficiente para o que eu sabia que viria.

Robert.

Meu coração martelava tanto que imaginei que os passageiros — o ônibus estava quase lotado — acabariam ouvindo o som de algo batendo, doendo, sangrando. Não era sem motivo que Robert ocupava o último lugar na sequência de minhas lembranças. Eu forçava aquilo. Os outros, cada um ao seu modo, deveriam seguir suas vidas, estavam seguros — e ele também — desde que fui embora. Mas ficar afastada de Robert era estar privada de uma parte de mim; sentia-me uma entidade ausente sem ele.

As nossas lembranças eram as mais doloridas, sufocantes, as que exigiam maior controle, apagando o resto. A distância doía fisicamente, como um membro amputado que você continua a sentir mesmo quando ele não está mais lá, fazendo-se lembrar o tempo todo.

‘Nunca se esqueça disso. Eu te amo agora e para sempre. Sempre vou estar com você.’ O quão miseravelmente mentirosa eu fui? Coloquei a mão sobre o coração que se acelerava além do normal. Aquele movimento ainda me assustava.

— Está sentindo alguma coisa, querida?

A senhora olhava-me com ar de preocupação. A princípio não entendi o porquê, só quando percebi que lágrimas rolavam dos meus olhos a ficha caiu. Limpei-as com os dedos, claras como cristais, remoendo imagens assustadoras de outrora.

— Está precisando de alguma coisa? — ela perguntava com voz solidária.

— Não — respondi, mantendo a minha natural. — Não é nada, obrigada.

Ainda não convencida, ela continuou.

— Essas viagens são muito cansativas nesta época do ano. Mexem muito com a gente. Vai visitar parentes?

— Não exatamente.

— Então está deixando alguém importante para trás?

O tempo todo. Todos os que amo.

— Também não.

— Tem certeza de que não precisa de nada mesmo? — continuou solícita.

Sim, preciso, mas não posso voltar para pegar.

— Não, obrigada, estou bem.

Ela abriu a bolsa e retirou de lá um pacotinho.

— Tome, fique para você. Vai fazê-la se sentir melhor.

Pensei em recusar educadamente, mas ela pegou minha mão e colocou o objeto, apertando-o com força.

— É sagrado.

Era uma caixinha transparente. Dentro havia um rosário, com as mesmas contas em tom de rosa. Não soube muito bem o que fazer e apenas sorri, agradecendo.

— “*O Senhor é o meu pastor e nada me faltará*” — disse-me em retribuição, citando o Salmo 23, retornando para sua leitura.

Segurei o inesperado presente, perguntando-me qual deus irônico teria feito uma cena como aquela acontecer. Ao virá-lo, a tênue luminosidade da lâmpada do acento incidiu sobre meu pulso, demarcando com precisão as três linhas de cicatrizes perfiladas sobre a pele. E marcadas na alma.

O motorista deu a partida. Os passageiros se ajeitavam nas poltronas o mais confortavelmente possível. Alguns reclinaram os bancos para dormir — a viagem duraria muitas horas —, outros ficaram absortos em leituras de revistas e livros, conversando com seus vizinhos ou falando ao celular. Uma mulher jovem, aparentemente com 20 e poucos anos, amamentava um bebê a duas fileiras de distância. Engoli em seco. *Cíntia...*

Olhei ao meu redor. Todos ali eram pessoas comuns que visitariam suas famílias no Natal e Ano-Novo. *O que eu estou fazendo, colocando-os em risco? Isso é loucura!* Não. Pegar um avião ou alugar um carro seria loucura pior, era a reação que esperavam de minha parte. Estar naquele ônibus, mesmo com tantas pessoas em volta, era a melhor das garantias.

Mas o incômodo ainda me inundava. E se desconfiassem de meu estratagema? Conhecia os métodos *deles*, não estavam preocupados com os inocentes. Eles eram só um detalhe. Dano colateral. Quantos tiveram que pagar para que chegassem tão perto de mim ontem e satisfazer a obsessão de um homem?

Quando entre os lobos, até um cão passava a agir como eles. Estive por muito tempo em meio à alcateia para saber quais seriam as ações tomadas. O que estava ao meu alcance, na medida do possível, era despistar os perseguidores com falsos rastros, nomes fictícios, ou agir de forma mais *direta*, como na noite passada.

Ninguém estaria procurando agora por Maria Alice Pereira. Esse nome só existia nos documentos falsos em minha mochila. Também não restou nenhum vestígio da última identidade que usei, eu cuidei disso. Olhei meu reflexo na janela do ônibus, para a estranha que me observava. O nome que eles procuravam nunca pisou em solo brasileiro no último ano, não voltou de Bristol ou esteve por lá. Estava perdido, talvez para sempre.

Ouvi um ronco suave. A senhora ao meu lado caiu no sono, com o rosário nas mãos e a Bíblia aberta. Num gesto de *déjà-vu*, retirei devagar o livro. Ia apagar a luz para que ela pudesse descansar quando meus olhos caíram sobre a página aberta: *“Dito isso exclamou com voz forte: ‘Lázaro, vem para fora!’ O que estivera morto saiu, com as mãos e os pés amarrados com faixas e um pano em volta do rosto. Jesus então lhes disse: ‘Desamarrai-o e deixai-o ir.’”*

O Evangelho de João 11:12. A ressurreição de Lázaro.

Um forte estremecimento me tomou. Olhei para a mulher amamentando seu bebê tranquilamente. O nome que eles buscavam não seria encontrado, mas meu verdadeiro nome era o que menos importava.

Para eles, só uma coisa interessava: *a cura*.

Londres – Inglaterra – Outubro – Três Anos Antes

Um denso nevoeiro cobria o Aeroporto de Heathrow, primeira parada em Londres, primeira de muitas etapas para uma nova vida. Olhei pela janela tentando identificar as luzes da pista de pouso, com receio de o mau tempo atrapalhar a aterrissagem. A neve de outono começou a cair mais cedo por causa das mudanças bruscas de temperatura, segundo os especialistas, incitando os ativistas ambientais e promovendo debates e discussões nos meios de comunicação sobre os efeitos do aquecimento global.

Mas tudo estava tranquilo. As comissárias de bordo nos orientavam calmamente para apertar os cintos de segurança, o piloto repassava as últimas instruções pelos alto-falantes e nos preparamos para pousar. Meu coração deu um salto de expectativa. Lembrei-me das muitas vezes em que fiz aquela mesma viagem. Antes eram apenas visitas, agora vinha para ficar. Minhas mãos suaram.

— Já vamos pousar, mãe? — o lamento de Cíntia veio acompanhado de um enorme bocejo.

— Sim. Nossa primeira parada, dorminhoca! — ri, bagunçando um pouco seu cabelo cor de areia preso num frouxo rabo de cavalo.

Ela gemeu. A imobilidade era uma tortura para os adolescentes, principalmente quando se tinha dezesseis anos. Quem olhasse de fora teria a impressão de que ela havia sido amarrada à força em sua poltrona.

— Detesto isso! Quanto tempo mais?

— Bem... Esse foi nosso voo mais longo — tentei amenizar as coisas. — De Heathrow a Bristol será pouco mais de uma hora.

— Graças a Deus! — cruzou os braços num gesto impertinente. — Não vejo a hora de tomar um banho e dormir numa cama de verdade! Será que a casa da vovó está arrumada? Ou tudo deve estar coberto

com aqueles lençóis brancos e cheios de poeira? — fez caretas assombradas de fantasmas. Tive que rir.

— Não se preocupe. Jeanete disse que deixaria tudo pronto para nossa chegada, então acredito que seu desejo será atendido.

Ela acenou com a cabeça, a cara ainda amarrada, o que deixava as sardas do nariz maiores. Ficou olhando pela janela, vendo as manobras de pouso. *Tão parecida com o pai.* Sempre fiquei admirada com a incrível semelhança entre os dois. O mesmo tom dos cabelos, o leve ondulado dos cachos, as sobrancelhas tão suaves que desapareciam na pele clara, emoldurando os olhos de um azul cristalino, que às vezes escureciam para um tom turquesa quando ficava irritada com algo.

Embora os amigos dissessem que ela se parecia comigo em temperamento, eu tinha de admitir: olhar para ela era como ver o retrato do pai. Especialmente se comparada a mim, com meus olhos e cabelos castanho-escuros — herança de minha mãe brasileira —, e a estatura. Aos dezesseis anos, Cínthia era tão alta quanto eu e seria mais alta ainda, exatamente como ele.

— Falta pouco agora, está bem? Logo chegaremos e vai poder descansar — disse, afagando sua bochecha.

Ela não respondeu. Estava realmente cansada, pois em geral Cínthia era alegre e comunicativa. Cansada sim, com certeza, mas também triste, na expectativa. Como eu.

O desembarque ocorreu sem problemas. O vai e vem de pessoas que chegavam e partiam e as fortes luzes ajudaram a espantar um pouco a fadiga. Enquanto as bagagens eram transferidas para o avião que nos levaria ao *Bristol International*, nossa documentação era checada pelo serviço de imigração. Tanto Cínthia como eu possuíamos dupla cidadania, por parte de meu pai, o que acelerou aquela etapa do processo, e seguimos para a sala de embarque. Já dentro do avião, com as luzes apagadas e Cínthia ocupada com seu inseparável *iPod*, refleti mais uma vez sobre a extraordinária mudança que nossas vidas sofreram no último ano.

A conclusão de meu mestrado em museologia, um estudo sobre novas formas de organização e planejamento dentro de instituições consideradas, por uma grande parcela das pessoas, como *depósitos*

para coisas antigas — propondo alternativas de intervenções para interagir com visitantes, além de atrair empresas públicas e privadas que pudessem contribuir como patrocinadores e *mecenas* intelectuais —, causou uma espécie de *furor* inesperado quando de sua apresentação para a banca da universidade brasileira.

A base de minha tese surgiu de alguns artigos que publiquei sobre o assunto e que tiveram boa repercussão no meio acadêmico, inclusive internacional, gerando uma publicidade inesperada. Graças ao grande número de alunos, professores, doutores, membros da mídia nacional e internacional que lá estavam — devido a um evento paralelo da universidade —, e a uma delegação de representantes de museus e instituições de outros países, minha dissertação rendeu um livro — meu primeiro trabalho literário publicado sob forma de livro e não de artigo — e um inesperado convite de trabalho no *The City Museum & Art Gallery de Bristol*.

Eu conhecia o museu, havia visitado muitas vezes com meus pais, principalmente com minha mãe, quando de minhas idas a Bristol para ver minha avó. Mamãe adorava o museu, passava muito tempo admirando os trabalhos expostos na galeria permanente e também as exposições transitórias. Ela me falava longamente sobre a história da arquitetura do prédio, dos pintores e artistas que tinham trabalhos expostos lá, da relação entre o museu e a história da cidade.

Como historiadora da Arte, minha mãe era, sem dúvida, a pessoa mais indicada para me ensinar a entender os diferentes aspectos que a arte assumia. Suas interferências diretas e indiretas no cotidiano, bem como no passado da humanidade por meio das criações artísticas de seus povos. Não foi por acaso que minha primeira opção de graduação tenha sido a museologia. Desvendar aquele universo passou a ser meu objetivo constante no campo profissional.

Foi um árduo começo. A falta de oportunidades de trabalho na área, os financiamentos escassos para pesquisas, a necessidade de assumir o cargo de professora universitária de História da Arte, as responsabilidades de ser mãe e ao mesmo tempo chefe de família, entre outras coisas. Receber o convite do Museu de Bristol era a recompensa mais que desejada por todo o meu esforço.

Com tudo devidamente formalizado, os preparativos foram de praxe: fechar o apartamento em São Paulo, vender o carro, ligar para Jeanete e pedir que deixasse a casa de Bristol preparada para nossa chegada, providenciar a matrícula de Cínthia na *Bristol High School*, limpar minha mesa na universidade para o próximo professor e despedir-me dos alunos e poucos amigos que conquistara ao longo dos anos. Ainda mergulhada em lembranças, peguei do bolso do sobretudo cinza a carta timbrada do museu confirmando a data de minha apresentação para o início do trabalho. Reli seu conteúdo, memorizando cada uma das palavras para ter certeza de que eram reais:

Bristol, Inglaterra

Exma. Senhora Laura Elizabeth Benson Vargas

Temos o prazer de informá-la sobre a aprovação de sua contratação para fazer parte do corpo da curadoria de nosso museu. Atuará dentro da área mencionada por suas pesquisas acadêmicas, conforme combinado, devendo a senhora apresentar-se em outubro para assumir sua posição.

Com meus melhores cumprimentos.

Atenciosamente,
Clementine Sophie Fevré
Diretora-geral
City Museum & Art Gallery

Sim, realmente era verdade. Eu assumiria, finalmente, um cargo como curadora de Arte em uma das instituições mais respeitadas do mundo, colocando em prática o aprendizado acumulado em minha carreira. Não podia deixar de achar o máximo! Apenas a expectativa era maior do que o medo que eu realmente sentia por estar deixando uma vida e um país para trás, sem olhar, e mergulhar naquela oportunidade. Olhei para Cínthia, adormecida com o *iPod* grudado no ouvido. Para ela fora mais difícil, com certeza, ter de deixar a escola,

os amigos, o seu mundo e embarcar com a mãe maluca naquela aventura. Porque para mim era, na melhor das hipóteses, uma aventura conquistar um lugar de respeito num país cujo único elo que possuía eram minhas origens.

Meu pai era inglês. Estudara engenharia em Oxford, onde conheceu minha mãe, uma brasileira que estava se graduando em História da Arte. Ambos viveram um daqueles casos raros em que o amor falou mais alto que a língua, a nacionalidade, e que rompeu a questão do *'tempo e espaço'*, segundo eles me contavam. Antes de se formarem já estavam casados, viveram alguns anos na Inglaterra e depois se mudaram para o Brasil, onde nasci. Desde então, minha vida sempre se dividiu entre São Paulo e Bristol, entre o calor tropical e o frio europeu nos Natais. Sentia-me uma mistura de ambos os mundos, às vezes nunca sabendo realmente a que lugar pertencia. E a mudança iria modificar aquela sensação, talvez para sempre.

Retirei o *iPod* de Cínthia com cuidado, para não acordá-la e provocar seu mau humor. Para uma adolescente, até que não houve tantas reclamações como eu esperava. Ou quem sabe elas ainda não tivessem começado. Que Deus me ajude!

Com alguns minutos de atraso em razão do tempo, pousamos no aeroporto internacional de Bristol.

— Falta muito ainda? — Cínthia se arrastava ao meu lado, seu humor não era dos melhores.

— Só precisamos pegar um táxi e logo vamos chegar em casa — tentei animá-la.

Casa! Como aquilo soava estranho. Embora visitasse a Inglaterra desde criança, nunca me acostumei com a ideia de que eu também tinha uma casa ali. Quando minha avó morreu, quatro anos atrás, a casa de Bristol me foi deixada como herança. A princípio cogitei vendê-la para comprar um apartamento maior em São Paulo — além de complementar o dinheiro para os estudos de Cínthia —, mas agora, ao pronunciar a palavra *casa*, entendi que jamais faria aquilo. Não se tratava apenas de uma construção de tijolos em estilo georgiano, mas da casa de minha avó, onde ela criou meu pai e onde eu criaria minha filha.

Conduzi Cíntia pelo agitado e iluminado saguão do aeroporto até o terminal de táxis. Foi fácil conseguir um, e rumamos para *Southville*, um bairro essencialmente residencial com casas muito antigas, algumas com mais de 150 anos, passadas de geração em geração.

Enquanto seguíamos pelas ruas movimentadas, fui observando a cidade. Bristol era emocionante, com mais de 400 mil habitantes, localizada no sudoeste da Inglaterra, a 300 quilômetros de Londres. Uma verdadeira miscelânea entre o antigo e o novo. Uma cidade aventureira em suas origens, sedenta de novos horizontes. Outrora, exploradores e mercadores partiram de seu porto para viagens épicas. Hoje, o espírito ousado e a criatividade da cidade se expressavam por meio da arte, arquitetura e uma invejável qualidade de vida, com uma cultura vibrante e grande diversidade de entretenimento.

Bristol era um dos melhores destinos para miniférias no Reino Unido, graças à proximidade entre o campo e a costa. Podia-se tanto passar apenas um dia agradável, um final de semana ou férias completas com toda a infraestrutura de hotéis, passeios e atrações turísticas para os visitantes. Havia os cafés elegantes e as lindíssimas casas de época georgianas com seus terraços, centros de arte junto ao cais e monumentos ao rico patrimônio marítimo, belos espaços verdes e um ótimo comércio. O baú das riquezas culturais da cidade contava com as obras de figuras históricas como Isambard Kingdom Brunel, gênio da Revolução Industrial da Inglaterra.

O seu exuberante teatro continuava a atrair e encantar com artistas, músicos e animadores modernos. Os museus espalham-se, oferecendo desde visitas ao passado histórico até coleções de arte e tecnologia. E a cidade tinha como pano de fundo uma paisagem verdadeiramente clássica — o Rio Avon e a sua espetacular garganta, onde se encontrava a ponte suspensa de Clifton, marco turístico e histórico construído por Brunel, com mais de 150 anos.

Era sábado e Bristol apenas começava sua atividade noturna. O trânsito estava um pouco lento, mas fluía, dando-me tempo para apreciar mais. Apesar das paisagens lindas e atraentes, a cidade não escondia, no entanto, a contradição de contar com muitas pessoas

vivendo nas ruas. Era fácil vê-las agrupadas ao redor de fogueiras improvisadas em latões ou se refugiando em marquises e becos para fugir do frio. A maioria desempregados e imigrantes clandestinos. Como toda grande cidade, aquela também vivia sua desigualdade social pulsante.

Após um trajeto que durou 20 minutos, paramos em frente a uma casa com terraço de tijolos muito vermelhos, visíveis mesmo na escuridão, e muros cobertos por trepadeiras que se entrelaçavam com o peso da idade. Na primavera, elas enchiam-se de rosas perfumadas atraindo aves e insetos, e liláses e narcisos brotavam no jardim, onde os bulbos agora repousavam em hibernação. Mesmo no inverno, o cheiro parecia doce e forte, emanando dos galhos ressequidos.

As janelas, pintadas de branco como as portas, estavam com os batentes salpicados de neve. As luzes estavam acesas e não foi preciso tocar a campainha para que uma porta se abrisse. Jeanete já nos esperava, vigiando pela janela, e veio ao nosso encontro com um imenso sorriso.

— Ah, Laura! Que saudade, criança! — disse, tomando-me num abraço forte, cálido e perfumado. O cheiro de Jeanete era uma lembrança que nunca esqueci.

— Também senti saudade, Jean, muita! Que bom que pôde vir aqui hoje. Como está o Ben?

— Do mesmo jeito de sempre: dói o joelho, dói a perna, dói o pescoço, dói tudo! No inverno fica pior! Às vezes, penso nele como um bebê chorão gigante — ria da própria piada.

Eu ri também, mas fiquei preocupada. Jeanete não era jovem, tinha mais de sessenta anos, e Ben, seu marido, era quinze anos mais velho. Não deveria ser fácil para ela cuidar dos problemas de saúde dele.

Jeanete era uma criatura adorável, miúda e de feições delicadas. O cabelo, outrora negro como carvão, agora estava cinza, preso num coque na nuca. Sua pele era clara, com algumas pequenas manchas, mas surpreendentemente firme e sem muitas rugas para a idade. Sempre tinha palavras gentis, um sorriso constante nos lábios e um brilho divertido nos olhos acinzentados. Era muito ativa, com uma

força que superava, e muito, sua aparente fragilidade. Ben tivera muitos problemas de saúde ao longo da vida e aquilo fez de Jeanete uma mulher valente, que criou dois filhos com muito esforço e sacrifícios até a universidade. Ela se orgulhava deles, e o sentimento era recíproco. Após me soltar de seu abraço caloroso, virou-se para Cínthia, envolvendo-a com os braços.

— E você, minha criança, como está linda! Deixe-me vê-la melhor. Como cresceu! Nem parece a garotinha que carreguei no colo há tanto tempo! Você tem exatamente os olhos de seu pai, o mesmo brilho azulado. É tão parecida com ele.

Cínthia sorriu, mas percebi a impaciência por trás do sorriso. Era melhor colocá-la na cama o mais rápido possível.

— Jean, pode levar Cínthia lá para cima para que tome um banho e descanse? — sugeri. — Ela está exausta da viagem. Vou pegar as malas enquanto isso.

— Claro, querida! Ela está mesmo cansada, dá para ver na carinha! Coitadinha da minha menina — passou os braços pela cintura dela. — Venha comigo, criança, vou mostrar onde fica seu quarto. Tem seu próprio banheiro, sabia? Poderá tomar um banho quente, trocar essas roupas. Enquanto isso, adivinhe? Preparei um gostoso jantar. Comida de verdade mesmo e não essas porcarias que servem nos aviões, por Deus!

Observei Jeanete arrastar Cínthia pela entrada da casa, rezando para que ela estivesse com tanto sono que não se importasse com o bom humor e as conversas. Jeanete estava feliz com nossa chegada e não queria magoá-la. Com sorte, Cínthia perceberia aquilo e, pelo menos, fingiria a mesma felicidade. O taxista colocou as malas nos quartos do andar de cima. Deixei uma troca de roupas para Cínthia na cama e peguei as cobertas e edredons mais quentes. Fazia frio, apesar do aquecedor ligado. Depois que arrumei tudo em seu quarto, descí até a cozinha pequena, mais aconchegante, para encontrar Jeanete arrumando a mesa.

— Jean, não precisa fazer isso. Pode ir para casa que eu cuido de tudo. Ben não deve ficar sozinho.

— Não se preocupe, Laura, já deixei tudo acertado. Sabia que chegariam cansadas, por isso pedi ao David para fazer companhia ao

pai hoje. Assim, posso dormir aqui. Georgiana também ficará com eles, então não farei falta por lá. Além disso, Ben reclama menos quando os filhos vão visitá-lo — disse com um sorrisinho maroto.

— Mesmo assim, não é certo. Agradeço que tenha deixado a casa em ordem, mas ficar aqui a noite toda? E ainda cozinhar? O Ben é seu marido, precisa de você. Está nos mimando muito, Jean.

Jeanete remexia em uma panela e parou, olhando-me nos olhos.

— Lauren — ela costumava me chamar pela versão inglesa do meu nome quando queria dizer algo muito importante —, cuidei de sei pai desde que ele tinha doze anos, o vi crescer... Eu estava lá quando ele se casou com sua mãe, era o homem mais feliz do mundo; chorei com ele quando seu avô morreu, chorei com ele quando você nasceu... Nos últimos anos cuidei de sua avó e deste lugar com carinho e agora tenho a chance de fazer o mesmo por você e Cínthia. Isso é muito mais do que pedi em minha vida e não pedi muito, pode acreditar. Para mim, vocês são minha família e sempre vou amá-las como filhas. É assim que as vejo. Então, por favor, não me diga que estou mimando vocês. Estou fazendo aquilo que uma mãe faria por seus filhos.

Sabia que ela diria algo assim. Jeanete era superprotetora e estava ligada à nossa família há mais tempo do que qualquer um se lembraria. E não mudaria enquanto vivesse. Meus olhos queimaram com a vontade de chorar que sua voz maternal produziu, mas procurei me concentrar em ajudá-la com o jantar. O cheiro era bom e não resisti a provar um pouco direto da panela. Ela riu. Eu tinha aquela mania desde criança e deliberadamente me deu um tapa na mão, para me repreender. Rimos juntas.

— Está muito bonita, Laura. Olhe só para você! Esse corte de cabelo ficou muito bom, deixou-a mais jovem, elegante. Aposto que muitos admiradores ficaram inconsoláveis com sua partida de São Paulo.

— Nem tanto, Jean. Não tinha muito tempo para me preocupar com isso no Brasil. Estava focada em meu trabalho, no mestrado e com Cínthia e seus namoricos de escola. As preocupações em mente eram outras.

— É. Ela está ficando muito bonita. Vai arrasar corações aqui, com certeza. Mas e quanto a você? — seus olhos assumiram um brilho curioso. — Depois de todo esse tempo, nunca encontrou ninguém que a fizesse feliz?

Fiquei surpresa com o rumo da conversa. Normalmente Jeanete não entrava em detalhes como aquele, embora às vezes afirmasse que eu tinha o direito de recomeçar minha vida. Mas eram observações leves, sem muita pressão.

— Bem, é claro que, após tantos anos, sempre aparecem algumas paqueras — lancei para dissuadi-la —, mas nada que valesse realmente a pena continuar. Tenho outras prioridades e essa não está incluída nelas.

— Mesmo assim, você ainda é jovem, tem só 33 anos. Devia pensar nisso. Não vai querer ficar sozinha para sempre.

— Por que está me perguntando sobre isso, Jean?

Ela desviou um pouco os olhos para a panela ao responder:

— Por nada, apenas me preocupo, criança. Cínthia está crescendo, logo terá sua própria vida, trabalho, marido, filhos. Não gosto de pensar em você solitária no futuro, já ficou viúva tão cedo...

Era a deixa para mudar de assunto.

— Não se preocupe comigo, Jean, sei me cuidar com relação a isso — levantei-me. — Vou chamar a Cínthia para jantar, ela deve estar com fome.

Subi lentamente as escadas, tentando imaginar o motivo real por trás de toda aquela conversa.

— Tão parecida com a avó — ouvi Jeanete suspirar atrás de mim.

Jeanete estava mesmo preocupada com minha possível solidão futura? Por quê? Minha avó ficou viúva quando meu pai estava em Oxford e nunca se casou novamente. Afirmava que não conseguiria encontrar outro amor como o de meu avô. Seria eu realmente parecida com ela? Não achava que era.

Minha avó viveu uma época em que o casamento era eterno, um compromisso firmado entre duas pessoas até que a morte as separasse, e o celibato para as mulheres viúvas era quase obrigatório. Ela seguiu essa crença. Hoje os tempos eram outros. Amei meu marido, sim, mas poderia amar outro homem novamente.

Ou o tempo me fez ficar tão exigente que nenhum deles serviria? Tinha minha vida, era independente, com uma filha adolescente; em geral isso afugenta os homens. Mas não significava que todos eles fossem iguais. Apenas... Não achei ainda o que eu queria. Será essa a verdade?

Dei de ombros e enterrei o assunto. Havia coisas mais importantes naquele momento. O que dissera para Jeanete era real: o mais próximo que estive de um relacionamento foram paqueras esporádicas. Minha quase inexistente vida amorosa era tão emocionante quanto o hibernar dos ursos polares.

Entrei no quarto de Cínthia, mas ela estava mergulhada na cama, completamente entregue ao sono. O *jet lag* fizera efeito. Com cuidado coloquei mais cobertores sobre ela e apaguei as luzes. Melhor que descansasse, a comida poderia vir depois. Jeanete não concordou muito comigo, mas também não discutiu.

— Não tem problema, deixe que durma. Mas amanhã vou fazer um café reforçado para ela.

Ficamos sentadas na pequena cozinha da casa de minha avó — agora minha —, conversando enquanto eu provava a comida. Olhei para a antiga mesa de mogno com seus desenhos de rosas marchetadas, combinando com a cristaleira no canto esquerdo e o baú e a arca no canto direito. Acima da mesa estava o lustre de cristais, um presente que meu avô trouxera da Holanda. O papel de parede de flores miúdas era adornado por um border azul pastel, percorrendo os quatro cantos do cômodo. Porcelanas estavam espalhadas pelos móveis e o serviço de prata italiana brilhava dentro da cristaleira, embaixo das luzes de uma arandela.

Tudo muito antigo, contrastando com a geladeira e o fogão novos. O velho e o atual convivendo lado a lado, a imagem perfeita do que era Bristol.

Fotos emolduradas tomavam conta da parede lateral que dava acesso à sala de visitas, tiradas ao longo de uma vida: o casamento de minha avó, dos meus pais, da infância dele, sua formatura, uma foto do meu batizado, das visitas a Bristol, uma foto de minha avó em uma de suas raras viagens ao Brasil. Lembranças cuidadosamente preservadas. Suspirei.

— Isso está ótimo, Jean. Sua comida faria sucesso com meus amigos do Brasil — disse, raspando o prato.

Ela pareceu satisfeita com o comentário.

— Não vai sentir falta de lá? — havia uma pontada de expectativa em sua voz ao recolher os pratos da mesa.

— Com certeza. Afinal, passei toda a minha vida lá, apesar dos laços com a Inglaterra — dei de ombros. — Mas essa é uma boa oportunidade, Jean, era o que queria para minha carreira profissional. Além disso, o salário é bem melhor do que eu ganharia no Brasil, e as oportunidades de estudo para Cíntia são maiores. Tenho certeza de que tomei a decisão certa.

— Você me lembra seu pai e sua avó — seu olhar era de recordações passadas. — Corajosos e determinados. Tomavam uma decisão e não voltavam atrás, encarando o futuro sem medo. Foi assim quando sua avó decidiu sair de casa para se casar com seu avô, que era católico, contrariando toda a família dela. E seu pai não teve medo de se mudar para o Brasil ao conhecer sua mãe — sua garganta se apertou na última frase.

Meus olhos arderam um pouco.

— Sim... Também sinto falta deles, Jean — o sentimento de vazio era sempre igual, não importava quanto tempo havia se passado.

Ficamos em silêncio. As lembranças circulando o ambiente.

— E agora, aqui está você! — ela apontou a mão toda para mim. — Fazendo o mesmo que eles, mudando totalmente de vida, perseguindo um ideal! Deve fazer parte do sangue dos Benson.

Dei risada da inflexão que ela impôs ao meu sobrenome, como se fosse um tipo de clã importante, tanto quanto a família real da Inglaterra.

— Bom, não é nada tão espetacular assim. Quantas pessoas não fazem isso o tempo todo? Mudar não é ruim, é uma atitude positiva — menti. Só não sei se foi para mim ou para Jeanete.

— Mesmo assim é preciso coragem, e essa qualidade está no seu sangue, querida, por tudo que já enfrentou. Acredite, eu sei.

Eu também sabia. Mas se aquilo poderia ser chamado de coragem ou necessidade era questionável. A vida precisava seguir, de um jeito ou de outro.

— E como estão David e Georgiana? Você disse que eles vieram ficar com o Ben — estava com saudade dos dois.

— Estão bem. Georgiana está fazendo estágio no hospital municipal em Londres, na ala de psicologia pediátrica. Por isso não tem muito tempo para vir aqui — o orgulho na voz de Jeanete era indisfarçável. — Ela se forma no próximo verão e já tem algumas ofertas de trabalho, além de estar montando o próprio consultório junto com outros colegas.

— Isso é ótimo, Jean! Georgiana é muito esforçada. Será uma excelente psicóloga.

— Quanto ao David, ele financiou um apartamento próximo da universidade recentemente, por causa do trabalho. Ele deu muitas aulas no semestre passado.

— E como conseguiu convencê-los a vir hoje?

— Georgiana está nos visitando. Tirou uma licença de alguns dias, mas vai voltar na segunda-feira para Londres. E David estava ansioso pela sua chegada. Aliás, ele queria buscá-las no aeroporto, mas eu disse que precisava dele aqui e então concordou em ficar — ela me olhou. — Ele está com saudades também.

Havia algo mais que Jeanete tentava me dizer nas entrelinhas, mas não tinha condições de ficar especulando sobre aquilo. O cansaço da viagem tomou conta do meu corpo e concluí que aquela conversa poderia esperar.

— Acho que precisa descansar, Laura — a mão de Jean tocou meu rosto. — Você está abatida da viagem. Vá, eu cuido de tudo aqui. Procure dormir, amanhã é outro dia.

Não pude discutir sobre aquela verdade. Contornei a mesa de mogno para abraçá-la.

— Boa noite, Jean. Mais uma vez, muito obrigada.

— Não precisa agradecer, querida. É muito bom tê-las por perto novamente. Essa casa fica muito triste vazia.

Subi os degraus, consciente pela primeira vez do cansaço e estresse que toda a agitação, desde a preparação até a viagem, havia me causado. Estava literalmente morta. Olhei o quarto de Cínthia. Ela não se mexera. Entrei no meu, mas não desfiz as malas. Apenas peguei um pijama e a *nécessaire* e atravessei o quarto,

entrando no banheiro. Deixei a água quente desmanchar os nós na minha musculatura dolorida. Foi uma tarefa que demorou algum tempo. Quando melhorei um pouco, me enrolei nas toalhas e vesti o pijama. Meu cabelo estava embaraçado e não fiz muito esforço para penteá-lo. Saí do banheiro e olhei pela janela. A neve caía com força. Com certeza aquilo seria notícia na mídia amanhã, o quanto a ambição do ser humano destruíra o meio ambiente, causando mudanças descontroladas no clima.

Graças ao meu planejamento antecipado da viagem, ainda tinha alguns dias antes de me apresentar ao meu novo trabalho, o que daria tempo mais do que de sobra para resolver questões práticas: adquirir um carro, levar Cínthia para conhecer a nova escola, comprar roupas e outras coisinhas, fazer um *tour* por Bristol e ver as novidades que apareceram nos últimos quatro anos. Aproveitar como simples turista.

Marchei para a cama, jogando-me entre os cobertores e edredons. Tudo cheirava bem, como se não tivesse ficado guardado por tanto tempo. Jeanete devia ter lavado tudo. Aconcheguei-me no calor e fiquei olhando através das cortinas semiabertas da janela. A neve desabava como uma chuva grossa. Pensei no contraste com o calor intenso que havia deixado em São Paulo.

No estado em que estava, entre a vigília e o sono, as lembranças vagaram na minha mente. Os Natais passados naquela casa, o escorregador de neve, o bolo de nozes de Jeanete, o velho Ben jogando xadrez com meu pai, minha mãe pintando um quadro, David, Georgiana e eu brincando, as férias de verão na praia da costa, o passeio de barco pelo Rio Avon, os piqueniques no campo, as visitas aos museus da cidade — uma paixão de minha mãe. *Talvez não seja tão difícil me acostumar a viver aqui.* Apenas precisava me conectar a essa outra metade de minha vida, com esse meu *eu* e ver como ele se comportaria.

E foi dessa forma, olhando a neve, lembrando do passado, tentando fazer a ponte com o presente para moldar o futuro, que adormeci na minha primeira noite em minha nova casa.



Acordei com dores por todo o corpo após uma noite de sono sem sonhos. Lentamente rolei pela cama. O quarto estava mais claro. O sol havia nascido. Não fazia ideia de que horas eram e não encontrei nenhum relógio disponível. Teria de comprar um despertador.

Respirei fundo, aspirando o perfume dos cobertores, e mexi aos poucos os dedos dos pés para acordá-los, flexionando os músculos dormentes. A enorme cama de ferro era muito confortável e me deixei ficar por alguns minutos, apenas olhando para o quarto. As cortinas beges, com franjas brancas, provocavam uma luminosidade indireta no ambiente. As paredes eram forradas com papel azul, com um padrão de lírios do campo em suas combinações geométricas. Ao invés de terminar em uma bordadura, o papel ia até o teto, que possuía o pé direito alto, deixando à mostra o forro de pinus.

Havia uma cômoda em mogno, um espelho de corpo inteiro e delicados quadros com representações de paisagens. Sobre a mesa de cabeceira, um vaso de murano colorido e um porta-retratos com a foto de meu pai. Uma mesa de tocador branca ficava no canto esquerdo, com uma ânfora e uma bacia de porcelana lindamente decorada. Em frente à cama, pendurado na parede, um crucifixo de madeira entalhada e policromada fazia sua vigília. A religiosidade estava presente no quarto que fora de minha avó. Era como estar em um filme do século XIX.

Teria de fazer algumas mudanças, principalmente no quarto de Cínthia, ou ela teria um ataque.

Levantei-me e fui ao banheiro. Lavei o rosto várias vezes na esperança de espantar o cansaço matinal e ajeitei os cabelos. Pensei até em tomar um banho, mas achei melhor descer antes para ver se Cínthia estava acordada e providenciar o café da manhã. Olhei pela janela. O chão estava coberto de neve da noite anterior, mas o céu era claro. Vesti um roupão e saí. A porta do quarto de Cínthia ainda estava fechada. Abri-a devagar. Ela dormia um sono bem pesado e não acordaria tão cedo. Desci as escadas. O relógio de parede

marcava pouco mais de nove horas de uma manhã de domingo coberta de neve.

Quando entrei na cozinha, senti o cheiro bom do café fresquinho, de torradas e manteiga, *bacon* e ovos, salsichas, suco de laranja, bolo, queijo e leite fresco. Um bule de água fervia no fogão. A mesa estava posta, com flores no centro, deixando o ar mais agradável. Esperava encontrar Jeanete atarefada de um lado para o outro arrumando os mínimos detalhes, mas o que vi me surpreendeu: havia alguém parado no canto da cozinha, ao lado da cristaleira, segurando uma bandeja com xícaras.

— David! — minha voz era só alegria.

— Bom dia, como foi a viagem? — disse-me com um grande sorriso, colocando a bandeja sobre a mesa.

Aproximou-se e me deu um abraço. Eu retribuí com sinceridade. David era um dos meus melhores amigos, e o carinho que tinha por ele era grande. Alto, olhos e cabelos castanho-escuros cortados curtos num rosto agradável como o da mãe, a mesma voz calorosa e gentil, mas num tom de barítono. Vestia um suéter cinza e calças que combinavam, contrastando com sua pele clara.

— Foi boa, só cansativa como sempre — afastei-me para olhá-lo. — Mas o que está fazendo? Desde quando você arruma a mesa para o café da manhã?

— Desde que passei a morar sozinho, sem ter uma mãe para me mimar, e aprendi a ser gentil com os amigos, principalmente os especiais.

Eu o encarei com uma expressão desconfiada.

— Tudo bem, eu confesso! — levantou as mãos. — A mamãe arrumou tudo. Eu apenas dei uma mãozinha com as xícaras — ele riu. — E as flores foram ideia minha.

Passei meus dedos nelas. O perfume era delicado.

— São lindas. E onde está Jean?

— Foi ver o papai, mas disse que não demora.

— Ele está bem? Aconteceu alguma coisa?

Ele deu de ombros.

— Nada de mais. Papai está ficando cada vez mais rabugento por causa da idade. Ele deu um pouco de trabalho na noite passada e

mamãe foi vê-lo. Ela achou que vocês acordariam mais tarde.

— Ela não devia se desgastar tanto conosco. Nós estamos bem, David, é sério. Fico preocupada com sua mãe querendo cuidar de nós e de seu pai ao mesmo tempo. É muita coisa para ela — retruquei.

Ele abriu os braços, resignado.

— E você acha que vai conseguir convencê-la a fazer o contrário? Não nesta vida e talvez nem na próxima. Não imagina a felicidade que ela ficou quando você ligou dizendo que viria morar aqui. Ela praticamente se afogou na própria alegria.

— Imagino que sim — sorri.

— E Cínthia?

— Dormindo ainda — fiz uma careta.

— Bem, então acho melhor você tomar o café antes que esfrie. Quando ela acordar já vai estar tudo pronto novamente — puxou uma cadeira para mim.

— É verdade. Você já tomou café?

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Não tive tempo. Vim direto para cá.

— Então está intimado a me acompanhar — disse num tom sério de comando.

Ele bateu continência, me acompanhando na brincadeira.

— Sim senhora, capitã! — riu e sentou-se.

Enquanto tomávamos o café da manhã, colocamos a conversa em dia. David me falou de seu trabalho na Universidade de Bristol, no departamento próximo ao museu, lecionando História Medieval para o primeiro e o segundo anos. Contou sobre o apartamento que comprou em *Kingsdown*, com três cômodos, perto do campus, fazendo-me prometer visitá-lo para tomar um chá. O carro novo, bem melhor que o antigo, ele me garantia. Ainda me lembrava da última visita, quando seu carro quebrou num dos passeios no campo e fomos obrigados a andar quase oito quilômetros para conseguir ajuda. A última namorada que *quase* deu certo e os demais acontecimentos daqueles quatro anos em que não nos vimos. Conversar com David era muito fácil, ele sempre foi como um irmão mais velho para mim, embora tivéssemos a mesma idade. Sentia-me muito à vontade com sua companhia.

— Então, eu li seu livro — disse-me a certa altura do papo.

— Ah, é? Já traduziram para o inglês? — brinquei.

— Que nada. Consegui fazer um *download* na internet, com uma péssima tradução — ele riu mais alto.

— Acho que terei que falar com minha agente editorial sobre isso. Estou sendo lesada! — me fiz de vítima.

Rimos juntos pela brincadeira. Meu livro fora traduzido para o inglês há alguns meses, ele estava só me provocando.

— O que achou dele? — queria uma opinião crítica.

— Não faz parte da minha área, você sabe disso, mas gostei principalmente da sua pesquisa sobre gestão e planejamentos. A forma como articulou a questão do investir e gerir para melhor apreciar — disse, citando um dos capítulos relacionados.

— Obrigada. Sabia que por isso estou aqui? O Museu de Arte me contratou para modernizar essa área em particular. Eles ficaram animados com as possibilidades.

— Isso é ótimo. Ser reconhecido pelo trabalho e pesquisa é o sonho de todos que entram para a vida acadêmica — ele exultava.

Tomei outro gole de café antes de continuar.

— Eu sei. É um pouco assustador, mas não deixa de ser um desafio.

— Ah, você vai tirar essa de letra, vai ver — ele parecia muito seguro. — Se Clementine Fevré decidiu contratá-la para sua equipe e convenceu o corpo da instituição, é porque ela viu o potencial que você tem.

Olhei espantada para ele.

— Conhece a diretora do museu?

— Apenas formalmente — comentou polidamente. — O museu possui uma parceria de pesquisas com a universidade no campo de História da Arte, Sociologia e Antropologia, e algumas vezes são promovidos simpósios. Ela sempre aparece nesses eventos.

— E como ela é? — perguntei curiosa.

— Impressionante, é o que posso adiantar. É uma mulher muito bonita, de classe — comentou, mas não parecia estar assim tão maravilhado. — Dizem que é francesa, mas não tenho certeza, pois não possui sotaque. Fala fluentemente doze idiomas, trabalhou em

museus da Alemanha, Bélgica e Itália e está em Bristol há pouco mais de dois anos. Seu currículo é invejável. Desde que assumiu a direção, ela tem trabalhado muito para modificar o que chama de *padrões seculares* que reprimem as atividades dos museus junto ao público. É uma inovadora, no sentido da palavra. Alguns dizem que é intimidador conversar com ela.

Engoli em seco antes de continuar.

— Ah, é? Por quê? — tomei outro gole de café.

Ele escolheu bem as palavras, como se não quisesse me assustar por antecipação.

— Dizem que é muito imponente — acenou com as mãos. — Numa discussão com ela é preciso ter firmeza e convicção. Se apresentar uma opinião sobre algum assunto é bom que tenha argumentos fortes o suficiente para defendê-la, caso contrário ela irá engolir você.

Não era o tipo de informação realmente agradável, mas eu já esperava que fosse assim, dadas as circunstâncias. Para se dirigir um museu daquele porte, era necessário ter personalidade.

— Que bom que você me avisou, vou ficar preparada — falei com a voz tranquila, tentando disfarçar o nervosismo.

— Quando você vai se apresentar no museu?

— Na quinta. Tenho uma reunião agendada com ela para fecharmos os detalhes sobre o trabalho. Até lá, preciso fazer algumas coisas e acho que você pode me ajudar.

— Do que está precisando? — ele cruzou as mãos sobre a mesa e sorriu.

— Ah, nada de terrível! Preciso comprar um carro, não muito caro, mas que funcione, por favor — ri. — Um computador, um *notebook*, conectar internet aqui na casa, coisas que vocês homens adoram.

— Não vai ser um problema. Conheço uma boa loja de carros perto da catedral que tem ótimos financiamentos — ele garantiu. — Quanto a computadores e internet, isso é muito simples de se arranjar. Quer ver isso na segunda-feira?

— Mas você não vai ter que dar aula?

— Não. As aulas só recomeçam na outra semana. Até lá sou seu escravo particular — riu da piada.

— Que coisa feia, Sr. David James Carter! Como Doutor em História deveria ter a obrigação de saber que a Inglaterra foi o primeiro país a abolir a escravidão — tentei parecer severa.

— E você, Sra. Laura Elizabeth Benson Vargas, como Mestre em Museologia, deveria saber que o Brasil foi o último. O que nos dá um meio-termo, não acha? — olhou para mim com os olhos brincalhões. — Então, aceita um escravo particular? — fez cara de coitado.

Retruquei com a voz meio seca.

— Aceito um *amigo* para me ajudar, se for o caso.

— Ok! Temos uma barganha. Mas já vou avisando: sou um amigo meio chato nas compras, vai ver. Você ia preferir o escravo.

Comecei a rir. Era impossível argumentar com David quando ele começava a brincar daquele jeito.

— Parece que acordou de bom humor, Laura, que bom.

Jeanete entrava pela porta da cozinha com uma sacola de compras nas mãos e um jornal.

— Bom dia, Jean. Obrigada por isto — mostrei a mesa do café.

— Não foi nada. Eu disse que faria o café, não disse? Você precisava repor as energias.

Ela afagou meu cabelo devagar e virou-se para David.

— Eu não avisei para não dar café puro a seu pai? Só com leite? Ele tem baixa tolerância com cafeína, o médico proibiu. Por isso ficou agitado à noite — falou numa voz severa.

— Desculpe-me, mãe, ele conseguiu me enganar direitinho. Aquele velho está ficando terrível.

Ela bateu com a mão livre na cabeça dele, de leve.

— Não fale assim do seu pai, que falta de educação!

— Desculpe — disse, olhando para mim com um sorrisinho nos lábios.

— Não precisa brigar com ele, Jean — protestei para ajudá-lo.

Mas David já estava em pé e enlaçava a mãe num abraço forte. Ela sufocou e tossiu um pouco.

— Ela é assim mesmo, Laura; não importa o quanto eu *cresça*, sempre vai puxar minha orelha e bater no meu traseiro.

— E eu não deveria? Você é só um garoto! — ela fingia estar brava.

— Não falei? — disse ele, sorrindo e beijando a bochecha de Jeanete.

Continuaram resmungando coisas como responsabilidades, cuidados, respeito. Jeanete era quem falava, na verdade. David a ouvia com atenção — ou pelo menos fingia que ouvia —, lançando-me o olhar de vez em quando. Acabei de tomar meu café — deixando-os continuarem sua discussão — e fui acordar Cínthia. Encontrei-a de pé no final da escada, com a cara inchada e vermelha.

— Bom dia, dorminhoca! Como foi sua noite? — falei, beijando sua testa.

— Ai, mãe, dói tudo! — reclamou. — Parece que fui atropelada por um caminhão e o que sobrou jogaram numa máquina de lavar! Como consegui viajar tantas vezes para cá?

— Acho que porque eu era criança demais e para uma criança tudo é divertido — passei o braço por sua cintura e descemos as escadas. — Com fome?

— Morrendo! — disse-me, seu estômago espelhando as palavras num enorme ronco.

E então estávamos na pequena cozinha. Cínthia comia vorazmente enquanto as conversas iam sobre desde o tempo maluco em Bristol, passando pelos planos de David para nos levar numa pequena excursão aos arredores da cidade e pela costa, até a inauguração de novas lojas no shopping na *Broadmead*. Ao ouvir a palavra *shopping*, os olhos de Cínthia se arregalaram e ela passou a prestar atenção no assunto.

Jeanete trouxera o jornal e algumas notícias eram interessantes. Uma nova exposição seria inaugurada dali a algumas semanas no Museu de Arte — onde eu iria trabalhar — em conjunto com o Museu Van Gogh de Amsterdã, que gentilmente cedeu parte de seu acervo para a realização do evento. Aquilo me surpreendeu: o Museu Van Gogh raramente permitia que sua valiosa coleção, que possuía muitas obras da fase realista do artista — e que estavam confirmadas na lista das que seriam expostas, dentre elas o famoso *Camponeses Comendo Batatas*, de 1885 —, deixassem o solo holandês por questões de segurança. David tinha razão. Clementine Fevré deveria realmente ter muita influência para conseguir arquitetar uma

exposição daquele porte. Ela seria inaugurada quando eu estivesse trabalhando lá! Não pude conter a onda de excitação que o fato me provocou. Era como ser bombardeada por doses de adrenalina diretas no coração. Uau!

Junto à matéria havia duas fotos. Na primeira, Clementine estava de óculos escuros na saída do museu; era uma foto tirada casualmente, mas percebi que ela possuía *classe*, como David mencionara. Vestia um terno escuro e os cabelos estavam soltos. Na segunda, mais formal, ela aparecia em um evento beneficente num dos clubes da cidade, vestindo um longo decotado nas costas, os cabelos presos num arranjo acima das orelhas que os fazia caírem em cachos. Não sorria, ao contrário, encarava a câmera como se ela a ofendesse; mas outra coisa me chamou a atenção naquela foto. Ao lado dela, com uma mão em seu ombro, estava um homem num elegante *smoking*; cabelos curtos, alto, olhando para o lado. Com esse desvio, seu rosto assumira uma posição de semiperfil que o tornava muito atraente. O queixo era ligeiramente quadrado, o nariz delicado, os traços combinavam entre si com harmonia e exibiam uma masculinidade clássica.

Gostaria de poder ver os olhos. Uma estranha curiosidade me dominou e procurei na reportagem sobre mais detalhes. Não havia nada sobre ele, toda a matéria era dedicada a Clementine e suas conquistas. Mesmo nos créditos das fotos só aparecia o nome dela. Bem, ele estava com a mão em seu ombro e a acompanhava. O que seria? Seu marido? Namorado? Apenas um acompanhante na noite? Não sabia se ela era casada, não havia me preocupado com tal detalhe, mas ao vê-los juntos, pensei: e por que não? Ela era linda, apesar de a foto em preto e branco de jornal não lhe fazer jus; era jovem, da minha idade talvez ou até menos. E ele aparentava ter intimidade com ela. Nada mais natural. O jornal dizia que Clementine preservava muito sua vida particular, então não seria uma surpresa se não quisesse espalhar os detalhes sobre seus relacionamentos ou sua família.

Apesar disso, meus olhos ainda estavam fixados naquela cena, procurando por algo mais, tentando ler as entrelinhas dos gestos congelados na imagem. Querendo saber mais.

— Laura, você está me ouvindo? — David perguntou como se estivesse falando com uma sonâmbula.

— O quê? Desculpe-me, o que você disse? — prestei atenção a ele.

— Perguntei se você e Cínthia não querem almoçar num dos restaurantes do Porto — ele repetiu devagar. — Hoje o tempo parece que vai ficar bom e poderíamos dar uma volta depois.

— Acho que é uma boa ideia. Só me dê tempo de desfazer as malas e arrumar algumas coisas no lugar. Vai ser bom sair, quem sabe não encontramos algum *shopping* aberto? — olhei sugestivamente para Cínthia e seus olhos brilharam.

— Isso será ótimo! — David exultava. — Como não precisam acordar tão cedo amanhã, poderemos visitar vários lugares.

— Não, senhor, pode parar por aí! — Jeanete interveio, o rosto vermelho. — Você não vai trazê-las de volta muito tarde, mocinho. Já se esqueceu das notícias?

Olhei-os surpresa.

— Que notícias, Jean?

— Não é nada de mais — disse David, tentando minimizar o escândalo da mãe. — Minha mãe só está assustada porque têm acontecido alguns assassinatos ultimamente na cidade. Como se a violência não fizesse parte dos grandes centros urbanos. Isso acontece em qualquer lugar.

— Mesmo assim, não acho boa ideia voltar tarde — continuou Jeanete.

— Relaxe, mãe. Elas vão estar *comigo*, certo? Acho que posso quebrar o nariz de algum engraçadinho que se meter a besta — ele riu, Jeanete fungou.

— Mas de que assassinatos vocês estão falando? — tentei parecer despreocupada.

— Têm saído nos jornais — Jeanete falou — e na TV. Tem um psicopata à solta na cidade.

— Psicopata? — abri a boca dessa vez. Cínthia parou de comer. David esclareceu a história.

— Nada que você já não tenha visto acontecer em São Paulo também, Laura. Parece que temos um assassino por aqui. A polícia

ainda não tem muitas pistas, mas ele age de maneira metódica. Foram cinco crimes nos últimos meses. Geralmente as vítimas são encontradas com marcas nos pulsos, no pescoço ou em outras partes do corpo, como se tivessem sido cortadas com precisão, e perdem muito sangue. Duas vítimas sobreviveram graças a telefonemas anônimos, mas elas não conseguem se lembrar de nada do que aconteceu. Perderam a memória por causa do choque.

Estremeci com aquela informação. Um assassino psicopata solto em Bristol? Não que eu não tivesse visto centenas de casos de assassinatos em São Paulo. Como em toda metrópole, coisas bizarras aconteciam; mas não era nada agradável se mudar para um lugar onde as primeiras notícias falavam de crimes em série.

— E o que mais a polícia sabe? — perguntei.

— Bem, eles acontecem só à noite, embora uma vítima sobrevivente tenha sido atacada de dia. Não encontram marcas, vestígios, nada que ajude a identificar o criminoso. As vítimas entram em choque e morrem devido à perda de sangue — pegou uma torrada e comia enquanto falava. — Todas eram moradores de rua, indigentes ou bêbados que saíam de *pubs* noturnos, e estavam desacompanhadas. Não faz distinção entre homens e mulheres e não há marcas de ferimentos feitas por armas brancas ou de fogo. A polícia não sabe bem com o que está lidando.

— Você parece bem informado sobre o assunto — questionei.

Abriu os braços, desamparado.

— O que mais um pobre professor universitário pode fazer quando seus alunos perdem o interesse pela sua matéria graças a um *serial killer* à solta nas ruas? — ele se rendeu. — Procurei me informar sobre o caso e abordá-lo dentro dos limites da minha competência acadêmica. Afinal, estamos no país de Jack, o estripador.

Concordei, mas ainda sentia uma pontada de preocupação.

— Bom, com ou sem assassinatos não era minha intenção ficar até tarde por aí. Vamos almoçar fora e dar uma volta. Depois voltaremos para casa, tem muita coisa para arrumar.

David franziu a cara em desagrado, acompanhado por Cínthia. Jeanete suspirou aliviada.

— E se quisermos fazer tudo isso antes que anoiteça é melhor nos apressarmos — disse, voltando-me para Cíntia. — Acho que ainda dá tempo de pegar algum *shopping* aberto na Broadmead — pisquei.

Não teve o efeito que eu esperava, mas ela subiu as escadas para desfazer as malas. Era melhor um passeio curto do que nenhum. Também fui desfazer as minhas, enquanto David limpava a neve da entrada da casa. Jeanete insistiu em arrumar a cozinha e não questionei. Logo a rotina da casa estaria estabelecida e ela voltaria para sua vida cotidiana e aos cuidados do marido.

Separei as roupas que usaria e fui pendurando outras nos espaços do *closet*. Não havia muito que guardar. O que trouxe foi rapidamente se acomodando em seu lugar, lembrando-me de que precisava comprar mais. A maior parte da bagagem consistia em objetos de uso pessoal como perfumes, algumas poucas joias, livros, álbuns de fotografias, etc. Deixei-os separados para organizar com calma. Vesti-me cuidadosamente para enfrentar o frio, com um suéter grosso de lã, calças de veludo e o sobretudo cinza que havia usado na viagem. Calcei as botas, peguei minha bolsa, ajeitei os cabelos o melhor que pude com a touca e desci para a sala.

Espalhado no sofá em frente à lareira de tijolos, David nos esperava concentrado na leitura do jornal. Assim que me viu, abriu um sorriso e colocou-o na mesinha ao lado.

— Muito bonita! — disse meio encabulado.

Não respondi. Apenas olhei ao redor, acompanhando a disposição dos móveis, as flores frescas no vaso sobre a mesa, os quadros nas paredes, a lareira cheia de porta-retratos, o sofá e a poltrona bege no canto, o tapete de padrões floridos no centro. Aquele era o único cômodo da casa não decorado com papel de parede. Pintado em tom pastel creme combinando com o sofá, contrastava com os outros móveis mais escuros.

— Não acha melhor colocar luvas? Pode esfriar mais hoje — continuou David.

— Não precisa, o casaco tem muitos bolsos — afirmei.

David continuou me olhando, dessa vez nos olhos. Foi um tanto estranha a maneira como me encarava, e também constrangedora.

De repente, me senti desconfortável e procurei por algum assunto irrelevante, olhando para o jornal.

— Achou mais alguma notícia sobre o *serial killer*? — tentei mostrar interesse.

— Não, nada. Também estava procurando, por curiosidade. Talvez ele tenha resolvido que era hora de sair daqui, ou é tímido e não gosta de atenção demais — deu uma risada baixa.

— Pode ser. De qualquer maneira seria um alívio saber que, pelo menos hoje, ele talvez não queira atacar ninguém — falei descontraidamente.

Os olhos escuros de David voltaram a me encarar, pareciam reprovadores. Novamente o constrangimento me tomou, mas fui salva pelo gongo.

— Onde vocês pensam que vão sem mim? — perguntou uma voz calorosa e juvenil que atravessava o corredor da cozinha para a sala.

— Georgiana! — falei alto e corri para abraçá-la.

— Eu devia estar zangada com você! — disse, abraçando-me também. — Chega a Bristol e já vai sair para dar uma voltinha sem me convidar? Muito bonito! E o senhor também, David, que história é essa de monopolizar a Laura desse jeito? Muito generoso da sua parte se levar em consideração que tenho que voltar para Londres esta noite, seu egoísta!

Ela me soltou para beliscar a bochecha do irmão. Ele fingiu inocência. Georgiana era tão alta quanto ele e possuía o mesmo tom escuro dos cabelos, só que cortados à *chanel*, a pele clara com algumas poucas sardas e os incríveis olhos acinzentados da mãe. Era esguia, o rosto simétrico, elegante e bem-feito; poderia ser uma modelo se desejasse e chegou a ser abordada por agentes caçadores de talentos. Mas o caráter de Georgiana não era o da exposição pública, pelo contrário. Ela possuía o mesmo temperamento maternal e cuidadoso de Jeanete e aquilo se refletiu em sua escolha profissional. Georgiana estava no último ano da graduação em psicologia, especializando-se na área pediátrica. E estava feliz, era fácil de ver, apesar da enxurrada de acusações que ela despejava sobre um David sem ação.

— Por favor, não vão brigar por minha causa — falei. — É claro que não iria fazer nenhum passeio por Bristol sem chamar você, G. Eu sabia que estava aqui, sua mãe contou.

Ela fez um bico, mas concordou.

— Muito bom mesmo. Temos muita coisa para conversar e pouco tempo para isso — olhou em volta. — E onde está Cínthia?

— Ainda se arrumando, com toda a pressa do mundo! — exclamei desanimada pela demora.

De repente, senti vontade de que ela se apressasse para poder sair um pouco.

— Pode deixar que cuido disso — Georgiana subia as escadas aos pulinhos. — Cínthia! Você pretende realmente encontrar a *Broadmead* aberta hoje?

Fiquei olhando-a desaparecer no corredor superior. Quando meus olhos baixaram, David estava me encarando outra vez, do mesmo modo.

— Algum problema?

— Não, por quê? — ele perguntou, num tom bem natural.

— Você está me observando muito — respondi no mesmo tom.

— Estava só prestando atenção em alguns detalhes.

— Que detalhes?

— Bom, da última vez que nos vimos, a situação era diferente. Sua avó havia morrido e você estava muito abatida. Não foi uma ocasião alegre. Mas agora, você está cheia de vida, diferente... E muito bonita.

— Isso sem mencionar o medo, a insegurança, o estresse e o nervosismo que toda essa mudança está me provocando — lancei aquela para mudar o rumo da conversa. Os elogios de David me deixavam envergonhada.

— Eu já disse, vai tirar de letra. Acredito em você — falou com muita confiança.

Georgiana e Cínthia desceram as escadas abraçadas e falando sobre calças *jeans* e botas de couro. Pareciam duas adolescentes, rindo e fofocando confidências.

Primeiro, fomos dar uma volta no Porto. O vento era frio, mas não nevava e o dia estava mais claro. Havia muitas embarcações nos

atracadouros, barcos de pesca, iates pequenos, lanchas. Alguns iam e vinham. Não era uma época boa para o turismo, com poucos visitantes, mas pude perceber algumas famílias que tiveram a mesma ideia que nós. Ao longo do percurso, viam-se as ciclovias com suas alamedas de árvores, totalmente desfolhadas nessa época do ano. Artistas corajosos enfrentavam o frio com seus cavaletes, procurando captar a paisagem com tintas. Fizemos uma parada para almoçar num dos muitos restaurantes ao longo do Porto de Bristol. Além da vista privilegiada, a comida era muito boa. Pedimos frutos do mar cozidos no vapor e marinados em vinho, peixe frito com batatas, panquecas, uma pasta de *Cornualles* — carne recheada com batatas — e de sobremesa o tradicional pudim de passas inglês. Tudo regado a um bom vinho. Eu me flagrei comendo com apetite, embora tivesse tomado café da manhã há poucas horas. Cínthia comia também, mas perguntava quando iríamos ao *shopping*. Ela devia estar desesperada por um bom hambúrguer e refrigerante.

Continuamos nossa exploração de alguns pontos históricos. A ponte de Clifton, construída por Brunel, era ponto de visita obrigatório. Às margens havia mirantes de onde se podiam observar diferentes locais da cidade, e se seguíssemos adiante chegaríamos a Somerset. Fizemos a volta e passamos pela Catedral de Bristol, construção do século XVIII, que em sua origem abrigava um mosteiro Agostino; vimos o *The New Room*, com sua estátua equestre de John Wesley; o *The Georgian House*, que pertenceu ao mercador de açúcar John Pinney; a *The Red Lodge*, mansão em estilo isabelino que guardava, em um de seus salões, a memória de Mary Carpenter, que ergueu em 1854 o primeiro reformatório para mulheres em Bristol.

— Bem, agora chegamos onde realmente nos interessa — David apontava para um prédio enquanto parava o carro na *Queens Road*.

Ali, bem à nossa frente, estava o *Bristol's City Museum & Art Gallery*, uma construção realmente incrível. O museu foi um presente dado para a cidade de Bristol em 1904 por Sir Willian Henry Wills Bart, cuja família fez fortuna com a exploração do tabaco. Mantida pelo governo, a instituição se orgulhava de possuir coleções de arte e história regional, nacional e internacional, além das exposições

transitórias e um programa de suporte à educação e aos turistas. Sua entrada principal, em arco romano, mostrava os blocos entalhados em pedra que sustentavam quatro colunas de estilo jônico, com capitéis ricamente adornados. Entre as colunas projetavam-se outras menores, que suportam as janelas centrais. O prédio, de dois andares, era ladeado por pórticos em arco com janelas também ao estilo romano. No alto do telhado três magníficas esculturas representando as ninfas, musas das artes, recebiam os visitantes com graça e beleza. O medo tomou conta do meu coração. Estava suando.

— Nossa, imagine só. Você trabalhando aqui, eu nem acredito! — Georgiana mostrava uma alegria oposta ao meu pânico mudo.

— Você não me disse que era tão grande, mãe! Uau! — disse Cínthia.

Uau mesmo. Era tão grande que provavelmente iria me engolir.

— Ele está aberto. Querem visitar? — sugeriu David.

Olhei para o relógio, pensativa. Já havia entrado naquele museu muitas vezes, sabia exatamente a disposição interna. No térreo ficavam as exposições de paleontologia e história natural e a magnífica coleção de artefatos egípcios; no primeiro andar estavam as exposições da área de geologia, além de uma exposição de arte oriental e mapas históricos de Bristol. No último andar ficavam as coleções de arte local, as cerâmicas e objetos artísticos do sudoeste da Inglaterra, bem como pinturas, esculturas, aquarelas, obras em estilo vitoriano. Era também o local onde aconteciam as mostras transitórias. No subsolo ficavam o café e o restaurante, além da loja do museu e os escritórios dos funcionários. Um lugar fascinante, lindo e mágico; mas não me sentia preparada para entrar nele, não como visitante.

Foi Georgiana quem me salvou.

— Não vai dar tempo, David, se ainda quisermos ir ao *shopping* — olhou para Cínthia, que sorriu. — Além disso, você precisa me levar ao aeroporto; meu voo sairá às cinco.

David pareceu aborrecido, mas concordou. No passeio à *Broadmead*, Cínthia ficou animada com as novidades em *iPhones* e comprou um *kit* de maquiagem. Vimos os anúncios dos filmes em

cartaz e paramos na praça de alimentação para que ela comesse. Eu sempre admirava os tetos abobadados envidraçados que formavam *boulevards* ao longo dos corredores de lojas variadas. Na volta para casa, encontramos Jeanete a nossa espera com o chá pronto. Não estava com fome e tomei apenas uma xícara. Georgiana tinha que sair às pressas para pegar as malas. David a aguardava para levá-la ao aeroporto. Nós nos despedimos na entrada da casa com um caloroso abraço.

— Que pena que foi tão pouco tempo — ela lamentou. — Mas vou dar um jeito de vir para o Natal e Ano Novo e poderemos conversar mais. Senti muitas saudades suas, Laura.

— Eu também, G. Vou ficar esperando você voltar — respondi, apertando-a nos braços.

Ela virou-se para Cínthia.

— Bem, acho que *alguém* aqui está precisando de um *iPhone*. Quem sabe o Papai Noel não acaba trazendo um? — piscou para ela.

Os olhos de Cínthia brilharam por antecipação. David deu risada.

— Nesse caso, acho que será a Mamãe Noel que trará!

Georgiana fez uma careta para ele, abraçando Jeanete.

— Tome cuidado, querida. Não se esqueça de usar a touca e as luvas, você fica resfriada com muita facilidade — Jean falava com a voz empastada.

— Para com isso, mãe, por favor! Assim você me deixa com vergonha — reclamou Georgiana.

— Mas é verdade — os olhos de Jeanete brilhavam com as lágrimas.

Georgiana deu um beijo caloroso na bochecha dela.

— Está bem, mamãe, vou me cuidar, prometo. Agora me deixe ir se quiser que me despeça do papai.

Ficamos na varanda acenando enquanto o carro de David desaparecia no final da rua. A neve começava a cair.

Os próximos dias foram dedicados às tarefas que exigiam prioridade. Como prometeu, David estava lá na manhã de segunda-feira para me conduzir à via-sacra das compras. Cínthia ainda dormia e Jeanete ficou com ela. Não queria perder tempo e fomos primeiro para a loja de carros próxima à Catedral de Bristol. David comprou

seu último carro lá, um *Kia Carnival* grafite, e afirmou que a qualidade era muito boa.

— Você vai gostar. Eles têm modelos muito bons, com garantia, revisados e seguro incluído. Qualquer problema e estão lá — virou-se sorrindo para mim.

Fomos recebidos por um vendedor engravatado que polidamente nos acompanhou pelo *show room* da loja. Primeiro fez questão de nos mostrar os novos modelos para o próximo ano, todos lindos, maravilhosos. E caros! Quando finalmente entendeu que eu procurava uma coisa mais barata, formalmente nos levou para os fundos da loja, onde estavam aqueles que cabiam no meu bolso. Não foi difícil escolher. Tanto pelo gosto pessoal quanto pelo meu orçamento, decidi por um *Volkswagen Polo* preto metálico, com quatro portas. Ele estava em boas condições, teve apenas dois proprietários e tinha garantia e revisão, como David afirmou. Possuía aquecedor, *CD player*, painel inteligente, travas e vidros elétricos. Os bancos eram creme e o carpete preto. Fiz um *test drive*, acompanhada de David e do vendedor, e aprovei, embora ainda me atrapalhasse um pouco com a posição inversa do motorista. Na Inglaterra, o volante ficava do lado direito.

De volta à loja, o contrato de financiamento ficou pronto. David foi meu fiador. O vendedor garantiu-me que entregaria o carro em minha casa dentro de dois dias com toda a documentação. Saímos da loja às onze e meia. A compra do carro tomara toda a manhã. Paramos num restaurante próximo para almoçar.

— E então, gostou mesmo do carro? — perguntou David enquanto espetava uma batata em seu prato.

— Muito — respondi entre uma garfada e outra. — Eu já tinha um *Volks* no Brasil. É o tipo de carro que estou acostumada e está bem equipado, além de conservado. Obrigada por ser meu fiador.

— Não há de quê.

Voltei a comer em silêncio, observando os desenhos na borda do prato.

— Você parece preocupada — ele observou.

— Só ansiosa. Muita coisa para absorver em pouco tempo — retruquei.

Ele pousou de leve sua mão sobre a minha, olhando-me nos olhos outra vez.

— Não precisa, já disse. Você é muito competente e está no lugar certo.

Tomei o gesto como o de um amigo que apoia incondicionalmente o outro, retirando minha mão e dando um tapinha nas costas da dele.

— Obrigada, de novo.

Terminamos o almoço e fomos a uma loja de produtos de informática, onde comprei um computador com *kit* multimídia, *webcam*, impressora, fones e CDs de programas que Cíntia especificou numa lista, além de um novo *notebook* para mim. Todo o processo foi rápido e aproveitei para pedir ao vendedor que incluísse no pacote a visita de um técnico para instalação da rede de internet em casa, para tremenda frustração de David. Ele com certeza queria exibir seus dotes.

Paramos na *Broadmead* para comprar artigos de cama, mesa e banho, despertadores, agendas, celulares, material escolar para Cíntia, casacos de inverno e calças. David dava opiniões o tempo todo, dizendo o que combinava ou não, que tal blusa não parecia em nada comigo, que a calça era bonita e deveria levar duas, que os casacos de couro ficavam melhores em mim do que os de lã. Aproveitei e comprei ternos femininos e conjuntos de *blazer* com saia. Precisava estar apresentável em meu novo trabalho. Mesmo sabendo que Jeanete iria reclamar, comprei um micro-ondas. Ela era particularmente contra aquele tipo de modernidade, mas Cíntia não viveria sem pipoca e chocolate quente de micro-ondas. Além de não me esquecer do principal: dois pôsteres das bandas favoritas de Cíntia que ela queria pendurar no quarto.

Feitas as compras, David puxou conversa o tempo todo no caminho de volta para casa.

— E aí? Dei muitos palpites? — perguntou brincalhão.

— Muitos. Agora entendo por que suas namoradas fogem. Você é insuportável! — respondi no mesmo tom descontraído dele.

Ele também riu, mas depois ficou sério.

— Eu avisei: você devia ter escolhido o escravo.

— Vou me lembrar disso da próxima vez.

Seus olhos se viraram rapidamente para mim e percebi certo brilho de expectativa neles. A volta foi rápida. David me ajudou a descarregar as compras e depois saiu, dizendo que tinha um compromisso, mas que voltaria para nos ver à noite. Cíntia ficou entretida com as roupas novas, reclamou centenas de vezes do uniforme brega, obrigatório para as aulas, e gritou de alegria com os pôsteres, subindo para o quarto numa pressa para pendurá-los.

O restante da semana transcorreu daquela forma: Jeanete e David sempre por perto, meu carro entregue no prazo dado pela loja, a internet instalada — para grande satisfação de Cíntia, que passou o dia no bate-papo com os amigos do Brasil. Aos poucos a casa adquiriu ares diferentes com as mudanças, a troca de móveis, novos quadros no lugar de outros, livros nas estantes, o micro-ondas na cozinha — para desespero de Jeanete —, flores, cortinas. Nossa presença se firmava, uma vida estava realmente começando.

E então era quarta-feira! Véspera do dia D.

Jeanete fez um jantar especial de comemoração, Ben deixou seu isolamento e se reuniu a nós, desculpando-se por não ter vindo antes, maldizendo seus joelhos fracos e pulmão asmático. Sorri e agradei por ter vindo, desculpando-me por não ter ido visitá-lo também. O jantar era animado e as conversas divertidas. Eu ria bastante. Ben estava especialmente feliz, contando algumas de suas piadas mais extravagantes. Tive que traduzir algumas para Cíntia — que ainda não estava totalmente familiarizada com as expressões do Reino Unido —, embora seu inglês fosse impecável. Eram mais de nove horas quando Jeanete deu o toque de recolher na família.

— Bom, agora que estão todos satisfeitos, é melhor irmos. Laura precisa descansar. Amanhã vai ter um dia e tanto.

Senti um friozinho na barriga. Estava mentalmente deixando para pensar naquilo depois. Apesar dos protestos de Ben, Jeanete o arrastou para o carro de David, prometendo que chegaria cedo para ficar com Cíntia.

— Com medo? — David perguntou na saída, de forma que seus pais não ouvissem.

— Morrendo, mas vou sobreviver. Afinal, ela não vai me morder, não é? — respondi rindo.

David não riu da piada, como eu esperava, e seguiu até o carro, onde os pais o aguardavam. Ao abrir a porta virou-se e falou mais alto:

— Eu venho amanhã para saber como foi — acenou.

— Boa noite para todos — falei.

— Boa noite, querida, durma bem — respondeu Jeanete.

O carro se afastou. Voltava a nevar. Subi as escadas e encontrei Cínthia pulando em cima da cama com os fones do *iPod* nos ouvidos, o volume tão alto que eu conseguia ouvir os solos de guitarra.

— Você pretende realmente terminar seus dias de velhice sem usar um aparelho auditivo?

— O quê? — perguntou-me aos berros.

Fui para perto dela e puxei um dos fones.

— Disse que você vai ficar uma velha surda! — berrei também.

Ela recolocou o fone, mas diminuiu o volume.

— Obrigada — resmunguei.

Ela acenou com a cabeça, simulando um guitarrista tocando um instrumento imaginário.

— Veja se não vai dormir muito tarde, mocinha — dei um beijo em sua bochecha e deixei o quarto.

Aproveitei para tomar um banho. Depois sequei os cabelos até ficarem lisos e preendi com uma presilha. Minha roupa jazia sobre a poltrona no quarto. Meus documentos, cartas de recomendação da universidade e a carta de Clementine Fevré estavam na pasta de couro sobre o toucador, ao lado da ânfora. Tudo estava em ordem. Tudo, menos eu. O nervosismo era pulsante. Não conseguia relaxar nem deixar de pensar no que aconteceria no dia seguinte. Tentei dizer a mim mesma que era um trabalho como qualquer outro, que já estava contratada e era só ir lá e exercer minha função, mas meu cérebro não conseguia fazer o coração entender e ele batia descompassado. Peguei um livro e me sentei na cama, mas o tempo todo era obrigada a voltar para a mesma página para me lembrar do que havia lido, não conseguia reter as informações. Forcei minha mente a prestar atenção na leitura, concentrando-me em desvendar as personalidades das personagens, nas tramas do enredo, mas foi inútil. Deixei o livro de lado e fui até a janela. Nevava com menos

intensidade. Fiquei observando a trajetória de alguns flocos, procurando distrair minha atenção.

Numa das árvores sem folhas próximas à calçada, destacando-se contra a escuridão, uma coruja fazia sua vigília. Era bem grande, cinzenta, e seus olhos vigiavam algo. Estava completamente imóvel. Sem aviso mergulhou num voo rápido e certo, carregando sua presa nas garras de volta para a árvore. Não pude saber se era um rato ou um esquilo, não dava para ver, mas a cena me fez lembrar o comentário que David fizera, dias atrás, sobre Clementine Fevré:

Dizem que é muito imponente. Numa discussão com ela é preciso ter firmeza e muita convicção. Se você apresentar uma opinião sobre algum assunto é bom que tenha argumentos fortes o suficiente para defendê-la. Caso contrário, ela irá engolir você.

Na árvore a coruja continuava sua refeição tranquilamente. Olhei para o relógio: passava das onze e meia. Sabendo que não conseguiria dormir tão cedo, resolvi fazer um chá para acalmar os nervos. Passei pelo quarto de Cínthia. Ela havia dormido com os fones nos ouvidos. Delicadamente os tirei e coloquei na mesa de cabeceira, cobrindo-a com os cobertores e apagando as luzes. A cozinha estava fria, o aquecedor desligado. Fervi a água e despejei numa xícara com um sachê de chá de morango, meu favorito. Sem coragem de voltar para o quarto, sentei-me na sala, encolhendo as pernas e puxando a manta de lã sobre elas, bebericando o chá, tentando controlar meus sentimentos e pensamentos. No meio desse processo olhei para a cesta de revistas ao lado da lareira. O jornal que mostrava a foto da diretora do museu estava lá, olhando para mim. Peguei-o automaticamente e reli a reportagem, procurando por mais detalhes. Não falava muito, os poucos trechos eram informações de praxe:

...Clementine Sofhie Fevré, diretora do Museu de Arte da Cidade de Bristol, compareceu em alto estilo ao evento beneficente em prol da Associação dos Moradores de Rua... Segundo fontes não confirmadas, a diretora do museu teria feito uma grande doação em

euros para a entidade. Quando questionada sobre o assunto, ela simplesmente respondeu: “Sem comentários...”

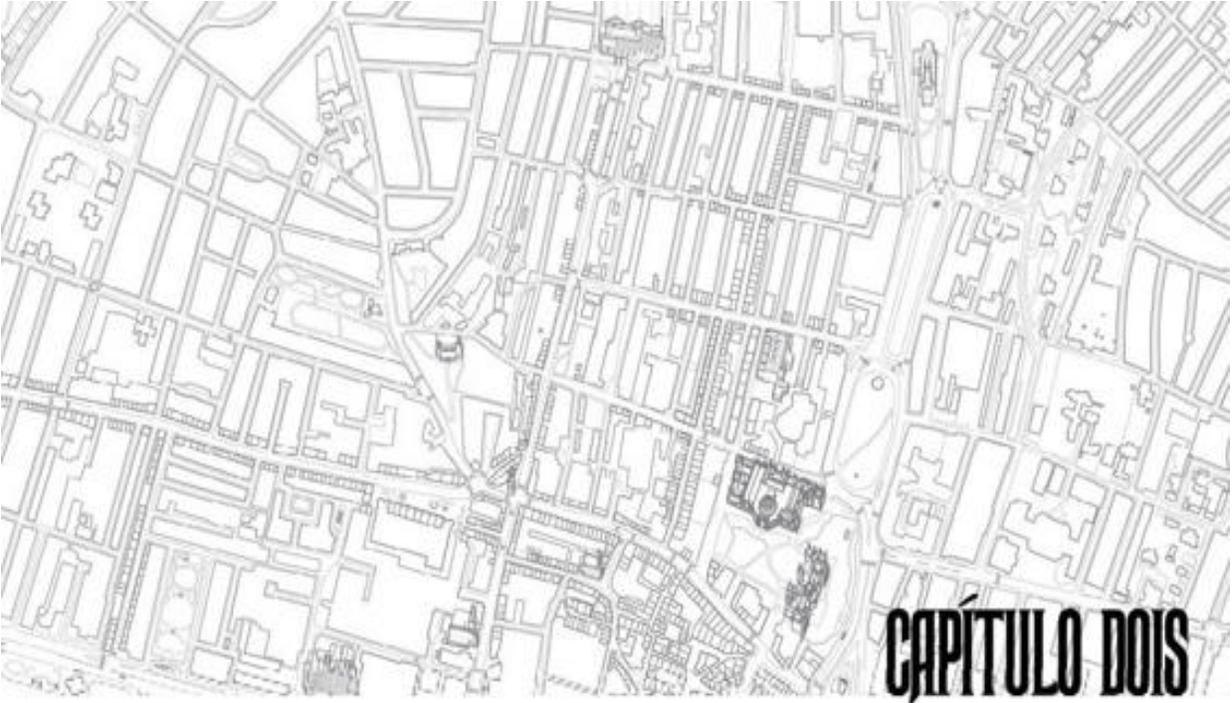
Meus olhos lampejaram para a foto. *Sim, éramos como a coruja e a presa.* Sacudi a cabeça rapidamente para tirar aquela ideia absurda. Era apenas trabalho, por Deus! Será possível que todos passavam por isso quando mudavam de emprego? Ou eu temia que a realização de um sonho pudesse se tornar o início de um pesadelo? Faria jus às expectativas dela? Faria jus às *minhas* expectativas? Sem saber qual seria a resposta, minha atenção voltou-se, mais uma vez, para o misterioso homem acompanhando Clementine. Ele era muito interessante. Com certeza deviam ter algum tipo de relacionamento. Nenhuma mulher em seu juízo perfeito conseguiria resistir a uma tentação daquelas. Mais uma vez desejei poder ver seus olhos...

— Você está ficando doida? — perguntei a mim mesma.

É, deveria. Além de praticamente histérica com meu novo trabalho, estava especulando sobre a vida amorosa de minha futura chefe. Pior: além de especular, ainda considerava a hipótese de ele ser uma *tentação!* O que estava acontecendo comigo? Havia me acostumado aos fuxicos e comentários libidinosos entre os colegas de trabalho sobre um novo professor ou um aluno interessante, alguns até faziam certas besteiras que poderiam arruinar suas carreiras. Orgulhava-me de nunca dar o que falar nesse sentido, de manter uma postura profissional. Os poucos namoros que tive foram com pessoas de fora do ambiente de trabalho. *Que tipo de comportamento é esse agora, dona Laura?*

Bufando de raiva, joguei o jornal na cesta e marchei para o quarto. Não importava quanto tempo levasse, esperaria o sono chegar e não sairia da cama. Não permitiria que o estresse me fizesse ter pensamentos absurdos e desnecessários. Tomei uma decisão e iria segui-la; não era apenas a minha vida que estava envolvida, mas a da minha filha também, e faria de tudo para que nós duas pudéssemos ser felizes ali. Era meu dever e obrigação de mãe. Não deixaria a coruja me pegar. Até mesmo uma presa pode escapar de seu predador.

Então, sem aviso, a coruja cinzenta pousou no batente da minha janela, seus olhos curiosos olhando diretamente para mim. Piou duas vezes, esticou as asas e se foi.



Livro Um – Capítulo Dois

Bom dia, em que posso ajudá-la? — perguntou educadamente a recepcionista loura por trás do balcão de informações.

— Bom dia — respondi —, sou Laura Benson Vargas e tenho uma reunião agendada com a diretora do museu para as nove horas.

— Aguarde um momento, por favor — respondeu, pegando o telefone e apertando um ramal, anunciando minha presença.

— Sra. Vargas, pegue o corredor principal até o elevador. Desça ao subsolo 1, vire à esquerda e siga em frente. A secretária da diretora estará a sua espera — informou educadamente.

— Obrigada.

Marchei pela direção indicada admirando o interior deslumbrante do museu. Ele ainda estava fechado ao público — abria oficialmente às dez horas —, e apenas funcionários circulavam por ali. Meus sapatos tiquetaqueavam pelo piso de mármore enquanto olhava para os delicados estuques no border superior das paredes. O teto era alto, tendo ao centro um enorme lustre, o salão amplo destacando as

colunas e arcos em estilo romano. Era um pouco frio, uma temperatura adequada para preservar as obras expostas, o patrimônio do qual o museu se orgulhava.

Estava sozinha no elevador e apertei o botão para o subsolo 1. Segui o corredor esquerdo passando pela loja do museu com seus *souvenires*, pela livraria fartamente abastecida e pelo café. Ainda estavam fechados. No final do corredor, aguardando-me ao lado de uma mesa, estava uma mulher de meia-idade, cabelos castanhos e olhos esverdeados, trajando um *blazer* e saia cinza, os cabelos presos na nuca. Ela me observava com atenção e fiquei muito satisfeita por ter vestido o terno novo que comprei.

— Sra. Vargas, é um prazer conhecê-la — disse-me polidamente, estendendo a mão para me cumprimentar. — Sou Edith Chaplin, secretária da Srta. Fevré. Ela a está aguardando. Siga-me, por favor.

— Obrigada — foi o que consegui dizer.

Continuamos mais alguns passos até chegarmos a uma porta branca com uma placa onde se lia *Clementine S. Fevré — Diretora Geral*. Respirei fundo, mas disfarçadamente. *É agora*. A secretária abriu a porta, anunciando-me.

— Sra. Laura Vargas — abriu caminho para que eu entrasse.

O interior da sala era o oposto da opulência que o cargo sugeria: simples e claro, com móveis de *design* contemporâneo de cores suaves. Havia vasos com as rosas mais lindas que já vira, um sofá e poltrona, dois grandes quadros de pinturas abstratas — provavelmente de artistas da cidade — com cores fortes criando o contraste na medida certa. Na extremidade lateral esquerda da mesa havia um computador de última geração, dois pesos de papel em bronze no formato de obras de Rodin, além de material de escritório; tudo muito bem organizado. A sala cheirava a almíscar. Ao contrário do que esperava, Clementine não me aguardava sentada em sua poltrona atrás da mesa. Estava em pé, de costas, como se pensasse em outro assunto. Quando se virou, percebi que a foto do jornal realmente não lhe fazia justiça.

Era mais alta do que eu. A pele muito branca, como uma pérola, envolvida por um suéter azul de gola alta que descia delicadamente pela cintura, unindo-se a saia creme na altura dos joelhos. Usava uma

echarpe, também creme, e botas de couro claras. Os cabelos eram castanhos, abundantes e soltos, caindo até a cintura, ao redor de um rosto oval. Era impossível determinar quantos anos ela tinha: os traços perfeitos e os olhos verdes embaixo de sobrancelhas marcantes. Havia algo de agressivo neles, mas que ela parecia cuidadosamente esconder enquanto me observava. Era linda, provavelmente uma das mulheres mais bonitas que conheci. Lembrava uma modelo de pinturas da Idade Média que estavam expostas no salão do segundo andar.

— Seja bem-vinda, Sra.Vargas, estava à sua espera — disse-me, em tom impessoal.

— Obrigada — respondi usando o mesmo tom.

Senti que passava por um rigoroso exame. Ela se moveu para sentar na poltrona, gesticulando para que ocupasse o sofá em frente.

— Posso oferecer alguma coisa? Café, um chá? — perguntou polidamente.

— Não, obrigada, estou bem — falei para me tranquilizar. Se segurasse uma xícara agora com certeza ela iria tremer.

— Isso é tudo por enquanto, Edith.

— Sim, senhora — respondeu a secretária, saindo e fechando a porta.

Ficar no mesmo ambiente com Clementine era algo realmente perturbador. Seus modos extremamente polidos, o tom de voz e a forma como olhava não contribuíam em nada para amenizar o meu desconforto. Esperei até que ela falasse primeiro, observando sua postura na poltrona, parecendo uma musa de Van Eyke.

— Espero que tenha feito uma boa viagem — disse-me no mesmo tom impessoal de antes. — Cogitei a hipótese de pedir sua contratação para o próximo ano, mas há tarefas urgentes e sua presença aqui se tornou imprescindível para mim.

— Agradeço pela oportunidade e espero retribuir a confiança que deposita em meu trabalho — assegurei.

— Tenho certeza que sim — sua voz era categórica. — Não costumo errar quando penso em minha equipe de trabalho, isso é algo que deixo para os iniciantes. A senhora está aqui com um

propósito, quero deixar bem claro, e seu potencial é o que me interessa em primeiro plano.

— Os termos ficaram claros quando de minha contratação, estou ciente de todos eles — respondi com a voz um pouco tensa.

Clementine fitou-me nos olhos, parecendo perceber a irritação. *Bem, que seja.* Eu sabia por que estava ali e não abriria um precedente para que questionasse minha capacidade. Ela acenou com a cabeça uma vez e sua próxima observação me surpreendeu.

— Em seu currículo consta que é viúva e tem uma filha. Estou certa?

— Sim, está — respondi, esperando onde o rumo daquela conversa levaria.

— Quantos anos ela tem?

— Dezesseis.

— Não parece ter uma filha de dezesseis anos — observou.

— Casei-me muito jovem — foi só o que respondi.

— E também é muito jovem para ser viúva.

Não conseguia entender o raciocínio dela e apenas dei de ombros.

— São coisas da vida — foi o melhor que consegui.

Ela lançou-me um olhar penetrante e após um momento de silêncio levantou-se, tocando o interfone.

— Edith, venha até aqui, por favor.

A porta abriu-se quase que imediatamente e a secretária entrou.

— Acompanhe a Sra. Vargas numa visita pelo museu. Mostre a ela os departamentos e oriente-a nos procedimentos de praxe. Depois, leve-a para a sala que lhe foi designada e ajude-a no que precisar — falava sem olhar para a secretária. Depois me encarou: — Em sua mesa encontrará o necessário para começar imediatamente o trabalho. Amanhã terá uma reunião às onze da manhã e outra às três da tarde sobre a exposição Van Gogh. Tenha um bom dia.

— Obrigada — e assim fui dispensada.

Ao pegar minha pasta, vi pelo canto do olho um exemplar do meu livro ao lado do computador da mesa de Clementine. Edith me acompanhou até o Departamento de Recursos Humanos, onde assinei alguns papéis. Cadastrei uma senha de seis dígitos para meu crachá eletrônico — obrigatório para os funcionários entrarem no

prédio e que devia ficar visível em minha roupa durante o expediente — e outra de oito dígitos para uma conta de *e-mail* que acessaria para receber informações diárias. Também tive que registrar a placa do meu carro para ter acesso ao estacionamento de funcionários atrás do prédio. Devidamente munida de minha identificação, a eficiente secretária levou-me a todos os departamentos e andares. Já conhecia as salas de exposições, então me concentrei no que ainda não tinha visto. As portas de acesso restrito que levavam de uma sala à outra fora da visão do público, os cofres onde obras importantes eram guardadas por segurança à noite, as salas de restauração e de documentos antigos, as saletas dos setores de limpeza, almoxarifado, manutenção, segurança interna, as salas de reunião e do corpo de diretores.

Após a excursão, Edith me levou até minha sala. Era pequena, mas adequada. Possuía duas mesas e poltronas, dois computadores com acessórios, uma estante, um armário e cadeiras. Também estava abastecida com material de escritório e sobre a mesa havia uma pasta preta. Olhei rapidamente seu conteúdo: documentos sobre a exposição Van Gogh, reuniões agendadas para a semana, dados estatísticos de visitantes nos últimos dois anos, eventos realizados, etc. Sim, teria muito trabalho pela frente.

— Precisa de alguma coisa, Sra. Vargas? — perguntou Edith, polidamente.

Bem, era a minha sala, poderia me dar algum privilégio.

— Sim. Gostaria de um café, por favor, e também de uma jarra com água — agora podia pegar uma xícara com calma.

Edith acenou e saiu. Lentamente sentei em minha poltrona. A sala era boa, mas precisava de um toque pessoal. Ainda não tinha a minha cara. Liguei o computador e acessei, pela primeira vez, meu *e-mail*. Já havia cinco mensagens: duas sobre as reuniões da exposição, uma do setor de Recursos Humanos sobre seguro social, uma sobre a festa de Natal da empresa e uma da associação dos funcionários pedindo doações para o [Children in Need](#)¹. Uma copeira, provavelmente a mando de Edith, trouxe o café e a jarra de água. Perguntou se era tudo o que eu queria e a dispensei. Havia muito a se fazer.



O dia passou voando. Passei todo o tempo em minha sala analisando o histórico do museu nos arquivos da instituição, lendo e relendo planilhas, verificando as estratégias de ação quanto à exposição que estava para ser inaugurada. Tomei nota dos dados em minha agenda e que seriam úteis para as reuniões do dia seguinte — principalmente dos pontos que eu considerava como essenciais para o bom funcionamento logístico do evento. Quando dei por mim, o expediente estava acabado. Copiei os arquivos em um *pendrive*, desliguei tudo e fui para o elevador.

Do lado de fora estava nevando e fazia muito frio. Meu carro estava estacionado numa vaga em frente — não havia usado o estacionamento dos funcionários — e atravessei a avenida para chegar até ele. Enquanto abria a porta, percebi a figura imponente que deixava a saída principal do museu. Ela parou embaixo do arco romano, permanecendo imóvel sob o brasão da instituição como se esperasse alguma coisa. Uma *Mercedes Bens C-Class* preta deslizou para o meio-fio sem desligar o motor. Os vidros abaixados, apesar do frio, mostravam um homem ao volante. Do ângulo onde eu estava não era possível ver o rosto do motorista, mas seu porte era tão imponente quanto o da mulher que agora ocupava o banco do passageiro ao seu lado. O carro acelerou e Clementine Fevré foi embora, em meio ao movimento da *Queens Road*.

O caminho para casa não demorou muito. Cínthia estava envolvida numa disputa de xadrez com David e se divertia com a falta de estratégia dele. Jeanete arrumava a mesa para o jantar. Todos olharam para mim ao mesmo tempo.

— E então, mãe, como foi? — perguntou Cínthia.

— Tudo bem, sem problemas, só muito trabalho — respondi, arriando no sofá.

— Eu não disse? Você estava fazendo tempestade em copo d'água — David tentou parecer relaxado, sorria, mas ficou examinando meu rosto cansado com preocupação.

Não respondi. De repente, estava consciente de que passei o dia todo sem comer e meu estômago roncava. Jantamos na cozinha. Cínthia queria saber os detalhes, estava entediada porque as aulas ainda não haviam começado e as distrações do computador não ajudavam. Jeanete também falava. Apenas David estava silencioso, observando-me. Quando os acompanhei até o carro, ele virou-se e me olhou.

— Você parece muito cansada — passou o dedo na pálpebra inferior dos meus olhos.

— Deve ser o estresse de primeiro dia. Nada que uma noite de sono não resolva — realmente estava no meu limite.

— Sua *chefa* pegou pesado? — perguntou em tom de brincadeira.

— Não. Ela é o que eu esperava: muito formal. Como todos por lá — confirmei sem entusiasmo.

David sorriu.

— David, vamos. Deixe Laura descansar! — Jeanete intimou de dentro do carro.

Fiquei observando o carro se afastar, cortando a neve ao redor dos pneus. Uma agitação no ar passou sobre a minha cabeça. A coruja cinza, num voo rasante, pousou no mesmo galho. Abriu as asas, piando e revirando a cabeça em ângulos absurdos, antes de se recolher a sua vigília noturna. Entregue à noite, que era seu elemento natural.

Os dias vieram e passaram trazendo suas novas atividades. Cínthia iniciou as aulas no *Bristol High School*, a exposição Van Gogh caminhava a passos largos para a inauguração e todos trabalhavam em ritmo dobrado. Foi emocionante participar de cada detalhe do evento, o traslado das obras cercadas por uma segurança inimaginável, com uma equipe própria de curadores e restauradores do Museu de Amsterdã — os únicos a terem permissão de manipular os preciosos quadros. Os ajustes foram frenéticos, desde a aprovação final dos convites, o bufê, o reforço da segurança, acertos na iluminação e temperatura do ambiente para valorizar e preservar a estrutura das peças.

Quanto a minha chefe, nosso relacionamento não progrediu nem retrocedeu por dias. Ela manteve o mesmo tipo de tratamento polido,

formal e distante. Descobri também que aquele parecia ser o *padrão* Clementine de trabalho, pois os outros membros da equipe eram tão formais quanto ela. Numa das reuniões sobre o evento, sugeri que artistas da cidade, cadastrados pelo museu, apresentassem performances internas para recepcionar o público, inspirados nas visões que possuíam sobre o trabalho do pintor holandês. Minha ideia talvez passasse em branco se não fosse pela aprovação discreta de Clementine. Ela via as possibilidades, e não só concordou como me deixou encarregada de contatar os artistas e orientar essa parte em especial, observando-me com os mesmos olhos de rapina do primeiro dia. Aquilo me salvou de ser alvo de piadas entre os outros curadores. Com isso, meus dias ficaram muito ocupados. Ganhei uma assistente, uma jovem tímida chamada Kate, estagiária do departamento de História da Universidade de Bristol. Era magrinha, de pele clara e olhos verdes, estatura mediana e o cabelo tão louro que parecia branco. Embora quieta, era atenta e eficiente, o que facilitou as coisas.

A noite da exposição foi gloriosa em todos os sentidos. Os funcionários do museu tinham sua cota de convites de cortesia, então convidei David, Jeanete e Ben para o evento. Apenas David compareceu. Ben teve uma crise dos pulmões e Jeanete ficou com ele. Cínthia estava orgulhosa de seu vestido social e exibia sorrisos. Fotógrafos circulavam por toda parte e repórteres nos perguntavam sobre os detalhes que pudessem ser úteis para seus furos jornalísticos. Os artistas contratados para as performances eram rodeados pelo público. Inspirados pelo pintor holandês, eles criaram instalações, utilizando os próprios corpos, como se fossem partes destacadas das principais obras do salão. Era possível observar o movimento dos orbes da *Noite Estrelada*, sentir o calor escaldante dos *Camponeses Descansando no Feno* e a pobreza e humanidade de *Camponeses Comendo Batatas*. Tudo muito teatral. O público elogiava a cada segundo a dinâmica e ousadia da intervenção. Era uma ocasião de pompa.

De repente, os *flashes* se voltaram para a entrada do *hall* de exposições. Não era preciso ser adivinha para entender o porquê. Clementine Fevré entrava pelo salão, deslumbrante em um vestido

longo de veludo carmim em tomara que caia, com uma estola cobrindo os ombros nus. Tinha os cabelos soltos, impecavelmente lisos, e seus olhos verdes estavam em um tom esmeralda escuro. Ela arrancou alguns suspiros de admiração dos presentes. Porém, não foi a sua presença que me fez ficar paralisada em observação.

Ao lado dela, trajando um elegante *smoking*, estava o mesmo homem da fotografia que eu vira no jornal. Alto, com a pele branca realçada pelo escuro do traje, os mesmos cabelos negros repartidos para o lado, o queixo firme e traços clássicos. Ele a acompanhava com a mão em seu ombro. Assim que os *flashes* explodiram, ele disfarçadamente afastou-se, colocando-se numa posição de quem não desejava ser alvo das atenções. Fiquei presa pela sua presença, um anseio estranho dominando meu corpo, sensações diferentes se sucedendo. Seu rosto estava de perfil, não conseguia ver os olhos e aquilo me decepcionou.

Eu queria que ele me visse, a frase surgiu tão rápida na minha mente quanto a perplexidade em relação a ela. E naquele momento, seus olhos — que eu havia tentado imaginar como seriam pela fotografia do jornal — me encontraram. Castanho-escuros, como os cabelos, do mesmo modo intrigantes e levemente ameaçadores como os de Clementine. Não sei se porque ele me flagrou observando-o primeiro ou não, mas seus olhos se demoraram nos meus mais do que a cortesia permitia. Senti um arrepio subir e descer pela minha coluna.

— Ela sabe realmente como fazer uma entrada — disse David, ao meu lado, colocando uma mão sobre o meu ombro.

Com o contato, perdi o foco; mas ele não desviou o olhar. David me observou, franzindo o cenho.

— Tudo bem com você, Laura? Está pálida.

— Não é nada — menti, pegando uma taça de vinho que o garçom oferecia.

— Tem certeza? Parece que viu uma espécie de fantasma.

Eu ri, meio sem graça.

— Duvido muito que esse museu seja assombrado. E, se for, acho que todos os espíritos resolveram sair esta noite. Está muito barulhento aqui — tomei mais um pouco do vinho.

Olhei ao redor novamente. Ele não estava mais lá. Vaguei meus olhos pelo salão apinhado, mas não havia qualquer sinal de sua presença.

— Parece que sua *chefa* vai fazer as honras da abertura oficial. Acho que não deve perder isso — avisou-me David, enquanto Clementine caminhava para o púlpito.

Acenei com a cabeça e fui para junto dos funcionários responsáveis pelo evento. O discurso de Clementine foi formal, educado, mas generoso em relação ao bom relacionamento mantido durante as negociações com o Museu de Amsterdã. Elogiou a iniciativa do diretor holandês, que estava presente, e cumprimentou os artistas locais pelo excelente trabalho de recepção do público. Outras personalidades importantes tiveram sua vez com os microfones e a exposição foi oficialmente inaugurada. Num acender mágico de luzes que impressionou a todos, as obras do mestre holandês abriram-se aos olhos dos visitantes ansiosos. O *show* havia começado. O colorido e a força das pinceladas de Van Gogh davam o tom da festa. Pessoas falavam admiradas sobre a organização do evento. Quando passou por mim, Clementine disse:

— Você trabalhou bem — o tom era o mesmo de sempre, mas pude sentir a aprovação.

David apareceu então, duas taças de vinho nas mãos, todo sorrisos.

— Acho que alguém acertou em cheio esta noite — disse-me.

— Meu primeiro ponto positivo, aleluia.

— Um brinde a isso — batemos as taças.

— Onde está Cínthia? — perguntei, preocupada com sua ausência.

— Ela foi ao toalete enquanto assistíamos ao discurso. Acho que vou aproveitar para ir também.

— Vou ficar esperando — afirmei.

— Não demoro. Não quero que pensem que deixei a dama mais bonita da festa sozinha — ele sorriu.

— Se está se referindo a Clementine, acho que ela já tem acompanhante — retruquei; uma súbita irritação me corroía.

Ele sorriu mais ainda.

— Nem todo mundo precisa concordar com isso, especialmente eu — assegurou-me e se foi.

Observei os visitantes seguirem para os andares superiores e outros que chegavam. Senti-me sufocada com aquela agitação e decidi respirar um pouco de ar. Peguei meu casaco no balcão, passei pelo arco de entrada e caminhei até a lateral do prédio, onde havia alguns degraus da construção. Sentei-me em um deles. Fiquei admirando a iluminação colorida disposta de forma a valorizar a arquitetura do local. Realmente tudo parecia perfeito dentro do que havia sido planejado. Em contraste com as luzes, a rua atrás de mim estava escura, os arbustos sem folhas criando imagens espectrais, balançando seus galhos com o vento frio como mãos esqueléticas de algum ente sobrenatural. A noite, do lado de fora do prédio cheio de visitantes, estava quieta. Muito quieta. Não nevava, mas a atmosfera era pesada.

Uma estranha comichão percorreu meu corpo, um frio no estômago. A quietude incomodava de forma quase palpável. Por mais desmedida que fosse a ideia, uma forte sensação de que estava sendo observada me dominou. Isso me fez virar a cabeça e fitar novamente a rua às escuras, correndo meus olhos pelos arbustos, pela calçada e fachadas apagadas das lojas. Tudo era silêncio, só se ouvia o vento, mas mesmo assim minha garganta ficou seca e o coração começou a bater mais rápido, as palmas de minhas mãos suavam apesar do frio. Senti um arrepio ao perceber, por instinto, que não estava sozinha. Ouvei o som baixo e entrecortado de uma respiração. Assim que meus olhos se acostumaram com a escuridão, notei que havia uma forma nos arbustos sem folhas. Alguém me observava! E não era só isso. Aquela figura me encarava com olhos de um vermelho intenso, brilhantes como luzes na escuridão.

No segundo seguinte, o tempo de uma batida de coração, a estranha forma desapareceu como uma brisa, no mesmo instante em que eu voltava rapidamente para a entrada do prédio, quase sem fôlego. Parei por um segundo antes de entrar, para respirar. Não queria que David e Cíntia me vissem daquele jeito. O que diria a eles? Que havia uma *coisa* esquisita do lado de fora do prédio me olhando com olhos vermelhos? Aquilo era absurdo! Poderia ter sido

apenas coisa da minha imaginação, provocada pela escuridão. Mas aqueles olhos... Pareciam tão reais. E estavam fixados em mim, como os de uma ave de rapina. *Não, foi só minha imaginação.* Mesmo assim voltei a olhar para os arbustos. Não havia nada lá, apenas as árvores baixas e o balanço do vento.

Teria sido algum animal, uma coruja, talvez? Eu já não havia visto uma coruja imensa em frente à minha casa? Mas uma coruja, ou outro animal, poderia produzir o som da respiração pesada que ouvi? E sair do arbusto em total silêncio, sem sequer movê-lo? E se não foi um animal, o que era aquilo? Um calafrio me percorreu, dessa vez de medo. Voltei o corpo rapidamente e o movimento me fez bater de frente com algo. Quase caí com o impacto, mas um braço me segurou.

— A senhorita está bem?

Virei-me abruptamente ao som da voz, pois não havia ouvido passos se aproximando. Uma figura alta me examinava com evidente preocupação e não acreditei no que meus olhos mostravam: era o misterioso acompanhante de Clementine Fevré.

— Está passando bem? — perguntou novamente, mas olhava para as ruas, como se procurasse por algo.

Busquei acalmar minha respiração para poder falar.

— Sim, estou bem, obrigada — fechei mais o casaco.

Ele voltou a me encarar, provavelmente especulando os motivos que me fizeram estar ali, encostada à parede. Estava sem casaco, apenas de *smoking*, e não parecia se incomodar com a temperatura. Tentei me recompor.

— Não acho apropriado que a senhorita esteja aqui fora — falou numa voz tranquila, mirando a escuridão da rua —, a noite está muito fria. Não seria melhor se entrássemos?

Ao dizer aquilo, me ofereceu o braço como um perfeito cavalheiro. Surpresa com o gesto, e achando muito charmoso também, estendi o meu.

— Obrigada.

Caminhamos de volta ao salão térreo, agora com poucas pessoas. A maioria se concentrava nos andares superiores da exposição. O calor do ambiente era agradável e não me incomodei quando ele

movimentou-se para retirar meu casaco e entregá-lo no balcão. Depois tomou meu braço, guiando-me pelo piso de mármore. Não íamos para nenhum lugar específico, apenas andávamos devagar. Ainda estava absorta na visão que presenciara do lado de fora.

— Gostaria de beber alguma coisa? — ele sugeriu.

— Não, obrigada. Estou bem — tentei mentir.

— Tem certeza? Não parecia muito bem lá fora — ele havia percebido.

— Aquilo não foi nada — tornei a dizer. Não queria tocar no assunto.

Nossos passos eram lentos e sua mão segurava meu braço de maneira firme, mas gentil. Seu olhar era especulativo, como se sondasse minhas últimas reações. Quanto a mim, aproveitei o momento para examiná-lo de perto, sem que ele percebesse. Quando o vi nas fotos junto a Clementine, pensei que fosse seu marido. Entretanto, ela era *senhorita Fevré*, o que descartou a hipótese de que fosse casada. Hoje ele veio como acompanhante dela em mais um evento, então deveria haver alguma relação entre eles. Mas qual? Ele aparentava ter pouco mais de trinta anos, mas os olhos eram profundos, cheios de mistérios. Após alguns segundos, ele rompeu o silêncio:

— Esse foi um grande evento. Meus parabéns por seu trabalho — havia satisfação em sua voz.

Ele sabia que eu trabalhava lá.

— Obrigada, mas o mérito é de toda a equipe.

— Não precisa ser modesta. Clementine não gosta de elogiar seus colaboradores individualmente, mas ela sabe reconhecer o esforço e a dedicação. E fomos testemunhas disso hoje — continuou em um tom tranquilo.

— Apenas fiz o meu trabalho — retruquei, absorvendo o que tinha acabado de me dizer.

Ele sorriu, os olhos diretamente nos meus.

— Tenho certeza que sim, como também sei que ainda terei muitas notícias suas.

— Desculpe-me, mas acho que sabe coisas sobre mim e eu não faço a menor ideia de quem você é. Isso me coloca em desvantagem

— disse, enquanto parávamos de andar.

Ele encostou-se ao balcão de informações, observando-me. Esperei que falasse algo, sabendo que minha real motivação por trás do comentário era a enorme curiosidade que tinha desde o momento em que o vira na foto de jornal.

— É verdade. Não estou sendo educado. Deveria ter me apresentado corretamente — endireitou-se e pegou minha mão. — Sou Robert Fevré, irmão de Clementine — acrescentou com um sorriso.

Ora essa, irmão!? Aquilo eu não esperava mesmo. Senti um rebuliço com a informação, como se uma onda se agitasse dentro de mim, lavando-me dos pés à cabeça.

— Laura Vargas — consegui dizer. — Muito prazer.

— Acredite, o prazer é todo meu — levou minha mão aos lábios para beijá-la.

Eu já havia visto cenas como aquela em filmes, mas a sensação ao vivo e em cores era bem melhor. A pressão em minha mão foi bem suave, mas suficiente para o corpo tomar consciência da presença dele. Envolvente, inebriante, terrivelmente sólida.

— Bem, agora que passamos pelas formalidades, vai aceitar meu elogio e deixar de ser modesta? — perguntou em tom descontraído.

Sorri em retribuição. Sua presença e tom de voz eram perturbadores.

— Não é uma questão de modéstia. Mas, sim, *agora* posso aceitar o elogio.

Meu tom deve tê-lo animado. Sorria e me olhava, dessa vez dos pés a cabeça, mas não da forma rude como fazem muitos homens que avaliam uma possível conquista. Ele parecia tão curioso quanto eu. Fiquei feliz por estar usando um longo vestido branco, que acentuava meu colo com uma curva no decote, com aberturas nas laterais subindo dos calcanhares até os joelhos. Meus cabelos estavam presos na altura das orelhas e deixei algumas mechas soltas em volta. Usava um colar simples de pérolas, um presente dado por minha mãe e que combinava com os brincos, e sapatos que me deixavam mais alta.

Definir, em palavras, a sensação que experimentei com sua observação era quase impossível. Sabia que eu era bonita, sempre ouvi comentários a respeito. Meu pai me chamava de *sua bela princesa* e na escola e faculdade eu era alvo constante das atenções dos garotos. Mesmo depois de casada o assédio continuou, embora em proporções mais controladas. Aquilo nunca chegou realmente a me incomodar nem tirei proveito da situação. Não gostava de pensar que a beleza fosse o único parâmetro pelo qual pessoas fossem julgadas e não compartilhava desse preconceito; mas tinha bom senso para entender a atração que ela causava. Ou, pelo menos, achava que tinha até aquele momento, sentindo-me subitamente muito satisfeita pelo quinhão que a natureza me deu.

Pois fosse qual fosse o motivo que fazia Robert Fevré me encarar, se ele me achava bonita, charmosa ou coisa parecida, jamais vira nos olhos de um homem o que enxergava agora: uma mistura de admiração e surpresa sem tamanho, algo que transcendia a mera observação que um homem poderia fazer de uma mulher que considerasse atraente. Ele parecia concentrado em fixar na memória cada detalhe sobre mim com a máxima exatidão possível. O efeito daquilo era avassalador, sem precedentes. Meus olhos estavam presos nos seus por uma linha invisível, emanando um fluxo de energia forte e desorientador.

Sim, fosse qual fosse o motivo para que ele me olhasse assim, valia a pena cada segundo.

— Mãe!

O som da voz de Cínthia rompeu aquele encanto e me fez olhar em sua direção. Ela estava com David, ambos andavam apressados.

— Mãe, onde você estava? A gente te procurou em todos os andares, você sumiu! — ela falava com a voz acusadora.

Então olhou Robert, como se só agora o visse, e sua boca se abriu de surpresa. Claro que ela o acharia bonito também, era impossível pensar o contrário. David também olhava e pude perceber suas mãos fechadas e o rosto tenso.

— Desculpe-me, filha, devia ter procurado vocês. Acabei me distraindo — tentei parecer o mais despreocupada possível.

— Ahhhh... Tá bem... Tá tudo bem, mãe. É que você desapareceu e... O David ficou preocupado — ela olhava de mim para Robert e sua sobancelha elevava-se. Senti que passaria por um interrogatório na volta para casa, ela não deixaria para depois.

— Não se preocupe, sua mãe está bem. Ela apenas foi gentil me fazendo companhia — Robert falou. — Esses eventos costumam ser cansativos às vezes, e uma boa conversa ajuda a passar o tempo.

Cínthia não respondeu. Apenas balançou a cabeça para ele e olhou de volta para mim. David permanecia quieto. Percebi que estava sendo mal-educada.

— Oh, desculpe. Essa é minha filha, Cínthia, e meu amigo, David. Cínthia, David, esse é Robert Fevré, irmão de Clementine.

Da mesma forma cavalheiresca, ele beijou a mão de Cínthia, que revirou os olhos. Tive que abafar uma risada.

— Encantado, senhorita — falou com um sorriso.

David não disse nada, apenas apertou a mão que Robert oferecia. Pareceu-me que mediam forças.

— Espero que esteja feliz por sua mãe. Ela sem dúvida realizou um belo trabalho — seus olhos me fitaram outra vez. — Mas tenho certeza de que já devia saber que isso aconteceria, pois a conhece melhor.

— É, eu sei. Parabéns, mãe, estava muito bonito — Cínthia me abraçou e passei o braço pelos seus ombros.

— Quanto a isso não há dúvidas — David finalmente falou, com a voz áspera. — Nós realmente a conhecemos melhor, bem melhor.

Ouvi a inflexão na palavra, a animosidade. Robert não se incomodou.

— Felizmente esse não é o tipo de problema sem soluções possíveis — ele falou calmamente, mas com autoridade. — Acredito que teremos muitas oportunidades para remediar isso.

Algumas coisas ficaram claras naquele momento: a curiosidade de Cínthia, a mal disfarçada raiva de David... E a promessa na voz de Robert. A tensão só foi rompida pelo movimento de cabeça súbito que Robert fez para o final do salão. Acompanhei seu olhar. Clementine surgia. Ela parou por um momento, analisando nosso quarteto, e fez

um sutil sinal para o irmão, dirigindo-se para a saída. Robert voltou-se para nós.

— Bom... Obrigado pela companhia. Queiram me dar licença. Boa noite — afastou-se apressadamente.

Fiquei observando-o atravessar o arco principal, misturando-se ao fluxo de pessoas que se dirigiam para a saída. Era como se a noite, para mim, tivesse chegado ao fim.

— Uau, mãe! De onde foi que ele apareceu!? — Cínthia não conseguiu se segurar e fez um gesto sutil para que se calasse.

Voltei meu olhar para David. Continuava imóvel como se tivesse levado um choque elétrico, os nós dos seus dedos ainda não haviam relaxado totalmente.

— David?

Ele me olhou.

— Nós já vamos embora. Você vem com a gente? — perguntei, embora ele estivesse de carro.

David balançou negativamente a cabeça.

— Não, eu vou para casa. Mas acompanho vocês até a saída.

Fomos para o estacionamento do museu. Cínthia queria chegar logo no carro para fazer suas perguntas, caminhando a nossa frente. Ao meu lado estava um David carrancudo e sério. Quando passamos pela lateral do prédio, meus olhos se desviaram para os arbustos desfolhados, quase esperando ver outra vez o par de olhos vermelhos e brilhantes focados em mim. Estremeci.

— Está com frio? — David perguntou, tirando o casaco.

— Vou ficar melhor quando chegar ao carro — menti.

Seria difícil esquecer aquela visão por uns dias, mas não queria tocar no assunto com David. Cínthia já estava confortável no banco do passageiro, me esperando.

— Laura — David falou, enquanto eu abria a porta do motorista.

— Sim? — esperei que, fosse o que fosse que quisesse me dizer, que não se demorasse.

Queria ir embora, muitas coisas haviam acontecido e estava cansada. Ele refletiu por um momento, depois balançou a cabeça.

— Tome cuidado ao voltar para casa. Boa noite.

— Tudo bem, boa noite para você também.

Deixei o estacionamento. Olhando pelo retrovisor, vi David em pé, fora do carro, observando enquanto nos afastávamos. Assim que atravessamos a *Queens Road* e pegamos o desvio para *Southville*, Cínthia começou seu interrogatório.

— Puxa, mãe, onde foi que você arranjou aquele gato? — disse com admiração.

— Isso é jeito de falar com sua mãe? Olha o respeito — brinquei.

— Ah, mãe, por favor, me conta tudo! — implorou.

Nossa volta para casa se resumiu a isso. Omiti os detalhes da minha estranha visão dos arbustos, não queria assustá-la, mas foi impossível me desviar da enxurrada de perguntas que ela fazia sobre Robert. Na medida do possível respondi com sinceridade, rindo de suas expressões como *fofo*, *sonho* e *colírio para os olhos*.

— Você vai ver ele de novo? — perguntou curiosa.

— Não sei. Ele é irmão de minha chefe, então talvez apareça por lá de vez em quando — dei de ombros, aparentando indiferença.

Seria muito bom vê-lo de novo. Ou, pelo menos, que ele me olhasse novamente daquela forma.

— Nossa, mãe, se ele aparecer não deixa de pedir o telefone. Ele é muito fofo — suspirou.

— Ora, veja só como você está me saindo, sim senhora! Desde quando preciso de conselhos amorosos de uma pivetinha? — brinquei. — Além do mais, não vejo por que ele se interessaria por alguém como eu. Com certeza deve ter alguma namorada, pode até ser casado.

Era impossível imaginar um homem como ele sozinho.

— Você só vai saber se perguntar, ué! — ela disse em tom petulante.

— Cínthia, tenha modos! — franzi a testa.

Ela me olhou séria.

— Escuta aqui, mãe. Você pode falar que sou uma pivete ou qualquer coisa parecida, tudo bem, mas pelo menos eu não fico fingindo, feito criança, que não me interessei por alguma coisa quando, na *verdade*, me interessei sim. Isso é exatamente o que está fazendo. E aquele cara estava paquerando você! Dava para ver que

ele não tirava os olhos — ela esperou um pouco e acrescentou: — Até o David ficou com ciúmes.

Fechei a cara.

— Agora, além de achar que Robert Fevré estava me paquerando, você também quer que eu acredite que o David estava com ciúmes? Entendi direito? — disse num tom de deboche.

— Tá mais do que na cara, só você que não quer ver! Ou acha que o David está sempre por perto por causa da *amizade*? Por favor, mãe, ninguém merece — riu como se eu fosse a pessoa mais imbecil do mundo.

Achei melhor encerrar o assunto. Cínthia era adolescente e nessa idade a imaginação voa longe, perigosamente longe demais. Entretanto, não podia deixar de concordar sobre Robert. O modo como ele me olhou durante todo o tempo não passou despercebido nem por mim nem por ela. Uma nova onda de calor percorreu o meu corpo ao me lembrar das sensações que aquele olhar provocara. Mas David? Com ciúmes? Não, eu não poderia concordar com aquilo. David era meu amigo desde que me conhecia por gente. Apesar da atitude estranha, ele ainda continuava o mesmo. *Amanhã tudo terá voltado ao normal*, prometi a mim mesma.

Tomei um banho para relaxar e afugentar o frio. O vapor tomou conta do banheiro e me senti como uma personagem mítica das Brumas de Avalon, imaginando se desapareceria em terras mágicas e encantadas se mergulhasse fundo na névoa. Quando voltei ao quarto, meu corpo estava bem, mas minha cabeça fervia em recordações agradáveis com um profundo par de olhos castanhos que olhavam dentro da minha alma. Ainda podia sentir o magnetismo, o calor e a energia em cada pedaço da pele, na mão que ele beijou, no toque do meu braço ao me conduzir para o salão, no som da sua voz.

Suspirei profundamente. *Meu Deus, o que está acontecendo?* Nos últimos anos, nenhum homem que se aproximou de mim tinha sido capaz de provocar tamanha reação. Já me considerava imune aos efeitos do sexo oposto, como acontecia com algumas mulheres que se dedicavam ao trabalho e aos filhos. Minha carreira e a educação de Cínthia eram prioridades e, realmente, não sentia falta de mais nada. Se um homem demonstrava interesse, eu tinha uma lista pronta

de respostas que o desestimulariam a tentar avançar mais. E se algum deles conseguia, não durava muito tempo. Pensei que a minha personalidade de mulher independente, responsável e ativa houvesse enterrado profundamente minhas outras necessidades. Que eu estava completa. E então um único olhar, uma curta conversa e alguns poucos toques pareceram perfurar os muros da fortaleza que tão cuidadosamente construí ao meu redor. Nada mais fazia sentido, meus pensamentos, minhas vontades. E meus desejos. Eles vieram à tona com muita força, como a água de uma represa que rompe sua barragem, correndo livre após tanto tempo, deixando o forte impulso de me afogar nelas.

Sacudi com força a cabeça e fui até a janela. Estava deixando a fantasia ir longe demais e era melhor parar. O estresse com certeza fora responsável pelos acontecimentos da noite, me perturbando e fazendo ver coisas. Quase ao mesmo tempo em que pensei a frase, um frio percorreu minha espinha. Sim, havia mais *alguma coisa* que aconteceu naquela noite e, ao contrário, não tinha sido nada agradável. Os arbustos cadavéricos, o vento frio soprando, o silêncio profundo da rua... O vulto negro de olhos vermelhos e flamejantes. Encarando, vigiando, com sua respiração pesada e baixa como um engasgo. Engoli em seco. Nunca fui de acreditar em fantasmas ou seres sobrenaturais, apesar das histórias de terror contadas pelo meu pai em casa e pelos amigos nos acampamentos escolares. Sempre me apoiei em explicações racionais e lógicas para tudo.

No Brasil havia inúmeras lendas e contos folclóricos sobre criaturas míticas, assombrações e seres encantados, mas elas possuíam uma função social importante: a de educar e fortalecer os laços comunitários. Eram heranças passadas através das gerações e estavam entrelaçadas aos usos e costumes de muitas regiões. Tais histórias haviam abandonado, há muito tempo, os grandes centros metropolitanos, sendo substituídas por lendas urbanas às vezes bem menos interessantes e também sem nenhuma comprovação real.

Então por que, naquele momento, não conseguia encontrar uma explicação coerente para a estranha aparição no museu que não esbarrasse em mitos e lendas? Por que tinha a sensação de que aquela *coisa* que estivera lá não poderia fazer parte do mundo que eu

conhecia? E se fizesse, o que ela era? Ou quem? Tremendo, fechei violentamente as cortinas, não querendo correr o risco de imaginar aqueles olhos através dos vidros da janela, e fui para a cama.



O trânsito próximo a *Queens Road* estava lento pela manhã. Havia um desvio logo no início da avenida, o que dificultava a movimentação de veículos. A distância, os guardas de trânsito gesticulavam para os motoristas avançarem e pararem, na tentativa de manter o fluxo em andamento. Ao parar num dos cruzamentos a cerca de 200 metros do museu, pude observar melhor a movimentação. Carros policiais, jornalistas e cinegrafistas estavam no local; paramédicos seguiam com uma maca em direção a uma das ruas. O vento era forte, fazendo a faixa de isolamento balançar quase ao ponto de ser arrancada. Continuei olhando até que os paramédicos voltaram. Havia um corpo na maca, coberto com um tecido escuro, sendo levado à ambulância próxima de onde eu estava. O vento fez parte do tecido voar, deixando à mostra o cadáver de uma mulher. Seu rosto me encarava, a cor acinzentada pelo frio, os olhos abertos como se fitassem o horror em seus últimos momentos, os cabelos longos e vermelhos balançando.

Imediatamente um paramédico o cobriu, não sendo rápido o suficiente para impedir que os fotógrafos aglomerados disparassem os *flashes* e as câmeras de TV fizessem seu trabalho. O guarda acenou para mim e acelerei, dando graças a Deus por sair daquele lugar. Senti uma súbita pena pela mulher naquela maca, sendo filmada e fotografada como um pedaço de carne a ser exibido no noticiário noturno da televisão e nos jornais matutinos do dia seguinte. Contornei o prédio do museu indo para o estacionamento. Os funcionários chegavam quase ao mesmo tempo e se apressavam para entrar e fugir do frio. Fui para a portaria, passei meu crachá digitando a senha e entrei.

— Bom dia, Sra. Vargas — cumprimentou-me Forrest, o guarda do turno da manhã.

— Bom dia, Forrest.

Era um sujeito baixinho, atarracado, com a pele avermelhada e grandes olhos azuis. Os cabelos eram de um louro desbotado, rareando no alto da cabeça, mas ele os penteava cuidadosamente para esconder a calvície. Era uma pessoa com quem eu gostava de conversar. Nós nos demos bem desde meu primeiro dia.

— Parece que o trânsito atrapalhou todo mundo hoje — disse-me, enquanto observava os funcionários. — Quem poderia imaginar que uma coisa dessas aconteceria, não é?

Forrest sabia de algo e aproveitei a oportunidade.

— E o que foi que aconteceu que justifica a interdição da *Queens Road*?

Ele falou baixo, como se não quisesse me alarmar ou chamar a atenção dos que entravam.

— Foi ele. O assassino de Bristol. Ele atacou ontem a duas quadras daqui.

Senti um chute no estômago e abri minha boca.

— Assassino? Quer dizer, aquele dos noticiários? — perguntei com a boca seca.

Forrest concordou com a cabeça.

— Sim, senhora, ele mesmo. O desgraçado mudou de região e resolveu fazer uma visitinha por aqui. O Porto deve estar sem novidades — falou com o desprezo tingindo a voz.

— Mas como você sabe que é o mesmo? Não poderia ser outro?

— Não, é o mesmo. Meu sobrinho trabalha como paramédico do hospital municipal, para onde levaram o cadáver, e ele me contou tudo agora há pouco. Os sinais estão lá: marcas estranhas, perda de sangue acentuada. A polícia já está mapeando a nossa região, procurando por pistas, perguntando se as pessoas viram alguma coisa estranha na noite passada, alguém suspeito.

A tensão me dominou. *Alguma coisa estranha na noite passada*. Talvez uma figura com olhos vermelhos? Depois da tensão, veio o pânico. Se aquilo não foi uma alucinação, teria eu visto o provável assassino? E ele estava bem perto. Eu poderia ter sido sua vítima! O *hall* começou a se inclinar devagar e me controlei para não desmaiar. Estava subitamente frio ali dentro. Forrest não percebeu.

— E tem mais — ele abaixou o tom de voz. — Desta vez foi uma prostituta. Todas as vítimas do maníaco sempre são pessoas de baixa renda, gente esquecida pelas autoridades e mal assistida pela sociedade! É ridículo. Ele escolhe com cuidado para que a polícia não leve as investigações muito a sério.

Continuava meio fora de sintonia, mas consegui responder.

— Espero que consigam descobrir alguma coisa e logo — falei sem muita firmeza.

— É verdade, Sra. Vargas. Quando souber de mais novidades, falo para a senhora. Bom dia.

Acenei com a cabeça e segui para o elevador. Só então me lembrei de um detalhe.

— Forrest, seu sobrinho sabe a que horas aconteceu o crime?

Ele pensou um pouco.

— Humm... Deixe-me lembrar... Segundo o laudo inicial, feito no local do crime, a hora provável da morte foi o período entre as vinte e uma horas e a meia-noite de ontem.

Entre vinte e uma e meia-noite. O horário da exposição. Outras pessoas chegavam e aproveitei que Forrest as cumprimentava para sair dali. Entrei no elevador apinhado e rumei para minha sala. Sentei-me na poltrona, apoiando os cotovelos na mesa e as mãos no queixo. Por sorte Kate, minha assistente, chegava às dez, e isso me daria tempo para pensar. Um assassinato ocorrera a poucos metros de onde estava e eu havia visto *alguma coisa* estranha nessa mesma noite. Comecei a juntar pequenos pedaços da história, procurando dar um sentido lógico a ela, desde as primeiras revelações que David e Jeanete fizeram até minha última conversa com Forrest.

Segundo David, um *serial killer* estava atacando na cidade — agora já eram seis vítimas e dois sobreviventes que sofreram os mesmos tipos de abusos, marcas e perda de sangue. Os ataques aconteceram quase todos à noite, com exceção de um. As vítimas sobreviventes não conseguiam se lembrar de nada, eram pessoas socialmente deslocadas e estavam sozinhas. A região dos ataques era a do Porto e ninguém viu ou ouviu nada. Mas, então, se o assassino era o mesmo, havia algo errado. Por que ele mudou o padrão dos ataques? Não parecia inteligente atacar num local tão

movimentado, onde certamente alguém poderia vê-lo e denunciá-lo. *A não ser que desejasse notoriedade.* Lembrei-me de uma matéria sobre psiquiatria forense, que li na universidade, apontando certos aspectos da personalidade de maníacos em série.

Segundo os médicos, no dia a dia eles eram pessoas absolutamente normais, o que dificultava a identificação, e procuravam principalmente satisfazer desejos reprimidos, em geral porque sofreram abusos na infância. A sensação de poder sobre as vítimas supria essa necessidade. Em alguns casos, o fato de receberem atenção da imprensa e do público funcionava como uma catarse para a carência emocional. Isso poderia explicar a mudança de local para os ataques do assassino de Bristol: a mídia. Mas e se, além do local, ele também estivesse pensando em alterar o perfil das vítimas?

Relembrei os detalhes da noite passada, a escuridão das ruas paralelas, a visão surreal dos olhos vermelhos à espreita, me vigiando, como uma cobra pronta a dar o bote. Encostei-me no assento, franzindo a testa. E se aquilo não fosse produto da minha imaginação? E se de fato fiquei a poucos metros do assassino? Eu poderia agora estar no lugar da jovem de cabelos vermelhos e pele cinzenta no necrotério da cidade! Até aquele momento todas as explicações que cogitei eram compatíveis com lendas urbanas, alucinações provocadas pela mente cansada, fruto da imaginação. Não havia aceitado a hipótese de que pudesse ser real! E o horário do ataque coincidia com o da exposição. Embora não me lembrasse com exatidão que horas eram quando fui para fora do prédio, tinha certeza de que passava um pouco das vinte e duas. Algum instinto primitivo de sobrevivência me fez olhar na direção daquela aparição, eu reagi e escapei, ou a proximidade a tanta gente pode tê-lo assustado, pois ele desapareceu assim que saí correndo. Ele preferia atacar pessoas sozinhas.

Senti náuseas. Minha mente lógica não conseguia aceitar o fato de quase ter sido uma vítima em potencial de um assassino, mas os instintos apontavam o contrário. Ou era coincidência demais ou estava começando a ficar paranoica com histórias de crimes misteriosos nas páginas policiais.

Havia, porém, um detalhe que não se encaixava: os olhos vermelhos em brasa. Eu já vira viciados em drogas e pessoas com problemas de visão, mas nenhuma dessas experiências poderia explicar aquilo. Foi como encarar um daqueles personagens de filmes de terror baratos, com as pupilas dilatadas, ameaçadores e letais.

Uma batida na porta me fez pular. Kate entrava, o rosto pálido e assustado deixando seus olhos ainda maiores. Ela trazia o jornal.

— Bom dia, Kate.

— Bom dia, Sra. Vargas — respondeu em seu tom tímido.

— Por favor, já disse que pode me chamar de Laura.

— Sempre me esqueço. Desculpe-me — ficou vermelha.

— Não tem problema — sorri para ela, embora não estivesse me sentindo bem.

Kate não se moveu, parecia nervosa também. Assim como os outros, ela deveria saber das notícias.

— A senho... Quero dizer, você deseja alguma coisa? — perguntou.

Bom, era melhor começar a trabalhar e tentar esquecer um pouco aquela maluquice.

— Sim, Kate. Gostaria que fosse até o almoxarifado e pegasse esse material — passei-lhe uma lista —, e pode, por favor, trazer um café bem forte? E traga um para você também, parece que está precisando — concluí.

Ela acenou com a cabeça e ia saindo quando o interfone tocou. Kate atendeu.

— Escritório da Sra. Vargas — ouvia com atenção. — Sim, avisarei a ela — desligou. — Era a Sra. Chaplin. A Srta. Fevré pediu uma reunião para as onze horas na sala dela.

— Obrigada, Kate.

Às dez e quarenta e cinco deixei instruções para Kate e segui pelo corredor até o escritório de Clementine. Levava na pasta o jornal da manhã, que trazia ampla cobertura sobre o evento da noite anterior, e na agenda algumas sugestões nas quais estivera trabalhando e que gostaria de discutir com ela. Fiquei surpresa quando não vi Edith sentada em sua mesa guardando a entrada da porta da diretora. Sempre a imaginei como uma estátua de mármore fixada ao chão ou

um daqueles cães de guarda bem treinados. A porta da sala de Clementine estava entreaberta e pude ouvir vozes que discutiam no interior. Ela não estava sozinha.

Caminhei mais devagar, tentando não fazer ruídos. Era sem dúvida uma discussão, mas eles falavam em voz baixa, quase sussurrada. Não dava para saber quantas pessoas estavam na sala, as vozes se alternavam e, às vezes, falavam ao mesmo tempo. Só que... Não conseguia entender o que diziam. Parecia outro idioma. Pude reconhecer algumas palavras em francês, mas de sonoridade arcaica. Como Edith não estava, fiquei parada, esperando. Não seria educado bater. Apurei os ouvidos para tentar escutar melhor, apesar da distância entre a porta e eu.

Os murmúrios cessaram, de repente. O silêncio tomou conta da sala e preencheu a recepção. Então uma voz comandou:

— Entre — o timbre era inconfundível.

Respirei fundo e entrei, parando logo em seguida. Clementine estava em pé ao lado da mesa. Na sala havia um garoto, bem jovem, de cabelos escuros desgrenhados. Seus olhos eram negros e brilhavam como os de um adolescente divertido, o rosto corado contrastando com a pele de marfim de Clementine. Suas roupas eram mais despojadas, *jeans* e um suéter azul, com uma jaqueta de couro envelhecida de boa marca. Ele me olhou e sorriu um sorriso franco de aprovação, dos mais sinceros que já recebi. Gostei dele naquele exato momento.

Parado no canto direito, próximo à estante — meu coração disparou quando o vi —, estava Robert, vestindo uma blusa creme de gola alta e calças cinza. Os olhos castanhos encontraram os meus e senti a mesma necessidade me dominando, forte como na noite anterior. Forcei-me a desviar do seu olhar insistente e agir normalmente. Apesar da aparente tranquilidade, havia a tensão da discussão interrompida.

— Bom dia, Srta. Fevré. Espero não estar atrapalhando nada.

— Não está. Nós já tínhamos acabado — virou-se para os outros:
— Continuaremos esse assunto mais tarde. Agora tenho uma reunião.
Robert riu.

— Qual é a graça? — perguntou Clementine, fulminando-o com os olhos.

— Sempre mal-educada! — exclamou, divertido, mas pude perceber que ele a recriminava com delicadeza. — Se não tivesse me antecipado ontem, provavelmente você jamais teria me apresentado a sua nova colaboradora no museu, apesar do excelente trabalho que ela realizou, admita. Não acha que deveria, por gentileza, fazer as honras hoje?

O olhar que ela lançou foi terrível, mas ele sustentou com a mesma intensidade. O garoto divertia-se com a situação. Eu apenas esperava.

— Laura — chamou-me pelo nome, algo fora de suas regras —, creio que conhece meu irmão, Robert — gesticulou para ele.

— Sim, já nos conhecemos.

Clementine percebeu o olhar do irmão sobre o meu rosto e, rapidamente, apontou para o garoto que se espreguiçava.

— Esse é meu sobrinho, Eric. Essa é Laura Vargas.

Ele pulou do sofá e veio na minha direção.

— Muito prazer — disse radiante. — Nossa, você é *bem* mais bonita do que me disseram!

Robert olhou-o como se quisesse degolá-lo. Eric apenas deu uma piscadela para ele, divertindo-se. *Então andaram falando sobre mim? Hummm.* Sorri para Eric. Sua presença era bem relaxante e me encorajou. O jeito debochado me fez lembrar Cínthia.

— Espero que não tenha ouvido nenhum exagero a meu respeito — falei, dessa vez olhando diretamente para Robert.

— Pelo contrário — Eric riu —, fizeram questão de me esconder muita coisa — seu tom era brincalhão, de quem traiu um grande segredo sem temer as consequências.

— Bom, agora que as apresentações estão feitas, nós duas temos assuntos a tratar, se nos derem licença — inquiriu Clementine.

Eles a olharam. Eric foi o primeiro a se despedir.

— Foi um grande prazer, Laura, até mais — gingou o corpo porta afora.

Robert me olhou e tive a sensação de que a última coisa que queria era sair dali.

— Conversamos outra hora. Foi um prazer rever você — disse e se foi.

A porta fechou-se e estávamos sozinhas. Clementine sentou-se em sua mesa e ocupei o lugar em frente. Ela não estava à vontade, parecia incomodada com algo, mas continuou:

— Em primeiro lugar vou deixar um pouco as formalidades de lado. Sei bem o que dizem a meu respeito pelos corredores e fora daqui, e espero que tenha discernimento suficiente para entender que grande parte é bobagem — seu tom me pegou de surpresa, não era o tipo de conversa que eu esperava. — Na posição em que me encontro, as responsabilidades pesam. Quando você chegou, eu estava muito envolvida com a organização de toda a exposição e enfrentando uma série de... dificuldades, que me impediram de procurar ter um maior contato com você e seu trabalho — admitiu. — O que fez foi muito bem arquitetado, eu não poderia ter pensado nada melhor naquele momento, e sinto que você é a pessoa que eu procurava para estreitar os laços com os artistas locais. Todos a elogiaram muito ontem. Você pode ter dado início à criação da ponte que faltava entre o clássico e o contemporâneo.

Ainda não falei nada.

— E em segundo lugar — continuou Clementine —, quero, a partir de hoje, torná-la responsável pela organização da mostra de arte no início da primavera. Até lá, nossa prioridade serão as visitas à exposição de Van Gogh, mas o início da primavera traz sempre muitos turistas a Bristol e tenho certeza de que o bom relacionamento que criou com os artistas poderá render frutos. Você receberá tudo o que precisar, dentro do orçamento previsto, para organizar da melhor forma possível esse evento. Teremos reuniões para verificar os avanços e em qualquer dificuldade deverá se reportar a mim.

Ela parou de falar. Eu fazia anotações e, quando levantei os olhos, ela me fitava com uma expressão de análise. Esperando que eu dissesse alguma coisa. Os olhos verdes estavam mais claros hoje, em contraste com o verde esmeralda da noite. Fechei minha agenda.

— Agradeço pela confiança — falei educadamente. — Eu havia pensado em trabalhar mais com os artistas locais e até fiz uma lista com possibilidades que poderíamos explorar...

A próxima hora que passei no escritório foi dedicada a estratégias e planos futuros. Clementine era uma pessoa bastante aberta a sugestões quando não queria intimidar ninguém. Ela deu o toque final em nossa reunião.

— Isso é tudo, então. Quero que me apresente os cronogramas até o final de semana.

— Certo — disse, pegando minha agenda e pasta e indo para a porta.

— Ah, Laura — chamou, como se tivesse se esquecido de algo. Durante o tempo em que estive ali ela não se referiu a mim como Sra. Vargas. — Creio que deve ter ouvido falar do assassinato que aconteceu na noite passada.

Não era uma pergunta, mas uma afirmação. Meu estômago gelou.

— Sim, eu soube. Fiquei presa no trânsito por causa dele.

Seus olhos se estreitaram.

— Nesse caso é bom que eu a avise: a polícia está investigando e teremos a visita de alguns detetives hoje à tarde. Eles querem falar com os funcionários que estavam presentes na exposição para saber se alguém viu ou ouviu alguma coisa.

Minha boca secou. Clementine olhou diretamente nos meus olhos.

— Por acaso notou algo diferente ontem?

O que eu poderia responder? *Olha, para ser sincera, sim. Vi uma figura alta e escura que me olhou com os olhos do diabo!* Ou então: *Não vi nada que fosse normal, apenas uma coisa anormal. Quem sabe um demônio fugido da Irlanda?* Mas qualquer resposta sincera que eu desse colocaria em dúvida meu estado mental. Optei pela versão adequada.

— Não, nada de diferente.

Ela assentiu vagarosamente com a cabeça, ainda me olhando, parecendo surpresa.

— Muito bem. Manterei você avisada sobre as reuniões — era uma dispensa.



O restaurante do museu estava quase vazio. Havia me atrasado na reunião com Clementine e a maioria dos funcionários já havia almoçado. Normalmente Kate me acompanhava, mas ela precisou sair mais cedo para uma consulta médica. Sentei-me numa mesa afastada e fiquei olhando a comida. Não estava com fome, apenas precisava de tempo para pensar. A polícia viria e faria perguntas. Quatro pessoas morreram, vi uma delas, e talvez eu fosse a única testemunha de alguma coisa estranha que ocorreu. Não parecia certo omitir essa informação, mas o que pensariam de mim se falasse? Queria, acima de tudo, poder esquecer aquela visão, mas ela insistia em me perseguir. Mesmo aqui, em plena luz do dia — metaforicamente falando, já que estava no subsolo —, tinha a sensação daqueles olhos me fitando. Belisquei a comida devagar, procurando decidir o que fazer. Tinha pouco tempo para isso.

— Desculpe-me, mas esse lugar está reservado?

Lá estava ele, sorrindo, parado ao lado da cadeira. Também sorri. Pelo menos, não precisaria decidir nada agora.

— Até o momento não. Mas quem sabe o que ainda pode acontecer? — acrescentei, provocando.

— Nesse caso é melhor que eu não dê sorte ao azar — Robert dizia, sentando-se descontraído, colocando os cotovelos na mesa.

— Está servido? — ofereci.

— Não, obrigado, eu já almocei. Fique à vontade — desculpou-se, sorrindo.

— Espero não ter interrompido nada de importante hoje pela manhã.

— Não interrompeu, era só um assunto familiar, nada de mais.

Voltei a beliscar a comida, pensando em puxar algum assunto, mas ele foi mais rápido.

— Tem uma filha muito bonita. Só não se parece com você.

— Ela puxou ao pai.

— Imaginei que sim. Clem me disse que é viúva — acrescentou.

Ouvi-lo chamar Clementine por um nome tão informal soava engraçado. Pelo visto, era *óbvio* que ela tinha falado de mim. Ou será que foi *e/le* quem quis saber?

— Sim — respondi meio azeda.

Os olhos dele mudaram.

— Esse assunto a incomoda? Não é minha intenção.

— Na verdade não, já superei isso. Faz muito tempo.

Ele não fez comentários.

— Você também tem um belo filho — soltei essa.

— Como é? — ele pareceu surpreso.

— Seu filho. Eric. O garoto que sua irmã me apresentou pela manhã.

Ele deu uma risada baixa, a compreensão tomando seu rosto.

— Você pensou que o Eric fosse meu filho? — continuou sorridente.

— E não é? — seria natural. Clementine o apresentou como sobrinho e eles se pareciam muito, principalmente nos olhos e cabelos.

— Não, ele não é — havia uma pontada de tristeza em sua voz, como a de um desejo impossível. — Eric é... Bom... Tipo um sobrinho de uma tia-avó sabe lá de onde. É um parente distante, está conosco há pouco tempo.

— Ahh — exclamei. — Ele é bem simpático. É sempre tão brincalhão?

— Sempre. Chega a ser chato às vezes. Mas é um bom garoto — parecia gostar sinceramente dele.

Concordei com a cabeça.

— Está gostando de viver na Inglaterra? Soube que veio do Brasil — seu olhar era tranquilo.

— Estou me ajustando, não é tão difícil. Meu pai era inglês e passei grande parte da vida cá e lá.

— Seus pais estão no Brasil?

— Não, eles morreram há um bom tempo — engasguei um pouco. Sentia saudades. Ainda era dolorosa a recordação.

— Sinto muito, sei como é difícil — o tom de tristeza oculta em amabilidade mostrava que sentimentos de perda não eram uma exclusividade minha.

— E você? Nasceu na Inglaterra? — queria saber mais sobre ele.

— Não. Minha família é do sul da França. Já vivemos em alguns lugares e agora nos estabelecemos aqui.

Isso explicava as palavras em francês sussurradas pela manhã. Tentei cutucar mais.

— Vocês não parecem franceses, nem têm sotaque — observei.

Ele sorriu.

— Nós crescemos em colégios internos, aprendendo vários idiomas. Isso diminuiu muito a força do sotaque.

Concordei. Lembrei-me de David mencionar que Clementine falava umas doze línguas, mais ou menos.

— E não pretendem voltar para a França? — *seria uma pena, é claro*, quis acrescentar.

— Não. Temos muito trabalho por aqui e nos estabelecemos bem. É como eu disse: estivemos em muitos lugares, agora exploramos a velha Inglaterra.

— Falando em trabalho, o que você faz? — minha curiosidade me impelia a perguntar.

— Sou arquiteto, mas gosto do mercado de antiguidades. Pode-se dizer que é uma especialidade de família. Temos intimidade com coisas antigas — sorriu.

Tive a impressão de que estava perdendo alguma piada, mas seu sorriso era tão cativante que deixei passar.

— E você também parece ter a mesma afinidade — ele continuou.

— Herdei de minha mãe, eu acho — concordei com ele. — Ela era uma artista, apaixonada por história da arte e museus. Não foi difícil seguir os mesmos passos. Nós costumávamos visitar os museus aqui de Bristol.

— Então você também é uma artista?

— Não. Minha mãe era — desfiz a confusão rapidamente. — Ela pintava e era escultora. Quem puxou esse talento foi minha filha, que pinta muito bem quando está de bom humor. Não me atrevi a tanto, apenas tomei amor pela história da arte e decidi pela carreira de museóloga para ficar perto desse mundo. É muito fascinante.

Mas não me parecia tão fascinante naquele momento. Pelo contrário, não era nada comparado ao que a presença dele me provocava. Tomei um gole de água.

— Acho que não estou deixando você comer com a minha tagarelice — ele observou.

— Não estou com muita fome, foi uma manhã bem agitada — mordeu a língua, ansiosa e arrependida por comentar aquilo.

— Eu soube — ele respondeu, o bom humor sumiu. — Os jornais terão muito que explorar, com certeza. As manchetes policiais sempre rendem muitos leitores.

— E o que você acha sobre isso? — eu quis saber.

Ele deu de ombros.

— Vivemos num grande centro urbano, com suas estatísticas de crimes assustadores e sem solução. Quem pode realmente saber o que acontece, não é? Não há testemunhas, a polícia está se virando como pode — parecia tranquilo ao falar.

Fiquei calada. Ainda estava nervosa com aquela situação em particular e não queria trazer o pânico mudo de volta tão cedo. Como se percebesse meu estado de humor, ele mudou de assunto.

— O que costuma fazer nos finais de semana? — perguntou animadamente.

Aí estava uma pergunta que eu não esperava.

— Bem, em geral fico em casa. Levo muito serviço e gosto de deixar tudo organizado. Ainda não tive tempo para pensar em *final de semana* — e era verdade, minha vida se resumira ao trabalho novamente.

— Você deve ser mesmo do tipo *workaholic*.

— E você não é o primeiro a dizer isso — falei um pouco desanimada.

Minha vida social nunca me pareceu tão monótona.

— Isso poderia ser remediado. Clem tem te explorado tanto assim? — ele estava desconfiado do meu tom.

— Não.

— Então não costuma fazer nada de divertido?

— Depende... Ser atingida por bolas de neve por uma filha adolescente entediada conta? — revirei os olhos.

Ele deu risada, fazendo uma careta.

— Acho que conta sim, mas creio que as opções poderiam ser ampliadas.

Senti uma espécie de convite na insinuação. *Fique na sua, não pense bobagem.*

— Não duvido que haja opções, só não parei para procurar por elas.

— Isso também poderia ser remediado — ele falou, olhando para mim.

Um fluxo quente subiu da minha barriga em direção ao peito. A garganta se apertou e esperei pelo convite que soava inevitável. E se viesse, o que faria? Usaria uma das desculpas da lista que tinha preparada na memória, tipo: *desculpe-me, mas tenho muito trabalho*, ou *minha filha está doente*, ou ainda *obrigada, mas meu namorado não vai gostar disso*? Conseguiria usar esses truques com ele? Queria usá-los?

— Estou interrompendo?

Não tive oportunidade de saber. David estava parado a meio metro da mesa, olhando-nos. Ou melhor, olhando de um para o outro.

— David, que surpresa — tentei parecer animada. — O que faz aqui? — geralmente ele não aparecia no museu, almoçava na universidade.

Ainda nos observando, falou:

— Vim ver se estava bem. Fiquei sabendo do... Bom, das notícias hoje de manhã, e achei que poderia precisar de alguma coisa — seu tom era relutante, como se não quisesse falar na presença de Robert.

— Obrigada, David, mas estou bem. Pena que não posso dizer o mesmo da pobre moça que foi atacada — senti um arrepio ao me lembrar de seu rosto na maca. — Só me atrasei um pouco por causa do trânsito, mas foi muita gentileza sua vir saber.

— Não foi nada. Mamãe ligou, estava preocupada com você. Disse que vai a sua casa à noite — ele continuava ignorando Robert totalmente.

— Jeanete não muda mesmo — olhei para o relógio. — Preciso ir — levantei-me da mesa, a comida quase intocada. — Desculpem-me, está no meu horário.

Robert também se levantou. David o olhava. Ou *vigiava* com os olhos, seria a expressão correta.

— Tenho que ir também. Falo com você mais tarde — David inclinou-se para me dar um beijo no rosto, o que era incomum. Cumprimentou Robert com a cabeça e se foi.

Enquanto pegava minha bolsa, ele comentou:

— Seu *amigo* é muito preocupado com você.

Dei de ombros. Estava com um pouco de raiva de David, ele havia estragado o clima.

— Somos amigos desde a infância, conheço toda a família dele.

Não houve comentários. Robert me acompanhou até minha sala.

— Você não comeu nada, espero que não fique com fome — observou.

— Posso pedir um café depois, se precisar — afirmei.

Ele sorriu, os olhos estreitados no meu rosto. Pegou minha mão e a levou aos lábios.

— Mais uma vez, obrigado pela companhia — e segurou-a delicadamente, por mais tempo que o necessário.

Dessa vez foi Kate quem apareceu, voltando do médico. Soltei a mão. *Será que as interrupções não acabam nunca? Droga.*

— Boa tarde — ela nos cumprimentou, parada à porta. Seu rosto ficou vermelho.

Robert acenou com a cabeça, olhou-me e se foi.

Como Clementine havia avisado, dois investigadores da polícia estiveram no museu no período da tarde. Conversaram com os funcionários, fazendo perguntas do tipo *a que horas você chegou ou saiu, se notaram algum movimento estranho no quarteirão* ou *se ouviram algo*. Para mim, o momento mais tenso foi o esperado.

— A senhora percebeu alguma coisa diferente na noite passada? — perguntou o investigador magro, de aparência irritadiça.

— Não, não vi nada — respondi mecanicamente. Havia decidido não comentar minha estranha visão.

Ele terminou seu breve interrogatório, parecendo enfadado, e se foi. Olhei o relógio: eram três da tarde. Poucos minutos depois, Kate entrou em minha sala acompanhada de um entregador. Ele carregava uma imensa cesta decorada.

— É a Sra. Vargas? — perguntou.

— Sim — respondi, olhando para o embrulho.

— Por favor, queira assinar aqui — estendeu uma folha de papel azul.

Sem entender muito bem, fiz um rápido rabisco enquanto ele depositava a encomenda sobre minha mesa e saía. Era uma cesta completa de chá inglês, com frutas, queijos, torradas, chocolates, geleia, suco, chá, café e leite, além de biscoitos amanteigados, pães doces com frutas e bolos, tudo acomodado numa cesta de vime envelhecida com uma bela toalha bordada em padrões de minúsculas flores. Havia também rosas vermelhas lindas e um cartão azul.

“Não gostaria que ficasse com fome por minha culpa.

R.F.”

Olhei do cartão para a cesta, completamente sem ação. Não sabia dizer como, nem por que, mas sentia que uma coisa importante estava começando.



Jeanete estava em casa quando cheguei e correu em minha direção, apavorada com a história do assassino. Cínthia achava emocionante.

— Já pensou, mãe? Nós estávamos bem perto de tudo! O *serial killer* da cidade estava lá — para ela, era como viver uma história de terror policial.

— Ah, por Deus, Cínthia! — recriminou Jeanete. — É muito perigoso. Esse assassino é o demônio e a polícia não faz nada para detê-lo. Quantas pessoas mais ele vai ter que matar? É essa droga de governo que não presta mesmo — continuou resmungando.

Cínthia estava curiosa com a cesta, mas disse que foi um presente do museu pelo trabalho da exposição. Não queria especulações amorosas. Provavelmente ela iria devanear com Romeu e Julieta ou qualquer outro personagem de seu repertório romântico. O cartão estava escondido em minha carteira, e assim não havia nenhuma evidência contrária. David apareceu também, conforme prometera. Não estava de bom humor e tive a impressão de que ele queria ficar sozinho comigo. Justamente por isso fiz questão de permanecer na

sala, com todos, vendo os noticiários da TV. E é claro que o último assassinato do maníaco estava lá.

... Segundo fontes oficiais, a polícia não tem suspeitos, embora uma lista de prováveis homicidas esteja circulando extraoficialmente entre a população. Há ainda aqueles que afirmam se tratar de uma nova versão de Jack, o famoso estripador londrino do século XIX, embora os métodos utilizados sejam totalmente diversos; alguns fanáticos dizem que o assassino é o próprio Jack, revivido...

— Isso é ridículo! — exclamava David. — As pessoas não podem pensar numa coisa melhor e mais criativa?

... Há poucas horas, um novo laudo foi divulgado. Segundo os legistas, assim como nos outros corpos, uma substância tóxica de origem orgânica foi encontrada na vítima. Por tratar-se de substância desconhecida na medicina forense, especula-se se ela foi responsável direta ou indireta na morte e nos possíveis danos cerebrais que levaram os sobreviventes a não se lembrarem dos ataques que sofreram...

— O que é uma substância tóxica orgânica? — Cíntia perguntou.

— É algo como o veneno de cobra — respondi. — Ela possui toxinas que paralisam o sistema nervoso central e fazem a vítima ficar indefesa. Mas não faz sentido. Por que ele usaria uma substância orgânica e não sintética?

— Não entendi — Cíntia continuou.

David explicou.

— Uma substância orgânica é produzida por um ser vivo. As sintéticas são feitas em laboratórios. Para atacar alguém, seria mais fácil usar um produto industrial, de fácil acesso.

— Quer dizer que esse cara usa veneno de cobra para matar as pessoas? — ela arregalou os olhos.

— Não — dei risada —, não é isso. Ele usa algum tipo de toxina de *origem* orgânica, não quer dizer que seja veneno de cobra, isso é só um exemplo. E a polícia também não tem certeza, ainda estão pesquisando.

Era realmente estranho. A toxina encontrada não era conhecida por nenhum patologista ou legista.

— Isso está me dando nos nervos — reclamou Jeanete. — Já não posso dormir direito com seu pai reclamando e agora não vou conseguir mesmo pensando se um assassino vai entrar na minha casa — olhou para mim — ou na sua!

Eu a abracei bem pertinho.

— Fique tranquila, Jean, não vai nos acontecer nada. Tire essas ideias absurdas da cabeça.

Mas eu não estava tão calma quanto aparentava. Algo me inquietava lá no fundo. Na saída, enquanto Jeanete esperava no carro, David retardava o passo até o portão.

— Laura — falou enfim.

— O quê?

— Queria perguntar uma coisa, mas não quero que fique chateada com isso — ele parecia desconfortável.

— Pode perguntar o que quiser, David. Somos amigos, não somos? — fiz questão de deixar claro.

Ele me encarou e pude ver a indecisão no olhar, como se o que fosse dizer pudesse abalar aquela certeza, até então sólida. Percebi a dúvida cedendo lugar à convicção quando sua expressão mudou.

— Você está interessada em Robert Fevré? — direto e objetivo.

Vestígios de raiva estavam por trás de cada sílaba pronunciada e me fizeram lembrar o comentário de Cínthia, sobre o ciúme de David. Fazia sentido agora, e aquilo me magoou. Só que não era do meu interesse enganar ninguém, muito menos deixar a impressão errada ou iludir quem quer que fosse. Principalmente David. Respirei fundo.

— Se eu estiver, David, qual seria o problema? — olhei-o com intensidade.

Pude ver a mistura de reações em seu rosto com essas palavras. Ele foi da frustração ao desespero, da indignação à raiva, do carinho à possessão. Aquele não era o David que conhecia, nunca o tinha visto daquela maneira. Quando, finalmente, ele relaxou a expressão, espremeu as palavras entre os lábios:

— Ele não é bom para você.

— Baseado na opinião de quem? — retruquei pouco amistosa.

David não encontrava palavras para me responder. Pelo menos as que fizessem sentido.

— Ele... Você nem sabe quem ele é! Nunca o viu antes. Como pode dizer que está realmente interessada em alguém que não passa de um completo estranho? — seu tom era de repugnância.

Isso me irritou.

— Em primeiro lugar, David, isso não é da sua conta — tentei ser gentil, mas foi impossível, pois ele me olhava como se eu estivesse cometendo uma loucura. Logo eu. — Por mais que você seja meu amigo, e eu o adoro por isso, minha vida pessoal não lhe diz respeito.

Ele abriu a boca para falar, mas o interrompi.

— E em segundo lugar, como pode julgar as pessoas desse jeito? *Ele não é bom para você* — imitei seu tom. — Isso é um completo absurdo! Você nem sequer se deu ao trabalho de *conversar* com ele. Pelo contrário, faz de conta que ele não existe quando está por perto. Isso não é uma atitude muito madura.

— Quer dizer então que você está interessada? — perguntou, o brilho estranho no olhar.

— Quero dizer que é problema meu! E só meu! — estava nervosa agora.

Ele não disse mais nada. Desceu os degraus da escadaria de costas para mim, como um estranho faria. Ou um visitante indesejado. Ou as duas coisas.

— Realmente espero que não se arrependa do que está fazendo — falou sobre os ombros, sem se virar, e caminhou até o carro.

A partir daquele momento meu relacionamento com David tornou-se difícil. Éramos como irmãos brigados, que ainda se gostavam, mas os dois lados não facilitariam uma reconciliação. Ele não aparecia em casa a não ser para pegar Jeanete, às vezes. Eu me ressentia da distância, mas não poderia permitir que se intrometesse na minha vida daquela maneira. Jeanete percebeu que alguma coisa estava errada e tentava, na medida do possível, consertar.

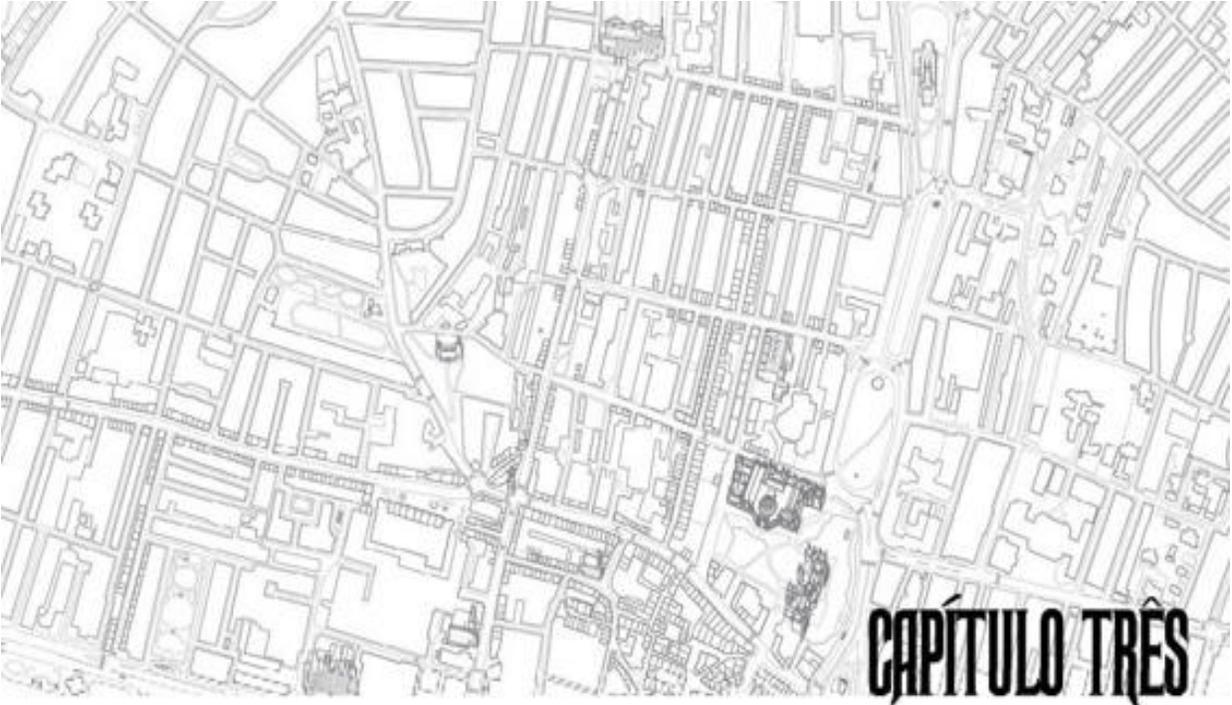
— O David é assim mesmo, Laura, ele se preocupa muito com você — falou numa manhã. — Desde que eram crianças gostava de ser protetor, lembra-se? Como daquela vez em que você caiu do corrimão da escada, enquanto brincavam que era a princesa e ele o cavaleiro que a defenderia do dragão...

Jeanete falava de memórias da infância, fantasias e brincadeiras de faz de conta. Eu pensava no tempo atual, onde a verdade muitas vezes dói, mas é necessária, é real. Por mais protetor que quisesse ser, ele havia passado dos limites.

— Eu sei, Jean. Só que não sou mais criança, e o David também. Ele precisa parar com isso.

Jeanete me olhou com tristeza. Achei que diria algo por um instante, mas desistiu.

[1. Children in Need](#) – Campanha anual realizada pelo Reino Unido, apresentada pela rede de TV BBC, com o intuito de angariar fundos para instituições de caridade que trabalham com o atendimento a crianças necessitadas. Artistas famosos participam todos os anos dessa campanha.



Livro Um – Capítulo Três

Depois que a cesta de chá fora entregue, sempre que chegava à minha sala todas as manhãs encontrava uma rosa vermelha sobre a mesa. Um perfume delicado se espalhava pelo ambiente. A solitária flor parecia ter sido colhida há poucos minutos, coberta de orvalho. Ao lado dela um cartão com apenas duas letras: RF. Como se tornara um hábito, pegava-a e aspirava, sorrindo devagar, e a colocava no vaso da mesinha lateral. Quando Kate chegava e via uma rosa a mais, sorria timidamente.

Era uma quinta-feira de novembro quando o telefone tocou e Kate atendeu.

— É sua filha, Laura.

Olhei espantada. Cínthia geralmente me ligava no celular, o telefone do museu era para alguma emergência. Atendi rápido.

— O que foi, Cínthia?

— *Calma, mãe, que foi?* — falou despreocupadamente.

— Eu é que pergunto. Por que não me ligou do celular?

— *Porque a bateria acabou. Simples, não?*

Realmente, muito simples.

— E o que foi que aconteceu? — ela estava na escola. — Não aprontou nada, não é?

— *Relaxa, mãe, tá tudo bem. É que queria te pedir uma coisa e preciso confirmar agora.*

— O que é? — fiquei curiosa.

— *Lembra da Caroline, aquela amiga que foi estudar em casa comigo?*

Era uma das novas amigas que Cínthia fizera na escola, que a ajudou em algumas matérias complicadas e a se adaptar à nova rotina de semestres invertidos do Reino Unido. Os pais dela eram muito simpáticos.

— Claro que me lembro.

— *Então, é o seguinte: os pais a deixaram dar uma festa do pijama no sábado, só que querem confirmar hoje para saber quantas garotas vão. Posso ir?*

Festa. A palavra mágica para Cínthia.

— A que horas vai ser?

— *Bom, se eu disser que vou, a mãe dela vai me pegar em casa ao meio-dia no sábado.*

— Meio-dia? Não é um pouco cedo para festas do pijama? — retruquei.

— *Ai, mãe!* — ela ficou exasperada. — *É claro que é cedo. Só que queremos passear na Broadmead antes, almoçar fora e depois vamos pra casa dela.*

Bom, pelo menos ela não poderia reclamar que seu final de semana seria sem graça, de novo.

— *E então, posso ir?* — perguntou ansiosa.

— Pode, mas com algumas condições...

— *Já sei, mãe: dever de casa feito, quarto arrumado, nada de pijamas escandalosos e pedir para a mãe dela te ligar. Acertei?*

Presunçosa como sempre.

— Muito bem, só se esqueceu de uma coisa — arrisquei para irritá-la.

— *O quê?* — podia ouvir o cérebro dela se agitando.

— Seu ursinho, ele vai se sentir muito solitário — dei risada.
Ela bufou na linha.

— *Mãe, você me irrita! Agora tenho que ir, já tocou o sinal. Tchau!* — bateu o fone no gancho. Continuei rindo. Era muito fácil irritar Cíntia.

Pontualmente ao meio-dia de sábado, a mãe de Caroline estava lá e Cíntia pulou no banco traseiro com uma mochila cheia de pijamas, roupas, maquiagem, CDs e DVDs. Um arsenal! Atirou um beijo para mim e se foram. Entrei em casa sentindo o cheiro bom da comida de Jeanete.

— Espero que esteja com fome — ela me falou alegremente.

E estava. Ficamos sentadas na cozinha, comendo, conversando sobre vários assuntos. A certa altura, perguntei com uma pontada de tristeza:

— Como está o David, Jean?

Ela olhou para a comida enquanto respondia.

— Dando muitas aulas. Ele pegou algumas a mais por causa de um professor que tirou licença médica, então tem vindo pouco para cá — tornou a comer.

— Ele ainda está com raiva de mim? — não gostava de pensar que isso seria possível.

Ela me encarou. Seus olhos cinzentos cheios de sabedoria transbordando com as lágrimas que não queria deixar rolar.

— Laureen, o David sente muita coisa por você, eu sei, mas nunca raiva. Isso não.

Baixei meus olhos e encarei a toalha bordada.

— Desculpe-me, Jean, não queria que fosse assim. Só gostaria que ele continuasse a ser o meu amigo de sempre — falei com tristeza.

Ela respondeu no mesmo tom.

— Não se pode ter tudo o que se quer ao mesmo tempo, querida. Ele também sabe disso.

E nossa conversa se encerrou dessa forma. Depois que ela foi embora, fiquei sentada na sala, olhando para a lareira apagada, procurando a razão para as coisas terem mudado tanto. Fui arrancada da minha sequência de pensamentos pela campainha.

Levantei-me sem muita vontade para atender e abri a porta. Então, a surpresa: não havia ninguém. Olhei para os lados, mas não havia viva alma por perto. Estava frio, não ventava, e as pessoas se escondiam dentro de suas casas confortáveis. Dei um passo incerto e senti algo sob meus pés. Era uma rosa. Uma rosa vermelha! Minha barriga gelou.

Abaixei-me para pegá-la e vi o cartão amarrado à flor.

“Siga a trilha que conduz à Estrada dos Tijolos Amarelos.

R.F.”

Estrada dos Tijolos Amarelos? Seguir a trilha? O que ele queria dizer com aquilo? Olhei para frente e tive outra surpresa: sobre os degraus da escada da varanda, seguindo pelo calçamento até a entrada, havia uma grossa trilha de pétalas de rosas vermelhas. Ao chegar ao portão, elas faziam uma curva para a direita. *Siga a trilha.* Peguei meu casaco e bolsa no *hall*, tranquei a porta e segui o caminho de pétalas. Virei à direita e ele continuava até a próxima esquina. Quando contornei a calçada, parei.

Imóvel, encostado ao *Mercedes Benz* negro que eu vira no museu, estava Robert. O sorriso largo, os olhos castanhos brilhantes, a pele pálida sob o casaco preto. Uma visão e tanto. Ele se aproximou, trazendo algo nas mãos — outra rosa vermelha — e me entregou.

— Obrigada — foi só o que consegui dizer.

— Não há de quê. Espero que não seja alérgica, torci para que não fosse durante a semana — passou a mão pelos cabelos e sorriu.

Sorri de volta. Mesmo que fosse, acho que não faria a mínima diferença.

— O que está fazendo aqui? — tinha de perguntar.

Ele pareceu encabulado.

— Você me disse que não costuma fazer nada nos finais de semana, então pensei que gostaria de dar uma volta, ou algo diferente. A não ser, é claro, que minha irmã masoquista tenha despejado toneladas de trabalho sobre você — falou com expectativa.

Que se dane que eu tenha.

— Nem tanto — menti. — Acho que posso dar um jeito depois.

Sorrindo, ele se dirigiu para a porta do passageiro e a abriu para mim. Enquanto seguíamos pela rua e entrávamos na A370, percebi que não tinha nenhuma ideia de para onde ele estava me levando.

— O que você quis dizer no bilhete com *Estrada de Tijolos Amarelos*? — perguntei curiosa. Eu havia entendido a parte da trilha.

— Você já vai ficar sabendo. Prometi que seria diferente, então vou cumprir — sorriu.

Aos poucos deixamos os bairros urbanizados e entramos cada vez mais pela *Coronation Rd*. Eu ainda estava meio fora do ar para falar qualquer coisa e passei a observar Robert discretamente. Era impossível tentar dizer a idade dele. Não parecia ser mais velho do que eu, nem mais jovem. Deveria ser uma característica de família, pois Clementine também era assim. Apenas ao olhar em seus olhos conseguia ver alguma coisa, uma espécie de *conhecimento* que ia além da idade. Algo muito curioso. Ele não falou nada também, mas me olhava de vez em quando.

— Posso fazer uma pergunta? — eu disse.

— Claro.

— Como sabia meu endereço? — olhei-o desconfiada.

Ele deu um sorrisinho.

— Na lista telefônica — respondeu.

Aquilo não me convenceu.

— É claro que para ter certeza absoluta, e não cometer um erro que poderia me custar um processo por invasão de domicílio, chequei antes na lista de funcionários do museu — ele me olhou divertido.

— Bem pensado, isso seria um problema.

— Por isso sempre tomo todos os cuidados. Melhor pecar por excesso — sorriu de novo.

Continuamos pelo caminho até que as casas começaram a desaparecer. A certa altura, fez o desvio na *Brunel Way* e seguiu em frente pela A369. Aquela região deveria ser bem mais alegre na primavera, era aberta e ampla, ladeada por imensos pinheiros. Ele dirigia com tranquilidade. Reconheci então o lugar: estávamos em *Ashton Court State*, uma região formada por parques, lagos e

mansões. Ele pegou um desvio numa estrada de terra. O carro desacelerou e contornou uma curva.

— Bem-vinda à Estrada dos Tijolos Amarelos! — exclamou, apontando para uma construção.

Parecia-se com um castelo medieval, mas em proporções bem menores. Ele estacionou do lado de fora e desci do carro. A fachada era toda feita em pedra, blocos cortados e encaixados com perfeição. Os arbustos estavam sem folhas, mas deveriam ficar lindos na primavera e verão. Pinheiros gigantes ladeavam os muros altos com um portão de ferro na frente. Trepadeiras se enroscavam nos blocos, algumas chegando ao topo do muro.

— Muito bonito — falei boquiaberta.

— É um dos meus projetos de arquitetura — falava e me conduzia.

Acima da entrada havia uma placa: *Estrada dos Tijolos Amarelos*.

— Desculpe-me, mas ainda não entendi — gesticulei para ela. O que ele queria me mostrar?

— Você vai ver — disse, abrindo o portão de ferro.

Era como adentrar nos antigos castelos: primeiro você tem acesso ao pátio descoberto, com pisos e ladrilhos de pedra, e uma fonte ao centro. Ao atravessarmos esse pátio, ficamos frente a frente com uma porta alta de madeira antiga, suas aldravas e fechaduras grossas de ferro fundido. Bateu com uma delas. Minutos depois, a porta foi aberta e um homem apareceu. Era baixo, estava em mangas de camisa, com as mãos cobertas de terra, e usava calças de lã e suspensórios.

— Boa tarde, Sr. Fevré — disse o homem, dando um sorriso.

— Boa tarde, Jerry — ele me conduziu para dentro.

O salão era inacreditável! Uma mistura de estilos da Idade Média, decorado com mosaicos bizantinos representando cenas de batalhas, reis e rainhas; tapetes pendurados nas paredes, cortinas com franjas e lustres de madeira. De cada lado do salão havia armaduras completas de cavaleiros medievais de vários períodos. Uma impressionante coleção de armas estava exposta. Os móveis, de madeira escura, espalhavam-se pelo ambiente com elegância. Uma lareira gigante tomava a parede de frente à porta de entrada,

estendendo-se até o teto. A iluminação era tênue, acentuando o clima e fazendo brilhar os candelabros. Uma viagem no tempo.

— Isso tudo é genuíno? — perguntei abismada, incapaz de avaliar qualquer coisa naquele momento.

Ele não respondeu, apenas sorriu e virou-se para o homem que aguardava.

— Jerry, essa é a Sra. Laura Vargas. Ela trabalha no museu com a Srta. Fevré. Laura, esse é Jerry Willis, nosso caseiro.

— Muito prazer, Jerry — respondi oferecendo a mão.

— O prazer é meu, minha senhora, mas infelizmente não poderei apertar sua mão — disse, mostrando as suas. — Não quero sujar sua roupa — sorriu para mim.

Então se voltou para Robert.

— Está tudo pronto como o senhor pediu.

— Excelente! Obrigado, Jerry. Você pode ir agora, eu assumo daqui — falou com entusiasmo.

Jerry fez um aceno para nós e saiu.

— Vai me contar agora o que está acontecendo? — perguntei, tentando em vão imaginar o que ele aprontou.

— Não vou contar — eu o encarei e ele sorriu —, vou mostrar. Mas antes... — tirou algo do bolso — vai ter que cumprir uma pequena condição.

Ele balançou o lenço negro para mim.

— Sabe, cabra-cega nunca foi minha brincadeira favorita na infância — resmunguei, olhando para o lenço como se fosse meu pior inimigo.

— Mas não vamos brincar de cabra-cega, e sim de siga o líder — sugeriu. — Que nesse caso específico serei eu — amarrou o lenço em volta dos meus olhos.

— Tomara que eu não me arrependa — suspirei.

— Agora é um pouco tarde para isso — ele riu. — Você só precisa seguir duas regras — avisou.

— Quais? — perguntei, já completamente cega.

— Primeira: siga sempre o líder, e segunda: não se preocupe.

— Vou tentar — falei, enquanto ele me guiava.

Era um pouco aterrorizante caminhar às cegas pelo espaço. As mãos de Robert estavam lá, firmes, e isso era reconfortante. Bom, era mais que reconfortante, era excitante. O toque, apesar de frio, fazia minha imaginação viajar. Sua mão subindo pelo meu pescoço, acariciando meu rosto, mexendo nos meus cabelos, traçando as linhas da minha cintura... Tive que me controlar. Fazia muito tempo desde a última vez que me senti assim, tão à vontade com alguém, a ponto de estar completamente vendada sendo conduzida ao desconhecido. Era como experimentar meu primeiro despertar de mulher, só que com mais intensidade, forte e maduro.

Houve uma mudança de temperatura no ambiente ao redor. Estava mais frio e uma brisa leve soprava.

— Para onde está me levando? — perguntei de novo.

— Shhhh. Siga o líder — ele apenas respondeu.

O calçamento mudou, as pedras eram maiores e ásperas. Tropecei nelas uma vez. Ele me amparou. Houve outra mudança repentina quando ouvi uma porta ser aberta e o calor substituir o frio. Também havia perfume no ar, doce e delicado. Demos mais alguns passos e ele parou.

— Agora — disse-me — conte até dez, tire a venda e siga a estrada dos tijolos amarelos — orientou-me.

— Mas, seguir? Para onde? — perguntei um pouco assustada.

— Faça o que eu disse — ele respondeu e, com um gesto delicado, soltou minha mão.

Uma brisa rápida agitou meu cabelo e tudo ficou em silêncio. Minhas mãos começaram a suar, mas fiz o que ele mandou: um, dois, três... No dez, tirei a venda. E meus olhos se arregalaram. Estava numa estufa de inverno alta, envidraçada até o teto, e bem aquecida. Ao redor havia dezenas, não, centenas de flores coloridas e perfumadas envasadas ao longo de um comprido corredor. Uma profusão de margaridas brancas, crisântemos amarelos e lírios enchiam o ambiente e o cheiro era maravilhoso. Sentia-me como uma personagem de musicais antigos de Hollywood, atravessando uma campina coberta de flores, tendo um sol maravilhoso como pano de fundo. Fiquei tentada a sair dançando e cantando enquanto colhia flores para colocar numa cesta. Ainda tonta pela visão, lembrei-me

das regras do jogo: siga a estrada dos tijolos amarelos. O que ele quis dizer com aquilo? Andei um pouco e ouvi o barulho dos meus sapatos no calçamento áspero. Olhei para baixo. O chão era forrado com blocos de pequenos paralelepípedos que seguiam adiante, formando desenhos em espirais delicados. E eram amarelos.

Siga a Estrada dos Tijolos Amarelos.

Caminhei até o final da estufa, admirando as flores, e cheguei a uma porta envidraçada. Sempre acompanhando os tijolos, abri e me deparei com um anexo que conduzia a outra estufa, mais surpreendente que a primeira. Enormes orquídeas multicoloridas, bromélias tropicais e lavandas estavam por todos os lados. Vasos pendiam do teto com samambaias e primaveras ornamentais. Bananeiras e palmeiras anãs ocupavam as laterais, além de mudas de árvores frutíferas. Todas perfumadas, em harmonia no ambiente. Como ali era maior, demorei mais tempo admirando a variedade de plantas e flores, até encontrar outra porta. Segui o mesmo procedimento anterior, e meu coração disparou sem freio.

Essa estufa era diferente das outras, seu formato era o de um círculo perfeito. Nela havia centenas de rosas brancas, amarelas, cor-de-rosas, formando espirais concêntricas, fechando-se no centro com apenas rosas vermelhas ao redor do calçamento delineado em um mosaico de caracol. Eram as mesmas rosas que eu recebia todas as manhãs em minha sala, as mesmas pétalas que forraram minha calçada e as mesmas que ele me deu hoje.

Sem saber o que fazer, fiquei olhando aquela imagem exuberante, sentindo o aroma fresco, dando voltas em torno de mim, tentando adivinhar se estava ou não acordada. Mas a realidade se fez presente com o toque em meus ombros. Virei-me e lá estava ele, o sorriso nos lábios, os olhos castanhos que haviam me enfeitiçado desde que os vi pela primeira vez, as feições pálidas e bem-feitas próximas a meu rosto.

— Gostou? — perguntou, acenando com a cabeça.

— Isso... É muito lindo! Quero dizer, esse lugar... O que é isso tudo? — minha voz era espantada e admirada.

Ele abriu mais o sorriso ao me virar com as mãos e posicionar a cabeça sobre meus ombros. Seu hálito arrepiou a minha nuca.

— Essa é a *Estrada dos Tijolos Amarelos*. Uma estufa de inverno. É minha propriedade. Aqui são cultivadas as flores e plantas que uso em meus projetos de arquitetura e paisagismo. Queria que você conhecesse um pouco mais sobre mim — admitiu com a voz baixa.

— É como ver a Primavera de Vivaldi ao vivo e em cores! Agora sei onde arruma rosas sempre tão frescas — ainda estava meio abobada.

— Essa é uma das vantagens quando quero presentear alguém especial — virou o rosto e me olhou nos olhos.

— Isso é... Realmente diferente — suspirei, tentando articular as palavras.

— Então consegui cumprir minha promessa — seu tom baixo e aveludado me envolveu. Uma mexa de cabelos havia escapado da touca que usava e ele a colocou atrás da minha orelha. Prendi o fôlego.

Pegou minha mão e me conduziu por portas escondidas. Havia mais estufas menores, com outras espécies da flora nativa de várias regiões. Ele conhecia todas, e me explicava de que maneira as utilizava, quais eram as melhores para interiores e exteriores. Uma das estufas era dedicada apenas a ervas medicinais e plantas próprias para chás, vindas de outros países. Fez-me provar algumas folhas para que experimentasse o sabor e outras ele partiu para que eu sentisse o aroma. Demos a volta ao mundo ali. O tempo passou tão rápido, que só me dei conta quando ele falou:

— Vai escurecer daqui a pouco. Melhor levá-la para casa.

Eu não estava com vontade de ir a lugar algum, principalmente porque ele estava comigo.

— Não precisa se preocupar, estou bem — queria prolongar o tempo.

Ele me pareceu preocupado pela primeira vez.

— Mesmo assim, não quero que sinta frio. Essa região fica mais gelada à noite — retrucou.

Não discuti dessa vez.

— Tudo bem.

No caminho de volta, ele estava silencioso. Apesar da pouca claridade, colocou óculos escuros e dirigiu um pouco mais rápido do

que na ida. Como ele não falava, também fiquei quieta. Queria entender o que aconteceu, mas preferi não ficar perguntando. Chegamos à minha casa e ele estacionou na entrada sem desligar o motor.

— Obrigada — eu disse —, foi uma tarde muito agradável.

Ele sorriu, mas percebi certa tensão em seus lábios.

— Foi sim. Acho que a vejo no museu, então? — perguntou.

Gostaria de dizer que estaria sozinha em casa, no domingo. Cínthia não voltaria tão cedo. Mas achei melhor manter as coisas mais estáveis.

— Se você aparecer por lá, com certeza — falei para provocá-lo.

Dessa vez ele sorriu um pouco mais relaxado.

— Creio que sim. Agora tenho um bom motivo para isso.

O silêncio reinou entre nós por um momento, só se ouvia o som da respiração de ambos. *Entre agora!* Ordenou minha voz mental.

— Boa noite e obrigada mais uma vez.

— Boa noite.

Caminhei pela alameda da casa. O vento era forte e levou embora as pétalas das rosas. Quando parei na porta, ouvi o som do acelerador e me virei a tempo de ver o carro desaparecer na esquina.

Na manhã seguinte, assim que acordei, Jeanete estava em casa. Ela vinha da porta da frente com um pacote nas mãos.

— Um entregador acabou de deixar para você — disse-me com os olhos curiosos, entregando um gigantesco buquê de rosas vermelhas. No cartão, apenas as iniciais: *R.F.*



— Droga, isso tá uma porcaria! — Cínthia reclamava no meu banheiro.

— Mas o que foi agora? — falei.

Ela veio com uma presilha na mão direita e os cabelos enroscados na mão esquerda.

— Não consigo arrumar o cabelo, assim vou parecer uma nanica!

Suspirei. Cíntia gostava de inventar penteados que a deixassem mais alta. Como se ela já não fosse.

— Deixe-me ver o que posso fazer — peguei a presilha e a escova, puxei os cabelos e fiz uma espécie de meio-coque no alto da cabeça. — Está bom assim?

Ela olhou no espelho.

— Super. Vou parecer mais velha também, isso é legal — Cíntia havia feito dezessete anos em novembro.

— Se você já está pronta, então vamos ou chegaremos atrasadas — apressei-a.

Era o dia da festa de Natal dos funcionários do museu. Cíntia estava animada em ir também. Assim que entramos no carro, foi perguntando:

— E o bonitão? Vai aparecer lá?

Sabia que ela não deixaria passar essa. Desde o dia da estufa, as flores começaram a aparecer não só em meu trabalho, mas regularmente em casa. Foi o suficiente. Agora eu tinha de ouvir comentários como *ai, que lindo prá cá*, ou *ele não é um pedaço de mau caminho, é o caminho todo prá lá*, ou ainda *ele é superfofo*.

Robert aparecia com frequência no museu, em meu horário de almoço ou no final do expediente. Eram momentos que me deixavam em expectativa. O interesse estava claro, mas faltava alguma coisa para acontecer o inevitável. Havia um tipo de impedimento, ou sei lá o quê, que escapava à minha compreensão. Frustrante às vezes, mas por outro lado encantador. Muitas mulheres reclamavam da *pressa* dos homens em conseguir o que desejavam, mas com Robert era diferente. Eu me sentia no papel inverso nessa situação.

Voltei minha atenção para a pergunta de Cíntia.

— Não sei se *Robert* vai aparecer, não perguntei. A festa é aberta aos parentes dos funcionários — dei de ombros.

— Pois tenho certeza que vai e ele vai dançar com você — ela estava exultante.

Ah, adolescentes!

— Cíntia, por favor! É uma festa de funcionários e não um clube de encontros.

— E daí? A ocasião faz o ladrão — brincou.

— Você é mesmo impossível — suspirei.

O salão de eventos do museu estava decorado ao melhor estilo natalino: laços e fitas vermelhas e verdes, balões da mesma cor, uma enorme árvore de Natal com presentes para os funcionários, uma mesa de aperitivos e drinques, e um *DJ* para animar o ambiente planejado para que os dançarinos pudessem exhibir seus dotes. Ramos de visgo estavam dispostos estrategicamente para provocar risos e tapinhas nos mais afoitos em roubar beijos. Forrest estava hilário como Papai Noel com uma barriga falsa, e a maioria dos convidados usava coroas de papel douradas, uma tradição nas festas natalinas inglesas. Aos poucos, o lugar ficou cheio e a música animou as pessoas.

Em nossa mesa estávamos Cínthia, Kate e eu. Kate estava alegre, menos tímida, contagiada pelo clima. Muitos foram os discursos incentivados pelas cervejas consumidas, e a cada um deles os aplausos eram intensos. Peguei-me rindo e batendo palmas com vontade. Em certo momento, o *DJ* começou a colocar músicas agitadas e a pista encheu-se de performances variadas, do politicamente correto ao completo ridículo. Mas era uma festa e todos estavam lá para se divertir. Cínthia se agitava junto com os filhos adolescentes de outros funcionários. Tinha razão aquele que disse que a música era uma linguagem universal. Quase duas horas depois, enquanto eu me aproximava do barman para pedir uma água, a conhecida voz falou às minhas costas:

— Posso ter a honra de uma dança?

E lá estava ele, os olhos castanhos, o sorriso nos lábios. Sorri de volta.

— Não sei se esse tipo de música é meu forte — o *putz, putz* era alarmante.

— Não é o meu também, mas acho que ninguém vai reparar se seguirmos o nosso — e me estendeu a mão.

Peguei-a e o deixei me conduzir para a pista. Se conseguiria me chacoalhar daquele jeito eu duvidava, mas pelo menos estaria com ele. Então aconteceu uma coisa inesperada: a música, subitamente, mudou para uma melodia lenta, romântica, do tipo que se dança colado. Uma de minhas favoritas. Robert me enlaçou pela cintura,

coloquei meus braços em seu pescoço e começamos a nos movimentar. Após uma volta olhei para a mesa do *DJ*. Cíntia me lançou uma risadinha marota. Poderia apostar meu reino como foi dela a ideia de pedir para mudar de música. Ela me deu uma piscadela.

— Você está linda — Robert murmurou. Um arrepio me percorreu com sua respiração no meu ouvido.

— Obrigada, você também não está nada mal — ele usava um *blazer* com calças que combinavam.

— A comparação é injusta — ele retrucou, girando-me lentamente.

— Veio sozinho? — não havia visto Clementine no salão.

— Sim. Clem não pôde vir — havia um *quê* de tensão na sua voz.

— Aconteceu alguma coisa?

Ele me afastou um pouco para me olhar. Não parecia ser fácil falar.

— Vou me ausentar por um tempo. Tenho que fazer uma viagem de trabalho, um contrato antigo que preciso cumprir e não posso adiar mais.

Um embrulho queria descer pela minha garganta.

— Entendo — falei. — E quando você vai?

Ele pôs uma das mãos em meu rosto. Prendi a respiração.

— Amanhã — senti o embrulho travar. — Tecnicamente eu deveria estar me preparando agora para a viagem, mas...

Ele parou de falar. Isso eu não poderia deixar.

— Mas...? — incentivei.

— Eu não queria ir sem ver você antes — olhou-me de uma forma torturante. — Na verdade não quero ir, mas preciso. É um compromisso e não tenho como fugir dele.

Forcei o embrulho a descer para respirar e falar com mais naturalidade.

— E quando você volta?

— Em janeiro. É um trabalho complicado e longo, vai tomar mais tempo do que eu gostaria — suspirou e voltou a colar o rosto no meu, continuando a dançar.

Não falei mais, apenas me deixei ficar ali, envolvida em seus braços, meio inconsciente das pessoas ao redor. Ao final da festa, ele

nos acompanhou até o carro — eu havia prometido uma carona para Kate. Parei ao lado da porta do motorista e olhei para ele.

— Bom, espero que faça uma boa viagem... E que volte logo — não consegui deixar de dizer, a ansiedade tomava conta do meu tom de voz.

Robert pegou meu rosto com as mãos. Um calafrio subiu pela minha espinha. Olhou-me diretamente nos olhos, os polegares acariciando suavemente minhas bochechas. O momento se aproximava, poderia ser aquele, ali, um minuto congelado no tempo que faria toda a diferença, quando duas pessoas dividem o mesmo ar, o mesmo chão, a mesma emoção; mas eu não estava sozinha. Cíntia e Kate estavam no carro. Sufoquei meu desejo. Ele fez o mesmo.

— Então, até a volta, Laura — pude sentir o hálito soprar a promessa em meus lábios.

E meu coração bater descompassado como se fosse atingido por um vendaval.



— Hô, hô, hô! Feliz Natal! — exclamava um Ben ridiculamente metido numa roupa de Papai Noel que deixava à mostra os enchimentos de travesseiros, marchando pesadamente pela sala da casa de Jeanete.

Era Natal e ela insistira para que fizéssemos o tradicional almoço lá. A residência era o que se podia chamar de uma verdadeira casa de bonecas. Tinha uma cerca de madeira na entrada, coberta de hibiscos, e um jardim que na primavera enchia-se de flores. Era térrea, por causa da coluna de Bem, os cômodos aconchegantes decorados com papéis de parede floridos e pratos de porcelana. Jeanete era caprichosa com seus objetos e muito sentimental. Portarretratos contavam cada detalhe da história da família. Embora David e Georgiana não morassem lá havia tempos, ela mantinha os quartos intocados e limpos. A sala tinha uma árvore de Natal natural — ela

detestava as artificiais — e os enfeites pertenciam à sua família há mais de oitenta anos. Os ramos de visgo também estavam lá.

A mesa da ceia fora posta com graça e tradição: peru assado recheado com linguiças, couve-de-bruxelas, batatas e cenouras cozidas, torta de abóbora e o *Christmas Pudding* com frutas secas, baunilha e conhaque. Como havia prometido, Georgiana viera para passar as festas de final de ano. Na hora de abrir os presentes, Cínthia vibrou com o *iPhone* que Georgiana lhe trouxera de Londres e fez uma careta disfarçada para mim por causa do suéter caramelo feito por Jeanete. Por sorte, ninguém viu.

— Esse é para você Laura, é a sua cara! — exclamou Georgiana, enquanto me passava um embrulho.

Em uma pequena caixa havia um par de brincos dourados com delicadas pedras de zircônio.

— É lindo, G. Muito obrigada — agradei sinceramente.

Após a troca de presentes, fomos para a mesa. Estouramos as *Christmas crackers* — as *bombinhas de Natal inglesas* — e vestimos as coroas de papel que vêm em seu interior. Apesar das risadas e do bom humor, nem tudo estava perfeito. Ainda havia alguns presentes sob a árvore e ninguém sabia se o dono deles iria aparecer.

— Alguém devia ir até *Kingsdown* e dar um chute no traseiro do David — reclamou Georgiana a certa altura. — Onde já se viu não aparecer até agora? Hoje é Natal!

— Seu irmão deve ter os motivos dele — Jeanete defendeu. — Vamos respeitar isso.

Fiquei calada. Não aceitava a ideia de que David não estivesse lá por minha culpa, mas não podia pensar o contrário também. Georgiana reclamava, Ben entrara na discussão e Jeanete ficou entre os dois. Após o almoço, quando estávamos na sala tomando um café, David apareceu subitamente pela porta, com um gorro de natal na cabeça.

— Desculpem-me pelo almoço, mas pelo menos não perdi o final da reunião — estava bem-humorado.

Jeanete abraçou o filho e Georgiana puxava suas orelhas, resmungando. Ele deu um beijo em Cínthia e virou-se para mim.

— Feliz Natal — falou num tom amistoso.

— Feliz Natal para você também, David.

O restante do dia foi dedicado às velhas histórias de família. Ben tornou-se o centro das atenções, Jeanete ia de um lado para o outro providenciando comes e bebes e Georgiana me falava da rotina do hospital. Na hora de ir embora, enquanto pegava meu casaco, David aproximou-se.

— Já vai? — perguntou.

— Vou sim. Tenho coisas do trabalho que levei para casa e preciso adiantar — menti.

— Você não abandona o trabalho nem no Natal! — exclamou brincalhão.

Eu o encarei fixamente. Não havia esquecido o que me dissera da última vez que nos encontramos e não estava disposta a colocar panos quentes em tudo sem uma boa explicação.

— Pensei que estivesse com raiva de mim — falei, meio seca.

O sorriso sumiu do seu rosto.

— E por que eu estaria? — perguntou surpreso.

— Vejamos: talvez porque eu faça exatamente o que você não acha que é o certo? Ou porque eu não tenha discernimento suficiente para saber o que é melhor para mim e precise de alguém para me guiar nisso? Ou será porque eu não concorde com nenhuma das suposições anteriores? — meu tom de voz era áspero.

Ele me olhou nos olhos, mas não respondeu.

— Então, David? Será que eu não tenho o direito de ter uma explicação? — pressionei.

— Laura — respondeu —, gostaria muito de poder explicar, acredite. Mas não posso. Não apenas porque você não iria concordar comigo de qualquer maneira, mas porque realmente não posso.

— Acha que eu não entenderia se tentasse?

— Não, não é isso que quero dizer. Talvez você entendesse, ou talvez não. É complicado para mim... Acredite... Envolve tantas coisas... — ele continuou, sem muita certeza. — Tudo o que posso dizer é que sinto muito por ter sido grosseiro naquele dia, não deveria ter feito aquilo. Pode, pelo menos, me desculpar?

Eu o analisei. Seus olhos eram claros e francos. Ele estava sendo sincero.

— Não quero nenhuma inimizade, David. Gosto muito de você, sabe disso. Mas não posso deixar que se intrometa na minha vida daquele jeito. Se me prometer que não o fará de novo, posso desculpá-lo.

Seus olhos se estreitaram. Por fim, suspirou.

— Tudo bem. Acho que posso fazer isso — sorriu e me estendeu a mão.

— Então está desculpado — estendi a minha e ele me puxou num grande abraço.

Retribui com sinceridade. Sentia saudades de David.

— Ah! Isso é para você — David me soltou e entregou uma caixa dourada.

Dentro dela havia uma echarpe de seda branca com franjas nas pontas. Numa das extremidades estavam bordadas as iniciais *LV* em linha dourada.

— Obrigada, é muito bonita.

— É para dar sorte. Pode usar na exposição da primavera.

— Como soube disso? — aquilo não era motivo de comentário externo.

— Kate, a sua assistente, é minha aluna. Acabou me contando. Parabéns, fico muito feliz. Não brigue com ela, por favor — pediu rápido. — Ela adora trabalhar com você.

— Pode deixar — assegurei.

Cínthia vinha em nossa direção com a expressão cansada. Jeanete estava com ela.

— Tome, Laura — passou-me um embrulho —, separei umas coisas do almoço, assim você não precisa cozinhar hoje.

— Obrigada, Jean, mas acho que depois de tudo o que comi vou passar a semana jejuando.

— Melhor mesmo, mãe, senão você vai engordar e quando o bonitão voltar não vai mais querer saber... Ai! — Cínthia reclamou quando a belisquei por trás.

David fechou a cara, Georgiana abriu a boca.

— Que bonitão? — perguntou curiosa, olhando para Cínthia.

— Nem te conto — ela respondeu, abanando-se.

Parei a conversa na hora.

— Chega vocês duas, agora! Vamos, Cíntia. Tchau, Jean.
Georgiana piscava para Cíntia enquanto eu a arrastava.

— Depois você me conta — sussurrou. Percebi o aceno de Cíntia.



— Se você não levantar a cabeça a Sra. Montgomery vai chamar sua atenção outra vez, Cíntia — Caroline resmungava do meu lado.

Dei um bocejo enorme e fiz o que ela dizia. Odiava geografia e a professora era um saco! Vivia pegando no meu pé, de propósito, só pra me irritar ainda mais. Por que diabos eu tinha de saber sobre camadas de solo? Eu não era nenhuma minhoca! E se fosse, pelo menos poderia me meter num buraco agora e escapar daquela sala. Ou quem sabe a professora não poderia virar uma e se enterrar para sempre no jardim do pátio? Não estávamos na Inglaterra? Terra de bruxos e magos encantados? Que vontade de ter uma varinha mágica!

— Então, Srta. Vargas, poderia nos dar a resposta? — ela perguntou, de repente, e me endireitei.

Arrrgh! Eu odiava isso... Srta. Vargas! Por que ela não podia simplesmente me chamar pelo meu nome? Só ela fazia aquilo. Múmia pré-histórica!

— Hummm... Mesozoica? — minha resposta tinha cara de pergunta.

Ela lançou-me um olhar de frustração e o sinal tocou. Graças a Deus! Na saída, Caroline emparelhou comigo.

— Melhor você tomar cuidado, Cíntia. A Sra. Montgomery não é lá muito paciente. Vai acabar tomando bomba! — reclamou.

— Como uma professora pode ser um saco tão grande? Ela é um porre, um horror! — estava com raiva e enfiei os livros de qualquer jeito na mochila, equilibrando alguns no braço.

— Não é só com você, ela implica com todo mundo — Caroline explicava.

— Mas parece que o *todo mundo* dela quer dizer eu! — exclamei nervosa.

Seguimos pelo corredor até nossa próxima sala.

— E a sua mãe? Ainda está namorando o tal arquiteto? — Caroline perguntou com curiosidade.

— Acho que sim. Pelo menos, é o que parece. Todo santo dia chegam flores em casa. Aquilo tá parecendo uma floricultura ou um velório — dei risada. Esse negócio de romantismo era meio brega. — Mas ele tá viajando agora.

Quando passávamos pela porta lateral do corredor, o vento frio soprou a neve para dentro. Nessas horas sentia saudades de casa, do Brasil. Praia, sol e férias! Só mesmo aqui, numa terra de masoquistas, as aulas aconteciam no mês de janeiro.

Na entrada da sala de matemática, não tive muita sorte com os livros e dois deles caíram no chão. Resmunguei e me abaixei, mas alguém se inclinou e os pegou antes.

— Oi — uma voz masculina falou —, tudo bem?

— Oi — respondi mal-humorada para a mão à minha frente.

Nós nos levantamos ao mesmo tempo e... Minha nossa! Caroline também estava olhando, ou melhor, *secando* um rapaz moreno, alto, que devolveia meus livros com um sorriso. Muito clichê.

— Aqui é a sala de matemática? — ele perguntou, passando a mão no cabelo preto.

— Sim, é aqui sim — *ele teria aquela aula também? Yes!*

Entramos e procuramos nossos lugares. Caroline e eu sentávamos nos fundos, ele ocupou uma carteira ao nosso lado. Antes de a aula começar, se apresentou.

— Meu nome é Eric, muito prazer — disse sorrindo, seus olhos tão pretos quanto os cabelos.

— Eu sou Cínthia... E essa é Caroline — respondi por ela quando percebi que o gato havia comido sua língua.

— Acho que vamos fazer essa aula juntos — Eric continuou.

— Parece que sim — *Oh, Deus, como o senhor é bom!*

— É mesmo — ele concordou.

O professor de matemática disse seu tradicional 'bom dia' anasalado e paramos de conversar.



Janeiro estava excepcionalmente frio. Nevara mais do que nos meses anteriores e dirigir para o trabalho se tornava complicado. Quase derrapei por duas vezes nas últimas semanas. Os acidentes eram frequentes e os guardas de trânsito patrulhavam mais do que de costume. Além da neve incomum, algumas coisas aconteceram: David voltou a frequentar minha casa, para alegria de Jeanete; todos os contatos que eu precisava fazer com os artistas locais já estavam arranjados e cada um apresentou seu projeto dentro do prazo apertado que eu tinha para a realização da Mostra de Arte da Primavera; Kate e eu trabalhávamos até tarde e Clementine estava presente sempre que podia para acompanhar os progressos.

Robert não voltara nesse meio tempo. Apesar da constante entrega de flores — que não fora interrompida nenhum dia sequer —, ele ainda não havia aparecido nem dera notícias. Algumas vezes Clementine deixava escapar, quase que acidentalmente, que ele estava na Holanda, a trabalho. Mas eu não podia ter certeza se ela me dizia isso porque queria ou não.

O assassino de Bristol parecia ter desaparecido. Desde seu último ataque em outubro do ano anterior, não houve mais vítimas e a mídia, aos poucos, deixara de tomar conhecimento dele. Apenas alguns tabloides sensacionalistas aproveitavam para reviver a história de tempos em tempos e culpar a negligência da polícia, dividindo as manchetes com os frequentes casos de fazendeiros locais que se queixavam do desaparecimento de cabras e ovelhas de seus currais.

Numa sexta à noite, em um programa de variedades que encontrara por acaso na TV, o apresentador realizava uma entrevista com um homem franzino, de cabelos brancos e grandes óculos, vestido com um terno *tweed* antiquado. Ele se dizia *doutor* em ocultismo e mitologia e apresentava suas opiniões sobre os assassinatos.

— *Então, doutor Poincello* — o apresentador lia o nome na ficha —, *o senhor está aqui, esta noite, porque tem uma teoria para*

nossos telespectadores sobre o serial killer que assustou a cidade de Bristol e deixou a polícia local sem ação, não é mesmo?

O homem se empertigou ao falar, tinha a voz anasalada e forte sotaque italiano.

— *Sim, é isso mesmo. E pode me chamar de Jarvis.*

— *Muito bem, Jarvis. Qual seria essa teoria?*

Ele pigarreou levemente e passou um lenço sobre a testa.

— *Como disse, sou um estudioso do ocultismo e da mitologia mundial e tenho catalogado esses misteriosos “eventos” durante toda a minha vida — continuou. — Temos em nossa mitologia, tanto oriental como ocidental, explicações para diversos fatos que fogem à compreensão meramente humana. Acredito que o caso do assassino de Bristol seja um deles.*

— *E o que o levou a essa conclusão, doutor?* — o apresentador quis saber.

Jarvis tamborilou os dedos uns nos outros.

— *O padrão de ataque das vítimas é um deles. As marcas e perda de sangue, a ausência de memória parcial do fato, os eventos noturnos e o tempo entre um e outro acontecimento sugerem que uma “criatura” esteja agindo nessa região.*

— *O senhor disse “criatura”? Não quer dizer assassino?* — o apresentador tinha certo ar de deboche.

— *Não, Samuel — respondeu Jarvis —, nesse caso específico a polícia não está lidando com algo meramente “humano”, um simples assassino ou algo que possa enfrentar com seus métodos tradicionais. É maior do que isso, uma coisa que transcende o tempo e está infiltrada na raiz cultural e mitológica da humanidade desde seus primórdios. Tenho aqui alguns exemplos visuais — ele tirou de uma grande pasta uma série de esboços — feitos por vítimas sobreviventes de ataques semelhantes em todo o mundo e que recolhi pessoalmente. São desenhos feitos na África do Sul, Alemanha, Brasil, Bolívia, Índia...*

Enquanto o doutor citava os países, o apresentador mostrava para a câmera os esboços em close. Eram criaturas variadas, algumas com uma aparência humana e outras com aspectos animais nos traços. Eu não teria dado maior importância ao assunto — pensava

até em mudar de canal — quando uma coisa chamou minha atenção. Em todos os desenhos mostrados os olhos eram de um vermelho escarlate intenso. Prendi a respiração e aumentei o volume da TV.

— *Mas, doutor Jarvis* — continuou o apresentador —, *o senhor realmente acredita que uma criatura com essa aparência* — mostrou um novo desenho — *possa ter sido o causador de todos esses bárbaros crimes? Não acha que nossos telespectadores considerariam isso como fantasia ou simples fruto da imaginação?*

— *“Há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia”* — respondeu Jarvis, citando Shakespeare. — *Um dos maiores poetas e dramaturgos ingleses já nos alertava sobre isso no século XVII, e antes dele outros povos relataram a existência de seres com comportamentos e aspectos semelhantes. Por que tais criaturas não poderiam ainda existir no século XXI?*

— *E que criaturas são essas, doutor? Qual o nome delas?*

— *Isso depende do lugar onde você se encontrar, Samuel* — ele continuou. — *Na América do Sul e Central, eles são conhecidos popularmente como “Chupa-cabras”; na Índia, como Baital; como Asanbosan, na África... E outros. Mas no mundo todo, a definição mais popular é: vampiro.*

Meus olhos se arregalaram. O apresentador queria sufocar uma risada.

— *Vampiro, o senhor disse? Quer dizer, o conde Drácula?* — falou com ironia.

Jarvis Poincello inclinou-se para a frente, de repente, maior e mais imponente ao encarar o apresentador.

— *O pior cego é aquele que não deseja ver. As evidências estão à nossa frente e não encontraremos respostas na literatura de terror de Stoker. Não se trata de crer ou não, e sim do que poderia e deveria ser feito neste momento, pois o que quer que esteja lá fora* — apontou com o dedo — *continuará a atacar e não vai parar enquanto não for detido.*

O apresentador aparentemente não sabia o que fazer, atrapalhando-se com suas fichas.

— *Er... Obrigado por sua presença aqui esta noite, doutor Jarvis Poincello. Foi muito... instrutivo* — voltou-se para a câmera: — *E*

após nosso intervalo comercial, teremos a presença do astro pop...

Desliguei a TV, suando. A sala estava, de repente, muito quente. Diminuí o aquecedor. Vampiros? Era isso? Será que não poderiam pensar numa explicação melhor? Onde esses programas encontravam pessoas dispostas a se expor ao ridículo dessa maneira? Um assassino estava matando gente inocente e um velho idiota vinha com suas lendas e superstições como resposta! Era um desrespeito à memória delas. Subi as escadas, agitada. Lembrava-me das reportagens brasileiras sobre os *chupa-cabras*. Tinha visto fotos em revistas e houve muita publicidade, mas tecnicamente fora comprovado que tais mortes eram causadas por predadores das florestas da região — que se afastavam de seu *habitat* natural e atacavam os animais domésticos nas fazendas por fome, graças ao desmatamento irresponsável.

Biólogos realizaram testes e exames nas carcaças, e o assunto foi definitivamente encerrado na época. E agora um louco, que se diz doutor, queria transformar uma sequência de crimes bárbaros em um circo de horrores! Francamente, isso já era demais! Estava na cama, puxando as cobertas, me sentindo indignada com o assunto. Respirei fundo e fechei os olhos para esquecer aquela bobagem. Quando estava quase adormecendo, meus olhos se abriram, de repente, e me lembrei do porquê de ter assistido a reportagem até o final. Não foi pelas explicações absurdas de Jarvis, nem pelo mistério sem solução da polícia. O que me prendeu no sofá, em frente à TV, foram os desenhos.

Eram os mesmos olhos vermelhos.



Cheguei em casa junto com um novo buquê de rosas vermelhas recebido por Jeanete. Como não era mais nenhum mistério, ela abriu um sorriso ao me entregá-lo, satisfeita pelo assédio que eu recebia.

— Não sei de onde esse homem tira tantas flores frescas! — exclamava. — Olhe só: as pétalas brilham e são tão perfumadas.

Sorri. Eu sabia de onde vinham. Se Jeanete visse, entenderia também. Passei pela porta e ouvi risos e conversa na sala.

— Temos visitas, Jean? — perguntei.

— Cínthia está na sala com alguns amigos da escola. É um trabalho em grupo.

Atravessei o corredor para ver os visitantes. Espalhadas pelo tapete em frente à lareira estavam Caroline, Rebecca e Susie. Eram as amigas mais chegadas do colégio. Cínthia estava sentada do outro lado da mesa de centro, que havia sido transformada em bancada de estudos, e ao seu lado havia um rapaz alto, tranquilamente esparramado pelo chão, uma perna dobrada e o cotovelo apoiado nela, enquanto o outro braço estava em volta do assento do sofá. E *atrás* dos ombros de Cínthia.

— Hum hum! — pigarreei.

Todos me olharam e o rapaz imediatamente tirou o braço.

— Oi, mãe — Cínthia ficou vermelha e fez sua tradicional cara de ‘pega no pulo’.

— Oi, dona Laura — disseram as outras quase ao mesmo tempo.

— Olá, meninas — respondi, olhando para o rapaz.

Ele se endireitou, passando a mão nos cabelos pretos.

— Boa noite, Sra. Vargas — falou respeitosamente.

Bem diferente da última vez em que nos vimos.

— Como vai, Eric. Que surpresa encontrá-lo por aqui — encarei Cínthia, pedindo uma explicação com o olhar.

— Vocês se conhecem? De onde? — foi ela que exigiu uma.

— Do museu — ele respondeu. — Ela trabalha com a minha tia. Nós fomos apresentados lá.

Eric estava embaraçado, o oposto do garoto alegre que conheci.

— Você é sobrinho da Clementine? Por que não disse antes? Então também é...? — Cínthia gesticulava os dedos em comparação.

— Sim, ele é sobrinho do Robert — concordei.

Cínthia olhava para ele e para mim como se a coincidência fosse grande demais. E era.

— Nossa — foi tudo o que ela conseguiu dizer.

Jeanete entrou trazendo uma bandeja com sanduíches e uma jarra de suco. Aproveitei para pegar um, estava morrendo de fome.

— Você podia ter me avisado que teríamos visitas, Cínthia — reclamei, enquanto mastigava.

Ela enrugou o nariz.

— Desculpe, mãe. É um trabalho de geografia e aquela chata da Sra. Montgomery tá pegando no meu pé. Se eu não tirar uma boa nota, vou ter que fazer escola de verão!

— É por isso que estamos aqui, dona Laura, o trabalho é em grupo. Assim podemos ajudar — defendeu Caroline.

Eric não disse nada, apenas mastigava seu sanduíche.

— E você, Eric? Não sabia que estudava na *Bristol High*.

Ele engoliu antes de responder.

— Comecei neste semestre.

— E está gostando? — perguntei. Cínthia tinha os olhos cravados na conversa.

— Lá é bem legal, sim.

— E o Eric é bem legal também, mãe. Ele nem faz a aula de geografia com a gente e se ofereceu para ajudar — Cínthia comentou.

— Ahhhh — olhei para ambos. — *Muito gentil* de sua parte, Eric — falei bem devagar.

Ele ficou vermelho. *Ai, ai*. Deixei-os na sala e fui para a cozinha. Jeanete colocava o casaco para ir embora.

— Uma turminha bem animada, não é? — ela comentou.

— É. Alguns estão *bem animados* sim — acenei sugestivamente.

Jeanete deu uma risadinha.

A partir desse dia, Eric tornou-se uma presença quase constante. Pelo menos três vezes por semana aparecia para *ajudar* no trabalho de geografia. No começo ficou encabulado, depois se soltou e voltou a ser um garoto animado. Jeanete o adorava, principalmente porque ele nunca recusava nenhum dos lanches que ela inventava. E Cínthia... bom... Parecia um caso perdido.

Numa de suas visitas, observando-me ajeitar as rosas nos vasos — tive que comprar mais para tantas flores —, Eric comentou:

— Meu tio está voltando da Holanda.

— Verdade? — perguntei, aparentando tranquilidade.

— Sim, ele telefonou para tia Clem ontem. O trabalho já está terminado.

— E você sabe quando ele chega? — usei um tom de voz calmo.

— Não tem uma data certa, mas ele não vai demorar mais tempo. Na verdade, acho que o tempo para ele deve ter passado muito devagar — comentou sugestivamente.

Virei-me para colocar o vaso na mesa de canto. E sorri.



O Porto de Bristol estava movimentado, apesar do vento frio e das ondas agitadas. O chão era escorregadio e o ar pesado, um cenário não muito bonito agora, mas que estaria perfeito na primavera, quando o tempo fosse mais claro e o sol brilhasse. *Sim, seria perfeito.* Eu fotografava aqui e ali, procurando os ângulos certos.

Quando Clementine me colocou na direção da Mostra de Arte da Primavera, pensei um pouco alto, admito; mas sabia que daria certo se planejasse bem. Queria um evento que movimentasse os principais pontos da cidade, simultaneamente; que colocasse a arte, os artistas e a população em contato direto. Para isso, nada melhor do que *tirar* a exposição de dentro das paredes do museu e levá-la para o povo. Com a ajuda de Kate, mapeei os principais locais de interação e fomos para as ruas, fotografando os espaços que poderiam ser utilizados, cada canto cuja visibilidade permitisse uma transformação. Essas informações seriam repassadas para os artistas e as reuniões de planejamento estético teriam início.

Naquele momento, Kate estava na universidade. O Porto era minha prioridade. Havia tantas possibilidades ali, lugares e pessoas diferentes e interessantes que nem percebi o tempo passar. Quando dei por mim, já era hora do almoço e fui para o carro. Ventava muito, me encolhi no casaco, mas ao abrir a porta uma lufada mais forte fez a echarpe que David me dera no Natal voar do meu pescoço. Ela iria cair no vão entre dois barcos do atracadouro e se perderia no mar, se uma mão enluvada não tivesse sido rápida o suficiente para pegá-la antes disso. Não vi de onde ele veio, mas estava à minha frente e

isso era o bastante. Mais do que eu poderia esperar que acontecesse naquele dia.

— Oi — Robert sorriu, alisando a seda com os dedos como quem segura uma joia.

— Oi — respondi surpresa.

O vento balançava meu cabelo com força. Ficamos em silêncio por um momento, nos olhando. Robert levou a echarpe ao rosto, aspirando o perfume. Meu coração sufocou com esse gesto.

— Acho que isso é seu — enrolou o lenço no meu pescoço, demorando sua mão nele.

Tive que fazer muito esforço para controlar a respiração.

— Obrigada. Foi um presente, e seria difícil explicar depois — comentei.

Ele concordou com a cabeça, parecendo encantado ao me olhar.

— Como foi que me encontrou aqui? — tentei me concentrar nessa observação.

Tinha certeza de que não havia dito a ninguém, exceto a Kate, sobre onde estaria. Clementine não fora ao museu pela manhã, tinha uma reunião com o prefeito.

— Se eu dissesse, você não acreditaria — deu um sorriso misterioso.

Deixei essa passar.

— Está indo almoçar? — ele perguntou.

— Para ser sincera, não. Não estou com fome.

— Hummm. Espero que não seja por minha causa. Toda vez que a encontro, você perde o apetite. Isso não é muito legal — ele queria brincar, mas estava preocupado.

— Fique tranquilo. Não estou com fome porque já comi mais do que o suficiente. É o que acontece quando se faz pesquisas de campo e os comerciantes locais querem te agradar — sorri.

E era verdade. Em cada lugar que eu parava, um solícito *gentleman* do cais me oferecia uma guloseima de seu cardápio. Estava mais cheia que uma bola.

— Nesse caso — ele continuou, rindo do meu comentário —, o que vai fazer em seu horário de almoço?

Olhei diretamente em seus olhos.

— Não faço a menor ideia. Talvez... Trabalhar? — comentei com uma careta.

Ele sorriu, mais animado.

— Parece que cheguei na hora certa, então — continuou.

— Certa para quê?

— Para resgatar uma dama em apuros. Isto é, se me permitir — fez uma curvatura de corpo que pertenceria à Idade Média.

Dei risada com vontade e estendi a mão para a que ele me oferecia.



A ponte suspensa de Clifton era o local ideal para os turistas que se aventuravam em direção a Somerset. Havíamos deixado meu carro no museu, Robert estacionou e seguimos a trilha de pedras que proporcionava uma visão privilegiada. Podia-se apreciar a garganta do desfiladeiro do rio Avon, as Catedrais e construções de Bristol, os muitos pontos comerciais ao longo do rio, a estrada vicinal logo abaixo, os bosques e áreas mais afastadas. Havia amuradas que serviam como mirantes e caminhamos por eles. Era lindo, deslumbrante na verdade. A ponte era um lugar do qual eu gostava, principalmente no inverno, quando era menos frequentada. Ia para lá quando queria pensar na vida, em algum problema ou simplesmente para não pensar em nada. Hoje o local estava deserto, feito sob encomenda.

— Gosta daqui? — ele perguntou.

— Sim, vinha muito aqui com meus pais e minha avó. E você?

— É um bom lugar para se observar — comentou.

Silêncio.

— O que aconteceu com eles? Sua família? — perguntou delicadamente.

Não era uma invasão de privacidade, apenas a curiosidade natural de alguém que desejava conhecer mais sobre o outro. Isso não ofenderia.

— Meus pais morreram num acidente de carro quando eu tinha vinte e três anos. Estavam viajando e não tiveram nenhuma chance — minha garganta se apertou e suspirei. — Minha avó, Elizabeth, mãe do meu pai, sofreu muito, mas aguentou firme. Ela se foi há quatro anos, dormindo. Uma morte tranquila, como dizem.

— É, dizem. Sinto muito — ele era sincero.

Apenas acenei com a cabeça.

— E seu marido? — ele parecia constrangido em perguntar. — O que aconteceu?

Respirei um pouco. Olhei a paisagem antes de continuar.

— Alexandre e eu nos conhecemos no ensino médio. Começamos a namorar, nos casamos cedo e fizemos a universidade juntos. Quando Cíntia nasceu, terminei minha graduação e deixei o mestrado para depois, para cuidar melhor dela — fiquei me lembrando, sentindo necessidade de contar a história em detalhes que ele não havia me pedido. — Meu marido era biólogo marinho. Numa de suas viagens ao litoral brasileiro, pesquisando para o mestrado, o barco acabou atingido por uma tempestade tropical em alto-mar. Ninguém sobreviveu. Cíntia tinha quatro anos na época.

— Deve ter sido difícil passar por tudo isso dessa forma. Você é forte — ele afirmou.

— Acredito que nossa força só aparece diante das adversidades — falei com calma. — Eu era uma jovem mãe, havia perdido meus pais e meu marido quase no mesmo período. A única coisa que me restava era minha filha, e tive de ser forte por ela.

— Mesmo assim, sua força faz parte de sua personalidade, daquilo que é. Basta olhar em seus olhos e eu a vejo lá. Você teria a mesma garra e determinação se o seu destino tivesse sido outro — ele parecia mais orgulhoso do que eu com essa observação.

— Obrigada.

O vento soprava forte e balançava meu cabelo. Ele usou uma das mãos para colocar as mechas atrás das minhas orelhas num gesto bem delicado, mas que espantou o frio no mesmo instante. Continuamos alguns passos em silêncio.

— Laura — ele rompeu a quietude —, o que você espera de um homem? Quero dizer: o que ele precisaria fazer para que você

sentisse que é o homem certo? — perguntou num rompante.

Parei de andar e olhei para ele. Estávamos no ponto mais afastado da amurada, próximos dos cabos de aço que sustentavam um dos alicerces da ponte. Não havia ninguém ali, apenas o ruído do vento e de alguns esquilos que se atreviam a correr pelo muro.

Nunca imaginei que ele me faria essa pergunta assim, de maneira tão direta. Alguma coisa no meu rosto deve tê-lo alertado sobre isso, porque olhou para os próprios pés antes de continuar, em uma onda de constrangimento.

— Desculpe-me, não sou muito bom nisso... — olhou-me de volta, os olhos brilhando. — Perguntei porque realmente gostaria de saber o que você sente e pensa a respeito disso. É importante... para mim... — sorriu, encabulado. — Perdão pela forma como abordei esse assunto. Se não quiser responder, vou entender.

— Não, está tudo bem — assegurei, sentindo uma massa viscosa presa na minha garganta seca.

— Bom... O que você gostaria que um homem realmente lhe desse? — suas mãos estavam dentro dos bolsos do casaco, mas pude perceber que se contraíram.

O que eu poderia responder? Como eu responderia? Ninguém antes havia me perguntado algo semelhante. Toda a minha experiência anterior com romantismo e aspirações de futuro a dois se resumira aos poucos anos do meu casamento. Com a morte de Alexandre, isso se fora junto com ele, e em nenhum momento depois senti que haveria possibilidade de um novo começo, de um despertar para meu coração. E, de repente, eu estava lá, tendo diante de mim o único homem que me fizera repensar a vida nesse sentido durante meses; e ele me perguntava qual atitude deveria tomar, pedia para saber o que eu tinha dentro do coração e da alma. O que eu desejava que ele fizesse.

Respirei profundamente. Apenas uma resposta seria coerente naquele momento: a verdade. Eu havia dito a Jeanete que a verdade poderia doer, mas ao menos era real e não uma fantasia. E, no entanto, agora eu estava lá, perseguindo o sonho vestido pela realidade.

— Amor... — respondi sem hesitar. — Um amor que me fizesse sentir completa quando estou com ele, sem receios ou medos, culpas ou mentiras.

Ele ponderou minha resposta por um instante; os olhos estavam tão intensos nos meus que o brilho poderia me cegar.

— E você acha que... Eu poderia ser esse homem? O que pensaria se lhe dissesse que quero lhe dar tudo isso? — perguntou inseguro.

Sua respiração também não estava mais tão tranquila.

— Diria que até agora tem se saído melhor do que outros — consegui responder num sussurro.

Ele me olhou por um breve momento e colocou as mãos na amurada. O silêncio era ensurdecedor.

— Passei o último mês, quero dizer... Minto... Os últimos meses, desde que a vi pela primeira vez, tentando... — ele suspirou. — Talvez você não consiga fazer ideia, Laura, da reviravolta que provocou na minha vida desde então.

Robert respirou fundo e eu fiquei muda.

— Não conseguia entender o que estava acontecendo comigo, por que pensava tanto em você, por que queria arrumar desculpas para ficar por perto de um jeito que me deixava desesperado! — suas mãos apertaram-se na amurada. — Você tinha se tornado uma necessidade, algo que eu não tinha a mínima condição de ficar sem. Queria estar próximo para sentir o seu perfume, ver o vento balançar seu cabelo, apreciar seu caminhar, ouvir sua voz, sua risada, olhar nos seus olhos e me ver refletido no brilho deles.

Ele se virou para mim e caminhou devagar, passo a passo.

— Em toda minha vida — parecia sufocar —, não imaginei que isso fosse real, não parei para calcular a força que poderia ter. Que alguém pudesse, de repente, sem aviso, se tornar o foco da vida de outra pessoa. Ser o motor dos seus pensamentos, a motivação para viver e querer mais. Para mim, amar era um completo mistério.

Ele falava no ritmo de quem se afogava e buscava o ar. Minha respiração o acompanhava nesse mergulho.

— Quando olhava para casais apaixonados, sempre pensava: *bom para eles, mas isso está fora do meu alcance*. O que eu já tinha

vivido, meus relacionamentos passados, eram chamadas de uma fogueira que se consumiram em si mesmas sem deixar marcas — olhava bem fundo nos meus olhos. — Mas você, Laura, é como uma brasa constante que a menor brisa faz crepitar de intensidade e iluminar a escuridão para o viajante. Você queima em mim, Laura. Não posso e nem quero mais ficar sem essa luz.

Eu estava petrificada. Ele estava bem à minha frente, o rosto próximo ao meu. Sua mão acariciou suavemente minha bochecha.

— Sentir a sua pele, esse calor, ver a luz de seus olhos. Ah, Laura... Como você se tornou importante na minha vida, quanto de sentido deu a ela. Queria que soubesse disso, de como ansiei por você — seus olhos refletiam uma espera inimaginável. — Nunca tive tantos motivos para agradecer por estar vivo do que tenho agora.

Ainda não conseguia acreditar no que meus ouvidos escutavam. Era muito bom para ser verdade.

— E se for algum engano? — tentei espremer as palavras para saírem. — Você pode estar se confundindo...

— As coisas são tão claras para mim que não há necessidade de provas — ele me interrompeu em um sussurro, seu hálito banhando meu rosto. — E, de qualquer forma, não preciso delas para justificar o que sinto por você.

— Você mal me conhece. Não sabe quem eu sou de verdade — tentei argumentar, mas, como o peixe que luta contra a correnteza, sentia o puxão que me levava.

— Você também não sabe quem eu sou de verdade — alguma coisa profunda se agitava nele com essas palavras. — Mas temos uma vida toda para descobrir.

Talvez esse fosse o momento que assustaria muita gente. *Vida toda* era uma expressão muito mais complexa do que um simples flerte, um encontro casual ou algo similar. *Vida toda* era um compromisso, coisa cada vez mais rara entre duas pessoas nos dias atuais, em tempos em que relacionamentos se resumiam, distorciam e esgotavam com a mesma rapidez de um *flash*. *Vida toda* era entrega, verdade, cumplicidade, desprendimento. Alegria e tristeza.

Era amor.

E na minha frente estava ele, possivelmente o único homem por quem a *vida toda* fazia sentido. Não havia o medo, o receio, nem a sombra de uma dúvida. Só a luz de uma certeza irradiava: a de que eu estava completamente apaixonada por esse homem.

Ele pegou meu rosto entre as mãos frias.

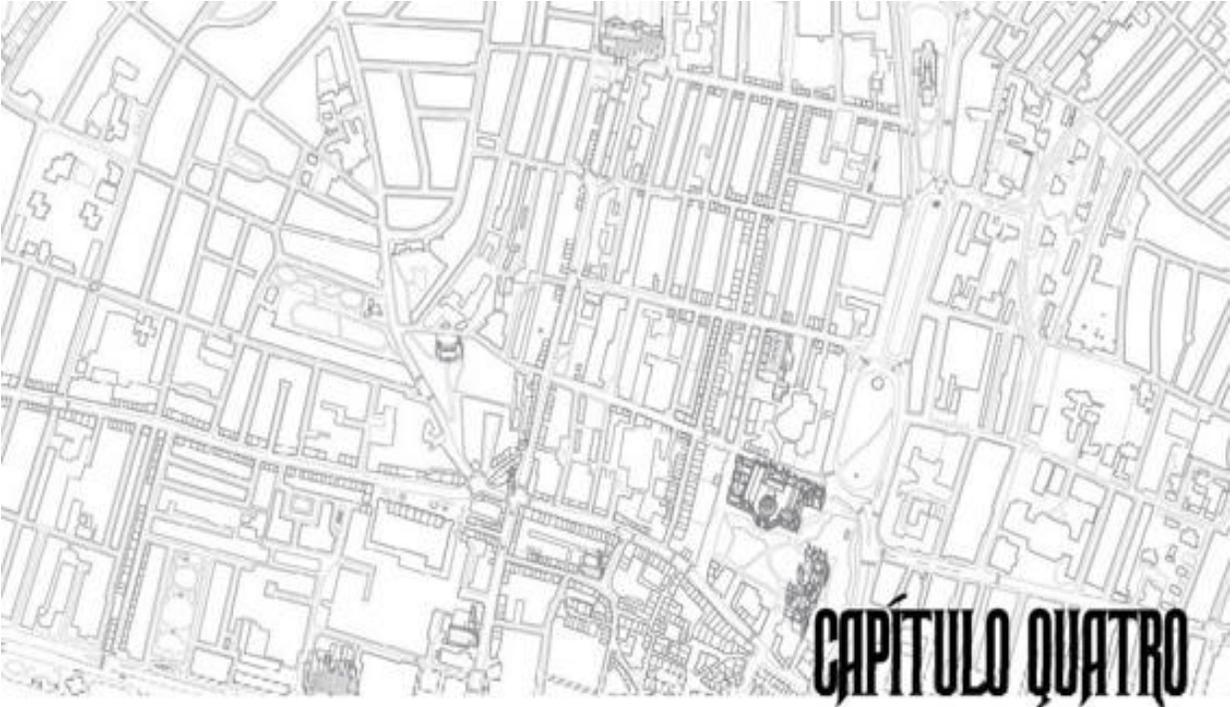
— Laura — falou em português. O sotaque deixava cada palavra ainda mais encantadora aos ouvidos. — Não sei como fez esse milagre acontecer, mas estou apaixonado por você. Eu te amo...

Senti tontura e palpitação sem tamanho. O vento era só um detalhe insignificante em um mundo, de repente, pequeno demais diante daquele olhar.

— Robert... — falei num sussurro.

Sua boca se aproximou devagar, os olhos presos aos meus, e então se uniu à minha. O contato fez um arrepio subir da coluna ao meu pescoço e o calor se espalhou. O beijo era terno, suave, nossas bocas se moviam no mesmo ritmo e meu coração acelerava ainda mais. A intensidade foi aumentando. Meus braços circundaram seu pescoço e os dele apertaram delicadamente minha cintura, puxando meu corpo para o seu. Não havia mais tempo ou espaço. Passado e futuro deixaram de existir. Só havia aquele momento e minha mente queria guardá-lo na memória exatamente daquele jeito.

Uma lufada de vento soprou. Minha echarpe voou acima dos muros da ponte, mas dessa vez nenhum de nós se moveu para pegá-la.



Livro Um – Capítulo Quatro

Tem certeza de que precisa ir tão cedo? — perguntei num fim de semana em fevereiro.

Era uma pergunta meio truncada, pois eu a fazia enquanto os lábios de Robert beijavam os meus com aidez. Estávamos no portão da minha casa. Ele passara a tarde toda lá. Eric viera também e assistia a um filme com Cínthia.

— Certeza eu não tenho de mais nada — ele riu, mas não deixou de me beijar —, mas preciso sim. Tenho um assunto de trabalho para resolver.

Fiz uma careta quando ele me soltou. Em geral, Robert passava muito tempo comigo. Eu o via quase todos os dias no almoço e nos finais de semana, a não ser quando estava atolada pelo trabalho extra e pedia — nem sempre com sucesso — para que não viesse até que eu sinalizasse. Mas ele nunca ficava até tarde, normalmente ia embora antes de anoitecer e, nos últimos tempos, Eric o acompanhava na saída. Nas raras vezes em que saíamos à noite,

íamos ao cinema ou a algum evento da cidade. Desde o início do nosso relacionamento, há um mês — que nas contas de Cínthia não vale, pois a *paquera* começou bem antes e era preciso computar esse tempo extra —, Robert era o que os ingleses chamavam de um perfeito cavalheiro. A química entre nós era forte, mas, contrariando as expectativas do mundo atual, ele não moveu um músculo sequer para *avançar o sinal*. Faria sucesso com muitas mulheres que reclamavam da falta de sensibilidade do sexo oposto.

Para mim, isso não era propriamente um dilema, mas seu comportamento me deixava curiosa. E ansiosa! Eu não era uma adolescente com seu primeiro namorado, sabia muito bem o que esperar de um relacionamento completo. E quando Robert me beijava ou tocava com mais intensidade, eu suspirava e imaginava.

Ele me beijou novamente e tive de afastá-lo um pouco para poder falar.

— Me faça um favor, então, já que precisa mesmo ir: poderia arrancar seu sobrinho do meu sofá? — acenei com a cabeça para dentro.

Ele deu risada e chamou:

— Vamos, Eric! Está na hora.

Eric apareceu na porta, com a expressão contrariada. Cínthia vinha ao seu lado com os olhos cautelosos e cara de cachorro sem dono. Aí tinha coisa...

— Laura — Eric pigarreou —, gostaria de pedir se você... Ai! — percebi o cutucão de Cínthia. — Se a senhora me deixaria levar a Cínthia ao cinema amanhã.

Ela me olhou com o semblante de um condenado que implorava misericórdia ou um último desejo.

— Não precisa fazer tanta cerimônia, Eric. A mocinha aí sabe que comigo isso não funciona — olhei para ele. — Só prometa que a trará cedo para casa, pois na segunda-feira tem aula.

Ele se endireitou, assumindo um ar responsável.

— Pode deixar, eu prometo — virou-se para Cínthia, dando-lhe um beijo tímido no rosto, e seguiu para o carro de Robert.

— Vejo você amanhã — Robert me beijou, enrolando os dedos pelo meu cabelo.

— Ficarei esperando.

Então me soltou, sem muita vontade, e acompanhou Eric.



— Muito bom, Laura, muito bom mesmo.

Clementine estava ao meu lado. Os fotógrafos e cinegrafistas circulavam no campus do departamento de História da Universidade de Bristol, tomado por artistas de rua, mímicos, pintores e escultores. Uma grande tenda fora armada e o agradável ar de primavera, com seu perfume de flores recém-abertas, impregnava o local. As performances eram variadas e os turistas aproveitavam para tirar fotografias, posar com os artistas ou *para* os artistas que pintavam quadros no local. Um grupo circense realizava números sob a lona, mímicos encantavam as crianças e escultores contemporâneos expunham obras que não só podiam ser vistas, mas também tocadas e utilizadas pelo público. Tudo dentro de um rigoroso planejamento que consumiu quase três meses de trabalho e muitas horas de reunião.

A Mostra de Arte da Primavera era um presente que os artistas da cidade entregavam, mostrando seu talento para uma população a princípio incrédula e depois fascinada. Artistas locais eram sempre os últimos a serem lembrados quando se planejavam exposições de porte. *Santo de casa não fazia milagres*, dizia o velho ditado. A Mostra desse ano, que acontecia simultaneamente em doze pontos diferentes de Bristol, fazia exatamente o contrário: iria expô-los para a mídia nacional e internacional. Estava feliz por eles e com eles, e satisfeita com meu próprio trabalho.

— Obrigada, Clementine — eu não a chamava mais de Srta. Fevré há algum tempo —, mas estão faltando alguns detalhes. A orquestra local ainda não chegou.

Pelo *walkie-talkie*, um dos estagiários contratados para dar suporte ao evento me informou sobre o problema mecânico imprevisto com o ônibus que traria a orquestra. Levaria vinte minutos até que

outro fosse mandado ao local. Não queria perder o horário de maior movimentação, mas não haveria outro jeito.

— Não se preocupe, Laura. No primeiro dia é normal acontecerem esses atrasos técnicos — Clementine parecia calma e relaxada, como eu nunca vira antes.

Ao contrário de mim, que estava uma pilha de nervos. Minha mania de perfeição resolveu agir com força total e eu queria estar em todos os lugares ao mesmo tempo. A orquestra chegou, finalmente, e foi devidamente instalada, iniciando a apresentação com *As Quatro Estações*, de Vivaldi, e eu me concentrei em inspecionar o fluxo de visitantes. Então, sem cerimônias, Clementine deu ordens a um dos estagiários para assumir meu lugar. Pegou minha mão e me arrastou para a barraca da organização, onde havia uma mesa com lanches, frutas e bebidas.

— É melhor você parar um pouco e comer alguma coisa. Sabe que horas são? — ela inquiriu.

Pestanejei e olhei o relógio. Eram duas da tarde.

— Nossa, como o tempo voou! — ela praticamente me forçou contra a cadeira.

— Isso mesmo, está sem comer desde a manhã. Depois Robert vai falar em meus ouvidos por não cuidar direito de você.

Eu estava dando uma dentada numa pera quando essa observação me fez olhar seu rosto. Era o mesmo, sem mudanças faciais, mas o tom de voz me surpreendeu. Não imaginaria Clementine preocupada comigo, mesmo por causa do irmão.

— Você está exagerando — falei entre uma mordida e outra.

— Você ainda não teve tempo de conhecer bem o cabeça-dura do meu irmão. Quando isso acontecer, vai entender o que digo. Espero que não se arrependa depois — retrucou.

Ela está enganada. Eu o conhecia o suficiente para saber o quanto ele me mimava e se preocupava se comi ou deixei de comer, se dormi bem ou não, essas coisas. Não podia deixar de admitir que gostava dessa atenção. Engoli um sanduíche e um copo de suco e me levantei, pronta para deixar a barraca. Clementine chamou:

— Laura.

— Sim? — voltei-me.

Ela cruzou os dedos das mãos e me olhou com seus magníficos olhos verdes.

— Obrigada — disse com sinceridade.

Fiquei pasma.

— Não precisa agradecer, Clementine. É o meu trabalho, minha obrigação fazer tudo certo e...

— Não estou me referindo ao seu trabalho — disse tranquilamente.

Agora não entendia nada mesmo.

— Obrigada... Pelo bem que está fazendo ao meu irmão — fitou-me seriamente. — E, por favor, não o deixe saber que eu falei isso.

Clementine se levantou, passando por mim. A orquestra dava seus novos acordes diante de um sol lindo de primavera.



— Ah, merda! — falei mais alto do que pretendia e mordi a língua de raiva.

Graças a Deus não havia ninguém por perto para ouvir. Fiquei parada do outro lado da rua observando o ônibus se afastar. Mesmo que corresse, não conseguiria alcançá-lo e o salto dos meus sapatos não me ajudariam. O único jeito seria andar até a *Queens Road* e pegar outro ônibus, que ia para o mesmo destino e passaria em vinte minutos.

Droga, Kate, quando você vai deixar de ser estúpida e prestar atenção na hora?, pensei enquanto caminhava pelas ruas — eram mais de dez horas da noite —, e analisava as possibilidades de mudar os horários de adaptação de matérias para o período da manhã. *Melhor falar com o reitor Adams sobre isso.* Com certeza haveria uma forma; poderia conversar com Laura e começar um pouco mais tarde o estágio do museu. Ela entenderia. Minha mãe reclamava do horário que chegava em casa e essa correria só estava me fazendo ficar mais cansada. Suspirei, escutando o *tac tac* do salto dos sapatos na calçada. A *Queens* estava perto, eu pegaria o ônibus

e logo estaria embaixo das cobertas com uma boa xícara de chá, vendo o noticiário noturno.

Se não fosse pelo estágio... Eu poderia cumpri-lo no próximo ano e concluir só as matérias, mas o museu remunerava bem e esse dinheiro faria falta em casa. Não deixaria de aproveitar. E Laura era muito legal comigo. A carta de recomendação que ela fez do evento da primavera contaria muitos pontos para minha graduação e para conseguir uma vaga na pós. Não queria decepcioná-la e nem ao professor Carter, que me indicou para o estágio. Fora um grande favor o que ele me fez.

Vamos, Kate, você aguenta. Só mais um semestre. Logo as férias de verão chegarão e poderá descansar. Nada que se conquista é sem sacrifícios. Contornei a esquina e vi as luzes do museu. Que alívio, estava chegando. Apertei o passo na avenida deserta de pedestres àquela hora. A brisa veloz passou ao meu lado quase ao mesmo tempo em que uma forma escura pairou acima do toldo de uma loja de ferragens. Estava olhando para mim e ouvi o som de uma respiração gorgolejante vindo dela. Fiquei gelada.

— Meu Deus...

Apavorada, saí correndo, sem pestanejar, sentindo que aquela presença podia ser tudo, menos amigável. Tropeçava nos ladrilhos da calçada, corria e olhava para trás. O vulto saltava de um toldo ao outro, como um animal, e parecia estar em todos os lugares ao meu redor, fechando um cerco. Queria gritar, mas o choro descontrolado que se formou me fazia engasgar e o medo tirava meu fôlego. Não havia ninguém na rua e, sem pensar, disparei em direção ao estacionamento do museu. Passei pelos arbustos, arranhando-me toda, e perdendo um sapato no caminho. Encolhi-me atrás de uma pilastra, tentando respirar. Estava sufocando e suava, o coração dando marteladas entre as costelas, as mãos juntas sobre o peito que arfava. Olhei para as luzes do estacionamento e percebi um *Polo* preto metálico estacionado. Sabia de quem era aquele carro.

— Graças a Deus! — murmurei e andei apressada em direção à portaria principal.

Estaquei a meio caminho quando a figura negra apareceu do nada à minha frente. Tentei correr, mas ela agarrou minha perna com força

e me derrubou, arrastando-me para os arbustos com uma rapidez absurda. Abri a boca para gritar e senti uma dor aguda que me silenciava, os olhos toldando e a mente mergulhando em profundo desespero.



— Ufa! Até que enfim! — remexi o pescoço endurecido.

Olhei o relógio. Tarde, de novo. Isso estava virando uma rotina perigosa. Fechei o *e-mail*, salvei os arquivos, pisquei tantas vezes que meus olhos lacrimejaram. Se continuasse nesse ritmo precisaria de óculos. Espreguicei o corpo e me levantei, juntando minhas coisas e apagando as luzes da sala.

— Boa noite, professor Carter — falou-me o guarda noturno do departamento de História.

— Boa noite, Harris. Poderia, por favor, pedir para entregarem isto à professora Waddington amanhã pela manhã? Eu só tenho aula depois do almoço — entreguei-lhe uma pasta.

— Claro, professor, será um prazer — assegurou-me.

Entrei no carro e liguei o som. Um pouco de *Bach* para relaxar. Meu celular tocou assim que virei a esquina. Parei para atender.

— Oi, mãe.

— *Oi, David. Acordei você?*

— Não, mãe. Saí da Universidade agora. Muito trabalho — bocejei.

— *Precisa parar com isso, David. Trabalhar desse jeito vai fazê-lo ficar doente* — ela ralhou.

Eu que o diga!, pensei, cansado.

— É só até o Calahan retornar da licença, mãe. Depois volto para o horário normal.

— *Mesmo assim, fico preocupada. Você e Laura vão acabar ficando doentes de verdade.*

Prestei mais atenção.

— O que tem a Laura?

— *Ela me pediu para ficar com a Cínthia. Disse que iria buscar uns papéis no museu e que voltava logo, mas até agora não apareceu* — sua voz estava preocupada. Franzi a testa. — *Já telefonei, mas o celular só dá caixa postal. Estou preocupada. Poderia passar por lá e ver se está tudo bem?*

Meu estômago se contraiu.

— Claro, mãe, eu estou perto. Vou passar lá. Assim que souber de alguma coisa eu aviso.

Virei a esquina e dirigi com mais pressa do que o habitual. Laura no museu àquela hora? E por que ainda não voltou? Comecei a me sentir ansioso. Quando entrei na *Queens Road*, o prédio do museu ficou visível. Porém, ainda mais visíveis eram a ambulância e os carros da polícia na entrada do estacionamento. O frio correu imediatamente nas minhas veias.



— Boa noite, Simons — cumprimentei o guarda da noite.

— Boa noite, Sra. Vargas. Trabalhando a essa hora? — acenou com a cabeça.

— Não. Eu esqueci alguns papéis importantes na minha sala e não dá para esperar até amanhã para pegar. Não vou me demorar.

— Não precisa se apressar, Sra. Vargas.

Continuei pelo saguão e descii as escadas. No caminho, uma lanterna era agitada pelo espaço.

— Boa noite, Kevin — cumprimentei o outro guarda.

— Boa noite, Sra. Vargas.

Minha sala estava às escuras e procurei pelo interruptor. Os papéis de que precisava haviam sido cuidadosamente organizados numa pasta por Kate. Ela era uma garota e tanto. Colocava-os na bolsa quando meu celular vibrou. Olhei para o número e sorri.

— Oi.

— *Oi* — a voz do outro lado era sempre bem-vinda. — *Onde você está?* — Robert perguntava.

— No museu — respondi.

— *Ainda?* — questionou, preocupado.

— Só vim pegar uns documentos que esqueci — o sinal de bateria fraca do aparelho soou.

— *Não podia esperar até amanhã?*

— Pois é, achei que poderia; mas sem eles não consigo terminar os gráficos esta noite. Algum problema?

Sua respiração era tensa e rápida ao telefone.

— Ei, você está correndo? — ele parecia estar numa maratona.

— *Não* — respondeu. — *Vai ficar muito tempo aí?* — seu tom era incomodado.

— Não, já estou de saída. Estarei em casa em vinte minutos — respondi, franzindo a testa.

— *Me liga quando estiver...* — a ligação ficou muda.

Eu devia ter colocado o celular para carregar à tarde. Peguei a pasta, aproveitei para checar se faltava algo mais e apaguei as luzes. Subi pelas escadas.

— Tudo certo, Sra. Vargas? — perguntou Simons. Kevin e ele tomavam um café. — Aceita um café?

— Não, obrigada, rapazes. Peguei o que precisava. Tenham uma boa noite, vejo vocês amanhã.

— Boa noite para a senhora também.

Caminhei lentamente, a cabeça devaneando sobre onde estaria Robert e por que estaria correndo. Será que fazia *cooper* e eu não sabia? Ele tinha o físico atlético, talvez praticasse esportes com alguma regularidade. A brisa da primavera soprava e olhei para cima. A noite estava escura, não havia lua. Andei pelo estacionamento deserto. Os arbustos em volta estavam cheios de folhas e flores, bem diferentes da última vez em que os observei mais atentamente. *Quando eu também estava sendo observada.* Sacudi a cabeça para afastar aquela memória. Já fazia muito tempo, era coisa do passado; uma reação ao frio ou a imaginação frenética pelas novidades da época, ou até, talvez...

Minha sequência de pensamentos foi interrompida, de repente, por um brilho fraco no chão, a meio caminho entre uma pilastra e o meu carro. De onde estava, não conseguia distinguir nitidamente o que era e me aproximei. Encontrei um pé de sapatos de salto, com uma fivela

dourada. O que aquilo estaria fazendo ali? Abaixei-me para examinar melhor, tive a impressão de conhecer aquele sapato, mas não tinha certeza de onde o vira antes. Olhei em volta, para os galhos em flor, e assim que meus olhos se ajustaram à escuridão percebi, com horror, uma perna branca que se projetava do arbusto próximo. Prendi a respiração. Levantei-me. Uma forma de mulher estava caída entre eles. Ia chamar Simons e Kevin, mas o reconhecimento fez meu sangue congelar.

— Kate! — minha voz era um grito sufocado.

Era ela, deitada de frente, os olhos arregalados de um pavor sem descrição, a face branca e os lábios arroxeados. Atirei-me sobre ela. Por um ferimento no pescoço, o sangue saía como água de uma torneira aberta. Seu corpo estava gelado.

— Kate, Kate! — ela não respondia, estava em choque. — Ah, meu Deus, Kate!

Olhei para a portaria e gritei com toda a voz que tinha:

— Simons! Kevin! Aqui, socorro! — meu grito era histérico.

Eles vieram com as lanternas nas mãos. Enquanto se aproximavam, eu tentava parar o sangramento como aprendera em primeiros socorros, levantando sua cabeça e pressionando a jugular ferida. Ao mesmo tempo, tirava o casaco com a mão livre para cobrir Kate e evitar a hipotermia. Ela tinha marcas de arranhões e ferimentos em outros lugares.

— Sra. Vargas! — gritou Simons, com Kevin atrás dele.

— Rápido, chamem uma ambulância! — gritei. Kevin acionava o rádio portátil na frequência de emergência da polícia. — Simons, dê-me seu casaco! Nós temos que aquecê-la!

Ele fez o que pedi, ajudando-me a enrolá-la o melhor possível.

— Kate! Vamos, garota, agente firme! A ajuda já está chegando! Vamos, Kate! — falava sem parar, apoiando sua cabeça e fitando seus olhos arregalados, tentando me lembrar onde havia visto aquela expressão antes.

Seu pulso estava cada vez mais fraco. Não estava dando certo.

— Kevin, me ajude a virá-la de lado, com cuidado! Eleve as pernas dela! — ordenei com a voz furiosa.

Ao longe, as sirenes da ambulância soaram e em instantes ela entrou pelo estacionamento, seguida de duas viaturas de polícia. Após os primeiros atendimentos no local, Kate foi colocada na maca e transportada. Essa imagem, mais os olhos arregalados, a pele pálida e a visão de seu rosto apavorado fizeram minha memória voltar num átimo e reconheci aquela cena.

Era a mesma da prostituta morta, meses antes, pelo assassino de Bristol.



Permaneci sentada no saguão de espera do *General Hospital*. Minha roupa estava suja e cheirava a sangue, mas meus olhos não desgrudavam da porta da sala de emergências, por onde levaram Kate. David conseguiu entrar — graças a um professor do departamento de Medicina da Universidade que estava de plantão — e me prometeu que traria notícias assim que as tivesse. Os olhos aterrorizados de Kate me perseguiram. Para onde quer que olhasse, lá estavam eles: grandes, opacos; a expressão do rosto era a mais assustadora que já vira em alguém vivo antes.

Repórteres estavam nas portas de saída, ávidos por notícias, mas a direção do hospital dera ordens específicas para proibir sua entrada e a segurança foi reforçada. Pela TV da sala de espera, assisti os primeiros noticiários do incidente ao vivo, diretamente do hospital.

... Segundo testemunhas, a vítima foi atacada no estacionamento do Museu de Arte e Galeria. Até o momento, sabe-se que se trata de uma mulher, mas ainda não há informações disponíveis sobre quem é e como está o seu estado de saúde. A direção do hospital disse que irá se pronunciar por meio de boletim médico, mas não informou o horário em que será divulgado. Pelas evidências colhidas no local do crime, muitos acreditam tratar-se da volta do maníaco que aterrorizou a cidade e desafiou a força-tarefa da polícia de Bristol...

Não quis assistir mais. Fui até o corredor lateral e procurei por um telefone público. Disquei rapidamente. Atenderam ao primeiro toque.

— *Alô?* — a voz era ansiosa do outro lado.

— Sou eu, Jean.

— *Laura! Graças a Deus! Você está bem? Nós estávamos desesperadas aqui. Está saindo em todos os canais sobre o ataque!*

— Fique calma, Jean, estou bem. Não aconteceu nada comigo, ok? — falei para tranquilizá-la, ela chorava ao telefone.

— *Pensei... Eu estava pensando o pior, meu Deus!* — soluçava.

— *Quando não voltou para casa e não consegui falar com você, comecei a me preocupar e pedi para o David ver se estava tudo bem. Ele encontrou você?*

— Sim, ele está aqui comigo no hospital.

— *Hospital?!* — era uma pergunta apavorada.

— Uma aluna dele foi a vítima, Jean. Minha assistente do museu, a Kate — continuei. — Por isso estamos aqui. Preciso saber se ela vai ficar bem e no que posso ajudar.

— *A Kate? Não acredito! Aquela garota tão boazinha? Como alguém poderia querer machucar uma menina tão doce e gentil como ela?* — Jeanete estava inconsolável.

— Pode fazer um favor para mim, Jean? Faça companhia à Cíntia? Não sei quanto tempo isso ainda vai demorar...

— *Nem precisava me pedir isso, Laura. Não saio daqui enquanto você não voltar* — assegurou-me.

— Obrigada.

— *Cíntia quer falar com você. Cuide-se e me avise de qualquer coisa* — ela passou o telefone.

— *Mãe?* — podia sentir o medo engasgado na voz dela. — *Mãe, você tá bem?*

— Sim, querida, estou bem, pode ficar tranquila. Não me aconteceu nada.

— *E a Kate?* — perguntou com tristeza. — *Ela vai ficar bem, não vai?*

Hesitei. Não poderia garantir isso, mas como não deixar Cíntia nervosa? Ela gostava de Kate.

— Os médicos estão fazendo todo o possível — respondi —, e só podemos esperar que dê certo. Ela está sendo muito bem cuidada. Avisarei assim que souber de alguma coisa, ok?

— *Tá bom, mãe* — concordou.

— Agora vá dormir, você tem aula amanhã. E, Cínthia — respirei fundo —, eu te amo, filha.

— *Também amo você, mãe.*

A linha ficou muda. Coloquei o fone no gancho e encostei a cabeça no aparelho. As lágrimas que havia segurado vieram e não fiz nenhum esforço para impedi-las. Deus, por quê? Por que isso tinha acontecido? Chorei por instantes que pareceram eternos, quando duas mãos tocaram suavemente meus ombros. Virei-me e ele estava lá, os olhos agoniados me fitando.

— Robert — murmurei.

Ele me abraçou. Segura em seus braços, enterrei a cabeça em seu ombro e chorei ainda mais. Ele me conduziu para as cadeiras próximas e me fez sentar, sem me soltar em nenhum momento. Amparada, senti minhas pernas dormentes e o coração bombear sangue gelado nas veias. A adrenalina que me sustentara havia passado. Não falamos nada; ele mexia nos meus cabelos, beijava minha testa e secava as lágrimas com os dedos frios. Aos poucos, a segurança fez com que eu me acalmasse.

— Quer ir para casa? — ele ofereceu.

— Não. Preciso saber como ela está — insisti e forcei as palavras seguintes: — Foi horrível vê-la daquele jeito. Como alguém pode fazer isso com outra pessoa? Que tipo de criatura seria tão cruel assim?

Ele não respondeu, apenas me apertou contra o peito. Quando falou, sua voz tinha um tom feroz:

— Poderia ter sido você. Foi por muito pouco — era como se falasse só para si. — Isso tem de acabar.

Levantei minha cabeça para perguntar sobre o que ele dizia, mas David cruzou as portas da emergência. Parou aos nos ver juntos, depois continuou em nossa direção.

— Como ela está? — perguntei rapidamente, me levantando.

Ele não respondeu. Olhou para Robert e acenou com a cabeça. Robert fez o mesmo. David apontou para as cadeiras e nos sentamos.

— Laura — falou devagar —, as notícias que tenho não são muito boas — meu estômago se contraiu. — Segundo os médicos, Kate

teve uma forte hemorragia e isso a fez entrar em choque hipovolêmico profundo. Ela só não morreu no local porque você a encontrou e agiu rápido, caso contrário a essa altura seria tarde.

Tentei engolir a saliva, mas minha garganta estava inchada. A mão de Robert segurava a minha com firmeza.

— As próximas vinte e quatro a quarenta e oito horas serão decisivas. Ainda há risco de complicações por isquemia. Se ela sobreviver — continuou com cautela, olhando-me nos olhos —, então os médicos poderão avaliar os danos causados.

— Que danos? Como assim? — meu cérebro não conseguia processar a informação.

David suspirou pesadamente.

— Laura, os médicos a estão mantendo em coma induzido. Kate recebeu mais de oito unidades de sangue — explicou. — A insuficiência cardiovascular e a queda na pressão arterial pelo choque podem ter afetado a oxigenação do cérebro e outros órgãos, e isso deixa sequelas, às vezes graves. Eles ainda não têm condições de verificar enquanto ela não voltar do coma — prosseguiu. — Se ela voltar. Isso é algo que os médicos não podem garantir.

Se ela voltar. Então Kate podia morrer? Nada do que fiz ajudou? Ela teria o mesmo destino dos outros? Da garota que eu havia visto, exangue, coberta por um pano escuro? O que David tentava me dizer era que não havia mais chances para Kate? Não!

Se ela voltar... Se ela voltar...

A sala começou a girar. A náusea era forte. Apoiei a cabeça nas mãos.

— Está tudo bem? Está sentindo alguma coisa? — Robert falava e me amparava.

Tentei olhar para ele, mas minha cabeça se recusava a voltar ao prumo. Um suor pegajoso correu pelas minhas têmporas e a boca secou. O som de uma manada de cavalos retumbou nos meus ouvidos e se espalhou pelo ambiente. E a escuridão tomou conta de mim.



Conheço esse lugar. Caminhava por uma trilha de tijolinhos amarelos. *Já estive aqui. Mas quando?* Minha memória se recusava a clarear, como as lembranças trazidas de outra vida ou um *déjà-vu* aos pedaços. O ar estava agradavelmente quente, mas podia ver flocos de neve através dos vidros que me rodeavam. Era inverno ou verão, afinal? Não conseguia ter certeza. Eu flutuava a cada passo em uma leveza artificial. Meus gestos lentos eram nuances desenhadas quadro a quadro por um habilidoso animador. Não havia nenhum som, não sabia se era dia ou noite, nem se estava viva ou morta.

Andei para a porta à minha frente e ela se abriu ao menor toque dos dedos. Imediatamente um perfume invadiu meus sentidos. Ao redor, rosas vermelhas exalavam um cheiro embriagador, suave e delicado. Continuei pelo caminho até acabar num pequeno círculo em espiral no centro de uma redoma envidraçada. *Esse lugar... Eu me lembro...*, refleti com a lentidão provocada por memórias agradáveis, mas distorcidas. Forcei a mente a buscar respostas, mas ela se recusou a obedecer.

Deixei-me levar pelos sentidos e me aproximei das rosas mais vermelhas que já vira. O perfume atravessava as fibras do corpo. Caminhava entre as flores, sentindo o toque suave das pétalas, o arrepio que provocavam, completamente alheia a pensamentos. Talvez, por isso, não percebi de imediato a maciez das pétalas mudarem e arranharem minha pele, aumentando a intensidade a cada passo. Virei-me para retornar ao círculo em espiral, mas, quanto mais me aproximava dele, mais as rosas espetavam, apertavam e tentavam me segurar. Suas folhas agrediam meu rosto, se enroscavam nos cabelos e os galhos eram mãos cadavéricas de arbustos secos.

Os mesmos arbustos do estacionamento do museu!

A compreensão me inundou num só jato. A gravidade voltou ao seu curso normal. Meu raciocínio clareou e reconheci a estufa de rosas de *Ashton Courte*. Das flores, gotas pingavam como orvalho e escorriam pelo chão até os meus pés descalços. Viscosas e pegajosas, aderiam à pele e não desgrudavam por mais que tentasse

me livrar. O que era aquilo? Estiquei a mão para tocar uma das rosas e a repulsa tomou conta de mim: sangue!

Sangue escorria das flores como milhares de lágrimas; encharcava o chão e convergia para a espiral central onde eu estava. Procurei pela saída, mas a trilha desaparecera. Não tinha para onde fugir. O fluxo subia a cada respiração — estava na altura dos meus joelhos. Tentava inutilmente me afastar, tropeçando e caindo. Nas rosas em que esbarrava, uma explosão lançava jatos de líquido vermelho no meu rosto, o cheiro forte dando-me náuseas.

A enchente de sangue quase chegava à minha garganta. Tentei gritar, mas nenhum som saiu da boca. O gosto alcançou minha língua e bati braços e pernas desesperadamente. Eu não conseguia respirar. Quando o sangue estava em meus olhos, olhei para o teto. Uma forma escura me encarava, com pupilas tão vermelhas quanto o mar rubro em que me afogava.

Abri os olhos e o brilho de lâmpadas fluorescentes me fez piscar. Virei um pouco a cabeça e percebi que estava deitada numa maca, em um quarto deserto de uma enfermaria. Fechei os olhos. A tontura pelo gesto quis me dominar. Respirei devagar. As memórias daquela noite voltaram: o ataque do assassino; Kate; seu sangue escapando entre meus dedos; David me dizendo que ela poderia morrer; Robert segurando minha cabeça... E depois a escuridão. Havia desmaiado. Toda a tensão acumulada fizera efeito.

Minha boca estava seca e mantive os olhos fechados por causa da luz. Outras lembranças retornavam: um sonho — ou pesadelo — com a estufa de flores de Robert. Rosas que pingavam sangue e eu me afogando nele. Estremeci e procurei afastar aqueles delírios inúteis de uma mente cansada.

— Não acha que já a colocou demais em risco? — uma voz perguntou com reprovação e irritação.

O murmúrio era abafado, como se viesse do lado de fora do quarto. Tentei abrir os olhos para ver, mas foi inútil. Minha cabeça pesava e latejava, e eu ouvia em ecos.

— Ela não corre perigo, sabe tão bem quanto eu. Não poderia estar mais bem protegida. E chegamos muito perto de resolver essa situação na noite passada — outra voz retrucou no mesmo tom.

Dois homens conversavam; ou melhor, discutiam.

— Isso é o que *você* diz. E veja o que aconteceu! Ela estava lá! Exposta e indefesa! — a primeira voz se exaltou, embora mantivesse o timbre baixo. — Poderia ser ela agora no CTI! Entre a vida e a morte!

— Não deixaríamos que nada acontecesse com ela. Eu lhe dei minha palavra, não dei? — uma voz feminina falou. — O cerco está se fechando. Ele conseguiu nos enganar antes, mas agora temos uma pista mais concreta e seguiremos seu rastro. Ele cometeu muitos erros desta vez, Megister.

Silêncio. *Megister? Rastro?* A primeira voz falou novamente:

— Vocês me garantiram que não haveria maiores danos, que conseguiriam dar conta; mas a situação está ficando fora de controle. A mídia, a polícia, tudo está exposto demais. Sabemos dos limites e estamos respeitando, mas se não fizerem algo, e logo, teremos que tomar as nossas providências — ameaçou.

— Não é preciso que fique nos lembrando. Conhecemos o Acordo. E nós vamos pegá-lo, eu lhe asseguro — a voz feminina falou com autoridade. — Agora faça um favor a todos nós e vá prestar alguma ajuda à família da garota.

Silêncio. Ninguém parecia ter se movido.

— Quando pretende dizer? — o primeiro perguntou.

— Quando a hora apropriada chegar — retrucou secamente o outro.

— Apropriada para você ou para ela? — provocou o primeiro, com desdém. — Ou tem medo do que possa acontecer com a verdade?

— Assim que o momento certo aparecer, eu farei o que for necessário. E acho que isso não é da sua conta — o outro respondeu zangado.

Tentei distinguir de quem poderiam ser as vozes, mas minha cabeça estava meio oca.

— Você está enganado. *Tudo* o que acontecer a ela é da minha conta. A escolha é dela. Sempre será. Nunca se esqueça disso. Eu estarei de olho — falou o primeiro, com certo desprezo.

— Ela é *minha* responsabilidade. Minha, entendeu? — disse a outra voz masculina com um toque de ameaça. — Isso não tem nada

a ver com você ou com o que fazemos. Não me importa o que pensa a respeito, essa história não lhe interessa! Nem lhe diz respeito! Espero não ter que deixar isso claro novamente em outros termos — o tom era de poucos amigos, e de dentro do quarto pude sentir que mediam forças.

Movimentei-me na maca e os murmúrios cessaram. Ainda não conseguia abrir totalmente os olhos. Segundos depois, alguém entrou pela porta entreaberta. Uma mão acariciou meus cabelos. Robert estava lá, parado, e sorria preocupado.

— Está se sentindo melhor, amor? — tomou minha mão e a beijou.

— Como se tivesse engolido um guarda-chuva aberto — brinquei, sem vontade.

Ele abaixou-se para me dar um beijo nos lábios.

— Desculpe-me pelo susto. Não costumo ter esse tipo de fraqueza — reclamei.

— Você está estressada. A noite de ontem não foi fácil — ele sentou-se ao pé da maca. — Assim que o médico lhe der alta, vou levá-la para casa. Clementine a liberou do trabalho hoje.

— Clementine esteve aqui? — perguntei confusa.

— Sim. Ela veio ver o que poderia fazer pela família de Kate.

Franzi a testa, lembrando-me das vozes no corredor. Meus pensamentos estavam confusos e sacudi a cabeça.

— O que foi? — ele quis saber.

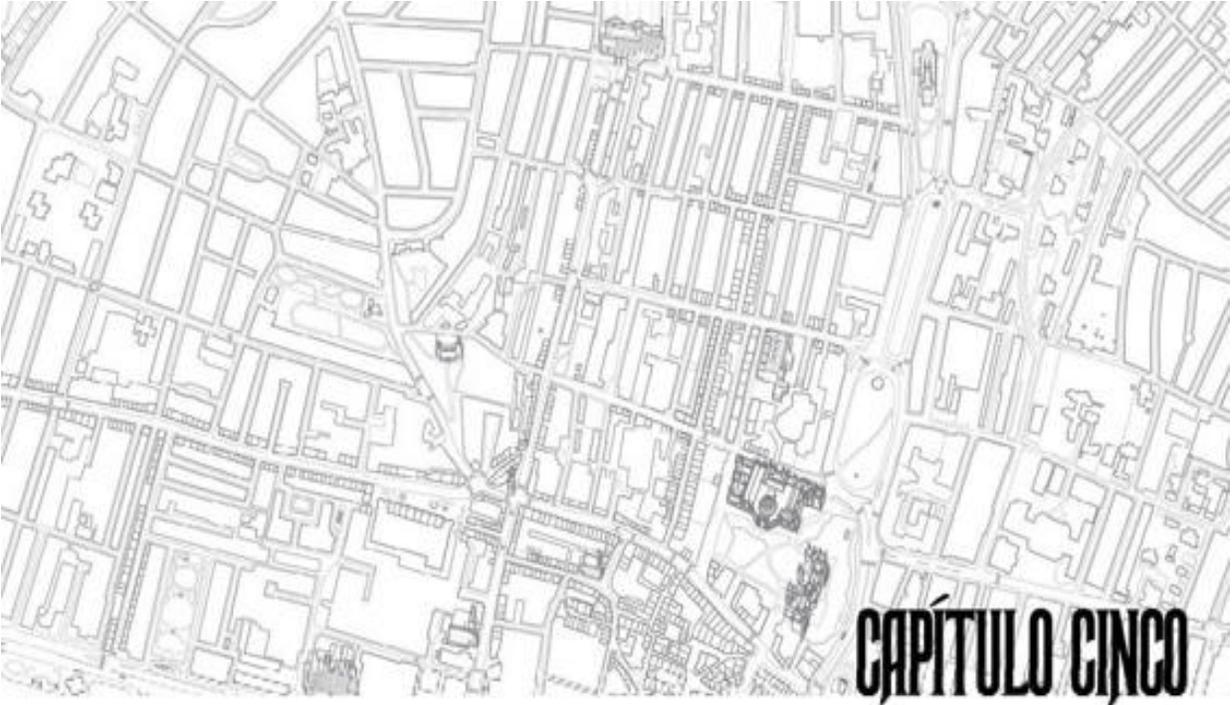
— Nada... É que tive a impressão de ouvir uma mulher falando no corredor com mais alguém... Era ela? — olhei sugestivamente.

Robert deu de ombros.

— Ela veio vê-la, mas você ainda estava apagada. Não deve ter sido ela que ouviu.

Continuei olhando-o. Uma voz interior soprava suspeitas em meus ouvidos. Nesse momento, o médico chegou.

— Vou esperar lá fora enquanto ele a examina — me beijou de novo. — E lembre-se: eu te amo.



Livro Um – Capítulo Cinco

Férias de verão. A frase mágica que colocava tudo fora de ordem. Pelo menos, nos três cômodos do primeiro andar. Mochilas, malas, sacolas abastecidas de maiôs, biquínis, revistas, roupas novas e maquiagem — esparramadas pela cama e o chão — para um clube inteiro de garotas. E era exatamente isso que as férias de verão seriam: uma trupe de garotas da *Bristol High School* num acampamento em *Portsmouth*.

— Deus do céu! Você realmente pretende pegar esse ônibus hoje ou nas próximas férias? — falei quando vi a Babel instalada no quarto de uma Cínthia de olhos arregalados para os ponteiros que corriam no relógio. Comecei a ajudá-la

No colégio, as garotas formavam grupos ao lado dos monitores que as acompanhariam durante a viagem. Caroline, Rebecca e Susie acenavam alegremente. Apesar do clima de alegria e excitação, Cínthia voltou-se para mim.

— Como está a Kate, mãe? Ela melhorou?

Kate havia superado as horas mais perigosas e sobrevivido. Após algumas semanas ela voltou à consciência, mas desde então permanecia incomunicável. Não falava com ninguém, não reagia a estímulos e alimentava-se apenas se lhe dessem a comida na boca. Os médicos não tinham um prognóstico de recuperação e ainda não conseguiam avaliar os possíveis danos. Ia visitá-la com frequência e ficava sempre triste e deprimida nesses dias. Era horrível vê-la naquela situação e o sofrimento que causara aos seus pais. Kate era filha única.

— Vou visitá-la hoje à tarde, mas até agora continua tudo igual — respondi.

Os monitores chamavam as meninas apressadamente. Dei um abraço em Cínthia e nas amigas, mas ela parecia ansiosa.

— Algum problema? Já estão chamando vocês — falei.

Ela olhava para o portão, procurando alguma coisa.

— Não. É só que... — e parou de falar, fitando além de mim.

Eric vinha apressado, quase correndo, o cabelo revoltado de agitação. Um pouco mais atrás estava Robert, com o passo tranquilo. Eric passou por mim — como se eu não estivesse ali — e abraçou Cínthia.

— Desculpe, tive um problema. Achei que não chegaria a tempo — sem pestanejar, deu um beijo nos lábios dela.

Pensei numa porção de reações que uma mãe normal teria naquele momento: fazer um escândalo; exigir explicações; sentir ciúmes por ver sua filha única nos braços de um homem; chorar. Mas confesso: todas passaram por mim tão rápido que a única coisa que restou foi a constatação de um fato visível já há bastante tempo. Experimentei uma mistura de medo e alegria, angústia e comoção.

Robert colocou o braço sobre meus ombros e me deu um beijo no pescoço, mas meus olhos estavam grudados naquela cena. Linda, perturbadoramente bela, de uma graça que me provocava calafrios indecisos de felicidade e tristeza; eu presenciava um segundo nascimento de Cínthia, mas nesse eu não tinha nenhum papel especial. O tempo passava muito rápido...

Bom... Era melhor fazer algo antes que perdessem o respeito por mim de vez. E pigarreei. Eles se desgrudaram. Eric, vermelho até a

raiz dos cabelos, e Cínthia, encabulada, me fitaram. Corajosamente ele deu um passo à frente, buscando recobrar o fôlego, sem soltar a mão dela um minuto sequer.

— Laura — dizia, engasgando. — Desculpe-me, não queria... Quero dizer, querer eu queria... Ou melhor, quero... Mas não queria que você ficasse sabendo, assim, que eu queria... Quero dizer... Oh, droga! Posso *pedir* a mão da sua filha em namoro? — desembuchou.

Olhei de um para o outro. Os monitores chamavam as garotas.

— Mãe...? — Cínthia olhava ansiosa para mim, para Eric e para a fila que caminhava.

Usei um olhar de muitas intenções e cruzei os braços, encarando-os com minha melhor *performance* de mãe traída.

— Estranho. Achei que a demonstração de agora deixou bem claro que isso *já* estava acontecendo...

Eles ficaram quietos.

—... Mas é muita consideração da sua parte me colocar a par de tudo, Eric — fui sarcástica.

— Então, você concorda? — ele perguntou, apertando a mão de Cínthia.

Dei um meio-sorriso. *Não iria facilitar as coisas desse jeito, também.*

— Tudo bem — concordei devagar. — Só que... — continuei, mudando de tom. —... Nada de ficar namorando fora do horário nos dias de aula, não quero ouvir nenhuma reclamação da diretoria sobre vocês, nem notas baixas ou dever de casa por fazer. Se alguém se atrever a me chamar de *sogrinha*, vou ficar muito irritada — olhei para Eric. E pontuei bem a próxima frase do meu discurso. — E não quero os dois fazendo *qualquer coisa* sem os devidos cuidados, entenderam?

— Mãe! — Cínthia ficou vermelha.

No controle da situação, ao menos por enquanto, me aproximei e a puxei num abraço.

— Agora, corre, mocinha, ou vão deixar você para trás — apertei sua bochecha com os dedos.

Ela sorriu, deu um beijo rápido em Eric e correu para onde estavam as colegas, boquiabertas e ansiosas pelas novidades. Abriu

a janela e me atirou um beijo, enquanto os ônibus saíam.



A casa estava quieta, sem vida. Apenas algumas horas se passaram e era como se Cínthia estivesse fora há semanas. *Não vai ser fácil*, suspirei. Agora era diferente. Antes ela era uma garotinha — a *minha* garotinha — e hoje deixara bem claro que cresceu. Um dia a mudança seria ainda maior: faculdade, casamento, filhos. Inevitável como o dia e a noite.

Pensava nessas coisas quando fui enlaçada pela cintura. O hálito em meus cabelos, as narinas aspirando o perfume deles. As mãos viraram meu rosto e uma boca se colou à minha. Um beijo forte, ardente, urgente. Os lábios de Robert exigiram os meus como se tivessem fome deles, e por um momento achei que sufocaria com a falta de ar. Suas mãos passearam pela minha cintura, subindo pelas costas, ombros, prendendo os dedos sob meus cabelos. Sua boca deslizou para beijar meu rosto e descer pelo pescoço, provocando arrepios.

A casa estava vazia, estávamos juntos há algum tempo. Por que não? Fui tomada pelo frenesi de expectativa que sempre experimentava quando ficávamos próximos assim. Esperava por isso. A mulher que eu era aguardava esse encontro íntimo com ansiedade, desejo e paixão. Queria sentir a pele dele sobre a minha, suas mãos em meu corpo, seu cheiro misturando-se com o meu. Eu o queria.

Como se sua necessidade também fosse insuportável, as mãos me empurraram delicadamente para o sofá. Escorreguei sob seu peso, seus beijos, seu toque. Pequenos movimentos ajustaram nossos contornos. Eu era dele, queria ser. Tentei tirar sua camisa e ele parou subitamente. Seu corpo ficou rígido, a respiração descontrolada batendo em meu rosto. Olhou-me e por um momento a tortura da dor invadiu sua expressão. Seu olhar era um misto de fascinação, desejo... e medo. Como se tivesse feito algo proibido. Algo muito errado.

— O que foi? — perguntei num sussurro.

— Desculpe-me, acho que estou me excedendo. Não quero ofendê-la — desculpou-se.

Sorri para encorajá-lo e apertei meus braços em seu pescoço, obrigando sua boca a voltar para a minha.

— Não. Você *não está* se excedendo — falei com a voz encharcada de paixão, entre os beijos. — E, sim, *quero* que você me ofenda! Tem toda a minha permissão — abri a boca para a dele.

Ele rendeu-se e desfrutei o momento; mas, quando tudo parecia que daria certo, afastou-se depressa e se sentou. Fiquei deitada no sofá, paralisada, respirando com dificuldade, sem conseguir definir se ele lutava para ficar comigo ou para fugir de mim.

— Fiz algo de errado? — perguntei, sentindo-me meio idiota e rejeitada. Doía pensar que isso poderia acontecer.

Lá estava novamente o olhar torturado de antes em seu rosto; mas havia algo mais agora: dilema, dúvida. E fúria. E a custo ele parecia controlá-la, era evidente.

— Por favor, Laura... — ele me pediu.

— Você não quer? — sussurrei. — Quero dizer... Não *me* quer? — frisei.

Ele sacudiu a cabeça com raiva e segurou meus ombros, ajudando-me a sentar.

— Não, não é isso — assegurou. — Não entenda desse jeito, por favor, amor — passou os dedos pelo meu pescoço. — O desejo que sinto por você é tão grande, Laura, que tenho medo de fazer alguma coisa errada.

— Mas errado por quê? Somos adultos, Robert. Sei que é muito cavalheiro e agradeço por isso, mas sou uma mulher. Não há nada que deseje mais do que ficar com você, agora, como mulher.

Ele me olhou nos olhos: a fúria ainda estava lá, menos intensa. Aproximei-me de mansinho e coloquei meus braços em seu pescoço.

— Eu amo você — falei pela primeira vez. A verdade dessas palavras era sólida como pedra. — E quero estar com você.

Mantive os braços, mas não avancei como da primeira vez. Queria ver sua reação. Ele sustentou meu olhar e, mais controlado, aproximou-se e me deu um beijo leve.

— Eu te amo — ele deu uma risada descontraída. — E tive que esperar bastante para você admitir que me ama também. Ou será que está só tentando me seduzir? — ergueu uma das sobrancelhas.

— Acho que as duas coisas — fui obrigada a concordar. — Então, me saí bem?

Ambos demos risadas. O silêncio que se seguiu a elas estava impregnado pela eletricidade de nossos corpos. Eu ardia feito brasa, e uma brisa leve poderia me fazer queimar. E estava disposta a começar um incêndio.

Ouvi um barulho na porta da cozinha e sentei-me decentemente, arrumando minha roupa.

— Oh, olá! — Jeanete entrava pela sala. — Desculpem-me, estou incomodando? Posso voltar outra hora — ela estava constrangida ao perceber o clima. — Como vai, Robert?

— Eu vou bem, Jeanete, obrigado. Não se preocupe comigo, já estou de saída.

Fechei a cara, mas isso não o incomodou. Levantou-se e caminhou para a porta. Eu o segui, meio azeda. Estávamos no portão quando ele se voltou e me abraçou, repousando a cabeça em meu ombro. Fiquei calada.

— Por favor, Laura — ele me pediu, percebendo a dúvida em meu silêncio. — Não fique imaginando coisas. Não agi assim porque não a desejo, nem sonhe em pensar dessa forma. Tudo o que mais queria era ficar com você, como um homem — imitou minha inflexão anterior. — Foi estupidez minha ter começado as coisas daquele jeito.

— Então por que não dá luz à razão e volta à noite para terminar o que começou? — sugeri, acariciando seu cabelo negro.

Ele não respondeu, mas abaixou o rosto e me beijou, suave e demoradamente.

— Eu te amo. Não esqueça isso nunca — me olhou nos olhos, o negro de suas pupilas me incendiando. — Amo você demais para deixar de ser racional nesse momento.

Fiquei confusa com suas palavras, mas outro beijo calou meu pedido de explicação.



A casa de Kate ficava em *Eastville*. Como era afastada da região central, ela costumava dormir algumas noites no alojamento dos colegas do campus durante a semana. Na noite do ataque, ela voltava para a casa dos pais porque havia prometido que dormiria lá. Desde que deixara o hospital, era atendida em domicílio por enfermeiras do serviço social de saúde e tinha consultas semanais de acompanhamento com um psiquiatra e terapeuta. Toquei a campainha. A Sra. Morgensen atendeu com um sorriso.

— Oh, Laura, como vai? — me envolveu em um abraço. — Entre, por favor. Não a esperava hoje.

Ela me conduziu pela pequena sala de aparência simples, mas bem organizada e limpa. Poltronas xadrezes, quadros nas paredes, um antigo relógio de carrilhão, porta-retratos espalhados pelas mesas de canto — a maioria com fotos de Kate —, um quadro com vários tipos de nós de marinheiro — o pai de Kate havia sido pescador a vida toda —, uma lareira pequena e tapetes coloridos. Entreguei à Sra. Morgensen um buquê de flores.

— São para Kate. Espero não estar incomodando, não tive tempo de avisar que viria. Havia muito trabalho no museu.

— Obrigada, Laura. É sempre uma alegria quando vem aqui. Se não fosse por você, naquela noite, eu... não... — e começou a chorar.

Eu a abracei. Anita Morgensen era uma mulher miúda, rechonchuda, as bochechas lisas e cor-de-rosa brilhantes. Seus cabelos eram claros, como os de Kate, e tinha a mesma cor verde dos olhos. Usava um vestido rosa que acentuava a cor da pele. Desde que a conheci no hospital, e passei a visitar Kate em casa, nunca deixava de me agradecer.

— Como vai a nossa paciente? — tentei animá-la. — Está melhor?

Ela suspirou e enxugou os olhos num lenço. As semanas de debilitação da filha a desgastaram.

— Ela teve alguma melhora sim, graças a Deus! — um pouco de alegria reapareceu no semblante triste. — Esta semana começou a reagir a estímulos durante as sessões de terapia e está comendo um

pouco mais. Isso é bom porque ela perdeu muito peso, a pobrezinha — voltou a chorar.

— Sra. Morgensen, o que está contando é ótimo! — tentei essa abordagem para estimulá-la. — Significa que Kate vai melhorar e voltará às suas atividades normais. Não podemos perder a esperança — passei o braço pelos ombros dela.

— Eu sei — enxugou os olhos novamente. — Mas é tão triste ver minha menina desse jeito. E pensar que o miserável que fez isso com ela está solto. A polícia vem aqui, faz milhares de perguntas e não resolve nada! O que estão esperando para pegar esse bandido? Que mais gente morra?

— A polícia veio aqui de novo? — na noite do crime os investigadores conversaram comigo e com os guardas do museu, tomando nossos depoimentos.

— Sim, mas não adianta. Dizem que ninguém viu nada, só falam das semelhanças entre os crimes. Eles sabem tanto quanto nós — suspirou pesadamente.

— Posso ver a Kate? Ela está acordada?

— Sim. Eu acabei de levar o chá para ela. Aceita um também? — ofereceu.

— Não, obrigada.

O quarto era pequeno, pintado de branco e decorado com estêncil de tulipas próximo ao teto. A cama de solteiro ficava ao centro, coberta com uma colcha lilás e três travesseiros. Ao lado, uma mesa de cabeceira — onde estavam os remédios de Kate —, um rádio-relógio velho e um abajur com cúpula de franjas. Uma escrivaninha se espremia entre a janela e o armário de roupas. Acima dela, uma prateleira com livros. O mural ao lado exibia fotos de vários lugares e coisas diferentes, entre elas uma em que Kate e eu estávamos na abertura da Mostra de Primavera.

O som da melodia de uma antiga caixinha de música enchia o ambiente; uma bailarina rodava nela sem parar. Diante da janela, com suas cortinas de flores, havia uma poltrona desbotada coberta por uma manta oriental. Kate estava sentada lá, fitando o vazio por entre as janelas fechadas.

— Kate, querida — dizia a mãe. — Olhe quem veio visitá-la, amor. É a Laura — ela não reagiu. — E veja só, ela lhe trouxe flores. Violetas, suas favoritas.

Não houve nenhuma reação e a mãe de Kate engoliu em seco.

— Oi, Kate. Sua mãe me contou que você está progredindo nas sessões de terapia e se alimentando melhor. Fico feliz em ouvir isso.

Era como falar com uma estátua. Pálida, o cabelo opaco, os olhos mortos com profundas olheiras arroxeadas fitavam o nada; alheia a tudo e a todos. Minha garganta se apertou. A campainha tocou e a Sra. Morgensen gemeu.

— Deve ser a Ruth. Ela vai me ajudar com algumas encomendas que preciso entregar.

A Sra. Morgensen era costureira, e a prolongada enfermidade de Kate afetou sua rotina de trabalho. Acenei com a cabeça para me despedir.

— Por favor, Laura, fique — ela pediu. — Sei que Kate vai gostar. Fique mais um pouco. Estarei no outro quarto, não precisa se apressar — colocou as flores na escrivaninha. — Aproveite enquanto ela está acordada — e saiu.

Ficamos sozinhas, tendo apenas a música da caixinha como companhia. Puxei um pequeno banco de madeira próximo da cama e me sentei em frente à Kate. Ela não notou minha presença. Observei as cicatrizes no pescoço e pulsos. Coloquei a mão sobre a dela. Estava fria, apesar do tempo quente e da manta sobre os joelhos. Uma mecha de cabelo se soltara do rabo de cavalo e eu a coloquei atrás de suas orelhas. Acariciei sua bochecha pálida, os músculos fundos na face. Nenhuma reação. Era o mesmo que observar um corpo vazio.

Lembrei-me de seu rosto naquela noite: a face branca, as pupilas dilatadas de pavor. Algo daquele medo ficara gravado dentro de seus olhos, como se a imagem do que viu fosse repetida várias e várias vezes, tornando o choque permanente.

As mãos estavam largadas sobre o colo e fiquei acariciando-as, numa tentativa de ligar a estranha pessoa meio-morta à minha frente com a tímida e inteligente Kate que conhecia. Eu olhava para um borrão, uma cópia malfeita de um original que se perdera. Encarei a

mesa cheia de remédios. Drogas seriam o suficiente para trazer Kate de volta? O que aconteceu naquela noite? Meus olhos se encheram de lágrimas. *Se eu tivesse sido mais rápida...*

— Ah, Kate — falei, enquanto a dor sufocava minhas palavras —, se você estiver ouvindo, por favor, me dê um sinal. Qualquer um. Eu me sinto tão culpada, Kate. Tão inútil. Tentei salvar sua vida e olhe como você está? Veja o que lhe aconteceu? É tão injusto com você; não merecia nada disso, minha querida. Eu gostaria de poder voltar no tempo e impedir que uma coisa horrível como essa acontecesse — desabafei, sem saber ao certo se poderia, se isso não atrapalharia o tratamento dela. — Se eu não tivesse me demorado conferindo toda aquela papelada, poderia ter visto quem a atacou, ter gritado ou revidado. Quem sabe eu evitaria que aquele desgraçado sequer a tocasse. Nada me impediria de lutar com ele, se fosse preciso, para mantê-la segura, acredite. Jamais deixaria que alguém lhe fizesse mal! Faria o que fosse preciso para defendê-la — os soluços embaçaram minha voz. — Quando a vi caída, quando olhei nos seus olhos...

Não tinha mais condições de falar. Choraria e isso poderia estragar tudo, traumatizar Kate. Já havia feito uma grande bobagem despejando aquelas lamentações sobre ela naquele momento. Onde eu estava com a cabeça? Abaixei os olhos para as mãos e respirei para me controlar. Não pioraria as coisas. Não tinha esse direito.

Mas quando levantei o rosto — meu Deus! —, Kate estava me fitando. Virara a cabeça em minha direção e seus olhos agoniados pareciam querer me dizer algo. Um brilho de urgência estava neles. Era uma reação! Quase perdi a fala de vez.

— Kate... — murmurei. — Você está me ouvindo? Pode me entender?

Ela não se moveu, mas pelo olhar entendi que ouvira tudo o que eu dissera. Apertei sua mão, aproximando-me. Mesmo sabendo ser errado, eu tinha uma pergunta e precisava fazê-la.

— Kate — meus olhos queimavam —, o que aconteceu com você naquela noite, minha amiga? A polícia não descobriu nada e tenho medo que outras pessoas ainda sejam atacadas. As autoridades

precisam deter esse monstro. Quero ajudá-la, Kate, por favor. Diga-me, como posso ajudar? — implorei.

Kate levantou-se, de súbito, soltando-se da minha mão. Eu não conseguia respirar. Caminhou com passos incertos até a escrivaninha e sentou-se de costas para mim. Com a mão trêmula, pegou uma folha de papel e começou a rabiscar desenfreadamente. Forcei meu corpo a se levantar devagar, para não assustá-la. A distância, percebi que ela esboçava algo, mas não conseguia ver o quê. Sua mão se movia freneticamente para cima e para baixo. Depois de algum tempo, parou. Com grande esforço, ela ficou em pé e veio em minha direção, cambaleando e se apoiando nos móveis. Trazia consigo o papel. Ficamos cara a cara e ela o estendeu para mim, com a mão trêmula e o olhar apavorado. Ao pegá-lo e olhar o desenho, senti a bile subir pelo esôfago.

— Kate — olhava do papel para ela —, o que quer me dizer? Por que desenhou isto?

Ela me olhava em pânico. A boca silenciosa tremia com as palavras que não conseguia dizer. Seus olhos estavam tão arregalados e assustados como naquela noite no estacionamento. Então minha ficha caiu.

— Kate — me aproximei mais —, quer dizer que foi... ele? — apontei para o desenho. — Foi essa pessoa que atacou você? — minha voz era um sussurro frágil.

Os olhos dela se encheram de lágrimas e acenou fracamente com a cabeça. Eu gelei. Ela apontava para o desenho e tremia, num espasmo. Passei os braços em volta do seu corpo frio e a levei para a cama; arrumei os travesseiros, deitei-a e a cobri com os cobertores e a manta para mantê-la aquecida. Ouvei passos no corredor e rapidamente guardei o desenho na minha bolsa. A porta se abriu.

— O que aconteceu? — perguntou a Sra. Morgensen ao ver Kate na cama.

Pensava numa explicação quando percebi que ela estava imóvel e dormia tão tranquilamente quanto possível.

— Ela dormiu no sofá — menti —, e eu quis deixá-la mais confortável.

— Oh, querida, quanta gentileza! — a Sra. Morgensen ajeitava os cobertores. — Mas devia ter pedido ajuda, não precisava fazer isso sozinha — fechou a caixinha de música.



Parei de dirigir assim que contornei a esquina, antes de pegar a avenida principal. Meu coração estava aos berros, a cabeça doía, e o chão não existia sob meus pés. Respirei fundo para clarear a mente, mas uma sensação de incômodo me percorria. Peguei o desenho de Kate de dentro da bolsa e o abri devagar. Olhei-o longamente, engolindo em seco. Kate usara todas as suas forças para me contar, da melhor maneira que podia, quem a atacara naquela noite. Não ignoraria seu esforço.

Mas, por Deus, se era verdade, se era *mesmo* verdade... Encostei a cabeça no banco do carro. Se o que Kate me mostrou realmente acontecera, então — encolhi-me ao pensar dessa forma — eu tinha minha parcela de culpa pelo ataque. Meu silêncio quase custou a vida dela. *Não, isso não é possível. Tem de haver outra explicação. Mas qual?*

Liguei o carro e segui pela avenida. Precisava falar com alguém. Mas quem? A polícia? E o que eu diria? Robert? David? Minha cabeça estava muito confusa.

Parei no sinal vermelho e olhei pela janela. Numa banca de jornal, a manchete de um tabloide dizia: ***O Vampiro de Bristol: Verdade ou Mentira? — Uma Entrevista Exclusiva Com o Dr. Jarvis Poincello.*** Uma ilustração tirada de filmes B de terror exibia seus dentes para o leitor. E os olhos vermelhos.

O sinal abriu, mas estacionei o carro na rua seguinte. Peguei o celular e disquei.

— *Informações* — a telefonista falou mecanicamente.

— Eu gostaria de um endereço, por favor.



A casa ficava em *Henbury*. Tive que pedir algumas informações no caminho, mas consegui encontrá-la. Era a única casa de campo em quilômetros, ladeada por uma cerca viva. Não havia portão de entrada e manobrei por uma pequena alameda. A fachada inferior da casa era de pedra, a parte superior de madeira, com janelas pintadas de branco. Havia um jardim com rosas e margaridas, mas a grama alta dava uma aparência maltratada ao lugar. Algumas árvores faziam parte do conjunto e os pássaros cantavam nos galhos. Duas estátuas de quimeras estavam nas laterais da escadaria. Subi os degraus e me deparei com a maciça porta de madeira ornamentada com entalhes. Não havia campainha, nem aldravas, apenas um sino — como os usados em fazendas —, e tive que tocá-lo.

O barulho era ensurdecedor diante do silêncio do local. Fiquei esperando, mas ninguém atendeu. Toquei o sino outra vez e nada. Toquei de novo e já me virava para ir embora quando um homem apareceu, caminhando por entre as árvores com uma cesta cheia de ervas. Não pude ver claramente quem era, mas quando se aproximou eu o reconheci.

— Dr. Poincello? Jarvis Poincello?

Ele continuou andando como se não tivesse me ouvido e seguiu diretamente para a porta, pegando uma chave do bolso.

— Desculpe se o estou incomodando, doutor — continuei —, mas gostaria de conversar um pouco com o senhor, se for possível...

Ele então se virou para mim.

— Não creio que será possível, *cara mia* — falou com forte sotaque italiano e voltou a mexer na fechadura. — Eu já dei todas as entrevistas que devia e *não* devia. Se vocês, repórteres, acham que podem vir até aqui para pedir minha opinião, e depois deturpar minhas informações ao seu bel-prazer e caçoar delas, pois bem, fizeram um ótimo trabalho! Agora, de profissional sério e dedicado, eu virei piada em solo britânico. [*Tutti sono incazzato. Maledetti figli di puttana...*](#)²

Ser brasileira com certeza me ajudou a entender a chuva de palavrões de raiz latina que ele despejava.

— Dr. Poincello, não sou repórter. Trabalho no Museu de Arte de Bristol e gostaria apenas de conversar com o senhor.

— Perché?³ — questionou irritado. — Pretendem fazer uma exposição de Súcubus, Íncubus, lobisomens e outras criaturas e precisam de supervisão? Vocês não quiseram minha ajuda antes e não a terão agora. Passar bem! — fechava a porta na minha cara.

Coloquei o pé no batente, travando-a. Sabia que se ele a fechasse, eu só entraria ali com mandato judicial ou seria processada por invasão de domicílio. Meu gesto o surpreendeu e me fitou, incrédulo.

— Não sou repórter — continuei insistente —, e também não vim para solicitar serviços ao museu. Estou aqui por minha conta porque preciso de respostas — mostrei o desenho de Kate.

Ele olhou para o papel e sua boca se abriu. Deixou a cesta cair e o pegou de minhas mãos.

— Onde...? Como conseguiu isto? — eu havia prendido sua atenção.

— Com a última vítima atacada pelo assassino de Bristol. Ela é minha assistente no museu e hoje fez esse desenho na minha presença.

— A última vítima? — perguntou surpreso. — Então ela consegue se lembrar? — ele parecia deslumbrado com a informação.

— Não sei exatamente do que ela se lembra, Dr. Poincello, e é por isso que estou aqui. Depois que ela me entregou isto — apontei o desenho —, tenho motivos para acreditar que eu poderia ter evitado esse ataque.

— E o que a faz pensar dessa forma? — ele questionou.

Respirei fundo para poder continuar.

— Porque já vi esses mesmos olhos vermelhos antes.



O interior da casa de Jarvis Poincello era uma mistura de escritório de estudos de uma universidade com um daqueles depósitos de antiguidades que se veem nos filmes de Indiana Jones. Basicamente a sala se resumia às estantes de livros — que alcançavam o teto alto — abastecidas com quantidades

impressionantes de coleções sobre mitologia, paranormalidade, filosofia, história, teologia, religião, alquimia, entre os que tive tempo de observar. Móveis antigos de madeira surrada — com estofados vermelhos rançosos que necessitavam de uma limpeza, há muito deixada de lado — ajudavam a compor a decoração junto a máscaras de diferentes formatos e tamanhos, algumas realmente assustadoras, e que ocupavam a parede da direita.

Havia dois quadros renascentistas com molduras douradas, um brasão e dois floretes cruzados e um busto em pedra negra de Voltaire, todo empoeirado. Um jarro com rosas, provavelmente do jardim, era o único complemento delicado. Concluía minha observação quando o Dr. Poincello reapareceu, equilibrando uma bandeja de prata nas mãos e pondo-a sobre a mesa.

— *Perdono*⁴, não tenho o hábito inglês do chá das cinco. Espero que não se incomode em tomar um café — havia café, leite, torradas, geleia, manteiga e biscoitos amanteigados.

Não estava absolutamente com fome, mas aceitei a xícara que me ofereceu.

— Obrigada — disse, acrescentando leite e açúcar. Tomei um gole e senti o gosto forte e concentrado. Não pude deixar de sorrir em aprovação.

— *Ah! Bravo* — ele pareceu satisfeito. — Você é a primeira inglesa que conheço a não dizer que meu café é *molto*⁵ forte.

— Bom, Dr. Poincello...

— Pode me chamar de Jarvis — ele sorriu e tomou um gole de café puro, sem açúcar.

— Tudo bem, Jarvis — acrescentei. — Na verdade, sou brasileira e sempre tomei muito café.

— Brasileira?! — ele exultou. — Que maravilha! Uma bela terra o *Brasile*⁶. Ótimo lugar para estudos e pesquisas. Grande parte do material que possuo vem de países como o seu, que ainda não teve a cultura totalmente contaminada pelo progresso e ceticismo.

Tomei mais um gole e decidi que já poderia começar o assunto que me trouxera ali.

— Doutor... — ele me olhou pelo canto dos olhos. — Jarvis — consertei —, agora podemos conversar sobre isto? — apontei para o

desenho exposto sobre a mesa.

Ele tomou um longo gole e depositou a xícara na bandeja. Eu o imitei. Entrelaçou os dedos das mãos e apoiou os cotovelos na mesa, olhando para mim.

— *Molto bene*⁷ — falou baixo. — Antes, porém, diga-me, Laura: o que sabe exatamente sobre o que está acontecendo?

Contei-lhe o meu lado da história, desde o princípio: as primeiras manchetes, os detalhes dos crimes; a perturbadora visão dos olhos vermelhos me observando na abertura da Mostra Van Gogh; a entrevista de Jarvis no programa de televisão — ele balançou a cabeça como se estivesse arrependido daquilo; o ataque a Kate, até o momento em que ela fizera o desenho naquela tarde. Ele prestou atenção em tudo e não me interrompeu. Às vezes seus olhos se estreitavam ou se arregalavam, entendendo os detalhes que eu perdera. Era irritante perceber isso, mas continuei dando o maior número de informações possíveis.

Quando acabei, tive que tomar outro gole de café. Fez-se silêncio por alguns minutos; dava para ouvir o barulho dos pássaros se acomodando nos ninhos para a noite que se aproximava.

— Por que não foi à polícia? — Jarvis me perguntou à queimadura.

— Porque não saberia o que dizer — falei inutilmente.

Ele ponderou minhas palavras.

— Poderia contar o que me disse agora. Se acredita que o assassino de Bristol e a criatura que a fitou naquela noite são a mesma pessoa, era só dizer a eles. Não parece lógico? — ele provocou.

Minha garganta estava contraída.

— Não acho que acreditariam — respondi relutante.

— E por que não?

— Porque eu nem tenho certeza se acredito em mim mesma! — falei acidamente. — Principalmente depois desta tarde.

Ele estreitou os olhos, em silêncio. Fiquei cansada daquele jogo. O que ele queria, afinal?

— Doutor Jarvis — despejei numa enxurrada de palavras —, sempre fui uma pessoa muito racional. Para mim existe uma causa e

consequência, uma pergunta e uma explicação. Até chegar a Bristol, nunca tive minha perseverança nessa atitude abalada um milímetro sequer! Nem motivos para acreditar em alucinações, fantasmas, anjos ou demônios, seja lá o que for! Isso não faz parte da minha vida. Só que agora... — hesitei.

— O que a levou a pensar de maneira diferente? Mudar de ideia e vir aqui? — ele me estimulou com um gesto.

— Eu... não consigo encontrar uma explicação que satisfaça minha racionalidade. Poderia aceitar que se trata apenas de um assassino psicopata, por que não? É no que todos acreditam. Considerar a hipótese de um sádico que se diverte atacando e mutilando suas vítimas de maneiras estranhas e bizarras. Por que não? Quem iria me censurar? Mas sinto que algo de... diferente... — fiquei chocada com o que saiu de minha boca. — Escute, doutor, vi o terror nos olhos de Kate hoje e esse medo não foi provocado por alguma coisa... normal! Sei o que vi naquela noite no museu, e sei que não foi alucinação. Sinto calafrios toda vez que penso naquilo, que sonho com aquilo.

Respirei fundo antes de continuar:

— O senhor me perguntou por que não fui à polícia. Foi pelo mesmo motivo que me levou a não contar essa história a ninguém até este momento: nada disso faz sentido. E sei que, se falasse com alguém, com certeza iriam achar que eu... — não consegui concluir.

— Achar que está louca? — ele parecia se divertir.

Olhei-o zangada.

— Jarvis — meu tom era frio —, pode achar graça, se quiser. Talvez tenha sido um erro vir até aqui e me expor dessa forma, mas acredite: só fiz isso porque uma pessoa, da qual gosto muito, quase morreu diante de mim. E sinto que, de alguma forma, isso teria sido evitado se eu tivesse tido coragem para falar antes. Outras pessoas lá fora estão correndo o mesmo risco. Portanto, se pretende me achar louca ou demente, obrigada por seu tempo, mas estou de saída — me levantei.

— Sente-se, por favor — ele falou calmamente.

Trocamos um olhar que durou minutos, e então me sentei.

— Acredita mesmo que a considero louca? — ele questionou.

— E por que não acharia? Acabo de falar coisas absurdas. Tem todo o direito de pensar assim.

Ele tamborilou os dedos e olhou para o teto, como se procurasse respostas entalhadas no forro de pinus.

— O que me surpreende nisso tudo é: por que se lembram? O que aconteceu que permitiu que você e sua amiga não se esquecessem? — falava consigo mesmo. — Isso não é natural. Será que a criatura foi surpreendida antes de consumir o ato completo? Você a assustou? Será essa a resposta? Não me parece que seja.

Estava confusa com a direção dos pensamentos dele.

— Desculpe-me, doutor, mas é a segunda vez que o senhor se refere ao assassino como *criatura*. É alguma metáfora?

Jarvis Poincello levantou-se, cruzou os braços nas costas e deu alguns passos até a estante de livros. Voltou trazendo um compêndio velho e empoeirado, a capa meio ruída.

— Laura, você não é louca — falou com sinceridade. — Acredito em tudo o que me disse, cada palavra, embora você mesma não dê o devido crédito a elas — abriu o grande livro, soprando a poeira e folheando as páginas. — Quanto à sua pergunta, sobre a metáfora, diga-me antes o que sabe sobre mitologia?

A pergunta não me pareceu sem propósito. Jarvis Poincello era doutor em Mitologia e seria natural que ela fizesse parte da conversa.

— Estudei História da Arte na universidade e aprendi sobre a mitologia mundial para facilitar o reconhecimento e catalogação das peças em museus. É o estudo dos mitos, lendas e histórias de um povo em particular, que as credita como verdadeiras. Não é minha especialidade, admito, eu me foquei na área administrativa, no gerenciamento.

— E qual a sua religião? — perguntava sem me olhar.

— Católica, mas não praticante. Nunca fui de frequentar a igreja, embora meus avós fossem muito religiosos. Minha mãe me dava essa liberdade de escolha.

Ele levantou a cabeça e me encarou.

— Um importante pesquisador e antropólogo do século vinte uma vez disse que a mitologia ritualística, sagrada e profana, calcada em símbolos do arquétipo primordial, fazia parte da educação de todo um

povo no passado. Que ao serem suprimidas as lendas e mitos, relegadas a uma importância inferior ou à extinção no mundo contemporâneo, uma tradição de transmissão de informações e valores sociais se perdeu. Se, por algum motivo, uma dessas histórias ouvida ao acaso permanece em sua mente, é porque ela encontra eco com o momento que se está vivendo. Assim funciona o mito: criar as relações entre o ser humano e o mundo, dando-lhes sentido, e o que antes não tinha significado passa a ter — folheava o livro. — Os antigos construíram temas que tinham a ver com a sustentação à vida humana, problemas interiores, mistérios profundos, limiares de travessias entre os mundos e que auxiliavam o homem a seguir seu caminho. Hoje, se não percebemos os sinais ao longo do trajeto, temos que nós mesmos produzi-los.

Ele continuava sem me olhar.

— Antes que o homem sonhasse em descobrir seu lugar neste planeta, ele criou uma mitologia para sustentá-lo, explicar o até então inexplicável. Por que o Sol se punha, por que nascia; quem fez o céu e a Terra; o que havia além deles. A mitologia foi a base de toda filosofia, ciência, religião e arte que conhecemos. A própria palavra se contradiz, pois o *mythos*, o saber alegórico, se opõe ao *logos*, que é o saber racional. Até os grandes pensadores clássicos, como os filósofos gregos, compartilharam de diversas crenças míticas enquanto desenvolviam o conhecimento racional que caracterizaria a filosofia e, conseqüentemente, a visão ocidental do mundo.

Apontou para uma página do livro e leu um trecho:

— *“Essa passagem do mito à razão significa precisamente que já havia, de um lado, uma lógica do mito e que, de outro lado, na realidade filosófica ainda está incluído o poder lendário”* — citou, indicando o autor François Châtelet. — Ou seja, existem profundas verdades no mito às quais a razão se opõe, mas nem mesmo ela pode negar sua força de existência.

— Doutor Jarvis, entendo perfeitamente o que está falando. Sua explicação foi bem clara. Mas gostaria que me dissesse o que isso tem a ver com tudo o que falamos antes?

Ele se virou para a estante, retirando outro livro. Folheou as páginas em silêncio, voltou-o para mim e apontou para uma frase de

Voltaire grifada à caneta:

Esses vampiros eram cadáveres que à noite saíam das suas campas para sugar o sangue dos vivos, tanto pela garganta como pelo estômago, após o que retornavam aos seus cemitérios. As pessoas que assim eram sugadas definhavam, empalideciam e consumiam-se...

Li várias vezes, petrificada, com o sangue fugindo do meu rosto e o estômago em bolhas. Vampiros, sangue, pescoço. Mito. Um mito alimentado pelo cinema, por góticos fanáticos e pela indústria de carnaval! Não podia ser verdade. Ele queria transformar minha angústia em um *show* de auditório, como fez na TV. Fechei o livro com força e o encarei.

— Muito bem — fui rude —, o que pretende com isso?

— Não pretendo nada. Você me fez uma pergunta e estou dando uma resposta. O que fará com essa informação é o que importa — falou calmamente.

— E espera que acredite nisso? — perguntei cética.

— Se não estivesse disposta a acreditar, teria vindo até aqui? — contra-atacou.

Não, admiti para mim mesma com raiva. Vim procurar respostas com Jarvis Poincello porque intuía que ele seria o único a respondê-las com sinceridade, por mais absurdas que fossem. Mas, ainda sim, vampiros!? Como se percebesse minha hesitação, ele falou:

— *Há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia* — citou novamente o poeta bardo.

— O senhor gosta de Shakespeare — falei, sentindo-me desconfortável.

— Ele viveu em uma época onde o bem e o mal eram visíveis; onde trevas e luz, mito e realidade eram mais próximos que os dedos das mãos. Sua obra expõe seu mundo.

Sentei-me derrotada na cadeira. Jarvis me serviu outra xícara de café.

— Tome, vai lhe fazer bem.

Tomei um longo gole. Ele serviu-se também.

— Laura, os mitos fazem parte da psiquê humana. Hoje são encarados apenas como histórias, mas eles têm uma raiz que

repousa na verdade de sua existência. Vampiros são tão reais no mundo como você e eu, apenas não compartilham da mesma árvore da qual viemos.

Fiquei muda. Ele pegou rolos de documentos de aparência antiga, desenrolou-os e colocou-os sobre a mesa, a voz assumindo o tom de autoridade no assunto.

— Os primeiros relatos escritos pela humanidade remontam aos períodos da Grécia e Roma Antiga, isso se considerarmos apenas o mundo ocidental. O termo vampiro não era usado, tais criaturas eram conhecidas como Lârnias, Mormolykiai, Empusais e Urykolakas. Os três primeiros eram criaturas tidas como demoníacas, com sede de carne e sangue, e o último era um morto-vivo, ou seja, um humano que havia sido transformado, mas que em grande parte das lendas não fazia mal aos vivos, mantendo-se a distância — enquanto falava, mostrava gravuras muito antigas. — Ao longo da história, houve modificações nos padrões dessas imagens e os elementos foram se ajustando de acordo com o contexto da época vigente.

Pegou outro livro.

— Com o advento do judaísmo e do cristianismo, histórias da Cabala, Talmud e da Bíblia se adaptaram aos mitos antigos para ganharem um significado junto aos fiéis. Temos no Alfabeto de Ben Sira a figura de Lilith, exilada do Paraíso por não obedecer a Adão, e que na crença popular acabou se tornando uma vampira infanticida. E no Antigo Testamento Bíblico, outro desses mitos, que virou tema de jogos modernos inclusive, dizia que Caim, após matar Abel, fora amaldiçoado por Deus a vagar eternamente nas sombras. Enquanto cumpria sua penitência, ele tomou contato com demônios sugadores de energia, chamados de Íncubus e Súcubus, e juntos passaram a percorrer a noite, alimentando-se do sangue ou da energia vital por meio do ato sexual.

— Ato sexual? — perguntei espantada.

— Exato — deu uma piscadela. — Íncubus seduziam mulheres humanas e Súcubus roubavam a energia da virilidade masculina. Após se satisfazerem, alguns bebiam o sangue das vítimas ou as abandonavam para que morressem. Aqueles que sobreviveram a essa experiência foram a fonte da criação dessas histórias.

Escutava-o tentando assimilar tudo. Parecia loucura demais.

— Tenho acompanhado o rastro dessas lendas desde suas origens. A Idade Média foi o ponto alto dos mais variados relatos. A maioria feita por clérigos ou pessoas letradas, com alguma instrução, que tomavam nota das descrições de testemunhas oculares ou de evidências encontradas — apontou para um trecho do livro. — *“E eis que a vil criatura, olhos sangrentos em brasas infernais de Satã, sustinha nos braços a donzela despojada de suas vestes, pudores expostos, o pescoço estraçalhado entre as orelhas. Aos pés do demônio jaziam mais quatro formas exangues e inertes...”* Esse é um dos relatos feito por um monge florentino, após uma chacina ocorrida na Itália da Baixa Idade Média.

— Mas... ninguém fazia nada? Quero dizer, se sabiam quem os atacava, eles poderiam se unir para matá-lo, não poderiam?

— Um vampiro não pode ser morto por um simples humano — disse e apontou para outro trecho — *“Contemplei derrubado ao solo o que restara do meu regimento de regresso da Terra Santa. Quinze Cruzados do Senhor não foram suficientes para deter o hediondo ser das trevas. Mesmo o aço de minha [montante](#)⁸ partiu-se em três ao tocar a pele do desmorto, que continha o toque do demônio...”* Relato de um comandante cruzado do início do século XIV.

— E quanto às estacas de madeira, cruces, água benta...?

— Fazem parte do mito alegórico — explicou. — Você precisa entender, Laura, que houve um tempo, na história da humanidade, em que esses mundos não eram tão separados como agora. Deus e o Demônio faziam parte do cotidiano das pessoas. Elas tinham medo e procuravam se defender, às vezes de ambos — continuou. — Só que não sabiam como. Foi o medo e a ignorância que fizeram surgir os meios para isso. Coloque-se no lugar de alguém que viveu nesse período, em plena Inquisição. Você vê um prisioneiro, acusado de vampirismo, contorcer-se de dor nas chamas de uma fogueira enquanto sua pele se enchia de bolhas de queimaduras, a gordura do corpo escorrendo e explodindo. Um padre recitava preces de exorcismo aos demônios e atirava água benta. Você não pensaria que toda aquela dor era causada pelo fogo e, sim, que era Deus expulsando o demônio, mandando-o para o inferno, salvando a pobre

alma torturada pela possessão. Sua mente registraria esse fato e pronto: nascia um mito alegórico.

Aos poucos o que ele dizia fazia sentido.

— Pense também, *cara mia*: se enfiar uma estaca no peito de um homem ele poderá caminhar ainda por alguns minutos, sobreviver por horas e até defender-se de seu agressor dependendo dos danos causados aos órgãos internos. Ao abrir o caixão de um morto recente verá que o sangue escorre pela boca, as unhas e barbas terão crescido, seu rosto estará inchado. Tudo isso é explicado pela Medicina, é o processo natural da decomposição, mas os gentios daquele período sinceramente acreditavam no mito alegórico, pois não possuíam outra resposta para satisfazê-los. Apenas os mais esclarecidos, os mais estudados, poderiam falar tais verdades, mas temiam dizê-las em voz alta. Era uma época perigosa para os sábios. E assim o homem criou um arsenal de armas *imaginárias* para se defender.

Permaneci muda, sem nenhuma reação.

— Esse padrão continuou durante quase oitocentos anos, então algo aconteceu. No período entre a Baixa Idade Média até culminar o Renascimento os relatos diminuíram, praticamente desapareceram. Não se tinha notícias de ataques, e a crença em tais criaturas enfraqueceu, voltando a tomar força somente com o Iluminismo, quando o termo *Vampiro* foi definitivamente incorporado, no século XVII. Mas esse retorno teve caráter puramente literário e metafórico. Há uma lacuna de 200 anos em que alguma coisa mudou, mas não consigo dizer o que foi.

Eu estava em choque e tive que reunir forças para continuar.

— Bom... Suponhamos que esteja certo — falei lentamente —, e que realmente seja um... vampiro a causa de todos esse crimes — respirei. — Como ele age? O que acontece? Por que algumas vítimas morrem e outras não?

— Existem padrões de comportamento que, para alguém como eu, que passou a vida no estudo do sobrenatural, são fáceis de notar. Por isso estou em Bristol há mais de um ano.

— E que padrões são esses? Quero dizer, fora os que a polícia relatou?

— Você precisa abrir sua mente para o que vou dizer — ele se concentrou em me olhar. — Vampiros não são como as criaturas que você vê no cinema ou na literatura de terror. Há sinais claros que mostram o contrário. Já tive contato com vítimas que foram atacadas durante o dia; relatos de diferentes tipos físicos de vampiros, como se formassem raças bem distintas; massacres realizados dentro de igrejas, o que exclui a água benta e crucifixos como defesa; uma força física enorme e agilidade impressionantes.

— Então eles podem caminhar por aí, como nós? — fiquei pasma.

— Em teoria sim, [capisce](#)⁹? Por esse motivo uma vítima foi atacada durante o dia na cidade. Ninguém conseguiu pegá-lo porque ele é rápido e forte demais para os humanos. Os períodos dos ataques ocorrem a intervalos de três semanas, para mais ou menos, indicando que ele sente fome e precisa se alimentar.

Meu estômago revirou.

— Quer dizer, beber sangue? — perguntei com náusea.

— E do que mais acha que um vampiro se alimenta, *cara mia*? — ele abriu os braços.

Coloquei a xícara na mesa. O cheiro do café me dava enjoo.

— Disse que são mitológicos, mas de onde acha que vieram? São realmente demônios?

Ele suspirou e fechou um dos livros.

— Minha opinião sincera? *Evolução* — enfatizou bem a palavra. — Ao contrário da alegoria do mito, penso neles como seres vivos, diferentes de nós, que evoluíram a sua maneira, exatamente como os homens e os animais fizeram — balançou os braços. — Eles bebem sangue? Morcegos, sanguessugas e outros hematófagos também. São fortes e rápidos? Têm vida quase imortal? Foi a natureza, e não o demônio cristão, que os fez assim, pois eles são muito anteriores a isso. Somos suas presas? Em potencial, da mesma forma que nos alimentamos dos animais como predadores. Caça e caçador, a lei máxima da natureza.

Ele gesticulava enquanto falava.

— Nós não os vemos com tanta frequência como antes, mas isso não quer dizer que não existam! — acentuou. — A cada dia que passa novas espécies desconhecidas são descobertas e outras que

nem chegamos a conhecer se extinguem. Por que só o homem se julgaria tão especial a ponto de pensar que sua existência faz parte dos planos de Deus ou da Natureza? Se evoluímos, por que eles também não?

— Parece que os admira — observei perplexa.

— Admiro a vida em suas várias formas — falou calmamente. — Não posso afirmar nada sobre o céu ou inferno, mas penso na existência como alguma espécie de milagre. Cada um deve fazer o melhor que pode com aquilo que lhe foi dado a receber.

Ele fez silêncio e eu também. E com isso me lembrei de outra coisa que ele dissera.

— Você me falou que estava surpreso porque Kate e eu lembrávamos. O que exatamente quis dizer?

— Quando uma vítima é atacada, ela pode não necessariamente morrer. Existem casos em que todo o sangue do corpo é drenado e aí a morte é certa. Em outros, eles podem transformar um humano em vampiro, contaminando-o com seu sangue, criando outro imortal. Mas se o vampiro se satisfaz com pouco e decide abandonar sua presa, ele pode fazê-la esquecer o que aconteceu.

— Esquecer? Como? Por quê?

— Não sei ao certo, mas acredito tratar-se de um caso muito forte de hipnose. As vítimas se lembram dos olhos vermelhos intensos e mais nada, ou muitas vezes nem disso. E o porquê desse comportamento também é um mistério.

Refleti por um momento e a compreensão do que aconteceu clareou na minha cabeça.

— Kate se lembra porque cheguei antes que ele a matasse. Eu o espantei — senti um arrepio ao pensar em como ele estava perto naquela noite. — E na exposição da Mostra de Van Gogh ele não me atacou porque se assustou com Robert...

— Quem é Robert? — ele quis saber.

— É o irmão de minha chefe no museu. Quando vi os olhos nos arbustos e corri, dei de cara com ele. Isso deve ter espantado o assassino.

Ficamos em silêncio. Não havia mais nada a ser dito. A questão agora era uma só: acreditar ou não? Nesse momento, meu celular

vibrou.

— Alô?

— *Laura* — era Jeanete —, *onde você está?*

— Oi, Jean — falei e me levantei —, desculpe-me, estou meio atrasada — olhei para o relógio.

— *Eu estava preocupada, você não apareceu até agora* — ela estava ansiosa.

— Tudo bem, Jean. Não vou demorar, certo? — desliguei o telefone.

Jarvis me acompanhou até o carro. De repente, estava frio.

— Bem... — eu não sabia o que dizer.

Ele me olhou como se entendesse meu constrangimento.

— Apesar de todo o choque que isso possa ter-lhe causado, Laura, quero deixar claro que não precisa concordar comigo em nada. Foi um grande prazer conhecê-la. Pelo menos, você deu a esse velho louco uma boa recordação para levar da Inglaterra.

— Está de partida?

— Sim — afirmou —, vou para a América do Sul na próxima semana. Tenho pesquisas de campo para fazer por lá. Talvez passe pelo Brasil — sorriu.

Uma brisa soprou forte e estremei. Fechei a porta, mas mantive o vidro abaixado.

— Desejo-lhe uma boa viagem, doutor. E obrigada.

Ele estendeu a mão para pegar a minha e a segurou por um momento.

— Laura — falou, dessa vez num tom muito sério. — *Beladonna*, tome cuidado. Estamos falando de fatos e não de metáforas. Por algum motivo, essa criatura não atacou você naquela noite e poupou a memória de sua amiga. Mas com certeza não foi por medo de uma *simples humana* — citou as palavras com cuidado. — Existe alguma coisa a mais por trás disso. Você os percebeu e eles também a perceberam, *cara mia*. Você foi tocada por eles — e soltou minha mão, afastando-se. Senti um aperto na garganta.

Dei a partida no carro, manobrando pela alameda, até ver a figura de Jarvis Poincello desaparecer em meu retrovisor.



Não conseguia dormir, por mais que tentasse. Virava e revirava na cama; procurei ler um livro, ver TV, mas nada. Minha cabeça ainda doía, apesar dos analgésicos, e meu estômago estava embrulhado para presente. Mesmo a comida cheirosa de Jeanete não fora suficiente para abrir meu apetite naquela noite e ela saiu amuada. Meus pensamentos estavam confusos, embaralhados e temerosos. A história de Jarvis fazia sentido? Eu deveria acreditar nela? Ou seria melhor ir à polícia, contar o que vi e deixar que cuidassem das investigações?

E mesmo que eu acreditasse no doutor, um detalhe me perturbava: o que eu faria com aquela informação? Jarvis dissera: *vampiros são fortes e não podem ser detidos por simples humanos*. A quem eu queria enganar pensando que poderia ficar cara a cara com um desses e fazer alguma coisa? Era surreal demais.

Essas perguntas roubaram meu sono, e, quando cheguei ao museu, minhas olheiras não enganaram ninguém.

— Bom dia, Sra. Vargas. Está se sentindo bem? — perguntou Forrest.

— Estou bem, Forrest, obrigada. Apenas dormi mal essa noite — falei sem vontade.

O restante do dia não foi melhor. Eu estava ausente de tudo. Cumpria mecanicamente os protocolos, assinava os papéis e respondia aos telefonemas. Eram quase onze horas da manhã e o interfone tocou.

— Laura Vargas — falei prontamente.

— *Sra. Vargas* — era Edith —, *a Srta. Fevré pediu que viesse até sua sala*.

Quando cheguei, Edith abriu a porta, sem me anunciar.

— Bom dia, Laura — Clementine falou, olhando meus olhos. — Está se sentindo bem?

Outra vez? Melhor passar um corretivo depois.

— Estou, obrigada. Eu não domi muito bem, só isso.

Ela assentiu e me acenou para sentar.

— Laura, eu a chamei aqui porque preciso que me faça um favor — isso era muito raro.

— E o que é?

— O museu adquiriu algumas peças, antes de você ser contratada, sobre arte oriental. Os trâmites foram lentos e recebi a informação de que desembarcaram hoje pela manhã em Bristol e serão entregues no final da tarde. Eu deveria ficar para recebê-las e fazer o inventário, mas já tinha um compromisso importante agendado do qual não posso me safar — ela me fitou. — Poderia trabalhar até mais tarde e tomar meu lugar nessa tarefa? Se aceitar, tire a manhã de folga nos próximos dias, se quiser.

Justo hoje? Estava tão exausta que provavelmente cairia dentro de uma das caixas e seria lacrada com alguma antiguidade chinesa ou hindu. Por outro lado, seria uma oportunidade para cansar a mente e isso me faria dormir melhor depois.

— Tudo bem, eu fico — concordei.

Meus olhos estavam tão inchados que nem toda a água fria da torneira do toalete fazia diferença. Mesmo assim lavei bem o rosto e fui ao restaurante. Estava na fila para pagar pela comida quando senti a mão no ombro e o beijo frio no rosto.

— Oi — Robert me olhou. — Nossa, que aconteceu com você?

Mais um. Definitivamente preciso do corretivo.

— Oi — beijei-o. — Não foi nada. O sono fugiu de mim a noite passada.

Ele pareceu preocupado e alisou minhas olheiras.

— Por quê? — perguntou enquanto pagava meu almoço, e não adiantaria reclamar.

Fomos para a mesa. Sentei-me fazendo um baque com o corpo. Olhei para o prato sem a mínima vontade de comer.

— Foi apenas uma insônia — respondi. — Acho que estou sentindo falta de Cínthia, da bagunça dela. A casa fica esquisita. Fiquei pensando em um monte de coisas e perdi o sono.

Peguei o garfo e espetei uma batata.

— Não vai comer? — perguntei a ele.

— Não, mais tarde. Combinei de almoçar com um cliente.

Não sei se foi por causa da influência da conversa com Jarvis no dia anterior, mas percebi que nunca vira Robert comer. Nem aqui, nem na minha casa, nem em qualquer outro lugar. *Você está ficando maluca mesmo.* Forcei a batata pela garganta.

— Tem mesmo certeza de que foi só isso?

O tom que ele usou era desconfiado, de quem não iria desistir tão fácil. Mas não contaria sobre Jarvis. O que ele pensaria? Suspirei.

— Ontem fui visitar Kate — falei. Ele sabia que eu ficava triste quando isso acontecia.

— Hummm. E como vai ela? — acariciou minha mão e me olhou com tanto carinho que meu coração se apertou.

Abri a boca para dizer *na mesma, sem mudanças*, mas não aguentei. Meus olhos se encheram de lágrimas e desviei o olhar dele, puxando a mão.

— Laura? — ele se alarmou. — Que foi?

Senti que sufocaria no subsolo. Tentava respirar, mas o ar não era suficiente para meus pulmões. Comecei a ofegar.

— Laura? — ele estava aflito.

— Leve-me para fora, por favor...



O sol brilhava na ponte de Clifton. Havia pessoas por lá, aproveitando a paisagem. *É um lugar lindo.* Robert veio caminhando entre elas com um sorvete nas mãos.

— Obrigada — agradei. — Hummm, chocolate, que bom...

Ele não respondeu. Passou o braço pelos meus ombros e fiquei ali, agradecida por estar perto dele. Crianças riam em suas brincadeiras e o vento agitava as folhas das árvores próximas.

— Está melhor? — ele perguntou enfim.

— Sim, estou. Desculpe-me, não sei o que deu em mim — ri um pouco. — Espero que não me ache uma histérica depois disso.

Ele também riu, mas não relaxou a postura nem as perguntas.

— Na verdade, fiquei preocupado justamente por isso. Nunca a vi agir desse jeito. Não combina com você. E esse cansaço todo, seus

olhos fundos... Pode me dizer o que realmente está acontecendo?

E agora? O que diria? *Socorro, meu Deus!* Eu me encolhi, o sorvete pingou nos meus dedos e tive que usar a língua para limpá-los. Naquele momento me sentia como uma criança que aprontou uma travessura e esperava pelo castigo que viria. Robert não dizia nada, ficou esperando. Eu não queria mentir. Não havia dito a ele que prezava a verdade e a confiança num relacionamento? Optei, então, por doses. Diria metade da verdade agora e a outra depois que ele não me achasse mentalmente instável.

— Eu fui ver a Kate ontem. Ela melhorou.

— Isso é muito bom — ele falou, de um jeito estranho. — E o que mais?

Torci meus dedos e decidi jogar fora o sorvete na lixeira antes de continuar.

— A mãe disse que ela tem evoluído muito nas sessões médicas e está comendo melhor, embora ainda esteja muito abatida e apática — ele me olhava, esperando mais informações. — A Sra. Morgensen estava ocupada e me deixou sozinha com ela no quarto, então...

Parei.

— Então...? — ele incentivou.

Levantei-me e me encostei ao muro. Ele se colocou do meu lado.

— Robert, você sabe que me sinto culpada pelo que aconteceu — ele ia abrir a boca para contestar, mas eu o parei com um gesto. — Sim, sei o que vai dizer, já discutimos isso: que não tive culpa de nada, que se não fosse por mim ela estaria morta e fiz tudo o que podia — hesitei. — Mas a verdade é que não fiz! — olhei-o fixamente. — Talvez eu pudesse ter impedido o ataque a Kate se tivesse ido à polícia e contado... — parei.

— À polícia? — ele arregalou os olhos. — E por que iria à polícia? Laura, o que você quer dizer? O que poderia saber que teria impedido aquilo? — falava como se isso fosse um fato impossível.

Engoli em seco. Talvez ele me achasse uma louca ou perdesse a confiança em mim. Qualquer das alternativas seria dolorosa, mas inevitável. Eu tinha de arriscar.

— Porque vi o assassino que atacou Kate — falei devagar. — Já o tinha visto antes.

Ele não se mexeu, mas percebi a agitação dentro dos seus olhos, uma fúria prestes a irromper.

— Você o viu? — ele perguntou com a voz urgente. — Onde? Quando foi isso?

Meus ombros encolheram-se com seu olhar. O tom me assustou, mas ele parecia acreditar em mim. Mantive a voz firme o suficiente para poder responder:

— Na noite da Exposição Van Gogh — expliquei. — Quando você me abordou na entrada principal e nos conhecemos. Eu o vi do lado de fora e saí correndo, antes de trombar com você.

De repente, ele relaxou um pouco, como se um grande peso tivesse sido tirado de suas costas, mas manteve o tom ainda feroz:

— E por que acha que ele estava lá? Pode ter visto outra pessoa.

— Não — retruquei. — Não vi outra... pessoa — não pude deixar de engasgar ao falar. — Aquela figura e a assassino que atacou Kate eram os mesmos, eu sei, e é por isso que me sinto mais culpada.

— Como pode saber que eram o mesmo? — ele continuava irritado, mas perplexo. — E culpada por quê?

Hesitei, mas peguei minha bolsa e tirei de lá o desenho de Kate. Jarvis não ficara com ele.

— Porque na noite da exposição, vi esses olhos me fitando dos arbustos — continuei, a voz empastada e o dedo apontando para o papel. — E no dia seguinte aquela prostituta morreu a duas quadras dali — tomei mais um fôlego. — Ontem, Kate reagiu quando perguntei quem havia feito aquilo com ela e sua resposta foi esse desenho. São os mesmos olhos! Nós vimos a mesma pessoa!

Ele não desgrudava os olhos do papel. Parecia não respirar.

— Entende minha aflição? — perguntei, quase chorando. — Vi essa... *criatura* antes e não falei nada para ninguém! Se tivesse contado à polícia, eles poderiam ter tomado providências, feito um retrato falado, sei lá! — falei em voz alta. — E isso talvez impedisse que Kate fosse molestada daquele jeito.

Parei de falar, não aguentava mais a agonia, estava no meu limite. Robert continuava parado, não me olhava. *Louca!* Com certeza era isso que pensava, arquitetando quantas maneiras educadas e sem ofensas poderia usar para me dar um fora. Ao menos eu me sentia

mais aliviada. Virei-me para o mirante, dando as costas para ele. *Seja lá o que estiver pensando, imaginei, vai precisar de tempo. Não o ajudarão em nada os meus olhos cheios de lágrimas.*

O vento balançava devagar os meus cabelos. Não percebi o movimento de Robert, só os braços me virando, colocando-me de frente, e o abraço que fez meu coração palpitar, tão alto que não podia sentir o bater do coração dele. Os lábios beijaram meus cabelos, meu rosto molhado e as mãos acariciaram minhas costas suavemente. Sua boca achou a minha e me beijou. Quando pousou minha cabeça em seu ombro, suspirei.

— Sou uma louca, não é?

— Claro que não — ele me apertou. — Se você disse que isso aconteceu, eu acredito. Não duvido.

Ficamos quietos mais um momento e depois o encarei.

— Acho que devo ir à polícia, então — afirmei.

Não pude entender o que se passou nos minutos seguintes. Ele me olhava e, de repente, minha cabeça rodou, como se estivesse prestes a desmaiar. Meus pensamentos ficaram confusos e não conseguia distinguir onde estava nem quem eu era. A forte sensação de cair em algo escuro e profundo me dominava e meu corpo amoleceu. Tentei respirar para espantar a vertigem, mas os pulmões não obedeceram. Seu rosto ficou fora de foco, distorcido, e por um momento me pareceu que seus olhos mudaram, não eram mais negros: eram olhos de um gato. Ou de uma serpente.

Pontinhos coloridos, como num caleidoscópio, brincaram diante de mim e os sons ficaram distantes. Ansiei pela escuridão que se aproximava. E do mesmo jeito que começou, tudo voltou ao normal: sem explicação. Respirei fundo. Robert deu as costas para mim e ficou imóvel, os ombros tensos. O vento movia meus cabelos e a gola da camisa dele. A estranha sensação de desmaio iminente passara. E minha aflição — que desaparecera naquele momento de vertigem — voltou a me assombrar. Lembrei-me do desenho e da conversa que acabáramos de ter.

— Então? — perguntei, com os ombros ainda moles.

Ele voltou-se devagar, os olhos negros agoniados, o desenho de Kate nas mãos.

— Então o quê? — sua voz tinha o tom de quem se arrependera de algo que quase fizera.

— Eu disse que devo ir à polícia — continuei. — Se prestar um depoimento, talvez acreditem em mim, e esse assassino não poderá fazer mal a mais ninguém.

Eu falava com um zumbi. Minhas palavras não o estavam atingindo e pensei no quanto deveria tê-lo assustado com minha história.

— Se for, não vão acreditar em você — ele continuou no mesmo tom patético.

— Mas... Você disse que acreditava...

— Deixe-me terminar — pediu. — *Eu* acredito, mas a polícia não vai. Você será ridicularizada. Isso se não a processarem por ocultar informações. Já prestou dois depoimentos, Laura, vai contradizê-los — assegurou.

— E deixar do jeito que está? Permitir que mais gente morra? Não é certo! — falei com raiva.

A respiração de Robert ficou pesada e a postura mudou.

— Vamos fazer o seguinte: não diga nada, por enquanto — tentei protestar. — É sério, Laura! Não vá à polícia, não conte a Jeanete ou ao David, a ninguém. Verei o que posso fazer.

— Você? — perguntei surpresa.

Ele sorriu e me abraçou, estava mais tranquilo.

— Posso fazer bem mais do que imagina, amor — arrepiei-me com a doçura na palavra. — Só preciso que confie e deixe isso comigo, certo? — não queria concordar, estava pensando a oferta. — Confia em mim?

Não havia como negar. Ele nunca me dera motivos para pensar o contrário.

— Confio — falei. — Mas, por favor, quero saber de tudo o que fizer em relação a isto — aponte para o desenho. — Não é por mim que peço, é por Kate. Ela não merecia o que aconteceu.

Ele concordou com a cabeça e me beijou. Depois colocou o desenho no bolso.

— Tenho que voltar agora — pedi.

Despedimo-nos na entrada do museu. Ele me puxou para um longo beijo que deve ter feito os visitantes pararem para olhar.

— Eu te amo — disse entre meus lábios. — Não se esqueça disso. Estarei pensando em você.

— Também te amo — falei rindo. — Agora me deixe ir ou vou perder o emprego.

Soltou-me e segui para a portaria. Ele esperou que eu entrasse.

— Boa tarde, Forrest — falei sorridente.

— Boa tarde, Sra. Vargas — cumprimentou-me com um sorriso brincalhão. — Teve um bom almoço?

— Perfeito — assegurei e fui para o elevador.

As preocupações ficaram, de repente, a milhas de distância. Um sentimento de confiança e segurança me dominava.

2. *Tutti sono incazzato. Maledetti figli di puttana...* – Todos são uns putos. Malditos, filhos de uma cadela...

3. *Perché?* – Por quê?

4. *Perdono* – Perdão.

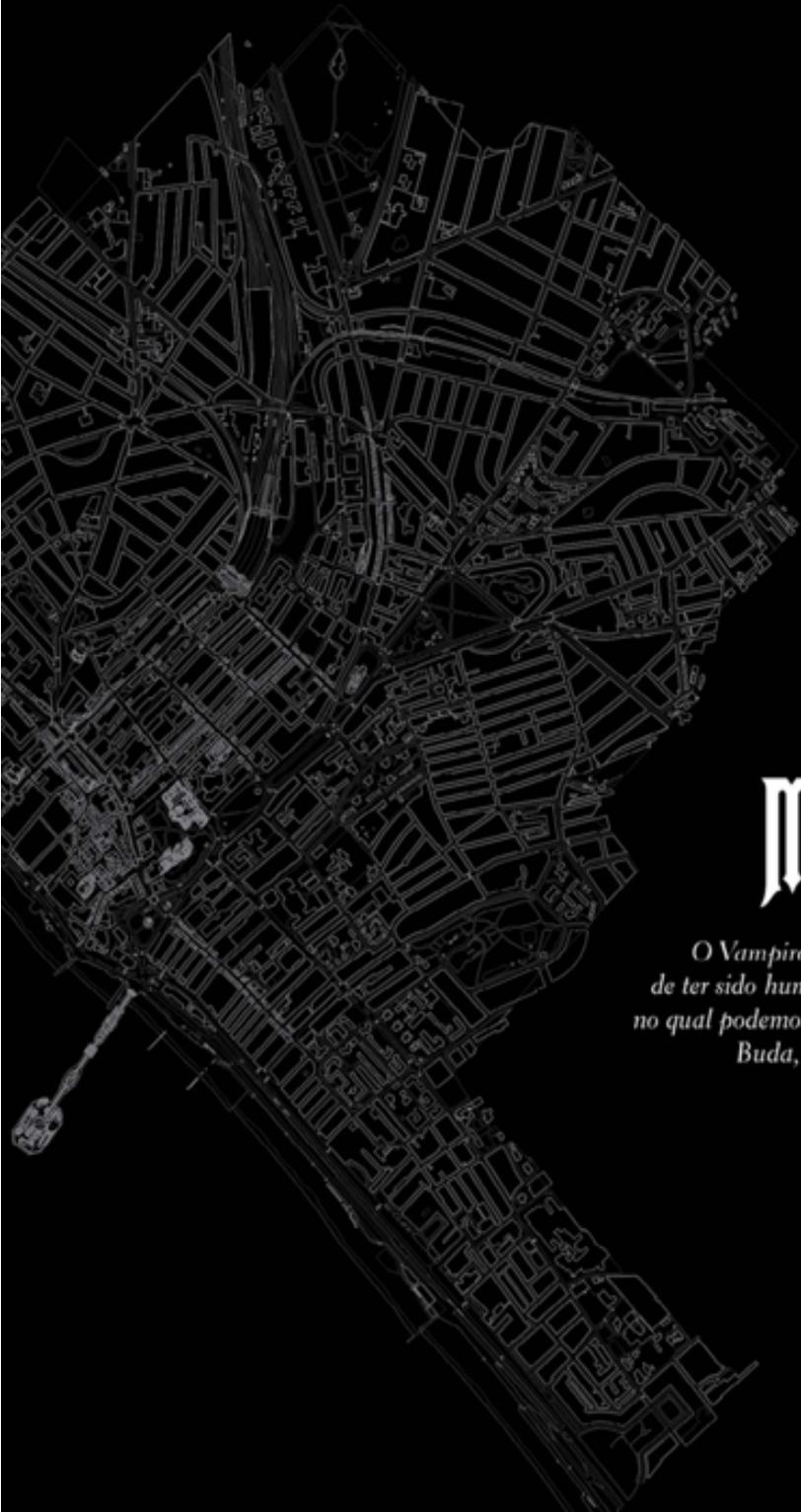
5. *Molto* – Muito.

6. *Brasile* – Brasil.

7. *Molto bene* – Muito bem.

8. *Montante* – Espada longa, usada entre os séculos XIV e XV, feita para ser empunhada com as duas mãos.

9. *Capisce* – Entende.



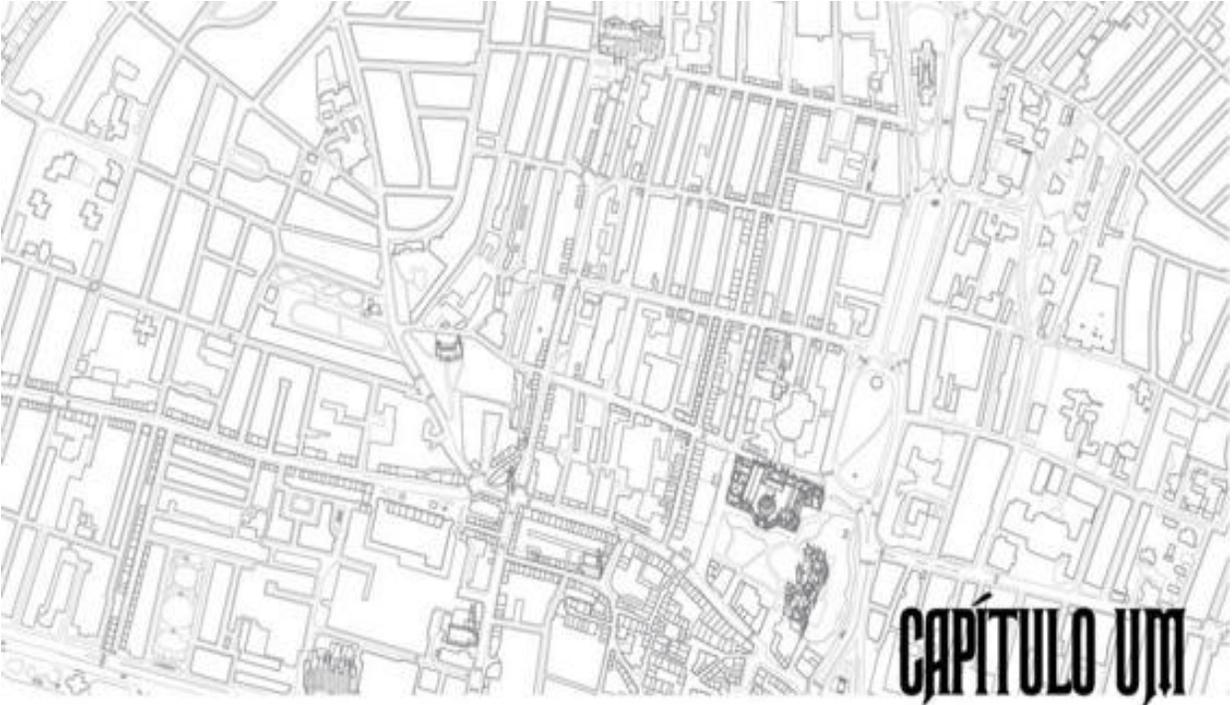
LIVRO DOIS

Metamorfose

O Vampiro tem a maravilhosa característica de ter sido humano. É um ser especial, um deus, no qual podemos nos tornar. Paródia de Cristo, de Buda, do Avatar — o homem feito deus.

Frater Piarus





Livro Dois – Capítulo Um

Salisbury — Sul da Inglaterra — Setembro

Salisbury era uma cidadezinha simpática. Pelo menos foi o que ouvi dizerem dela, pois não fiquei tempo suficiente para uma excursão, e certamente não prestaria atenção em nada. Minha mente estava focada em outro local. O carro seguia para o norte, em direção à planície que ficava a dezoito quilômetros dali, para o círculo de pedras de Stonehenge, nosso ponto final. *Sim, um final para esse dia ou talvez o início para uma jornada muito mais longa.*

Eu fitava a paisagem à beira da estrada. Nada além de uma verdejante planície que se estendia pelo horizonte fazendo o tempo correr mais devagar. Monólitos solitários, aqui e ali, estavam fincados na terra e um ou outro morro artificialmente alto mostrava o verdadeiro significado do que havia sido Salisbury nos tempos pré-históricos: um grande santuário ao ar livre para adoração aos deuses, para observações astronômicas, e um cemitério para os mais

influentes da comunidade. Ufólogos afirmavam que extraterrestres e vórtices dimensionais apareciam com frequência ali, testemunhas diziam manterem contato com mentes superiores e que o campo magnético daquela região era forte. Magos e bruxas modernos realizavam rituais naquelas terras, procurando por deuses há muito esquecidos.

Hoje, essas informações apenas serviam para tentar distrair meu pensamento do que me esperava no círculo de pedras mais famoso do mundo. Os vidros do carro estavam fechados, mas isso não me impedia de ver e ouvir tudo. Estava mais imóvel que uma estátua. Senti a mão que pegou a minha e apertou. Uma tentativa de tranquilizar as coisas.

— Vai dar tudo certo, Laura — Robert falou. — Você está preparada. Não poderão ignorar isso.

Eu o olhei e entrelacei os dedos aos dele, buscando absorver um pouco dessa confiança. Fora um tempo árduo de preparação e tudo seria posto à prova naquela noite. *Se eu falhasse...*

Bem, se falhasse — e não podia deixar de considerar essa hipótese —, tudo havia sido arranjado, as providências tomadas.

Nem pude dizer adeus a Cínthia. A angústia me dominou. Apertei os olhos. Eu não queria chorar. Não conseguia me acostumar com as lágrimas, não depois da última experiência. *Pelo menos, ela estaria protegida da verdade.* Apertei os dedos com força no console da porta e me arrependi no segundo seguinte, quando ouvi um *crec*.

— Você precisa se acalmar — Clementine falou no banco de trás, enquanto eu tentava inutilmente recolocá-lo no lugar. — Deixe isso de lado — tomou-o de mim. — Poupe sua força para o Conselho.

O *Conselho!* Nunca duas palavras tiveram sobre mim tanta influência nem me provocaram tanto pânico. Nem mesmo a palavra morte. E era justamente isso o que iríamos discutir em Salisbury, rodeados pelo círculo milenar de Stonehenge e os membros da Ordem: a minha morte.

Uma morte prevista e anunciada já há três meses.

Bristol — Junho — Três Meses Antes

— Dá para parar de fazer esse barulho, Eric? — era a quinta vez que Morgana reclamava nos meus ouvidos, bufando. — Como é que alguém pode se concentrar em ouvir algo com esse trovão rugindo o tempo todo?

Oh, Deus! Ela era um pé no saco mesmo! Detestava fazer a ronda noturna com Morgana, mas hoje não tive como escapar. *Espero que Josh não demore a voltar, assim ele amansa a fera.* Meu estômago roncou de novo e ela me lançou um olhar penetrante.

— Qual é, Morgana? Só estou com fome, isso é algum crime? — respondi, de saco cheio.

Estávamos empoleirados no ponto mais alto da marquise do prédio de departamentos, ocultos pelas sombras. A escuridão não era um problema para mim, e mesmo irritado com seus comentários, não podia deixar de admirar sua beleza. Tão bonita quanto chata! Cabelos negros deslizando na pele pálida, alta como uma modelo e olhos azuis. *Bem, não tão azuis agora.*

— Você vive com fome, Eric. Esse é o problema de vocês, mestiços! — resmungou com má vontade.

— Pelo menos posso apreciar os prazeres de uma boa culinária. Um chocolate ajudaria a resolver essa sua TPM eterna. Coitado do Josh, *tsc tsc tsc* — contra-ataquei.

O movimento dela foi rápido, mas o meu também. Ela se jogou no meu pescoço e dei uma cambalhota — apoiando o pé sobre sua cabeça —, escapando do ataque e me segurando num *outdoor* próximo.

— Acho que você tá ficando um pouco velha, maninha — gargalhei e balancei o corpo, aproveitando para curtir com a cara dela.

Rugindo de raiva, ela saltou, pendurando-se na estrutura acima de mim, dando uma gravata com as pernas em meu pescoço e me levantando com as coxas.

— Quem está ficando velha? — perguntou, apertando um pouco mais. — Quero ver você rir com essa cara de debochado agora. Melhor pedir desculpas ou quebro sua espinha!

— Por que eu faria isso? — provoquei. — Estar entre as pernas de uma mulher bonita é o sonho de consumo de muitos homens.

Fui atirado contra a parede. Após o impacto, consegui me equilibrar a tempo. Assumi uma postura de defesa, dobrando o corpo, mas ela tinha sumido. Pelo menos para os olhos. Inspirei fundo para sentir seu cheiro. Foi mais rápido do que pensar. Seus pés bateram nos meus ombros e agarrei os tornozelos dela, atirando-a a minha frente. Ela rolou para o lado, rápida e mortífera, e sua bota acertou meu estômago.

— Quem sabe isso o faça ficar quieto — ela zombou, dando um murro em meu queixo, que estalou.

Quando tentou acertar outro, segurei seu pulso e o dobrei para trás. Usou o punho livre, e o imobilizei também. Ela jogou as pernas para cima, torcendo o corpo sobre mim, e desferiu um golpe com a bota em minhas costas. Desequilibrado, quase caí, sentindo o sangue escorrer do corte em meus lábios. Morgana veio para cima, a boca escancarada, mostrando seu arsenal de morte, e a peguei pelos ombros. Caímos sobre o telhado, ela por cima, rosnando e tentando me morder. Deixei as presas à mostra também, e a puxei pelos cabelos.

Rolamos numa sucessão de golpes; alguns deles acertaram a laje, arrancando lascas do concreto. Em dado momento, minhas unhas atingiram seu rosto. O golpe cortou a pele da bochecha de Morgana, o sangue escorreu. Como já esperava, o ferimento retrocedeu e se regenerou, sem deixar marcas. Os olhos dela ficaram selvagens, acertou-me dois tapas violentos na cara e seu punho se fechou em minha garganta, sufocando-me.

— Agora você me paga, mestiço! — abriu mais a boca.

A brincadeira poderia durar a noite toda se não fosse pelo odor que nos fez virar a cabeça ao mesmo tempo. Uma forma nos observava, dependurado no *outdoor* luminoso, e seu semblante não era nada amigável.

— Não acredito! Deixo vocês um segundo e pronto. A bagunça está feita. Por que não estão em suas posições de vigília? — Josh reclamava com um olhar de desaprovação. — Morgana, solte-o, agora!

Morgana relutou, mas outro olhar intenso de Josh a fez recuar, rosnando, arrumando o cabelo ao ficar ereta. Endireitei-me, ficando

em pé também para manter alguma dignidade, tentando parar o sangramento dos lábios. Tossi, fazendo o ar descer pela garganta dolorida. Josh passou por mim, rápido como um piscar, e senti o tapa no alto da cabeça.

— Ai, isso dói! — reclamei.

— Pense nisso da próxima vez. Talvez eu desista de chegar sempre a tempo para salvar seu pescoço — ele falou em tom de brincadeira e me atirou um pacote. — Veja se come isso contra o vento, por favor.

Ele trouxera meu lanche: dois hambúrgueres duplos, batata frita grande, refrigerante. Muito bom.

— Obrigado — falei de boca cheia e Morgana torceu o nariz.

Josh saltou até ela e num segundo estavam se beijando, ele a apertava contra os braços. Virei as costas. Ninguém respeitava o lanche dos outros hoje em dia.

Assumimos as nossas posições novamente. Aquela rotina acontecia toda noite, no último ano, desde que o *visitante* resolveu invadir nosso território. Em geral, nós nos dividíamos em turnos, mas quando o padrão de alimentação fora decifrado tivemos condições de prever quando o próximo ataque aconteceria; por isso, todo o grupo participava. A questão agora era: onde seria?

Algumas informações recentes ajudavam: era apenas um, muito novo, mas rápido e com grande capacidade de se esconder e de enganar seus perseguidores. O instinto para a autodefesa era forte nos novatos, que são guiados mais pelos sentidos e pouco pela razão. Ao estabelecer pequenas áreas de caça, procurava não se afastar muito delas, a não ser que fosse percebido. Camuflara seu cheiro para nos desorientar — com certeza fazendo o mesmo com seu esconderijo —, mas no último encontro nos deixara um presente: um pedaço de sua roupa. Embora não chegássemos a tempo para salvar a garota do museu — ele percebera nossa aproximação e a abandonou sem *terminar* o serviço —, pegamos as evidências antes da polícia. Assim seria mais fácil rastrear.

Tínhamos mapeado os possíveis pontos da região e nos dividimos em grupos menores para vigiá-los nas últimas noites. E era melhor que acertássemos dessa vez, pois a coisa estava ficando preta!

— Novidades? — perguntei a Josh.

Ele sabia o que eu queria dizer. Sua expressão não mudou.

— Na mesma. O Megister local não quer a intervenção, mas o Mathesis da Ordem não concorda. Eles estão louquinhos por uma boa desculpa e até agora estamos dando todas as que querem. Muita publicidade! — falou sombriamente e colocou-se ereto na marquise, vigiando os espaços entre as sombras.

Josh era mais alto do que qualquer um de nós; forte, seus músculos faziam inveja a um *personal trainer* e sabíamos do que eram capazes em luta. A lua que brilhava acentuava sua pele de albino e os cabelos brancos longos, amarrados em um rabo de cavalo. Apesar do porte largo e poderoso, tinha os traços faciais finos e pontudos. Poderia ser confundido com um dos Leviatãs das terras geladas do norte ou um elfo de Tolkien. Um tipo que chamava a atenção.

— Mas o Acordo não foi quebrado — Morgana frisou. Estava no outro perímetro, mas nós poderíamos nos ouvir mesmo com a distância. — Se tivesse acontecido, a Ordem teria o direito de intervir, mas estamos fazendo o possível para conter a situação e pegar o miserável.

— Só que alguns deles não concordam, Morgana — ele falou. — Embora a mídia não faça parte do Acordo, as mortes pesam contra nós. Ou pegamos logo esse cara ou a intervenção será inevitável. E acho que nenhum de nós quer passar pelo Conselho.

Não mesmo. Nunca havia participado de nenhum deles, mas o que eu sabia das histórias era suficiente para vigiar com atenção redobrada.

— O que o Carlo diz? — perguntei.

Josh deu de ombros.

— Ainda agindo com diplomacia. Só ele mesmo para ter tanta paciência — riu. — Qualquer outro já teria explodido e estaríamos em guerra, mas ele tem o dom da oratória e persuasão. Precisamos ganhar tempo — afirmou, com raiva. — O tempo agora é fundamental.

Josh estava preocupado. As coisas não iam bem. Carlo era o representante quando o assunto envolvia discussões de ordem

diplomática. Josh o acompanhava às vezes — como na última reunião na Holanda —, e estava sempre informado de tudo. Eu não tinha permissão para ir. Mestiços não eram considerados pela Ordem, valiam menos do que cães.

Permanecemos em silêncio, apenas ouvindo, fitando a escuridão e sentindo o cheiro da noite. Ratos corriam pelos encanamentos dos prédios e bueiros, fazendo uma algazarra imensa, um exército em marcha para ouvidos sensíveis. Sons de pratos e talheres do jantar no interior das casas do quarteirão; carros e buzinas próximas e distantes; música; a frequência das viaturas de polícia e ambulâncias — que fora útil em mais de uma ocasião; insetos, milhares deles; uma briga de casal a quatro quarteirões. A variedade de ruídos era enorme para mim e seria maior para os outros.

Os cheiros eram diversos, desde o fedor das lixeiras e dejetos até o perfume da brisa de início de verão; animais noturnos que ainda resistiam em plena metrópole e o suor da pele das pessoas. Um desses odores, em especial, se destacava; o aroma adocicado fazia minha boca salivar, apesar da fome satisfeita: sangue humano. Evitava pensar nele, assim como Josh, Morgana e os outros. Se a tentação, que não era tão grande para mim agora, me incomodava, imaginava como seria para eles?

O vento era constante, soprando para o sul de onde estávamos, em *Kingsdown*. Com os outros mais ao norte, poderíamos fechar o cerco por quilômetros. Manteríamos nossa posição por mais uma hora e então avançaríamos. Dei um suspiro baixo.

— Entediado? — Josh olhou para mim.

— Não, não é isso — o tédio da imobilidade não era tão desconfortável. — Muita coisa na cabeça, eu acho.

— Imagino por onde deve andar sua cabeça. Nas maravilhas de *Portsmouth*! Que horrível perder o acampamento de férias quando se está no ensino médio. — falou Morgana, curtindo com a minha cara.

Olhei-a com raiva. *Se não fosse Josh estar tão perto...* Ele não disse nada e eu também não, preferi ignorar. Mesmo torrando a paciência, Morgana estava certa. Era isso que me irritava. Estava com saudades de Cínthia, mais do que pensei que sentiria. *Droga, droga, droga! Aquela garotinha sardenta e de maravilhosos olhos*

azuis me pegou de jeito! Acho que agora conseguia entender a agonia do Rob. Que Deus nos ajude, vamos precisar! Não vai ser nada fácil quando a hora chegar. Mas e aí, o que vai acontecer?

— Josh, sem querer misturar trabalho com prazer — ele me olhou com o canto dos olhos —, acha que Rob e eu temos alguma chance? Quero dizer, você sabe...

— Sei do que está falando — ele cortou — e já dei minha opinião: vocês dois deviam procurar ajuda médica mental.

— Para de graça, Josh, é sério! — irritei-me.

Sua cabeça se voltou para mim e abriu os braços.

— E o que quer que eu faça? Que concorde? Dê um tapinha nas costas e diga *'isso mesmo, caras, elas são gatas. Vão em frente e não tenham medo'*? — imitou meus trejeitos. — Você sabe que não dá para ser assim. Pensa, Eric.

— Isso vai ser complicado — Morgana riu. — Melhor não forçar a barra ou ele pifa.

Josh deu um assovio baixo e ela ficou quieta. Veio para o meu lado, deslizando como um felino pelos telhados.

— Elas não são como *nós* — ele falou, pondo a mão no meu ombro. — Isso é o que Rob e você precisam entender. Vocês estão se envolvendo demais! — apertou os olhos. — Se continuarem nessa direção, trarão a Ordem até nós. E não preciso lembrá-lo de que isso nunca é bom.

— Não estava falando do Acordo da Ordem — percebi que Josh entendeu mal o meu comentário. — Quero dizer, eu sei que isso vai pesar no final — Josh parecia não compreender. — Estou falando da possibilidade... de sermos aceitos — admiti num pesar.

— O que quer saber é se elas não sairão gritando como garotas assustadas num filme de terror? — ele riu, balançando a cabeça. — Ai, ai. Eu aqui preocupado com a nossa segurança e você com medo de ser rejeitado! O amor é irracional mesmo.

Tirei a mão dele do meu ombro com raiva e saltei para o próximo telhado. No segundo seguinte ele estava lá.

— Escute aqui — Josh falou. Eu acenei que não queria ouvir. — Presta atenção! — ele foi firme. — Não estou zombando do que você e Rob sentem. Quem sou eu para discutir contra o amor? — olhou

sugestivamente para Morgana. — Só que você pediu minha opinião: o problema é grande, sim. Elas podem não entender? Sim. Podem rejeitá-los? Sim; não somos o que há de melhor no mundo para elas. Vocês estão brincando com fogo, e isso queima de um jeito ou de outro.

Olhei para baixo. Era o tipo de resposta que ele diria.

— Acredita mesmo que não tenho chance? — resmunguei, sentindo-me, de repente, um adolescente babaca. *Tecnicamente* não era um adolescente, só um grande babaca. — Nunca senti isso antes. Só entrei naquela escola porque o Rob me pediu para ficar de olho nas coisas por ele quando vocês foram para a Holanda, e aquela era a melhor maneira. Não imaginei... É tão injusto isso tudo!

Josh apertou a mão no meu ombro com força o suficiente para quebrar uma barra de ferro.

— Vamos esperar para ver, ok? — tentou parecer mais animado. Não me convenceu em nada. — Ninguém passou por isso no grupo e não dá para dizer se as chances serão contra ou a favor. Agora temos outra prioridade e ficar falando nisso não vai ajudar. Vamos nos concentrar, certo? — e saltou rápido para três prédios à nossa frente.

Morgana olhou debochada e moveu-se também. Respirei fundo e fui me postar sobre o *outdoor* do *shopping* próximo.



Olhei para o relógio. Um inútil hábito social adquirido. Não precisava dele. A passagem da noite estava em meu sangue e poderia dizer, com exatidão, os minutos e segundos que se passavam desde o pôr do sol até o amanhecer. Era parte do que sou. Melhor ou pior? Não saberia responder; apenas aprendi a conviver com ela. Não havia como fugir.

A noite era tão clara quanto o dia. Tudo era visível, tinha cor, cheiro, som. Uma coruja estava num galho próximo. Piava e me fitava, fazendo malabarismos com a cabeça esbranquiçada.

— Você é corajosa, garota. Ou seus sentidos não estão lá muito bons. — falei. Em geral os animais fugiam quando sentiam nossa presença.

Um movimento no ar a fez alçar voo, seguido do som de um baque. Um homem aterrissava no telhado. Ele se endireitou e caminhou, amparando um volume nas mãos.

— Por que diabos trouxe isto? — perguntei ao ver a sacola preta.

Robert deu de ombros.

— Precaução.

Não acreditei.

— Não é um mestiço o que procuramos — falei. — Se quer se exercitar, sugiro outro local. Além do mais, acho que seus tempos de duelos acabaram há muito.

Ele riu e colocou a sacola ao lado.

— O tempo não amolece você nem essa sua língua, não é, Clem?

— Robert comentou.

Olhei-o com raiva.

— O tempo não foi gentil comigo nem me deu razões para agir ou pensar diferente — falei amargamente.

Como previ, isso o silenciou. Não havia necessidade de maiores explicações entre nós. Saltei para uma árvore antiga, no centro da praça, e continuei minha vigília. Não estava com bom humor para conversas e queria acabar com tudo o mais rápido possível. Era insuportável a sensação de estar de pés e mãos amarrados, principalmente para mim. *Justo para mim!* Afastei as lembranças e me controlei.

Alcancei a fachada de uma loja envidraçada. Hoje eu era uma caçadora e tinha uma presa para caçar. De dia poderia me dar ao luxo de parecer normal e me esconder por trás de um par de olhos verdes e um cargo importante. *Mas à noite...* Vi meus olhos refletidos nos vidros da loja, *à noite não podia fingir ser o que não era.* Saltei novamente.



— Eric? — a voz de Josh chamou num sussurro. — É hora, vamos.

Já havia se passado duas horas e nada. Nenhum sinal de que nosso *amigo* daria o bote. E eu estava com fome, de novo. Corri pela marquise do prédio e pulei, usando o toldo para dar impulso ao salto e me equilibrando sem esforço no telhado de uma loja de carros, próxima à catedral. Olhei para ela por um momento. *É, o céu é o limite*. Contornei a catedral e segui pela avenida, indo de um prédio ao outro. Podia ver Josh e Morgana mais à frente, pendurados nos *outdoors* e protegidos da luz. Nesse momento, o vento mudou e tudo aconteceu.

— É ele! — Josh falou enquanto se atirava para a frente, seguido por Morgana.

Eles se moveram rapidamente e os acompanhei. Quando diminuímos um pouco a velocidade, para não assustar a presa, Josh olhou para ela:

— Avise os outros.

Morgana dilatou as pupilas, que adquiriram um brilho intenso. Eles chegariam rápido.

— Vamos — Josh comandou.

O ritmo se acelerou.



Clem, Avonmouth!

A mensagem de Morgana encheu minha mente e o cheiro invadiu as narinas durante um salto. Olhei para os dois homens que me acompanhavam. Robert me encarava com firmeza.

— Está na hora — falei.

O aceno foi sutil e nos instantes seguintes estávamos correndo e saltando, rápidos demais para qualquer um fora do nosso mundo ver. Hoje seria o fim. Não haveria falhas.



— Eric? O que foi?

Josh me chamava. Uma brisa, que captei após um salto mais alto que os anteriores, me fez paralisar.

— Rápido, mexa-se! — ele sussurrava com fúria.

— Não, tem alguma coisa errada — retruquei, sem me mover.

Josh veio e me empurrou. Foi um golpe violento.

— Não dá para perder tempo, o rastro está forte! Ele vai escapar!
— rugia para mim.

— Ele não está em *Avonmouth*! — disse com certeza. — Está nos enganando. A direção é outra! — saltei para o leste, sem esperar por eles.

Josh me alcançou num pulo e me fez parar, com uma chave de braço. Movido pela adrenalina, joguei-o por cima dos ombros — algo que não teria sorte de fazer novamente por muito tempo — contra o muro de tijolos de uma velha fábrica. O muro veio ao chão. Coloquei-me em posição de defesa. Ele se punha em pé.

— Ficou doido, garoto? — falou, irritado. — Está nos fazendo perder um tempo precioso!

— Estamos mesmo perdendo um tempo importante! — rugi de volta. — Ele não está ao sul, está ao leste. Sei disso!

— Como? — Josh me encarava. Morgana estava ao lado dele antes que eu piscasse.

— Porque a brisa leste soprou na minha cara quando pulei mais alto que vocês! O cheiro está mais forte lá! Não entendem? Enquanto vamos numa direção, ele ataca em outra! — estávamos imóveis, apenas nos olhando. — Ele quer nos confundir!

Esperei que algum deles abrisse a boca, mas, como não aconteceu, segui meus instintos e corri. Não precisava de autorização. Havia pegado o rastro.

Ao me aproximar do local, diminuí o ritmo das batidas do meu coração e busquei me camuflar com os cheiros que encontrava por

perto, para não alertar o invasor. O odor dele era concentrado e saltei para o alto de um rochedo. Estava diante da Ponte de Clifton. *Aquela não era a área de ataque dele, filho da mãe!*

As luzes dos postes estavam apagadas. *Muito conveniente uma falta de energia!* E então eu o vi pela primeira vez. Uma figura com poucas roupas, o cabelo longo esvoaçando, os ombros se projetando sobre alguém caído ao chão. A porta de um carro próximo fora arrancada e atirada a alguns metros. Quando o vento mudasse, ele sentiria minha presença. Por isso me atirei rápido sobre ele, com um rugido abafado. Eu era um mestiço — sabia que em força não me comparava a um dessa espécie —, mas o barulho da briga talvez trouxesse os outros e eu teria alguma ajuda. Agarrei-o pelo pescoço, buscando o estrangulamento, apenas para perceber que era o mesmo que tentar enforcar Josh: eu sempre perdia.

Fui arremessado através do calçamento para uma das pilastras da amurada, que não se quebrou por milagre. Rapidamente me coloquei em pé, ficando cara a cara com meu adversário. Era enorme, musculoso, sua sombra projetada pela lua quase me cobria por inteiro, criando um halo luminoso ao seu redor; a camisa estava em frangalhos, cheia de sangue; os olhos vermelhos brilhavam e a boca aberta rugia em aviso. Arqueei meu corpo em posição de ataque e mostrei os dentes. Poderia cair, mas não deixaria de fazer um bom estrago antes.

Avancei, chocando meu corpo com o dele, tentando desequilibrá-lo ao segurar suas pernas. Eu era rápido e tinha que aproveitar essa vantagem. Rolamos sobre a amurada e despencamos pela ribanceira do mirante, atravessando os arbustos e batendo violentamente numa árvore, que veio ao chão. Continuamos em queda livre até atingir a rodovia vicinal. Os faróis de um caminhão brilharam sobre nós e uma buzina soou alto. O som de uma derrapagem no asfalto me fez agarrá-lo com mais força e rolar dali para o acostamento à beira do rio.

— Seus malucos! Querem morrer? — o grito irritado do motorista perdeu-se na escuridão junto com a iluminação das lanternas traseiras.

Meu movimento quase nos jogou no Avon. A margem rochosa deteve nossa queda. Nós nos separamos e fiquei de pé. Minha pele foi rasgada pelas pedras pontudas. Estava sangrando. *Merda!* Antes que pudesse reagir, senti a mordida dolorosa no ombro. Tranquei o grito na garganta e usei a dor para revidar. Agarrei-o pelos cabelos e o arremessei sobre os ombros, afundando seu peso na rocha. Grudei as mãos em seu pescoço, abrindo a boca para a sua jugular, mas ele se virou. Os papéis se inverteram e meu pescoço era estrangulado. O aperto era excruciante, o pior que já experimentara. Ele aproximava os dentes. Tentava afastá-lo, mas sabia que seria inútil.

Nossas forças não se comparavam e a pressão ficou mais forte.



Paramos ao mesmo tempo. Havíamos percorrido o perímetro até chegar à fonte do cheiro: uma camisa ensanguentada colocada ao sabor do vento sul em *Avonmouth*.

— Ele está em outro lugar, maldito! — agarrei o farrapo nas mãos.

— Está nos despistando, plantando rastros falsos para confundir. Muito esperto para um novato — falou Robert ao meu lado, carregando sua sacola negra de veludo.

— Vamos procurar em outros pontos, ainda podemos achá-lo esta noite, Clem — a voz grave de barítono opinou.

— Temos que achá-lo agora, Carlo! — retruquei, guardando a camisa na bolsa de caça. — Pode ser tarde demais de novo. Não temos a noite toda para isso.

— Ao contrário, *cara mia* — Carlo respondeu. — A noite é tudo o que temos para pegá-lo.

Saltei para o toldo do prédio próximo, procurando por algum rastro no vento. A camisa cumprira seu propósito e uma onda concentrada do cheiro estava no ambiente, deixando nublada qualquer outra coordenada. *Merda!* Voltei-me para os demais.

— Por que Josh e os outros ainda não chegaram?

— Uma boa pergunta. Já deveriam estar... — Carlo silenciou.

Uma nova mensagem mental nos alcançou. *Oh, meu Deus, não!*
— Vamos! — falei com uma pressa fora do comum.

Corremos mais rápido que o normal e desejei tudo, menos que fosse verdade o que Josh nos dissera.



Os dentes estavam quase na minha garganta. Lutava e tentava me livrar, mas o hálito de sangue batia em minhas narinas e seria questão de segundos antes que alcançasse seu objetivo. Ele retesou os músculos dos braços, aumentando a pressão. Percebi que tinha perdido. Já estava vendo um filme da minha vida diante dos olhos, pedindo perdão aos meus ancestrais, quando dois pares de mãos brancas o tiraram de cima de mim. Voltei o corpo para o lado procurando pelo ar, sorvendo-o de forma dolorosa e esfregando o pescoço machucado. Meu sangramento diminuía, mas os ferimentos e a mordida ardiam. *Desgraçado!*

Meu campo de visão ficou mais nítido. Josh e Morgana estavam engalfinhados com meu adversário. Morgana segurava sua cabeça com os braços, puxando o pescoço dele para trás, e os dentes dela faziam um bom estrago. Josh prendia seu tronco com as mãos fortes, desviando-se dos pontapés que a criatura dava a esmo. Mesmo em desvantagem, ele ainda conseguiu agarrar Morgana pelo ombro e a atirou longe, concentrando-se depois em uma luta de forças com Josh. O albino parecia um fantasma destruidor, movendo-se como o vento, torcendo os braços numa chave ao redor do invasor, projetando as presas e usando-as sem piedade. Morgana estava de volta e com unhas afiadas desferia golpes que sangravam o peito do invasor, numa sequência impossível de ser vista por olhares humanos. Ele debatia-se; era forte e completamente irracional.

Os sons da luta mortal aumentavam. Eram dois contra um, mas precisavam de ajuda. Juntei as forças e entrei na parada, atacando as costas e os quadris. Uma massa compacta de braços e pernas

rolava pelo solo. Carne era rasgada e triturada e alguns animais fugiram amedrontados, temendo serem as próximas vítimas. O tempo deixou de fazer sentido, tudo era luta, sangue, vontade de viver. Nosso adversário começou a fraquejar, os membros pararam; com um golpe preciso, Josh decepou-lhe a cabeça. Estava terminado.

Respirando livremente pela primeira vez, olhei para o corpo aos nossos pés.

— Acabou — Morgana resmungou, respirando também.

— Não, ainda não — Josh tirou um frasco de dentro da sua bolsa de caça.

Abriu com cuidado e despejou o conteúdo devagar por todo o cadáver. O ácido fumegou, bolhas pipocavam sobre a pele como as de um antiácido em um copo de água, espalhando-se numa velocidade que sempre me impressionava, corroendo e sulcando carne e ossos. Evaporou rapidamente e no final não sobrou nem cinzas do corpo que estivera ali.

— Agora sim — ele soltou o ar. — Conseguimos.

— Você está bem? — Morgana me perguntou. — Nossa, está um trapo.

— Obrigado pela parte que me toca — retesei o corpo. Meu flanco esquerdo tinha um ferimento feio.

— Espere um pouco — Josh tirou outro vidro da bolsa e gemi por antecipação.

Trinqueei os dentes. O líquido queimou na ferida e na mordida do ombro.

— Merda! — gritei alto.

A dor era uma tortura. Alguns segundos depois veio o alívio. Olhei para baixo. Nem sinal dos ferimentos.

— Os brinquedinhos de Carlo até que servem para alguma coisa — resmunguei, mas estava bem melhor.

— Você vai ficar bem — Josh sorriu e depois ficou sério. — Mas é melhor vermos a vítima.

A última refeição do nosso amigo estava lá em cima, no mirante. Um segundo se passou e Josh a examinava.

— Droga, chegamos tarde! Deveria dar mais crédito a você, Eric. Poderíamos ter salvado essa. Pelo menos sabemos que ele não vai

mais atacar ninguém.

— O estrago foi no carro também — Morgana analisava o veículo. — Ele arrancou a porta do motorista e tem um amassado enorme no teto. Deveria estar com muita fome.

Eu não dizia nada. A vítima era uma mulher, deitada de costas para cima. Seu coração batia muito fraco.

— Não podemos levá-la a um hospital? — perguntei. — O coração ainda está batendo.

— Mas não vai durar muito — Josh lamentou. — Ela está praticamente exangue. Nossa hesitação custou o tempo para salvá-la.

— Melhor avisar os outros — Morgana lembrou.

Josh se concentrou e a mensagem correu solta pelas nossas cabeças: *ponte de Clifton. Pegamos o nômade. Outra vítima fatal.*

Eles chegariam rápido. Ao menos, como Josh falou, conseguimos resolver o problema. Não haveria mais *assassino de Bristol* e a Ordem se acalmaria. Poderíamos ficar em paz de novo. Mas eu lamentava, sem saber por que, pela mulher caída. Seu coração não queria parar. *Merda! Não havia nada mesmo que eu pudesse fazer?* Ficaria vendo-a morrer ali, sozinha? O ferimento no pescoço era visível e quase não sangrava. Havia marcas do corpo pelo chão, como um rastro. Ela se arrastara para escapar dali. Suas unhas estavam quebradas e com sangue, como se tivesse lutado. Será que ela fizera isso? Lutara com ele, mesmo sem saber o que era? Poxa! Cheguei mais perto para examiná-la. O vento ajudou a limpar o odor do atacante e do cheiro da comida chinesa que vinha do carro destruído. O perfume dela invadiu minhas narinas e, por um momento, parei de pensar. *Não é possível!*

Virei seu corpo com mãos apressadas e pânico na alma.

— Deus do céu! — gritei. Josh e Morgana me olharam assustados. — Laura!

Era ela, sem dúvida. Laura estava morrendo ali. Ela fora a última vítima. *Meu Deus!*

— Eric? — Josh estava ao meu lado.

Eu o olhei aterrorizado.

— É a... Laura — engasguei. — Josh... é a Laura, a mãe da Cínthia.

— A Laura do Rob? — Morgana perguntou, boquiaberta.

Concordei com a cabeça. Não conseguia encontrar o chão para meus pés. Laura estava pálida, os lábios azulados e olhos arregalados. Sua respiração era fraca, o peito chiava e a pulsação era inconstante. *Meu Deus, o que vou fazer? Cínthia, amor, me perdoe...*

— Temos que levá-la ao hospital — peguei-a nos braços. — Ela não pode morrer!

— Não dá, Eric, não há tempo. Mesmo que a levemos, ela vai morrer no caminho — Josh tentava me acalmar.

— Temos que fazer alguma coisa! — eu o agarrei pela gola da blusa com uma das mãos. — Não posso ficar aqui vendo a mãe de Cínthia morrer e não fazer nada!

— Está fora do nosso alcance — Morgana falou.

Olhei para ela com ódio.

— Não está e você sabe disso — sibilei.

Os dois arregalaram os olhos para mim, incrédulos sobre o que eu acabava de mencionar. *Ah, foda-se! Se for preciso usar de força para isso, eu usarei.* Estava pronto a exigir que fizessem o necessário quando nossa atenção foi tomada pela chegada dos outros, que paravam diante da cena.

— Laura... — sussurrou Clementine, atônita. Pela primeira vez eu a via incapaz de esboçar uma reação prática. — Não, não...

— Não! — Robert berrou e tomou-a dos meus braços no segundo seguinte. — Não, não, não, não... — era só o que dizia, em pânico.

Carlo estava ao seu lado, tentando examinar Laura, e Clementine grudou-se ao chão, sem se mover. Os segundos passaram.

— Josh? — Clementine olhou para ele. Parecia anestesiada para os próprios sentidos quando perguntou: — Ela...?

Josh sacudiu a cabeça.

— Ainda não — lamentou —, mas não vai demorar...

— Não! — Robert berrou. — Ela não vai morrer! — rosnou furioso, encarando o grupo.

— Rob... — Josh olhou-o. — Não podemos fazer nada.

Clementine então se mexeu e foi para junto do irmão. Seus olhos faiscaram com um brilho determinado.

— Podemos fazer alguma coisa sim — começou a puxar a manga da blusa.

— Clem, o Acordo! — Morgana reclamou. — É arriscado demais, não temos autorização.

— Também não tínhamos quando encontramos você, Morgana; e, no entanto, está aqui, agora. — Clementine olhou-a duramente e isso a calou.

— Deixá-la morrer é a única solução que quer? — falei com raiva. — Por Deus, Morgana, ela tem uma filha!

— Ela não vai morrer. Falhei no cumprimento com a minha palavra, mas não a deixarei morrer — Clementine foi taxativa. — Foi por minha culpa que isso aconteceu. Pedi que ela ficasse até mais tarde no trabalho. No meu lugar! — olhou para todos. — Estaria bem e a salvo em sua casa se não fosse por minha causa. E se alguém tiver que responder junto ao Conselho pelo que vai acontecer hoje, assumo essa responsabilidade. Devo isso a ela.

Todos ficaram em silêncio. Ela esticou o braço. Ninguém se moveu. Clementine faria, por vontade própria, o que eu estava disposto a obrigar Josh e Morgana realizarem. Um tremor me percorreu e parei de respirar.

— Não — Robert a interrompeu, pegando seu punho. — Você não vai fazer.

— Robert...? — Clementine tentou protestar, mas ele sacudiu a cabeça.

— Eu faço — olhou para Laura. — Não vou deixá-la morrer e também não vou fugir da verdade. Já fugi demais. Será o que tiver de ser.

Com delicadeza, ele colocou Laura no chão. Abaixei-me e apoiei sua cabeça em minhas mãos. Robert expôs as presas num movimento de contração do maxilar. Elas brilharam com a luz do luar e seus olhos se dilataram. Levantou a manga da blusa negra e levou o próprio pulso à boca. O ruído de carne rasgada foi audível. Gotas vermelhas escorreram do corte. Com uma respiração profunda e dolorosa, cheia de incertezas, aproximou o ferimento até a boca de Laura e deixou que o sangue caísse. Nunca tinha visto alguém fazer a metamorfose, só ouvira a teoria, e fiquei paralisado.

— Laura — ele falou, a voz triste e tensa —, eu te amo. Por favor, se um dia puder, perdoe-me. Perdoe-me...

Pedia perdão a cada gota de sangue que pingava.



— Boa noite, Sra. Vargas — desejou Simons quando eu saía.

— Boa noite, Simons, até segunda-feira.

Puxa, que noite! Meu pescoço doía e os olhos queimavam. Foram tantos os inventários que meu cérebro estava mexido como os ovos que Jeanete costumava preparar pela manhã. Para minha sorte, alguns estagiários resolveram ganhar pontos extras durante o verão e trabalharam comigo, senão provavelmente nunca teria saído de lá. Estiquei os braços ao entrar no carro, sentindo o cheiro da borracha das luvas de látex que usara para manusear as peças. Não era muito tarde, mas, com o cansaço acumulado pela noite anterior maldormida, dirigir parecia exaustivo. E eu estava com fome. *Melhor comprar alguma coisa no caminho do que me aventurar pela cozinha.* Passei por um restaurante de comida chinesa e pedi alguns dos meus prediletos para viagem. Quinze minutos depois, estava dirigindo de novo.

A brisa de verão soprava no meu rosto, balançando os cabelos, ajudando a espantar o *stress*. Sentia-me mais animada. De repente, tive vontade de não voltar para casa tão cedo. Aproveitei o sinal vermelho e disquei o número rapidamente. Estava na caixa postal. *Droga!* O sinal abriu e andei mais alguns metros até que outro fechou. Tentei mais uma vez. Caixa postal de novo. Resolvi arriscar e deixar uma mensagem.

— Oi, amor, sou eu. Se quiser fazer alguma coisa diferente hoje, me encontra no mirante da ponte em meia hora. Estou levando a comida. Beijo, te amo.

Com sorte ele veria o recado e apareceria por lá, mas, se não acontecesse, eu comeria ao ar livre, com o vento convidativo e a lua iluminando a paisagem. Cheguei à ponte de Clifton e estacionei. Havia

poucas pessoas e apenas mais um carro. *Bem, eu disse meia hora, então melhor esperar.* Abri a porta e fiquei admirando a lua cheia acima da cidade, uma imagem de cartão-postal. Tão linda!

Minha cabeça divagava em pensamentos, refazendo aquele dia, pesando a diferença entre o quanto estava aterrorizada pela manhã e a calma e tranquilidade que sentia agora. Devia isso em grande parte ao apoio de Robert. Só o fato de ele não me achar uma louca foi um grande alívio. Não conseguia imaginar como ele daria um jeito em tudo, mas falou com tanta certeza que ninguém duvidaria. Muito menos eu.

Meu estômago roncou. Peguei o pacote de [din_sun](#)¹⁰ e comi alguns para aliviar a fome. Acho que Robert falara a verdade. Desde que cheguei, percebi que sua família tinha grande influência junto às autoridades de Bristol. Provavelmente ele faria contatos sem haver a necessidade de me envolver, e a polícia cuidaria do resto. Eu me sentia melhor, era o mínimo que poderia fazer por Kate. E pensar que quase acreditei nas teorias do doutor Jarvis Poincello! Pelo menos, poupei Robert dessa segunda e embaraçosa parte da verdade.

Tolice. Tudo não passava de especulação da mente de um homem que entrou fundo demais em suas pesquisas a ponto de dar crédito de veracidade a lendas e superstições. Alguém que se perdeu dentro da grandeza do mito. Mesmo sendo uma pessoa agradável e muita persuasiva em seus argumentos, isso não significava que eles fossem verdadeiros. Caso contrário, acho que algumas esculturas do museu sairiam andando quando a lua brilhasse como naquela noite. Dei risada. Pensei em antigas maldições sobre múmias, Tutankamon, Howard Carter! O museu britânico em Londres seria um perfeito circo de horrores se toda a arte egípcia, de repente, ganhasse vida.

Sentia-me tão tranquila em relação a esse assunto que, naquela tarde, enquanto catalogava as obras de arte orientais recém-chegadas — por sinal, de altíssima qualidade —, não experimentei repulsa nem receios quando uma das peças — uma escultura em bronze cravejada de pedras semipreciosas, olhos feitos em rubi e presas bem pronunciadas — era descrita no inventário como a representação do demônio hindu Baital, que segundo as lendas era um vampiro. Sim, a mente humana cria o mito. Se você acredita nele

ou não é outra questão. Esses pensamentos tomaram meu tempo e, sem perceber, estava sozinha no mirante. O outro carro havia ido embora.

Olhei o relógio: a meia hora já havia passado, mas decidi esperar. Acabei com o pacote de *din sun*, enterrei o assunto *vampiro* de vez e apenas fiquei apreciando a noite. Creio que vinte minutos se passaram quando as lâmpadas dos postes piscaram levemente, uma vez, duas vezes e depois se apagaram. A ponte ficou às escuras. As luzes da cidade eram mais brilhantes por causa da escuridão. Fiquei fascinada pela beleza da lua no céu.

O vento mudou de direção. Liguei os faróis do carro e insetos noturnos passaram diante deles. Consultei as horas. Estava claro que ele não viria, ou porque era tarde ou algum trabalho o prendera. Fiquei um pouco aborrecida, mas com certeza ele me ligaria no dia seguinte e combinaríamos algo. Isso me animou.

Fechei a porta e girei a chave na ignição. Quando as luzes dos faróis aumentaram, uma grande mancha escura passou rapidamente por elas. Pela janela, senti o vento mudar de direção outra vez. Fiquei parada, olhando. A uns dez metros, mais ou menos, uma pessoa estava em pé em frente ao carro, olhando para mim. Mesmo sem distinguir suas feições, percebi que era muito alta.

— Olá? — chamei, apertando as mãos no volante.

Aquilo fora tolice, deveria engatar a ré e sumir dali. Era um estranho e eu estava sozinha. Onde eu estava com a cabeça? Mas assim que pisquei, ele desapareceu. Não o via em nenhum lugar. *Melhor não ficar aqui.* Travei as portas e os vidros, mudei a marcha e manobrei para a saída.

O baque ensurdecedor atingiu o capô do carro. O teto afundou até quase tocar o banco do passageiro. Alguma coisa caíra sobre ele! Pelo para-brisa, uma forma foi deslizando de ponta cabeça e me encarou, fazendo meu sangue gelar. O rosto de longos cabelos que escorriam era indecifrável, branco como cal, coberto de veias azuladas. As luzes do painel iluminaram uma boca aberta num sorriso medonho, que deixava à mostra os dentes compridos, como presas. Quando elas se apagaram, meu pior pesadelo me encarou: a figura tinha horripilantes olhos vermelhos.

Num impulso, pisei no acelerador, mas o carro não saía do lugar. Tentei dar a ré, mas o efeito foi o mesmo. Para meu horror, a figura segurava com as mãos o para-choque dianteiro; suspendeu a frente do carro na altura do peito e o largou com força. O som de algo se quebrando foi alto e tudo parou de funcionar. Isso era impossível!

Eu não sabia o que fazer, não tinha nada com que pudesse me defender, nenhuma arma. Busquei apressadamente o celular, fazendo a rediscagem para o último número. Com um estrondo, a porta do motorista foi arrancada e atirada para longe. Tentei pular para o banco de trás, mas sua mão agarrou minha perna e me arremessou para fora do carro. O choque contra as pedras arranhou e cortou minha pele, dos ombros até o tornozelo, e senti uma costela estalar.

A dor era horrível. Queria me levantar e correr, mas aquela... coisa... estava em cima de mim, rosnando como um animal. Sem pensar, enfiei minhas unhas nele. Elas se quebraram e algumas foram arrancadas dos dedos, como se estivesse tentando atacar um muro de concreto. Seu hálito gelado e o rosnado estavam próximos ao meu ouvido e gritei quando uma nova dor, muito pior que as outras, surgiu assim que ele cravou aqueles dentes anormais no meu pescoço. Era insuportável, uma mistura de afogamento, náusea e espasmos que vinham dos órgãos internos. Meu coração disparou numa velocidade absurda. Os dentes afundaram e a dor triplicou. Ouvei sons de gorgulhos e percebi, com horror, que ele sugava algo: meu sangue!

Quis lutar, me defender, mas não podia. Minhas pernas e mãos estavam inertes, formigavam, e uma dormência paralisava as outras partes do corpo.

Apenas a mente permanecia alerta, a par do que acontecia; via tudo, mas não podia fazer nada. As batidas do meu coração diminuía à medida que o sangue fugia da ferida para a boca asquerosa. Com as unhas, ele fazia pequenos cortes nos meus pulsos, antebraços, na clavícula, nos seios, e sugava os filetes de sangue dos ferimentos. A língua gelada lambia as feridas como um amante sedento beijando sua prometida. A cada toque podia sentir a morte se aproximando. Seus olhos eram do mais vivo escarlate, renovado com a refeição.

Ele voltou a afundar os dentes em meu pescoço. Parecia inebriado, como numa orgia de prazer carnal. Gemia e se contorcia, forçando as presas mais do que seria possível. O esforço destruiria meu pescoço, mas não havia mais dor. Ela sumira. Apenas a letargia e a inconsciência que a acompanhava tomavam conta do que restava de mim. Eu estava vazia. Meu coração, já tão fraco, diminuiu mais o palpitar. Minha respiração era entrecortada. Próxima do fim, pensei em Kate, sabendo agora qual fora sua real agonia. Pensei em Cínthia e no quanto ela sofreria — quem tomaria conta dela? Pensei em David, Jeanete... Pensei em Robert e no amor que desenterrara a mulher que jazia em mim. E, curiosamente, pensei em Jarvis Poincello.

Você tinha razão, doutor...

Nesse momento, ouvi outro rosnado, feroz, e a forma escura foi retirada de cima de mim com um forte tranco. Não conseguia ver o que ou quem era, mas pude escutar os sons da briga violenta a poucos metros: dentadas, rugidos e golpes que tremiam o chão. O muro de contenção do mirante cedeu com um estrondo. Sons de buzinas frenéticas surgiram, e depois os ruídos da briga continuaram, abafados, até sumirem.

Estava sozinha.

Sozinha, gravemente ferida, à beira da morte. Deveria ser assim que as vítimas de animais peçonhentos se sentiam quando o predador injetava o veneno: as toxinas atingiam o sistema nervoso central, paralisando a presa, enquanto ela era devorada viva, vendo cada momento do processo. Consciente o tempo todo. Lembrei-me de um trecho da reportagem de telejornal sobre *uma estranha toxina orgânica* encontrada nos cadáveres. Sim, era isso mesmo. A toxina da mordida de um vampiro era o que impedia que as vítimas fugissem ou lutassem. Seria uma informação muito valiosa.

Mas isso não faz mais diferença. Aqui, abandonada no mirante, encontraria meu fim numa noite de verão em Bristol. Engrossaria as estatísticas do *assassino*, mais um caso insolúvel para a polícia. Apenas o Dr. Jarvis saberia a verdade; aquela que eu não quis aceitar por achar que minha racionalidade fosse a resposta para os males do

mundo. A ignorância não é um defeito, mas persistir nela sim. Agora isso tudo ficaria para trás.

Uma manta negra descia sobre meus olhos e eu queria dormir. Não estava frio nem quente, mas confortável. O horror passaria, era só fechar os olhos — se eu conseguisse — e deixar a manta me cobrir. Tudo acabaria em pouco tempo: o alívio final, sem dor, sem sofrimento, só o sono.

“Quando se aproxima, o Anjo da Morte é terrível. Quando alcança você, é uma bem-aventurança.” Lembrei-me desse ditado popular muçulmano. Mas se era assim — se era isso o que eu queria —, então por que meu coração não parava? Por que ele não interrompia aquele martelar surdo e distorcido nos meus ouvidos e me deixava dormir? E por que a minha cabeça, leve como a de um bêbado, gritava que eu estava me esquecendo de alguma coisa importante? O que poderia ser mais extraordinário do que a doce sinfonia do sono prolongado da morte e a paz que a acompanhava?

Cynthia!

O nome imediatamente me tirou do torpor ao qual me entregara. Ela era razão suficiente para não querer morrer naquela noite, naquele lugar, não enquanto precisasse de mim. Eu tinha uma filha e isso me bastava para lutar. E foi o que comecei a fazer, sem ter certeza se venceria a batalha. Tentei mover os dedos dos pés e das mãos e não consegui. *Merda! Força! Você tem de se mexer, sua imprestável!* Forcei novamente, ouvindo o bater fraco do meu coração e o chiado da respiração. Senti dor e agradei a Deus por ela. Se há dor, há vida. A morte ainda não me pegaria.

Pensei em Kate. Ela sobrevivera e eu também conseguiria. Os dedos dos meus pés e da mão esquerda se mexeram e latejaram com o esforço. Minha respiração estava difícil e precisei dar um tempo. Quando tive certeza de que poderia tentar de novo, apoiei a mão esquerda contra o chão e torci os pés para me pôr de lado. Não consegui. Tentei outra vez e acabei rolando de barriga para baixo, o rosto espremido no calçamento. O ar doía e queimava ao entrar e sair dos pulmões. Consegui mover a cabeça para a luz dos faróis e percebi algo brilhando no chão.

Meu celular. Devia ter caído quando a criatura me arrancou do carro. Poderia ligar para a emergência. Com todo o esforço do mundo comecei a rastejar, e cada movimento era uma agonia prolongada. Arrastei-me poucos centímetros e parei, sem fôlego. Pela visão periférica, achei que duas formas passaram sobre mim e pularam para a ribanceira, mas não pude ter certeza. Respirei e me arrastei mais um pouco, sem muito sucesso. A cabeça e o peito latejavam e pontos luminosos dançaram nos meus olhos. Decidi esperar até que sumissem e fiquei olhando os faróis pelo que pareceu uma eternidade de tempo. Tinha medo de encarar a escuridão e perder a consciência. Minha única chance era alcançar o celular e torcer para conseguir falar o suficiente. Ou que a polícia rastreasse a ligação pelo GPS do aparelho.

Uma forma silenciosa bloqueou a luz dos faróis e se abaixou. A mão fria tocou meu pulso e jugular com delicadeza. Havia alguém ali! Eu estava salva!

— Droga — a figura falou —, chegamos tarde! — tinha uma voz suave, mas intensa. — Deveria dar mais crédito a você, Eric. Podíamos ter salvado essa. Pelo menos sabemos que ele não vai mais atacar ninguém.

Eric? Que Eric? Do que ele está falando? Tarde demais? Não! Eu estou viva!

— O estrago foi no carro também — uma voz de mulher falou de longe. — Ele arrancou a porta do motorista e tem um amassado enorme no teto. Deveria estar com muita fome.

Fome. Sim, estava mesmo. Do ângulo em que eu estava, não podia ver quem eram eles. Mas por que não chamavam a polícia? Ou uma ambulância? Eles me deixariam morrer ali?

— Não podemos levá-la a um hospital? — uma voz jovem perguntou. — O coração ainda está batendo.

Essa voz. Eu conheço essa voz. Sim, meu coração bate sim; ajudem-me, por favor. Não posso morrer!

— Mas não vai durar muito — o outro lamentou. — Ela está praticamente exangue. Nossa hesitação custou o tempo para salvá-la.

Não! Ainda há tempo, estou lutando, quero viver!

— Melhor avisar os outros — a mulher falou.

Isso, avisem alguém. Peçam ajuda, pelo amor de Deus! Mas ninguém usava um telefone ou rádio. Como pediriam socorro dessa forma? Um deles se aproximava, mas parecia andar mais rápido do que seria normal. Havia um cheiro de ácido nele que me deu enjoo. O vento agora soprava um pouco mais forte. Senti que ele me observava atentamente e ouvi sua inspiração profunda. Então se abaixou ao meu lado e virou meu rosto.

Eu quis gritar naquele momento.

— Deus do céu! — Eric falou em voz alta, enquanto os outros dois, que estavam próximos, o fitaram assustados. — Laura!

Eric? Eric, é você mesmo? Não havia dúvida. Com os faróis batendo em seu rosto eu o reconheceria mesmo morrendo. *Meu Deus! O que está acontecendo aqui? Eric, me ajude!*

— Eric? — o outro homem, de estranhos cabelos brancos, se aproximava.

Eric o olhou aterrorizado e eu também: seus olhos eram vermelhos, iguais ao da criatura que me atacara. Havia mais deles? Iriam me machucar de novo?

— É a... Laura... — ele falava rápido, engasgando. — Josh... é a Laura, a mãe da Cínthia!

— A Laura do Rob? — a mulher perguntou. Também tinha os olhos vermelho-sangue.

Quem eram eles? *O que eles eram?* Minha respiração ficava mais fraca, meu peito chiava e os pontos luminosos aumentaram. Eric me pegou no colo. *Leve-me ao hospital, por favor!*

— Temos que levá-la ao hospital! Ela não pode morrer!

— Não dá, Eric, não há tempo — o que se chamava Josh tentou detê-lo. — Mesmo que a levemos, ela vai morrer no caminho.

— Temos que fazer alguma coisa! — Eric o agarrou pela gola da blusa negra. Todos estavam vestidos de negro. — Não posso ficar aqui vendo a mãe de Cínthia morrer e não fazer nada!

— Está fora do nosso alcance — a mulher disse ríspida.

Eric virou a cara para ela com ódio. *Por que está fora do alcance? Chamem uma ambulância, levem-me para o hospital. Pense em Cínthia, Eric, por favor!* O ar não entrava pelo meu nariz.

— Não está e você sabe disso — ele rosnava para ela.

Percebi a tensão que se formou entre os três rostos logo acima do meu. Eric estava determinado, mas os outros hesitavam. Por que não poderiam me salvar? O que haveria de errado? Achei que a raiva faria Eric atacá-los quando todos olharam para a mesma direção. Desejei ter forças para virar a cabeça também. O silêncio se prolongou. Mas a voz de uma mulher, que eu reconheceria em qualquer lugar, o rompeu:

— Laura... Não, não...

Clementine! Ela estava lá! Por quê?

Um grito cortou o ar. Uma mistura de desespero, choro, raiva e angústia sem tamanho. Um urro de dor, talvez maior do que a minha. As mãos de Robert me tiraram dos braços de Eric e me seguraram no ar, como se eu não pesasse nada.

— Não! — Robert berrava. — Não, não, não, não... — o pânico era visível em seus olhos.

Mas eles... Estavam vermelhos! Como os do outro que se aproximou por trás dele, de aparência mais velha. Clementine observava a cena, seus maravilhosos olhos verdes-esmeraldas transformados em duas pedras de rubi. O que aquilo tudo significava?

— Josh? — Clementine olhou o albino. — Ela...?

Ele negou com a cabeça.

— Ainda não — sua voz soava triste ao dizer —, mas não vai demorar...

— Não! — Robert gritou furioso. Algo escorria de seus olhos e manchava a pele. — Ela não vai morrer! — olhava para todos.

Eu não quero morrer, Robert, mas me sentia fraca e a manta voltava a cobrir meus olhos.

— Rob... Não podemos fazer nada — o albino lamentou.

Clementine se moveu, só que rápido demais. Não era normal. Eu delirava com o fim que se aproximava.

— Podemos fazer alguma coisa sim — dizia e levantava a manga da blusa. Por que ela fazia isso?

Meu peito doía, o ar era pouco e a escuridão me abraçava. Eu estava me entregando.

— Clem, o Acordo! — a moça de cabelos negros falou em tom de desaprovação. — É arriscado demais, não temos autorização.

Autorização? Para salvar alguém? Que mundo é esse? Do que estão falando?

— Também não tínhamos quando encontramos você, Morgana; e, no entanto, está aqui, agora. — Clementine olhava-a de maneira rude.

— Deixá-la morrer é a única solução que quer? — Eric respondeu com ódio, respirando rápido. — Por Deus, Morgana, ela tem uma filha!

Sim, sim! Eu tenho Cínthia, por favor. Cínthia valia qualquer coisa. Deixem-me viver por ela.

— Ela não vai morrer. Falhei no cumprimento com a minha palavra, mas não a deixarei morrer — ouvi a voz potente de Clementine com a autoridade de um juiz que decreta uma sentença. — Foi por minha culpa que isso aconteceu. Pedi que ela ficasse até mais tarde no trabalho. No meu lugar! — ela falava de trabalho? — Estaria bem e a salvo em sua casa se não fosse por minha causa — o que ela fez? Não estava entendendo. — E se alguém tiver que responder junto ao Conselho pelo que vai acontecer hoje, assumo essa responsabilidade. Devo isso a ela.

Conselho? Culpa? Do que Clementine falava? Não houve questionamentos. Ela afastou a manga da blusa, esticou o braço, mas Robert o segurou.

— Não. Você não vai fazer — olhou para ela e depois para mim. Através daqueles olhos vermelhos aterrorizantes, eu podia vê-lo com muita clareza.

— Robert...? — Clementine parecia se opor.

— Eu faço. Não vou deixá-la morrer e também não vou fugir da verdade. Já fugi demais. Será o que tiver de ser — ele decretou.

O que tiver que fazer, faça logo, Robert. Minha mente estava em colapso.

Colocou-me no chão, Eric apoiou minha cabeça. Então uma coisa bizarra aconteceu: o rosto de Robert se contorceu levemente, a boca se distendendo de forma anormal. Brilhando com a luz da lua, seus dentes cresceram, ou pareceram crescer, despontando como presas. Iguais ao da criatura que me atacou. *Devo estar delirando, sem dúvida.* Ele enrolou a manga da blusa, exatamente como Clementine fizera, deixando o braço à mostra. Eu enxergava dobrado, e tive a

impressão de que ele levou o pulso aos lábios. Ouvi o som de algo — como carne rasgada por uma faca de açougue — e gotas vermelhas pingaram da mão dele.

Que loucura era essa? Por que está se machucando, Robert? Para quê? Ele respirou pesadamente e — meu Deus! — trouxe o pulso até minha boca entreaberta.

— Laura — a tristeza na sua voz era de partir o coração —, eu te amo. Por favor, se um dia puder, perdoe-me. Perdoe-me...

Pedia perdão a cada gota que tocava meus lábios.

Não, eu não quero isso! Tire sua mão daqui! Pare! Era nojento, repugnante. O sangue escorria pela minha língua e queimava a garganta. *Robert, por que está fazendo isso comigo? Você disse que me amava! Pare com isso, não quero mais. Não!* Mas quanto mais eu implorava em pensamento, mais ele apertava o pulso e forçava o sangue a descer. Que loucura era essa?

Os belos olhos negros de Eric e os olhos vermelhos dos demais estavam concentrados na cena, com uma mistura de sentimentos como satisfação, desdém, antecipação, culpa, esperança, preocupação e amor. Eu estava perdendo alguma informação importante, mas a repugnância daquele ato atrapalhava o pouco da concentração que conseguia manter. Sabia que, qualquer que fosse a resposta para aquele gesto, não descobriria naquele momento.

Ou talvez nunca. Algo como uma descarga elétrica, suficiente para matar uma manada de elefantes, correu pelo meu corpo junto com o sangue de Robert, rompendo fibras e músculos, atingindo os órgãos. A dormência cedeu lugar a uma sequência de espasmos violentos, e a dificuldade para respirar piorou. O coração, quase inerte, disparou. Em teoria era como sofrer de um ataque cardíaco. Na prática, ele queria saltar para fora das costelas e rasgar os músculos. Meus olhos se voltaram para dentro das órbitas e tudo ficou desfocado.

— Robert, chega — ouvi uma voz forte de barítono. — É o suficiente. Agora precisamos tirá-la daqui e continuar em casa.

Continuar essa loucura!? O que vocês são? Uma seita? Os espasmos aumentavam. A corrente crescia.

— Tem certeza, Carlo? — Robert falava. — Ela ainda parece mal. E se não aguentar?

— Ela não corre mais esse perigo — aquele chamado Carlo respondeu. — Agora está feito, não há retorno. Mas podemos tornar isso mais viável para ela e menos arriscado para todos.

Eu não entendia sobre o que falavam, nem me interessava mais. Ondas de uma energia estranha me levantavam e depois puxavam para baixo. Um frenesi agitava minhas células, meus cabelos se arrepiavam. Eu ia do êxtase à exaustão em segundos e, quando respirava, absorvia muito mais do que o ar. Inalava a essência do que estava ao redor. Desorientada, não conseguia ver ou ouvir nada com muita clareza. Fui erguida por braços fortes e frios, que me apertaram contra o peito.

— Cuidaremos do carro e do resto — falou uma voz, acho que a do albino.

O vento soprou rápido então; tão veloz que imaginei estar no Brasil, numa das tempestades de verão que sempre atingiam São Paulo em março. O vento era quente e forte e esperei pela chuva que viria, mas não houve nenhuma. Abri os olhos e vi os prédios passarem com extrema rapidez por nós. Ou seria o contrário? Não podia ter certeza.

Minha garganta estava inchada e a corrente não cedia, espalhando-se com força. Experimentei um baque e percebi que não havia mais prédios. Estava muito escuro, mas distingui os contornos de árvores como borrões, iguais aos que vemos quando estamos em um carro em alta velocidade. Eu estava nesse carro? Lembrei-me vagamente de que algo acontecera ao meu. Mas por que não via os bancos? O volante e o painel? Por que, ao olhar para cima, via apenas o rosto de Robert como se corresse comigo em seus braços?

É isso. Estou alucinando...

A verdade era que eu perdera muito sangue, por algum motivo. Havia conseguido ligar para a emergência e estava a caminho do hospital. Robert ficara sabendo e estava do meu lado, agora, na ambulância dos paramédicos, enquanto eu delirava e imaginava tudo aquilo.

Assim que pensei dessa forma, o senso de realidade me abandonou outra vez. Ondas de choque explodiram dentro da minha cabeça e a pulsação era rápida, eu conseguia ouvi-la. A pele

formigava nos locais onde havia sofrido arranhões. *Que arranhões? Onde mesmo?*

O vento parou de soprar e uma forte luz bateu no meu rosto. Tremia, mas não sentia frio. Meus músculos queriam descolar dos ossos e estes se transformavam em pó, por causa da pressão. Meu corpo estava dentro de uma centrífuga, sendo triturado, amassado, quebrado.

— Leve-a para a sala — o homem chamado Carlo dizia. — Clem, ajude-me aqui.

Fechei e abri os olhos. Estava numa sala clara, com lâmpadas fluorescentes, como num hospital. Aproveitei o momento de lucidez e vi Robert me colocar sobre a cama. Os espasmos recomeçaram. Ele me segurava, mas os tremores aumentavam. Minha cabeça se agitava para os lados e arqueei o tronco para cima, dobrando a espinha numa postura que, com certeza, a teria quebrado.

— Laura! — Robert chamava. — Laura, me escute! Laura, você pode me ouvir?

Olhei-o com os olhos bem abertos. A mulher e o homem — não sabia mais quem eles eram — estavam lá também. Três pares de olhos vermelhos me encarando.

— Saiam daqui! Deixem-me em paz! — rosnei para todos. — Vocês não vão me machucar de novo! Saiam, não quero ver seus olhos vermelhos! — me debatia violentamente.

Braços fortes me seguraram, mas eu esperneava e tentava agarrá--los. Eles queriam me fazer mal! Não iria deixar.

— Ela está se descontrolando! — ouvi uma voz de mulher dizer. — Faça agora, Carlo, rápido!

— Robert, Clem, segurem firme! — ele falou com a voz alterada. Eu queria pegá-lo, queria que me deixasse em paz. — Agora! — gritou.

Senti uma dor na perna. Como a picada de uma abelha num urso. Consegui livrar um dos braços e esmurrei alguém. Ainda precisava escapar, ir para longe, ou eles me machucariam. A corrente elétrica era forte, a pulsação explodiria minhas veias e meu coração era uma bomba. Acertei um novo golpe em outra pessoa, minha força

aumentava. Conseguiria detê-los, mandá-los para longe, e depois sairia dali, voaria se necessário.

Então, sem aviso, os espasmos diminuíram. A agitação regrediu, enquanto a musculatura era contida, mas não relaxada. Mergulhei em um invólucro, envolvida em um casulo, feito um bicho-da-seda. A circulação se acalmara e me encolhi, recolhendo as pernas na altura do peito. Respirava aceleradamente e os sons e imagens se tornaram menos nebulosos. Tremia.

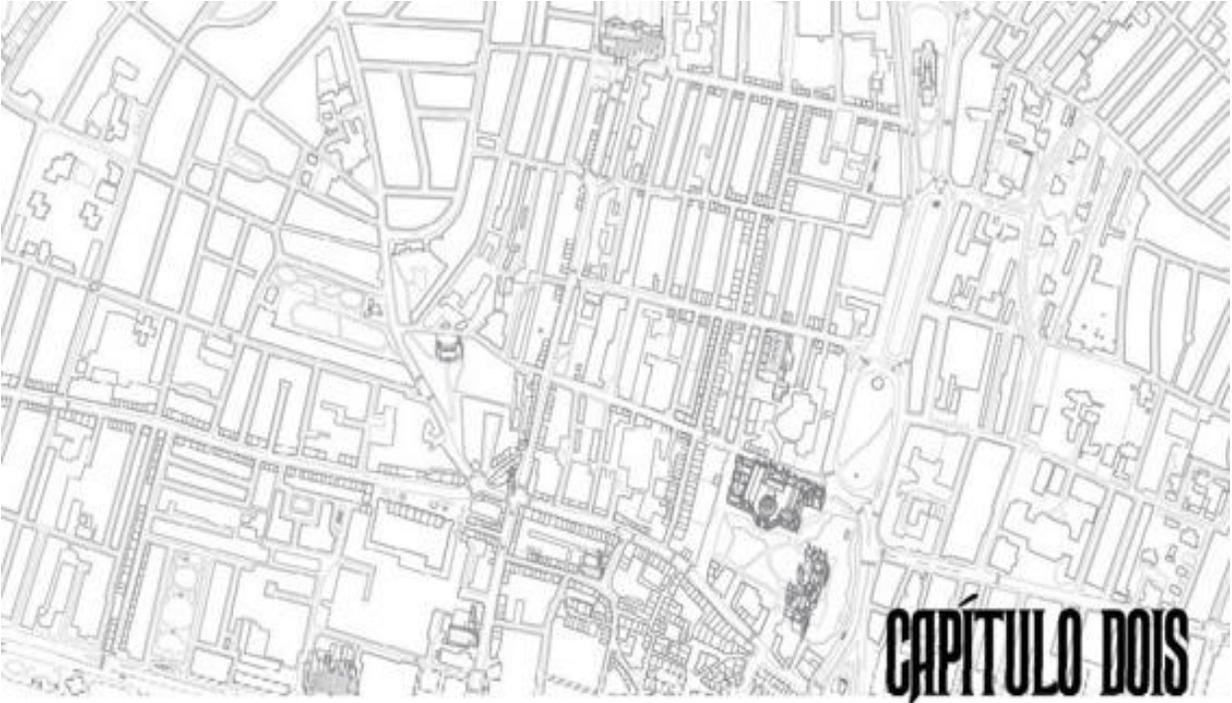
Mãos acariciavam meus cabelos.

— As bolsas, Clem. Fique de olho nela, Robert, não descuide — o homem chamado Carlo pediu.

Ele mexeu no meu braço, senti uma pressão, e pronto. Pendurou as bolsas em um suporte hospitalar: estavam cheias de sangue. Com a mente um pouco mais clara, entendi que fazia sentido: havia perdido sangue — só não me lembrava como nem quando. O líquido começou a fluir e uma sensação de satisfação foi me dominando, um prazer estranho, uma necessidade finalmente atendida. Era embriagante, como experimentar um daqueles porres de final de semana, dos tempos da faculdade.

Eu fizera faculdade? Quando? Tudo era lento, calmo... Eu estava no casulo. E foi na proteção dele que me refugiei.

Na solidão da crisálida e sua metamorfose.



Livro Dois – Capítulo Dois

Era Natal. A lareira da casa da vovó Liz em Bristol estava cheia de meias com doces e presentes. A árvore era linda com suas luzes, e bolas vermelhas faiscavam com o fogo que crepitava. Na mesa, uma toalha também vermelha deixava à mostra o banquete natalino. A neve caía do lado de fora da janela, deixando a terra fofa.

— *“Certo dia, o céu amanheceu carregado, mais cinza. O vento arrastava ondas de capim para todos os lados. Tio Henry permanecia desde cedo sentado na soleira da porta, examinando o mau tempo. Em pé, ao seu lado, Doroti com o Totó nos braços também olhava o céu, enquanto tia Ema, lá na pia, lavava louças. De repente, tio Henry levanta-se e observa: — ‘Mau sinal, gente! Vem aí ciclone’”* — vovó lia para mim *O Mágico de Oz*.

Sempre que passava o Natal em Bristol com meus pais, pedia a ela que lesse essa história. Tinha nove anos e nunca me cansava dela.

— Conte a parte do ciclone, vovó, por favor? — pedi. Era a minha favorita.

Ela pegou a minha trança e me olhou com seus olhos azuis.

— Tudo bem, Laureen — e continuou: — *“Quando Doroti finalmente segura o cachorro e corre em direção ao alçapão, uma rajada de vento abala tudo com violência. A casa desprende-se do chão, rodopia duas vezes no ar e, como um balão, começa a voar. — ‘Coisa mais esquisita!’ — murmura a menina, quase morrendo de medo. Doroti, sem saber como agir, acha melhor ficar quietinha num canto da casa”* — vovó lia, mas alguma coisa em seu tom de voz mudara. A maneira como falava me dava um medo estranho: — *“Totó latia feito doido correndo sem parar pelo cômodo; passava tão perto do alçapão que, de repente, foi tragado pelo vento para fora da casa”* — comecei a me encolher. Por que a vovó estava falando daquele jeito? — *“Vem aí ciclone, vem aí ciclone, vem aí ciclone”* — repetia numa ladainha, sem parar, e senti um vento frio circulando por dentro da casa.

Cada vez mais forte, o vento apagou o fogo da lareira. Um buraco escuro ficou em seu lugar e todos os objetos da sala começaram a ser puxados para ele. As meias, os presentes, a árvore de Natal, os móveis, tudo era tragado. Segurei-me na cadeira, mas o vento me arrastava, agitando minhas tranças. Aos poucos, eu estava suspensa no ar. Vovó continuava a ler o livro calmamente.

— Vovó Liz, me ajude! — pedi, chorando.

— *“Segure firme, Doroti”* — ela dizia. — *“Vem aí ciclone, vem aí ciclone”*.

Não aguentei segurar mais e o buraco me puxou. Entrei pela chaminé e fui rodopiando para fora, atirada no ciclone. As nuvens eram escuras e pesadas, impedindo o sol de atravessá-las. A neve me sufocava. Olhei para minhas mãos e pernas e vi que estavam diferentes: pareciam-se com as de uma adulta. Mas eu tinha só nove anos. O que estava acontecendo? Queria gritar, mas não conseguia. Sentia tremores violentos.

Raios saíram das nuvens e me atingiram com estrondos, queimando e provocando saltos no meu coração e pulsação. O olho do ciclone me levava para o alto e depois puxava para baixo com

violência. Não havia nada em que eu pudesse me segurar. Meus músculos se contorciam. Minhas mãos se tornaram garras e a garganta se fechou, como se estivesse inflamada.

O ciclone continuava impiedoso. Girava, girava, girava, girava. Do centro uma luz brilhou. Cada vez mais eu era arremessada em sua direção, a cada volta ficava mais claro e a luz me cegava. Fechei os olhos. Cheiros e sons estranhos estavam ao redor. Minha cabeça queria explodir, meu coração era um terremoto, e as veias mares em fúria.

Abri os olhos.

— Segurem-na! Força! — gritou alguém. — Morgana, aqui, ajude! — a voz de mulher dava ordens furiosas.

Eles estavam lá novamente, querendo me pegar. Querendo me matar. Não deixaria. Eu precisava viver.

— Larguem-me! — gritei e chutei com selvageria, arremessando um corpo contra a parede. — Deixem-me sair! — tentei chutar outra vez quando senti a picada na perna. Incomodou menos que uma pena.

Seguiu-se outra picada, e o casulo estava de volta. Retendo, embalando. Meu corpo tremia. Sabia que a imobilidade desejada seria impossível, mas afundei no casulo.

Ali era bom. Sentia-me protegida, mais segura, embora ele não fosse impenetrável. Havia brechas e através delas os olhos vermelhos me observavam. Quando o casulo se abria — e eram muitas as vezes em que isso acontecia —, via e ouvia coisas de forma tão rápida quanto *flashes* de uma câmera fotográfica, sentia as picadas e provava do êxtase que me satisfazia. A cólera e a confusão eram inevitáveis e braços e mãos me seguravam com força descomunal. Em certos momentos, os pares de olhos oscilavam entre o verde, o azul, o castanho e vermelho, me fitando com sentimentos conflitantes.

Eu queria fugir para impedir que me tocassem e machucassem de novo, como o outro fizera.

Sempre que uma das brechas no casulo se abria, eu escutara vozes familiares.

— E então? — um homem perguntava. O som de sua voz aqueceu meu peito.

— Ainda não — outro respondeu calmamente. — Os estágios não se completaram.

— Tem certeza de que isso vai funcionar? — uma mulher falava.

— Não posso ter certeza — o homem calmo respondeu. — Isso nunca foi tentado antes. Em teoria pode dar certo, mas devemos nos preparar para tudo.

Alguns desses rostos me olhavam com carinho e desespero, e aquilo mexia com minhas lembranças: um beijo roubado num pátio de escola, uma echarpe que voara, pétalas de rosas vermelhas sobre a neve... E então a escuridão voltava, a necessidade de me esconder ficava forte e eu tremia. Queria morrer para que tudo acabasse; mas lá, no casulo, sabia que precisava aguentar. Uma coisa importante esperava por mim. E lutava para poder viver.

Os ventos e raios agrediam meu corpo, preso dentro do invólucro.



Era o mesmo sonho outra vez. Estava na estufa de flores. Ficava evidente pelo cheiro, pela maciez das pétalas e a dureza dos espinhos, o zumbido dos insetos, o calor na pele, o toque dos tijolos em espiral pelo chão, o som da neve que caía do lado de fora. Todos os meus sentidos percebiam aquilo, menos um: a visão. Estava cega.

Mesmo não vendo aonde ia, não tinha dificuldades para caminhar pelos ladrilhos. A falta de visão não era um empecilho. Estariam as flores no mesmo lugar? Sim, estavam. Algum sentido adormecido me dizia exatamente o local que ocupavam. O olfato apontava a quantidade delas; o tato mostrava que o calor era de trinta graus precisos, necessários para o cultivo, e a umidade relativa do ar oscilava entre 70 e 75 por cento. Do lado externo, a temperatura era de três graus e a neve tinha cerca de dois centímetros e meio; mas logo pararia de cair. O tempo estava mudando e a chuva se aproximava. Dos 23 tipos diferentes de insetos que ali estavam, oito morreriam. O controle biológico determinava predadores para cada espécie, com perfeição ambiental. A aspereza contra meus pés indicava que os tijolos tinham sido talhados um a um, com cinzel e

martelo, sem o uso de máquinas. Um luxo e capricho para poucos. A espiral em mozaico lembrava o olho de um ciclone.

Era incrível ser capaz de apreender tudo aquilo sem usar a visão! Como se só agora eu pudesse enxergar de verdade. Então, aos poucos, o ambiente foi mudando. A luz do sol se punha através dos vidros da estufa e a noite caiu. Ouvei o ruído dos animais noturnos que se preparavam para deixar os esconderijos, enquanto os diurnos voltavam a suas tocas. A temperatura caía mais do lado de fora. Novos odores imperaram: o cheiro dos eucaliptos, dos arbustos sem folhas, dos bulbos em hibernação, das corujas e gamos nos bosques próximos.

O som do trincar do gelo das lagoas congeladas era alto, da água que se solidificava nos galhos, o murmúrio ininterrupto de fontes distantes, as gotas que pingavam intermitentes pelos encanamentos de irrigação. Tudo se intensificava.

Experimentei uma queimação nos olhos, uma ardência forte. Minhas pálpebras se movimentaram e as pupilas se dilataram, ajustando-se a uma nova posição importante; houve um lacrimejar e a sensação de areia se dissolvendo e sendo expulsa. Num movimento único, eu os abri. E entendi que nunca estivera cega de verdade.

O cenário era o mesmo, confirmando o que meus outros sentidos me disseram. Permaneci imóvel no centro da espiral, esperando pela segunda parte do sonho que sabia que viria. E não me desapontei.

As gotas vermelhas pingaram das flores, explodindo ao meu toque. O fluxo escorria até meus pés, mas, ao contrário da repulsa anterior, agora sentia prazer. Ataquei velozmente as rosas, querendo que a onda vermelha aumentasse. Em poucos minutos, o lago de sangue chegava a minha cintura, grudando-se à pele, subindo para meus seios. Ria de satisfação e deixei meu corpo flutuar na viscosidade, sem medo. Minhas pernas e braços se abriram e boiei num lago rubro e quente, que me levava cada vez mais para cima. Deslizei as mãos pelo líquido e observei seu brilho entre meus dedos, antes de levá-los à boca e provar o gosto formidável, como ambrosia dos deuses.

Como se um tampão fosse retirado de uma pia, o lago transformou-se em um redemoinho. Flutuei ao sabor da correnteza.

Não tinha medo de me afogar, nem de morrer. Não tinha medo de nada.

E mergulhei no gigante olho vermelho que sugava o sonho ao meu redor.



Algumas coisas diferentes aconteceram ao mesmo tempo quando abri meus olhos. Sabia que não estava em casa, mas ali também não era um hospital. Os sons eram desorientadores: música, computadores ligados, animais do lado de fora das paredes, o vento que soprava fraco, mas constante. Senti cheiro de tinta fresca e grama aparada. O teto era branco e as paredes de um gelo ofuscante. Podia ver os filamentos das lâmpadas fluorescentes como se uma lente de aumento potente estivesse colocada diante de mim. Equipamentos usados em laboratórios estavam ao lado de mesas com ampolas coloridas e estranhas seringas de metal.

Aos poucos, memórias apareciam como pontos na minha mente. Eu tive dor, mas agora não sentia nada. Lembrei-me de ter quebrado as unhas, mas ao levantar a mão, num gesto tão rápido que me assustei, não havia sinais de maus-tratos. Aliás, nenhum dos ferimentos que tinha certeza de que experimentara estava ali. Por quê? Tentei me sentar. O movimento, mais ligeiro que o comando do pensamento, me pôs ereta. Congelei. As órbitas dos meus olhos se moviam constantemente, registrando coisas, e minha cabeça tomava nota de tudo. Meu nariz se apoderava dos odores daquele cômodo: cânfora, ácidos, algodão, látex, e uma variedade de produtos que não conseguia nomear. Toda aquela percepção me deixava confusa. Como eu poderia fazer aquilo?

— Finalmente! — ouvi a voz dela, identifiquei o cheiro e imediatamente reagi contra a estranha que me observava com olhos verdes.

Sibilei para ela. No instante seguinte, cinco pessoas estavam na sala e me retesei mais, esperando a melhor oportunidade para atacar

se fosse preciso. Entretanto, alguns deles não eram totalmente desconhecidos.

O homem de cabelos negros se aproximava devagar, cauteloso; o rapaz moreno mantinha os olhos preocupados em mim. E mesmo a mulher de olhos verdes não parecia uma estranha. Só que não conseguia me lembrar onde os vira antes. Os demais, estes sim eu não conhecia e rosnei, num aviso.

— Laura — o homem de cabelos negros falava. — Laura, está tudo bem. Sou eu. Você está segura. Calma.

Algo em sua voz me fazia recordar flores... rosas... O som tinha o encanto de rosas, o perfume delas ao vento. O gosto de um beijo molhado de paixão.

— Pode descer, não vamos lhe fazer nada — a mulher falou. — Já acabou, você vai ficar bem. Só precisa nos deixar ajudá-la.

Descer? Só então realmente me dei conta de *onde* estava. Não sei de que maneira, mas estava empoleirada no pé direito alto da sala, minhas mãos como garras no teto, numa clara postura de defesa. Meus dedos removiam o reboco da parede. *Como vim parar aqui?* A falta de concentração, a surpresa ou o que quer que fosse fizeram minhas mãos perderem a força. Caí em pé, como faziam os gatos, e não relaxei a postura. Farejava tensão no ar. Continuei a olhar o homem à minha frente por um longo tempo, juntando partes de memórias difusas. Seu rosto era cada vez mais familiar e a sensação de reconhecimento, tranquilidade e confiança me dominaram.

— Robert?

Eu o conhecia! Claro que o conhecia! Que tipo de loucura momentânea me fizera achar que o havia esquecido? *Devo ter ficado muito mal mesmo.* Ainda me sentia bem desorientada, por algum motivo.

— Sou eu — seu rosto tenso relaxava num suave sorriso. — Fique calma, você está bem agora — falava e se aproximava. — Vai ficar tudo bem.

Não precisava me defender dele, precisava? No instante seguinte, estava abraçada a ele, apertando meu rosto em seu peito. Robert rodeou-me com os braços e colocou o queixo na minha cabeça, suspirando. Aspirei seu cheiro, surpresa por nunca ter sentido esse

perfume antes e o calor agradável do seu corpo. Em geral ele era frio. Que detalhes estranhos para notar. Afoguei esse pensamento e me deixei ficar ali, na proteção dos braços do homem que eu amava. Uma energia redobrada fazia essa verdade vibrar em mim, a ponto de querer explodir de tanta fúria.

Clementine e Eric estavam mais próximos — ainda não conseguia entender como não me lembrara deles. Os outros mantinham distância. De onde eu estava, identificava seus diferentes tipos de cheiros. Saberia reconhecê-los pelo odor onde quer que estivessem. *Que coisa esquisita.*

— Laura, como se sente? — Clementine perguntou.

A pergunta soou estranha, apreensiva. Sentia-me ótima, exultante até. Mas a resposta que saiu da minha boca não fazia eco às sensações que experimentava.

— Confusa... — tremi levemente, como se outra mulher falasse em meu lugar, usando a minha voz. — O que estou fazendo aqui? Que lugar é este?

— É a minha casa — Robert respondeu. — Nossa casa — apontou para os demais.

Nunca tinha ido à casa de Robert, nem sabia onde ficava. *Por que me trouxeram para cá?* Por alguma razão da qual não me lembrava, deveria ter ido para um hospital.

— Mas como você se sente? — Clementine frisou, insistente.

— Bom — as palavras se atropelavam ao sair —, além de um pouco de confusão, não sinto nada, absolutamente nada. Quero dizer, acho que estou meio alucinada porque, agora a pouco, tive a impressão de que estava pendurada ali — apontei o teto — e que eu rosnava — dei uma risada.

Por algum motivo, ela saiu diferente do que eu esperava.

— Também estou ouvindo coisas, sentindo cheiros. Eu tinha me machucado — toquei a camisola branca de hospital. — Havia um ferimento aqui... e aqui... e minhas unhas saíram. Mas creio que foi um sonho, está tudo bem comigo — falei animada. — Na verdade, estou me sentindo forte, sei lá. Nunca estive tão disposta na vida.

Clementine olhou para um dos homens da sala. Havia um significado nessa troca de olhares.

— E o que mais? — ela perguntou.

O que mais ela quer saber? Minha garganta estava um pouco inchada e eu tinha sede, muita sede! Mas achei bobagem mencionar aquilo.

— Não estou entendendo, deveria haver mais alguma coisa? — meus olhos se moveram rapidamente entre todos. Que reação esquisita!

Eric estava tenso. Por quê? Robert me abraçava de um modo protetor. O homem ao lado de Clementine se aproximou. Era menos alto que os demais, os olhos castanhos claros profundos num rosto quadrado de expressão firme. Os cabelos eram castanhos também e formavam alguns cachos.

— Sra. Laura — ele falou. Sua voz era sonora, profunda, como a de um cantor de óperas, e tinha um leve sotaque italiano —, meu nome é Carlo. É um prazer conhecê-la, embora desejasse que a ocasião fosse diferente. Como isso não foi possível, preciso que me diga uma coisa muito importante. Deve fazer todo o esforço que puder para responder a minha pergunta, *capiscé?*

Não. Não entendo, mas sacudi a cabeça afirmativamente, o movimento ligeiro demais.

— Laura — ele continuou —, quero ajudá-la; por isso me diga: quais são as suas últimas lembranças?

Minhas últimas lembranças? Ora, de que isso importa? Não entendia o que Carlo pretendia com aquilo. Mesmo assim, fiz o que me pediu. Não me custaria nada, não é? Abri a boca para responder e... O silêncio calou as palavras. Minha testa se enrugou. Remexi a mente à procura de respostas e não encontrei nenhuma. Percebi, com um súbito medo, que não me lembrava de nada! As memórias recentes pareciam apagadas.

Olhei de Carlo para Robert, de Clementine a Eric, e até para os estranhos. Nada vinha à minha cabeça. O vinco na testa aumentou e meu olhar ficou perdido. Aquilo não fazia sentido. Uma onda de pânico enrijeceu meu corpo. Robert sentiu aquilo e passou a esfregar minhas costas com delicadeza.

— Carlo, não é melhor deixarmos para depois? — falou. — Ainda há tempo, não precisamos forçá-la.

— Não — ouvi minha voz recomposta. — Não quero deixar para depois. O que está acontecendo? Por que não me lembro de nada? — a pergunta era direcionada a Carlo.

Robert e ele me fizeram sentar. O italiano pegou minhas mãos e olhou dentro dos meus olhos. Havia uma profunda sabedoria neles; o conhecimento de quem presenciara muita coisa na vida, embora aparentasse ser jovem, talvez um pouco mais velho do que eu. Não senti medo. Seu cheiro era muito bom, concentrado pela proximidade. Exalava confiança.

— Laura, faça um esforço. Está tudo aqui — apontou minha cabeça. — Não posso trazer suas lembranças de volta, mas elas são fundamentais. Apenas se você se lembrar, poderá entender a necessidade do que foi feito aqui. Use sua força de vontade. Cada detalhe será fundamental, para seu próprio bem.

Algo naquela voz, uma doçura paternal ou o encanto de um musicista — nunca pude saber exatamente o quê — fizeram partes adormecidas da minha mente se remexerem. Como circuitos religados, informações foram processadas, conectando perguntas e respostas, procurando pontes entre os espaços vazios para poder atravessar e chegar ao outro lado. Uma sequência se formava claramente: minha saída do museu, o mirante da ponte Clifton numa sexta à noite, a comida chinesa, o apagão, o carro destruído, e — meu corpo se retesou — a figura de olhos vermelhos e dentes afiados!

Tudo veio num jorro só: eu, atirada contra as pedras, cada um dos ferimentos e arranhões que isso provocara, e aquela criatura... sugando meu sangue. As imagens se sucediam e gritavam a resposta: tinha sido atacada por um vampiro!

Levantei-me num salto rápido, indo para o outro lado da sala, mantendo distância. Contra a parede, olhava-os com súbita desconfiança. Sim, havia mais! *Mais o quê?* Alguma coisa tirara o monstro de cima de mim; depois, eu estava nos braços de Eric. Ele discutira com o albino e a mulher de cabelos pretos, queria que eles me salvassem. Estavam lá, todos eles. E... seus olhos eram...!

— *Quem* são vocês? — perguntei, de repente, desconhecendo a ferocidade que me tomava. — *O que* são vocês? O que fizeram

comigo!?

— Laura, por favor, fique calma — Robert implorou. — Deixe a gente explicar. Foi necessário. Se não tivéssemos feito, você teria morrido — sua voz era agoniada.

— Feito o quê? — gritei. — O que aconteceu aqui?

Mais lembranças voltaram: Robert me segurando, sua boca distorcida e as presas claras cortando o pulso, seu sangue pingando em minha boca; depois, a confusão e os espasmos, a fúria e o êxtase. A insuportável corrente elétrica.

“Eles podem transformar um humano em vampiro contaminando-o com seu sangue, e assim criando outro imortal.” As palavras de Jarvis Poincello eram tão nítidas como se ele estivesse falando-as ao meu lado.

Em desespero, tateei o corpo. Sem cicatrizes, arranhões ou as marcas no meu pescoço. Porém, quando minhas mãos tocaram o peito... meu coração não estava batendo! A dor e a sede na garganta aumentaram.

Eles eram vampiros! Como aquele que me atacou!

— Não! Não, não é verdade! — gritei com todos. — Como pôde fazer isso comigo? — olhei para Robert. Agora estava claro, eu sabia de tudo!

— Laura — ele tentou se aproximar. Esquivei-me rapidamente. — Perdoe-me, por favor!

— Perdoar? *Perdoar?* — retruquei com ódio. — Como quer que o perdoe por isso? Você me transformou num monstro! Deus, como teve coragem? — entre meus dentes um rosnado de fúria escapou. — Como? Por quê?

Meus olhos transbordaram em um choro doloroso. As lágrimas eram grossas e pesadas.

— Laura — Clementine se aproximava. Fugi dela num salto. Ela não se moveu outra vez. — Nós não podíamos deixá-la morrer. Entenda isso — sua voz era sincera. — Gosto muito de você e o Robert... te ama. Queria realmente que a abandonássemos lá? Pense em sua filha, em Cínthia; o que seria dela? — falava com firmeza. — Se tivesse havido outra forma... Juro que teríamos tentado; mas ou era isso ou você morreria. Tem certeza de que preferia morrer?

Ponderei suas palavras. Não, não queria morrer. Na verdade, implorei para viver. Durante todo o sofrimento pelo qual passei no mirante, apenas pedia a chance de continuar viva, por Cínthia. E fui atendida. Mas a que preço? O de transformar-me num monstro? Numa criatura que atacava as pessoas para se alimentar, do mesmo modo que eu fui? E Kate também? E os outros que morreram? E quanto a Cínthia? Poderia fazer mal a ela? Matá-la? Chorei ainda mais, meu corpo se comprimia contra a parede.

— Laura — Clementine dizia devagar —, por favor, acalme-se e me escute. Nós podemos ajudá-la. Sei que está com medo, passou por uma experiência horrível. Acredite, eu sei; todos aqui sabem, tiveram a sua vez também — de novo a sinceridade de sua voz me dominou. — Mas existem opções. Você não precisa ser um monstro, como teme, e não será igual àquele que a atacou. Vamos cuidar disso, mas precisa confiar e deixar que o façamos — estendeu a mão para mim. — Pode confiar em nós? Em mim?

Talvez o que Clementine dizia fizesse sentido. Talvez a ajuda deles fosse do que eu necessitava naquele momento. Talvez todo o medo se diluísse como poeira se eu pegasse a sua mão e aceitasse confiar nela. Neles. Sim, talvez eu tivesse dado voz à razão. Porém, o que aconteceu em seguida enterrou a pouca racionalidade que me sustentava.

Levantei a cabeça e me deparei com um espelho. Algo escorria dos meus olhos. Não eram lágrimas, como pensei. Um líquido vermelho marcava um rosto pálido, totalmente desconhecido para mim. Passei os dedos pelos olhos.

Eu estava chorando sangue.

O estilhaçar dos vidros da janela foi alto no momento em que me atirei por ela, sem pensar. Atravessei alamedas em uma velocidade impossível e só me dei conta de que estava longe da casa porque corria por um bosque. As árvores passavam por mim como manchas. Estava chovendo, minhas roupas ficaram ensopadas; mas não parei. Queria sair dali, ficar longe, não ter mais que ouvir o que diziam. Correria o planeta todo, daria a volta nele eternamente apenas para fugir. O que eu iria fazer? Como viveria com isso? Que tipo de... criatura eu era agora? Enquanto corria, pensava em Cínthia. Como

me aproximaria dela? Sendo o que eu era, isso poderia custar sua vida.

Ouvi um novo som no bosque e algo se chocou comigo. Batemos contra uma árvore que veio ao chão e caímos. Pude ver seu rosto sobre o meu. Atirei-o contra o tronco caído, rolei de lado e me pus em pé. Anoitecia. A chuva forte escorria pelo meu cabelo e rosto quando a primeira mudança consciente de período correu em minhas veias, e a sensação renovada de vigor me dominou. Meus olhos queimaram, como no sonho, e as pupilas se ajustaram para receber a escuridão. Podia enxergar como se fosse dia.

Ele estava lá. Ficamos nos observando em silêncio. Seus olhos eram vermelhos, mas não me assustei. De alguma forma, sabia que os meus deveriam estar iguais.

— Laura — Robert rompeu o silêncio —, você precisa voltar. Venha comigo, por favor.

— Por que eu voltaria? — falei com revolta. — Dê-me algum motivo que seja bom o suficiente para que eu tome essa decisão!

— Você tem de voltar exatamente por isso: existem muitos motivos. Coisas que tem de saber e para as quais precisa se preparar. Nós vamos ajudá-la.

— Do mesmo jeito que ajudaram me transformando nisto? — apontei para meu corpo. — Tem ideia do que fez? Não imaginou como eu me sentiria? Não se importou? Você destruiu minha vida, Robert! Acabou com a minha humanidade! — queria chorar, mas me lembrei da imagem no espelho. Nunca mais conseguiria novamente. — Você disse que... me amava... — minha voz estava engasgada pelas lágrimas que prendia.

— E amo — seus olhos tristes estavam repletos de doçura, e isso me machucava —, não faz ideia do quanto.

Silêncio.

— Por favor, Laura. Consegue entender que eu não poderia simplesmente deixá-la morrer lá? — Robert falava devagar e a angústia dessa possibilidade estava em cada palavra, provocando tremores em seus lábios. — Que nunca esperei nada de bom nesse tipo de vida que tenho a não ser quando a conheci?

— E quando pretendia me contar? Daqui a um ano, dez, vinte? Se eu desconfiasse que você não envelhecia, que seus cabelos não ficavam brancos e as rugas não apareciam no tempo certo, o que faria? Daria uma desculpa qualquer para sumir da minha vida para sempre? — a chuva forte formava uma cortina sobre nós. — Quanto tempo achou que teria antes que eu percebesse algo errado? Aliás, não seria difícil que isso acontecesse logo. Você nunca comia perto de mim, seu corpo era frio, poucas vezes eu o via à noite e agora entendo por quê — apontei seus olhos. — Quantas lentes de contato têm em casa para *ocasiões especiais*? No mirante você me perguntou o que esperava de um homem. Eu lhe disse que queria a verdade! Até quando iria me enganar?

— Você também me disse que queria amor — ele falou. — Eu estava tentando, imaginando como contar... Não sabia se me aceitaria do jeito que sou. Coloque-se em meu lugar por um momento só! — estava desesperado. — Eu amo você. Nunca esperei amar uma pessoa assim, mas aconteceu e foi com você. Queria que confiasse em mim primeiro, que me conhecesse. Isso foi um erro? Teria sido melhor se eu fosse me apresentando com um *'boa noite, sou Robert Fevré e sou um vampiro'*? — abriu os braços. — Você não faz ideia do tormento que foi manter silêncio, querendo falar e temendo sua reação. Todos os dias alguém da minha família me dizia para acabar logo com isso, que não daria certo, que alguém sairia machucado nessa história.

Ele tremia debaixo da chuva.

— Agora que já sabe da verdade, meu Deus, como eu desejava que a situação fosse diferente. Acha mesmo que eu gostaria que isso acontecesse? Preferiria que você saísse correndo, com medo de mim, do que ter de mudá-la para salvar sua vida; saber que foi obrigada a enfrentar o ataque de alguém da minha espécie — parecia enojado. — Se tem uma imagem que vou carregar em meus pesadelos pela eternidade é a do seu rosto lívido nos meus braços naquela noite. Posso viver dez mil anos ou mais e nunca terei paz.

Ele parou para tomar ar. Minha respiração também estava entrecortada. O sofrimento dele me atingia como uma dor.

— Falhei com você — ele continuou. — Não fui sincero quando deveria ter sido; traí sua confiança, mas apenas por medo de perdê-la. E também falhei por não tê-la protegido do *meu* mundo. Deveria ter prestado mais atenção à sua segurança, principalmente depois do incidente com Kate — ele suspirou pesadamente, passando uma das mãos nos cabelos, afastando a água do rosto. — Laura, eu... não soube lidar com a situação: querer você e, ao mesmo tempo, decidir esconder ou não o que sou. Pode me chamar de egoísta, imaturo, do que quiser... mas eu a amo. Meu amor foi maior que meu bom senso, capaz de me fazer quebrar a promessa que lhe fiz: a de nunca mentir — a agonia dos seus olhos era insuportável. — Talvez se eu não tivesse começado esse relacionamento, forçado a barra, tudo teria sido evitado.

Aquelas palavras doeram em mim. Estava viva graças a ele, não podia negar o fato. E eu o amava. Esse sentimento era forte, intensificado pelo odor que fluía do corpo dele e acendia o meu. As lembranças de seu toque pareciam maiores, como se além dos sentidos físicos minha memória tivesse sido amplificada. Cada gesto, cada carícia que trocamos se tornaram mais claros, escorrendo da mente e me envolvendo, como a chuva.

Como posso ficar sem ele? Seria fácil me mover e me perder ali mesmo, uma bênção sentir seu beijo e o calor inesperado do corpo, agora que éramos iguais. Isso apagaria as lembranças ruins. Mas não falei, nem me mexi. O rancor me impedira de dar qualquer passo nessa direção. Ainda estava chocada demais. E com raiva.

— Entendo que está com raiva de mim — ele disse, lendo minha expressão —, e não vou criticá-la por isso, nem cobrar nada. Aceito o que tiver de ser, mas preciso levá-la de volta, Laura. E não é por mim que peço, mas por você.

— O que quer dizer?

Seu tom mudou, ficando pesado e nebuloso como as nuvens acima de nós.

— Quero dizer que, embora esteja viva, não significa que está segura.



A sala de estudos de Carlo era imensa. Estantes e mais estantes de livros, tomos gigantescos, *in-fólios* antigos em idiomas diversos, pergaminhos e papiros protegidos, alguns emoldurados. Dezenas de quadros e esculturas dividiam o lugar com uma tela plana — a maior que eu tenha visto na vida — conectada a um computador de última geração. Tapeçarias árabes pendiam das paredes e prateleiras com instrumentos de alquimia e química, muito velhos, ocupavam o canto da esquerda. Os móveis deveriam ter séculos, e os odores de produtos químicos misturados a ervas enchiam o ambiente.

Na verdade, o próprio tempo parecia ter aroma dentro daquele lugar, encapsulado em cada centímetro de construção — um perfume que seria definido de maneiras diferentes por olfatos diferentes. E ele me envolvia de forma quase tátil. A chuva continuava a cair lá fora, mas eu estava seca e usava uma roupa emprestada de Clementine. Agora que voltara, sabia onde estava: na mansão dos Fevré em *Leigh Woods, North Somerset*, uma área residencial de alto nível fora de Bristol, ao sul da floresta de mesmo nome — a Reserva Natural Nacional de Leigh Woods — na extremidade ocidental da ponte de Clifton.

Graças à inauguração da ponte em 1864, propriedades de luxo começaram a ser construídas em meados daquela década até a Primeira Guerra Mundial, adotando alguns estilos clássicos como o italiano, o neojacobino e o baronial escocês. Esse último, que predominava na mansão dos Fevré, fazia referência aos castelos medievais da Baixa Idade Média e do Renascimento francês. *Bem lógico*, minha mente ironizou. Robert e Clementine eram franceses. Pelo menos, eu ainda achava que eram...

— Pontual. Isso é bom.

Movia-me sem ruído, mas não me surpreendi ao ouvir a voz que saudava. Olhei para a direção do som. Carlo estava debruçado pelos pés numa barra colocada próxima ao teto. Quem olhasse a cena se lembraria do mito dos vampiros que viravam morcegos. Ele tinha um livro nas mãos. Num salto elegante postou-se a minha frente,

sorrindo. Haviam me dito que Carlo explicaria tudo o que precisaria saber e o que deveria fazer. *Ao menos uma parte*, acrescentou Clementine, depois que me acalmei o suficiente para ouvi-la. Eu deveria encontrá-lo naquela sala.

— Por que isso? — perguntei curiosa, apontando para o teto.

Ele deu de ombros.

— Apenas uma velha mania. Sempre gostei de ler de cabeça para baixo. Muitos humanos fazem isso.

— Eu sei — ouvi-lo se referir às pessoas como *humanos* me deixou tensa.

O tique-taque de um carrilhão batia levemente ao fundo.

— Podemos começar, então? — ele falou, movendo-se rapidamente.

Num instante, várias coisas diferentes estavam colocadas sobre a mesa no centro da sala e a tela plana ligada.

— Sente-se, por favor.

Fiz o que me pediu. Carlo sentou-se ao meu lado e me estendeu a mão.

— Acho melhor me apresentar adequadamente primeiro, é mais educado — falou sorrindo. — Sou Carlo Antonio Tosquini Frateschi, seu criado — beijou minha mão num gesto cortês.

— Laura Vargas — apenas completei. Ele já sabia disso. Eu é que não sabia de nada. — Muito prazer.

— acredite, o prazer é meu também, *cara mia* — sorriu de novo, os gestos largos típicos dos italianos. — Bem, acredito que isso será mais fácil se eu souber primeiro o que você sabe. Poderia me contar tudo o que já ouviu falar sobre nós?

O que eu lhe diria? As únicas informações relevantes que possuía foram obtidas de Jarvis Poincello. Decidi contar o que ele me dissera. Carlo ouvia com atenção, balançando a cabeça às vezes, como Jarvis fizera naquela tarde. Desta vez as informações seriam bem mais completas ou totalmente diferentes, pelo que percebi. Quando acabei, ele parecia impressionado.

— Se não for pedir muito, *cara mia*, poderia dizer onde conseguiu essas informações? — ele estava curioso de verdade.

— Com o Dr. Jarvis Poincello, um italiano estudioso da mitologia. Na verdade, doutor em mitologia.

— Poincello! Claro, eu deveria ter desconfiado — Carlo deu risadas largas.

— Você o conhece? — fiquei espantada.

Ele me fitou com um olhar maroto.

— Não. Mas conheci seu bisavô, Antonnio Perrucio Poincello. Um homem magnífico, grande filósofo e estudioso do sobrenatural também. Um acadêmico sério, mas ridicularizado em seu tempo. Conversávamos muito sobre esses assuntos. Tenho certeza de que Jarvis tem muito do material que eu mesmo dei ao seu bisavô.

Engoli a saliva.

— Você conheceu... o bisavô dele? Mas... Quantos anos você têm? — perguntei de olhos arregalados.

— Acredito que uns 662, mais ou menos — falou despreocupadamente. — No meu tempo, não se contava a idade de forma precisa como hoje.

Seiscentos e sessenta e dois anos? Jesus Cristo!

— Mas não fique tão espantada, Laura. Sou um jovem comparado a outros. Você verá — me assegurou.

Será que quero mesmo ver? Tentei mudar de assunto, voltar ao que era preciso.

— Mas as informações que o doutor Jarvis me deu são corretas?

— Em parte sim — ele falou —, alguns detalhes. O restante não passa de especulação. Mas quero deixar claro, Laura, que mesmo nós não conhecemos tudo. Num ponto eu concordo com Jarvis: nossa linha histórica, às vezes, tende a ser tão confusa quanto a da evolução da humanidade; temos pistas e fazemos pesquisas, mas não podemos afirmar com certeza onde e como tudo começou de fato. A evolução das espécies é um assunto controverso e amplo, iniciou-se há duzentos anos com Darwin e não parou mais. O que eu disser hoje poderá mudar daqui a cem anos, como mudou cem anos atrás, sempre que uma nova descoberta for feita.

Ele respirou e começou.

— Acerca do *nosso* mundo, os primeiros relatos escritos sobre vampiros também foram feitos pelos humanos e remontam à Idade do

Bronze. Suméria, Assíria, Babilônia, Egito, Grécia, Roma; se procurar, vai encontrar nossa espécie caminhando lado a lado com a raça humana, por razões óbvias.

Tentei não pensar em quais seriam esses *interesses óbvios*. “*E do que mais acha que um vampiro se alimenta, cara mia?*” A pergunta de Jarvis saltou em minha cabeça e a garganta ressecou. Carlo percebeu; meio constrangido, rapidamente apontou para a tela, enquanto mexia em seu *tablet*, fazendo surgir imagens.

— Provavelmente já havia vampiros na Idade da Pedra. Em desenhos rupestres pré-históricos, as representações pictóricas apontam semelhanças entre nós e algumas criaturas que os ancestrais dos humanos conheceram. Através da história fomos chamados por vários nomes, alguns verdadeiros e outros criados pelos homens. Eu lhe mostrarei depois todas as raças para que possa identificá-las, mas no momento o que vou lhe contar é sobre os diferentes grupos que existem dentro de nossa espécie.

— Diferentes grupos? Raças? — olhei incrédula. — Vampiros têm raças?

— Sim — ele continuou. — Apenas a título de comparação: em antigos conceitos antropológicos, fortemente criticados e hoje em desuso, os humanos eram separados em grupos morfologicamente distintos e classificados dentro de populações com base em conjuntos de características somáticas e crenças sobre uma ancestralidade comum aos mesmos. Desde os anos 1950, após a catástrofe fomentada pelo racismo da Segunda Grande Guerra Mundial, e principalmente depois que o genoma humano foi mapeado, descobriu-se que nos sistemas genéticos humanos os repertórios de genes são os mesmos, independente da cor e dos traços individuais. As diferenças entre os grupos de homens são culturais, fruto da sociedade, e não biológicas. Existe apenas *uma* raça humana. Mas com a nossa espécie, os vampiros, o antigo conceito antropológico é válido. Geneticamente somos diferentes, e de forma bastante acentuada. Basicamente, para que você possa assimilar melhor, podemos dividir os vampiros em três grandes grupos: puros, metamorfos, mestiços ou híbridos.

Ele moveu o dedo e algumas imagens apareceram. Ilustrações e gravuras.

— Os puros são assim chamados porque nasceram vampiros — ele explicou. — Extremamente fortes, alguns grupos possuem *talentos* especiais e podem se reproduzir entre semelhantes, mas não com a mesma frequência humana. Sua fertilidade demora um longo período para acontecer, variável em cada raça. Segundo o que sabemos, eles foram os primeiros vampiros, a raça pura, cujo sangue não foi contaminado — mexeu no *tablet*. — A maioria se alimenta de sangue humano, outros poucos se satisfazem apenas com o sangue de animais e alguns drenam a energia vital. São conhecidos por *vampiros psíquicos*, ou vampiros de energia, famosos na Nova Era. O metabolismo dos puros lhes permite, se mantiverem repouso ou não se desgastarem, ficar de três a quatro meses sem precisar fazer uma refeição.

Alimentar-se. Beber sangue! Uma parte em mim gostava da ideia. Uma coceira seguida de secura invadiu minha garganta. Afugentei esse pensamento rapidamente.

— Seus corpos são frios, possuem características físicas e culturais peculiares, dependendo da raça, e alguns são fotossensíveis, não tolerando grandes exposições ao sol.

— Daí vem o mito da luz do sol? — perguntei.

— Provavelmente sim — ele concordou. — O sol não mata nem queima como nos filmes, mas incomoda alguns da raça dos puros e influencia outros também.

Algumas figuras na tela tinham a aparência humana, mas outras eram muito diferentes. Grandes asas, feições monstruosas, pés com cascos, pele com escamas. Parecia uma exposição de fantasias para um Halloween ou um daqueles circos de horrores baratos.

— A mordida dos puros — Carlo continuou — pode transformar involuntariamente um humano em vampiro, mas isso é muito difícil de acontecer. Primeiro, porque eles costumam drenar até a última gota de sangue, e para que uma metamorfose ocorra é necessário que o coração esteja batendo. A vítima tem de permanecer viva. Vale ressaltar que não temos registros de que vampiros de energia

possam transformar humanos, apenas sabemos sobre as mortes causadas por eles. Essa raça é arredia e são difíceis de localizar.

Mexeu no *tablet*.

— E segundo: as toxinas dos puros são mortais. Um humano teria de ser muito forte para sobreviver a sua mordida; mas, se conseguisse, se tornaria um vampiro. E é aí que nós entramos na história — começou a explicar. — O segundo grupo de vampiros é chamado de metamorfos. Como eu disse, se um humano sobrevivesse ao ataque de um puro, ele sofreria a metamorfose e seria um imortal, mas de uma raça diferente. E esse metamorfo teria o poder de transformar qualquer humano. Foi o que aconteceu com a maioria de nós aqui — acrescentou hesitante — e com você.

Não falei nada. O silêncio se prolongou.

— Bom — ele continuou —, os metamorfos são muito interessantes. São o grupo mais abundante ao longo da história e os mais famosos, chamados de mortos-vivos, nosferatus, entre outros. E também os mais caçados. Grande parte dos relatos que você já ouviu sobre vampiros, ataques, etc., foi provocada por eles. Isso acontece porque a transformação não é um processo natural, e sim induzido. Para que ocorra, é necessário que um humano seja contaminado deliberadamente por um metamorfo, o que desencadeia uma série de complicações de ordem física e psicológica. Diga-me, Laura, o que sabe sobre psicologia?

— Eu já li sobre Freud e Jung — falei.

— Ótimo. Então conhece as teorias sobre ID, Ego e Superego? — acenei afirmativamente. — Perfeito. O conjunto dos três molda nosso caráter e o desequilíbrio deles provoca distúrbios psicológicos. O que ocorre na transformação de um humano em vampiro é que o ID, os instintos básicos de satisfação, passa a dominar mais que o Ego, que é o mediador desses instintos, a razão por trás deles, e o Superego, as regras morais da sociedade. Por isso, no período pós-metamorfose nos tornamos instáveis e muito perigosos, e nossa força física e sentidos são equivalentes aos dos puros. A necessidade de se alimentar é maior do que a racionalidade ou convenção moral nesse momento.

Ele me observava com cuidado.

— Em geral, podemos nos movimentar à luz do dia, mas isso nos enfraquece. Os sentidos ficam menos aguçados, tornamo-nos mais vulneráveis e nossos olhos retomam a coloração natural. Somente à noite nossas pupilas se tornam vermelhas, retendo a luz para que possamos enxergar sem dificuldades. Os puros possuem olhos vermelhos o tempo todo.

— O vampiro que me atacou era um metamorfo — constatei.

— Sim. Um neófito perdido que não recebeu auxílio nem orientação de quem o criou. O que é um erro — ele afirmou. — Por isso, teve de ser eliminado.

Mas antes matou muita gente. E eu, mataria quantos? Seria eliminada também?

— E nosso último grupo, que intimamente tem muito a ver com os outros dois, são os mestiços ou híbridos — novas imagens apareceram na tela. — Os mestiços são fruto do cruzamento entre puros e humanos ou metamorfos e humanos. Quero esclarecer, Laura, que os puros podem se reproduzir entre si, mas nós metamorfos não. Entre os membros de nossa raça somos estéreis, mas tanto puros quanto metamorfos machos, e *apenas* os machos, têm a capacidade de procriar com fêmeas humanas. É claro que os resultados nem sempre são os melhores para as humanas. No acasalamento entre elas e os puros, os fetos são muito fortes, pouco compatíveis e consomem os nutrientes do corpo da mulher durante a gestação. Se ela chegar até o parto, não sobreviverá a ele. Se morrer antes, o feto também não viverá. Mas na maioria dos casos o ato sexual é apenas um prelúdio para a sede de sangue. As vítimas não sobrevivem para gerar nada.

A iconografia exposta era impressionante. Cenas eróticas mostravam o ato sexual entre criaturas de dois mundos distintos. Vampiros de aspecto bizarro com lindas mulheres entregues ao devaneio e êxtase e fêmeas vampiras dominando homens com seus encantos. Era chocante.

— O acasalamento entre metamorfos e humanas costuma ser mais tolerável, pois temos uma parcela do DNA humano compatível. A gravidez, embora extenuante e desgastante, pode ser levada a termo, apesar de as chances de as mães sobreviverem ao parto serem

pequenas também — ele me observava. — Os mestiços que nascem são sempre saudáveis, nunca ficam doentes e crescem fortes, mas sua verdadeira natureza só se manifestará na puberdade. É nesse momento que percebem que são diferentes, geralmente causando estragos junto aos humanos. Mestiços vivem tanto quanto os vampiros, ou seja, talvez para sempre; podem se alimentar de sangue ou de comida humana e são mais vulneráveis fisicamente. Armas brancas ou de fogo podem feri-los, têm temperatura corporal compatível com a dos humanos e batimentos cardíacos. São ótimos rastreadores, percebem cheiros a uma distância bem grande, e seus olhos não mudam para o vermelho à noite, embora retenham luz e com isso ganhem um brilho próprio de animais noturnos. Mestiços não podem transformar humanos.

Olhei-o com a pergunta na ponta da língua. Mas ele se adiantou com a resposta:

— Sim, Eric é um mestiço.

Engoli a informação. Teria muito a considerar sobre isso.

— Então se um de vocês... acasalar com uma humana, ela ficaria grávida? — perguntei.

— Com cem por cento de certeza, desde que ela não seja estéril — ele afirmou. — Essa é a base para o mito do Íncubus que Jarvis lhe contou.

Uma informação interessante. Lembrei-me da tarde em que Robert e eu quase fizemos amor e ele, de repente, me afastou. Eu ficara chateada, com medo da rejeição, mas na verdade ele me poupou de algo terrível e perigoso. “*Amo você demais para deixar de ser racional neste momento*”. Ele queria me proteger. Meu coração ficaria apertado se pudesse.

— E aqui — Carlo mostrou uma nova imagem na tela — está o mapa-múndi.

Um planisfério apareceu, com todos os países do mundo e suas capitais. Mas havia algo mais. Marcados com as cores vermelha, amarela e verde, algumas regiões tinham estranhos nomes.

— Aqui, neste mapa — ele continuou —, encontram-se as comunidades de nossa espécie existentes no mundo. Como pode ver, estamos espalhados por grandes regiões, mas sempre em pequeno

número nos clãs. E alguns são bem arredios. A cor vermelha representa os puros, o amarelo são os metamorfos e os verdes são exilados ou neutros, que depois você saberá por quê. Há também nômades, que não se fixam em nenhum lugar. Esses não constam no mapa.

Olhei incrédula. Havia uma comunidade de metamorfos em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, com uma ramificação em São Paulo e Rio de Janeiro, e outra, marcada de verde, na Amazônia. Havia vampiros no Brasil!

— Quem são esses? — perguntei, apontando para Campo Grande.

Carlo sorriu de satisfação.

— Ah, a família de Solomon! — ele parecia gostar de dizer o nome. — Ele é uma pessoa magnífica, um grande amigo. Vai gostar de conhecê-lo, tem muita coisa para lhe contar também. Aliás, terá essa oportunidade em breve. Solomon chegará daqui a alguns dias. Irá nos ajudar muito aqui — Carlo apontou o mapa. — Essa comunidade na Amazônia é a de Nzinga. A cor verde mostra que é neutra e não faz parte de um Acordo que você conhecerá.

Havia muita coisa que eu gostaria de perguntar sobre aquilo, mas outro assunto me incomodava.

— Posso fazer uma pergunta? — sentia que poderia confiar em Carlo, sua presença era reconfortante.

— É claro que pode — colocou o computador em *stand by*.

— O que exatamente aconteceu comigo? Quero dizer: do ponto de vista físico. Que processo é esse?

— Fico satisfeito que queira saber — moveu rapidamente alguns pequenos objetos à minha frente, entre eles um microscópio. — Essa é uma pergunta que durante séculos ficou sem resposta. Apenas acontecia e pronto; mas onde estava a raiz da questão? Qual era o agente causador de tudo? Então, há mais ou menos uns duzentos anos, consegui isolar isto — estendeu uma lâmina de microscópio nas mãos, colocando-a no aparelho. — Dê uma olhada, Laura — ele ajustava a objetiva.

A lâmina era velha e continha sangue, mas havia algo de diferente nele: conjuntos de formas ovais, octogonais, cilíndricas, bastões,

estriadas, uma grande variedade. Era como olhar para os rabiscos feitos a tinta por uma criança. Mas o mais impressionante naquela visão era que... as formas se moviam! O sangue parecia... vivo! O movimento era lento, quase atrofiado, mas constante. Definitivamente aquilo não faria parte do que se encontraria no sangue humano.

— Conseguiu ver? — ele perguntou. — Bem gritante, não é?

— Sem dúvida! — concordei, muito assustada. — Mas... o que é isso?

— É uma enzima. Eu a batizei de amorfus. Dei-lhe esse nome porque ela muda de forma o tempo todo. Cada uma das imagens que viu representa a mesma enzima mutante, e segundo minha teoria ela é a responsável pelo fluxo circulatório em nossas veias, já que não temos batimentos cardíacos.

— Elas se mexem devagar...

— É porque as amostras são antigas. Tendem a perder a mobilidade com o tempo, fora do organismo. Amostras recentes simulam correntes sanguíneas perfeitas na lâmina — ele ajeitava várias delas sobre a mesa. — Por isso, destruimos os cadáveres dos vampiros. Acreditamos que a contaminação para os humanos possa ocorrer se houver contato com seu sangue, mesmo após a morte. Então eliminamos essa possibilidade. Os três grupos de vampiros possuem os amorfus.

— Você coletou o sangue de todos eles?

— Mais ou menos — falou. — Não se pode colher o sangue de um puro, e pedir isso a algum deles não é uma boa ideia. De qualquer forma, a pele deles é impenetrável aos recursos de que dispomos. Nada poderia perfurá-la a não ser as *armas* de outros vampiros — pensei em questionar que armas seriam essas, mas me calei. — Os metamorfos são mais frágeis de dia, e isso facilita a retirada de amostras. O sangue que você viu pertence à Morgana, de quando foi atacada e cuidamos dela — lembrei-me da mulher de cabelos negros e olhos azuis. — Já os mestiços têm fisiologia mais próxima à dos seres humanos. Tenho amostras do sangue de Eric e os amorfus estão lá, mas em quantidade bem menor. Isso talvez impeça os mestiços de provocar metamorfoses.

Ele hesitou por um momento e me mostrou uma nova lâmina.

— E tenho amostras suas também. Gostaria de ver?

Acenei negativamente com a cabeça. Por mais curiosa que estivesse, tinha limites. Ele concordou e guardou-a de volta em uma caixa prateada.

— E quanto ao sangue dos puros? — questionei para distrair a mente daquele pensamento.

Ele pegou outra lâmina.

— Olhe você mesma — gesticulou.

A quantidade de amorfus era muito maior naquela. E a mobilidade era impressionante.

— Esse sangue é de um puro? Como conseguiu? — perguntei espantada.

— Não. Esse sangue é de Josh, o albino que você conheceu. Ele foi transformado por um puro.

Minha boca se abriu.

— Mas você disse que...

—... Que apenas um humano forte o suficiente poderia sobreviver ao ataque de um puro — ele me cortou. — Vai ficar impressionada em saber o quanto nosso amigo urso-polar é duro na queda. É o mais forte de todos nós. Ele resistiu à pior das agressões, e graças a seu sangue pude concluir que são esses amorfus os responsáveis por nossa mudança. É fascinante!

Carlo era realmente impressionante. Parecia um adulto mostrando um brinquedo novo a uma criança curiosa.

— Os amorfus entram no corpo ou através da mordida de um puro ou pelas mucosas moles, como aconteceu com você — lembrei-me de Robert, seu sangue escorrendo e suas palavras: "*Perdão... Perdão...*" — Penetram na corrente sanguínea e rapidamente se espalham. As enzimas se conectam às células, alterando nossa morfologia. O processo de metamorfose culmina com a reversão e parada das batidas do coração. Para alguns, pode ser mais doloroso, para outros, mais fácil. Isso varia de pessoa para pessoa, das condições físicas e psicológicas no momento da mudança; não há um padrão. Quando tivermos mais tempo, gostaria que me relatasse sua experiência. Seria muito útil.

Concordei com a cabeça. Lembrava-me muito bem de tudo, cada detalhe. Do frenesi, das dores nos músculos, os espasmos, a corrente que me puxava, quase arrancando minha carne dos ossos, a eletricidade.

— Bem — ele falou —, quer saber de mais alguma coisa?

— Gostaria sim — respirei fundo para colocar em palavras uma coisa que estava me atormentando. — Por que eu ainda não *surtei* e não saí matando alguém? Como não vaguei pela cidade procurando algum pescoço para morder e beber o sangue? Não é assim que deveria ser? Você me disse que no começo todos são incontroláveis. Então, o que há de errado comigo?

Carlo me olhou seriamente, cada detalhe da minha expressão, e sorriu. Parecia satisfeito. Remexeu em sua mesa e pegou um pequeno frasco de conteúdo alaranjado, que brilhou como uma joia à luz do lustre. Ele o levantou e seu semblante vagueou pelo passado.

— Eu nasci em Florença, na Itália, no século XIV, durante a Baixa Idade Média. Não sei exatamente em que ano, mas foi bem antes do primeiro dos Médici ascender como importante figura pública. Como disse, ninguém prestava atenção nessas coisas — ele sorriu. — Meu pai era sapateiro e minha mãe, lavadeira. Eu era o mais velho de seis irmãos e todos nós trabalhávamos com meu pai. Minha família era pobre, mas não nos faltava o mínimo que comer. Só que não havia condições para estudos ou regalias que os mais abastados possuíam. Íamos sempre à missa e um dos párocos locais, cliente de meu pai, simpatizava comigo e se prontificara a me ensinar a ler e a escrever, dizendo que me prepararia para a vida de clérigo. Eu não queria ser padre — comentou com uma careta —, mas a vontade de estudar era grande e aceitei a oferta, indo morar no alojamento dos seminaristas da Catedral de Santa Maria del Fiore, que naquele tempo fervilhava em sua construção. Aprendi a ler e escrever em diferentes dialetos italianos, em latim e grego. Nas horas de folga, praticava o inglês e o francês. Quando senti que aprendera tudo o que poderia lá, conversei com o pároco que me acolheu e disse-lhe meu verdadeiro desejo.

Seus olhos fitavam o passado como se fosse mostrado pela tela plana da sala.

— Ele me abençoou pela sinceridade, deu-me algum dinheiro e comecei as minhas viagens. Eu tinha dezesseis anos — sorriu. — Andei por toda a Itália, França, Espanha, Inglaterra, Irlanda e Escócia. Conheci filósofos, médicos, catedráticos e com eles aprendi muito. Mas a principal conquista veio por meio da Alquimia, a então chamada ciência da vida. Grandes homens dedicavam suas carreiras ao estudo dos quatro objetivos da prática alquímica e isso me fascinou. E lá estava eu, mergulhado em cadinhos e infusões, poções e minerais, em tomos e livros, à procura da pedra filosofal, a fórmula que transformaria chumbo em ouro, e a panaceia, o elixir da longa vida, que curaria os males e levaria à vida eterna!

Sua expressão mudou quando abaixou o vidro até a mesa.

— Graças a mecenas que patrocinavam as pesquisas, havia retornado à minha cidade natal. E numa noite, a vida eterna que eu tanto procurava em minhas fórmulas acabou me encontrando num beco escuro e sujo ao lado de uma taberna. Era madrugada alta quando deixei o lugar, indo para a estalagem onde dormia — seu olhar ficou nublado. — O ataque fora rápido e certo, e assim como você, também fui deixado para morrer. Eu estava com 37 anos.

Tremi quando ele falou isso. Era uma recordação impossível de apagar.

— Então outra pessoa apareceu e cuidou de mim — me olhou. — Ele me conhecia, sabia que eu era um alquimista, e graças ao amor que tinha pela ciência não permitiu que eu morresse naquela noite. Seu nome era Solomon, o meu amigo que vive no Brasil.

Solomon! Entendia agora por que Carlo falava nele com admiração e respeito.

— Ele me guiou e ensinou, ajudou-me a conseguir o autocontrole e soube entender todos os deslizes que cometi; e foram muitos — sua voz ficou triste. — Ele me contara que também demorou muito tempo para ter a consciência desperta. Quando nos separamos, cada um seguindo seu rumo, meu trabalho tinha um novo objetivo: aprender a controlar a sede de sangue sem a necessidade de ser um assassino ou machucar alguém.

Suspirou pesadamente.

— Errei muito, sofri muito, assim como Clementine, Robert e Josh também sofreram em seus caminhos — pegou outro frasco —, mas, depois de séculos de pesquisas, cheguei a isso — entregou-me o vidro.

Uma pequena ampola grossa, com um líquido rosa viscoso, que borbulhava com o toque das mãos.

— E o que é? — perguntei, admirando o vidro.

— Isso, *cara mia*, é o que está mantendo-a lúcida, mesmo contra a vontade dos seus instintos — explicou. — Que a impede de *surtar*, como disse a pouco, e permite que tenhamos essa conversa civilizada. É um soro desenvolvido para estabilizar o ID e controlar a sede de sangue. Foi com ele que nós a tratamos durante os últimos sete dias de metamorfose.

— Sete dias!? — perguntei surpresa. — Estou aqui há sete dias?

Ele acenou com a cabeça.

— Como eu disse, a mutação ocorre em tempos diferentes para cada um. No seu caso, nós usamos doses maciças de soro e uma boa quantidade de bolsas de sangue para estabilizá-la. O soro inibiu seu ID para níveis quase normais. O plasma concentrado na fórmula dele, mais o sangue, completaram o processo. Por isso, você se encontra num nível bem tolerável de controle e continuará assim enquanto fizer uso dele. Mas — ele alertou — terá que aprender o autocontrole, como nós, e dominar seus instintos. Clementine vai orientá-la nisso.

Eu examinava a ampola, fascinada. Lembrei-me de alguns momentos em que estive consciente e ataquei durante a metamorfose. Agora sabia o porquê das picadas em minha perna e o cheiro de sangue no quarto.

— Como sabia que daria certo? — perguntei. — Já havia feito antes?

— Não. Eu não tinha certeza se daria certo. Ninguém tinha — ele pegou o frasco e o girou rapidamente nos dedos. — Mas precisava tentar. A última vez em que ajudamos alguém numa transformação foi com Morgana, há muito tempo, e eu nem estava perto de chegar nisso — parou de girar o vidro. — Ela estava morrendo, assim como você. Não foi fácil para ela, sua natureza é muito rebelde, e isso

dificultou a encontrar o equilíbrio — ele me olhou curioso. — Mas você é diferente.

Recolocou o frasco sobre a mesa e disse, sorrindo:

— Todos nós usamos o soro nos últimos oitenta anos, menos o Eric; ele não precisa — completou. — Mas antes disso já tínhamos desenvolvido o comando de nossas necessidades básicas. Você terá que seguir um tratamento diário com ele até ter certeza de que poderá passar por períodos de abstinência e estar segura de si mesma.

Suspirei. Sim, eu precisava aprender a me controlar. Não queria ser uma assassina. Eu tinha Cínthia, ela precisava ficar segura. Mesmo de mim.

— E agora — ele prosseguiu, pegando minha mão —, se você não tem mais perguntas para mim, acho que podemos ir. Os outros estão nos esperando.

— Esperando para quê? — questionei curiosa.

— Ainda existem mais coisas que deve saber — beijou minha mão. — Você vai precisar se preparar, pequenina, mas é melhor que todos falem, pois isso diz respeito a eles também — conduziu-me para fora da sala.

Não sentimos necessidade de movimentos rápidos e caminhamos normalmente pelo corredor, com dezenas de cômodos. Algumas portas estavam fechadas; mas outras, abertas, mostravam uma grande sala de visitas, um salão de festas, sala de jantar, quartos, duas outras bibliotecas menores e um escritório. O desfile de quadros e esculturas era incrível e com minha experiência de museóloga podia perceber que tudo era original. Nem me atrevi a calcular a fortuna que aquilo custaria. Havia espadas e floretes, brasões de família, candelabros de prata, lustres de cristal, fotografias de épocas passadas, móveis e flores, muitas flores. A iluminação era fraca, mas, considerando seus moradores, totalmente desnecessária. Quando chegamos ao final do corredor, Carlo abriu uma porta e fez uma mesura para que eu entrasse.

Todos estavam lá, sentados ao redor de uma mesa redonda. Robert olhou para mim. Senti um tremor no corpo com o desespero do seu olhar e fui ocupar a cadeira que Carlo gentilmente me

ofereceu. Ninguém parecia realmente à vontade, muito menos eu. Ao contrário da opulência do corredor e dos outros cômodos, aquela sala era simples: apenas uma mesa e cadeiras. Um quadro era o único adorno da parede branca, com as figuras de um garoto adolescente e uma menina risonha pintados em têmpera. Olhei para os demais e pensei quemalaria primeiro. Não sei por que não concluí que seria ela.

— Bem-vinda, Laura — Clementine saudou. — Gostaria de lhe apresentar minha família. Meu irmão e Eric você já conhece. Carlo deve ter se apresentado — apontou o albino e a mulher de cabelos negros. — Esses são Joshua e Morgana.

O cumprimento de cabeça foi rápido. Eric estava encabulado.

— Você contou tudo? — Clementine olhou para Carlo.

— Tudo o que era da minha competência dentro da minha sala. A parte mais difícil virá agora.

Tentei engolir, mas não conseguia. O que ainda poderia ser pior? Se pudesse, estaria suando. Clementine suspirou e se voltou para mim.

— Laura — disse com a voz tão branda que me espantei —, antes de qualquer coisa, e independente do que esteja sentindo a respeito dos acontecimentos, saiba que estou feliz por você estar viva — seus olhos brilhavam como dois rubis engastados numa joia pálida. — Se Robert não tivesse tomado a responsabilidade para si, eu teria feito. Não permitiria que morresse.

— Eu me lembro. Acho que lhes devo desculpas. Vocês me salvaram e não soube agradecer.

Olhei para Robert, seu rosto estava indecifrável.

— O que fizemos, Laura, foi apenas o início — Clementine continuou. — Há mais coisas que precisa saber e têm de ser esclarecidas agora. Nós salvamos a sua vida por enquanto, mas não significa que esteja protegida da morte.

O clima na sala era tenso, eles pareciam temer algo.

— Não entendo...

— Mas vai entender — ela foi objetiva. — Nossa família, assim como a maioria dos clãs do resto do mundo, está comprometida com um Acordo que remonta à Idade Média. Se o quebrarmos, a qualquer

momento ou por qualquer motivo, podemos ser punidos, e as consequências passíveis de serem desastrosas.

Ela me fitava e os outros também. Aquilo me fez sentir o pivô da discussão.

— Nós quebramos esse Acordo — ela falou. — Não é a primeira vez que acontece e não tivemos maiores problemas antes, mas agora é diferente. Muito tempo já se passou e mentes novas dominam velhos pactos, tentando distorcê-los ao seu bel-prazer.

A um sinal de cabeça dela, Carlo desenrolou um pergaminho sobre a mesa. Era grande e velho, com iluminuras, e escrito em latim arcaico. Havia várias assinaturas nele, em inglês, francês, grego, italiano. Tive a impressão de ler o nome de Clementine, mas o sobrenome era diferente.

— Quando conversou com Poincello — Carlo falava —, ele mencionou um *buraco*, uma lacuna com cerca de duzentos anos entre o final da Idade Média e o início do Renascimento. Um período onde as lendas e mitos sobre vampiros diminuíram ou chegaram a desaparecer, correto?

— Isso mesmo — concordei.

Robert tinha a expressão estranha ao perceber que não lhe contei toda a verdade. *Bem, estamos quites.*

— Esse espaço de tempo é resultado deste documento — apontou o pergaminho. — O *Consensus Omnium*; traduzindo: *Consenso de todos* — falou gravemente. — Contei-lhe que nossa espécie fora muito caçada nesse período, mas éramos difíceis de localizar e prender pelos homens. Entretanto, quando a Inquisição se instalou na Europa, com o intuito de perseguir e destruir tudo que não fosse humano, muitos inocentes acabaram morrendo em fogueiras, câmaras de tortura e por outras atrocidades, acusados de serem como nós ou de compactuar conosco. As autoridades religiosas queriam nos eliminar, e qualquer caminho era justificado. Para eles, nós éramos a encarnação do mal na Terra, do demônio, e isso era intolerável. Cada vez mais os humanos treinados como Inquisidores desenvolviam habilidades especiais. Elas permitiam que eles nos localizassem, se aproximassem e até nos ferissem. Recrutavam mestiços e os utilizavam em suas caçadas — ele continuou. —

Porém, nossa espécie era mais forte, e, apesar das divergências naturais entre as raças dos vampiros, nos unimos para tentar pôr um fim naquela loucura. Iríamos nos defender. Queríamos viver em paz.

Minha respiração estava presa.

— Uma guerra seria inevitável — Clementine falava agora —, e a chacina seria muito maior do que qualquer um poderia sonhar. As autoridades religiosas se recusavam a dialogar conosco, acreditando piamente que Deus os ajudaria a nos eliminar e que éramos merecedores do inferno. Entre os nossos, alguns se preparavam para a matança. Puros, metamorfos e mestiços se uniram pela primeira vez em torno de um mesmo objetivo. O clima de tensão se aprofundara — ela fez uma pausa quase dramática. — E então, no meio do caos, um ponto de luz brilhou na figura de Domenico Bartolomeu Chiarini, um arcebispo italiano, teólogo e conhecedor dos mistérios do mundo além do humano. Em segredo, Domenico e seus seguidores marcaram uma reunião conosco e propuseram um acordo. Ele era um homem de visão e rejeitava a ideia de que éramos seres demoníacos, apenas nos considerava diferentes. Não queria presenciar um massacre e valorizava todos os tipos de vida. Um homem formidável para seu tempo — ela olhou para Robert. — Nessa reunião, os representantes dos clãs estabelecidos na época e os seguidores de Domenico firmaram um pacto de paz. Com a influência do arcebispo junto ao papado, esse Acordo foi reconhecido nos escalões mais secretos da igreja, sendo finalmente assinado e selado no século XV da era cristã. Domenico jurou ao Papa, por sua vida e de seus descendentes, que sua Ordem recém-fundada manteria a paz e *controlaria os poderes do mal* — ela falou com ironia.

— Foi esse documento — Carlo apontou para o pergaminho — que nos deu a paz que precisávamos para nos estabelecer, sem o receio de perseguições. É claro que por algum tempo esse Acordo foi instável. Como eu lhe falei, existem clãs que foram exilados de suas terras, por rixas com outros vampiros, e aqueles que não quiseram se comprometer. Mas aos poucos a organização e força do juramento se firmaram. Desde então, seguimos o Acordo da Ordem da *Urare*.

— *Urare?* — perguntei.

— *Ultima Ratio Rerum* — Carlo acrescentou. — *A Derradeira Solução*. A Ordem da Derradeira Solução ficou encarregada de zelar pelo Acordo, e nós faríamos a nossa parte. A humanidade nem imagina o tamanho do holocausto que isso evitou — Carlo continuou. — A Ordem manteve sua promessa de paz, e nos estabelecemos em nossos territórios. Ela nos ajudou a silenciar as histórias sobre a nossa presença, o que explica a diminuição das lendas, e a partir dos séculos XVII e XVIII, com o Empirismo e Iluminismo, fomos reduzidos a uma metáfora para as novas ciências que abririam caminhos para a psicologia e psiquiatria modernas. A palavra *vampiro* passou a significar simplesmente o ato de roubar ideias, sugar conhecimentos ou, no caso dos adeptos da Nova Era, absorver a *energia positiva* das pessoas. Além, é claro, da literatura de horror.

— Você falou que eles zelavam pelo Acordo e que existiam regras — observei. — Quais são? E qual delas foi quebrada?

Houve um entreolhar coletivo nesse momento.

— Basicamente — disse Clementine —, esse Acordo reza algumas condições de nossa parte: primeiro, mantermos nosso território e não permitir que humanos sejam mortos neles por alguém de nossa espécie. Por isso estávamos em caça ao neófito que a atacou. Segundo: não pisar em solo sagrado cristão, seus templos, igrejas — ela ironizou. — Isso explica o mito de que somos *amaldiçoados*, e cruzes e água benta nos ferirem. Terceiro: não gerar mestiços em benefício da sobrevivência das mulheres humanas — olhou significativamente para os homens da sala. — Qualquer mestiço encontrado deve ser entregue à Ordem. Caso ele seja incorporado por um clã oficialmente como um membro, será necessário provar que não foi gerado por nenhum vampiro pertencente à família — olhou para Eric. — Quarto: um clã deve se responsabilizar por novos membros integrados à sua casa, com autorização da Ordem e formal apresentação no Conselho. E, finalmente, não provocar deliberadamente a metamorfose de nenhum humano, sem autorização prévia dele e da Ordem.

Ela me encarou intensamente. Fiquei paralisada.

— Caso isso ocorra, o neófito terá um prazo para ser apresentado ao Conselho e passar pelos testes que determinarão sua

periculosidade para a humanidade... — Clementine hesitou por um instante, mas continuou. — Se ficar comprovado que o novo membro não é capaz de manter controle sobre seus atos, tornando-se um perigo iminente, será eliminado, e o clã sofrerá sanções a serem determinadas.

Meus olhos iam rapidamente de um para o outro, sem se focar em ninguém. Por meio do olfato, percebi o cheiro deles se modificar com a tensão. *Carlo tinha razão, isso dizia respeito a todos.* Minha mudança fora feita sem o consentimento de um grupo com muita influência naquele mundo que acabava de conhecer. E aquelas pessoas pagariam um preço alto por isso. Cerrei as mãos. A força estalou os ossos dos meus dedos. Respirei de forma acelerada e as pupilas se dilataram. Ninguém aparentava condições de falar, mas eu precisava saber.

— Quanto tempo?

— O quê? — Clementine me questionou.

Controlei a voz, mas tremia por dentro.

— Quero saber quanto tempo tenho para me apresentar aos testes da Ordem — não era uma pergunta, mas uma constatação.

Carlo e Robert se entreolharam, mas foi Clementine que falou:

— Conversei com o Megister, o mestre local da Ordem.

Suas palavras me levaram de volta para aquela noite no hospital de Bristol. Era ela, agora eu tinha certeza. A voz feminina que chamara alguém de Megister. Um membro da Ordem estivera lá. Provavelmente para cobrar os deveres do clã, após o ataque a Kate.

— Ele não concorda com o Mathesis, o líder supremo da Ordem, mas não houve declínio de decisão — Clementine suspirou e me olhou atentamente. — Laura, temos noventa dias para prepará-la para os testes do Conselho.

Um ruído surdo de surpresa veio de todos. Robert colocou a cabeça entres as mãos e Carlo meneava a dele.

— Não pode ser, Clem — Josh falou. — Não é correto. Nunca vamos conseguir a tempo.

— Noventa dias? — Eric teve um ataque. — Isso é um absurdo! Com que fundamento eles querem essa loucura?

— O soro de Carlo — ela disse, olhando para o italiano. — Graças a um benefício que nosso amigo nos deu, e que representou um grande passo em nossa existência, o Mathesis alegou que o antigo prazo, de dois anos, não era mais necessário. Ele quer nos testar, isso é óbvio. E desde que assumiu o posto máximo da Ordem, procura por brechas e maneiras de nos desestruturar.

— Clem, isso... Não vai ser possível — Robert engoliu o ar para falar.

— Não podemos falar com o Megister local? — Eric estava exaltado. — Ele deve saber como lidar com a situação e conhece...

— Quietos, Eric! — Clementine sibilou, impedindo-o de continuar. — Isso está fora da alçada dele. Somos nós e o Conselho, e mais nada.

— Por isso pedi a Solomon que viesse com sua família — Carlo acrescentou. — Serão testemunhas do treinamento de Laura. Não poderemos cometer erros e eles são nossos aliados.

Todos pareciam consternados. Eu ainda mais. Acabava de chegar e já era um problema. Também não tinha nenhuma ideia do que enfrentaria. Por isso, tentei manter uma calma que não sentia.

— Então, quando começamos o treinamento? — falei.

Os pares de olhos se voltaram para mim. Havia dúvida, surpresa, amor, compaixão, revolta, uma mistura de sentimentos me fitando. Naquele instante, uma estranha sensação de fraqueza percorreu meu corpo. Minha visão ficou desfocada e embaçada. Uma parte da força que eu experimentei desapareceu.

Pela janela lateral, o sol nascia. Meu primeiro alvorecer como vampira. Olhei os demais: seus olhos retomavam as cores originais. “*Durante o dia somos mais fracos*”, Carlo dissera. A desorientação me tomava. Carlo trouxe uma seringa, aplicando-a em meu braço.

— Pronto, vai se sentir melhor — ele falou. — Agora durma um pouco. Aproveite enquanto ainda pode.

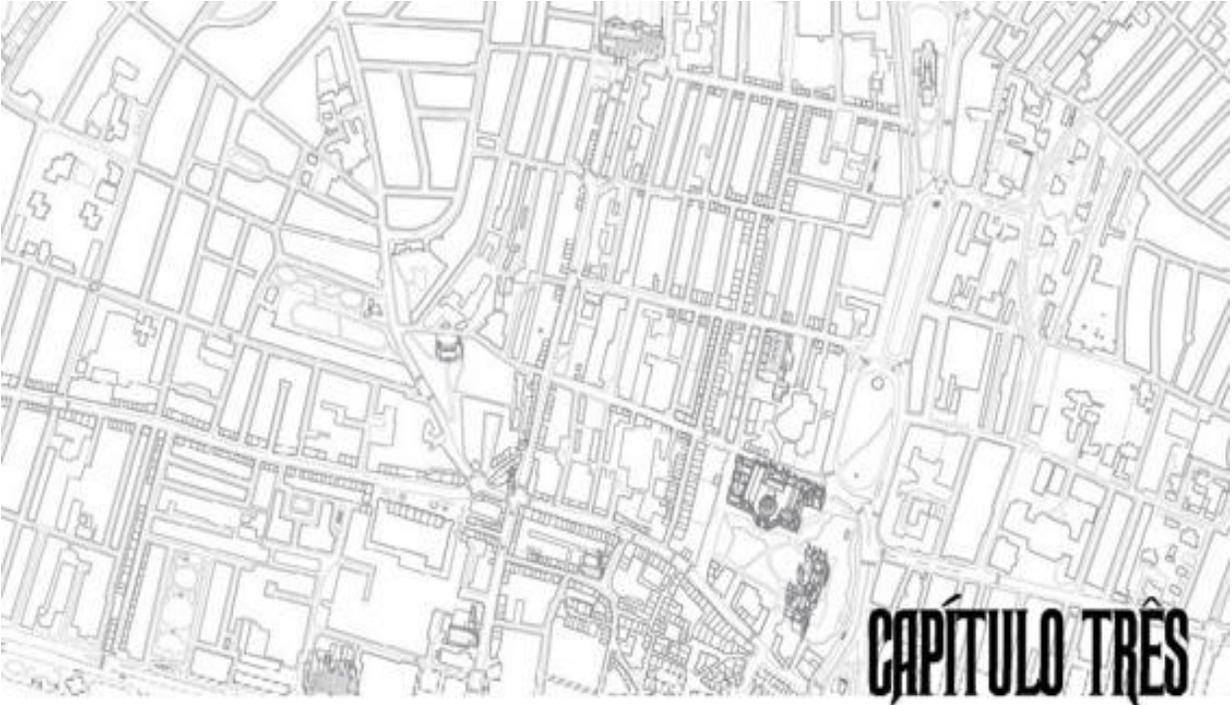
— Eric, leve-a para o quarto — Clementine pediu. — Depois volte. Temos que discutir sobre o neófito que atacou Laura, quem o criou e por que estava em nossa área.

Pela visão periférica, vi Robert nos acompanhar com o olhar. Com certeza ele preferiria estar no lugar de Eric.

— Não fique zangada com o Rob, Laura — Eric falou com cuidado ao alcançamos a escada. — Você não faz ideia do quanto ele a ama. Foi difícil para ele fazer aquilo, acredite.

— Agora não é a melhor hora para falar nisso, Eric — estava muito cansada.

Chegamos a um quarto no primeiro andar, decorado em tons pastel de azul. Eric me acomodou na cama e fechei os olhos. Ouvi a porta ser fechada e um odor percorreu minhas narinas. Entreabri as pálpebras. Uma delicada rosa vermelha estava cuidadosamente colocada sobre a mesa de cabeceira.



Livro Dois – Capítulo Três

Ravena — Itália — Julho

Uísque escocês doze anos. O meu favorito. A bebida desceu pela garganta com seu calor agradável. O aroma espalhou-se pelo escritório enquanto me servia de mais uma dose e recostava-me na cadeira, onde outros Mathesis se sentaram antes de mim. Ali, decisões e acordos importantes foram tomados e afetaram o destino dos homens e de muitas criaturas.

O anel de ouro, com um rubi engastado ao centro e cinco diamantes ao seu redor — sempre usado pelo líder supremo da Ordem —, brilhava em meu dedo mínimo. *Agora era a minha vez de tomar as decisões. Há vinte anos esperei por este momento.* O passado não poderia ser mudado, mas havia um promissor futuro a ser moldado. E eu era o habilidoso escultor dessa obra-prima.

Os retratos expostos de todos os mestres anteriores me observavam. Caminhei até um deles, o primeiro de uma sequência de

dezenove — um antigo quadro a óleo —, o semblante eterno emanando divindade.

— Domenico — falei —, eu transformarei seu ato em algo de tal grandeza como ninguém sonhou, nem mesmo você — bebi o uísque de uma só vez. O quadro fulgurava na luz. — O mundo se lembrará de nós, eu prometo.

Houve uma batida discreta na porta e ela se abriu. O jovem magro e de aparência franzina entrou.

— Senhor Avelar? — disse num forte sotaque britânico. — Seus convidados estão aqui. Devo chamar a guarda?

— Não será necessário, Colin. Apenas mantenha-os em alerta — acrescentei. — E prepare o salão.

Ele acenou com a cabeça e retirou-se. Movi o painel oculto sob a prateleira e uma passagem lateral se abriu. O cheiro de mofo era forte, o ar estagnado. Segui o corredor iluminado pelas tênues arandelas até chegar a uma pesada porta de ferro oculta nas sombras. Puxei o ferrolho. Ele gemeu pela falta de uso constante. As luzes da antecâmara feriram meus olhos por alguns segundos, mas eles se ajustaram à claridade rapidamente.

E eu os vi: todos os cinco pares de olhos que me fitavam.

— Boa noite, senhores e senhoras — cumprimentei cortesmente. — Espero que estejam à vontade.

Eles não se moveram. Apenas a mulher alta e de cabelos louros acenou com a cabeça.

— Boa noite, Avelar — disse-me numa voz sensual, passeando os olhos por mim. — Devo confessar que seu convite foi inesperado — concluiu com um sorriso malicioso.

— Ora, minha querida Maia — respondi, sorrindo da mesma forma. — Por que pensa assim? Já tratávamos de negócios antes mesmo das mudanças em meu *status*.

Ela se aproximou suavemente.

— Eu sei — falou como uma gata no cio —, mas pensei que, após o fracasso da última empreitada, os nossos *negócios* terminariam.

A bela mulher tinha as longas e torneadas pernas expostas pela minissaia, a pele de pérola e o corpo magnífico. Uma fêmea perigosa. Muito excitante!

— Não devia se precipitar pensando dessa forma apenas porque nosso estrategema não funcionou — afirmei. — Perdemos uma pequena batalha em solo inglês, mas a guerra não foi vencida pelo inimigo. Creio que uma mudança de estratégia dará melhores resultados.

— O que quer desta vez? E o que vai nos oferecer em troca? — o rapaz alto e de cabelos vermelhos, que estava mais próximo, falou rudemente.

Maia fuzilou o garoto com os olhos. Diplomacia não era seu forte, definitivamente.

— Paciência, Yuri, paciência — declarei. — A paciência é a máxima da perfeição.

Toquei uma sineta e uma copeira entrou. Depositou a bandeja com chá e biscoitos sobre a mesa e retirou-se em silêncio.

— Não sei quanto a vocês, mas detesto falar de negócios com o estômago vazio.

Ao toque de um botão sob a mesa, a lateral da sala se abriu. Os visitantes viraram-se imediatamente. Um grupo de moradores de rua, com trajes maltrapilhos e trouxas, fartava-se numa mesa de refeições. Pararam de comer para nos encarar, assustados com a parede que sumira. Os olhos vermelhos de Maia e de alguns dos outros brilharam de expectativa e se voltaram para mim.

— Estão em minha casa — falei casualmente —, portanto são meus convidados. Sirvam-se.

Assim que a gritaria começou, toquei o botão e a parede se fechou; o silêncio reinava na antecâmara. Provei o chá e os biscoitos. Ainda teríamos muito tempo para discutir negócios.

Parque Nacional de Exmoor – Inglaterra – Julho

— Não consigo, Clementine! Não dá!

Estava sobre a copa de uma árvore. Já havia subido em várias delas no Parque Nacional de Exmoor, ao sudoeste da cidade. Atravessamos charnecas, vales, campos agrícolas e agora

permanecíamos no coração do bosque, protegidos dos olhares curiosos. Podia ouvir, mesmo àquela distância, o ruído do canal de Bristol, onde falésias rochosas mergulhavam em suas águas. Lá no alto, o ar fresco limpava meus sentidos e o cheiro que vinha de baixo não parecia tão insuportável e tentador. Mas até quando suportaria? Em outro galho, Clementine e Morgana me vigiavam.

Eu me agarrava à árvore com as unhas, causando estragos na casca. Mais um pouco e quebraria o tronco.

— Não posso fazer isso — uma parte de mim sentia náuseas, mas outra estava faminta. A sede, o instinto querendo dominar.

— Não consegue por quê, Laura? — Clementine parecia cética.

Como poderia explicar? Grudei meu rosto na árvore, na esperança de que o cheiro da seiva me libertasse da agonia. Clementine se aproximou.

— Você pode comer um bife sem se preocupar com a agonia que o boi sofreu para chegar até o prato — comentava surpresa. — Então por que não pode caçar?

— Por que está vivo! — rosnei em raiva. — É um ser vivo.

— Você também é — Clementine falava numa constatação óbvia. — E a menos que não queira atacar as pessoas por aí, precisa aprender a caçar e usar meios alternativos de alimentação. O que prefere então, Laura?

Sim. Eu precisava aprender. Desde o início do meu treinamento para os testes da Ordem, eu praticamente reaprendera tudo: andar, correr, pensar, usar os sentidos. Meus *instrutores* frisavam que apenas as novas habilidades que meu corpo e mente adquiriram não seriam suficientes. Precisava usar o foco. E a lição de hoje era: como me alimentar.

Havia um bando de gamos circulando pelo bosque. Caçá-los era minha tarefa. Clementine e Morgana estavam ali para me orientar. Outra vez a náusea me dominou.

— Não quero matar.

Clementine suspirou.

— Laura, escute. Todos nós, sem exceções, matamos mais de uma vez para poder viver, e não só animais — seu olhar era doloroso.

— Não escolhemos essa vida. Cada um aqui tem de lidar com a

consciência, mas você tem uma chance que não tivemos: não se tornar uma assassina — colocou a mão em meu ombro. — Para os puros, os humanos são apenas alimento; mas nós já fomos humanos e conhecemos a dor que podemos provocar a eles. Temos o soro? Certo. Mas e se algo der errado e ele faltar? Precisa satisfazer suas necessidades, ter o controle delas. Só dessa forma ficará com a consciência limpa. Estará em paz.

Como sempre, era difícil argumentar com Clementine. Sua figura irradiava confiança e a sabedoria era tão grande quanto a de Carlo. Ela tinha razão, outra vez.

— Laura, a paz para nós é algo difícil de ser alcançado e muitas vezes nunca chega — olhou-me com a visão de séculos. — Quer se controlar e ter paz? Conquistar a força necessária para viver com sua filha sem ser um risco para ela e para os que ama?

Com um salto no ar, Morgana pousou no galho acima de nós.

— Ela é bem forte — disse para Clementine. — Está sem o soro há três dias. Qualquer novato já teria pirado e feito besteira — olhou para mim. — Agora, tentar ser forte além dos limites é querer dar sorte ao azar, não concorda?

Contra tantos argumentos, ficava difícil resistir. Estava com fome, ou sede, não sabia definir uma expressão exata. O uso do soro fora interrompido para que os instintos de caça fossem liberados. Ninguém sabia com antecipação que tipos de testes a Ordem aplicaria, mas o padrão sempre incluía o autocontrole. Por isso eu estava ali, com minha racionalidade e instintos brigando entre si.

Pensei em Cínthia. Clementine estava certa: não podia ser um perigo para ela, nunca. Não causaria mal a minha filha pela perda de controle, nem negaria a ajuda que todos ali queriam me dar para evitar isso. Dei um suspiro resignado e olhei para as belas mulheres ao meu lado.

— Vamos tentar de novo — desci das árvores com um salto.

As tentativas haviam sido muitas e repeti o procedimento. Estava descalça e, assim que meus pés tocaram o chão, o cheiro bateu em meu rosto junto com a brisa. Meus ouvidos captaram o barulho da pulsação e o volume da corrente sanguínea. Minha boca ficou seca e meu cérebro deu um suspiro de prazer antecipado. Os gamos

estavam a dois quilômetros. Segundos depois eu os observava, em silêncio absoluto.

“Deixe a mente desligada”, a orientação de Clementine me guiava. “Sinta o batimento cardíaco do animal, a pulsação, o ritmo; seja como ele, siga os sentidos básicos; posicione-se, escolha a presa e aproxime-se, em silêncio e contra o vento; os animais têm sentidos melhores. Se o vento mudar, eles perceberão seu odor e fugirão. Então, seja rápida”.

Dos arbustos, eu o escolhi: o grande vermelho, com chifres. Pastava calmamente, suas orelhas abanando as moscas. Próximo a ele havia fêmeas com filhotes. Deixei-as de lado. Aproximei-me devagar, sem ruídos. Por um breve segundo, um traço da minha parte humana perguntou: *o que está fazendo? Você é uma museóloga. Por que se arrasta entre galhos e folhas para atacar um animal num bosque?* Desta vez não lhe dei ouvidos; o cheiro era forte e minha boca estava seca, doía.

Com espasmos, experimentei a distensão do maxilar — algo que me apavorara nos primeiros dias — e as presas saltaram. Mesmo à luz do dia, as pupilas se dilataram levemente e o cervo ficou em foco total, ampliado. Estava a vinte passos dele; o animal levantou sua cabeça e inspirou o ar. *Agora!* Meu cérebro gritou.

Saltei. Foi tudo muito rápido. O restante do bando fugia em disparada. Cravei os dentes no dorso do animal, afundando até os músculos. Ele tentou fugir, mas a toxina agiu e o derrubei após alguns passos. Procurei e encontrei a veia que pulsava, surpresa com a satisfação que isso me dava. Não havia sinais da repulsa anterior.

O fluxo veio quente e saboroso. Lembrava-me de ter experimentado uma sensação semelhante antes, durante a metamorfose, uma espécie de êxtase; mas não se comparava àquele desse momento. Quando me levantei, Clementine e Morgana me observavam dos galhos.

— Você leva jeito para isso — Morgana zombou. — Certeira!

Passei a língua nos lábios tentando reter o sabor. De repente, eu queria mais.

— Parece que ainda não está satisfeita — Clementine observou. — Temos a manhã toda se quiser.

Não houve hesitação. A cada vez que me alimentava, a lucidez era mais forte. Dessa vez não cacei sozinha. Morgana e Clementine me acompanharam, com a desculpa de que precisavam se exercitar. Ao final da manhã eu já estava mais do que satisfeita.

— Nossos convidados chegaram — Morgana falou.

Clementine concordou com a cabeça e reconheci a estranha comunicação mental que mantinham entre si. Tinha visto acontecer antes. Josh me explicara sobre essa capacidade.

— É uma conexão entre as mentes do clã. Por meio dela, podemos mandar mensagens em tempo real de uns para os outros. É cansativo de fazer, desgastante, e nos revezamos nessa tarefa.

Fiquei imaginando, enquanto voltávamos, se essa conexão me atingiria também. Josh me disse que poderia levar algum tempo, eu era novata. Ao cruzamos a porta da mansão, três novas figuras nos aguardavam na sala. O aroma que chegou até mim foi o das matas da minha terra natal.

— Clementine! Morgana! — um homem de porte magnífico saudou abertamente.

Sua pele era morena, com cabelos, olhos e cavanhaque negro num rosto simétrico. Abriu um sorriso quando se aproximou delas.

— Sei que devem estar cansadas de me ouvir dizer isso, mas continuam tão belas quanto da última vez em que nos vimos.

Ao seu lado, havia duas mulheres; uma era tão alta quanto ele, pele branca, olhos cor de azeitona e cabelos negros. Parecia-se com uma princesa do Egito. Usava um vestido de estampas claras e joias de ouro por todo o corpo. O homem vestia uma túnica escura presa por um cinto de couro. A outra mulher, mais miúda, trajava *jeans* e camiseta, os grossos cabelos castanhos presos numa trança que descia até a cintura e olhos verdes numa pele morena jambo.

Solomon e sua família chegaram.

Robert olhava dos visitantes para mim. Nas últimas semanas, depois da nossa discussão, trocávamos apenas palavras formais. Ninguém avançou para mudar essa situação, embora uma rosa vermelha fosse deixada em meu quarto todos os dias. Mesmo sem palavras, nossos olhos se comunicavam; era impossível evitar.

— Solomon, quero apresentar a você e sua família nosso novo membro. Esta é Laura — Carlo fez as honras. — Laura, este é meu amigo Solomon e sua esposa, Shiloh — acenou para a egípcia. — E esta é Nazaré — mostrou a jovem de tranças.

— Ora, se soubéssemos que iriam caçar, teríamos feito companhia — Solomon falou numa voz alegre. — Essas viagens costumam dar fome — brincou.

Percebi nesse momento que minhas roupas estavam cobertas de sangue. Morgana e Clem estavam limpas e senti vergonha. Não era uma maneira apropriada de se conhecer alguém, mas Solomon ignorou e me tomou num forte abraço, beijando minhas bochechas.

— Pensei que tivesse gostado do soro, meu amigo — Carlo falou.

— E gostei, obrigado — Solomon respondeu, me libertando de seus braços. — Mas velhos hábitos são tendenciosos e costumam a morrer. É bom praticar às vezes, para não enferrujar — piscou maliciosamente.

Incrível como discutiam tão calmamente aspectos daquela vida.
Melhor me acostumar.

— É um prazer conhecê-la, Laura, e permita-me a lisonja: você é deslumbrante! Onde encontraram esta joia? — Solomon perguntou a todos, mas seu olhar focou-se em Robert.

O constrangimento tomou conta de mim e Robert sorriu encabulado. Os demais se divertiam com isso.

— Você vai deixá-la envergonhada, Sólón — Shiloh intercedeu com uma voz que poderia servir de inspiração para uma melodia. — Não se preocupe, querida, ele é um amante da beleza e nunca sabe se comportar quando vê uma mulher tão bonita.

— E graças aos Deuses de meus ancestrais fui abençoado com uma esposa que sabe não precisar de motivos para sucumbir ao ciúme — deu um beijo em Shiloh. — Nenhuma estrela brilhará mais do que ela em meu universo.

Shiloh riu satisfeita e aninhou-se a ele.

— Esta é Nazaré — Solomon apresentou-me à jovem morena. — Está conosco já há algum tempo. É como uma filha para nós.

Cumprimentei a garota sorridente. Com as apresentações feitas, Clementine se adiantou.

— Agora que estão aqui, creio que nossas chances podem aumentar.

— Está tão ruim assim? — Shiloh perguntou.

Clementine sacudiu a cabeça afirmativamente e me preocupei. Não estaria fazendo nada certo?

— Podemos discutir esse assunto mais confortavelmente na grande sala — convidou Carlo. — Vamos?

Rapidamente, eles caminharam pelo corredor. Eu retardei meu passo e Robert me olhou. Ficamos nos encarando por um momento, em silêncio.

— Está tudo bem? — perguntou com a voz incerta.

— Parece que não, não é? — respondi sua pergunta com outra.

Por um momento achei que ele viria até mim. Fiquei imóvel, esperando. Mas não se moveu. Aquilo me irritou.

— Melhor entrarmos — falei, dando-lhe as costas.

Não esperei por ele.



Com um baque violento fui atirada ao chão pela trigésima vez, eu achava.

— É só isso que pode fazer, pequenina? — Josh provocava. — Estou decepcionado. Esperava mais de uma mãe superprotetora. Imagine que quero pegar sua filha?

Era noite alta e olhos vermelhos emoldurados por cabelos brancos me encaravam do outro lado da clareira, próxima de uma lagoa artificial aos pés da mansão. Josh ria e assumia uma nova postura de ataque. Os treinos eram diários e já duravam semanas. Nossa plateia era formada por Clementine, Robert, Eric e a família de Solomon, convocada para servirem como testemunhas de que eu cumpriria todas as exigências do Acordo. Cada vez que eu caía, ouvia as risadas estrondosas de Solomon e as censuras de Shiloh.

— Assim você não vai ajudar — ela dizia ao marido.

— Pois ainda aposto que ela vai dar um bom par de golpes nele — Solomon rugia. — Ela tem fibra!

Levantei-me e o ataquei pelos lados, usando uma técnica que Josh me explicara. Por ser o mais forte, era encarregado da maior parte do meu treinamento para luta corporal. Um vampiro poderia matar outro e eu precisava aprender a atacar e a me defender. Peguei-o com uma chave de pernas pela cintura e o derrubei, mas ele se levantou, seus braços alcançaram minha omoplata e me suspenderam como uma bola. Isso teria quebrado todas as costelas de um humano. Soltei-me rapidamente, dando uma cambalhota por cima dele e agarrando seu pescoço por trás com as mãos, torcendo-o de volta ao chão. Passei minhas pernas pelo seu quadril e tentei imobilizá-lo.

Ele rolou e ficou sobre mim, quase alcançando minha garganta com os dentes. Era mesmo muito forte. O sobrevivente do ataque de um puro. Mas não deixei isso me intimidar. Segurei seu maxilar com as mãos, liberei as pernas e o chutei para longe, com ambos os pés, fazendo-o bater contra uma fonte. Sem lhe dar chances de recuperação rápida, corri e agarrei-o pelos cabelos molhados, travei os joelhos em suas costelas e o empurrei com toda minha força no que restara da fonte. Ela cedeu de vez e caímos nos destroços. Os outros se aproximaram para ver melhor.

Josh endireitou o corpo, pegando-me pelos ombros, e me arremessou de costas contra os tijolos da mureta. Assim que me pus em pé ele me encarou, fazendo gestos com as mãos, me chamando. Respirei depressa, a água escorrendo pela pele. Senti o corte se fechando em meu rosto tão rapidamente quanto surgira, e os arranhões nos nós dos dedos desaparecendo em um piscar. Uma regeneração que me fascinava e assustava. Mais um dos efeitos dos amorfus, segundo Carlo.

Se eu quisesse ser otimista, poderia acreditar que ficaríamos o restante de nossos dias nesse embate e não chegaríamos a um resultado. Entretanto, eu sabia a realidade: Josh me venceria, cedo ou tarde. Tinha que pensar em alguma estratégia, algo contra o qual nem mesmo sua força poderia ajudá-lo.

“Imagine que quero pegar sua filha?”, aquelas palavras, de repente, ferveram dentro da minha cabeça e foram o que eu precisava.

Respirei fundo, abri mais os olhos. Mantive os músculos em controle absoluto, tensos e prontos. Josh movia os pés na lama entre os tijolos, flexionando o pescoço. Robert encarava a cena, o semblante agitado, como se quisesse interferir para me proteger. Os demais apenas aguardavam atentos. Uma neblina atípica de verão desceu sobre o local, passando entre os fios de cabelos e grudando na pele. Inspirei dúvidas, expirei fantasmas.

Entre uma e outra lufada de ar, saltei para trás, dando um giro. Quiquei as botas no tronco de uma árvore, pulei para a próxima, balancei-me nos galhos e flutuei em círculos acima das cabeças pela clareira. Continuei com esse bailado cada vez mais rápido, tomando impulso a cada volta. Quando a velocidade alcançou limites extremos, rodei o corpo em meu próprio eixo e me atirei contra Josh. Minhas botas acertaram em cheio o seu queixo e caímos, arrastando tijolos e raízes de árvores pelo caminho. O som do impacto fora tão alto que ensurdeceria os humanos.

Josh estava surpreso, pude ver em seus olhos, mas conseguiu se aprumar e nos atracamos em um embate no solo. A pressão era tanta que abrimos uma cratera, a terra penetrando em meus olhos e narinas. Com rapidez ele virou-se sobre mim, para dar o bote, ao mesmo tempo em que armei o meu. Rosnei, ele respondeu, e paramos com os dentes a centímetros da garganta um do outro. O hálito frio dele jorrou em meu rosto e minha respiração levantava os fios de seus cabelos. Poderíamos nos matar ali, agora. Não haveria um vencedor naquela luta. Nós nos analisamos, predador contra predador, a realidade dando um novo tom ao rubro dos olhos. Vi meu reflexo em suas pupilas, uma terrível dama da morte de contos de fadas, e tremi.

— Nada mal, pequenina — Josh falou baixo, com um sorriso de canto de boca, afastando devagar as presas que se recolhiam na gengiva. — Sabia que você era dura na queda, só precisava provocar — exultou, seu orgulho nem um pouco ferido.

Minhas presas se recolheram e relaxamos. Um empate! Após semanas de treinos árduos, eu conseguira um empate. Com a mão livre ele bagunçou meu cabelo. Parecia mais satisfeito do que em outros treinos, como se finalmente algo pudesse dar certo.

— Menina — falava Solomon —, se minha esposa usasse as pernas para me agarrar pela cintura daquele jeito, eu seria o primeiro vampiro da história a morrer de ataque cardíaco! — e dramaticamente colocou as mãos sobre o peito.

Mas não houve tempo para maiores comentários. Num salto, Clem estava na arena dobrando o corpo para a frente.

— Vamos ver se você é tudo isso mesmo! — provocou. — Ainda falta *me* convencer — chamou com as mãos.

Eu não sabia se vampiros possuíam adrenalina, mas algo em minhas veias corria solto e não esperei por uma segunda convocação. Saltei sobre a cabeça dela e me posicionei na extremidade da lagoa, em meio às brumas. Lutar com Clem seria diferente: menos força e mais astúcia. O desafio seria mental. Começamos a rodear o lugar lentamente, olhando e analisando o adversário. Nossos pés se moviam poucos centímetros a cada passo e os olhos mantinham-se fixos nas pequenas nuances. Isso poderia durar horas.

Súbito, a neblina se agitou e Clem não estava mais lá. E nem eu. Havíamos trocado de lado, mirando uma à outra.

— Nada mal — ela sibilou.

Os passos recomeçaram leves e sinuosos, como o colear das serpentes no deserto. Os sons da noite estavam lá, eram parte de mim. Naquele momento eu era um animal noturno. *Uma predadora*. Como tal, avaliava a presa a minha frente. Semanas nessa rotina haviam definitivamente mudado muita coisa em mim, mesmo que a princípio tenha agido a contragosto. Agora eu entendia mais, sabia mais.

A sola de nossos pés fazia desenhos no chão, uma linha de energia vibrava entre ela e eu. O ruído de uma pedra sendo pisada distraiu Clem por poucos segundos, que bastaram para que eu a agarrasse pelas costas. Ela girou o corpo, rápida, mas consegui imobilizá-la contra o tronco de uma árvore, deixando a boca próxima a sua garganta.

— Peguei — falei.

Com uma forte joelhada ela me atirou longe, num gesto violento. Caí em pé.

— Só diga isso depois que a garganta de seu adversário estiver cortada — ela retrucou.

Era assim que se matava um vampiro. Cortava-se a garganta com os dentes, separando a cabeça do tronco, e depois o corpo era destruído. Nada de estacas, nem de orações. Sem mitos, apenas a realidade da violência. Nossa dança recomeçou e Clementine desapareceu para o bosque. Fui ao rastro. Se caçar era o que queria, ela teria.

Passei por árvores procurando pelo cheiro. Quando o encontrei, saltei um galho depois do outro. Ela estava nas copas. Assim que me via, mudava de árvore sucessivamente. Ela ia à frente e eu atrás, como em um pega-pega. Só que não chegávamos a lugar algum. Pulei para o chão e corri. Usei a direção do vento e antecipei-me ao cheiro. Escalei um pinheiro e aguardei em tocaia. Assim que ela passou, me dependurei pelos braços, segurei seu pescoço com as pernas e a suspendi. Ela usou as pernas também para me estrangular e caímos ao solo, o baque fez os animais fugirem das tocas. Pequenos coelhos passaram pelo meu campo de visão. Rapidamente coloquei-me sobre Clementine, imobilizando-a com os braços e pernas, abrindo a boca em aviso. Ficamos imóveis, corpos tensos, respirações conflitantes. Havia folhas e terra nos meus cabelos; ela não estava em melhores condições.

Então Clementine começou a rir. Não me lembrava de tê-la visto dar risada alguma vez. O som era muito bom, como o de uma surpresa agradável em um dia ensolarado. Seu corpo relaxou e eu ri com ela. Soltei-a e contemplei os ferimentos da luta que desapareciam de seu rosto. Deitei-me sobre o tapete de folhas do bosque. O cheiro era doce, de terra e mato. Não havia sinal de nossa plateia.

— Clem? — falei.

— O quê?

— Como aconteceu com você?

A neblina circulava nas alturas como espectros fugidos de histórias de terror.



O amanhecer em *Leigh Woods* era lindo, de tirar o fôlego.

Do alto do maior pinheiro do bosque tínhamos visão privilegiada da mansão, do lago e das propriedades distantes, despontando como castelos encantados na paisagem. A neblina se intensificou, significando que o dia seria ensolarado. Aspirei esses odores, mais intensos aos meus sentidos do que nunca. Com o treinamento constante, eles se desenvolveram e até as finas partículas de poeira no ar eram visíveis, os menores ruídos identificáveis.

Clem estava em silêncio. Fiquei preocupada, pensando se minha pergunta a havia aborrecido de alguma forma. Ela me pedira que a acompanhasse até ali e nossa plateia não estava por perto, com certeza avisada por alguma mensagem mental. Assim, o silêncio entre nós se prolongou, tendo os sons da mata ao fundo. O tom arroxeadado do céu adquiria contornos mais alaranjados, com nuvens escuras que gradualmente fugiam ao toque das cores.

— Lembra-se do quadro que está na sala branca? — perguntou Clem, de repente, tirando-me da sequência de pensamentos.

O quadro a têmpera, com a figura de um rapaz adolescente muito bonito e uma menina gorduchinha e sorridente. Ela segurava um ramo de flores, tinha uma touca de rendas na cabeça, cobrindo os cachos castanhos, e um gracioso vestido rosa com babados. O garoto parecia um homenzinho, com uma postura de realeza, e grandes olhos verdes num rosto atlético. Usava uma vestimenta azul escura que contrastava com as roupas da menina. O ponto de fuga do quadro era uma paisagem de jardins e flores.

Acenei com a cabeça. Ela fitou o horizonte.

— São meus filhos — falou com dor na voz.

Abri a boca em surpresa. Clem tivera filhos? Mas onde eles estavam?

— Deve estar se perguntando onde eles estão — ela percebeu meu olhar. — Digo a você: estão mortos. Quincey tinha treze anos e Marguerite, dez.

E suspirou, como se o peso dessas palavras fosse sufocá-la. Eu também não tinha voz. Os minutos pareceram horas.

— Eu nasci no século XIV em Avignon, no sul da França. Robert também. Meu pai foi um senhor feudal. O verdadeiro nome de minha família é Di Feveré, mas com o tempo ele acabou sofrendo contração para Fevré. Somos os únicos filhos que sobreviveram num total de cinco que nossa mãe teve. Naquele tempo a mortalidade infantil era alta. Robert era o mais velho e por lei herdaria a fortuna da família — pôs as mãos sob o queixo. — Não me importava, sabia muito bem o destino que me aguardava. Era o mesmo das mulheres respeitáveis da época: iria me casar, ter meu marido, uma casa e filhos. Não havia surpresas na vida para mim — remexia os dedos. — Aos quinze anos casei-me com Guilhem Du Berberac, um *Chevalier* do exército do rei Carlos V, o Sábio, ao qual Robert também pertencia — ela viu meu olhar e sorriu. — Sim, Robert foi um cavaleiro naqueles dias e muito afamado. Entrou para o exército real aos dezesseis anos e aos dezenove já era uma lenda, principalmente pela sua participação bem-sucedida nas [campanhas brancas](#)¹¹ durante a Guerra dos Cem Anos.

Comecei a procurar na minha cabeça pelo nome de algum cavaleiro francês medieval chamado Robert Di Feveré. Talvez tivesse estudado sobre ele na escola. Minha nossa!

— Meu marido era um bom homem. Embora nosso casamento fosse arranjado, eu não poderia ter escolhido melhor — ela falou. — Era gentil, carinhoso e atendia a todos os meus pedidos. Quando desejei ficar em Avignon por um tempo, em vez de ir para a corte imediatamente, ele compreendeu. Minha mãe estava doente e queria cuidar dela. Assim, ele cumpria seus deveres com o rei e, de tempos em tempos, vinha com Robert para casa — as lembranças a envolveram. — Minha mãe morreu no mesmo ano em que Quincey nasceu e meu pai se foi dois anos depois. Robert veio a Avignon assinar os papéis de posse da propriedade e Guilhem o acompanhou — sorriu para mim. — Nove meses depois, Marguerite nasceu.

Puxou os joelhos com os braços, enlaçando-os.

— O parto de Marguerite foi difícil e complicações acabaram me deixando estéril. As parteiras e o médico disseram que eu deveria cuidar bem dos meus dois filhos, pois não haveria mais possibilidades

para mim. Aquilo me entristeceu, mas concentrei esforços nos tratos da propriedade e das crianças. Quincey queria crescer logo e ir para a corte com o pai, ser cavaleiro, e Marguerite... — seus olhos brilharam. — Ela era uma fadinha encantada e bochechuda. O quadro que você viu foi pintado meses antes da nossa última noite juntos.

Sua voz mudou de tom e os olhos ficaram ferozes.

— Naquela noite não havia lua no céu, e nevava — apertava os dedos. — As lareiras estavam acesas e todos dormiam. Era madrugada quando ouvi estranhos ruídos pela casa. Pensei que Guilhem havia voltado sem avisar. Coloquei um roupão, peguei a lamparina e fui ver o que era. Desci as escadas e cheguei à cozinha... — engoliu saliva antes de falar. — Havia sangue pelas paredes. Os criados estavam mortos, seus corpos espalhados pelo chão e os olhos arregalados. Foi a visão mais horrível que eu tinha presenciado, até então — frisou bem essa parte. — Voltei correndo pelas escadas e fui para o quarto dos meus filhos. Precisava tirá-los de lá.

Seu rosto era uma máscara de dor. Eu estava petrificada.

— Do alto da escada, pude ver que a porta do quarto deles estava aberta. Meu coração parou de bater por um instante, não sabia se corria ou ia devagar. Forcei as pernas a andarem e passei pelo batente... — fechou os olhos. — Quincey estava no chão, seu sangue manchava o assoalho e uma forma dobrava-se sobre ele. Marguerite chorava, suspensa no ar por outra figura gigante. Ela me viu e gritou *mamãe!* As duas criaturas viraram a cabeça na minha direção. Foi a primeira vez que vi os olhos vermelhos... — ficou em silêncio.

Ficamos assim por um tempo. Não nos mexemos.

— A criatura me deu um sorriso diabólico e cravou os dentes em Marguerite. Ela gritou e me atirei sobre ele com fúria, mas nem toda minha raiva foi suficiente. O outro me agarrou e segurou enquanto a abominável figura terminava com a vida da minha filhinha — lágrimas vermelhas escorreram dos olhos de Clementine. — A dor que senti era insuportável e achei que meu coração não aguentaria.

Meus olhos queimavam também. O pranto de Clem atingia meu coração imóvel como facadas. Eu tinha uma filha e podia imaginar o tamanho de sua dor. Quando ela recuperou o fôlego, continuou sua história:

— O monstro atirou o corpo de Marguerite ao chão. Eu chorava desesperadamente. Minha vida tinha acabado, tudo o que mais amava estava morto. Olhei para as aberrações no quarto. Um deles me segurava e o outro caminhou em minha direção. Então pensei: *muito bem, que seja rápido; acabem com isso* — ela me olhou. — Eu sabia o que eles eram. Naquela época os mitos eram reais e todos conheciam suas atrocidades. Por um momento fiquei feliz ao saber que logo estaria junto aos meus filhos — seu timbre mudou. — Mas um deles, o que me olhava, disse: “*Veja só o que temos aqui, Benedict!*”. Benedict respondeu: “*Estou vendo, e sentindo o cheiro também. Uma fêmea magnífica.*” O outro perguntou: “*Seria um desperdício acabar com ela, não é?*” Benedict respondeu: “*Sim, um grande desperdício. Ela é quente e há tantas possibilidades mais prazerosas*”. E rasgou minhas roupas.

Os nós de seus dedos se apertaram. Eu estava sem ar, enojada.

— Vou poupá-la de ouvir os detalhes, Laura. Durante semanas eles me usaram como fêmea. Incubus gostam de mulheres humanas por causa do calor. Enquanto um caçava, o outro me vigiava para que eu não fugisse ou tentasse me matar. Qualquer pessoa que se aproximava da propriedade era morta e servia de alimento. Eu não sabia quanto tempo aquilo duraria. Sentia repulsa cada vez que um deles me tocava. Sempre que tentava fugir, eles me pegavam. Para me deixar fraca e impedir as fugas, drenavam parte do meu sangue — ela me olhava com agonia. — Tinha medo de que notícias sobre esses fatos estranhos chegassem à corte e Guilhem e Robert viessem. Eles não durariam um minuto. Com o passar dos dias, um forte sentimento de vingança substituiu a vontade que eu tinha de morrer. E bolei um plano.

O vento soprou em nossos cabelos e aspiramos aos odores frescos da manhã que chegava.

— Usei todo o meu poder de sedução, parei de lutar fisicamente quando me tocavam e fingi gostar — seu rosto se contorceu numa careta. — Sempre que um deles saía para caçar eu me entregava voluntariamente ao outro, sussurrando palavras de motivação, dizendo que queria pertencer a ele, e só a ele. Que não queria mais ser dividida. Era arriscado. Se desse certo, eles brigariam por minha

causa e eu torcia para que se matassem; se desse errado e descobrissem... Eu morreria de qualquer maneira. Continuei com esse jogo até vencê-los pelo egoísmo.

— Eles lutaram? Mataram-se? — consegui perguntar.

Ela me olhou com amargura.

— Ah, sim, eles lutaram — concordou. — Embora meus olhos humanos não conseguissem acompanhar tudo, prestei atenção a cada detalhe que pude: o corte na garganta, o modo como Benedict destruiu e queimou o corpo do outro, após sua vitória — ela resignou-se. — Mas então eu tinha um novo problema: só um morreu. Benedict ainda me mantinha como troféu. Precisava encontrar outra saída — seus olhos brilharam. — Ao me possuir numa noite, Benedict acabou me oferecendo a solução: propôs-me a vida eterna. Disse que poderia me tornar uma igual e que viveríamos para sempre. Eu concordei...

O vento soprou mais forte e os primeiros raios da aurora se insinuaram.

— Após a minha metamorfose, aproveitei enquanto ele me possuía novamente e cortei sua garganta com meus dentes — falava com voz dura. — Destrocei seu corpo e o queimei, pedaço por pedaço. Sabia que não haveria volta para mim, mas estava vingada. Meus filhos poderiam descansar em paz, mesmo que aquilo me custasse o inferno. Mantive o foco a custo e tirei o retrato da moldura, ateando fogo na casa. A propriedade queimou por dias e fui embora.

Silêncio.

— Vaguei por quase toda a Europa — ela falou. — Matei muito pelo caminho. Não sei quanto tempo demorou até que minha mente pudesse controlar os instintos, mas creio que foram alguns anos. Queria morrer, mas não encontrava maneiras. Fui tentando viver dessa forma, um dia depois do outro, aprendendo sobre minha força, a sede, os sentidos e como usá-los. Quando já podia me considerar relativamente *civilizada*, decidi voltar à França, que estava sob o reinado de Carlos VI, o Insensato — respirou fundo. — Cruzei a fronteira com a Espanha e cheguei a Cidade Baixa, às margens do rio Aude, próximo a Carcassone. Deparei-me com a cidade incendiada e pilhada. Caminhei entre os destroços e os mortos. Os corpos

estavam abandonados e os corvos se banquetavam. Ouvi o bater fraco de um coração e virei-me naquela direção. O som vinha de um homem caído, vestido de armadura. Imediatamente reconheci o brasão da família de meu pai e corri até ele.

Ela me olhou significativamente.

— Era Robert. Sua companhia estava lotada na área para conter rebeliões dos franceses que se aliaram aos ingleses contra o monarca vigente, iniciando uma guerra civil. Ele estava mal, inconsciente, e sangrava muito. Sua respiração era fraca. Havia outros, mas todos mortos. Eu estava sozinha e meu irmão iria morrer ali, virar comida de corvos. Tinha visto o que Benedict fez comigo... — abaixou a cabeça, olhando o chão. — Agi realmente por solidão, mas também porque o amava.

Entre nós pairou o silêncio que se segue quando as palavras não são mais necessárias. O sol nasceu. Brilhou sobre nossos corpos e senti a mudança imediata.

— Acho que está na hora de voltar — Clementine rompeu a quietude, levantando-se.

Seus lindos olhos verdes faiscavam ao alvorecer.



— *Alô?* — a voz suave atendeu.

— Jean? — falei. — Sou eu?

— *Laura!* — ela exclamou. — *Oh, minha querida, que saudade! Quase não reconheci sua voz. Está gripada?*

— Só um pouco, Jean. Venta muito em Amsterdã — concordei.

Não é só a minha voz que está diferente. Desde meu desaparecimento, Clementine avisou ao museu e às pessoas mais próximas que eu estava fazendo uma viagem de aquisições a pedido dela. Segundo o *roteiro*, isso incluiria Holanda, Alemanha, Áustria e Bélgica, e a viagem tomaria algum tempo. *O necessário até a Ordem me pegar.*

— *Está se agasalhando bem?*

— Não está frio aqui, Jean, é verão — retruquei. — É só um mal-estar. Vai passar logo.

Jean estava bem, mas ela sempre dizia sentir saudades. Para falar com Cínthia, eu usava *e-mail*, mais prático e conveniente. No período em que fiquei na transformação, Eric se encarregou de avisá-la da minha *viagem*. Mas o que realmente me incomodava era não conseguir falar com David. Seu celular estava na caixa postal. Na Universidade ele não atendia aos telefonemas nem retornava meus recados.

— O David está bem, Jean? Não consigo falar com ele.

— *Ah, querida, ninguém consegue* — ela reclamou. — *Ele viajou, mas não deu muitos detalhes. Eu falei de você, que deixou lembranças. Ele não te ligou?*

— Não. Ele não ligou.

O que diabos David estaria fazendo?

— *Pode deixar, querida, vou puxar as orelhas dele quando aparecer por aqui...*

Conversamos mais um pouco e desliguei. Mandeí um *e-mail* para Cínthia, contando sobre as *belezas* da Holanda, e li uma de suas novas mensagens. Em anexo, uma lista imensa de compras. Dei risada.

Olhei para o relógio. *Lá vamos nós de novo.*



Não poderia dizer que dormia, mas também não me sentia consciente. Minha cabeça estava oca e os pensamentos confusos. Era como ser dominada pelos olhos de uma serpente.

Já senti isso antes. No dia em que mostrara a Robert o desenho de Kate. Agora, vendo Morgana olhar nos meus olhos para demonstrar a técnica, entendia o que ele tentou fazer comigo. *Tentou, mas por algum motivo parou.*

Jarvis Poincello dissera que as vítimas dos vampiros perdiam a memória e que isso talvez fosse explicado por uma *hipnose poderosa* desenvolvida para autoproteção. O processo, em teoria, era

relativamente simples: o mais forte domina o mais fraco. Olhar nos olhos da vítima, dilatar as pupilas e concentrar a mente para provocar um estado de indução, em que a pessoa ficaria influenciável e os pensamentos seriam plantados ou removidos. Quando os vampiros não matavam, usavam esse recurso para esconder as evidências de sua existência. A prática, porém, era outra coisa. Há dias Morgana me demonstrava essa habilidade. Ela não poderia me hipnotizar porque éramos iguais, mas me levaria a experimentar algumas das sensações e entender como aplicar aquele processo.

E essas experiências eram sempre desagradáveis.

— Agora — ela disse com seu sorriso zombeteiro de sempre —, vamos ver se aprendeu direitinho. Vejamos se, pelo menos, consegue me deixar de cabeça oca, como disse.

Respirei, tentando organizar meu cérebro. Como ninguém se atreveria a me arrumar um humano como cobaia — deixara claro que eu não aceitaria aquilo —, a solução seria fazer a rainha da neve se render. Busquei a calma e procurei por minha concentração perdida. Fixei os olhos em Morgana e mais uma vez a energia saiu das minhas pupilas para alcançá-la. O esforço era tão grande que meus punhos estavam cerrados. Foram minutos tensos e silenciosos dentro do salão de festas. Quando comecei a acreditar que daria certo, Morgana gargalhou.

— Acho que vou precisar de uma pipa para buscar minha cabeça, de tão leve que ficou! — zombou. — Com certeza foi flutuar na estratosfera!

Relaxeii frustrada. *Droga! O que eu estou fazendo de errado?* Houve um leve movimento no ar e Shiloh colocava a mão em meu ombro.

— Criança, você não está fazendo nada de errado — dizia com sua voz melodiosa, percebendo a minha irritação. — Só que está deixando muito aqui — e apontou minha cabeça.

— Como assim? — perguntei.

— Você já viu como uma cobra encanta a presa? — acenei que sim. — Ela não usa o cérebro, mas os instintos e sentidos, que alcançam mais rápido a mente do que o pensamento sobre eles. Ela usa seu movimento colear, canta para a presa com todo o corpo.

Assim domina a caça e faz dela o que desejar, usando os atributos que a natureza forneceu, sem a necessidade de racionalizar o ato. Todos podem hipnotizar alguém. Uma mulher sedutora encanta um homem — dizia. — O perfume de uma flor entontece os sentidos, uma orquestra pode fazer multidões sonharem, raiva e ódio petrificam um inimigo assim como o amor cega se for potencializado. Você possui um arsenal de armas. Precisa descobrir qual delas usar.

As palavras musicais de Shiloh já eram suficientes para entorpecer alguém. Respondendo a um chamado involuntário, minha memória sensorial varreu o corpo, buscando aquilo que a mente consciente, condicionada pela civilidade, teimava em ocultar. Cada passo dado nesse treinamento me aproximava do eu primitivo, de uma Laura ancestral, mais antiga que eu mesma. Respirei, fechei os olhos, e uma lembrança me ocorreu: a apresentação do meu mestrado no Brasil. Um dos quesitos que mais pesou em minha pontuação final foi o da *oratória impecável, hipnótica e extremamente eficiente na comunicação e persuasão*.

Abri os olhos, voltei-me para Morgana. Seu corpo subitamente ficou em alerta, mas o meu estava relaxado, ao contrário da tensão anterior. Seus olhos mudaram, surpresos, ao encararem os meus. Caminhei devagar em sua direção, os olhos nos dela, sem desviar um milímetro. Ela estava paralisada, colada ao chão. A mesma energia fluiu, mas comandada por uma parte do cérebro desconhecida para mim, ou não utilizada. E isso a estava afetando.

— *Se você conhece o inimigo e conhece a si mesmo, não precisa temer o resultado de cem batalhas. Se você se conhece, mas não conhece o inimigo, para cada vitória ganha sofrerá também uma derrota. Se você não conhece nem o inimigo nem a si mesmo, perderá todas as batalhas...* — citei *A Arte da Guerra*, de Sun Tzu, usando uma voz que parecia vir do além.

Morgana não piscava e seu rosto era inexpressivo, uma estátua em honra de uma beleza que o tempo e os caprichos do destino resolveram encapsular e preservar. Deixei que aquilo durasse alguns minutos, não sei bem quantos, e então a libertei. Ela piscou, vacilou o corpo e se apoiou na mesa. O rosto estava mais pálido que o normal

e os olhos arregalados. Seu olhar vagueou de um para o outro na sala.

— O quê...? — sua voz engasgou. — Uau! Que coisa! — olhou para mim. — Não me sentia tão leve assim desde que tomei um porre em Viena há mais de 200 anos! É isso que significa *cabeça oca*?

Sorri. Os outros também.

As semanas transcorreram e a cada dia os treinos eram intensificados. As lutas corporais mais acirradas. Poderia dizer que estava quase em pé de igualdade, mas ainda teria muito que aprender.

Carlo me orientava sobre a história dos clãs e o uso dos produtos que ele desenvolvera ao longo do tempo: o ácido para destruir corpos de vampiros, sem a necessidade de atear fogo, os unguentos ácidos para curar ferimentos de mestiços, versões mais fortes do soro ainda em desenvolvimento e outros *brinquedinhos*, como Eric os chamava. Treinos de caça, autocontrole e hipnose aumentaram. Gradativamente procurava diminuir as doses de soro, com a supervisão de Carlo, para aumentar a potência dos instintos e aprender a dominá-los. Na minha plateia sempre estavam a família de Solomon e alguns dos outros se revezavam esporadicamente. Não tinha coragem de perguntar sobre meus avanços, mas eles pareciam satisfeitos, especialmente Solomon.

— Você está ótima, Laura. Que bom seria se tivéssemos tido a sua chance ou, pelo menos, uma parte do seu controle no início. É notável o progresso. A Ordem não terá por que se opor a você, não se quiserem de fato seguir o Acordo.

O *Acordo*. Por algum motivo que eu ainda não sabia, todos se mostravam preocupados com fatos recentes dentro da Ordem. A mudança de líder, o Mathesis, estava afetando o equilíbrio. Mais de uma vez flagrei Carlo, Solomon e Clementine discutindo sobre isso, temerosos. Cheguei a ouvir, embora conversassem num sussurro quase inaudível até para mim, sobre *tempos negros*, *mentiras*, *ligações ilícitas* e *uso de tecnologias avançadas*. Quando me aproximava, mudavam de assunto. Os testes estavam próximos, o prazo acabando, e percebi que não queriam que me preocupasse com mais nada, além disso.



Asthon Court State. A estufa de rosas. Minha aula seria lá. Senti o incômodo ao passar pelos portões de ferro e ver os tijolos amarelos do chão, perseguindo as espirais com os olhos. Pisei-os remoendo memórias ao mesmo tempo belas e dolorosas, cada passo carregando o peso de caminhar pelo passado. *Lembranças de duas vidas*.

Nosso destino naquele dia não era as belas flores nas estufas, e sim o grande salão de armas. Em minha primeira visita ali, ficara impressionada com a coleção de armas brancas, imaginando quanto valeriam e qual seria a sensação de tocá-las. Nas últimas semanas a segunda opção eu já conhecia: passei por aulas de esgrima, postura de combate italiana e francesa, domínio de lâmina longa e curta e adagas. Também aprendi a controlar a força física para não destruí-las. Robert e Eric estavam comigo e a família de Solomon, claro.

Parte do treinamento incluía a defesa contra mestiços. Segundo Carlo, a Ordem recolhia todos os que encontravam e os treinavam para atacar, caso necessário, em uma possível quebra de acordos. Vampiros eram mais fortes, mas mestiços em grande quantidade podiam fazer um bom estrago.

— Nossa última informação diz que o número de mestiços na Ordem triplicou — Robert explicara em um dos treinos. — Se existe a proibição de gerar mestiços, então como podem ter nascido tantos em tão pouco tempo?

— Acha que outros vampiros estão descumprindo o Acordo? — perguntei, consciente do olhar dele no meu e da energia entre nós.

Ele balançou os ombros.

— Vez ou outra isso acontece — falou, apontando Eric. — Eric está conosco há cinquenta anos. Encontrei-o na Escócia e o trouxe para cá, antes que a Ordem o descobrisse. Nazaré está com Solomon há quase cento e cinquenta anos. Ambos são casos esporádicos e sempre foi assim — balançou a cabeça. — Mas a

Ordem possui mestiços demais agora. Alguma coisa está errada nessa equação.

Eu pensava naquelas palavras enquanto Robert pegava as armas. Espadas italianas, forjadas de tal maneira que podiam ser desmontadas em duas partes e guardadas dentro de um estojo mínimo. Eram raridades, poucas foram feitas daquela forma por causa da complexidade e da perda da técnica com o passar dos tempos. As lâminas eram afiadas dos dois lados, cortavam num golpe único. Mortais, principalmente para mestiços. Quando iniciei esse treinamento, Robert explicou:

— Nos testes provavelmente você não terá que enfrentar nenhum mestiço, mas isso não significa que não deva estar preparada. Eles são fortes, ágeis, têm instintos semelhantes aos nossos e recebem treinamento constante — deu-me uma espada. — A melhor maneira de matá-los é com armas brancas, se você acertar os pontos vitais. Também pode pegá-los usando sua força, mas com as armas poderá manter distância corporal e evitar contra-ataques surpresas.

Agora estávamos frente a frente, Robert e eu. Começamos com o tradicional cumprimento. Não precisávamos de proteção. Éramos nós dois e as lâminas. Imóveis, por minutos ficamos estudando a postura um do outro. Então, rápido e certeiro, Robert avançou. Esquivei-me do golpe que passou a milímetros da pele, o movimento fazendo meu cabelo se agitar. Girei e me posicionei novamente com a espada para o alto. Ele voltou a dançar à minha frente, um passo para o lado, enquanto eu avançava outro em direção oposta.

Novo ataque e o choque das lâminas dominou o ar. Robert procurava atacar meus flancos e eu os defendia, depois investi na altura do seu peito e ele jogou o corpo para trás, evitando o toque. Vire-me nos calcanhares e ataquei-o por trás, mas ele era experiente, bloqueando minha arma com precisão acima da cabeça sem ao menos se virar. Era um *Chevalier*. Seu golpe seguinte veio e saltei, alcançando o lado oposto da sala, equilibrando-me próximo a uma das armaduras medievais, que assistiam em silêncio aos ecos de um passado vivido.

Brandi novamente a arma, visualizando pontos possíveis de ataque, e decidi focar em sua cabeça, fazendo-o recuar até onde

poderia encurralá-lo. Estoquei por duas vezes, quase rompi suas defesas nos flancos e ele devolveu meus golpes na mesma moeda, vindo para cima de mim de tal forma que precisei relembrar todas as estratégias de amparo para conseguir suportar e me recompor. Ele mostrava o que sabia, e especialmente hoje havia decidido não me poupar. Por um momento senti raiva e meu sangue ferveria, se pudesse.

Com um urro guardado na garganta, investi, golpeando-o seguidamente contra uma das paredes. Nessa sequência de golpes, seu corpo esbarrou em um dos conjuntos de armaduras, que veio ao chão como um jogo de blocos de montar que se desfazia. As peças soltas o fizeram escorregar e aproveitei para tentar estocá-lo no peito. Ele foi ágil e bloqueou o golpe a meio caminho da queda, escorregando por entre as minhas pernas flexionadas e pondo-se de pé do outro lado, me atacando. Recuei, buscando minhas defesas, respirando de forma rápida. Os olhares dos nossos observadores eram atentos e Eric torcia os dedos das mãos.

Golpes se sucederam e um deles rasgou minha blusa, deixando meu ombro exposto. Encarei aquilo como uma ofensa, uma amostra de que ele brincava comigo e, dando um giro, fiz a lâmina rodopiar acima de sua cabeça. Mechas negras de seus cabelos escorregaram para o chão de pedras. Ele me encarou, surpreso por um minuto, mas apenas isso. Depois veio num rasante, tentando alcançar minhas pernas com a espada.

Saltei e quiquei meus pés contra a parede lateral, indo me posicionar na extremidade do salão. Sem lhe dar tempo fui ao ataque, buscando acertar o peito. Ele me bloqueou com a espada e tentou tirá-la das minhas mãos com uma manobra, mas girei o corpo e isso me fez recuperar o equilíbrio. As espadas se chocaram com um som alto e faíscas eram visíveis. Abaixei-me rápido e, com agilidade, rasguei a perna de sua calça. Ficamos nos encarando, envolvidos pelo calor da luta.

Ele não quis me dar mais chances e desistiu de brincar, vindo com tudo, brandindo a espada em golpes sucessivos, empurrando-me para trás. Eu bloqueava os ataques, enfurecida, mas imaginava quanto tempo mais aguentaria. Nunca havíamos estendido tanto uma

luta, e aquela dava sinais de que poderia não se extinguir tão rapidamente. A tensão crescia entre nossos espectadores, mas nenhum deles se moveria para intervir.

Como previra, a luta se prolongou de forma violenta. Golpes, estocadas, tentativas de desarme, pedaços de roupas rasgadas. Minha blusa estava em farrapos e a camisa dele não aparentava melhores condições. Nossos orgulhos digladiavam na arena, e ambos tínhamos consciência de que desistir não era opção. Com um toque ligeiro, a lâmina da minha espada atingiu seu rosto. Eu paralisei, surpresa com a minha ousadia e temendo a consequência do golpe, esquecendo-me completamente de que armas brancas não nos afetavam.

Ele passou a mão no local do toque e sorriu, aparentemente satisfeito com aquilo, e se aproveitou de minha baixa na defesa. Mais um pedaço da minha blusa veio ao chão e ele não parava de tentar me atingir. Então, numa cruzada de golpes altos, girei minha espada na dele, para desarmá-lo. Ele revidou e nossas armas se entrelaçaram no punho, travando-se. Quando puxou a dele, meu corpo sofreu um tranco para a frente e nossos rostos ficaram a centímetros de distância um do outro, tendo apenas as lâminas nos separando na altura do pescoço. Ficamos imóveis, a respiração forte batendo em nossas faces, lábios entreabertos, olhos nos olhos. A energia fluía e se nossos corações batessem, estariam acelerados — não por causa do exercício. O cheiro dele me invadiu e podia senti-lo na minha língua. Seu corpo, tão próximo após tanto tempo, provocava sensações absurdas. Eu era só desejo, e ele era tudo o que queria. Minha mente se perdeu naquele olhar. Estava hipnotizada.

Ele parecia tão aprisionado quanto eu, os lábios tremiam e os dedos apertavam o punho da espada. Eu não sabia o que fazer ou dizer — ele também não —, mas o vi juntar forças de algum lugar recôndito da mente ao afastar o rosto, descendo devagar a espada.

— Acho que chega por hoje — sua respiração era forte. — Você lutou bem.

Quando tomou a arma de mim, nossas mãos se tocaram. O suficiente para desencadear uma explosão. Ele me olhou por segundos dolorosos, então se virou e guardou as espadas na

prateleira, saindo rapidamente em seguida. Eu era alvo de todos os olhares, mas não me importei. Pelo menos, naquele momento, nada mais me interessava.



O cheiro é tão bom. Estava sentada, sozinha, no círculo em espiral dentro da estufa de rosas. Todos foram embora, mas eu queria ficar e inventei uma desculpa qualquer. Usava a camisa de Eric sobre os trapos que restaram da minha e deixei os pensamentos voarem. Quanto tempo havia se passado desde a primeira vez que viera aqui? Meses? Um ano? Não parecia ser tanto para uma vida mudar. Só que mudou. Há um ano eu era humana, tinha um bom emprego, uma bela casa, uma filha linda, amigos e planos para o futuro. Poderia até ser piegas, mas eu tinha um namorado. Romântico, cavalheiro — e cavaleiro também —, apaixonado. Agora, dentro de poucas semanas, após ter sobrevivido à pior das experiências que um humano poderia sonhar, aqui estava eu. Corria o risco de nunca mais ver minha filha, estava longe dos amigos, sem o homem que amava; uma imortal, uma vampira, sendo treinada para lutar e matar, se necessário; alimentando-me de sangue e prestes a ver minha nova vida ser destruída por uma decisão administrativa. Seria cômico se não fosse trágico.

Olhei as flores. Estavam mais lindas do que nunca, agora que as via melhor. Era interessante como, apesar dos problemas, aquela nova existência fazia tudo parecer mais bonito e vivo aos sentidos. Se colocássemos de lado a discussão secular sobre vampiros serem demônios e seres do inferno, éramos privilegiados pela quantidade de beleza que podíamos apreciar. “*A beleza está nos olhos de quem a vê*”, o antigo provérbio se encaixava como uma luva em meus pensamentos. Cada dia trazia uma surpresa, uma fonte de luz inimaginada, uma nova cor, um novo cheiro, detalhes antes insuspeitados. E tudo era muito belo.

Suspirei. Sentia-me, de repente, solitária. Mesmo que a Ordem não acabasse comigo, como seria depois? Não envelheceria, não

morreria — pelo menos de forma *natural* —, não comeria. Todas as necessidades básicas humanas ficaram para trás. Minha filha perceberia alguma coisa errada. *Como vou explicar tudo isso?* Sabia que ela era mente aberta, mas poderia simplesmente dizer: “*Oi, Cínthia! Surpresa! Mamãe virou uma vampira nas férias!*”?

Comecei a rir da piada mental. Claro que não. Mas como seria? Como explicar para a pessoa que mais amava no mundo que tudo mudou e, ainda assim, querer que ela me aceitasse? Esse pensamento me exasperava e preocupava mais do que o desafio do Conselho que estava por vir.

O aroma das rosas me envolveu, de súbito, e me lembrei de Robert. Em nossa discussão na chuva, ele me dissera a mesma coisa: sobre a dificuldade em ser sincero, em falar uma verdade terrível a alguém que se amava, esperando pela aceitação que talvez nunca viesse. Como poderia julgá-lo se eu também não sabia o que fazer, nem quando fazer?

Que estúpida e egoísta eu fui! Ele salvou minha vida e retribuí com palavras de ódio. Protegeu-me por amor, deu-me a chance que eu havia pedido, não importasse qual. Mesmo agora, enquanto ele lutava para me defender, o que tenho feito? Evitado sua presença, dirigindo-lhe poucas palavras, apesar de desejar o contrário. Eu tinha apenas algumas semanas. O que estava fazendo com esse tempo? O que poderia fazer com ele?

A resposta veio ligeira: fique com aqueles que você ama.

Levantei-me num salto e corri. Cínthia estava longe, e era melhor assim. Quando voltasse, a situação estaria resolvida, de um jeito ou de outro. Se eu morresse, a verdade morreria comigo, ela não precisaria lembrar-se de mim como uma aberração. Jean e David cuidariam dela. Meu amor ficaria sempre com Cínthia. Mas havia outro tipo de amor que estava próximo e não poderia mais ser ignorado. A esse amor não precisava esconder nada.

Cheguei à mansão. A lua cheia era linda, iluminando de azul a paisagem, refletida no lago. O perfume das flores noturnas era delicioso. Antes de passar pela porta, um ruído leve chamou minha atenção. Sentados na nova fonte, colocada no lugar da que foi destruída durante meu treino, Josh e Morgana estavam se beijando.

Um beijo apaixonado. Voei pelas escadas. Antes de alcançar o quarto do final do corredor, diminuí o ritmo.

A porta estava entreaberta, mas não havia nenhum movimento lá. Também não senti seu cheiro. Meio indecisa se deveria ou não invadir o lugar, empurrei a porta devagar e entrei. O quarto era claro, em tom de gelo, com poucos móveis; somente uma cama enorme, uma bancada de arquitetura completa, um tapete felpudo e cortinas creme. O odor de tinta a óleo estava no ambiente e vi um estojo de pintura profissional junto a um cavalete encostado no canto mais oculto. Robert pintava?

A resposta veio junto ao exame das paredes quase despojadas do quarto. Minha boca se abriu de surpresa. Em frente à porta, numa moldura simples, mas de muito bom gosto, estava o quadro de uma mulher de casaco creme, cabelos e olhos castanhos, parada ao centro de uma espiral de tijolos amarelos e rodeada por delicadas rosas de várias cores. Meu rosto estava na pintura mirando algo além das flores, como se olhasse para seu observador. E esse olhar denunciava o quanto ele era especial.

Aproximei-me com a mão erguida para tocar a imagem.

— Nunca esqueci o modo como você olhou para mim naquele dia — uma voz falou às minhas costas.

Virei-me devagar e lá estava ele, parado junto à porta agora fechada. Ficamos nos olhando por minutos, sem nada a dizer. Não havia necessidade.

— Laura... — ele sussurrou.

Aproximei o corpo e coloquei a ponta dos dedos em seus lábios.

— Não precisa falar nada — respondi no mesmo tom.

O hálito dele tocou meus dedos. Aspirei o perfume mais de perto, o aroma dos seus cabelos, que vinha da pele. Olhei as profundezas de seus olhos vermelhos e uma profunda paz me tomou, como se finalmente estivesse em comunhão com outra parte de mim. Eram os olhos do homem que eu amava e que continuaria amando até o fim dos meus tempos. Por toda a eternidade. Sua mão pousou de leve no meu rosto, ajustando os dedos entre os meus cabelos. Com a outra mão enlaçou minha cintura gentilmente. Colei meu corpo ao dele, enrolando meus braços em seu pescoço, sentindo nossa respiração.

Seus lábios pousaram suaves em minhas pálpebras, desceram pelo rosto, contornando-o, e encontraram a minha boca. Moveram-se gentis e delicados, acariciando, experimentando, buscando com a ponta da língua seus contornos.

A sensação... Deus... Era muito maior do que eu esperava, porque a experimentava com sentidos novos, ampliando-os ao máximo. O amor é instinto e os meus estavam renovados. Abri a boca e seus lábios abriram-se também. O gosto era inebriante, o beijo ficando mais ardente. As carícias se multiplicaram e eu me desfazia a cada toque. Gemi e seus braços me levantaram do chão.

E então estávamos sobre a cama. Não sei como nem quando, mas nos livramos das roupas. Sua boca soltou-se da minha e percorreu as curvas do meu ombro, meu pescoço, sem pressa, saboreando, explorando. Passou pelo meu queixo e desceu, repousando por um momento em meus seios. Minhas mãos grudaram-se em seus cabelos com força; o cheiro do desejo dele estava em cada milímetro da pele, o gosto em minha língua. Tão forte era esse aroma que encharcava o quarto, espalhando-se pelo ar em vibrações. Meu cheiro misturou-se ao dele e estremeci de prazer. Sua boca procurou a minha novamente, desta vez com fome, e o corpo firme colou-se ao meu.

Éramos um só. Sempre fomos, desde o princípio, e aquela verdade marcou minha alma naquele momento.

Do lado de fora, uma coruja piava, protegida pelo manto da noite que apenas começava dentro do quarto.



A lua brilhava pela janela. A brisa da madrugada balançava as cortinas. Aninhados, nossas mãos continuavam a se explorar, tocando-se, passeando pela pele um do outro. Carícias que não se cansavam, que não tinham fim. E eu não queria que tivessem. Ele moveu meu cabelo do rosto para me ver melhor, apoiando o queixo na

mão. Seu sorriso parecia iluminar a noite, já tão clara pelo luar. Então riu. Um riso de alívio.

— Que foi? — sorri também.

Sentia-me tão viva.

— Quando cheguei e percebi seu cheiro, eu tinha um discurso preparado há semanas para aquela ocasião, se ela acontecesse ou eu tivesse que provocá-la — sua risada era agradável de ouvir, tão relaxada. — Mas você me pegou de surpresa, nem me deu chance de começá-lo.

— Agi mal? — perguntei inocentemente.

— Não, de maneira alguma — ele estava radiante. — Estou aliviado, sempre fui péssimo para discursar. Só Deus sabe o quanto sofri para conseguir me declarar na ponte de Clifton. Hoje provavelmente você teria desistido de mim logo nas primeiras guaguejadas. Clementine é a estrela dos púlpitos, eu sempre fiquei nos bastidores. Sei quando é melhor calar a boca.

Dei risada. Suas mãos ainda se moviam em mim e o toque provocava outras sensações.

— Naquela tarde, na ponte, o senhor se saiu muito bem. Afinal, conquistou a donzela, *mon Chevalier* — ele riu. — Mas agora me deixou curiosa — decidi provocá-lo, passando os lábios pelo seu pescoço —, o que ia me dizer?

— Hummmmm — ele tentava recuperar o raciocínio e era óbvio que tinha dificuldades. — A maior parte eu esqueci, confesso — suas mãos acariciaram minhas costas. — O principal era sobre o quanto eu a amo, amo, amo, amo... — me beijou, repetindo a palavra sem cessar. Eu me afoguei em risos e beijos. — Mas também algo sobre o fato de que eu não aguentava mais passar um dia depois do outro vendo você, falando com você e não podendo tocá-la. Lembrava-me do seu beijo, do gosto dele, da maciez da sua pele — passou a ponta dos dedos pelo meu colo, descendo-os pela curva dos seios. — Não suportava mais a distância e odiava pensar que estava com raiva de mim. Desejava ter você comigo, assim. Se houvesse uma forma, gostaria que pudéssemos ficar ainda mais juntos... — sua mão percorria meus ombros, descendo pela cintura.

Soltei um gemido baixo e ele me puxou para cima do corpo. Meus cabelos se esparramaram e ele os afastou.

— Eu adoro você, Laura — a voz era ardente e rouca de paixão.
— Eu te amo. Nunca duvide disso. Vou estar sempre com você. Sempre — tentei dizer que o amava também, mas sua boca cobriu a minha.

O vento da madrugada soprava sobre nós.



Quando os primeiros raios de sol anunciaram o dia, olhei a transformação de seus olhos e sorri.

— Bom dia — falei preguiçosamente.

— Eu prefiro continuar com a noite, se não se importa — disse, dando-me um beijo.

— De forma alguma — falei entre seus lábios.

Ficamos nos beijando por minutos incontáveis. Descansei a cabeça em seu peito, sentindo que aquela era minha casa. A sonolência tomava conta de mim. *Fruto do dia*. Desde a minha transformação, meus períodos de sono eram curtos, agitados e diurnos, apenas o suficiente para descansar a mente. Como todas as criaturas da noite faziam. Nunca dormira mais do que duas ou três horas por dia e os efeitos da noite de amor amoleciam meus músculos. Uma sensação muito boa.

— Laura? Você dormiu? — ele perguntou baixinho.

Espantei o sono.

— Quase. Por quê?

Ele hesitou.

— Eu queria falar umas coisas.

Levantei a cabeça para olhá-lo. Parecia ser importante.

— O quê?

Num movimento lento ele sentou-se, fazendo-me sentar também. Tomou as minhas mãos e ficou segurando-as, fitando meus dedos.

— Quando você disse na sala branca que conhecia Jarvis Poincello, eu entendi que não me contou tudo na ponte naquele dia.

Não... — seu gesto calou meu pedido de desculpas. —... Não a estou censurando. Quem sou eu para fazer isso? — sacudiu a cabeça em desânimo. — Compreendi quais eram os seus receios. Você não sabia sobre esse tipo de mundo, nossa existência, nada. Seria natural achar que tudo era bobagem, loucura e não levar a sério. Por isso não quis se abrir comigo.

Ele sorriu e enrolou os dedos nos cachos do meu cabelo.

— Mas eu também não fui sincero sobre aquele dia — ele falou com o tom triste. — Nem honesto com muitas outras coisas e acho que preciso me desculpar e explicar.

— Se está falando sobre o fato de quase ter me hipnotizado, eu já sabia disso.

— Sabia? — ele franzia a testa.

Acenei com a cabeça.

— No treinamento, com Morgana e Shiloh, lembrei-me que você tentou fazer aquilo comigo. A sensação era a mesma que experimentei na ponte — virei um pouco o rosto. — Mas não foi até o final. Por quê?

Seu suspiro foi profundo e o olhar era melancólico.

— Eu já escondia coisas demais. Passei os últimos meses pensando em como iria contar toda a verdade sem assustá-la, sem afastá-la de mim, e não queria ter mais isso para incluir na lista — apertou as minhas mãos e beijou-as. — Só tentei aquilo porque vi que estava angustiada e se sentia culpada por algo que não era sua responsabilidade. Queria poupá-la do sofrimento e equivocadamente achei que fosse a melhor forma — abaixou a cabeça. — Mas não poderia fazer aquilo. Não com você. Nunca! — afirmou e me beijou com força. — Não queria mais culpas, além das que carregava.

Beijei seus lábios e seu rosto angustiado de dor.

— Tudo bem, eu entendo. Mas você não tinha como saber de nada, Robert. Eu escondi tudo, guardei o assunto por medo de me acharem uma demente. Não foi sua culpa o que me aconteceu.

Robert meneou a cabeça, desanimado.

— Sim. Foi sim.

Olhei-o surpresa, sem entender.

— Naquela noite, na exposição — buscou dar às palavras certa firmeza, como se sentisse medo do que diria — os olhos que você viu nos arbustos... — engoliu o ar. —... Não eram do vampiro que a atacou... Aquele era eu, foi a mim que viu — as palavras saíram devagar.

Abri a boca e meus olhos se arregalaram.

— Eu acompanhei Clem à exposição, mas durante o evento um rastro apareceu e tive que sair — suas mãos se crisparam. — Recebemos uma mensagem de Josh, e Clem me pediu que verificasse, ela ainda estava presa com as autoridades. Fiquei vigiando o museu do lado de fora. Houve um momento em que peguei o cheiro do vampiro e chamei os outros. Seria relativamente fácil para mim detê-lo até que Josh e os demais chegassem, mas você apareceu na entrada e não tive coragem de sair de lá — confessou. — Tive medo de que alguma coisa lhe acontecesse e fiquei vigiando dos arbustos. Por um momento, cheguei perto demais. Foi quando você me viu e saiu correndo...

—... E você deu a volta para me encontrar por acidente — concluí. Ele concordou.

— Por causa da minha hesitação, o vampiro conseguiu escapar e matou aquela garota nos becos próximos. Clementine quase arrancou meus olhos naquele dia — seus olhos brilharam de fúria. — Mas não poderia deixá-la sozinha, Laura. *Ele* estava por lá. Eu... simplesmente não conseguiria cumprir com meu dever se isso significasse que você ficaria exposta a algum perigo. Então fiquei para protegê-la — seu semblante ficou carregado. — Mas depois ele voltou, e atacou Kate. E quase matou você, a coisa mais preciosa da minha vida... Tudo porque titubeei naquela noite!

Ele sufocava ao falar. Abraçou-me, afundando o rosto em meus cabelos, tremendo.

— Laura, desde a primeira vez que a vi, sabia que não seria diferente. Eu sempre sentiria esse amor e qualquer coisa que lhe acontecesse acabaria comigo. Quando pus meus olhos em você, a gravidade do meu mundo se inverteu e tudo passou a girar ao seu redor.

Engoli em seco.

— Eu me lembro.

— Você se lembra? — ele pareceu confuso.

— Como poderia me esquecer? — retruquei. Era impossível apagar da memória a intensidade da luz que me atingiu. — O jeito como me olhou na exposição — abaixei o rosto —, achei que fosse derreter meus ossos.

Ele colocou as mãos no meu rosto e me fitou.

— Aquela não foi a primeira vez em que a vi, Laura.

A confusão deve ter se estampado em meu olhar, porque uma ruga apareceu na testa dele.

— Há dois anos — explicou devagar —, fui ao Brasil visitar Solomon, pois tínhamos assuntos a tratar. Clem me pediu que aproveitasse a viagem e fosse a São Paulo — sua expressão mudou. — Ela teria ido pessoalmente, mas estava em Amsterdã negociando com o museu Van Gogh.

Eu o ouvia, incrédula.

— Clem queria que eu assistisse à defesa de mestrado de uma museóloga brasileira que o museu tinha interesse em contratar. Alguns artigos dela tinham sido publicados no exterior e parecia ser uma funcionária de carreira muito promissora — ele sorriu. — Eu precisava ir embora logo, mas fiz esse favor a ela.

Silêncio. Minha respiração era alta.

— E perdi meu fôlego quando vi você — admitiu num sussurro.

Uma mistura de sensações me dominou naquela hora. Lisonja com indignação eram as principais.

— Você fez Clem me contratar? — minha voz soava ultrajada.

— Não! Eu juro! — respondeu impetuosamente. — Ela já faria isso, só estava esperando a autorização da diretoria para lhe fazer o convite. Sua tese estava com ela, não me pergunte como, e era apenas uma questão administrativa e burocrática. Eu apenas fui dar uma olhada como ela me pediu.

Algo em sua voz era sincero e não tive motivos para duvidar. Robert fechou os olhos.

— E a partir daquele dia não tive mais paz — desabafou num suspiro. — Quando se levantou naquele auditório, entendi por que nada do que vivi antes, em minha vida humana ou imortal, tinha feito

sentido. Segui todos os seus gestos, seus olhares. Aspirava seu perfume e ouvia o som da sua voz como um cego que enxergasse finalmente a luz. Caminhei pela universidade toda observando você discretamente, e resisti à tentação de segui-la até sua casa. Pensei num monte de desculpas para me apresentar, mas o que eu faria depois? Tinha de voltar para a Inglaterra e sua vida era lá, no Brasil.

Minha garganta estava apertada. *Não percebi nada naquele dia!*

— Assim que retornei, Clem me perguntou sobre a sua apresentação. Fui o mais superficial que pude e sugeri que ela assistisse pela internet — falou. — Não podia influenciar a decisão dela, apesar de desejar isso com desespero. Também não queria deixar transparecer meu interesse para os outros. Eles seriam céticos e não concordariam — seus olhos fitaram a janela. — Foi um longo ano para mim até o museu liberar sua contratação. E ainda tive que esperar alguns meses para que você chegasse.

Eu estava atônita com tantas revelações.

— Depois que estava estabelecida, percebi que tinha um problema ainda maior — sorriu tristemente. — Não sabia como iria me aproximar de você. Havia tantos impedimentos, tanto a temer e esconder — acariciou minhas mãos. — Resolvi acompanhar Clem à exposição e fui ruminando uma forma de tentar me apresentar, de chamar sua atenção. Logo eu, que já enfrentei tantos guerreiros em armas, passei por guerras e emboscadas, não conseguia sequer chegar perto de você — riu. — Quando a vi no salão, Deus, seus olhos me hipnotizaram! Você estava linda! Um sonho! — suspirou antes de continuar. — Juntei toda a minha coragem naquele momento — seu rosto se contraiu —, mas aí o inimigo apareceu e tive que sair.

Minha cabeça refazia mentalmente os pequenos quadros daquela noite. Robert levantou minhas mãos e as beijou. O contato queimou minha pele.

— Depois... Tudo nos levou a esse momento — apontou para nossos corpos naquela cama.

Eu não conseguia achar palavras para falar. O insólito do que ele me contara paralisou minha língua. Ele me amava muito antes que eu o conhecesse ou sequer soubesse que existia. Esperou que eu viesse, guardou distância, protegeu-me, pensou em como chegaria

até mim e sofreu com isso, mas nunca deixou de me amar. Lembrei-me da tarde em que vi sua foto no jornal, ao lado de Clementine; do quanto desejei ver seu rosto com clareza, e do pânico mudo que me dominou no museu ao olhar para seus olhos.

Os olhos que pareciam desvendar minha alma, que a conheciam melhor do que qualquer um jamais conseguiu. Processava aquelas coisas, fazendo conexões e juntando as partes que finalmente se encaixavam na história, preenchendo as lacunas. Algo em meu interior se agitou como vinho em um cálice, sacudiu e transbordou pelas bordas. Sentia-me inundada, em embriaguez. Ao voltar meus olhos para seu rosto, sabia que só poderia dizer uma coisa:

— Eu te amo, Robert Fevré — beijei seus lábios. — Nunca se esqueça disso. Eu te amo agora e para sempre. Sempre vou estar com você.

— E eu com você — falou, grudando sua boca na minha.

Quando me libertou para respirar, sussurrou um trecho do poema de Borneilh:

— *“Assim, pelos olhos, o amor atinge o coração: pois os olhos são os espiões do coração. Os olhos o fazem florescer: o coração o amadurece: Amor, fruto da semente pelos três plantada.”*

Nossas bocas se uniram novamente. E se fez noite em plena luz do dia.

Ravena — Itália — Julho

A luz do quarto era fraca, vinda das velas que se espalhavam pelo ambiente. Meus olhos já haviam se ajustado à pouca luminosidade e devoravam, com avidez, a forma pálida, esguia e nua envolta numa chuva de cabelos louros emoldurando o rosto e os seios perfeitos. Ela estava em pé, imóvel aos pés da cama, observando-me com seus olhos vermelhos felinos. Deitado no leito, eu a admirava, saboreava, sentindo a excitação aumentar e ficar visível em meu corpo. Ela moveu-se sinuosa, segurando o dossel com uma das mãos e

dobrando a cabeça para o lado, balançando-se como uma serpente divina. Uma fêmea perigosa, indomável, letal!

Suspirei gemendo; a pulsação aumentava, tornando-se latente e dolorosa.

— Pensei que não gostasse de misturar negócios com prazer, Avelar — ela disse, vindo devagar para a cama, arrastando-se sobre ela com os joelhos.

— Já falamos de negócios, Maia. Venha cá...

Ela se esquivou ao meu toque, ronronando faceira. Entrei em seu jogo de pega-pega, buscando alcançá-la. Com agilidade, ela ia de um extremo ao outro, suas unhas ora deslizando pelo lençol ora tocando minha pele em chamas. Rolava o corpo esguio, os seios fartos apontando para o alto, esticando pernas e braços em poses deliciosas. Quando estava propositalmente mais próxima, puxei-a sobre mim. Apertei sua cintura, e suas pernas prenderam-se ao lado dos meus quadris. Uma súcubo deliciosa, sim...

— Ah, tão quente... — ela gemeu em meus ouvidos e seu corpo frio roçou no meu, provocando, aproximando e se esquivando.

Minhas mãos subiram e se fecharam em seus seios. Senti a rigidez dos mamilos, ouvi o arfar sensual, a boca aberta procurou a minha, a língua explorando cada parte. Maia me lambia avidamente, percorrendo dobras sensíveis. Levou os lábios ao meu pescoço. Meus músculos reagiram com um espasmo assim que ela projetou os dentes, roçando-os levemente na pele do local. Minha virilha ardia em satisfação.

— Tão delicioso... — ela murmurou excitada. — Você dá água na boca... — as presas expostas provocaram um arranhão minúsculo, e sua língua provou do meu gosto que escorria em gotas vermelhas.

Girei o corpo rapidamente, ficando por cima dela, penetrei-a e impus o ritmo. Ela gemia alto e mais alto enquanto os movimentos cresciam. Não tive cuidados nem controle, estocava com sanha e desejo. Agarrei-a pelo pescoço, vendo-a expor os dentes, mostrando-me o limite entre vida e morte que tanto me excitava na palma de minhas mãos. Meu sangue estava em seus lábios, brilhando como rubis pequenos. Lambi a boca feita para matar e amar. Ela se

retorcia, lutando para manter o controle e saborear a paixão. Nossa fúria na cama poderia provocar um terremoto.

Contorcíamos-nos como animais em cio feroz. Ela gemia e gritava, arranhando minhas costas, falando frases obscenas, movendo os quadris de tal forma alucinada e apertando as pernas. Minha excitação beirava a loucura e a segurei com força ao final, dobrando meu corpo para trás. Ela se abandonava e cedia a espasmos. Nossa respiração era entrecortada.

— Maia — murmurei, minhas mãos acariciando seus seios, tocando os bicos eriçados.

Ela ainda gemia, as pupilas vermelhas e dilatadas. Tornou a enroscar as pernas, puxando meu quadril. Queria mais e meu corpo respondeu na hora.

— Ainda bem que já falamos de negócios, Avelar — sussurrou com a voz de felina. — Agora, o prazer é todo nosso.

Remexeu-se, guiando-me para mais perto. Uma súcubo sedenta de prazer e morte...

Bristol — Inglaterra — Agosto

Encontrei Carlo, como de costume, dependurado em seu local predileto de leitura.

— Acho que algum dia vou experimentar esse seu jeito peculiar de ler — comentei.

— Você devia, Laura. Dizem que o sangue circula melhor pelo cérebro — sorriu e saltou à minha frente, colocando o livro sobre a mesa.

— *Divina Comédia*? — Dante, muito apropriado.

— Alighieri é um de meus favoritos! Sabia que graças a sua obra os conceitos de Céu e Inferno, como os cristãos os veem, tornaram-se populares? Antes tínhamos uma visão abstrata, Dante nos deu algo mais concreto.

Passei os dedos pela capa de couro do livro escrito em italiano arcaico. Céu e Inferno, o que isso representaria agora?

— Você é cristã, Laura? — Carlo perguntou de súbito, como se algo em minha expressão o tivesse intrigado.

— Não sei mais — admiti com sinceridade. — Minha avó era devota e me ensinou alguma coisa. Agora não sei em que acreditar.

Carlo balançou a cabeça em compreensão.

— Eu era profundamente cristão — disse e colocou o livro na estante. — Seguia os mandamentos, ia às missas, ficava espelhando a liturgia com meus lábios durante toda a pregação. Fui criado assim — seu olhar perdeu-se por um momento. — Sinto falta de ouvir a missa, às vezes.

Que conversa mais estranha.

— Quando me transformei, sabe qual foi meu primeiro pensamento racional? — ele continuou num tom despreocupado.

— Que havia virado um demônio? — sabia que o conceito de quem vivia na Idade Média era esse.

— Foi — admitiu. — Passei anos transtornado com tal ideia. Por sorte, tive Solomon para me ensinar — sorriu para mim. — Ele viveu num tempo em que havia muitos deuses e deusas e conheceu a raiz da crença judaico-cristã, acompanhou seu nascimento e crescimento e o quanto das religiões pagãs sobrevivera dentro dela. Foi ele quem me contou as origens dos mitos sobre demônios e deuses e da crença em um único Deus, o meu Deus cristão. Antes de ele me explicar isso tudo, eu achava que estava amaldiçoado pela eternidade.

— E agora não pensa mais? — sua questão mexeu com minha curiosidade. Seria eu um demônio também?

Ele me olhou nos olhos e sorriu abertamente, dando de ombros.

— Se somos amaldiçoados? Não sei. Pertencemos ao Céu ou ao Inferno? Os seres humanos têm esse mesmo privilégio da dúvida — sua voz assumiu um tom de ensinamento. — Creio que nosso julgamento final depende daquilo que fazemos com o que nos foi dado. Se merecermos as glórias do Paraíso ou as chamas das Profundezas, como poderemos saber? Afinal, qual espécie já voltou da morte para nos contar o que nos aguarda?

Contra esse argumento, eu não saberia o que responder. Tinha certa lógica e, como ele mesmo afirmou, o benefício da dúvida era

um privilégio de muitos.

— A religião se parece muito com os sistemas de *softwares* para computadores — ele falava. — Um determinado programa só funcionará se você possuir o conjunto certo de instruções para executá-lo. Se tentar usar os códigos de um sistema em outro, a coisa simplesmente não vai acontecer — sorriu. — Acho que é preciso entender que cada religião ou crença é como um programa, e possui um código próprio para acessá-las.

— “*A religião é uma defesa contra a experiência de Deus*” — citei Jung.

Carlo balançou a cabeça. Era fácil conversar com ele quando se tratava de assuntos teóricos.

— Bom, creio que não deve ter vindo aqui para me ouvir discutir teologia — ele falou, olhando para o envelope que trazia.

— Não. Vim lhe pedir um favor — minhas mãos apertaram o papel pardo.

— E o que é? — sua voz era calma.

— Daqui a duas semanas iremos ao Conselho — as palavras tremeram um pouco ao sair. — Sejam honestos: não há possibilidade de saber o que realmente pode acontecer lá. Por isso, caso alguma coisa dê errado, queria que entregasse isto à minha filha — passei-lhe o envelope.

— Posso?

— Claro — confirmei.

Ele o abriu e rapidamente passou os olhos pelo testamento que fiz. Depois me encarou, sem nenhuma censura no semblante.

— Preciso que entregue isso a ela e procure as pessoas que mencionei: Jeanete e David Carter. Para serem seus tutores até a maioridade.

Carlo suspirou.

— Não posso dizer que está errada, mas espero sinceramente que isso não seja necessário — guardou o envelope numa pasta. — Mas, me diga: por que não pediu a Clem ou a Robert?

— Pelo motivo óbvio, não acha? — olhei para a pasta. — Nenhum deles concordaria com a minha decisão sem questioná-la, e também não quero que se preocupem mais. É minha responsabilidade zelar

pelo bem-estar de Cínthia... Por isso, deixo a você esse último pedido.

Carlo colocou as mãos em meus ombros, os olhos castanhos tristes nos meus.

— Farei o que me pede e não se preocupe mais com isso. Apenas concentre-se em me impedir de tomar essa atitude, está bem?

E me deu um beijo na testa.



Três dias sem o soro. Resultados: minha garganta contraída, espasmos no estômago, agitação e uma sede terrível! Mas aquilo era necessário. Teria de provar aos outros, e principalmente a mim mesma, que poderia me controlar, que não era um perigo. Estar pronta para convencer os membros da Ordem a me manterem viva. E para voltar a ter uma vida relativamente normal, o que significaria retornar para casa, para minha filha, e ver meus amigos. E o único obstáculo que precisava superar era também o mais difícil: não atacar um ser humano para beber seu sangue. Não ceder à tentação, mesmo nas piores circunstâncias. Se eu não conseguisse fazer isso naquela noite, então minhas chances estariam acabadas.

O carro parou em frente a um clube noturno na *Broad Street*. Estava com muito medo e tentei afastar esse sentimento. O medo era irracional e eu tinha de procurar pela sanidade para vencer.

— Aqui você fica — Clem falou. Robert apertou minha mão e me beijou, seu olhar preocupado. — Nós estaremos por perto, de vigília. Caso alguma coisa dê errado, vamos tirá-la daqui rápido — ela estava tensa.

— Você consegue — Robert incentivou. — Embora a comparação seja injusta, é como estar com fome e resistir à comida humana. Todo mundo já fez isso na vida. Mantenha o foco, ok?

— Certo — tentei aparentar calma. Não sei se enganei alguém.

Abri a porta e saltei do carro. Ele se foi para a escuridão das ruas adjacentes, deixando-me entre as luzes das casas noturnas. O ar era

úmido. A brisa soprava e trazia com ela uma variedade de cheiros: bebidas, cigarro, comida, animais de rua, ratos, bueiros, a chuva que caíra à tarde. Mas havia também outro odor, muito mais poderoso e instigador: sangue. Correndo pelas veias das pessoas que passavam no quarteirão, seus batimentos cardíacos altos em meus ouvidos. Era como estar dentro de uma caixa acústica, os sons amplificados tremendo as estruturas. Nesse caso, fazendo meus instintos tremerem e vacilarem.

Caminhei na direção oposta à maioria dos odores. Contornei uma esquina, nada movimentada, onde o vento fazia rodopiar as folhas de papel espalhadas pelo chão. De onde estava, ouvia a pulsação frenética e o resfolegar baixo e cadenciado de um homem enquanto se satisfazia num dos becos com uma mulher. Em outros tempos, imaginaria histórias sobre eles: se seriam namorados fortuitos e excitados ou um cliente e uma prostituta. Bristol ainda conservava certas características peculiares dessas profissionais, entre elas o hábito de atender fregueses nas ruas. Mas fiquei incapaz de pensar, intoxicada pelo sangue quente e cheio de adrenalina que fazia minha boca secar e as narinas inflarem.

Por instinto, fui atrás do cheiro sufocante, embriagador, delicioso. Minhas botas mal tocavam o chão e o maxilar se distendia automaticamente, as presas buscando liberdade entre meus lábios. Tentava lembrar quem eu era, juntando pedaços em minha cabeça, mas o odor impedia o raciocínio. Nublava e entorpecia a vontade. E me dava fome. Os sons ficaram mais altos e o desenho das sombras do casal apareceu, projetado pela iluminação dos postes contra os muros, alongando suas silhuetas em coito.

Saltei sobre um *container* de lixo fechado, dobrando o corpo, as pupilas dilatadas clareando o cenário como se um holofote potente caísse sobre o local. Não estava pensando mais; pensar não fazia parte daquilo que eu era agora: uma predadora. Por alguns instantes, percebi contornos escuros me olhando do alto das marquises. Seriam eles, com certeza. Uma revolta muda cresceu dentro de mim, e um silvo baixo de aviso insinuou-se entre meus lábios. Se eles queriam me deter, haveria muita luta. Não abriria mão daquela caçada, os

humanos eram meus! E preparei o salto que determinaria os rumos da noite.

Um abençoado vento forte soprou naquele momento e ouvi a mente gritando palavras de aviso estranguladas pelos instintos. Vaguei para longe dali, pulando *containers*, dependurando-me em postes, correndo para outro quarteirão. Finquei meus dedos nos tijolos de uma parede até esfarelá-los e respirei larga e profundamente para me acalmar, tentando aliviar a opressão que sentia na garganta. Recolhi as presas, cerrei a boca.

Havia passado por um obstáculo, mas apenas graças ao vento. Precisava de algo mais forte que aquilo, um desafio que me testasse de verdade, que provasse que não era um animal, um monstro. Que me fizesse digna de minha filha. Depois de muito hesitar, voltei a caminhar. Os cheiros incomodavam. Minha imaginação se acelerou e podia-me ver rompendo artérias e veias e saboreando o gosto. Lembrei-me do sonho da estufa e o êxtase que aquele sabor provocara. *Como deve ser bom na realidade!* O baque daquela constatação me fez grudar à parede, ofegante. *Diabos, será que não estou pronta?* Perguntas e mais perguntas cresceram com a rapidez de pragas daninhas e meu cérebro ficou cheio delas, atormentando-me em dúvidas.

Horas já haviam se passado sem que eu conseguisse me mover dali. Estava indecisa sobre continuar ou recuar, se enfrentaria os obstáculos abertamente ou ficaria entre as sombras da segurança até o amanhecer. Mas dizem que decisões, às vezes, escapam de nossas mãos ou nos são mostradas nos momentos mais críticos.

O ruído abafado me apresentou a uma delas: sons de pés correndo e alguém agonizando. Pulei para o alto do telhado e encarei a cena: um homem tinha sido esfaqueado e o agressor fugira, deixando para trás a vítima ensanguentada. Meu primeiro pensamento fora o de ajudar e desci. Fiquei em pé, próxima do homem, minha mão tocando o celular no bolso da calça, mas o cheiro da ferida aberta me entorpeceu no mesmo instante. O jorro vermelho brotava do abdômen da vítima, manchando a camisa branca, escapando pelas mãos que inutilmente ele usava para tentar estancar o ferimento.

Minhas pupilas se dilataram. Sabia que meu olhar seria terrível e apavoraria o humano. O maxilar deu um tranco, as presas vieram. Cada passo que dava em direção ao homem selava meu destino. Eu era uma predadora e ali poderia satisfazer minhas necessidades. Tudo o que eu queria estava lá, brotando num rio viscoso e perfumado que dava água na boca. Só precisava me abaixar e terminar com aquilo.

E foi o que fiz.

O homem estava desorientado, a cabeça virada para o lado oposto. Respirei profundamente e o cheiro me preencheu. Arqueei o corpo, torcendo o tronco, farejando devagar. Sombras correram nos telhados acima de mim. Eu teria de ser rápida. Abri a boca.

O homem sentiu minha presença e virou-se. A visão que tive dele me paralisou por completo. Seus olhos eram brancos e fitavam além de mim, ao seu lado jazia uma bengala negra retrátil, quebrada, e óculos escuros despedaçados. Era cego!

— Por favor, me ajude — ele sussurrou. — Não quero morrer.

A frase operou uma mágica, meu cérebro recuperou o controle de imediato. O homem estava com o rosto contorcido de dor e, tateando, segurou minha mão. Prendi a respiração, bloqueando o fluxo do cheiro. Não havia mais sangue, fome ou torpor. Eu não era uma predadora, era uma mulher e precisava socorrer uma pessoa que pedira ajuda. Que estava morrendo. Peguei o celular e disquei o número de emergência. Segurei a cabeça dele em meu colo para ajudá-lo a respirar e pressionei o ferimento. Quando inalei novamente, o cheiro me inundou. Finquei os dedos de uma das mãos no asfalto, cravando-os por vários centímetros adentro, e segurei o fôlego. *Isso não vai me derrotar. Posso ser mais forte, posso lutar.* E lutei.

As sirenes se aproximaram e os paramédicos apareceram. Eu estava no telhado, observando os primeiros socorros. *Consegui! Exultava. Não falhei. Não matei ninguém, não era uma assassina, e ainda ajudei a salvar uma vida!* Todos os esforços, os treinos, deram resultado. O ar limpo da noite expulsava os medos para longe. Olhei ao redor, procurando pelas silhuetas dos outros, e, de repente, uma frase explodiu em minha cabeça: *Consegui! Vejam, eu consegui!*

Segundo depois eles estavam lá, me olhando. Clem e Robert se aproximaram.

— Consegui! Vocês viram? Fui mais forte, resisti!

— Nós sabemos — Clem falou com um sorriso no rosto. — Vimos, mas você também nos avisou.

Olhei-a sem entender.

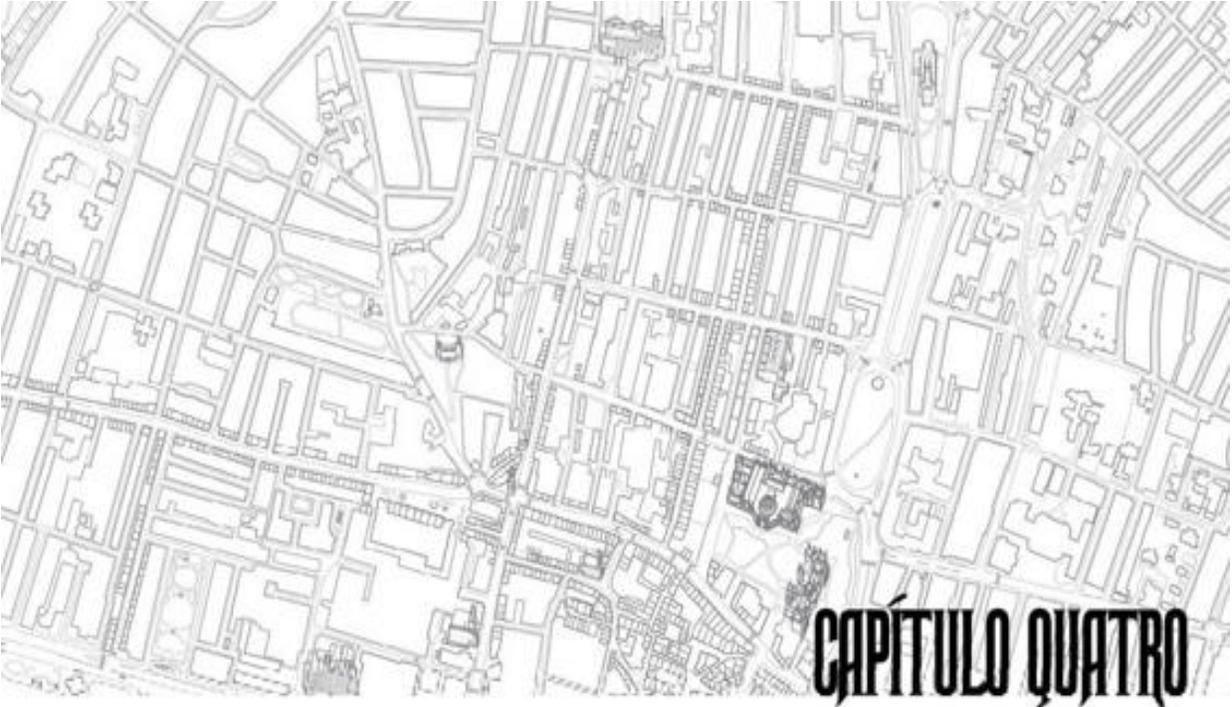
— Avisei?

Robert me abraçou num ímpeto.

— Sim. No momento em que pensou: *Consegui! Vejam, eu consegui!*, sua mensagem mental cruzou nossa cabeça — sorria abertamente. — Laura, você nos comunicou em pensamento, fez a conexão. Sua mente se abriu para o grupo.

Observei cada uma de suas feições. Sim, aquele era *meu* grupo. Eu era uma vampira que pertencia ao clã dos Fevré.

[11. Campanhas brancas](#) – Sistema de guerrilhas organizadas por Bertrand Du Guesclin, cavaleiro do exército real, durante o reinado de Carlos V, na França, entre 1364 e 1380. As campanhas brancas foram fundamentais para a retomada de territórios franceses meridionais sob domínio inglês.



Livro Dois – Capítulo Quatro

Planície de Salisbury – Sul da Inglaterra – Setembro

O carro parou à beira da estrada, a alguns metros de onde ficava a trilha que conduzia a Stonehenge. Atrás de nós, outros dois carros fizeram o mesmo. Estava escuro e o vento soprava. Não havia lua e as estrelas eram brilhantes. Desci do carro juntamente com Robert, Clementine e Carlo. A poucos passos estavam Morgana, Josh e Eric. A família de Solomon apareceu logo depois.

— Vamos por aqui — Clementine indicou o caminho.

Seguimos pela trilha caminhando com passos normais. Ninguém parecia ter pressa de chegar. Cerca de duzentos metros depois, entramos numa segunda trilha, bem menor que a primeira e certamente pouco visível para olhos humanos, que apontava para outra direção. Não fazia ideia de para onde íamos, apenas sabia que na região ficava uma das muitas salas do Conselho da Ordem e que

fora solicitada pelo clã da Inglaterra. Se a reunião seria no Stonehenge, para mim era uma grande surpresa.

Assim que pensei nessa hipótese, a estrutura megalítica se projetou alguns metros a nossa frente. A escuridão não atrapalhava minha visão e não pude deixar de admirar uma cultura capaz de uma obra de tamanhas proporções e com tão poucos recursos. O círculo de pedras era aberto à visita com horários agendados, guias turísticos especializados e acesso restrito ao lado de fora, para sua preservação — com exceções apenas algumas vezes por ano, especialmente no solstício de verão e inverno —, e era fortemente vigiado pelos departamentos de fiscalização do Instituto de Patrimônio Inglês e do [National Trust](#)¹².

O peso de sua idade era esmagador sobre mim, mas minha análise durou pouco. Ao contornarmos a construção, percebi a abertura, muito sutil, encravada na rocha sólida que brotava do chão. Passaria despercebida por qualquer visitante. Clementine se adiantou pela fenda e Carlo a seguiu. Robert deu passagem para a família de Solomon e depois disse para os demais:

— Esperem aqui.

Eles acenaram com a cabeça, mas Eric pegou minha mão.

— Boa sorte, Laura — ele tentou se mostrar confiante, mas a voz estava angustiada.

Dei um sorriso fraco.

— Cuide bem de minha menina — apertei sua mão.

Percebi a lágrima cristalina nos olhos dele. Senti a mão de Robert na minha.

— Vamos.

Entramos pela brecha escura. Um corredor estreito, cavado na rocha, estendia-se por metros à nossa frente com um declive acentuado. Era úmido e escorregadio devido ao limo acumulado. Podia-se ver a marca dos cinzeis e ferramentas utilizados nas paredes. Foi uma descida de pouco mais de dez metros e o corredor, de repente, abriu-se. O declive desapareceu. Passamos a andar em linha reta por um túnel largo no subsolo, as paredes revestidas de tijolos de pedra, com tochas iluminando o caminho. O teto era côncavo e o chão recoberto por ladrilhos.

Quando alcançamos o restante do grupo, nos deparamos com uma imensa porta de ferro. Só o ferrolho tinha a largura de um braço humano e uma aldrava em forma de gárgula mostrava suas garras. Clementine tocou a aldrava, batendo-a três vezes. Algo retumbou de dentro também três vezes e Carlo puxou o ferrolho, empurrando a pesada porta com facilidade. Ao passarmos pelo batente, caminhei pelo interior requintado de uma grande sala circular de teto abobadado, talhada com blocos de pedras de encaixe perfeito e sinuosos arcos com nervuras de sustentação no alto.

Havia mais duas portas semelhantes à primeira em cantos opostos, formando um trio de saídas e entradas como um triângulo inserido num círculo. A sala era bem iluminada com luz elétrica que provinha de um lustre de cristais no centro do teto e arandelas espalhadas pelas paredes. Havia todo tipo de armas brancas antigas expostas, os cantos eram decorados com flâmulas douradas e vermelhas que exibiam o brasão ornamentado da Ordem: o cravo vermelho rodeado por cinco estrelas bordadas num emblema em forma de *U*, sobre um fundo branco.

Como Carlo me dissera, a flor era uma representação simbólica dos cravos usados na crucificação de Jesus Cristo, e as estrelas eram os cinco estigmas que sofreu pela humanidade. Acima do emblema, uma inscrição: *Ultima Ratum Rerum*. Na Idade Média tudo girava em torno da religião, e não era surpresa tais símbolos metafóricos significativos. O emblema da Ordem também decorava o círculo central no chão, num belo mosaico vermelho e dourado. Cadeiras de madeira com encosto alto estavam arranjadas em plataformas de mármore polido. Cada uma das nove cadeiras tinha um ocupante, trajando longas túnicas púrpuras com o brasão da Ordem e capuzes bordados com fios dourados. Ao lado das cadeiras, homens em pé, com túnicas brancas e capuzes também bordados, montavam guarda.

Os mestiços da Ordem. Com certeza haveria mais deles atrás das portas, esperando. Inspirei o odor de humanos e não humanos. Fomos para o centro do círculo. Sentia-me desconfortável com o manto verde sobre o corpo, onde o brasão do clã Di Feveré — as iniciais *DF* em letras douradas sobre um fundo azul, sobrepondo o

desenho de duas espadas cruzadas e um elmo de plumas — era exibido. Clementine e Robert também o usavam. Solomon e sua família vestiam túnicas douradas com o símbolo de seu clã: o falcão de ouro com o olho de Hórus. Um protocolo, como Carlo explicou. O silêncio só era rompido pelo som da respiração dos ocupantes da sala.

Sentado na cadeira maior, ostentando o mais rico dos mantos púrpura bordados, um homem se destacava. No dedo mínimo, usava um anel de ouro com o símbolo da Ordem incrustado em rubis e diamantes, um trabalho de ourivesaria antigo e perfeito. Clementine colocou-se diante dele e falou com sua voz imponente:

— O clã Di Feveré saúda os Megisters e o Mathesis da Ordem da Urare.

Carlo havia me instruído sobre os membros da Ordem. Eram sempre oito Megisters, os Mestres Menores, e um Mathesis, o Mestre Supremo. Quando o Mathesis precisava ser substituído, geralmente em caso de morte, os Megisters se reuniam para escolher o novo Mestre. O único pré-requisito para o candidato era possuir parentesco de descendência comprovada com o primeiro Mathesis, Domenico. Após a escolha, nem sempre pacífica, o novo Mathesis era apresentado aos membros dos clãs numa reunião que ocorria em Amsterdã, onde o Acordo fora assinado e que era considerado um local neutro, devendo ser respeitado. Qualquer ato abusivo que ocorresse nas terras baixas sofreria severas punições por parte da Ordem e também dos clãs.

Amsterdã era, provavelmente, o local mais seguro para quem precisasse de proteção ou simplesmente desejasse viver em paz dentro daquele mundo paralelo. Robert, Josh e Carlo foram para lá em janeiro, quando da escolha do novo Mathesis e sua apresentação oficial. Eu me lembrava desse período pela impaciência que a distância me causara. Quanto aos Megisters, eles funcionavam como uma espécie de *assessoria direta*. Cada um deles era responsável por administrar uma determinada região, prestando contas ao Mathesis e levando a ele os problemas que não conseguiam ou não tinham autorização para resolver.

Era o meu caso.

O Mathesis Avelar levantou-se e estendeu as mãos num gesto de paz.

— A Ordem recebe e aceita seus cumprimentos, Clementine Di Feveré, em nome de seu clã — sua voz era sonora. — E também acolhe com alegria a presença do clã Salah — esse era o nome oficial da família de Solomon. — Todos aqui têm sido nossos aliados há séculos e são bem-vindos esta noite.

Sentia muitas coisas na atmosfera daquele lugar, menos a gentileza que Avelar demonstrava em sua voz. O ar pulsava de tensão. Avelar atirou o capuz para trás e pude ver seu rosto. A melhor descrição para ele seria: uma ave de rapina. Cabelos espessos e negros, com alguns fios brancos nas têmporas, queixo firme e maçãs do rosto largas. A pele era bronzeada, mediterrânea, os lábios finos se estreitavam num meio sorriso. Exalava uma masculinidade ameaçadora. Alto e esguio, algo em seus movimentos sugeria uma cobra. Seus olhos negros eram a parte mais impressionante do conjunto, cobertos por cílios espessos e grossas sobrancelhas. Ele demorou os olhos em mim por um momento e isso me incomodou. Disficei a sensação, mas o mal-estar estava instalado à primeira vista.

— Então, meus amigos — ele continuou no mesmo tom amigável —, teremos uma jornada esta noite. Um caminho a percorrer, que conduzirá a um destino muito maior do que nós — parecia encarnar um profeta apocalíptico. — Seu clã, Clementine, solicitou o julgamento em uma questão importante, que afeta um Acordo secular firmado entre os cavaleiros desta Ordem — apontou para os Megisters — e os Di Feveré. Estou correto?

— Sim — Clem respondeu com autoridade.

Avelar a observava com atenção.

— E como o clã Di Feveré se declara sobre essa demanda? — perguntou indiferente.

Os olhares de ambos se cruzaram e era possível ver uma linha formar-se entre eles.

— É de nossa responsabilidade manter o Acordo e a paz entre as espécies, Mathesis — Clem argumentava como advogada de defesa. — Por mais de cinco séculos, nosso clã tem agido conforme o que foi

decidido e acertado junto a Domenico e a Ordem. Por esse motivo, estando cientes de nossa falta com relação a um dos termos do Acordo, viemos apresentar nossos argumentos para comprovar a necessidade urgente de tal ato, sem a devida pré-autorização, e nos declarar comprometidos com as consequências. Demos todo o suporte e tratamento adequados ao neófito dentro do prazo que nos foi dado pela Ordem — ela olhou para mim. — E também solicitamos a apresentação formal de Laura Vargas como um membro do clã Di Feveré.

Houve um momento de silêncio de Avelar. Alguns Megisters sussurravam entre si. Apesar do meu nervosismo e temor pelo Conselho, aparentemente a questão poderia se encerrar naquele momento, como acontecera com Morgana há quase duzentos anos.

— Então se consideram culpados? — a pergunta inesperada de um Megister oculto em seu capuz surpreendeu a todos.

Robert enrijeceu ao som daquela voz e Clementine o encarou. Também fiz isso, mas por outro motivo: alguma coisa naquele timbre era muito familiar.

— Consideramo-nos em falta pelo Acordo que fomos obrigados a desonrar — Clem o encarou —, mas não pela vida que pudemos salvar.

— No entanto — Avelar aproveitou-se do gancho —, tanto a Ordem quanto o membro transmutado não deram permissão antecipada para que tal procedimento fosse efetuado. Estou certo?

— Não havia tempo hábil nem para uma ou outra questão — ela retrucou.

Avelar levou a mão ao queixo e deu alguns passos.

— Não seria, então, mais um motivo para não infringir as regras do Acordo? — ele falou. — Deixar que o destino seguisse seu devido rumo e não correr o risco de criar uma ameaça maior?

Em outras palavras, que eu morresse e o resto que se danasse. Fervi de ódio.

— Uma vida estava em risco — foi a resposta de Clem.

— Outras vidas também pereceram, pelo que fui informado nos relatórios — justificou Avelar. — E temos apenas um neófito aqui nesta noite. E quanto aos outros?

— Três sobreviveram, Mathesis, como humanos, devido a nossa rápida intervenção — Clem defendeu. — Os outros estavam mortos quando chegamos.

Ele acenou com a cabeça.

— E quanto ao *causador* de todos os ataques? — questionou sem muito interesse.

— Morto.

— Evidências? — ele olhava para os dedos.

— Nenhuma. Foram eliminadas — Clem concluiu.

Ele caminhou de um lado para o outro calmamente até se plantar diante de mim. Seus olhos me observaram e, por alguns instantes, tive a impressão de ver neles algo mais. Admiração?

— E o que justifica que apenas esta única vida tenha tanta importância ao ponto de ser escolhida?

— Ela estava viva quando chegamos ao local — foi a resposta de Clem, mas isso não pareceu ser suficiente.

— Teria sobrevivido, como os outros, sem essa intervenção? — Avelar pressionava.

— Não.

— Quanto tempo teria?

— Poucos minutos — Clem argumentava. — Não havia como salvá-la por meios humanos.

Os olhos dele se voltaram para mim.

— Mas o que ainda não entendo é o que tornou tão atípica essa situação que justificou uma ação extrema, como há muito não se tem notícia nesse Conselho? Outros morreram, por que não ela? — fez um gesto displicente em minha direção.

Como se eu não valesse o pó de seus sapatos ou a saliva que gastava em suas questões. Estava a ponto de explodir de raiva e cerrei os dedos disfarçadamente sob o manto. Ao menos, para isso, aquela vestimenta antiquada serviria.

— Peço a palavra a esse Conselho, Mathesis — Robert adiantou-se.

Os olhos de Avelar me libertaram e desviaram-se para Robert.

— O que tem a dizer, Di Feveré?

— A responsabilidade é minha pela metamorfose. Eu fui o criador — ele disse. — Laura tornou-se uma de nós por meio do meu sangue. A decisão foi minha.

— Sua decisão? — Avelar parecia chocado.

Robert apenas acenou com a cabeça afirmativamente.

— A decisão então foi só sua? — Avelar ponderou. — E por que decidiu ir contra os desejos de seu clã e o Acordo da Ordem? — a curiosidade de Avelar estava aguçada.

A mão de Robert tocou em meu ombro.

— Porque amo esta mulher. Não poderia deixá-la morrer, mesmo que isso fosse contra todas as regras. Meu ato foi movido pelo amor e não me arrependo. Jamais!

A convicção de uma alma apaixonada falou através de seus lábios, a força de cada palavra reverberava e atingia o círculo de pedras acima de nós, eternizando aquele sentimento. Murmúrios surgiram entre os Megisters. Alguns eram enojados e outros surpresos com tal atitude. Avelar os silenciou com um gesto. Seus olhos passearam de Robert para mim.

— Havia alguma espécie de relacionamento anterior entre vocês? — sua especulação tinha um ligeiro tom de irritação.

— Sim — Robert respondeu.

— De que natureza? — os olhos dele se voltaram para mim.

— Éramos namorados — mais murmúrios voltaram à sala.

Avelar sinalizou para pedir silêncio novamente.

— Então, além do rompimento de um dos termos do Acordo, havia ainda o risco de geração de mestiços?! — ele alterou o tom.

Robert o encarou duramente.

— Não. Nunca houve tal risco — rebateu.

— E quais eram as garantias de que isso não teria ocorrido? — ele abriu os braços, perplexo.

— *Minhas* garantias — Robert foi firme. — Não romperia um Acordo que colocasse a vida dela em perigo, apenas quebrei aquele que poderia salvá-la.

— Ela tinha algum conhecimento anterior sobre seu clã? Sobre a real natureza de sua espécie? — Avelar ainda procurava por brechas.

— Não — ele respondeu.

Avelar abriu novamente os braços.

— Como pode afirmar que ela aprovaria o que fez? — questionou com veemência, o dedo apontado em minha direção. — Se o que me conta é verdade, além de não ter uma pré-autorização da Ordem, não teve a permissão dela nem o apoio de seu próprio clã!

— Desculpe-me, Mathesis — Clem o interrompeu —, mas nosso clã aprova incondicionalmente o ato de Robert — ela olhou para os Megisters. — A decisão dele também é a nossa.

— Mesmo assim, assumiram um grande risco — ele afirmou. — E pessoas inocentes podem pagar por ele.

— Ela foi treinada — Clem garantiu. — Não representa risco algum.

— Assumem essa responsabilidade? — Avelar questionou.

— Totalmente — Clem assegurou.

Avelar virou-se para Solomon e sua família, até então apenas espectadores.

— O clã de Salah tem algo para dizer a este Conselho?

Solomon adiantou-se com Shiloh ao lado. Nazaré continuou em seu lugar. Mesmo sendo mestiça, era uma testemunha e sua presença fora permitida em caráter excepcional.

— O clã de Salah oferece seus respeitos — Solomon falou. — Temos observado, nos últimos oitenta dias, todo o treinamento e acompanhamento que o clã Di Feveré prestou a Laura. Afirmamos que ela não representa nenhum perigo para os humanos e que tem pleno controle de seus instintos.

— E tudo isso em apenas oitenta dias? — Avelar estava incrédulo.

— Sim. Digo o que presenciei e minha família pode confirmar — apontou para Shiloh e Nazaré.

Avelar balançou a cabeça e olhou para mim. Sua expressão me deixou confusa. Não parecia haver nojo ou repulsa em seu olhar. E o brilho discreto de admiração estava lá, outra vez.

— Pois bem — acenou. — Você, neófita, venha até aqui.

Dei três passos. Ficar próxima de Avelar era como ser despida por um estuprador, não achava outra definição. Não foi uma sensação agradável.

— Tem noção do que houve com você? — seus olhos se fixaram aos meus.

— Sim — confirmei.

— Sabe no que a transformaram? No que se tornou?

— Sim — respondi. — Sou uma vampira. Uma metamorfa.

Outra vez os murmúrios dos ouvintes. Outra vez o gesto de silêncio.

— Se sabe o que é, explique-nos o que foi que aconteceu — ele sentou-se.

Carlo havia me instruído sobre essa parte e foi fácil deixar meu discurso fluir. Conteí minha história — pelo menos a parte que interessava naquele momento e que me ajudaria —, ouvindo os resmungos dos meus ouvintes. Quando terminei, a sala estava em silêncio. Avelar tinha os dedos cruzados sob o queixo. Podia ouvir as engrenagens de sua mente procurando furos na minha história. Por fim, ele moveu a cabeça.

— Vejo que está bem informada, mas apenas em teoria. Será que a prática vai refletir essa realidade? — gesticulou para um dos mestiços de manto branco.

O mestiço abriu a porta lateral, o som de metal rangendo era alto. Do corredor interno, dois outros entraram, arrastando uma garota seminua da cintura para cima, que se debatia e gritava palavras em espanhol.

— *¡Lárguenme! ¡Déjenme en paz, demonios!* — sacudia-se violentamente. — *En nombre de Dios, saquen sus manos inmundas de mi! Lárguenme!* — ela olhava para os demais. — *Por favor, me ayuden, no dejen que me maltraten!*¹³

A garota estava histérica, e os mestiços atiraram-na aos meus pés. Era pequena e de pele muito branca, com cabelos pretos e olhos castanhos assustados. Tinha cortes no pescoço e pulsos, e sangrava. O cheiro naquele ambiente fechado era intoxicante. Turvou minha mente por alguns segundos. Ela tentou se levantar, mas percebi que não conseguia. As solas de seus pés tinham sido furadas e perdia o equilíbrio por causa da dor. Chorava compulsivamente e olhava-nos como um bicho assustado que espera o cutelo. A piedade tomou conta de mim. Quanta crueldade!

— *Por favor, ayúdenme* — suplicava. — *Santa Madre de Dios, sálveme. No me hagan daño, por favor, por favor*¹⁴ — suas lágrimas desciam soltas.

A perplexidade tomou conta da família de Solomon e dos Di Feveré. Em seus semblantes, estava claro que algo muito fora do normal acontecia ali. Tive vontade de perguntar a Carlo o que fazer, mas uma intuição aguda me ordenou que permanecesse calada. Era um teste, algo que eu deveria enfrentar sozinha. Sentindo repulsa pelos atos cometidos contra aquela jovem, me aproximei dela devagar. A plateia a minha volta prendeu a respiração. A expectativa era tão densa no ar que poderia ser fatiada com uma adaga.

A garota fugiu, arrastando-se, indo encostar-se à parede de pedra. Encolheu as pernas junto ao corpo, chamando-me de ojos rojos¹⁵, sacudindo a cabeça e chorando. Abaixei-me. Mesmo com o forte cheiro de sangue que ressecou minha boca, olhei-a diretamente nos olhos. O terror estava estampado neles. Pobre garota! Deveria ter pouco mais de dezessete anos. A idade de Cínthia.

— *No necesitas tener miedo, niña* — tentei acalmá-la, enquanto minhas mãos se moviam para acariciar seu rosto assustado. — *Prometo no hacerte daño y que no te vas a recordar nada de lo que pasó. Vas a quedar bien*¹⁶.

Fixei meus olhos nos dela e deixei minha mente se abrir para alcançar a sua. A conexão se formou. Ela relaxou, seus espasmos se acalmaram e as mãos deslizaram devagar para o chão. O rosto ficou imóvel e os olhos nublados.

— *Duerme, duerme, negrito* — cantarolei uma antiga canção de ninar —, *que su mamá está en el campo, negrito...* — minha voz atingiu o tom melodioso e hipnótico da sonolência.

A cabeça da garota foi caindo para o lado, seus olhos se fecharam, e quando tive certeza de que os últimos acontecimentos medonhos foram apagados de sua memória, deixei que deslizasse para o sono. Tirei o manto que me incomodava e usei-o para cobri-la, pegando-a no colo. Ninguém ousava romper o silêncio. Caminhei até Carlo e a entreguei a ele.

— Leve-a a um lugar seguro.

Carlo acenou com a cabeça e desapareceu. Não queria correr o risco de deixá-la com a Ordem. Se tinham sido capazes de tanta crueldade apenas para me testar, imaginava o que poderiam fazer com ela depois. Um forte desprezo por todo aquele circo me tomou. Que tipo de Acordo era esse, afinal? E que espécie de organização, que pregava manter a paz, admitiria esse tipo de barbárie? Alguns dos Megisters sussurravam de forma velada, contrariados com tal atitude de seu mestre. Eu podia ouvi-los.

— Fascinante — a voz de Avelar irrompeu no ambiente. — Autocontrole, domínio dos instintos, hipnose — olhou para Clem. — O soro de Carlo está fazendo um efeito notável.

Ouvi minha própria voz, de repente, imponente:

— Não estou usando o soro há quatro dias.

Avelar se surpreendeu de verdade desta vez.

— Solomon? — perguntou, querendo uma justificativa.

— Minha família confirma. Ela não tem feito uso do soro no período mencionado. Seu controle é impressionante.

Avelar mantinha o ar de suspeita.

— Muito bem, ela pode controlar a mente, mas e o corpo? — outro sinal para o mestiço. — Enzo!

O gigante de manto branco se aproximou, o olhar satisfeito de quem procura por diversão. Flexionou os músculos do pescoço, estalou os dedos, e mediu-me de alto a baixo. Depois, buscou entre as armas expostas e me atirou uma espada, uma boa lâmina italiana, por sinal, de uma mão só. Robert se adiantou, mas sinalizei para manter distância. Enzo tirou o manto, deixando à mostra os músculos fortes do tórax vestido em uma malha justa. Também pegou uma espada italiana, brandindo-a ao ar, testando a vibração da lâmina. Cumprimentamo-nos e o desafio começou.

Passo a passo, rodeamos o pequeno círculo que servia como arena. A cada movimento, minha mente processava uma análise detalhada da situação. Era uma vampira e ele não poderia me ferir mortalmente com a espada, mas ele era um mestiço e eu seria capaz de matá-lo. Era um teste de força ou astúcia? Deixei que ele tomasse a iniciativa, o que logo aconteceu. Sem cerimônias, avançou pelos flancos, testando minhas defesas. Bloqueei seus golpes com a

espada e girei o corpo para testar as suas. Ele era bom, rápido. Mas o olhar denunciava sua prepotência, a atitude de quem se julga superior a uma mulher em uma luta.

Dei estocadas em seu peito, forçando-o a ir de encontro à parede. Ele escorou-se nela e saltou por sobre a minha cabeça, indo para o outro lado da arena. Não relaxei a guarda e tornei a avançar, desta vez com estocadas mais ligeiras. Ele revidava com muita habilidade, a luta era equilibrada. Pulou algumas vezes quando tentei atingir suas pernas e deu uma cambalhota, quicando as botas na parede próxima às cadeiras dos Megisters, alguns se encolhendo diante de um possível choque.

Enzo deu um giro no ar, esquivando-se do meu ataque, e colocou-se numa posição arqueada atrás de mim, uma das mãos apoiada no chão. Ao levantar-se, veio em uma sucessão de golpes que eu bloqueava. O ritmo de luta se tornava mais intenso. Numa de suas investidas, fez a manobra para tentar o desarme, que eu já conhecia, travando o punho da espada. Segurei a minha com firmeza. Ambos puxamos as lâminas com igual energia. O tranco foi tão violento que elas se partiram e nossos corpos foram arremessados para trás. Uma parte de sua arma fincou-se na cadeira de um Megister, que se levantou assustado.

Com um urro feroz, ele pegou uma nova espada, uma montante escocesa, e avançou para cima de mim, brandindo-a com as duas mãos. Com o que restava da minha bloqueei, de joelhos, seu ataque frontal. Mantive sua lâmina afastada usando toda a força, enquanto me levantava. Girei nos calcanhares e escapei, vendo-o tombar para a frente. Saltei para a parede e de lá arranquei uma claymore, bem a tempo de usá-la para me defender de um novo ataque do mestiço. Empunhamos as armas, arrancando faíscas. Em um dado momento, sua lâmina tocou meu rosto, como um tapa. Com fúria, acertei-o no ombro, provocando um corte lateral.

Ele suava, estava vermelho. Passou os dedos pela pele cortada e viu o próprio sangue, entendendo que o que começara como uma brincadeira agora era algo muito mais sério. Cego pela raiva, deu um urro e atirou-se sobre mim. Afastei-me, girando o corpo, e chutei suas costas com minha bota, fazendo-o se desequilibrar e chocar-se

contra a parede. Alguns blocos de pedra cederam e caíram, levantando uma poeira cinzenta. Sem dar tempo para que se recobrasse totalmente, investi a espada com ambas as mãos. Ele se defendia. Ataquei suas pernas. Ele pulou a centímetros da lâmina e girou a arma contra o meu pescoço e cabeça. Eu me desviava para os lados com rapidez, vendo a lâmina reluzente faiscar entre meus cabelos.

Deixei que ele me levasse em direção à parede, esquivando-me dos ataques. Quando senti a aspereza contra minhas costas, abaixei-me em meio a um golpe e sua montante afundou nos tijolos. Dei-lhe uma rasteira e Enzo tombou, soltando um gemido com a dor inesperada. Arranquei a espada da parede com um chiado agudo e, num movimento rápido, o encurrelei no chão com as duas armas longas apontadas para seu pescoço. O mestiço ficou imobilizado, fitando-me com um ódio animal. Sua mão se moveu ligeiramente e a minha também, desviando sua tentativa de me desarmar. O sangue pingou do corte que fiz em sua palma.

— Não tentaria mais isso se eu fosse você. Afinal, eu posso gostar dessa situação — falei, a arma em sua jugular.

Atrás do silêncio que se seguiu, ouvi o bater de palmas.

— Muito bem, bravo! — era Avelar. — Creio que isso indica o fim. Pode ir, Enzo.

Afastei as armas com cautela enquanto o mestiço se levantava, com os olhos raivosos me fitando. Caminhou para a porta de ferro lateral apertando os ferimentos.

— Acreditam agora que ela não é um risco? Ou serão necessárias mais provas? — Clem falou, irritada. — Mathesis, Megisters, aceitam Laura Vargas como membro do clã Di Feveré? — aquele seria o ponto-final de toda a sandice da noite.

Avelar voltou-se para os Megisters. Em total silêncio, retiraram-se pela porta lateral direita. Os capuzes dos mantos os faziam semelhantes a fantasmas sem rosto. Discutiriam em particular entre si e com seu Mestre. Antes que saíssem, porém, pude perceber que uns se mostravam mais ultrajados do que outros. Carlo comentara que havia uma espécie de desentendimento recente entre os membros, e isso era meio evidente. A porta foi cerrada com a

passagem deles. Os mestiços plantaram-se à frente dela e mantiveram a guarda atenta, com as mãos em suas armas e os olhos em nós. Eram muitos. Qualquer coisa poderia acontecer.

“Fique preparada. Se algo der errado, faça exatamente o que eu fizer”.

Robert não olhava para mim, mas sua mensagem me alcançou. Estaria pensando em fugir dali? Como? Queria perguntar, mas tive receio do que ele me responderia, e do que aquilo poderia representar para a segurança de Solomon e sua família, e também para os demais. Clementine mantinha-se imóvel, sem demonstrar nenhum sinal de agitação. Estariam todos a par de algum plano que eu desconhecia? Parecia que sim. Seja lá o que ele havia planejado, contava com o apoio deles. *Deus, isso não vai acabar bem...* Minha garganta secou, dessa vez de apreensão. Mas não havia nada a fazer, a não ser esperar.

E esperamos. O Conselho demorou muito, e esses momentos me dominaram de tensão e expectativa. Quando a porta foi aberta novamente, todos voltaram a seus lugares. Avelar se aproximou de nós.

— Sabe que, estando ciente do Acordo, deverá cumpri-lo? — falou diretamente a mim, o tom descontente. — E que qualquer transgressão será reportada a nós e punida como deve ser?

— Sim, estou — retruquei.

Ele ergueu as mãos como se desse uma bênção.

— Diante das evidências aqui mostradas esta noite e com a palavra dada pelas testemunhas do clã de Salah, o Conselho da Ordem da Urare chegou a uma decisão. Damos permissão para que Laura Vargas faça parte do clã Di Feveré. O clã deverá se responsabilizar por ela, de agora em diante.

Seus olhos se voltaram para Clementine e Robert.

— Meus cumprimentos aos Di Feveré, fizeram um excelente trabalho — falou falsamente. Virou-se para os Megisters com ar de enfado. — Dou agora este Conselho por encerrado com a ciência de futuros encontros entre ambas as partes.

Avelar virava-se para sair e me encarou.

— Muito bem, neófita.

E lá estava a mistura de desdém, admiração, desprezo, fascinação, enfim, uma miscelânea de sensações que me irritara profundamente desde que aquele Conselho estúpido começara. Minha segunda vida estivera nas mãos daquele homem, e ele brincara com ela por quase um terço da noite, por capricho. Aquilo ferveu dentro de mim e decidi que já bastava.

— Mathesis!

Ele quase alcançava a saída e voltou-se. As espadas ainda estavam ao alcance das minhas mãos. Com habilidade as atirei. Elas giraram no ar e se fincaram no chão, cruzadas, próximas a barra de seu manto púrpura. Os mestiços apontaram as armas, mas ele os deteve com um gesto, me encarando.

— *Meu nome é Laura* — falei com firmeza, olhando dentro de seus olhos.

Apesar da surpresa que calou a todos, Avelar pegou uma das espadas. Apontou-a para mim, a lâmina brilhante pelas luzes das arandelas, e sorriu.

— Não vou me esquecer.

Era um misto de ameaça com promessa. Avelar e os Megisters se retiraram escoltados pela atenta guarda de mestiços. Havia muitos, e o cheiro me mostrou que mais deles estavam reunidos na câmara anexa. Robert mencionara que a quantidade de mestiços da Ordem aumentara e suspeitavam de que algo de errado estivesse acontecendo. Com o que eu aprendera nos últimos meses e vira naquela noite, isso faria sentido. Haveria muito a conversar. Por algum motivo, não experimentei o alívio que esperava com aquela decisão.

Pensava sobre os fatos quando notei que um dos Megisters não se levantou de sua cadeira. Estava sem a guarda e olhava para mim. Era o mesmo que questionara a culpa do clã no início do Conselho e cuja voz havia me intrigado, mas não podia ver seu rosto sob o capuz.

— O clã permite que eu tenha uma audiência privada com seu novo membro? — novamente seu tom era familiar, mas por quê?

A mão de Robert apertou a minha e ficou claro que não iria sair. Quem era aquele homem e por que queria falar comigo a sós?

— Não, Rob — Clementine interveio, tocando seu ombro. — Será melhor assim. Promessas não foram cumpridas e isso afetou a vida

de mais de uma pessoa. Há assuntos pendentes e devemos isso a ele. Você sabe.

Não conseguia entender o que ela dizia. Que assuntos pendentes? Havia ainda mais? Clem forçou a mão no ombro do irmão e ele virou-se para mim.

— Não estarei longe — beijou-me a testa e olhou para o Megister.
— Quinze minutos! — sua voz era cortante.

— Será suficiente — o Megister respondeu.

Robert e Clem deslizaram para fora, os olhos dele angustiados por me deixar sozinha. Voltei-me para a figura encapuzada que me observava. O silêncio na sala vazia era espectral, como aquele que deve fazer companhia aos mortos dentro de uma tumba. Mesmo com o capuz, tinha a impressão de já ter visto aquela pessoa. Aspirei ao odor, mas não consegui identificá-lo. Só era capaz de reconhecê-los após minha transformação, o que significava que aquele homem deveria ser um estranho. Então, por que a sensação de familiaridade?

— Eu disse que ele não era bom para você — o silêncio finalmente se rompeu quando ele falou. O tom era triste e possessivo.

Essa frase! Não, não pode ser! Aquilo era impossível! Eu deveria estar ficando louca. Mas... A frase e a voz, juntas, uma lembrança...

O Megister atirou o capuz para trás e pude ver o reflexo espantado do meu rosto em seus olhos castanhos.

— David?! — perguntei incrédula.

— Agora acredita no que eu lhe disse antes? — David me fitava, a dor e a descrença misturadas a outro sentimento que eu não conseguia identificar. Ou não queria aceitar.

Que mundo insólito é esse? Há 33 anos o homem à minha frente era como um irmão, meu amigo, até confidente. Rimos e choramos juntos, brigamos e fizemos as pazes várias vezes. Confiaria minha vida a ele. E hoje, ele fizera parte de um Conselho que queria me matar?

— David... o que significa tudo isso? — consegui espremer a pergunta pela garganta.

Ele cruzou os braços num gesto de quem encara um tolo.

— Pensei que tivesse ficado claro — sua voz era ácida. — Sou um membro da Ordem e você é uma vampira. Nada de mais — acentuou.

— Qual seria o problema, não é?

Fiquei procurando detalhes perdidos em minha memória, qualquer coisa que pudesse unir o David que eu conhecia àquele homem trajado de púrpura.

— Era você no hospital naquela noite, não era? — perguntei. — Quando Kate foi atacada. Clementine estava lá e chamou alguém por Megister. Eu ouvi! — acusei. — Era você!

Ele não moveu nenhum músculo do corpo ou do rosto e ignorou meu comentário.

— Por que não se afastou dele como avisei? — acusou-me. — Por que deixou que fizessem isso com você? Entende agora por que nunca gostei daquele cara?

— Há quanto tempo se conhecem? — perguntei sem responder.

— Desde que assumi o posto de Megister do Reino Unido na Ordem. Conheço todos os clãs. Faz parte da minha função manter o Acordo e a paz, como tem sido feito há séculos. Pertencço à Ordem desde a adolescência.

Minha boca estava aberta e sentia dificuldade para respirar. O ar estava pesado de tensão.

— Por isso não me telefonou. Não retornou os recados que deixei com Jean — acusei. — Você já sabia!

— Sim. Desde que começou. Clementine entrou em contato naquela noite. Ela tinha obrigação moral de me avisar, mais do que política nesse caso... — eu o vi engolir saliva. — Quando me disse que era você, não pude acreditar. Justo você, Laura!

David andou até a parede e deu um soco nela.

— Avisei aquele desgraçado para que a deixasse em paz, que isso não iria acabar bem! — ele não me via na sala. — Mas não! Disse que a amava e que isso não era problema meu! Como se tudo o que acontecesse com você não me importasse — olhou-me agoniado. — Como se não fosse um prego enfiado no meu coração.

— David, não estou entendendo o que...

Ele avançou para mim, colocando as mãos em meus ombros e me fazendo olhar em seus olhos.

— Ainda não está claro, Laura? — sua raiva era enorme, jamais o vira daquele jeito. — Nunca ficou claro em todos esses anos? Vou ter

que dizer em alto e bom som para que perceba a verdade? Quanto tempo mais vai se fingir de cega? Ou zombar de mim com sua falsa ignorância?

Ele me soltou e afastou-se de costas, as mãos na cabeça. *Não, David, não diga que é isso, por favor! Não quero ouvir isso de você.*

— Eu amo você, Laura — falou num sussurro rouco e virou-se. — Sempre a amei a vida toda. Desde que me entendo por gente, meus pensamentos sempre foram para você, por você! — sua voz tinha um timbre de desespero. — Quando se casou com Alexandre, sofri calado. Quando ele morreu, sofri com você. Queria poder consolá-la, ficar ao seu lado, mostrar o quanto eu a amava e poderia fazê-la feliz, mas mantive distância. Tinha medo de assustá-la, de afastá-la se contasse a verdade. Enfrentei noites em claro por sua causa e, quando dormia, era seu rosto que me visitava nos sonhos. Passei a vida desejando que me olhasse e enxergasse que, por trás do bom e velho amigo David, havia um homem que sinceramente a amava.

Não tinha palavras para usar naquele momento. Só me lembrava de Cínthia dizendo que David sentia ciúmes.

— Entende agora por que nenhuma namorada deu certo comigo? — ele perguntou. — Porque em todas elas eu procurava você. Eu tentei, juro que tentei, mas não consegui — suspirou. — Quando telefonou dizendo que se mudaria para Bristol, que o museu a havia contratado, meu coração se encheu de esperança. Apesar de saber quem era Clementine, não fiquei tão preocupado. Ela não poderia permanecer no cargo por muito tempo sem que ninguém percebesse que havia algo de estranho. Em dois ou três anos, no máximo cinco, ela terá de ir embora. E Clementine respeita muito o Acordo, é uma líder admirável. Pedi que tivesse cuidado com você, pois fazia parte da minha família, e me promettesse que nada de mal lhe aconteceria — seu olhar ficou distante. — Achei que estando aqui, com Cínthia crescida e sem a distância de um oceano, você se acostumaria com minha presença e talvez... — a voz engasgou e os lábios tremeram.

Então sua expressão mudou de dor para raiva.

— Mas, não. Bastou Robert Fevré botar os olhos em você e pronto! — acusou-me. — Como pôde se deixar enganar desse jeito, Laura? Como confiou em um estranho mais do que em mim? — seu

olhar era incrédulo. — Acredita que ele a ama? Que pode fazê-la feliz? — ele deu uma risada de deboche. — Olhe o que ele fez a você? Transformou-a num...

— Monstro? — adiantei-me, também com raiva. — É isso que pensa de mim agora? Que sou um monstro, David? Que vou sair por aí matando qualquer um que aparecer em meu caminho? — retruquei com ódio. — Você me acusou de ser cega, mas acho que não viu com atenção o que aconteceu aqui esta noite. Não sou o ser desprezível que considera. E pode pensar o que quiser em relação a Robert, mas se não fosse por ele eu estaria morta! E não diga que ele foi o responsável pelo ataque que sofri porque sabe que é mentira. Se os Fevré não estivessem lá, teria sido o fim para mim. Era isso que queria?

— Acha então que isto é o melhor? — perguntou com asco. — Olhe para você, Laura! Por acaso já se viu no espelho? Teve coragem para tanto? — apontou-me com desdém. — Acredita mesmo que pertencer a essa espécie é uma vantagem sobre a morte? Que o amor que sente por aquele almofadinha vai livrá-la de todos os males que essa vida representa? Das coisas que ainda terá que suportar? Isso está apenas começando, Laura! Eu conheço a realidade dos clãs, sei bem como essa raça se comporta! Admiro Clementine, mas ela é uma exceção entre muitos! — seus olhos eram acusadores e a voz implacável. — O que aconteceu com a Laura sensata que conheci? E por quem me apaixonei? Crê que haverá um lugar confortável para você nesse mundo oculto? Que poderá viver em paz com todas as consequências que ele lhe trará? Eu digo que não! Uma hora isso tudo cobrará um preço alto demais e você não terá condições de pagar. Não pensou em mim, nem na mamãe, muito menos em Cínthia. Você escolheu, Laura. Preferiu ser a prostituta de um vampiro!

A fúria me cegou. Aquelas palavras atingiram alguma parte irracional do meu cérebro. Não enxergava mais o amigo, apenas alguém que nutria por mim um profundo desprezo. Minhas pupilas se dilataram, as presas brotaram e minha mão se levantou involuntariamente para dar o golpe quando um punho forte a segurou.

— Não, Laura! Não vale a pena — era Robert. Ele voltara. — Amor, não. Pare... Por favor... — manteve a pressão enquanto meu corpo permanecera rígido, pronto para atacar.

O tom de sua voz me trouxe de volta à realidade. *O que estou fazendo? Como me deixei levar assim pela raiva?* Afrouxei o braço com esforço. Meu corpo tremia de indignação. Os sentimentos estavam amplificados e, por um momento, imaginei se cada vez que experimentasse um deles reagiria daquela maneira. *David terá razão? Conseguirei mesmo pagar esse preço?* Abandonei essas dúvidas, buscando a calma para encará-lo como merecia.

— Nunca mais fale comigo desse jeito, David! — sibilei. — Não lhe dou esse direito! Por Deus, jamais lhe darei esse direito outra vez — minha respiração era pesada.

Nossos olhares se cruzaram e percebi que era o fim. Não seríamos mais os mesmos. Parte de mim chorou. Perdera um amigo, um irmão. Mas não havia muito que eu pudesse fazer. Estávamos em mundos opostos agora, nos olhando através das extremidades de uma ponte, e nenhum de nós se moveria para atravessá-la. A distância se tornara grande demais.

— Fique tranquila — ele confirmou. — Não é minha intenção voltar a falar novamente com você.

Colocou o capuz, retirando-se para as sombras da porta lateral. Assim que saiu e ficamos sozinhos, algo em mim transbordou e soquei a parede ao meu lado, liberando a raiva e tensão acumuladas. Três blocos de pedra vieram ao chão e dois mestiços voltaram, olhando-nos com as mãos nas armas.

— Está tudo bem — Robert falou com eles, mantendo a autoridade.

Eles se demoraram um pouco a nos observar e depois se foram. A porta se fechou com estrondo. Robert me abraçou, tentando me acalmar.

— Estou aqui, vai ficar tudo bem. Não deixe que isso a aborreça. Pense apenas que nós conseguimos, ok? Nós conseguimos.

Nós conseguimos, eu ficaria viva. Repetia a frase como um mantra, buscando nela algum conforto. Mas qualquer sensação de euforia estava a quilômetros de distância de mim.



Faltava pouco tempo para o sol nascer, mas isso não parecia afetar o clima agitado na mansão dos Fevré. A música oriental enchia o ambiente. Shiloh e Nazaré, em trajes típicos, exibiam uma antiga dança do ventre egípcia. Segundo Solomon, aquela coreografia era a verdadeira, bem diferente das que se ensinavam nos estúdios de dança modernos.

— Ah, a dança dos Deuses! Criada em honra à fertilidade das mulheres e as cheias do rio Nilo, pois ambos traziam a vida, e executada nos grandes templos de Hathor e Ísis! — Solomon batia palmas de contentamento. — Não é uma maravilha? *Yalah!*

O clã de Solomon estava de partida para o Brasil, e o ambiente era de alegria. O Conselho não havia sido fácil e todos queriam amenizar as tensões. Da última vez em que os Fevré precisaram recorrer à Ordem para integrar um metamorfo foi quando Morgana apareceu. Naquela época o líder era outro, bem mais benevolente, e a decisão envolveu apenas trâmites burocráticos e renovação dos votos. Nessa noite, entretanto, a sensação de incômodo fora geral. Os meios pouco ortodoxos usados pelo Mathesis mostraram-se além do necessário. Carlo e Clementine falavam abertamente sobre suas suspeitas em relação a Avelar estar testando o clã. Os motivos para isso eram desconhecidos e preocupantes. Rumores sobre as atividades do Mathesis chegavam até eles pela rede de informações mantidas com outros clãs de vampiros.

— Não é sem razão que a nomeação de Avelar foi muito discutida — Robert dizia. — Houve dissidência entre os Megisters na hora do voto. Creio que ele só foi eleito por ser o único descendente de parentesco mais direto com Domenico e o pensamento arcaico da Ordem prevaleceu. Os outros candidatos vinham de linhagens mais afastadas.

— Quem eram os outros? — perguntei.

— Yacov, o Megister da Holanda — depois acrescentou hesitante —, e David.

— David? Ele foi cogitado? — olhei para Robert. — Como? Carlo adiantou-se.

— Seu amigo David vem de uma linhagem muito antiga, Laura, que possui um ramo da árvore genealógica ligada a Domenico. Por esse motivo ele está na Ordem e é o Megister do Reino Unido.

Minha cabeça processou mais aquela informação. Tantos segredos, tantas revelações. Aquilo teria um fim agora? Meus pensamentos foram engolidos pela antiga música egípcia e o colorido das túnicas de Shiloh e Nazaré. Deixei as especulações de lado e me retirei o mais discretamente que pude.

Estava na varanda, observando o nascer do sol. Senti os braços me envolvendo e o beijo no pescoço.

— Desculpe-me por não ter contado antes — Robert dizia. — Ele mesmo queria falar e Clem achou melhor que fosse assim.

— Entendo — suspirei. — Sei por que fez isso. Não precisa se desculpar.

Ficamos em silêncio, deixando os primeiros raios do sol tocarem nossa pele.

— Gosta muito dele, não é? — Robert questionou.

— Ele é... Era como um irmão para mim — falei com a voz dolorida. — Crescemos praticamente juntos, apegados um ao outro apesar da distância. Só que eu não fazia ideia de que ele me... — balancei a cabeça. *A quem mais eu queria enganar?* — Na verdade, fazia sim; sempre vi o interesse dele. Mas David nunca seria mais do que um irmão, um amigo — suspirei. — Agora, nem isso. Tudo vai ficar mais difícil.

Robert me virou, levantou meu rosto e me beijou.

— Laura, quero que saiba de uma coisa: apesar da aparente hostilidade que ele demonstrou e da vontade que tive de quebrar-lhe a cara pelo modo como a tratou, David fez o possível para evitar o Conselho; tentou de todas as formas impedir a reunião — disse com calma. — Manteve-se em contato com Clem e com os Megisters confiáveis durante todo esse tempo, apresentando provas cabais de que poderia lidar com a situação, e chegou a se responsabilizar pessoalmente pelo que lhe aconteceu — olhei-o surpresa. — Ele estava magoado, com ciúmes, eu sei — havia uma nota ambígua em

sua voz, como se tentasse lidar com minha tristeza e com o próprio ciúme que sentia de David. — Foi apenas por isso que falou aquelas asneiras; mas ele lutou até o último momento. Só que Avelar não perderia a oportunidade de nos enfrentar cara a cara.

— E por que acha que ele está fazendo isso? — um surto de expectativa me dominou.

— Ainda não sabemos, mas vamos descobrir. Temos meios para isso.

Fiquei em silêncio e recostei minha cabeça em seu peito.

— Não fique preocupada com isso — sua voz era tranquilizadora. — Você já passou por coisas demais hoje. Melhor descansar um pouco. Teremos muito tempo para ajeitar tudo — acariciava meus cabelos, tirando as mechas do meu rosto e enrolando os dedos nos cachos.

O tempo. Um visitante outrora indesejado, mas agora muito bem-vindo. A vastidão da eternidade se abria diante de mim, seu leque soprando os novos rumos de minha existência junto com a brisa da manhã de *Leigh Woods*.

Ravena — Itália — Setembro

É bom estar em casa. Sim, muito bom. Peguei a garrafa e me servi de mais uma dose. A bebida desceu suavemente. Afundei o corpo na água quente da banheira. Viagens como aquela eram cansativas, principalmente se os objetivos que tínhamos em mente não se concluíam a contento e éramos obrigados a aceitar decisões que iam contra o planejado. *Merda!* A oportunidade perfeita para minar as forças do clã Di Feveré passara pelo vão dos meus dedos! A neófita e seu criador poderiam ter sido eliminados, estava tudo preparado. E depois... Maia e seu grupo só aguardavam o momento. Saberiam o que fazer aos demais, quando se rebelassem.

Eles romperam o Acordo. Será que os idiotas dos Megisters não viram aquilo? Deixaram-se impressionar por piruetas e truques baratos! E o Megister inglês, David. Ah! Aquele era o pior! Defendeu

os direitos da neófita bem antes de o Conselho ser estabelecido. Nem queria um Conselho, sugeriu que resolveria tudo sozinho. Tamanha urgência e desespero significavam o quê? Medo de admitir que falhara perante os outros mestres menores? Perante a mim? Ou haveria algo mais?

Hummm... Não considerei outra possibilidade: será que ele a queria para si? Teria desejado, ansiado por aquecer sua pele fria? David e a neófita dividiam um passado e isso explicaria muita coisa. Além disso, a beleza dela era impressionante. Ainda sentia o perfume, via as curvas dos quadris, da cintura, dos seios firmes sob o suéter negro. Deveriam ser rígidos e firmes ao toque.

A excitação daquele pensamento fiascou em meu corpo. Seria uma pena desperdiçar tamanha beleza para a morte. Uma fêmea como aquela teria seus atributos, e aparentemente eram tão notáveis a ponto de um metamorfo querer sacrificar um pacto por ela. Ou de um Megister defendê-la. Sorri diante daquela nova perspectiva, que tornaria a conquista de um prêmio melhor. Talvez eu pudesse aquecer a neófita numa noite fria, quando todos estivessem mortos e seus corpos queimados e reduzidos a pó.

— Em breve — murmurei. — *Do pó vieste e ao pó retornarás* — toquei a campainha no toucador.

A mestiça entrou em silêncio.

— Tire a roupa — ordenei.

Ela obedeceu mecanicamente.

— Entre aqui.

A água quente fazia movimentos leves e ondulantes com o deslizar do corpo para dentro da banheira. Eu a fitei. Os cabelos eram do mesmo tom de castanho, a pele branca como a dela. Só os olhos eram diferentes. Azuis. Peguei seu rosto com uma das mãos enquanto os dedos da outra buscavam a fenda entre suas pernas, apertando com força.

— Não se mexa — ordenei, afundando os dedos e mordendo furiosamente os bicos dos mamilos.

Ela ficou quieta. Minhas mãos a percorreram, meus dentes a marcaram. Com um movimento brusco, virei seu corpo, pondo-me às suas costas. Penetrei a mestiça com pressa, forçando a entrada.

Ondas de água caíam para fora da banheira e cada vez mais eu afundava com fúria e raiva; tomado pela excitação e desejo de um pensamento.

— Laura — sussurrei, estocando.

Eu não iria esquecer seu nome.

Bristol — Inglaterra — Final de Setembro

— O ônibus de Cínthia vai chegar dentro de uns vinte minutos — falei para Morgana e Eric, que aguardavam do lado de fora dos portões da *Bristol High School*.

Desde a volta à minha *rotina de vida*, os dois me acompanhavam em um período de adaptações e garantias. Recomeçar não seria muito fácil, mas estava confiante de que poderia ser menos difícil também. Amparada pelo soro de Carlo e consciente de quem eu era, encarei o retorno como mais uma etapa do meu treinamento. Voltaria ao mundo que girava com o tempo contado no relógio.



A tarde estava cinzenta no dia em que estacionei diante da minha casa, após o longo período em que estive fora; uma garoa pegajosa e traços de neblina de final de verão desciam ao cair da noite que se insinuava. Jeanete dera gritinhos de alegria e parecia uma criança que ganhava um presente ao me abraçar e beijar. Tive que conter meu fôlego e trincar os dentes ao sentir seu cheiro tão próximo.

— Meu Deus, Laura, como você está gelada! — tocava em minha testa. — Tem certeza de que está bem? Quer que eu ligue o aquecedor?

Morgana e eu trocamos um olhar discreto e resignado. Jeanete logo fizera amizade com ela e a apresentei como prima de Robert.

— E veja como está pálida! — apertava minhas bochechas. — Você não tem se alimentado direito, não é? Eu sabia! Mas pode ficar

sossegada que vou preparar alguma coisa para vocês comerem.

Era inútil argumentar com Jean ou tentar impedi-la. Nossa única solução era fingir e procurar esconder a comida de alguma forma. O retorno para o museu foi um pouco mais dramático. Graças ao acobertamento de Clem, ninguém questionou minha ausência prolongada além do necessário.

— Bom dia, Sra. Vargas — Forrest cumprimentou alegremente. — É bom tê-la de volta.

— Bom dia, Forrest, obrigada — agradei rapidamente, tentando desviar o olhar das inúmeras veias avermelhadas que forravam a pele do rosto dele.

Conviver com os humanos dentro do mundo deles fora uma escalada para mim. Os primeiros degraus, os mais difíceis. Precisei de mais autocontrole do que imaginara. A sede era forte, mesmo durante o dia, graças ao cheiro acumulado de artérias pulsantes ao redor. O sistema de ar-condicionado não ajudava em nada, apenas intensificava o aroma. Os batimentos cardíacos eram altos e sentia o gosto do sangue na boca seca. Em alguns momentos, fui obrigada a me trancar dentro da sala, buscando minimizar os efeitos físicos do instinto, como pupilas dilatadas e presas aparentes. Mais de uma vez Robert veio a meu pedido, quando achei que o fardo seria insuportável demais.

— Fique tranquila — ele assegurava, tocando meus lábios com os dedos e me abraçando. — Você não estaria aqui se não soubesse que é capaz. Confiamos em você — me olhou. — Eu confio em você.

Eu o abraçava e tremia, lutando contra uma força perigosa, se não fosse controlada. Robert então ficava e me acompanhava na rotina do museu. Para minha sorte, o trabalho sempre me consumira muito e ajudou a criar o foco necessário no início. Minha disciplina profissional provou ser mais útil do que eu pensara e gradualmente conseguia diluir sensações incômodas, usando os sentidos para algo objetivo e prático. Quando tudo o mais parecia falhar, não relutava em usar o soro ou aderir a caçadas em grupo regulares em *Exmoor* ou *Dartmoor*, ajudando a aumentar a fama de que *criaturas fantásticas* viviam no local. As lendas daquelas regiões, em especial, se deviam e

muito aos hábitos dos Fevré e a histórias ainda mais antigas, que arrepiariam os cabelos dos humanos.

Outro aspecto que me deixara confusa foi ter de fingir o ritmo de um ser humano normal. Era complicado esconder algo natural para minha nova natureza. Se me descuidasse, deslizaria de um corredor ao outro num simples piscar. Os reflexos também eram outro problema. A todo o momento, via-me pegando objetos em pleno ar ou impedindo que caíssem ao chão com tanta rapidez que os meus observadores ficavam perplexos. Tive que inventar aulas de *tai-chi-chuan* para justificar a agilidade súbita.

— *Tai-chi-chuan*? — Clementine arregalou os olhos, exibindo um sorriso zombeteiro. — E alguém acreditou nisso? Humanos... — seu tom era irônico e me senti uma completa idiota.

Mais de uma vez resisti à tentação de descer as escadas correndo em vez de pegar o elevador abarrotado, onde o cheiro das pessoas e suas artérias ficavam concentrados. Duro começo. Mas a prática leva à perfeição e aos poucos o ritmo foi se estabelecendo. Já não tinha tantos problemas para me aproximar de Jeanete e de Georgiana, que retornara a Bristol após a graduação e trabalhava no *General Hospital*. Seus planos iniciais de montar um consultório em Londres não deram certo e a oferta viera bem a calhar.

David cumprira a promessa e não apareceu. Vinha ver os pais nos horários em que sabia que eu não estaria por lá e rapidamente ia embora. Quando esse padrão se acentuou, Jeanete perguntou:

— Laura, aconteceu alguma coisa entre você e o David?

Suspirei. Não queria mentir para Jeanete, mas não podia contar toda a verdade. Então limitei minha história ao mais simples e aceitável dos fatos.

— Desculpe-me, Jean, não queria que você se chateasse com isso, mas a situação entre nós não está nada boa. Ele não aceita meu relacionamento com Robert... — hesitei. — E não posso ser mais do que uma amiga. Ele deixou claro que isso não é mais o suficiente. Sinto muito.

Isso a entristeceu, como eu sabia que aconteceria. Mas ela me olhou, resignada.

— Sempre soube que um dia acabaria assim — balançava a cabeça. — David nunca conseguiu esconder de nós o que sentia por você. Várias vezes, Georgiana e eu tentamos convencê-lo a falar, abrir-se, correr o risco, mas ele adiava com medo de vocês se distanciarem. E agora isso aconteceu — ela suspirou e os olhos marejaram.

— Está com raiva de mim, Jean? — perguntei com a voz triste. Não suportaria perder Jeanete também.

— Eu? Oh, não, querida! Não é culpa sua — ela afagou minha mão, enquanto secava as lágrimas com um lenço bordado. — David já é bem grandinho e precisa aprender a lidar com a frustração, como as pessoas fazem em suas vidas. Não podemos ter tudo o que queremos sempre.

Não mesmo, eu sabia; aprendi aquilo a duras penas. David fora o primeiro, quantos mais viriam a seguir? Envolvida pela melancolia daquele momento, não percebi a mudança da luz pela janela. Meu corpo se enrijeceu e os olhos queimaram. O maxilar deu um espasmo. Virei o rosto rápido demais.

— Laura? Tudo bem? — Jean se alarmou.

— Está sim, Jean — me levantei, esfregando os olhos para disfarçar. — Preciso ir ao banheiro, acho que um cisco entrou nos meus olhos — respondi com a voz entre as presas.

Subi as escadas, primeiro em um ritmo tranquilo, e depois acelerado quando fiquei fora de vista.

— Você está ficando gripada, Laura! — Jeanete falava do andar de baixo. — Sua voz está rouca de novo.

No *closet*, coloquei as lentes de contato castanhas que disfarçariam o vermelho. Olhei-me no espelho. “*Por acaso já se viu no espelho? Teve coragem para tanto?*”, as palavras de David ainda me soavam duras, mas não sem propósito. Não importava quanto tempo se passasse, sempre acharia a mulher a minha frente quase uma estranha. Ou uma farsa. Suspirei, tentando relaxar e trazer algo de normal a minha aparência. Voltei ao corredor. Morgana abria a porta do banheiro social exibindo olhos em um tom violeta azulado.

— O que vamos ter para o jantar? — ela aspirou o ar.

— Acho que é frango — respondi. Meu estômago dava voltas ao pensar na comida.

Ela riu.

— Que bom que os meus bolsos são largos — e se dirigiu para as escadas.

Robert era presença constante, principalmente à noite, quando podíamos ser nós mesmos nos braços um do outro, sem reservas ou medos. Dividir com ele a madrugada era algo de que jamais abriria mão pela existência. Nossos corpos se entendiam em cada pedaço e a comunhão que isso provocava ia além do que pudesse existir entre um homem e uma mulher.

— Eric está ansioso por amanhã — ele falou numa dessas noites.

— Imagino — dei uma risada.

Cínthia voltaria para casa. Ele estava com saudades dela e eu também.

— Pensei que fosse ficar preocupada com eles — seu tom de voz era curioso.

— E quem disse que não estou? — respondi com um tom de apreensão na voz.

Ele apoiou o cotovelo na cama e me olhou.

— Não entendi. Você parecia calma até meio minuto atrás — uma ruga apareceu em sua testa.

Tomei um longo fôlego.

— Bem, além do mais óbvio nessa questão, o fato de eu não saber como explicar para minha filha o que aconteceu comigo nem ter certeza se ela vai me aceitar ou sair correndo, estou seriamente preocupada com os dois. Primeiro: Eric tem uma vida praticamente imortal; Cínthia é humana. Se isso não for só um namorico de adolescentes, embora seu *sobrinho* já tenha passado dos setenta, como vai ser? Como ela reagiria ao descobrir esse detalhe sobre ele? Ela vai crescer, envelhecer, querer uma família talvez — gesticulei em desamparo. — Segundo: os jovens têm uma tendência muito natural em *experimentar* coisas novas, se é que me entende — dei um sorriso malicioso. — E aí? Minha filha pode correr o risco de gerar um mestiço. E esses partos acabam mal — encarei Robert. — Acho que tenho muito com que me preocupar, não concorda?

Ele acenou com a cabeça.

— Você tem razão, não vou censurá-la. Mas Eric sabe dos riscos e não faria nada deliberadamente — frisou. — No entanto, nunca ficou apaixonado antes. Embora seja um setentão, Eric não passa de um adolescente — riu.

— É. Um adolescente que o senhor plantou na escola da minha filha para ficar de olho em mim, quando precisou viajar — eu o lembrei desse detalhe, revelado há pouco tempo. — O que o torna diretamente responsável pela minha dor de cabeça, *mon Chevalier* Robert.

Ele riu e o acompanhei, mas ainda estava inquieta.

— Acha que pode haver problemas entre os dois? — olhei para ele. — Quero dizer, se eles chegarem a...? — só de pensar naquilo fiquei nervosa. *Minha filha! Ah, meu Deus!*

Robert deitou a cabeça sobre o travesseiro e pensou um pouco.

— Não sei o que dizer — admitiu. — Os machos vampiros podem engravidar fêmeas humanas, a menos que sejam estéreis — repetiu a explicação de Carlo e me lembrei de Clementine cativa dos dois vampiros. Ela só não engravidou porque era estéril. — Mas nunca ouvi falar nada sobre um mestiço engravidar uma humana. Não faço ideia se aconteceu ou não. A única hipótese que tenho é a de que, se isso já ocorreu alguma vez, o fato de o sangue mestiço ter menos amorfus talvez faça com que a gravidez transcorra normalmente, sem perigos para as mulheres. A compatibilidade pode ser maior. Por isso não consta na nossa história. Mas é apenas especulação minha, sem nenhuma base científica que comprove.

— Mesmo assim, isso me preocupa — deitei a cabeça também —, e preciso falar mais com Carlo a esse respeito, e também com Eric.

Robert virou-se para mim.

— Mas não vai impedir o namoro dos dois, então? — olhou curioso. — Você é mãe dela, tem todo o direito se quiser protegê-la.

Levantei a cabeça e o fitei com ar de derrota.

— E quem sou eu para impedir que minha filha namore um mestiço quando entreguei o meu coração para um vampiro? — abaixei a

cabeça e escorreguei os lábios em seu pescoço. Alcancei sua boca e falei, antes de beijá-la: — Acho que não estou qualificada para isso.

— Nem um pouco — ele me beijou com força e nos rendemos com um suspiro.



— Mãe! — Cíntia gritava e dava pulinhos no ar, junto com Rebecca, Caroline e Susie.

Vieram correndo ao nosso encontro, os pais delas estavam próximos e os abraços foram se sucedendo. Olhei para elas, as peles queimadas pelo sol, descascando em alguns pontos. Aspirei pela primeira vez o perfume de minha filha e percebi, de imediato, a diferença entre o antes e o depois. Cíntia tinha um cheiro maravilhoso. Meu Deus! Como era bom vê-la outra vez. Valera a pena ter lutado e sobrevivido para tê-la nos braços daquele jeito. Faria tudo novamente, se fosse necessário, apenas para tocar as sardas de seu rosto e beijar seus cabelos claros. Se pudesse, nunca mais a soltaria, para não correr o risco de perdê-la.

— Que saudade, filhota! — eu a abraçava contra o peito.

— Argh! Mãe... Você tá me quebrando aqui! — ela tentou falar, já sem ar.

— Desculpe-me — soltei-a. Tinha de me lembrar da força extra. O reencontro me fizera esquecer. — Desculpe-me, querida, é a saudade — a abracei de novo com mais delicadeza.

— Você andou fazendo musculação? — ela questionou, mas não esperou minha resposta.

Assim que me soltou, olhou para Eric. Ele não tirara os olhos dela nem um minuto.

— Oi — ela falou sorrindo.

— Oi — ele respondeu abobado.

Cíntia olhava de mim para ele, sem jeito. *O que não tem remédio...*

— Ora, vamos! — estimulei. — Vocês não se preocuparam tanto assim comigo da última vez, não é? — dei risada. — Posso virar de

costas se quiserem — brinquei.

Cínthia sorriu e Eric se adiantou, puxando-a pela mão, e os dois se beijaram. Susie, Caroline e Rebecca assoviavam e batiam palmas e as pessoas no pátio pararam para olhar com um sorriso. Era sem dúvida uma cena muito bonita, mas minha cabeça calculava os riscos daquela relação. *Tem de haver uma solução, não é justo com eles.* Quando a empolgação aumentou, decidi que era hora de intervir.

— *Aham!* — pigarreei.

Os dois pararam e perceberam o *show* que estavam dando. Ruborizados, deram-se as mãos.

— Cínthia, quero lhe apresentar Morgana. Ela é prima de Robert. Morgana, essa é minha filha, Cínthia.

— Olá — Morgana falou.

— Oi — Cínthia assoviou. — Nossa, mãe, já vi que você tá íntima da família toda agora! E como vai o bonitão?

— Cínthia — usei um tom mais grave.

Ela riu e cumprimentou Morgana com um abraço. Estávamos no carro quando começaram as perguntas.

— Você não me respondeu, mãe, como vai o bonitão? — cutucou.

— Robert — frisei bem o nome — vai bem, obrigada. Ele vai aparecer à noite para te visitar.

Ela não sossegou.

— Então quer dizer que tá firme mesmo? Dessa vez é pra valer?

— Cínthia — usei meu tom de novo e olhei pelo retrovisor.

— Tá, tá tudo bem — ela se resignou. Mas só por alguns segundos. — Promete que posso ser sua dama de honra? Ou eu tô velha demais pra isso? Ah, que horror!

Todos riram alto. Como eu não tinha muita escolha, acompanhei as risadas. Jeanete preparara um banquete para a chegada de Cínthia. Ela e Eric comiam com vontade. Morgana e eu dávamos o nosso jeitinho. Ficamos ouvindo as novidades que ela tinha para nos contar: as praias que visitaram, o sol forte, as caminhadas pelas trilhas dos bosques, os passeios a cavalo, as festas na fogueira, as noites de lual e as lendas sobre lobisomens. Susie acordara Cínthia numa determinada noite, quando acamparam no bosque, apavorada,

alegando ter escutado um uivo de lobo. Foi preciso que um dos monitores a acalmasse.

Havia até uma curiosa história sobre Rebecca paquerando um dos monitores, o que fez Eric levantar os olhos da comida e erguer uma sobrelanceira de dúvida. As risadas pela atitude dele foram gerais.

— É melhor você tomar cuidado mesmo — Jeanete alertou. — Essa menina é uma princesa. Vai fazer tanto sucesso quanto a mãe — apontou o dedo para ele, séria. — Tome conta dela direitinho, entendeu?

Eric ficou vermelho, mas ainda olhava cismado. Cínthia riu e deu um beijo nele.

Jeanete fora para casa mais cedo, ficar com Ben, e Robert apareceu assim que escureceu. Cínthia o cumprimentou.

— Oi, Robert — olhou para ele com malícia. — Tudo bem com você?

— Tudo bem, Cínthia — respondeu sorrindo, enquanto me beijava. — Como foi a viagem?

E todos os detalhes minuciosos foram repetidos. Porém, deliberadamente, ela provocou Eric com a história do monitor que Rebecca paquerara. Robert também riu e deu um tapa na cabeça dele.

— Eu disse a você, garoto. Para conquistar uma mulher, às vezes se é obrigado a lutar duelos armados — sorriu. Naquele caso não era uma conversa metafórica.

Passava das dez horas e Morgana chamou Eric para irem embora. O clã fazia rondas frequentes à noite, principalmente após os últimos eventos, para impedir qualquer tipo de intromissão novamente. Participei de algumas delas e tinha que admitir: era muito chato. Entendia por que Eric reclamava tanto ao chegar a vez dele. A única coisa de que realmente gostava era a sensação de liberdade que aquilo me proporcionava, de interagir com a noite como uma de suas crianças, sem esconder minha natureza com uma máscara. Além disso, as vigílias me auxiliavam a aprender a rastrear, diferenciar um odor em particular em meio a muitos. Mas, no geral, ficar observando pessoas e coisas o tempo todo, à procura de algo inusitado, dava nos

nervos. Morgana, Josh e Eric faziam a ronda naquela noite. Eu estava liberada por um tempo, por causa de Cínthia.

Na saída, Eric abraçou Cínthia, beijando-a, prometendo vir no dia seguinte. Típico namoro de sofá. Robert e eu ficamos na sala. Ao voltar, seu rosto estava alegre, mas abatido.

— Bem... — ela nos olhou. — Já vou dormir, tô cansada.

— Deixei tudo o que precisa na sua cama, querida — dei outro abraço nela. — Durma bem, meu amor, é muito bom ter você em casa de novo.

E é muito bom estar viva para te ver de novo, acrescentei em pensamento. Meus olhos lutavam para não derramar as lágrimas traidoras do meu novo eu.

— Boa noite, mãe — ela virou-se para Robert. — Boa noite, Robert — deu um sorrisinho.

— Boa noite — respondeu.

Ela subiu as escadas, cantarolando. Quando estava no andar superior, passou a assoviar a marcha nupcial de Mendhelson. Ai, ai!

Sim, era muito bom estar em casa...

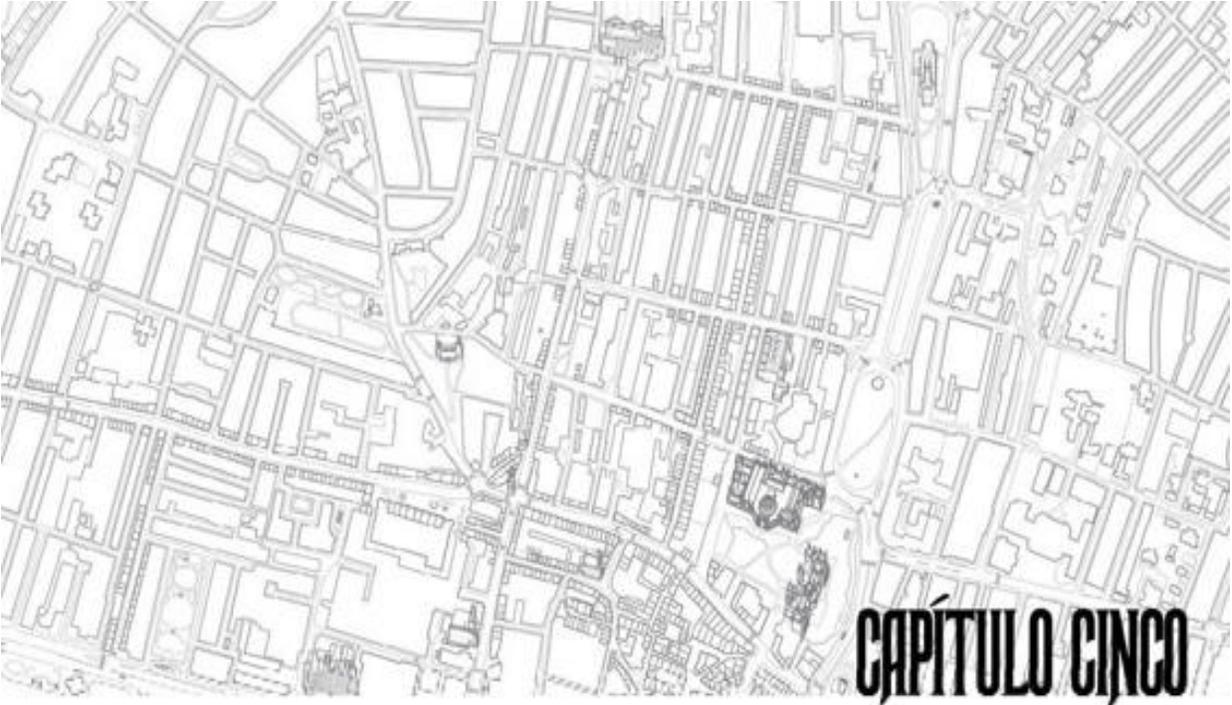
12. National Trust – Instituição inglesa que auxilia na preservação e conservação de locais e espaços históricos no Reino Unido.

13. “¡Lárgueme! ¡Déjenme en paz, demonios! En nombre de Dios, saquen sus manos inmundas de mí! Lárgueme! Por favor, me ayuden, no dejen que me maltraten!” – Larguem-me! Deixem-me em paz, demônios! Em nome de Deus, tirem suas mãos imundas de mim! Larguem-me! Por favor, me ajudem, não deixem que me machuquem!

14. “Por favor, ayúdenme. Santa Madre de Dios, sálveme. No me hagan daño, por favor, por favor.” – Por favor, ajudem-me. Santa Mãe de Deus, salve-me. Não me façam mal, por favor, por favor.

15. Ojos rojos. – Olhos vermelhos.

16. “No necesitas tener miedo, niña. Prometo no hacerte daño y que no te vas a recordar nada de lo que pasó. Vas a quedar bien.” – Não precisa ter medo, menina. Prometo não lhe fazer mal e que não vai se lembrar de nada do que aconteceu. Você vai ficar bem.



Livro Dois – Capítulo Cinco

Copenhagen — Dinamarca — Janeiro

Uau! Veja só a mulherada! É hoje, Urik! — André gritou no meu ouvido quando olhamos a pista de dança.

Beleza. Isso é que era vida. Muita mulher, bebida. O papai aqui iria se dar bem naquela noite.

— Anda, Urik — André gritava —, senão não vai sobrar mulher pra você! — agitou pela pista com a cerveja na mão.

Parei no balcão antes de ir atrás dele.

— Duas cervejas, por favor — já que era pra esquentar, então vamos ferver de vez!

Andei pela pista, procurando por André. No caminho, os corpos me tocavam. Havia bem mais mulheres do que homens e algumas estavam chapadas. Bom para mim. Não estava a fim de nada sério, apenas uma boa transa de final de semana. E as chapadas eram as melhores. Tomei um gole da cerveja e busquei André com os olhos

entre o mar de luzes e estrobos. Era engraçado como todos pareciam personagens de cenas congeladas a cada piscar dos canhões. A música eletrônica dava o ritmo, e a galera se retorcia com ela. Balinhas pipocavam de mão em mão, e a fumaça dos baseados circulava como nuvenzinhas azuladas. O *DJ*, com uma roupa verde-fosforescente, fazia paradas estratégicas no som, levando a galera ao delírio.

Onde diabos se meteu aquele desgraçado do André? Será que já pegou uma gata e se mandou? Maravilha, ele estava com a chave do carro. Merda!

— Urik! — gritou alguém.

Lá estava o babaca do André. Só que não sozinho. Uma morena gostosa, enfiada num microvestido branco, enroscava a boca em seu pescoço. Com o outro braço, ele pegava pela cintura uma loira deslumbrante de minissaia vermelha e blusa preta de paetê, com um decote generoso. *Filho da mãe!*

— Meninas — falou com a voz grogue —, esse é o meu amigo Urik, companheiro de quarto. Ele é gente boa. Urik, diga *oi* aqui para a Heather... — mas a morena enroscou a boca na dele e já era.

— Oi — a loira olhou para mim, seu corpo bem próximo. — Urik, não é?

— É — engoli. Minha nossa, que avião! Deus existia e era bom pra mim!

— Você parece tímido — ela passou as pontas das unhas pelo meu pescoço. A reação veio na hora dentro da cueca. — Gosto disso. Os tímidos são muito mais saborosos.

Sem aviso, sua boca caiu na minha. Era gelada, mas não me importei. Meu corpo estava pegando fogo e dava pra compensar.

— Sim, muito saboroso — ela comentou, lambendo os beijos e passando a língua em meu pescoço. Minha cabeça estava zuada, como se tivesse tomado *ecstasy*.

Ela correu as mãos pela minha camisa, puxando-a devagar pelo cós da calça. Abriu o zíper e senti minha ereção ser massageada com habilidade por seus dedos frios. Ninguém prestava atenção ao que acontecia e me perdi nas sensações, torcendo para que o dois

Viagras que tomei realmente fizessem o efeito esperado. Aquela mulher tinha fogo, e eu precisaria de muita energia.

— Eu não sei seu nome — lembrei de perguntar, embora não fizesse muita diferença.

No escuro, os gatos são pardos.

— Meu nome é Maia — falou numa voz calorosa, batendo a mão num ritmo alucinante. Eu gemi.

Consegui olhar ao redor. André desaparecera com a morena.

— Não precisa se preocupar com seu amigo — Maia disse, mordendo o lóbulo da minha orelha, os dedos mais exigentes dentro da calça. — Heather vai cuidar dele direitinho, assim como eu vou cuidar de você — propôs com a voz sensual e um brilho avermelhado nos olhos.

Essa está mesmo chapada! Ela juntou as pernas nos meus quadris, apertando-se contra a rigidez do local. Suspirei, me deixando levar para os fundos da boate.

Bristol — Inglaterra — Setembro

Estávamos acomodados na sala branca. Fitei o quadro na parede e suspirei. Como Clem aguentava olhar para ele por tantos séculos? Talvez eu não fizesse um juízo real do tamanho de sua força interior.

Havia convidados hoje. Dois. O homem era alto, a pele muito branca e o rosto de um *viking*. Os cabelos eram longos e ruivos, a barba também ruiva e abundante e seus olhos brilhavam como esmeraldas abaixo de densas sobrancelhas vermelhas. Vestia-se com um casaco de lã preto até os joelhos. Imaginei-o usando um daqueles elmos de chifres nórdicos. A mulher que o acompanhava era ruiva, magra e miúda, os cabelos muito lisos escorrendo pelo rosto fino, com sardas e olhos de um azul límpido. Ela usava um casaco de lã azul, sobre um suéter da mesma cor. Eu sabia quem eles eram, embora não tivéssemos sido oficialmente apresentados. Ambos chegaram pela manhã, sem avisar, o que fez Clementine chamar todos. Nos últimos meses, problemas estavam aparecendo.

— De todos os presentes nesta sala apenas Laura ainda não os conhece — Clementine apontou para mim. — Laura, estes são Garret e Leona, pertencem a um dos clãs da região nórdica. Garret, Leona, esta é Laura, ela está conosco há quase um ano.

Um ano! Deus, como o tempo parece voar quando você não tem mais que se preocupar com ele. Garret cumprimentou-me com o olhar.

— É um prazer, senhorita — falou cortesmente. Leona apenas sorriu e acenei em retribuição.

— Nossos amigos têm informações importantes para contar e que nos interessam — Clem continuou, olhando para os visitantes. — Creio que o que vai dizer, Garret, poderá nos ajudar a entender o rumo para onde as coisas estão se dirigindo. Fique à vontade.

Garret levantou-se. Era muito alto, como Josh. Seu movimento foi rápido e fluido.

— Obrigado, Clementine — olhou para nós. — Leona e eu lamentamos vir sem avisar, mas dadas as circunstâncias preferimos fazer a viagem sem chamar a atenção. Soubemos dos problemas que enfrentaram no verão passado e possuímos notícias que podem ser úteis.

Garret olhou para Leona e ela retirou vários recortes de jornais de dentro de uma pasta, espalhando-os pela mesa.

— Como podem ver — ele continuou —, no início deste ano uma série de crimes *misteriosos* varreu as terras da Escandinávia. O nosso território — apontou. — Começou pela nossa área e se expandiu para as áreas de Derik, depois as de Lorelai. O padrão era sempre o mesmo: marcas no pescoço e corpo, sem sangue, nenhum sobrevivente. Foram quinze no total.

Meus olhos se arregalaram. Lembrei-me da última vez em que vimos essa situação e estremeci sutilmente.

— Fizemos rondas, rastreamos, e nada — Garret lamentava. — A mídia estava em polvorosa e uma onda de terror se espalhou entre os humanos. Derik e Lorelai nos propuseram unir forças para enfrentarmos nosso *visitante* inoportuno e aceitamos. Passamos a agir dia e noite, vasculhando cada ponto de ataque anterior e procurando por novos. Cada vez que pegávamos um rastro e o

seguíamos, nos deparávamos com alguma peça de vestuário impregnada com o cheiro do vampiro. Com esse truque, ele nos despistava e atacava em outro local. Era trabalho de profissional.

— Isso está me parecendo um *déjà vu* — Carlo interrompeu.

— Exatamente — Clem concordava.

Garret continuou sua explicação, concordando com a cabeça.

— Porém, quando finalmente conseguimos pegá-lo, a nossa surpresa foi que nos deparamos com um total selvagem! — olhou para Leona. — Era um neófito tão feroz como poucas vezes vira em toda minha existência. Parecia nunca ter sido ensinado, não era capaz de atacar uma vítima sem mutilá-la violentamente e não sabia parar, apenas se escondia de dia. Seu apetite era insaciável, voraz. Foram precisos cinco de nós para agarrá-lo e dominá-lo.

Eu sei o que é a ferocidade desse ataque. Imagens voltavam à minha cabeça.

— Não havia maneiras de controlá-lo e tivemos que destruí-lo. Lamentamos fazer isso, porque queríamos descobrir quem ele era e quem o havia criado — Garret continuou. — Achamos que o assunto se encerraria ali, mas na mesma noite dois ataques ocorreram em outros pontos da Dinamarca e da Noruega. Deixei uma parte de meu clã tomando conta do nosso território e fizemos uma investida nas terras de Derik e Lorelai — ele sentou-se. — Foram semanas, conseguimos impedir algumas mortes, outras não, e finalmente fechamos o cerco.

O silêncio era absoluto na sala.

— Pegamos mais dois. Um foi destruído no local, mas o outro era mais fraco e pudemos controlá-lo — Garret suspirou. — Utilizamos doses pesadas de seu soro, amigo Carlo, embora não façamos uso dele pessoalmente, para tentar amansar a fera e tirar informações.

Os clãs nórdicos alimentavam-se à *moda antiga*, mas sem matar suas presas. Garret fez um gesto para Leona, passando a palavra.

— Conseguimos alguns minutos de lucidez do neófito — ela falou numa voz quase infantil. — Nós o estabilizamos por um tempo, mas parecia possuído. Aproveitamos a chance para tentar arrancar o máximo de dados.

— E o que conseguiram? — Robert falou. Ele segurava minha mão durante a reunião.

Leona sacudiu a cabeça em desalento.

— Nada de muito concreto — disse. — Algo sobre uma mulher alta e loira, de olhos vermelhos. Que ela o mordeu no pescoço, deixando-o tonto, e o fez beber o sangue dela, prometendo que ele teria mais se quisesse. Falou sobre uma morena e um rapaz ruivo e que havia outros também, muitos. Chegou a nos dizer seu primeiro nome: Urik, e depois perdeu o controle. Não pudemos fazer nada.

Todos se entreolharam. As suspeitas se confirmando.

— Foi então que a Ordem interveio — Garret falou. — O Megister da região relatou os fatos ao Mathesis e um Conselho foi formado. Esse novo Mathesis, Avelar, ele é um canalha! Um bastardo filho da mãe! — Garret se alterou. — Além de praticamente não ouvir nossas defesas e testemunhas, ainda nos acusou, perante o Conselho, de sermos nós mesmos os responsáveis pela chacina, devido às nossas *preferências alimentares*, e que estávamos, provavelmente, tentando pôr panos quentes na história. Sabe como são os membros do clã nórdico, Clementine — voltou-se para ela. — Eles não levam desaforos para casa e a encrenca poderia ter sido feia e o Acordo violado. Isso só não aconteceu pela interferência dos Megisters das Terras Baixas e do Reino Unido, que nos pediram calma e intercederam junto ao Mathesis.

David! David impediu a chacina.

— Avelar não queria concordar — Garret continuou —, ele estava disposto a acabar com mais de cinco séculos de paz entre nós. Justo ele, o herdeiro de Domenico! — seu ânimo estava exaltado. — E tem mais: havia uma guarda imensa de mestiços no local. Nunca vi tantos juntos em seiscentos anos de vida. Aquilo não parecia ser verdade, seria impossível encontrar mestiços em tal quantidade mesmo que passássemos um pente-fino sobre o planeta!

Garret sufocou de indignação e Leona interveio.

— Soubemos do que houve no Conselho de Salisbury — ela olhou para mim —, e percebemos algumas semelhanças no comportamento do novo Mathesis. Ele tem procurado formas de diminuir nossos argumentos para nos encurralar — olhou para todos. — E nos

intimidar perante o número de guardas que a Ordem possui agora. Sabemos que eles têm muitos mestiços e que isso pode ser útil num ataque frontal. Ele procura brechas no Acordo e elas têm aparecido com uma frequência suspeita. O que acham?

Clementine tinha as mãos cruzadas sobre a mesa.

— Provavelmente alguém — ela foi soturna —, essa loira de que falaram, plantou os neófitos em sua terra para provocar os tumultos. E tenho quase certeza de que se trata da mesma vampira que criou o neófito de Bristol.

— Poderia ser? — Leona falou.

— Sim — Clem afirmou. — O nosso atacante também nos despistava com falsos engodos. Só que eles eram selvagens demais para racionalizar dessa maneira. Então, de certa forma, seu criador estava por perto. Ele deixava as pistas em locais estratégicos, provavelmente de dia, quando somos mais vulneráveis, enquanto os ataques ocorriam em outra área. Mas era esperto, nunca ficava tempo suficiente para sentirmos seu rastro, mascarando-o com o cheiro de sua cria. — sua voz ficou mais grave. — E ainda me atrevo a dizer: tenho minhas desconfianças de que Avelar está de comum acordo com tudo isso.

Garret e Leona absorviam a informação, perplexos. Para mim, que estava há pouco tempo naquela vida, o choque da notícia não tinha o mesmo impacto. Provavelmente eram os séculos que faziam toda diferença, as promessas e votos; o ritmo de uma época que não era minha ditava as regras ali. Quando falou, Garret parecia confuso.

— Então o que podemos fazer? — gesticulou com as mãos abertas. — Se o que falou for verdade, os tempos de guerra voltarão? E com a ajuda da Ordem? Isso agradaria aqueles bastardos Leviatãs do norte. Há muito tempo os puros pedem pela oportunidade de acabar conosco — Garret estava possesso.

— Nem todos os puros concordariam com isso, Garret — Carlo falou. — Muitos têm sido os aliados entre eles, você sabe. Só querem viver a eternidade em paz e não alimentam racismos.

— Mesmo assim, de que lado acha que ficariam se a coisa pegar fogo para valer? — Garret questionava. — Somos muitos, mas eles

são mais fortes, não têm as nossas fraquezas. E a rivalidade é antiga e arraigada desde que o primeiro de nós foi criado.

— Só há uma maneira de sabermos de que lado estarão — Clementine se posicionou. — Daqui a seis meses teremos o Concílio Geral.

O Concílio Geral, como era chamado, acontecia a cada vinte ou trinta anos em Amsterdã, na Holanda, no local onde o Acordo foi selado com a Ordem no século XV. Era um momento de renovação dos votos e os clãs puros e metamorfos tinham de mandar representantes para a cerimônia. Até os mestiços tinham permissão de participar. Seria a primeira vez que eu iria.

— E no que está pensando? — Leona falou.

Clem ficou em pé. Sua voz soava como um grande sino tangendo.

— Outras histórias já chegaram antes até mim, Leona. Pequenas ocorrências na Grécia, na África, no Brasil, conectadas em alguns pontos. Temos amigos nessas regiões e eles entraram em contato. Se fosse por desejo deles, teríamos nos reunido com vocês e outros aliados para discutir essas questões, mas o Concílio está próximo, e isso chamaria a atenção da Ordem.

Garret e Leona concordaram com a cabeça.

— Meu plano é o seguinte — Clementine falou. — Aproveitaremos o período do Concílio e marcaremos uma reunião com os clãs que nos contataram. Nós sabemos em quem podemos ou não confiar — sua voz era certa. — A Ordem não ficará tão atenta à movimentação porque pensará que a mobilidade se deve à reunião.

— E onde seria esse encontro? — Leona quis saber.

Clem olhou para Robert.

— Na Irlanda — ele falou. — Em Belfast. Um território neutro de atividades há muito tempo. Não pensariam em provocar algo por lá.

— Alguns contatos eu posso fazer antecipadamente — Clem completou. — Alexia, Solomon e Jamal, por exemplo. Os outros demandariam esforço e seriam notados. Durante o Concílio será mais fácil.

— Precisa envolver esses puros bastardos no meio? — Garret estava aborrecido e fungou.

Ele se referia a Alexia, uma Lâmia grega, e Jamal, um Asanbosan africano. Duas raças distintas de puros. Garret parecia não concordar em se misturar a eles.

— São aliados do clã Di Feveré — Carlo apontou. — Os poucos entre os puros que não possuem resistências a nós. Se houver problemas, vamos precisar do apoio de outros clãs ligados a eles.

Havia ramificações dentro das raças. As Lâmias gregas eram superiores e abaixo delas existiam outras castas, assim como acontecia com os Asanbosans. Em casos de necessidade, as castas apoiariam suas casas incondicionalmente.

— Muito bem, que seja — Garret resmungou, tentando se conformar.

Clem concluiu o assunto.

— Vou fazer os contatos — assegurou. — Por ora, voltem à sua terra e avisem os outros, mas com cautela. Somente quem acredite que seja de confiança.

Os dois concordaram. Nada mais haveria a ser dito, por enquanto.



— Mãe! Você sabe onde coloquei minha blusa marrom? — Cíntia gritava do alto da escada.

Respirei fundo e captei o cheiro da blusa. Deslizei para a área de serviço.

— Achei, filha — abri o cesto de roupas da lavanderia —, está aqui embaixo para lavar.

— Droga, com que blusa eu vou, então? — ela ficou irritada.

Dei risada.

— Por que não vai com o suéter azul e o casaco cinza? — sugeri.
— Fica bonito em você.

— Oh, droga! — pisou duro. — Preciso comprar roupas novas.

— Você sempre precisa — falei animada.

Ela não respondeu. Voltou para o quarto e bateu a porta. Eric e ela iriam ao cinema e uma súbita crise de maturidade tomava conta

de Cínthia. Na última vez em que saíram juntos, uma garota mais velha, universitária, dera em cima dele. Não que ele se importasse, seus olhos eram todos para ela, mas isso a irritara e deixara com ciúmes. Desde aquele dia, Cínthia praticamente renovou seu guarda-roupa, trocou os sapatos baixos pelos altos, alterou detalhes na maquiagem e cabelos e ficou mais vaidosa. *Ah, o amor! Suspirei. Tão irracional quanto o ciúme e ao mesmo tempo tão esperto.*

Aproveitei que ninguém estava lá para me ver e rapidamente fui arrumando a casa. Aquele último ano me ajudou a equilibrar minhas habilidades e, confesso, no trabalho doméstico elas eram fantásticas. Morgana já não ficava comigo há meses, não havia necessidade. Usava o soro em períodos regulares e não me abstive mais de caçar quando sentia necessidade. Não questionei minha natureza e adaptei-me a ela. Também havia me adequadado inteiramente à vida com os outros do clã. A necessidade de estar com semelhantes e o fato de eles terem me defendido em todos os momentos só fizeram aumentar os laços. Eram minha família agora e estávamos juntos naquilo pela eternidade.

Enquanto a máquina de lavar trabalhava, lavei e sequei a louça, limpei a sala e pus flores novas nos vasos em tempo recorde. Quando a campainha tocou, estava tudo arrumado.

— Oi, Laura — Eric sorria.

— Oi — ele entrou. — Cínthia! O Eric já chegou! — chamei.

Do alto ouvi a resposta.

— Só mais um minuto! — gritou.

Sacudi a cabeça.

— E então? — perguntei em voz baixa.

— Clem fez os contatos — sua voz era um sussurro também. — Todos estão cientes do problema. Agora é só esperar pelo Concílio.

Concordei com a cabeça.

— E a fera? — ele apontou para o alto.

— Vai te dar trabalho, principalmente se houver universitárias por perto.

Ele abriu os braços em desamparo.

— É mais fácil enfrentar um vampiro do que discutir com ela, sabia? — ele comentou.

— Sei exatamente do que está falando — concordei.

Ambos podíamos ouvir a confusão de trocas de roupas frenéticas no andar superior. Alguma coisa se quebrou e ela xingou baixo. O cheiro do perfume atingiu minhas narinas.

— Acho melhor você se sentar e esperar — sugeri.

Eric se espalhou no sofá. Pela janela, uma neve atípica de outono caía pesada.



O vento soprava na direção oposta da casa em *Southville*. *Bom, muito bom. O tempo será suficiente.* Apesar da neve e do céu nublado, ainda era dia e a vantagem estava a meu favor.

— Não acho isso uma boa ideia, Maia — era a décima vez que Yuri reclamava e aquilo estava me dando nos nervos.

— Você não está aqui para achar nada — falei num sussurro.

Ele me olhou com raiva.

— Então por que você não vai lá e faz o trabalho? — ele retrucou.

— Coloque seu pescoço em risco para variar.

Sibilei para ele, mas mesmo assim seu tom de voz continuou arrogante.

— Ou tem medo de que uma investida pessoal possa acabar mal e a mulher dos Fevré tome seu lugar junto ao seu amante na Ordem? — grasnou. — Avelar pareceu bem interessado da última vez.

Em segundos eu o suspendi no ar, minha mão agarrando sua jugular, espremendo a traqueia. O rosto de Yuri ficou vermelho primeiro, depois perigosamente arroxeadado. Seus olhos saltavam e ele agarrava minhas mãos em desespero.

— Escute aqui, seu mestiço idiota! — meu grito era uma ameaça em voz baixa. — Estou cansada de ouvi-lo reclamando na minha cabeça, moleque! — apertei mais um pouco. — Seu trabalho é simples, faça-o sem questionar. Ou segue o que eu digo ou cai fora. E acho que não será uma boa para você retornar à vida de *privações* que tinha antes, ou se entregar aos instintos sem contar com a devida

proteção e a mercê dos clãs de qualquer lugar onde se estabelecer, não concorda? Se quiser continuar com a vida boa e as regalias, vai fazer o que eu mandar sem discutir. Fui clara? Ou quer que eu desenhe? — sorri, mostrando as presas. — Posso usar seu sangue como tinta.

Seu rosto era apavorado quando o soltei. Ele arfou baixo, procurando pelo ar, tossindo e se arrastando sobre a neve que se dissolvia e escorria pelas calhas, massageando o pescoço onde as marcas de meus dedos eram bem visíveis. Olhei-o com ódio.

— Agora ande, Yuri. Vá antes que o vento mude — mandei. — Seja rápido, terá pouco tempo.

Ele rosnou baixo, olhando-me com o mesmo ódio, mas fez o que mandei, desaparecendo. Do telhado onde estava pude ver o vulto pela janela do andar superior. Sorri.



Porcaria! Porcaria! Porcaria! Será que não tenho nenhuma roupa decente aqui? Já procurei em todo o armário. Cadê a blusa marrom?

— Mãe! Você sabe onde coloquei minha blusa marrom? — gritei.

Onde estaria a droga da blusa?

— Achei, filha — ouvi a resposta —, está aqui embaixo para lavar.

Essa não! Justo ela? E agora?

— Droga, com que blusa eu vou então? — perguntei irritada e chutei a cama.

Estava com a toalha enrolada na cabeça e o roupão. Ainda precisava secar os cabelos. Merda!

— Por que não vai com o suéter azul e o casaco cinza? — minha mãe falou. — Fica bonito em você.

Ah tá! A mesma roupa que usei da última vez? Nem pensar!

— Oh, droga! — resmunguei alto para ela ouvir. — Preciso comprar roupas novas — com certeza.

— Você sempre precisa — ela parecia zombar da minha aflição.

Será que minha mãe nunca passou por aquilo antes? Não podia sair com meu namorado usando sempre a mesma roupa. E para quê? Para uma dondoca metida à besta dar em cima do Eric na minha frente? Na minha cara?

— Abusada! Sem vergonha! — resmunguei baixo.

Será que ela não viu que ele estava acompanhado? Sim, ela viu sim, e fez questão de mostrar que era superior a mim! Deveria ter o quê... dezenove anos? *É, por aí mesmo.* Era muito mais bonita do que eu e poderia apostar que não era uma virgem idiota! Deveria ser exatamente como os garotos gostam: uma mulher com *experiência*, que sabe das coisas. Sentei-me na beirada da cama, desamparada. *Quando será que iria acontecer?* Fazia mais de um ano que estávamos namorando e nada! Eric me respeitava, mas já não era muito tempo? Algumas colegas da escola tiveram sua primeira vez poucos meses depois de começarem a namorar sério. Caroline havia me contado os detalhes, alguns nojentos e outros bem... interessantes. Com que cara eu diria a elas, quando voltasse para as aulas, que meu namorado nunca tinha tentado? Nadinha? E agora as garotas mais velhas ficavam olhando para ele. *Argh!*

A blusa marrom tinha de estar para lavar? Oh, mundo cruel! Deveria ter mais alguma coisa aqui, seria impossível não achar nada adequado. Bati a porta do quarto com raiva e fui ao *closet*. A janela estava aberta, por alguma razão, e fazia frio, mas não me preocupei. Comecei a jogar as roupas.

— Essa não. Esse suéter não combina com a calça. Ou eu podia trocar a calça — olhei ao redor desanimada. — Cadê o suéter verde? Droga!

Ouvi a campainha tocar e olhei para o relógio. *Ah, meu Deus! Ele chegou!*

— Cínthia! O Eric já chegou! — minha mãe confirmava.

Fiquei desesperada. *E agora?*

— Só mais um minuto! — gritei em resposta.

Peguei a blusa azul e o casaco preto e voltei para o quarto. O vento bateu a janela do *closet* com força. *Depois eu fecho.* Tirei o roupão e vesti as calças. Acabava de colocar o suéter e algo se

espatifou no chão. Um vidro de perfume que estava na cabeceira da cama. *Eu nem toquei nele!*

— Merda! — peguei os cacos.

Tossi um pouco, o cheiro era forte. Joguei os pedaços de vidro no cesto de lixo, coloquei lenços de papel sobre o líquido esparramado e voltei a me arrumar, secando os cabelos. Pela janela do *closet*, o vento atravessou o corredor e chegou até o quarto, espalhando ainda mais o perfume. Fechei a porta com raiva e terminei de ajeitar os cabelos. Peguei o *kit* de maquiagem na bolsa e usei o espelho do estojo para delinear os olhos.

Gelei.

Meus olhos se arregalaram e as pernas amoleceram. Pelo reflexo, vi que não estava sozinha no quarto.



— Eric...?

Derrubei o vaso de flores que segurava assim que o cheiro do perfume me atingiu. Havia outro odor misturado a ele. Eric ficou tenso e olhou para cima, empalidecendo.

Voamos pelas escadas. A porta do quarto não foi um obstáculo para Eric, mas a cena nos fez congelar. Um mestiço de cabelos vermelhos segurava Cínthia pelo pescoço, sufocando o grito em sua garganta, mostrando todos os dentes de que dispunha. Ela nos olhava com olhos arregalados de pavor. Graças à mudança do vento, que espalhara o perfume, o odor do mestiço ficou perceptível. Ele voltou-se para nós com um rosnado e no segundo seguinte Eric tombou com ele no chão. Peguei Cínthia antes que ela batesse a cabeça contra a parede e a coloquei atrás do meu corpo.

— Fique aqui e não se mexa! — gritei. Ela se encolhia do outro lado da cama.

Eric segurava o mestiço numa chave de braço. O som dos dois se debatendo era alto. Instintivamente eu já estava com as presas à mostra, o corpo dobrado e pronto para atacar. Eric caiu com ele pelo

chão outra vez, ambos rolando e derrubando móveis e objetos. Com um solavanco violento, o mestiço ficou em pé. Eric estava agarrado as suas costas. Chocavam-se nas paredes, o mestiço tentando se livrar dele arremessando-o contra qualquer coisa que pudesse feri-lo. Com um gesto brusco, acertou o espelho alto no canto esquerdo, usando o corpo de Eric como escudo. Os cacos voaram, alguns arremessados contra mim. Eric começou a sangrar no pescoço e busquei ângulos em que pudesse ajudá-lo.

Atingiram a porta do armário, fazendo-a rachar, e o mestiço se soltou, jogando Eric. Em seguida pulou para o teto, firmando-se nas beiradas do border de madeira, e deslizando em direção à janela, buscando uma saída. Saltei sobre ele certa. Agarrei-o com as pernas cruzadas em seu tórax, uma das mãos apertou seu pescoço e a outra puxou sua cabeça para trás, arrancando cabelos nesse processo. Ele se agarrava ao teto e as unhas arrancaram lascas do forro; gotas de sangue brotaram de seus dedos feridos.

Livrando uma das mãos, desferiu-me um golpe com o punho, na altura do queixo, e com o cotovelo acertou minhas costelas. Arfei, mas me mantive firme e forcei seu tronco para o chão. Despencamos com estrondo no quarto, rolei por cima dele e cravei os dentes em sua garganta desprotegida. Ele tentou resistir, suas mãos empurravam meu rosto, as unhas arranhavam minha pele, mas eu estava cega de raiva e minhas energias aumentavam a cada pensamento daquele desgraçado tentando matar minha filha. Com um golpe desesperado, ele acertou minha cabeça com uma das pernas de uma cadeira destruída. Aquilo e nada foi a mesma coisa e continuei abrindo meu caminho com presas raivosas.

Ele gritava baixo, sufocando com o próprio sangue que dificultava sua respiração. Ouvei os sons dos cortes em sua carne, meus dentes cada vez mais fundos, separando fibra por fibra. Aos poucos, o corpo abaixo de mim ficou inerte, sua força não se comparando à minha. Era só um mestiço.

Então estava acabado. Ele jazia pelo chão, numa postura desarticulada, o pescoço destroçado e os olhos baços fitando o vazio. Coloquei-me em pé, os dedos tensos. Meu maxilar não relaxou

e a respiração escapava entrecortada pelas presas. Gotas do sangue do mestiço escorriam em meu queixo. O gosto era horrível.

— Como? — Eric perguntava para mim do outro lado do quarto.

Não consegui responder. Estava em choque, se é que podia sentir aquilo. As pernas pesaram e me apoiei na parede. Quando aprendi a caçar na floresta, minha mente se recusava a agir porque não queria destruir a vida de um animal. E agora eu havia matado alguém pela primeira vez na vida. Não era um humano, graças a Deus. Entretanto, a sensação de desalento era a mesma, o abandono do corpo e um pesar sem tamanho. Mas tão rápido quanto essa impressão foi o instinto de defesa. Se havia um ali...

— Eric, pode haver mais deles! — sussurrei com urgência. — Temos que olhar a casa e os arredores, rápido!

Eric se moveu, pronto a fazer a varredura, mas parou assim que ouviu o ruído baixo:

— Mãe!?

Oh, Deus... Virei-me. Encostada no canto entre a cama e a parede, agarrando o edredon com dedos trêmulos, os cabelos bagunçados, Cíntia estava pálida feito um fantasma. Ela respirava com dificuldade. O rosto era a máscara da descrença, uma mistura de emoções. Meu Deus, e agora? Aquele era o momento que temia, e não sabia como lidaria com ele. Não planejei que seria daquela maneira, com Cíntia vendo Eric e a mim em pleno ataque. Depois do último ano em que as coisas transcorreram de forma quase normal, inconscientemente eu estava protelando os fatos, procurando justificativas para conter a verdade. Mas e agora? Como vai ser? Fiz as presas recuarem para a gengiva e a encarei.

— Mãe? — ela voltou a perguntar, engolindo saliva. — O... que... significa tudo isso?

A queimação dos olhos me atingiu com um baque e os fechei rápido. *Droga! Agora não, por favor!* Não tinha como impedir nem sair correndo para o banheiro. Já era tarde demais, a noite havia caído. Suspirei e os abri.

— M-Mãe!? — ela apontou. — S-Seus olhos! — sua voz tremeu.

O chão não existia sob meus pés. Apesar da força súbita que a noite me trouxera, uma fragilidade interior se apossava de mim, me

derrubando. Olhei com tristeza para Cínthia. Por detrás dela, o espelho do armário permaneceu intacto, mostrando exatamente o que ela via: uma mulher de cabelos desgrenhados, roupas rasgadas, com sangue escorrendo pelo queixo e olhos de um demônio. Não adiantava fugir. A hora da verdade chegara.

— Cínthia — engolia o ar ao falar. — Cínthia, por favor, filha. Não tenha medo. Sou eu — fui me aproximando, tentando limpar o sangue com as costas das mãos e me atrapalhando ainda mais. — Não vou lhe fazer mal, filha. Não precisa ter medo de mim, nunca.

Cínthia não fugiu como achei que faria. Apenas me olhava e olhava para Eric.

— Laura, você não acharia melhor...?

Sacudi negativamente a cabeça. Sabia o que ele queria, mas não faria aquilo. Entendia naquele momento por que Robert desistira de me hipnotizar na ponte, o motivo era o mesmo. O melhor seria a verdade. Apenas ela. Cínthia tinha o direito de saber sobre o mundo ao qual eu pertencia, e de escolher se iria querer fazer parte dele ou não.

— Mãe — ela falou com a voz mais controlada. — Pode me explicar o que tá acontecendo?

Suspirei. Seria uma longa explicação.



Clem se abaixava sobre o corpo do mestiço. Seu cabelo estava preso num rabo de cavalo no alto da cabeça e a expressão era preocupada.

— Não é de nenhum clã que conhecemos, com certeza — ela dizia.

— Não, não é — confirmei.

Sentia-me impotente e com raiva. Um ataque à casa de Laura. Como isso pôde ser possível?

— Mas eu conheço o cheiro, Rob — a voz de Josh comentava às minhas costas. — Quando estávamos em Salisbury, Morgana e eu

pegamos um rastro. Até comentamos sobre isso depois — ele tocou o cadáver com o pé. — Havia outros lá, estavam escondidos, esperando por alguma coisa. E este estava com eles.

— Nômades — falei numa constatação. — Mas por que aqui? — abri meus braços para Josh e Clem. — Qual a razão disso tudo? — aponte para o estrago no quarto.

Clem olhou para mim. Ela estava realmente incomodada, e aquilo me perturbou.

— É o que precisamos descobrir, Robert — falou. — Ou ele agiu sozinho, o que duvido muito, pois a presença de Laura e Eric o teria espantado, ou foi proposital.

Passei a mão sobre os cabelos com força. Proposital. Alguém tentou matar a filha dela. Por quê?

— E então, Carlo? — perguntei, vendo-o recolher seus materiais.

— Já peguei o que precisava — ele comentou. — Melhor darmos um jeito no corpo e neste quarto.

— Cuido do mestiço — Josh se adiantou, pegando o cadáver e desaparecendo.

Morgana apareceu, o semblante carregado.

— O que descobriu? — Clem perguntou.

— Havia outro rastro lá fora — disse. — Está fraco por causa da neve, vai desaparecer logo. Mas é o mesmo de Salisbury, tenho certeza. Foi para o norte, mas desapareceu no caminho.

Olhei para a porta fechada do outro quarto. Era frustrante ficar do lado de fora. Queria ajudar de alguma maneira, mas aquilo estava fora das minhas mãos. Quase não se ouvia nada, apenas a história murmurada por Laura e Eric. Cínthia não falava e sua respiração era profunda e alterada em algumas partes. O que ela pensaria deles? Abandonaria a mãe? Deixaria Eric?

Eram as mesmas dúvidas que tive. As mesmas que me atormentaram por tanto tempo. A verdade, em nosso caso, poderia ser nossa eterna maldição. Não me atrevia a pensar na enormidade da dor que isso custaria a eles, se ela os rejeitasse. Que danos causaria a Laura? *Laura. Meu amor. Será que fiz o certo?* Senti o movimento antes da mão dela tocar meu ombro.

— Será melhor levarmos as duas para *Leigh Woods* hoje — Clem sugeriu. — Isto é, se tudo correr bem — olhou para a porta.
Concordei com a cabeça. Eu só podia esperar.



O silêncio já durava mais tempo do que eu me lembrava que Cínthia conseguisse se manter calada. Era assustador, terrível. Ela ouviu toda a história sem questionar, praticamente sem se mover nem tocar na xícara de chá que esfriara na mesa de cabeceira. Estava enrolada em um edredom e seus olhos azuis iam de mim para Eric e de novo para mim. Havia tanto que eu queria falar, mas tinha medo de abrir a boca. Medo do que iria ouvir. Por isso fiquei imóvel, esperando. Eric estava pálido e sua tensão era visível. Tinha uma ruga na testa e apertava os nós dos dedos.

Os únicos sons que eu ouvia no quarto eram dos corações de Eric e Cínthia. O meu estaria disparado se pudesse. Cínthia moveu a cabeça e me olhou. Prendi o fôlego. Havia me limpado do sangue e colocado uma camiseta nova, para parecer menos monstruosa aos seus olhos.

— Mãe? — perguntou incerta.

— O que foi? — respondi num fôlego.

Ela me olhava de lado, colocando as mãos no queixo.

— Posso fazer uma coisa? — seus olhos azuis brilharam, de repente.

Acenei, sem conseguir falar. Ela se aproximou e com a ponta dos dedos tocou meu rosto. Senti o calor queimar minha pele.

— É fria — murmurou, passeando os dedos. — Era fria antes, mas eu... — e calou-se.

Continuou seu exame pelos olhos, boca, cabelos. Aproximou o corpo e colocou as mãos sobre o meu peito. Eu petrifiquei.

— Não bate! — sua face se abriu em surpresa. Ela tocava em meu coração.

Engoli o nó da garganta e lutei contra as lágrimas que iriam assustá-la.

— Mas sente — falei com a voz apertada. — E está vivo. Acredite.

Ela deixou as mãos ficarem lá. Seu rosto estava curioso, intrigado, como se vislumbrasse um personagem saído de um livro de histórias para o mundo real. *E é bem por aí mesmo.*

— Quer dizer que... — ela tentou falar, mas perdeu a voz por um momento. — Que agora você é imortal? Não vai morrer nunca?

— Não de forma natural — consegui responder.

— Nem vai ficar velha? — quis saber.

— Não.

— Para sempre? — seu tom subiu um pouco.

Concordei com a cabeça.

— E Robert, Clementine, Morgana, também? Até o cara gótico grandão lá fora?

— Ele não é gótico, Cínthia, é albino — não entendia seu raciocínio.

Ela levantou-se sem aviso e caminhou para a janela. O movimento fez Eric e eu levarmos um susto. Nenhum de nós se atreveu a dizer nada. Cínthia ficou minutos incontáveis olhando para fora, sem notar que estávamos lá. O coração de Eric quase pulava do peito enquanto minha mão quebrava um pedaço da madeira da cabeceira da cama. Algum tempo depois, ela balançou a cabeça e virou-se com o rosto raivoso.

— Isso tudo é muito injusto! — acusou com a voz nervosa e irritada.

É agora, torci os dedos.

— Cínthia, filha, sei que parece loucura. Também não acreditei quando me contaram — as palavras jorravam da minha boca —, mas preciso que saiba: Eric e eu jamais iríamos deixar que algum mal acontecesse a você, por isso atacamos aquele miserável. Por isso eu o matei — engoli a palavra. — Ele a mataria se eu não o fizesse. Não achei que descobriria a verdade dessa forma, mas agora sabe. Queria contar antes, filha, eu juro! Mas não sabia como; tinha receio

de que você ficasse assim, desse jeito, com raiva, medo e nojo de mim, de nós...

— Eu não estou com nojo — ela me cortou.

Seu rosto era inexpressivo.

— Não? — falei incrédula. — Está com medo?

— Não — ela foi firme —, mas estou com muita raiva! De vocês dois!

Eric e eu nos olhamos sem compreender.

— Cínthia... Não entendi...? — falei.

Ela bufou e se aproximou.

— Não estou com raiva porque não me contou nada antes. Estou furiosa porque sei que vocês dois vão viver para sempre, vão ficar jovens e bonitos, e eu vou envelhecer! — aumentou o tom de voz, quase histérico. — Entende por que isso tudo é injusto, mãe? Poxa, você não terá rugas, cabelos brancos, pés de galinha, nem vai precisar usar *botox*! Vai continuar forte e linda, apesar desses olhos! — fez uma careta. — E quanto a você?

Virou-se para Eric, de repente. Ele endireitou o corpo.

— Como é que vai ser? Vai ficar bonitão pela eternidade, e eu? Daqui a alguns anos vão pensar que sou sua irmã mais velha, sua tia ou até sua avó! — batia o pé de raiva. — Isso sem mencionar que, pelo modo como as coisas são de verdade, vou acabar morrendo virgem!

— Cínthia! — aumentei o tom, chocada. Eric ficou vermelho até a raiz do cabelo.

— Qual é o problema? Falei alguma mentira!? Vocês têm suas preocupações e não posso ter as minhas? — sua voz soava indignada. — Tudo bem eu ter uma mãe vampira e um namorado meio-vampiro. Ninguém é perfeito. Por que eu acharia isso estranho? — sua lógica não fazia nenhum sentido para mim. — Mas vou ter que viver uma vida de freira por causa disso? Ah, Jesus!

Eric olhava para ela, mudo. *Coitado!*

— Bom, fazer o que, não é? Já que vocês dois são desse jeito, paciência — ela frisou a próxima fala com um gesto de dedos bem convincente. — Mas acho melhor pensarem numa solução para mim nessa história, porque não vou me conformar em ficar pra titia!

Quem consegue entender a cabeça dessa garota? Eric estava boquiaberto e sem expressão. Cínthia cruzava os braços e mostrava toda sua determinação, que eu conhecia bem. Como aquilo poderia acabar?

Então, para meu desespero, compreendi que aquela parte da história estava só começando.

Amsterdã — Holanda — Março

Amsterdã. O território neutro. Local da assinatura do Acordo entre os clãs de vampiros e a Ordem da Urare no século XV. A terra do Concílio Geral. Naquela cidade amistosa e alegre — com seus belos jardins floridos na primavera, que se mostrava radiante; suas fontes e praças, os moinhos e pontes de madeira; as ruas repletas de pessoas com bicicletas tocando sinetas; as lojas de chocolates e doces, os vendedores de flores e suvenires; seus rios e afluentes — acontecia a cada três décadas a reunião de renovação do Acordo.

Em contraste com a imortalidade de minha espécie, o período do encontro era relativamente curto devido à fragilidade dos humanos, e novos Megisters eram apresentados oficialmente nos Concílios. David seria um deles. Apenas no caso de substituição do Mathesis era realizado um pequeno Conselho, como o que ocorrera há cerca de dois anos, onde Avelar fora indicado para o posto máximo da Ordem. E, conseqüentemente, os problemas começaram.

— Mãe, você não faz ideia de como isso tá bom!

Cínthia falava ao meu lado, lambendo os dedos e mastigando um típico biscoito caramelado holandês, o *stroopwafel*. Eric também comia, e muito. Era incrível o apetite que os mestiços possuíam. Meu nariz se torceu com o cheiro da comida, era repugnante.

— Tenho certeza que não — admiti enojada.

Ela viu minha cara e comentou:

— Quando eu for vampira, também vou ficar com tanto nojo da comida? — deu outra dentada no biscoito. Eric engasgou-se com o dele.

Suspirei. Já havíamos tido aquela conversa dezenas de vezes antes. Desde que soube da verdade, tudo era motivo para ela tocar no assunto.

— Mas eu quero! — disse-me uma noite. — Também quero ser como você e o Eric, mãe.

— Cínthia, será que você pode me escutar? — falei num tom mais alto. — Eu não tive escolha. Se pudesse, talvez não quisesse isso para mim. Acho que ninguém iria querer.

— Ah, tá! — ela colocou as mãos na cintura. — Quer dizer que se o Rob tivesse dito antes que era um vampiro, e viveria para sempre, você o deixaria livre, leve e solto por aí e abriria mão do homem que amava? Conseguiria encarar que talvez ele arranjasse outra mulher ou uma vampira gostosona para curar a fossa? É isso mesmo, produção?

Engoli aquela. Não tive tempo para pensar em como as coisas seriam se tal possibilidade acontecesse. Teria dito não? Iria me afastar dele? Ou entregaria meu pescoço de livre e espontânea vontade? A perplexidade deve ter se estampado em meu rosto, porque o de Cínthia brilhou.

— Está vendo? — ela gesticulou. — Você não tem certeza. Gosta dele, mãe; faria o que fosse preciso para ficarem juntos — aproximou-se. — E eu também quero fazer o que puder para estar com o Eric — seus olhos grudaram nos meus —, e com você também.

Minha garganta se apertou. Ela falava a verdade. Seria horrível ver minha filha envelhecer, morrer, e passar a eternidade amargando o sofrimento. Como Clementine fazia. Entretanto, eu poderia conviver com o sentimento de culpa, causado pelo egoísmo materno, ao vê-la passar pelos horrores da metamorfose sabendo que concordei com aquilo? Apenas para que ela não seguisse o curso normal da vida humana e eu não corresse o risco de perdê-la para a morte? Suspirei. Qualquer decisão que fosse tomada traria consequências impossíveis de evitar.

E Eric? Cínthia ainda era só uma adolescente. E se esse *grande amor* passasse?

— Filha, o Eric é o único namorado sério que você já teve. E se ele não for o que quer? O que você esperava? E se essa relação for passageira, como será depois que estiver transformada? Esse é um caminho sem volta. Não dá para virar vampira e depois desvirar num passe de mágica. Como pode ter certeza de que é para sempre?

— Porque eu sou como você — ela afirmava com convicção. — Se o papai estivesse vivo, vocês estariam juntos até hoje. Você sempre soube o que queria, mãe, nunca teve dúvidas. E eu também não tenho. Gosto do Eric, mãe, eu o amo. Isso não vai mudar. Portanto, é melhor chegarmos num acordo, certo?

E o acordo chegou. Fui derrotada.

A reunião do Concílio coincidiu com o término dos estudos de Cínthia no ensino médio. No próximo semestre ela iria estudar na Universidade de Amsterdã, junto com Eric. Os dois foram admitidos graças à intervenção de Clem, e aquilo era parte do nosso trato: assim que ela terminasse a graduação em História da Arte, concordaria em fazer a metamorfose. E até lá teríamos tempo para ver como as coisas se ajeitariam junto à Ordem e, inclusive — assim eu pensava —, para que ela mesma decidisse melhor sobre seu destino e futuro.

Aquele era um dos dois motivos para ela estar comigo na Holanda. O outro era óbvio: eu não a deixaria sozinha em Bristol depois do último *incidente*. Após aquele ataque, passamos uma pequena temporada na mansão Fevré. Cínthia ficou maravilhada com os hábitos de todos, como se fosse absolutamente normal. Ouvia as histórias de Carlo, abusava do arsenal de maquiagem de Morgana e treinava luta corporal com Eric por pura diversão. Mas o que mais chamou sua atenção fora o trabalho de Josh. Ele projetava plataformas e *softwares* de *games* para grandes empresas internacionais do ramo. A maioria de suas criações Cínthia conhecia, e o papo entre os dois rolou solto.

— Esse novo *game* será lançado no próximo *Comic Con*, em Londres, e depois em San Diego, nos Estados Unidos — explicara Josh numa tarde. — Estou aperfeiçoando a plataforma em fase final de desenvolvimento. Alguns pilotos de testes de *videogames* já estão

trancafiados na empresa testando o produto. Por enquanto, eu o batizei de *Vampire's Clutches*. Garras de Vampiro.

— Muito apropriado — ela comentou, ficando por horas na sala superbem equipada de Josh.

Mas a especialidade dele se estendia para muito além dos jogos. Graças ao seu vasto conhecimento de tecnologia e informática, era o responsável por encontrar e deletar informações nas redes sociais, virtuais e físicas, que pudessem alertar sobre alguma coisa *anormal* em relação aos Fevré. Tudo aquilo com um deslizar de dedos numa tela. Ele também providenciava algo muito necessário: documentos.

De tempos em tempos era preciso *fechar* uma porta e *abrir* outra. Afinal, seria impossível esperar que alguém aceitasse, de modo natural, a identidade de um portador com 200 ou 300 anos. O arsenal que Josh possuía era de fazer inveja a qualquer *hacker* do século XXI. Seus *spiders* tinham acesso aos setores de identificação de quase todos os países, sendo capazes de penetrar novos sistemas criados e providenciar, em menos de 24 horas, documentos prontos para serem usados, incluindo declarações escolares de nível fundamental, médio e superior.

— Chegamos — Robert apontou.

O carro ficara num estacionamento próximo e caminhamos para uma construção de madeira com telhado baixo. Um típico chalé holandês. A casa de Robert na Holanda. O jardim era multicolorido, com hortênsias, margaridas e tulipas perfumadas, e uma cerca baixa. Passamos pelo portão e seguimos por uma trilha de pedras até a porta. O interior era muito elegante. O teto baixo dava charme, os móveis eram modernos, bem diferentes da mobília austera da mansão em Bristol. Duas esculturas de Dom Quixote estavam numa mesa, um quadro em estilo impressionista na parede da sala e vasos com flores. Os quartos eram aconchegantes, com mobília clara, delicadas cortinas de rendas e roupas de cama em tons pastel. Tudo cheirava muito bem. Robert e eu ficamos no quarto maior. Eric tinha seu quarto e acomodei Cínthia em outro.

— Quando vamos saber se os clãs chegaram? — perguntei enroscando meu corpo no dele, à noite. Clementine e os demais viriam na manhã seguinte.

Ele me abraçou e beijou antes de responder.

— A partir de amanhã eles estarão aqui, pelo menos os que chamam menos atenção — confirmou. — Mas não vamos encontrá-los até o Concílio, não é seguro.

Concordei em silêncio e fiquei acariciando seu peito, as mãos subindo e descendo. Nunca me cansava daquilo.

— Laura... — ele falou após alguns minutos, seu tom era um pouco hesitante. — Preciso falar uma coisa — acariciou meu cabelo.

— O quê? — sua respiração mudou.

— Acho melhor que eu mesmo diga antes que outro o faça. Ou que você escute algum comentário.

— O que aconteceu?

Ele soltou o ar.

— Lembra-se de quando eu disse que havia tido relacionamentos anteriores ao nosso? — sua voz era cautelosa.

Levantei o corpo em meio piscar e o encarei. Não deve ter sido o melhor dos meus olhares.

— Bem... — Robert parecia desconfortável. — Quando era humano, tive a minha cota de aventuras de um homem. Vivia em acampamentos de combate ou na corte do rei e as tentações sempre foram muitas — olhava-me com cuidado. — Todos os homens daquele tempo tinham que se provar para os outros. Na verdade, achava uma besteira tudo aquilo, mas segui conforme o costume de minha época, imaginando que em breve encontraria a mulher certa, com quem me casaria, e teria uma família. Acreditava sinceramente no amor entre duas pessoas, o amor que os trovadores cantavam, e o passado seria enterrado.

Meu olhar não desgrudava de seu rosto.

— Depois que Clem me salvou em Carcassone, e superei os difíceis primeiros tempos da transformação, minha vida sentimental deixou de existir e não me importei. Pensava que não era mais merecedor dos sonhos que antes acalentara, que era indigno deles — seus olhos brilharam. — Não voltaria a desejá-los se não tivesse conhecido você e descoberto que o homem que fui ainda estava vivo dentro de mim, em algum lugar.

Seu rosto ficou tenso.

— Mas quero que saiba, por mim e não por outros, que nesses últimos 600 anos de existência tive um relacionamento como imortal.

Engoli em seco. Parei de respirar totalmente.

— Preciso que entenda uma coisa, Laura — começou a me dizer meio aflito. — Não era amor. Isso eu só encontrei com você — colocou a mão em meu rosto. — Foi apenas uma coisa física, entende?

Sessenta ou seiscentos anos, não fazia diferença. Por que todo homem tinha de falar aquilo? Daquele jeito? Ah, meu Deus!

— Não sentia nada por ela além de atração. Nem ela por mim. Seu modo de vida era outro, bem diferente — ele frisou. — Durou algum tempo, na verdade uns dez anos mais ou menos — seu rosto se contraiu numa careta e arregalei meus olhos —, mas é um período curto se você levar em conta a eternidade, é o tempo de uma respiração.

Inspirei fundo. Precisava de fôlego.

— E o que aconteceu? — não sabia se falava ou rosnava a pergunta.

Robert pisava em ovos. Podia ouvir os *crec crec* na minha cabeça.

— Nós chegamos à conclusão de que não queríamos estar juntos — falou. — Meus valores e os dela eram opostos, vínhamos de mundos em nada parecidos e aquilo acabou até com a atração que nos mantinha. E seguimos nossos caminhos. Depois disso só passei a encontrá-la em reuniões como essa, do Concílio.

Parei de respirar de novo e meu corpo ficou rígido.

— Está querendo me dizer que ela vai estar no Concílio!? Que toda essa conversa foi para me avisar que sua ex vai desfilhar por lá? É isso!?

— Ela é líder de seu clã. Tem de estar presente e...

— E *quem* é!? — minha voz era um rosnado real e forte. Não estava me reconhecendo.

E pelo jeito nem ele, pois ao falar espremeu as palavras num sussurro:

— Alexia. A Lâmia da Grécia.

Fechei os olhos. *Alexia!* Lembrava-me dela. Tinha visto fotos de membros de alguns clãs quando Carlo me falara sobre eles. Ela era

pura, uma Lâmia, uma espécie de sereia-vampiro. Graças a sua raça os mitos gregos de sereias que devoravam homens, encantando-os com sua voz melodiosa, chegaram aos nossos dias. Em terra eram mulheres normais, mas na água se metamorfoseavam em criaturas marinhas com caudas de enguia e brânquias. O clã das Lâmias só possuía fêmeas. Elas não procriavam com outros machos, e não havia muitas delas. Mas aqueles eram detalhes sem importância no momento. O que me afligia era outra coisa: Alexia era uma beleza, como uma escultura clássica talhada em mármore. Uma Afrodite de Boticelli. Fervi de ciúme.

— Laura? — Robert falou, alarmado com meu silêncio. — Tudo bem, amor?

Soltei o ar. Minha raiva estava vazando pelos olhos e escorreu pela língua.

— Deixe-me ver — fui sarcástica. — Você me conta agora, dois anos depois de estarmos juntos, que já teve um caso, um relacionamento, que durou dez, veja bem, *dez anos* — frisei —, e não dez dias ou minutos, com aquela mulher belíssima, que parece uma Afrodite grega, e me pergunta se está tudo bem? É isso? Ora, por que não estaria bem, não é mesmo? É uma coisa tão natural! — abri os braços e bufei. — É claro que *não* estou bem, *Chevalier!* — quase gritava, nunca pensei ser capaz de um acesso daqueles. — Como você acha que estou me sentindo sabendo de tudo isso? Que depois de amanhã ela vai estar lá, olhando, lembrando, talvez querendo um repeteco? — fuzilei-o com os olhos. — E como posso ter certeza de que o senhor não vai pensar nisso também? Eu estou furiosa!

Jesus Cristo, quem era essa mulher que estava no meu corpo? Minhas mãos rasgaram o lençol como faca cortando manteiga, chegando até o colchão. Finquei os dedos nele numa tentativa inútil de procurar alguma lucidez, apenas para descobrir que minha racionalidade devia ter virado o Cabo da Boa Esperança, ido visitar a China, e não pretendia retornar antes de dar umas cem voltas em torno do planeta. Não adiantava respirar. O ar não limpava a mente nem me ajudava a pensar.

— Laura — Robert falou assustado, tentando me acalmar —, não precisa ficar assim. Não tem motivo para ter ciúmes, amor —

aproximava-se tentando tirar meus dedos do colchão danificado. — Já disse, não significou nada. Foi apenas por solidão. Eu tentei e ela tentou, mas não deu certo. E tudo aconteceu há muito tempo, bem mais de cem anos.

— Não foi você que disse há pouco que o tempo não contava nessa questão? Que dez anos eram como uma respiração em nossa espécie? — falei irritada. — Então, cem anos seriam o quê? Um fôlego prolongado? Ah, faça-me o favor! — sibilei. — E não tente defender esse ponto de vista outra vez ou vai dormir no sofá!

Ele me olhava angustiado, mas mesmo assim não relaxei.

— Laura, me escuta, por favor — segurou meu rosto com as mãos. Tentei me esquivar, mas ele não me deixou escapar. — Não havia amor — sua voz era suave. — Nunca houve nem poderia haver. Não como o que sinto por você. Jamais! Mesmo que encontrasse Alexia aqui e agora, meus olhos estariam só *em você*, Laura. É passado, não existe mais. Fique calma, meu amor.

— E como quer que eu me acalme sabendo *disso* tudo? — retruquei zangada. — Não acha que está me pedindo demais? — rosnei baixo.

Ele riu então, meio presunçoso.

— Você fica linda quando está com ciúmes! — seu tom era debochado, tentando apaziguar o clima. — Se eu soubesse que seria assim, teria contado antes — riu ainda mais.

Meu olhar poderia queimá-lo. Não conseguia encontrar a graça que ele via naquela situação.

— Não estou com ciúmes! — menti inutilmente. — E deveria, sim, ter contado antes! Onde já se viu esconder isso de mim por tanto tempo? Estou com raiva!

E era verdade. Sentia raiva pelo que ele fez, mas também tinha uma raiva homicida, muito maior do que o ciúme, pela bela sereia loira da Grécia. E pior: minha mente tomada pela irracionalidade visualizava cenas bem tórridas entre eles. Comecei a imaginar mil e uma formas de agressão se cruzasse com ela.

Robert me abraçou, mas eu estava de mau humor.

— Acho que posso me sentir lisonjeado por isso — apontou para mim, meu comportamento dando um *show* para sua masculinidade. —

Embora seja obrigado a confessar: já quis partir a cara do David várias vezes quando ele olhava para você *daquele* jeito. Principalmente com o que lhe disse em Salisbury — fechou a cara, perdendo o bom humor.

— Isso nem se compara! — zombei. — Nunca tivemos nada, sempre me comportei só como amiga. Você não tem motivos sequer para pensar em ter ciúmes do David — fechei ainda mais a cara, revoltada.

— Mesmo assim, *eu tenho* ciúmes!

Robert me pegou pelos ombros e me atirou na cama, comprimindo seu corpo forte contra o meu. Sua boca esmagou a minha e aos poucos meus músculos amoleceram ao contato. Mas de repente, ele parou, levantando-se um pouco e me encarando com seriedade, uma sobrancelha levantada.

— Ia mesmo me mandar dormir no sofá? — seu rosto estava perplexo com aquela possibilidade.

Apesar da raiva, comecei a rir de sua expressão e o puxei. Meu corpo se derreteu ao toque de suas mãos abusadas e se ajustou ao dele, encerrando por ora aquela discussão.



O microcosmo do mundo dos vampiros. Mesmo com toda a preparação de Carlo, nunca sonhei que tal realidade pudesse de fato existir. Estávamos numa arena, como um coliseu romano, dezenas de metros abaixo do solo. As entradas estavam espalhadas e escondidas nos túneis do metrô holandês, com acesso a elevadores e estreitos corredores de paredes e portas de aço que nos conduziram para aquele local. A arena fora construída muitos séculos depois da assinatura do Acordo, com materiais modernos. Aquela foi a forma que a Ordem encontrou de não chamar a atenção dos humanos na superfície e eliminar a necessidade de o Concílio ser realizado sempre à noite, como antes. Tanto os corredores como a arena eram bem iluminados. Em cada porta de acesso, dois mestiços em seus

capuzes montavam guarda. Assentos marcados por estandartes e brasões indicavam o lugar dos clãs. O símbolo da Ordem era visível na pintura do chão, assim como nos assentos de seus membros.

Trajando os mantos verdes, ocupamos o lugar destinado ao clã Di Feveré. À nossa direita estava o brasão da família de Solomon, que não havia chegado, e do lado esquerdo o brasão do clã africano dos Asanbosans: dois antílopes empinados sobre uma máscara étnica. Ao todo eu contara trinta estandartes espalhados pela redoma abobadada. Era um protocolo e tanto, como estar presente a uma reunião de Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda ou a abertura dos Jogos Olímpicos. Todas as delegações estariam lá para ver como terminaria o jogo.

— Meus amigos! — a voz sonora de Solomon retumbou no ar.

Trajava roupas dignas de um príncipe e o manto dourado resplandecia. Shiloh e Nazaré o acompanhavam e mais dois estranhos estavam com eles.

— Laura, minha querida! — deu-me um beijo em cada face. — Esses são José e Bernardo. Eles vivem em São Paulo, são uma ramificação da nossa família no Brasil.

Os dois me cumprimentaram agitando seus mantos azuis-claros. Vampiros em São Paulo, quem diria! Aos poucos, novas formas ocupavam os espaços silenciosamente. Cheiros desconhecidos chegavam com a multidão, assim como outros já familiares. Garret e Leona, com mantos marrom-avermelhados, cumprimentaram-nos a distância, acompanhados — pelo que Robert me contava — por Derik, um rapaz alto e louro, e Lorelai, uma jovem de cabelos acobreados. Os clãs nórdicos. E trouxeram muitos com eles.

— Aqueles são os Ekiiminus — Robert apontou para duas figuras sombrias, de mantos escarlates —, Bóris e Vassília. Vivem na Romênia, mas seu berço é a antiga Assíria. As lendas contam que eles podiam ficar invisíveis, mas na verdade se camuflavam, como camaleões, usando uma espécie de mimetismo — observei enquanto se sentavam. — Os de mantos laranja são do clã Baital, da Índia — olhei na direção deles. — Chamam-se Rajesh, Atul e Siana. Como os Ekiiminus, são puros e em sua terra deram origem ao mito dos deuses hindus da guerra e da morte.

Eram altivos e impressionantes. Possuíam asas e garras como gárgulas, mas os rostos eram belos e angelicais, cobertos por pinturas de henna. Os olhos eram enigmáticos e profundos. Segundo Carlo dissera, eles podiam retrair as garras como os gatos e ocultar as asas. Como faziam isso, eu não tinha a menor ideia, pois eram enormes.

— Mas vejam quem chegou cedo! — trovejou uma voz grossa. — Carlo, Clementine, Robert! Como estão, meus amigos?

Olhei para cima. *Bem* para cima, na verdade, para encarar os vampiros mais altos que vira até o momento. Imensos, musculosos, a pele negra lustrosa, os mantos mal cobrindo suas formas e os trajes de peles que usavam. Estavam descalços, mas eu duvidava que houvesse sapatos que ocultassem os cascos que possuíam ao invés de pés. Eram os Asanbosans da África.

— Laura — Robert falou —, esse é Jamal, líder do clã Asanbosan. Jamal, essa é minha mulher, Laura.

Era a primeira vez que ele se referia a mim daquela maneira. Foi uma sensação muito boa de experimentar.

— Ah! Clementine falou de você — sorriu e pegou-me num abraço gigante, levantando-me do chão. — Mas ela não disse que era tão bonita! — colocou-me de volta com suavidade. — Você teve bom gosto, meu amigo — deu um sonoro tapa nas costas de Robert.

Apontou para os outros que o acompanhavam.

— Esses são meus filhos Djevá, Obú, Ranisa e Somé, e essa é minha esposa, Ayesha.

A esposa e os filhos de Jamal eram tão altos quanto ele, os olhos vermelhos curiosos, um sorriso aberto e franco em cada rosto. Ayesha exibia uma discreta barriga de gravidez.

— Trouxe quase toda a família dessa vez, Jamal? — cumprimentou Clem. — E vejo que tem mais um a caminho — passou a mão de leve no ventre de Ayesha, que sorria de satisfação. — Devia dar mais sossego para sua esposa — ralhou de brincadeira.

— A eternidade pode ser entediante, é bom ter sempre o que fazer — piscou. — Sim, trouxe alguns de meus filhos e mais membros de clãs ligados ao nosso para o caso de precisarmos — falou cauteloso. — Estamos aqui para o que der e vier.

— Espero que não seja necessário — Carlo lamentou.

Outro movimento no ar atraiu meu olhar. Posicionando-se bem à nossa frente, com seus mantos brancos, destacavam-se três belas mulheres. Duas morenas se sentaram, mas foi a loira que me fez enrijecer: Alexia, a Lâmia Grega! Ela nos viu e cumprimentou com a cabeça num gesto ligeiro. Rosnei baixo e apertei as mãos. O braço de Robert imediatamente rodeou minha cintura, mesmo assim não relaxei.

— Laura — falou num sussurro, olhando para mim. Seu rosto estava tenso.

— Eu sei! — retruquei azeda. — Só não dá para evitar. Sou mulher! — bufei.

Ele riu baixo.

— Não tenho dúvida disso, amor — me deu um beijo.

Morgana sufocou uma risada e Eric balançou a cabeça. Se o que Cínthia afirmava fosse verdade — que ela se parecia comigo em temperamento —, era bom mesmo que ele visse o que o aguardava. Não seria moleza tentar encarar Cínthia com raiva pela eternidade. Meu ciúme e a zombaria dos demais se extinguíram quando as cabeças se voltaram para a mesma direção. A expressão de Robert mudou, juntamente com a de Solomon e Jamal.

— Acaba de chegar um dos motivos pelo qual somos conhecidos como demônios pelos humanos — Solomon comentou.

Sete homens e três mulheres. Altivos e imponentes. Trajavam mantos cinza, e, com exceção de uma das mulheres, os outros tinham os cabelos e peles tão brancos como neve. A simples presença deles congelava o ar em volta.

— Leviatãs — rosnou Jamal. — E desta vez são muitos... Isso vai ser interessante — estalou os dedos das mãos.

Os Leviatãs, o clã mais apartado de todos. Viviam nas terras do norte, quase nos polos. Tão antigos que, segundo Carlo, provavelmente deram origem ao *monstro mitológico fenício* mencionado na Bíblia — e que atacava o povo hebreu —, descrito de variadas formas. Brancos, os cabelos longos, alguns trançados. Tinham os traços finos e delicados dos elfos das histórias de Tolkien, mas algo de agressivo se insinuava, lembrando os demônios de

Alighiere. Josh se parecia com eles, e muito, mas apenas fisicamente. As mulheres tinham a aparência apática, mas os olhos eram ferozes. Aliás, os olhos eram o detalhe mais surpreendente. Os Leviatãs possuíam a íris branca, com um fino halo vermelho ao redor delas.

Somente a terceira mulher, uma ruiva muito bonita, se diferenciava de toda aquela brancura, como uma mancha de sangue virginal em um lençol alvo. Uma das mulheres de cabelos brancos estava grávida.

— Amos não perde tempo — comentou Solomon. — Valquíria está grávida. No último Concílio, fora Brígida — alguns clãs adotavam a poligamia para aumentar a raça. — Mas quem será a ruiva? — questionou curioso. — Pensei que os Leviatãs não gostassem dos *impuros*.

Ela era uma metamorfa, com certeza. Seus olhos eram verdes.

— E eles não gostam — Clem falou sarcástica. — Mas Amos aprecia a beleza. Colecionar brinquedos como esse faz parte de seus fetiches.

Quase no mesmo instante em que a frase foi dita, o homem chamado Amos virou-se e olhou para nós. Então seus estranhos olhos brancos pousaram em mim e se demoraram em observação. Um ligeiro sorriso de aprovação insinuou-se em seus lábios finos, o que fez Robert colocar-se entre mim e ele.

— Parece que você chamou a atenção, Laura — Morgana comentou com voz agourenta. — Isso não é bom.

— Tem razão — Robert emendou. — Não é bom para *ele* — seu tom era ameaçador.

Os Leviatãs se acomodaram, mas vez ou outra o olhar de Amos vinha em minha direção. Aquilo me incomodava e concentrei minha atenção nas conversas sussurradas entre Solomon, Jamal, Carlo e Clementine.

— Está tudo confirmado? — Jamal perguntava para Clem.

Ela sacudiu a cabeça ligeiramente.

— Sim — dizia com cuidado, os lábios quase fechados.

— Quem irá? — Solomon quis saber.

Ela dava de ombros, fingindo indiferença.

— A princípio você, Jamal, Atul, Garret, Derik, Lorelai e Alexia.

Fechei a cara involuntariamente ao ouvir o último nome e olhei para o clã da Grécia. *Inferno, ela tinha de ser tão bonita?*

— Ainda preciso confirmar com Bóris. Ele estava relutante, mas depois do ataque na Bulgária sua opinião ficou abalada e os clãs dos Obours querem respostas — Clem mantinha a voz ainda mais baixa à medida que o espaço se enchia. — Saberei com certeza durante o ato principal. Até lá, será melhor não comentarmos mais nada.

A arena estava praticamente lotada, colorida e quase em silêncio. Além das formas colossais dos Asanbosans, dos Baital e suas asas e garras e da brancura espectral dos Leviaatãs, algumas figuras humanoides e outras animalescas se destacavam. Uns possuíam chifres, outros a pele e os dentes escuros como pixe e olhos vermelhos brilhantes, e havia aqueles com narinas longas e pontiagudas. Um clã da China posicionou-se na outra extremidade, os corpos cobertos por escamas douradas que refletiam a luz, lembrando os dragões das lendas. Da Rússia, vinha um clã aparentemente humano, com exceção do longo ferrão na língua que usavam para injetar as toxinas nas vítimas e se alimentar. A variedade de raças deixaria um criptozoólogo maluquinho. Lembrei-me de Jarvis Poincello. Ele se sentiria realizado.

— Cínthia acharia isso o máximo! — Eric comentou.

Era evidente que ele queria ter ficado na casa com ela, mas por questões práticas Josh seria responsável por sua segurança. *Espero que ela não fique perturbando muito a cabeça dele.* Sabia o quanto poderia se chatear e chatear os outros quando ficava entediada.

A movimentação numa porta lateral de aço fez o silêncio ficar mais profundo. Sons baixos de passos cadenciados, seguidos pela vibração no ar, nos atingiram, e de um corredor interno eles apareceram. E eram muitos. Como um tapete desenrolado pelo chão, uma massa de corpos marchava em ritmo quase militar para a arena. A comitiva era chocante. Blocos de mestiços em mantos brancos, armados de espadas e adagas, alguns portando estandartes com o emblema da Ordem, entravam numa coreografia exata. As fileiras se estendiam. O silêncio, antes natural, passou a mostrar sinais de tensão.

— Meu Deus, o que Avelar possui? Uma máquina para procriar mestiços? — Morgana falou baixo, sua voz um tanto assustada.

Ninguém tinha condições de responder. Até os mais céticos pareciam convencidos de que havia algo errado.

— Se Avelar queria intimidar alguém, está fazendo um esforço e tanto — Jamal sussurrou.

A procissão se desfazia ao alcançar a extremidade oposta da arena e os mestiços se agrupavam, bloqueando as saídas laterais, e formando um duplo anel ao centro. Os Megisters, devidamente paramentados, entraram ladeados por quatro guardas cada um. Senti um aperto na garganta. Lá estava David, o capuz jogado para trás, o rosto impassível. Ele não olhou em nossa direção. Os Megisters ocuparam seus lugares e uma nova guarda adentrou o espaço. Avelar surgiu, a expressão da glória no semblante. Lentamente caminhou até chegar ao seu lugar. A arena aguardava em silêncio.

O *show* iria começar.



— Muito bem, aqui está — Josh colocou o prato à minha frente. O cheiro era bom e dei uma garfada com vontade. — E então?

— Delícia! — falei de boca cheia e peguei mais um pouco. — O que é?

Ele limpou as mãos em um pano de prato.

— acredite, Cínthia, é melhor você não saber — falava enquanto punha a panela na mesa. — É uma especialidade da minha terra.

— Mas é bom — comi de novo.

Josh deu risada.

— Não sabia que vampiros cozinhavam tão bem! — falei entre os bocados que enfiava pela boca.

— Bom, nem sempre fui um — ele sorria. — Se praticar, você consegue fazer qualquer coisa, não concorda?

Aquelas palavras me encheram de curiosidade.

— E o que você era antes? Quando não era um vampiro? — voltei a comer.

Ele se sentou de frente para mim.

— Eu era um frade — arregalei os olhos. — Ou, pelo menos, ia ser.

Abri a boca.

— Tá brincando!? — parei de comer.

— Juro por Deus! — ele riu da minha cara.

— E o que aconteceu com você? — esqueci a comida.

Josh colocou os cotovelos na mesa e apoiou o queixo nas mãos.

— Quando nasci no norte da Irlanda, por volta de 1500, era o sétimo filho de um total de sete filhos homens que meus pais tiveram.

— Já sei! — pulei na cadeira. — Disseram que você ia virar lobisomem, acertei? — dei risada.

Ele também riu.

— É bem por aí. Naquela época, principalmente na Irlanda, todo mundo acreditava demais nessas lendas. Elas eram reais! — frisou fazendo gestos de contador de histórias de assombração. — A Irlanda era totalmente cristã. Tudo aconteceu antes da Reforma de Lutero começar pela Europa — ele franziu a testa. — Você estudou sobre isso na escola?

Balancei a cabeça afirmando.

— Bom — Josh continuou —, meus pais me batizaram no mesmo dia e ao perceberem que eu era albino, também considerado um mau sinal, o pároco local os convenceu de que eu podia escapar das duas maldições se eles dedicassem minha vida a Deus. E foi o que fizeram. Desde pequeno, fiquei sob os cuidados dos frades e monges e aprendi a ler e a escrever, o que era um grande privilégio. Quando fiz doze anos, fui mandado para um mosteiro na região de Belfast. Fiquei lá por dez anos, aprendi a pintar iluminuras, a celebrar a liturgia e fiz meus primeiros votos.

— Nossa! — falei espantada.

— A comida vai esfriar — ele apontou.

Voltei a comer e Josh continuou a falar:

— Aos vinte e três anos, após meus primeiros votos, fui nomeado para ficar aos cuidados de um monge em uma das aldeias do norte. A

ideia era aprender com ele as funções de pároco e me preparar para substituí-lo — ele sorriu para mim. — A viagem do mosteiro até a aldeia duraria dois dias no lombo de uma mula.

Dei uma risada alta.

— Que foi? — Josh quis saber.

— Desculpe — as lágrimas de riso saíam dos meus olhos. — É que você é grande demais para uma mula. Aí fiquei imaginando a cena.

Ele começou a rir também.

— Ah! É verdade. Eu era mesmo — balançou os braços. — Mas era o único transporte disponível, fazer o quê? E a mula era bem velha. Com certeza teria levado três dias para chegar à aldeia se...

— Se...? — cutuquei.

— Se não tivesse parado para dormir numa velha casinha abandonada que achei no caminho — suspirou —, para me proteger da neve durante a noite.

— Foi lá que aconteceu? — minha curiosidade era enorme.

— Foi — suas mãos se moveram rápido na mesa. Foi difícil acompanhar. — Acordei de madrugada. O frio era muito forte e estava difícil dormir, por isso fiquei acordado, esperando o sol nascer para continuar a viagem — seus olhos ficaram mais opacos. — Então ouvi o som de uma respiração pesada perto da porta. Olhei e perguntei '*quem está aí?*', mas ninguém respondeu. Fiquei indeciso entre me levantar e verificar o que era ou continuar ali, quando vi um par de olhos vermelhos na escuridão, me fitando. Lembro-me que fiz o sinal da cruz contra a visão demoníaca e baixe a mão para pegar o crucifixo em meu peito, em um gesto reflexo. Mas mal terminei aquilo e senti a dor da mordida.

Nós dois ficamos quietos por um momento.

— Dói muito? — perguntei.

— Sua mãe não te contou nada? — Josh respondeu com outra pergunta.

— Contou sim. Ela me disse tudo — até as partes que me deram um medo enorme.

Josh pareceu gostar de ouvir aquilo.

— Fez bem. Você precisa saber como é antes de realmente querer isso por livre e espontânea vontade.

Outro silêncio.

— Bom... — ele continuou. — O vampiro que me atacou era uma Baobhan Sith. Elas estão exiladas na Islândia há séculos, mas sua terra natal é a Bretanha. Ainda no tempo dos romanos, elas se envolveram em uma sangrenta guerra com os Deard Duges, uma raça de vampiros irlandeses que acabou extinta nessa luta. Sob o domínio delas, as ilhas tremeram e sofreram, até que foram expulsas da Bretanha, Escócia e Irlanda pelos sacerdotes druidas. Eles usaram técnicas e armas contra elas que, em sua maioria, se perderam. Entre as Baobhan as baixas foram grandes e existem poucas agora.

Eu não tinha coragem de piscar os olhos e perder os detalhes da história. A comida ficou esquecida.

— Sabe, Cínthia, alguns grupos de vampiros não fizeram parte do Acordo da Ordem por vontade própria, mas não incomodam ninguém. Entretanto, outros foram degredados por antigas rixas. Hoje, o clã de Di Feveré ocupa o território do Reino Unido, mas as Baobhan se sentem ultrajadas e sempre reivindicaram a terra. Elas se pareciam com as fadas etéreas das lendas celtas; segundo as histórias, podiam se transmutar em névoa, além de utilizarem a magia como um recurso. A que me pegou invadiu a Irlanda quando o Acordo era muito instável, pelo que sei. Após se alimentar, a Baobhan deixou-me para morrer. Como meu coração ainda batia, a toxina da mordida me transformou — ele olhava as mãos. — Na verdade poderia ter me matado. Escapar do ataque de um puro é quase impossível, mas meu corpo era forte e minha alma também. E sobrevivi, depois de quase sete dias de sofrimento, abandonado naquela casa.

— E o que fez depois? — imaginei a cena dolorosa.

— Fiquei um tempo *fora do ar*, como se diz — seus olhos brilharam para mim. — Sabe quando alguém toma uma droga e fica *doidão*?

Acenei que sim.

— Pois é, eu era assim por causa de sangue. A única coisa que queria era me alimentar — ele gesticulava. — Animais, pessoas, qualquer um servia.

Arrepiei-me. Nossa, o Josh sentado à minha frente não se parecia em nada com a descrição do homem que ele me falava.

— Com o tempo, muito tempo, aliás, comecei a raciocinar de novo — ele continuou. — Era muito difícil porque se eu sentisse fome perdia parte do controle, mas aprendi a me alimentar sem ter que matar. Treinei meus sentidos e força, fui relembrando meu aprendizado e disciplina religiosos, e isso me ajudou.

Fiquei quieta, só ouvindo.

— Acabei andando sem rumo pela Europa por décadas. Com minha formação clériga eu me considerava um ser amaldiçoado por Deus. Pensei ter virado um demônio merecedor do inferno e danação. Tentava passar despercebido, mas era quase impossível — gesticulou para si mesmo. — Assisti a Reforma Protestante e as guerras na minha terra, a sequência de pestes que assolaram os países, reis que caíam e que subiam ao poder — seus olhos eram saudosos. — Mas estava sempre sozinho, e isso era muito ruim, a pior parte. Certo dia, quando estava caçando na região de *Exmoor*, na Inglaterra, preparando-me para seguir outra solitária viagem, senti um cheiro diferente, mais semelhante ao meu. Fiquei em alerta, assustado, pronto para me defender ou atacar se fosse necessário. Nisso, Robert e Clementine surgiram diante de mim.

Ele parou. Resisti à tentação de ficar batendo o garfo no prato, para apressá-lo.

— E desde então estamos nessa juntos — piscou.

Ainda estava curiosa.

— E Morgana? Como você a conheceu? — queria saber do romance deles.

Josh sorriu e olhou para o teto.

— Ah, Morgana — falou com carinho. — Foi no século XVIII, na Itália. Estávamos em Veneza para uma reunião do Conselho e sentimos o cheiro de sangue numa noite. Ela havia sido atacada e seu corpo abandonado numa gôndola — olhou para mim. — Aconteceu com ela o mesmo que com a sua mãe.

— Mas você gostou dela logo de cara? E ela? — cutuquei de novo.

— Sim — ele admitiu. — Quando olhei para ela já sabia que estava perdido — e riu. — Ela... Bom... Nós a ajudamos em tudo, cuidamos e treinamos, mas mesmo assim sofreu muito após a metamorfose, muito.

Ficamos em silêncio um pouco. Josh me encarava de um jeito esquisito.

— Cínthia, tem mesmo certeza de que quer fazer isso?

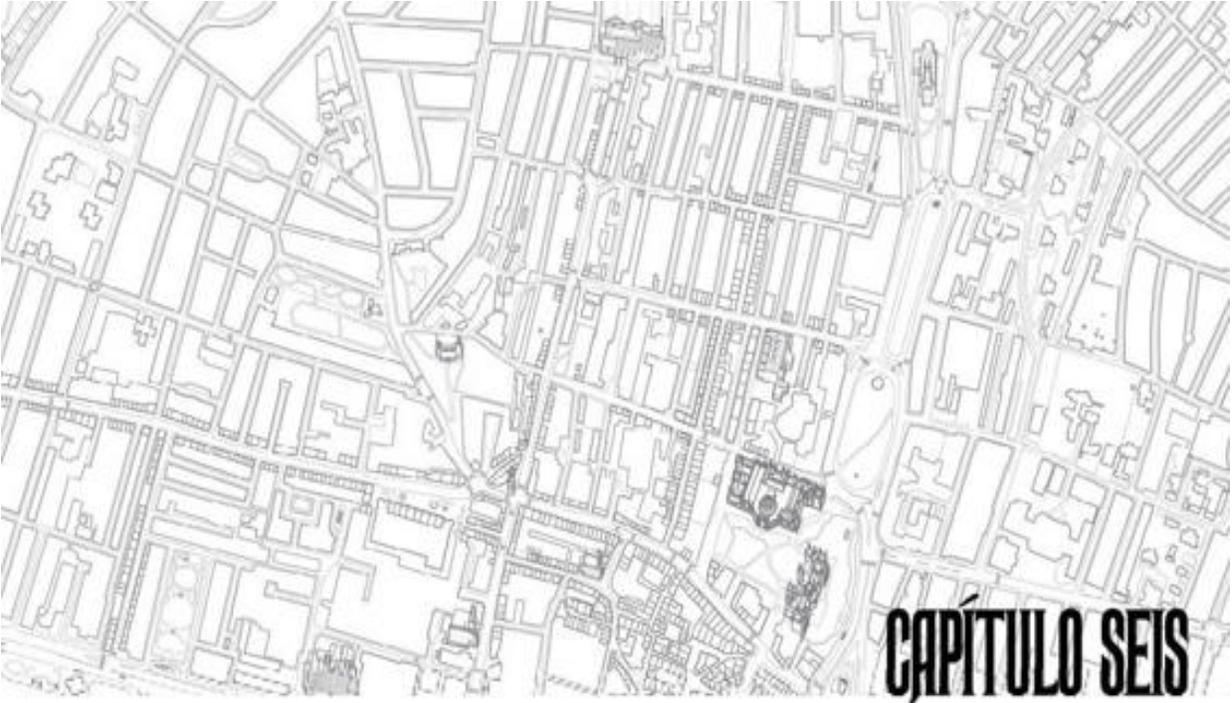
— O que você faria para ficar com Morgana, Josh?

Os minutos de avaliação se passaram.

— É, bem que sua mãe me falou — Josh ria. — Você é teimosa mesmo.

Mostrei a língua para ele e dei risada.

— Bom, espero que ainda tenha espaço nesse estômago, garotinha. Porque você não provou a minha sobremesa.



Livro Dois – Capítulo Seis

Bem-vindos, amigos de longa data! — Avelar apregoava aos quatro cantos da arena. — Sejam todos bem-vindos a mais um Concílio Geral. O momento para estreitarmos os laços, unirmos forças e renovarmos o Acordo que nos liga por tantos séculos — sua voz era vibrante e calorosa. — Eu e todos os Megisters os saudamos.

O silêncio era total.

— Muita coisa mudou desde o nosso último encontro há trinta anos — continuou. — Naquele tempo, eu era apenas uma criança-aprendiz dentro da Ordem, um iniciado, o herdeiro do legado de Domenico, nosso primeiro Mathesis, o idealizador de toda essa criação — gesticulava ao redor. — E é em homenagem a ele que hoje nos reunimos para celebrar a paz entre nossas espécies.

Até que ponto alguém pode ser hipócrita e não se deixar trair?, perguntava a mim mesma. Avelar fazia um discurso impecável, falava

sobre laços e amizade. E ainda assim tentou destruir essa mesma obra em outras oportunidades.

— Para mim é uma honra ocupar hoje o posto que pertenceu a meu antepassado. É um momento glorioso de realização. Todos os sonhos acumulados pelos antecessores aqui se materializam diante de mim e dos Megisters presentes — sua voz soou tristeza ao acrescentar: — Muitos já nos deixaram e sempre lamentaremos a ausência de sua sabedoria e benevolência — retomou com fôlego redobrado —, mas toda vez que nos reunirmos, através dos tempos que estão por vir, será em memória de seus grandes feitos, devido ao propósito que engrandeceu suas vidas.

Silêncio. Não se ouviam murmúrios e nenhum gesto era perceptível.

— Então, estando aqui reunidos todos os clãs... — foi recitando a lista dos clãs pertencentes ao Concílio juntamente com seus representantes principais.

Enquanto alguns grupos ouviam em silêncio, outros se manifestavam com vigor. Aclamavam, calorosos, seus líderes e sua linhagem. Os clãs nórdicos eram os mais barulhentos. Percebi que a guarda se enrijeceu e ficou alerta. Qualquer movimento mais exaltado poderia ser realmente um problema.

— Peço também que recebam os Megisters como legítimos representantes da Ordem em seus territórios — Avelar apontou para os homens sentados. — Países Baixos, Países Nórdicos, Europa Latina, Reinos Orientais, Países Africanos, América Latina, América do Norte e Reino Unido.

Os Megisters se levantavam conforme eram chamados. A maioria era jovem. Apenas Yacov, da Holanda, Ho Chin, dos reinos Orientais e Kennedy, da América do Norte, eram mais velhos e deviam ter participado do último Concílio. David estava entre os novos nomeados. Ele ainda não olhava em nossa direção.

— Sim, meus amigos! — Avelar exultava. — Somos elos de uma corrente maior. Sabemos que elos fracos podem ser rompidos, assim como acordos quebrados destroem uma tradição sólida. Por esse motivo este Concílio existe, para reforçar os elos e manter a tradição, unida num desejo de paz!

Avelar fez um sinal e um rapaz franzino entregou a ele um pergaminho, tão antigo como o que Carlo possuía na mansão.

— Celebraremos aqui, mais uma vez, os termos do *Consensus Ominus*, que no ano da graça de mil quatrocentos... — lia o documento.

Todos o conheciam, mas sua força dominava o ambiente. Era um pacto, selado a sangue e promessas que ultrapassavam a antiguidade daquelas paredes.

—... *Manter a paz em seus territórios, não permitindo a morte de seres humanos em vão, valorizando a existência dos mesmos, salvo em situações específicas* — essas condições se referiam principalmente aos puros. Sua mordida produzia novos metamorfos e nesse caso não havia alternativa a não ser exaurir o humano. — *Não pisar em solo sagrado cristão, respeitando seus prédios, cemitérios e locais de culto a céu aberto...*

A leitura era absorvida por mim como se fosse a primeira vez. Parecia mais impactante agora devido à seriedade da reunião.

—... *Não gerar mestiços em benefício da sobrevivência das mulheres humanas. Os mestiços encontrados devem ser entregues à Ordem ou, se incorporados por um clã, serem apresentados oficialmente desde que se prove que não foram gerados por nenhum membro pertencente a ele.* — sua voz ficava imensa dentro do silêncio da arena. — *Cada clã deve se responsabilizar por novos membros que sejam integrados, de alguma forma, a sua família, com autorização da Ordem e formal apresentação no Conselho.*

Respirei fundo. Agora viria a regra que quase destruiu minha vida.

—... *Não provocar deliberadamente a metamorfose de nenhum humano sem sua autorização prévia ou da Ordem. Caso isso ocorra, o neófito terá um prazo para se apresentar ao Conselho e passar pelos testes que determinarão sua periculosidade para a humanidade* — continuou firme. — *Se ficar comprovado que o novo membro não é capaz de manter controle sobre seus atos e que se tornará um perigo iminente, será eliminado e o clã sofrerá sanções a serem determinadas.*

Avelar avançou para mais uma parte do Acordo.

—... *Em contrapartida, a Ordem da Urare promete manter a paz com os clãs, não interferir em seus territórios, fazer o possível para ocultar suas existências do resto da humanidade e deliberar em Conselho sobre qualquer pedido pronunciado pelo clã por meio de seu Megister. E, assim, declaramos que Amsterdã, sede desse encontro, será doravante considerada cidade neutra, não podendo e nem devendo haver conflitos ou distúrbios de qualquer natureza que possam corromper o Acordo.*

O documento foi lido e entregue novamente ao rapaz franzino ao lado, que o deixou aberto sobre uma pequena mesa.

— Agora, meus amigos — Avelar continuou. — Peço que os representantes dos clãs adiantem-se perante esse Concílio para renovação dos votos.

Clementine deslizou ao meu lado e juntou-se aos outros líderes. Uma variedade de tipos físicos passou a integrar o centro da arena, perfilando-se. Observei Jamal e Solomon. Alexia estava lá. Tentei disfarçar minha careta, e Amos se colocou ao lado dela.

— Por favor, querida Alexia — Avelar convidou. — Tenha a honra de começar.

Droga! Tinha de ser justo ela a primeira?

— Obrigada, Mathesis — a voz de sereia encantada vibrou, como em uma Odisseia de Homero. — Eu, Alexia, líder do clã das Lâmiás, venho em nome de meu povo renovar, na presença da Ordem e dos outros clãs, o voto de paz firmado entre as duas espécies. Que nossa comunhão de paz seja eterna.

Assim que terminou, Alexia levou o pulso à boca. O som de carne se partindo foi audível e gotas de seu sangue pingaram sobre o pergaminho aberto. O Acordo havia sido assinado a *sangue e promessas*, como me disseram. Um a um, todos recitaram a mesma fala e repetiram o gesto. O cheiro de sangue impregnou o ar e pude perceber as sutilezas entre os aromas. Alguns lembrávamos matas, outros, o sal do mar, e outros, o ferro da terra.

— Quero ver se esse Avelar vai ter estômago forte quando chegar a vez dele — murmurou José ao nosso lado, o forte sotaque português na voz.

— Ele também vai ter que fazer isso? — perguntei surpresa.

José assentiu, junto com Robert.

— Não só ele como todos os Megisters — Robert explicou. — Sangue e promessas, lembra-se?

Sim, aquilo era um pacto. *Mas qual das partes gostaria de quebrá--lo?* Essa frase quicava em minha cabeça enquanto via Clementine se adiantar.



Uma pena. Seria muito bom brincar um pouco com ele antes. Seu cheiro é apetitoso para um mestiço. O rapaz alto e moreno estava parado junto a uma das entradas mais ocultas dos elevadores, que conduziam para a arena do Concílio. Saboreei por um momento a forma dos músculos insinuando-se sob o manto. Estava sozinho, como me havia sido prometido. Seria muito fácil. Deslizei pela lateral sem fazer ruído. Ele parecia grogue, oscilante, decerto por causa da última refeição devidamente *temperada*, e não percebeu minha aproximação. Não poderia haver nenhuma luta, tudo tinha de ser feito em silêncio.

Agora, Heather!

Em poucos segundos ele estava morto, seu sangue se espalhando pelo chão. Aproximei meu corpo e me esfreguei nele. Maia tivera uma boa ideia ao pegar uma *lembrança* na casa da fêmea do cavaleiro, depois que os Fevré a levaram embora de lá: uma blusa clara, de botões, e calças compridas que eu vestia sobre a malha justa. Uma roupa meio sóbria, não fazia meu estilo, mas serviria a um propósito. Assim que terminei, retirei as roupas e as coloquei na mochila de caça. Dentro de alguns minutos a guarda chegaria, como fora previsto. Era hora de ir.

Sorri, deixando o subsolo pelo mesmo lugar por onde entrara: o duto de ventilação. Tão silenciosa quanto o próprio ar. Maia ficaria muito satisfeita, e ele também...



— Cínthia! — Josh falava baixo, mas com autoridade. — Não se mexa!

No instante seguinte ele pulou sobre mim e me pegou como se eu fosse um brinquedo. O prato que eu lavava se espatifou no chão. Correu comigo até os fundos da casa, colocando-me no armário sob a escada.

— Fique aqui e não abra essa porta! — disse e a fechou.

Encolhi-me como uma bola. Estava tudo quieto. O que aconteceu? Comecei a respirar com força, e o suor grudou na minha testa. Josh me dissera para ficar parada. Por quê? Arrastei-me para perto da porta e olhei por suas frestas. Não havia nenhum movimento, tudo aparentava tranquilidade, mas o ar era pesado e até as sombras tinham desaparecido e se escondido. De onde estava conseguia ver uma parte da cozinha, do corredor e a saída dos fundos. E foi por ela que três figuras entraram numa violenta briga.

A porta despedaçada no chão fora só um detalhe. O mais impressionante era ver Josh, o gigante albino, rosnar ferozmente com seus dentes à mostra para a dupla vestida de negro que ali estava e o encarava, mostrando as presas. Não sabia dizer se eram vampiros ou mestiços, para mim todos eram iguais, e não conseguia ver os olhos para confirmar. Os três ficaram imóveis, tal como estátuas, analisando-se. Então, de súbito, trocaram de lado, o movimento rápido demais para que eu enxergasse. Os gestos velozes me confundiam, mas a cada vez que paravam eu podia ver filetes de sangue que escorriam de ferimentos causados por golpes invisíveis. Em uma daquelas paradas, um corte na testa de Josh fechou-se diante dos meus olhos arregalados. Ele soltou um rosnado baixo e os outros dois avançaram lentamente, passo a passo, dentes e unhas à vista.

De repente, os três desapareceram do meu campo de visão limitado, e o ruído de coisas se partindo e quebrando era abafado e contínuo. Provavelmente nenhum vizinho ouviria. Não sei quanto tempo aquilo durou, até que parou. Aguardei, imóvel, a respiração aos trancos. Busquei outros ruídos, mas não encontrei. O silêncio ficava maior e tive medo. Não podia saber quem ganhou ou perdeu. E se

aqueles dois tivessem matado Josh? E se eu estivesse sozinha ali, com eles? Podiam vir me pegar! Gelada de pânico, resolvi abrir a porta. Minha mão tremia, e o som do rangido das dobradiças me fez recuar. Por fim, saí devagar. Fui me apoiando nos móveis e andando sem fazer ruídos — pelo menos era o que eu esperava. De costas contra a parede, arrisquei e segui para a sala. Quando atravessei todo o corredor e pisei no tapete claro do cômodo, quase gritei. Dois corpos estavam estendidos no chão, as cabeças separadas deles. Uma delas olhava para mim. Virei a cara e vomitei.

— Cíntia! Por que não ficou lá como mandei? — a voz zangada de Josh quebrou o silêncio.

Levantei a cabeça para tentar respirar, mas o cheiro de sangue e aquela visão me fizeram vomitar de novo.

— Venha! — ele me pegou no colo e levou para fora.

O ar limpo da noite fez meu estômago parar de dar voltas e a cabeça ficar menos oca.

— Tudo bem? Você está machucada? — ele me examinava com atenção. Sua blusa estava rasgada, mas não mostrava ferimentos.

— Quem... eram eles? — consegui perguntar.

— Mestiços! — falou num rosnado. — Outra vez!

Senti uma tremedeira no corpo todo e lágrimas escorreram do meu rosto.

— Calma — Josh falava enquanto passava o braço nos meus ombros. — Vai ficar tudo bem. Ninguém vai machucá-la, pequenina, prometo.

A pele clara de Josh contrastava com a escuridão silenciosa, quebrada apenas pelos meus soluços incontroláveis.



Fora uma lenta demonstração realizada pelos líderes de clãs. Quando acabou, os Megisters fizeram o mesmo. Só que com adagas. A pele humana era mais frágil. Ao chegar a vez de Avelar, senti que o sol se punha na superfície.

— Eu, Avelar, Mathesis da Ordem da Urare, legítimo herdeiro de Domenico, venho em seu nome renovar, na presença de todos os Megisters e clãs, o voto de paz firmado entre as duas espécies. Que nossa comunhão seja eterna.

Dramaticamente furou o pulso com uma adaga de lâmina de ouro e deixou que as gotas de seu sangue fluíssem para o pergaminho. Depois pegou o documento e o exibiu na arena. A quantidade de gotas de sangue fresco, e também as que já estavam ressequidas pelo tempo, marcavam cada centímetro da superfície.

— Meus amigos! O voto foi renovado, nossos laços estão mais fortes do que nunca e...

Uma porta aberta com um rompante interrompeu o discurso de Avelar. Dois guardas arrastavam um corpo pelo chão, o rastro de sangue criando um traçado até o centro da arena, sendo depositado aos pés do Mathesis. Os clãs e Megisters rapidamente se levantaram de seus assentos, e o murmúrio foi geral. A guarda bloqueou as saídas, e um grupo deles formou um círculo ao redor dos líderes dos clãs, apontado as armas. Assim como o nosso grupo, outros clãs imediatamente se posicionaram, esperando o momento de atacar para proteger suas famílias. Meus sentidos esquadriharam rapidamente o local. Avelar tinha os olhos cravados no corpo do mestiço, a expressão indignada e insultada. Depois, com uma lentidão quase proposital, olhou para os clãs no recinto.

— Quem? — disse com a voz ultrajada. — Quem ousou romper o Acordo e atacar um dos membros da Ordem em território neutro?

A agitação foi geral. A tensão crescia, músculos e olhares atentos. Os líderes não se moviam.

— Quem ousou? — Avelar perguntou novamente. — Quem pretende se pronunciar sobre essa falta gravíssima?

Solomon adiantou-se e a guarda avançou. O clã de Salah deu um passo também, estávamos próximos da arena, e os mestiços ergueram suas armas. Solomon acenou para Shiloh e ela retrocedeu devagar, de olhos fixos na cena. Ele virou-se para Avelar.

— Mathesis — disse com autoridade. — Acredita que após renovarmos os votos, como temos feito há tantos séculos, iríamos cometer tamanha imprudência e ferir a memória de Domenico? —

olhou para os outros líderes. — Cada um aqui sabe de sua responsabilidade e deu seu sangue por ela hoje, inclusive o senhor e os Megisters. Isto não é uma brincadeira, promessas de sangue devem ser levadas a sério por mortais e imortais, sempre. Por que justamente o senhor faria, então, tal juízo de nós? Levantaria uma acusação tão delicada neste momento? Não pregou que a paz entre as espécies dependia de fortalecermos os elos da corrente? Não foi o que fizemos hoje? Ou ela estará assim tão frouxamente ligada? — voltou-se para a arena. — Todos que aqui estão são testemunhas. O que vemos diante de nós é lamentável, eu sei, e não deveria ter ocorrido. Mas juntos podemos buscar as respostas e punir o responsável. Devemos discutir a questão com justiça e, acima de tudo, com respeito pelos clãs e membros da Ordem. Ou pretende ignorar isso e agir de maneira imprópria a seu posto?

Solomon falava com sabedoria e convicção. Avelar não retrucou. Virou-se para sua guarda e sinalizou para que baixassem as armas, o que foi feito como coreografia ensaiada.

— Enzo! — chamou e apontou para o corpo.

O mestiço que enfrentei em Salisbury se aproximou. Seus olhos se voltaram em nossa direção por um momento, e o encarei. Ajoelhou-se ao lado do cadáver e farejou. Levantou-se e inspirou o ar da arena profunda e pausadamente. Seus olhos estavam fechados quando falou:

— O cheiro vem dali — e abriu os olhos.

Um grupo de guardas nos cercou com as armas em punho. Robert e Carlo arquearam o corpo e eu abri a boca, mostrando as presas em um rosnado de aviso. Jamal e sua família se colocaram ao nosso lado, atentos a tudo. Os olhos dos mestiços brilhavam por baixo do capuz branco.

— Como ousam!? — a voz de Clementine soou alta. — Como se atrevem a acusar minha família de tal ato repugnante e que vai contra a nossa filosofia de vida? — voltou-se para Avelar. — Mathesis! Exijo que a guarda saia de lá agora! — foi até ele.

A guarda colocou-se diante dela, armas apontadas para seu pescoço. A reação da plateia foi, em parte, de indignação. Yacov e David desceram da plataforma.

— Avelar — Yacov dizia —, isso não está certo! Não podemos acusá--los apenas porque Enzo sentiu um rastro. É um desrespeito com aliados antigos!

— Sim — David completou. — Os Di Feveré sempre foram cumpridores de seus deveres. E recentemente demonstraram seu comprometimento perante o Conselho — apontou os Megisters. — Todos somos testemunhas.

Apesar das defesas dos Megisters, aliados da família de Robert se aproximaram, preparados. *Se Avelar insistir em levar essa loucura adiante, uma guerra acontecerá aqui mesmo.* Éramos mais fortes que a guarda, mas havia muitos deles e as baixas seriam grandes para ambos os lados. Avelar encarava o embate pesando as vantagens e desvantagens, aquilo era nítido para mim.

— Retire a guarda, Avelar! — Clementine repetiu. — Agora!

Avelar olhou para os clãs, depois para David e Yacov. Kennedy juntou-se a eles de súbito e senti a agitação no ar quando os vampiros da América do Norte acompanharam seu Megister. Uma atitude que também não passou despercebida pelo Mathesis. Ele retrocedeu e acenou para a guarda, que voltou para as posições anteriores.

— Muito bem — o Mathesis falava com a voz calma. — Acatarei o que me disseram, mas exijo explicações aqui e agora. Caso contrário, decretarei uma intervenção de urgência — ameaçou. — Enzo, de qual dos membros provém o rastro?

Enzo empertigou o corpo e apontou para mim.

— A fêmea — falou com um sorriso indecifrável no rosto. — O odor dela está no corpo.

— Isso é impossível! — Robert gritou para ele. — Ela esteve aqui o tempo todo! Do *meu* lado! — avançou diante do mestiço, sua figura crescendo com a fúria. — Se disser isso mais uma vez, eu vou partir sua cara, desgraçado! Não tente acusar minha mulher apenas porque perdeu uma luta para ela em Salisbury!

Os membros do clã nórdico gargalharam, soltando uivos de satisfação, e gritaram a nosso favor. Enzo fechou a cara, cerrando os punhos. Robert não se afastou e nem deixou de encará-lo.

— Então é por isso? Vingança? — Garret falou com sua voz de trovão, cuspidando no chão. — Se você apanhou de uma mulher, o que será que eu poderia fazer com essa sua fuça italiana? — ameaçou.

Eles se agitaram e estavam prontos para começar a briga. Robert e Enzo mediam forças.

— Por favor, peço silêncio! Silêncio!

Os clãs se calaram de imediato ao som daquela voz e olharam para David. Avelar também o encarou, surpreso. David emanava autoridade, levantando as mãos.

— Sou o Megister do Reino Unido, e isso diz respeito a mim também, pois um clã de meu território foi acusado. E é minha obrigação intervir para promover a paz! — David olhou para mim, pela primeira vez, e voltou-se para Clementine, ignorando Avelar. — Clementine Di Feveré, poderia, por favor, examinar o corpo e dizer o que percebe?

Clem aproximou-se do cadáver. Sua inspeção foi bem mais rápida que a de Enzo.

— Antes de dar meu parecer, quero solicitar a intervenção de dois outros membros de clãs distintos para que examinem o mestiço — ela dirigiu seu pedido a David e não a Avelar.

— Isso é absurdo! — interferiu Avelar. — O que pretende, Di Feveré? Pedir ajuda a seus amigos para corroborarem uma mentira?

— É meu direito exigir testemunhas em caso de acusação direta à minha família! — ela foi cortante. — E faço essa solicitação ao Megister do Reino Unido. Conheço o protocolo e sei que ele pode me atender.

Os rostos se voltaram para David com uma pergunta: o que faria? Clementine e ele mantinham uma conversa silenciosa entre olhares, com significados indecifráveis.

— Eu dou minha permissão — a expressão de Avelar se fechou em uma máscara. — Entretanto, escolherei os dois membros.

Clem concordou com a cabeça. *O que aconteceria agora?*

— Alexia. Amos. Por favor? — David os chamou.

Deus, o que ele fez? David talvez ignorasse que Alexia tinha sido amante de Robert. Ela poderia não querer ajudar, principalmente depois que ele gritara em alto e bom som que eu era sua mulher. E

Amos? Pelo pouco que soube, ele adoraria ver, não apenas a nós, mas todos os metamorfos degolados e reduzidos a pó. Aquela seria a oportunidade perfeita.

Em silêncio, aproximaram-se e examinaram o corpo, mais rapidamente do que Clementine. Depois se voltaram para ela.

— Quero perguntar apenas uma coisa — Clem falou. — Quantos cheiros puderam sentir?

— Três — Alexia falou primeiro, com sua voz encantada. — O do guarda e mais dois. Um deles é mais fraco e está oculto pelo cheiro da mulher que pertence ao seu clã — olhou para David. — Esse é um truque antigo, usar o odor de alguém como camuflagem. Quem matou esse mestiço utilizou esse recurso.

David acenou com a cabeça e olhou para Amos.

— Também captei três — sua voz soava com pouco caso —, e confirmo a análise da Lâmia. Quem fez isso não está neste Concílio.

Murmúrios ecoaram pela arena.

— Obrigado — David olhou para Avelar. — Isso exclui a possibilidade de que o ataque tenha sido feito por alguém presente nessa arena, muito menos pelos Di Feveré.

Avelar parecia possuído por alguma entidade maligna, pois sua voz cuspi veneno.

— Então alguém poderia tentar me explicar o que aconteceu aqui? — olhava para todos.

— Talvez o mesmo que aconteceu fora daqui, Avelar!

Dois guardas voaram para dentro ao som daquelas palavras. Atirados por uma força descomunal, caíram desajeitadamente entre os demais, que ergueram suas armas. Entrando por uma das portas de acesso, praticamente passando por cima dos mestiços da guarda, a figura de Josh apareceu no centro da arena. A guarda se amontoava sobre ele, tentando detê-lo, mas sem sucesso. Andava sem dificuldade, atirando longe os mestiços que se punham em seu caminho, e só parou ao chegar perto de Clementine. Sua camisa estava rasgada e carregava um enorme embrulho de tecido preto. Eric e eu nos entreolhamos. Se Josh estava ali, o que aconteceu com Cínthia?

— Joshua! — Avelar falou, acenando para que os mestiços parassem. — Notei que faltava um membro no clã dos Di Feveré hoje — ele acentuou a pergunta seguinte. — E ao que parece você teria uma explicação para nós?

— Sim, Avelar — ele respondeu seco. — Eu tenho — atirou o embrulho negro aos pés do Mathesis.

Dando um passo para trás, Avelar fez sinal à guarda para abri-lo. Os corpos de dois mestiços decapitados apareçam de seu interior, o cheiro se espalhou.

“Meu Deus! Josh, o que aconteceu com Cíntia?” Minha pergunta mental desesperada gritou na mente do clã. Mas a vontade que tinha era de segurá-lo pelo pescoço e berrá-la.

“Fique calma, Laura. Ela está bem; está bem escondida, garanto”. A voz de Josh era tranquila em resposta ao meu pânico. Tanto eu como Eric queríamos sair dali, estava evidente em nossa expressão.

— Calma, amor — Robert sussurrou. — Se Josh diz isso, garanto que é verdade. Ninguém vai achá-la.

Os olhares da sala estavam fixos nos corpos aos pés do Mathesis.

— Hoje, no início da noite, esses mestiços atacaram nossa casa em Amsterdã — Josh falou —, e acredito que todos conseguem perceber a semelhança entre os cheiros. São nômades! — olhou para os Megisters. — O rastro deles estava no Conselho de Salisbury e eu o senti na ocasião. Não sei quem são ou porque estão fazendo isso, mas acho que esses nômades têm sido os responsáveis pelos *distúrbios* ocorridos nos últimos tempos, relatados à Ordem.

Ao ouvirem aquilo, os clãs nórdicos começaram a reclamar sobre os problemas em suas terras, os romenos também, e as reclamações não pararam mais. Em vez de um Concílio, a reunião caminhava para uma confusão. Alguns mais afoitos desceram até a arena, indiferentes ao movimento dos guardas. Outros, de seus lugares, incitavam os clãs a se pronunciarem, esbravejando em alto e bom som toda sorte de palavras e expressões, e acusações pipocavam entre antigos rivais, provocando a instabilidade de suas relações. Ninguém mais conseguia ouvir e ser ouvido.

— Silêncio! — a voz de Jamal trovejou, seus braços levantados. Instantaneamente todos pararam. — Tenho certeza absoluta de que nosso Mathesis irá concordar, dadas as evidências que aqui se encontram, que nenhum clã está envolvido nessa barbárie. Dessa forma, acredito que cabe tanto à Ordem quanto a nós apurarmos o que aconteceu de fato, quem está fazendo isso e por que, pois afeta diretamente a ambos os lados.

— Sim! — Garret explodiu. — O solo neutro foi violado por nômades. Isso não pode permanecer assim!

Manifestações recomeçaram, algumas pedindo soluções e sugerindo alianças. Certos líderes na arena sutilmente olharam para Clementine. Ela apenas acenou, de forma quase imperceptível, e concluí que aqueles deveriam ser os que apresentavam resistência acerca da reunião marcada para Belfast. Os fatos corroboraram para que dúvidas anteriores se dissipassem.

Avelar estava sem escolhas. Com vários clãs e três Megisters se opondo a ele, sua saída não poderia ser outra.

— Muito bem — falou. — Acato o depoimento de Joshua como uma resolução provisória para os fatos que se apresentaram hoje. Mas dou ciência de que a Ordem utilizará seus métodos para investigar tal atrocidade cometida contra ela e contra a integridade dos Di Feveré. Não medirei esforços para que a verdade seja revelada. Acima de tudo, desejo a paz — sorriu. — Nossos elos não serão partidos, meus amigos. Declaro este Concílio encerrado.

E se retirou, acompanhado de perto pela guarda. Outros clãs também saíram, não tão silenciosamente quanto chegaram. Havia dúvidas que pairavam e elas mexeram com os ânimos. Quando estávamos praticamente sozinhos, nos aproximamos de Clementine e Josh.

— Josh! Cadê a Cínthia? Ela não se machucou? — eu estava em pânico.

— Eu tô bem, mãe, relaxa!

Um mestiço, baixo demais em comparação aos outros, falou. Permanecia parado no canto esquerdo, vestido com um manto branco muito maior do que ele e exalava um cheiro horrível. Cínthia sorria

para mim debaixo do capuz, olhando-nos de forma divertida. Peguei-a num abraço forte e Eric fez o mesmo.

— Meu Deus! Você é louco, Josh? — acusei. — Como pôde trazê-la para cá?

— Simples — ele respondeu. — Porque de todos os lugares possíveis, este seria, sem dúvida, o mais seguro.

Que raciocínio maluco, mas brilhante!

— Que cheiro é esse? Meu Deus! — falei.

— Só um truque para disfarçar — Josh comentou. — Mestiços nunca cheiram muito bem mesmo. Nada que um banho não resolva — olhou para Eric, que franzia a testa. — Sem ofensas, garoto, mas... — fez uma careta e fungou alto.

Pelo canto do olho, percebi que David ainda estava na arena, olhando para nós. O nó na minha garganta se apertou quando deu as costas para sair.

— David!

Ele voltou-se.

— Obrigada — consegui dizer.

David não disse nada e sumiu pela entrada. Apertando Cínthia em meus braços, suspirei. O convite aos clãs estava feito. A data da reunião marcada. E o futuro ficava incerto novamente.

Belfast — Irlanda do Norte — Março

Estávamos na terra natal de Josh. Mesmo após tantos séculos de viagens e aventuras pelo mundo, Josh absorvia o ar da Irlanda como o náufrago que encontra um porto seguro em meio à tempestade. Belfast tinha um clima bastante chuvoso. A cidade não apresentava temperaturas extremas — apenas por dois ou três dias ao ano a neve caía —, diferentemente do que acontecia na República da Irlanda Ocidental. Em Belfast fora construído o famoso navio Titanic, que de lá partiu em 1912 para o porto de Southampton, na Inglaterra, com destino a Nova York. Uma viagem que acabou numa das maiores tragédias da história do século XX.

Conhecida como o lar dos duendes e *leprechauns*, dos trevos de quatro folhas, das superstições e lendas fantásticas, Belfast enfrentou problemas históricos, como as disputas entre cristãos e protestantes, desde o século XVIII, e também os conflitos dos partidários nacionalistas e unionistas. Até que, em 1998, o Acordo da Sexta-feira Santa foi assinado, colocando ponto final na questão sobre a união da Irlanda do Norte com a República da Irlanda e minimizando as lutas sectárias.

Pondo à parte as questões políticas e religiosas, os habitantes de Belfast eram conhecidos por sua hospitalidade. Os visitantes eram sempre bem-vindos. A cidade era famosa por sua música e *pubs*, e agitada vida cultural.

Seguimos para o nosso destino: *Ravenhill*, ao sul do centro da cidade. Lá, nos deparamos com uma casa térrea, em tijolos vermelhos, cercada por antigos muros com ponteiras de ferro. O portão abriu-se a um toque do comando eletrônico e estacionamos. Minutos depois, outros carros apareceram.

— Bem-vindos a minha casa — Josh dizia com a voz alegre, abrindo a porta da frente.

Os móveis estavam cobertos com lençóis brancos. A casa da Irlanda não era muito usada, mas era grande, espaçosa e tinha muitos cômodos. Na sala principal havia uma lareira lindamente ornamentada com tijolos decorados. Os quartos estavam fechados. Passamos por eles em direção a um cômodo nos fundos, parecido com a sala branca da mansão de Bristol. Havia uma grande mesa oval, prateleiras de livros, armas — uma verdadeira paixão de todos — e um crucifixo de madeira na parede.

Alguns objetos interessantes e curiosos estavam expostos: um machado de bronze, um peso de papéis feito em vidro com trevos de quatro folhas em seu interior, esculturas de duendes e uma máscara animalesca acima da janela. Após o Concílio, há duas semanas, os líderes de alguns clãs entraram em contato com Clementine. Vieram para a reunião pessoalmente ou tinham mandado representantes para não atrair a atenção. Além de nós, estavam presentes Solomon, Jamal, Bóris, Garret, Derik, Lorelai, Atul, Yan — um metamorfo do clã canadense —, Alma — uma Kamazotz do clã do México — e, claro,

Alexia. Procurei não deixar transparecer o quanto aquilo me incomodava e me concentrei no objetivo do nosso encontro.

— Bem, amigos — Clementine fez as honras assim que nos acomodamos nas cadeiras. — Embora esta seja a casa de Josh, a responsabilidade sobre o clã Di Feveré é minha. Espero que não se incomode, meu amigo, se eu começar.

Josh acenou com a cabeça. Cínthia estava sentada ao lado de Eric e seus olhos vagueavam pelas diferenças nítidas entre todos. Clementine juntou as mãos sobre a mesa.

— Acredito que depois da experiência que tivemos no Concílio, algumas dúvidas anteriores foram sanadas. Quero agradecer a vocês, Bóris, Alma e Yan, por tomarem a decisão de vir a esta reunião, pois temos muito a discutir — sua voz soava calma, mas o tom era preocupado. — Os tempos são outros e tememos que as consequências dos atos do novo Mathesis possam nos jogar numa guerra maior do que aquela que ocorreria há 500 anos. Como confiaram em mim, em nós — apontou para o nosso clã —, o mínimo que posso fazer é partilhar daquilo que sabemos.

Todos ouviam em silêncio. Alma, a pura Kamazotz asteca de traços típicos dos povos mexicanos, com cabelos negros presos numa trança que ia até o chão, disse com seu forte sotaque:

— Nós, de Teotihuacán, ficamos surpresos com a atitude tomada pelo Mathesis Avelar — sua voz era baixa e cadenciada. — Nunca imaginamos que a Ordem iria exhibir tamanha prepotência e pompa. Como representante de meus *hermanos*, gostaria que me informasse o que anda ocorrendo e se há evidências sobre essa estranha mudança.

— O que não nos falta são histórias, Alma — Carlo confirmou. — Muito embora não tenhamos como prová-las em caso de acusação direta.

— Entendo — Alma continuou. — E quais são?

Os relatos dos fatos ocorridos em Bristol e a história que Garret contou, confirmada por Derik e Lorelai, vieram à tona. Alma balançou a cabeça.

— Tivemos incidentes semelhantes também, que fizeram os anciãos humanos realizarem rituais aos deuses antigos para pedir que

os Kamazotz não voltassem — ela sorriu, e algo se transmutou em sua face, que adquiriu traços próximos aos dos morcegos. Passado esse momento, sua expressão voltou a ser a de uma mulher comum. — Conseguimos sanar os danos de forma rápida, e o Megister não achou necessário haver um Conselho. Mas agora, pelo que estão me contando, os padrões são muito parecidos. Não tínhamos precedentes para comparar e pensamos que fosse um caso isolado de ataque de nômades.

— Bóris também teve problemas na Romênia — Robert disse —, e os Obours o procuraram por achar que havia alguma coisa errada, não foi?

— Sim — Bóris confirmou. — Quando pegamos o invasor, não imaginávamos que os Obours búlgaros enfrentavam as mesmas dificuldades. Eles ficaram particularmente muito irritados. São territorialistas severos, e o modo como tudo aconteceu... — balançou a cabeça. — Vocês podem fazer ideia da situação que se instalou.

— Podemos sim — Clem comentou. — Foi muito complicado em nosso território também.

— Mas o que ainda não entendo — Alma tornou a questionar — é por que acreditam que Avelar pode estar envolvido nisso. Qual seria o interesse dele em provocar dissidências?

— Como Carlo disse, não temos provas concretas, Alma. Estamos nos baseando nos fatos que vêm acontecendo e nas atitudes do Mathesis — Clem explicava sua linha de raciocínio. — O que queremos é reunir as experiências que tivemos e procurar por pontos semelhantes para ficarmos mais atentos. A exibição de opulência da Ordem foi um recado que Avelar nos mandou: ele está preparado para tudo e não confia em nós. Então, talvez devamos nos preparar também. Desconfiança gera desconfiança. E ela é uma força poderosa.

— Já que tocou neste assunto, Clementine — falou Yan, o jovem representante do clã canadense, de pele clara e cabelos castanhos —, nossa família ficou surpresa com a guarda. Nunca imaginamos ser possível reunir uma quantidade tão grande de mestiços em tão pouco tempo. No último Concílio, a guarda era simbólica.

— Essa é outra questão para a qual também não temos uma resposta, Yan — Clem estava frustrada. — Pelo Acordo, a Ordem pode recolher os mestiços que encontrar e incorporá-los, mas sabemos que tal número é quase impossível por meios naturais.

— Voltando um pouco atrás, Clementine — Bóris a interrompeu —, o clã nórdico disse que um dos neófitos confessou que sua criadora era uma mulher loira, que havia outra morena e mais deles.

Apesar de não gostar de estar na companhia de puros, Garret acenou.

— É verdade. E no Concílio percebemos outra semelhança: os corpos dos mestiços mortos tinham traços do mesmo cheiro dos neófitos que pegamos.

— Então acredita que há uma ligação? — Yan perguntou.

Garret levantou as duas mãos.

— Se há uma ligação é difícil afirmar, mas temos que admitir: a coincidência é muito grande.

— Mas apenas coincidências não serão suficientes — Alma opinou —, precisamos de provas. Como por exemplo: de onde vieram os mestiços que Josh matou? Se não eram da Ordem, a qual grupo pertenciam?

— Talvez eu possa dar respostas para suas questões, Alma.

Alexia, até então silenciosa, encheu o ar com a melodia de sua voz. Ela era linda, tinha de admitir. Os olhares se voltaram para ela e o dela para Clem.

— Lembra-se de quando lhe falei sobre a comunidade de Hidra, Clem?

Lutei para controlar o incômodo que senti ao vê-la se referir a Clementine de modo tão íntimo. Como ela chamaria Robert? De *Rob*? Forcei minha mente a afastar aquele pensamento. Clementine assentiu.

— Sim, mas muitos aqui não sabem.

Alexia voltou-se para nós.

— Era uma comunidade de mestiços formada há mais de 150 anos e que se estabeleceu na Ilha de Hidra, no Golfo Sarônico, sob nossa proteção — ela explicou. — Ao todo eram vinte e cinco mestiços; alguns deles haviam deixado a Ordem com autorização dos

Mathesis anteriores e se uniram a outros que encontraram pelo caminho. Desde que se fixaram lá, viviam em relativa paz. Possuíam suas diferenças internas, mas mantinham-se afastados dos humanos.

— Por isso nunca ouvimos falar neles! — Garret exclamou.

— Sim. Seus hábitos se assemelhavam aos dos vampiros de clãs neutros. Eles nos pediram silêncio em troca da paz e nós demos a paz em penhor de sua discricção. Foi uma simbiose bem-sucedida desde o início — o tom de Alexia mudou. — Então, há cerca de três anos, as coisas mudaram.

— O que aconteceu? — Carlo inclinou-se para a frente, interessado.

— Numa noite, Olímpia, Sibila e eu fomos surpreendidas pela chegada de cinco membros da comunidade. Estavam muito feridos e um deles morreu sob nossos cuidados — Alexia lamentava. — Os sobreviventes nos disseram que receberam a visita de um grupo de dez metamorfos liderados por uma fêmea loira, chamada Maia.

— Maia? — Garret franziu o cenho. — Nunca ouvi falar nessa.

— Nem nós — Alexia concordou. — Ela devia ser uma nômade. Seu grupo era grande e, ao que tudo indicava, muitos dos membros ela mesma criou. Não fazia parte do Acordo e o bando seguia as regras dela.

— E o que houve com a comunidade, Alexia? — Clem questionou.

Ela suspirou antes de continuar. Um mau sinal.

— Os visitantes fizeram uma proposta a eles: recrutá-los para seu grupo, prometendo saques, glórias e a liberdade para os desejos reprimidos, ou seja — seu olhar era indicativo —, o sangue humano ilimitado.

Houve um entreolhar coletivo. Mestiços podiam se alimentar de comida humana, mas o sangue os deixava mais fortes e proporcionava o êxtase. Era uma tentação para eles também.

— Como eu disse — Alexia continuou —, eles possuíam dissidências, e a proposta abalou os alicerces do grupo. Alguns enxergaram a oportunidade de se libertar das privações impostas e se rebelaram. Ajudados pelos recém-chegados, a matança foi geral. A comunidade desapareceu em uma noite.

Silêncio. As mentes processavam as informações. Clem parecia a mais chocada.

— Os que fugiram vieram até nós — Alexia concluiu. — São mantidos em segurança em Atenas.

— E quantos se uniram aos nômades? — Clem quis saber.

— Mais ou menos uns dez — apontou para Josh. — Eu reconheci os dois que você matou, Josh; eles eram da comunidade.

Meu corpo se moveu imediatamente com aquela informação.

— Então o mestiço que atacou minha filha em Bristol poderia ser um deles? — falei pela primeira vez. — Um ruivo, de cabelos espetados?

Alexia me olhou. Achei que ela iria me medir, mas apenas confirmou com a cabeça.

— Pela sua descrição, devia ser Yuri. Era o único ruivo da comunidade. Ele era muito esquentado para conviver com regras — foi seu comentário.

Morgana agitou as mãos no ar e falou, confusa:

— Mas esperem um pouco. Por que alguém o mandaria para atacar sua filha, Laura, sabendo que você e Eric estavam por lá e que dariam conta só de um? E por que dois mestiços invadiriam a casa da Holanda? — seu gesto era cômico, como se tentasse montar um quebra-cabeça invisível. — Josh acabaria com eles facilmente.

— Acredito que tenho as respostas, Morgana — Clem estava compenetrada em seu raciocínio. — O primeiro ataque foi uma distração. Quem o planejou não se preocupou com a sobrevivência do tal Yuri, com certeza sabia que morreria. Ele foi usado como isca para nos motivar a tirá-la de sua casa, Laura, para que outro pudesse colher *amostras* depois. Assim, você não perceberia os rastros. No cadáver do mestiço da Ordem o seu cheiro estava lá. Alguém o plantou para que pudessem incriminar nosso clã.

— Faz sentido — Carlo concordou.

— O segundo ataque foi intencional: eles sabiam da relação entre sua filha e Eric e acharam que ele, e não Josh, ficaria com ela durante o Concílio — olhou para Eric. — Dois mestiços bem alimentados poderiam ter feito um estrago, mas não contra Josh. Por essa eles não estavam esperando.

Eu estava atônita.

— Mas... — tentei falar. — Quer dizer que estão nos vigiando? Seguindo a minha filha? — apertei os dedos.

Clem balançou a cabeça negativamente para mim.

— Acho que ambos os ataques tinham um propósito maior: provocar a quebra do Acordo e conseqüentemente *obrigarem* a Ordem a agir sem levar a culpa — Clementine tinha um ar sombrio. — Os inocentes que pagassem por isso seriam só um detalhe. Dano colateral.

— A Ordem quer nos eliminar? — Lorelai abriu a boca em espanto.

— Com todas as provas a seu favor, ou melhor, a favor de Avelar — Clem completou, sem titubear.

Silêncio. Ninguém parecia acreditar, mas não negavam o raciocínio lógico de Clem.

— Mas... O que Avelar ganharia com isso? — Lorelai continuou. — E como pode estar envolvido?

— Pense, Lorelai — Clem insinuou. — Nenhum nômade passaria pela guarda e atacaria no Concílio sem a ajuda de alguém de dentro. E também não haveria nômades *circulando* em Amsterdã com a Ordem por lá. A guarda patrulha a cidade por semanas antes do Concílio, eliminariam qualquer um — ela botou o dedo na mesa. — O que vimos naquela arena foram provas forjadas. As intervenções imediatas de Yacov e David e dos clãs que se sentiram ultrajados foi o que nos ajudou a evitar uma luta naquele dia, o que teria mandado o Acordo para o inferno.

— Sou obrigado a admitir que concordo com você, Clementine — Derik falou. — Apesar de não gostar dos Megisters, aquele novato, David, é um humano muito honrado e esperto. Avelar não aceitaria os testemunhos que você convocasse, pois ele sabe das amizades e inimizades que possuímos. Escolher Alexia e Amos foi uma grande estratégia.

Sim, David nos ajudou muito. Sua postura e decisões foram fundamentais para evitar um banho de sangue.

— Agora que temos esses novos fatos, precisamos provar o envolvimento de Avelar — Clementine enfatizou. — Já sabemos que

nômades agiram em nossos territórios, o nome de sua líder é Maia e de alguma forma estão sendo beneficiados. O que peço a vocês é que prestem muita atenção aos detalhes, ocorrências anormais, mesmo a menor delas. E reportem para todos nós. Isso inclui os atos dos Megisters. Yacov e David, e provavelmente Kennedy, não aprovam as atitudes do Mathesis, mas não temos ciência do que os demais pensam. Precisamos estar preparados, e isso só será possível se não omitirmos informações.

As cabeças concordavam em desalento, os olhares prevendo uma mudança nos tempos nada bem-vinda.

— A Ordem evoluiu. Não é mais uma corporação puramente religiosa; ela tem tecnologia, influencia em decisões pelo mundo, patrocina políticos e pesquisas. Seus braços se estenderam para diversos setores. Os tempos agora são outros e difíceis — Clem lia cada palavra oculta naqueles rostos. — E apenas unidos compreenderemos o que está realmente acontecendo e nos defenderemos de maneira correta. Sei que muitos entre seus clãs podem estar pensando '*somos mais fortes, somos imortais e eles são só humanos*'. Mas ceder a essa tentação não trará a solução, e sim mais problemas. Já vivemos em guerra, e isso também não contribuiu para nenhum dos lados. Se mantivermos atenção e união, poderemos proteger nossa integridade — alguns se entreolharam. — Então, temos um acordo? Podemos contar uns com os outros?

Atul, o silencioso membro do clã Baital, foi o primeiro a falar.

— No que depender de nós, Clementine, sabe que terá nosso apoio. Só queremos viver em paz — sinalizou com as mãos. — Manteremos contato.

Um a um todos concordaram. Na saída, Clementine agradeceu:

— Obrigada. Sei que é uma difícil decisão para vocês.

— Ficaremos atentos, Clem — Alexia prometeu.

Rapidamente entraram em seus carros e desapareceram. Apenas Solomon e Jamal ficaram.

— Achei que estivesse com pressa de ir para casa, meu amigo?
— Carlo bateu a mão no ombro de Jamal. — Sei que detesta o clima nublado daqui.

Jamal olhou para o céu, franzindo a testa para as nuvens carregadas. Seu território, na África, brilhava constantemente com o sol equatorial, e, embora não sentisse frio, o tempo o desagradava.

— E não gosto mesmo, Carlo. Mas como dizem em minha terra, é falta de educação visitar os amigos distantes e não provar a culinária local — Jamal piscou seu imenso olho.

Ele estava com fome. Viajara de muito longe e se demorou mais tempo do que os outros de seu clã.

— Bem, se não se importar com cervos e gamos — Josh falou —, acho que posso proporcionar uma boa diversão.

— Sou seu convidado. Sirva-me — e riu alto.

Ravena — Itália — Março

Ouvi os passos juntamente com o som da porta de ferro sendo aberta. *Esse lugar se parece mais com uma masmorra do que uma casa.* Avelar entrou. Colin estava à sua sombra, como um cão que abana o rabo mesmo após ter levado um chute. A imagem mental da cena quase me fez rir.

Preste atenção, David! Não há nada engraçado aqui. Recriminei a mim mesmo. O clima era tenso. Avelar vestia um terno e sentou-se à mesa. Os outros Megisters e eu também não ostentávamos a pompa do Concílio. O que, em minha opinião, era bem melhor. Duas copeiras despejaram chá nas xícaras à nossa frente. Não fiz nenhum movimento para tocá-la. Avelar pôs açúcar e limão em sua xícara, bebericou a bebida fumegante e depositou-a no pires. Só após esse gesto alguns Megisters tiveram coragem de levar o chá aos lábios. Permaneci imóvel. Aquilo não passou despercebido.

— Pensei que os ingleses não recusassem um bom chá — comentou gentilmente. — Ou não está de seu agrado, David?

— Eu estou bem, Avelar — foi apenas o que disse.

Ele tamborilou os dedos um momento e depois se recostou na poltrona.

— Pedi essa reunião por um único motivo — sua voz deixou de ser gentil. — Gostaria que me explicassem o que diabos aconteceu durante o Concílio?

Seu olhar de rapina varreu os rostos dos Megisters. Alguns se moveram inquietos em seus lugares.

— Muitas coisas diferentes aconteceram, Avelar — Yacov disse calmamente. — A qual delas se refere exatamente?

Ah, Yacov! Velha raposa! Avelar o encarou.

— Vejamos — seu tom era ácido —, talvez tenha sido o momento em que um membro da guarda foi injustamente assassinado e jogado aos meus pés; ou quando um de meus homens apontou para os culpados do crime e eles permaneceram impunes; ou ainda quando Megisters de nossa Ordem foram contrários aos seus votos e defenderam os inimigos.

— Eles não são nossos inimigos, Avelar — falei. Por que ele insistia naquele raciocínio preconceituoso? — Achei que estivesse claro depois de tantos séculos de paz duradoura.

— Eu também pensava dessa forma, David — Avelar queixava-se. — Mas, devo confessar, minha opinião ficou seriamente abalada após os fatos ocorridos em Amsterdã. Alguns pontos do Acordo precisam ser revistos. Já faz muito tempo desde que ele foi criado e os clãs se fortaleceram. A segurança da humanidade encontra-se ameaçada. Quem me garante que não poderão se voltar contra nós a qualquer momento? — ele gesticulava. — Vocês viram o espetáculo com seus próprios olhos!

— Seria sua opinião tão sugestionável em relação ao Acordo de Domenico que um frágil engodo a abalasse, Avelar? — Yacov alfinetou.

— E por que tem tanta certeza de que era um engodo, Yacov? — Avelar o fulminou com o olhar. — Talvez, neste exato momento, enquanto discutimos aqui, eles podem estar reunidos também, tramando contra nossa Ordem — abria os braços. — Vocês foram testemunhas da fragilidade com que se mantém essa paz!

— O que eu vi foi uma família defendendo seu membro de uma acusação injusta! — falei com a voz um pouco alterada. — E eles tinham esse direito!

— Será que era apenas isso o que realmente estava vendo, David? — o brilho de serpente estava em seus olhos. — Aquela não foi a primeira vez que você me surpreendeu defendendo os direitos da fêmea dos Di Feveré com tanto fervor. Sou um homem curioso, Megister. Eu gostaria muito de saber por que fez aquilo? — seu tom era debochado. — Surpreenda-me novamente!

Minha garganta se contraiu e o sangue ferveu de ódio. *Ah! Como eu gostaria de partir sua cara, porco miserável!* Queria manter Laura viva e bem, sim. Ele podia ter acertado sobre aquilo. Mas a segurança dela não era o único motivo que me fizera agir daquela maneira. Havia muito mais justificando a raiva que sentia por ele e por toda a palhaçada em que o Concílio se transformara.

— Ela foi acusada em público e seu clã lutaria para defendê-la, como fizeram antes — mantive o tom mais controlado, evitando demonstrações emocionais. — E outros naquela arena poderiam tomar aquele ato como uma quebra do Acordo ou uma provocação — insinuei, lembrando-me da procissão burlesca de mestiços. — O que eu fiz foi usar o bom senso, quando tudo o mais falhou naquele dia. Eu quis evitar uma luta aberta, que é a obrigação dos membros da Ordem! — não consegui deixar de aumentar a voz. — Desejou ver o Concílio banhado em sangue, Avelar?

A tensão entre nós ficou palpável. Os Megisters suspenderam a respiração por segundos. Pelo olhar que me lançou, pensei que Avelar fosse ignorar o protocolo e avançar para cima de mim. *Pois que venha! Ele vai encontrar o que merece.* Nunca havia confiado em Avelar — mesmo muito antes de sua nomeação —, desde que éramos iniciados. O fato de ser o único ligado diretamente ao sangue de Domenico o colocara naquele posto, mas suas ideias preconceituosas e postura autoritária mostravam o quanto era despreparado para tal posição. Ficara evidente que, se fosse por seu desejo, apenas ele teria a palavra final no Concílio. Avelar era um tirano, ou pretendia ser.

— Não creio que essa fosse a intenção do Mathesis, David — Yacov rompeu o conflito. Sua voz buscava o equilíbrio. — Você perguntou antes, Avelar, o que nós achávamos que aconteceu no Concílio. Pois bem, eu digo o que vi: tudo não passou de um grande

mal-entendido. Não foi a primeira nem será a última vez que isso acontece.

— Mal-entendido? — Ho Chin, o Megister oriental, criticava. Era outro que não valia a poeira dos sapatos. — Chama o que viu de mal-entendido, Yacov?

— Sim — Yacov confirmou. — Um grave engano. Porque os inimigos que ameaçavam o Concílio não faziam parte daquela arena e nos enganaram como idiotas. Agimos como tolos, mesmo com a experiência adquirida ao longo de gerações de Megisters e Mathesis. Foi uma falha *minha* não garantir a segurança em Amsterdã, e por isso uma criança humana quase morreu — Yacov chamava para si a responsabilidade. — E foi uma falha da Ordem permitir que uma ameaça adentrasse o local, quando ele deveria ser inexpugnável e dar proteção. Ao invés de discutirmos quem fez o quê, sugiro revermos os protocolos de segurança do Concílio e averiguar quais mudanças são necessárias. E também que busquemos descobrir quem eram aqueles nômades e o que queriam. Os clãs do Acordo não me preocupam. Eles são leais.

O silêncio era grande. Yacov tinha muito carisma e sua palavra era respeitada. Teria sido um grande Mathesis. Avelar nos fitava. Era evidente que estava contrariado e queria algo. Mas o quê? Senti a inquietação tomar conta de mim, com uma estranha premonição sussurrando a resposta.

— Quero que prestem atenção ao que direi. Mantenham-me informado sobre qualquer movimentação anormal que ocorra em seus territórios. Desejo ficar a par de tudo — a voz de Avelar era intimidadora. — O que aconteceu no Concílio foi um aviso e não pretendo ignorá-lo, mesmo com opiniões contrárias — seu olhar voltou-se para mim e Yacov. — Lembrem-se a quem vocês devem lealdade — olhou apenas para mim. — Manteremos contato.

Avelar se levantou e saiu. A porta fechou-se às suas costas. Yacov me lançou um olhar preocupado.



Quando cheguei ao quarto ela já estava lá, deitada em minha cama, completamente nua. Mas a visão de sua beleza não diminuiu minha irritação. *Malditos bastardos!* Servi-me de uma dose dupla de uísque.

— A reunião não foi boa, Avelar? — Maia me perguntou com os braços cruzados atrás da nuca. Parecia a *Maja Desnuda* de Goya, a não ser pelos cabelos loiros.

— Vamos precisar mudar de estratégia — bebi mais uma dose —, há resistências.

— Sempre há — ela comentou com a voz preguiçosa, espreguiçando-se e deslizando o corpo até os pés da cama. — Mas essa parte é fácil de resolver. Humanos morrem o tempo todo, acidentes acontecem — desabotoava minha camisa com os dentes, lambendo a pele exposta.

Seu toque frio me fez arrepiar. E ficar excitado.

— Não — retruquei. — Por enquanto essa não é uma solução. No futuro, quem sabe — as mãos dela deslizaram para abrir o zíper da minha calça. — Antes, precisamos fazer mais contatos... — Maia alcançou o que queria, envolvendo-o com a boca úmida e gelada. Gemi.

Ela ficou ali por algum tempo, indo e voltando. Eu segurava seus cabelos entre os dedos. Quando minha respiração estava entrecortada, a testa banhada em suor e os movimentos acelerados, ela parou e subiu o corpo, seus lábios deslizando pelo meu peito.

— Tão tenso — reclamou, mordiscando levemente meu pescoço com as presas, fazendo escorrer um fio de sangue. Após lambe as gotas, sussurrou em meu ouvido. — Acho que vai precisar de algo mais hoje.

Soltou um assovio fino e irritante, e num piscar Heather estava lá.

— Venha — Maia me convidou. — Nós sabemos do que você gosta — levou-me para a cama.

Deitado no leito, deixei as preocupações para depois, concentrando minha visão nas cabeças loira e morena enquanto subiam e desciam pelo meu corpo. Em alguns momentos, elas se desgrudavam de mim e se beijavam, mordendo uma a outra, suspirando e afundando as presas. As mãos de Maia alcançaram o

sexo de Heather e ela arqueou as costas. Gemia de luxúria, olhando-me nos olhos, e a beijei. Ela tocava minha virilidade, fazendo-me delirar.

Por instantes incontáveis ficamos assim, nos satisfazendo, até que, com um estremecimento forte, Heather gritou, dobrando-se para trás. Maia estocou os dedos com força, vendo-a se retorcer e rasgar com unhas selvagens os lençóis. Quando Heather se acalmou, Maia a deitou gentilmente sobre meu corpo. Depois se sentou sobre mim, começando a cavalgar, mirando nossos corpos, abrindo as pernas de Heather e arranhando a pele de seu ventre. A morena colocou as mãos nos seios de Maia e os apalpou, puxando os bicos rosados, enquanto eu a acariciava. Meus músculos saltavam em reflexos involuntários e gemi, extasiado.

Suspirei e fechei os olhos.

Belfast — Irlanda do Norte — Março

— Por que não posso ir, mãe? — Cínthia reclamava de braços cruzados e um bico nos lábios.

— Porque caçar não é para você — respondi calmamente, calçando as botas.

Ela fez uma careta, batendo ligeiramente o pé no chão.

— Mas queria ver como é, pra ir me acostumando — justificou, usando uma voz conciliadora.

— Cínthia, por favor! Já falamos sobre isso — reclamei, olhando-a nos olhos.

Ela deu de ombros, irritada.

— Ai, tá bom! — bufou com tanta força que os fios de seus cabelos se agitaram.

Eric riu e ela o encarou, séria. *Coitado!*

Deixamos a casa e nos dirigimos para a floresta de *Marble Arch*, no vale do *Claddagh*, onde ficavam as famosas grutas e cachoeiras da região. Não era temporada de visitação, o parque são abriria no final de março, e Josh indicava o caminho com familiaridade,

buscando as diversas trilhas *não oficiais* para não sermos vistos por habitantes locais ou pelos guardas da reserva, que faziam rondas frequentes por ali. Mais de uma vez ouvi o barulho dos motores dos veículos de tração 4x4, capazes de subir e descer as encostas caso fosse necessário. Cada vez que um carro se aproximava, Josh habilmente nos levava em direção oposta, nunca perdendo o foco. Atrás dele seguiam Robert, Solomon, Jamal e eu. Os outros ficaram na casa em *Ravenhill*.

— Por aqui! — Josh chamou.

Em alguns trechos, onde a vegetação era mais densa, saltávamos pelos galhos dos ciprestes e pinheiros, planando de um para o outro e depois aterrissando novamente ao solo. O ar era adocicado e não foi difícil localizar um rastro fresco e convidativo. Minha boca ressecou e o maxilar se distendeu levemente, mas contive o movimento. Não estava necessariamente com vontade de caçar, mas toda a tensão do Concílio me deixou agitada e aquela seria uma boa oportunidade para descarregar energias. Jamal e Solomon iam mais à frente, com Josh, e quase desapareciam em meio às folhas e galhos baixos. Não conseguia ver Robert e franzi a testa. Seu cheiro estava próximo, mas não distinguia onde ele estava. Quando passei por uma árvore, um braço me agarrou pela cintura. Revidei o golpe, prendendo-o pelo pescoço, e rolamos pelo chão, dando risadas.

— Você está ficando lenta! — Robert riu, comprimindo seu corpo contra o meu na relva.

— E você está ficando abusado — falei entre os beijos que ele me dava.

— Hummm... — ele murmurou junto a minha boca —, você e essa relva juntos são uma tentação — as mãos subiram. — Muita tentação...

Os beijos ficavam mais fortes e rolei sobre o dele. Robert beijou meu pescoço com suavidade e suspirei, abraçando-o, respirando seu cheiro misturado com terra e mato. Ficava impossível resistir assim. Uma brisa soprou, agitando meus cabelos, e ele pegou um dos cachos, enrolando-o em seus dedos como gostava de fazer. Sua boca voltou a me beijar, com mais paixão agora, e as mãos deslizaram para dentro da minha blusa.

— Robert...

Ofeguei baixo, a noção de lugar estava completamente esquecida.

— *Aham!*

Alguém pigarreou. Consegui me livrar da boca de Robert e olhei para cima.

— Se quiserem voltar para a casa, tudo bem, tem muitos quartos vagos lá — Josh riu no alto de um galho. — Mas se forem ficar sugiro que se comportem. O cheiro de vocês está espantando os gamos.

— O que acha? — Robert ergueu uma sobrancelha e suas mãos ficaram mais convidativas.

— Mais tarde — falei e o beijei ao mesmo tempo. Aquela nossa pequena cena na relva me deixou com vontade de caçar. — Então você não me escapa — sussurrei.

— Vou cobrar isso — ele me garantia.

Voltamos para o rastro. Eles não estavam muito longe dali, afinal. Silenciosamente escolhemos nossas presas. Então, num piscar, começou. Jamal derrubou o maior com muita habilidade, Solomon e Josh também tiveram sua cota. Robert saiu em disparada atrás de um gamo arisco enquanto eu vaguei na direção oposta. Segui a trilha até que abati um. Senti o fluxo quente entre os meus lábios e o êxtase. Naqueles momentos percebia o quanto era fácil querer ceder aos instintos para experimentar aquela sensação. A razão, para os da minha espécie, era o maior dos prêmios que podia ser conquistado, e a duras penas. Quando acabei, deixei a carcaça de lado e levantei a cabeça, aspirando o ar para limpar a mente. Havia mais deles próximos, mas estava satisfeita. *Deixarei que Solomon e Jamal se divirtam.*

Assim que decidi voltar para junto deles, o vento mudou de direção, trazendo um estranho odor. Ergui as sobrancelhas, curiosa. Não conhecia aquele cheiro, não se assemelhava a nada que tivesse sentido antes. Ia e vinha ao mesmo tempo. *Que esquisito.* Foquei minha atenção para tentar determinar sua origem. Não foi fácil, era como procurar uma gota de água doce em pleno mar. Apurei os sentidos, ignorando os demais odores e orientando meu olfato para um ponto mais concentrado daquela fragrância. Caminhei lenta e silenciosamente.

A cada passada o cheiro mudava, transformava-se, modificava-se sutilmente, toldando minha percepção. Ao me aproximar, ouvi o som baixo e acelerado de um pequeno coração. Sua batida era muito rápida e não se parecia com nenhum outro animal com o qual já havia cruzado. Fiquei em dúvida sobre continuar ou chamar alguém, mas a curiosidade era maior e me venceu. O odor mudou de novo, vindo do mesmo ponto, que agora visualizei como um arbusto de amoras silvestres em flor. Devagar, toquei os ramos, abaixando-me para ver algo. Sons abafados de dentes triturando e cortando carne fresca foram seguidos pelo cheiro de sangue. Afastei as folhas e o que vi fez minha mente se perguntar se eu ainda podia perder o juízo.

Escondido entre dois arbustos, devorando uma lebre abatida, estava um tipo de criatura que nunca havia visto antes, nem mesmo no imenso arquivo de imagens fantásticas que Carlo mantinha na biblioteca em Bristol. Era algo novo e perturbante de se apreciar. A criatura era pequena, um pouco maior que a lebre que comia com avidez. Tinha um tom esverdeado na pele, que parecia se alterar com pulsações conforme se alimentava, fazendo com que se confundisse com o ambiente ao redor. Seu corpo era esquelético, o tórax largo e ossudo numa pélvis diminuta, desproporcional. Tinha três dedos nas mãos e pés grandes, exibindo garras longas e negras. Suas costas possuíam escamas brilhantes, em tons azulados, e um pequeno par de asas atrofiadas, dobradas como se não fossem usadas há muito tempo. A coluna vertebral era saliente, subindo dos quadris até o pescoço, que sustentava uma cabeça de formato elíptico. A boca era grande demais para o rosto, seus dentes afiados trituravam ossos e pele, salivando em abundância. No topo da cabeça apareciam alguns fios ralos, como pelos, e seus olhos eram amarelos, injetados em órbitas também elípticas. Não possuía nariz nem orelhas, apenas buracos que deviam servir para o olfato e a audição. Era assustador de olhar.

Algum instinto primitivo, um sinal de alerta interior, dizia-me para ir embora dali, naquele momento, sem demora; mas fiquei petrificada, observando. O cheiro da criatura se modificava enquanto comia, passando de cítrico para adocicado e vice-versa. Como um camaleão fazia com suas cores, ele mudava de cheiro. Fascinante e assustador.

Não sei quanto tempo permaneci ali, lutando contra as vozes na minha mente que me mandavam fugir, quando o vento mudou.

Assim como eu, a criatura tinha o olfato apurado. Olhou imediatamente na minha direção e suas grandes pupilas amarelas se dilataram. Virou o corpo, apoiando-se sobre os quatro membros. Os braços eram mais longos que as pernas. Sua respiração se acelerou com um chiado audível, as narinas se contraindo, abrindo e fechando, feito guelras de peixes. Estranhas membranas cobriam seus olhos, como pálpebras transparentes. Abriu a boca, silvando, um ruído seco e áspero como o de mil cobras juntas, mostrando os dentes numa ameaça. Fiz o mesmo, por instinto. Meu pé escorregou para o lado, arqueei o corpo e exibi as presas. Mais uma vez a voz interior me disse para correr, correr muito, mas os olhos da criatura estavam cravados em cada movimento que eu executava e hesitei, esperando por algo.

De repente, aconteceu tudo muito rápido, mesmo para mim, e somente pude resgatar alguns *flashes* na memória depois. A criatura soltou um chiado, como o som de um gavião ferido, curvou o dorso para baixo e saltou na minha direção. Um medo irracional me preencheu, algo que não sabia de onde provinha, o próprio pânico da morte, e isso impediu que eu reagisse a altura. Minhas pernas paralisaram e por reflexo movi o braço em direção ao rosto.

Uma queimação lancinante atingiu meu pulso. A surpresa pela dor foi tão grande que gritei. Um berro alto, que assustou os animais escondidos nos arbustos. Esquilos correram. Meu grito ecoou pelas árvores e as aves fugiram para o céu. Para longe daquele lugar. Caí de joelhos e senti o formigamento subir pelo braço. Busquei pela criatura, mas não a encontrei. Porém, ela deixou três garras pretas fincadas até os ossos no meu pulso e o sangue escorria, pingando no chão. Meus olhos perderam o foco, a visão embaçada, dupla. E a dor... A dor era muito forte.

— Laura!

Instantaneamente quatro formas apareceram ao meu redor.

— Laura! Amor, o que aconteceu? — Robert falava assustado, olhando para mim.

Não conseguia responder, doía demais!

— Rob, o pulso dela! — Josh mostrou.

Olharam espantados para a mão que sangrava com as garras fortemente presas nela. Robert tocou uma e gritei, recuando o pulso no mesmo instante.

— Meu Deus, o que é isso? — ele estava perdido.

— Jamal, Sólon, deem uma olhada na área — pediu Josh, rasgando um pedaço da camisa.

Os dois sumiram. O sangue que antes escorria passou a jorrar, e a dor subia para meu ombro e pescoço. Era excruciante.

— Rob, segure-a com força — Josh mandou.

— Mas...

— Sem mas! Temos que tirar isso daí e parar o sangramento!

Josh improvisou um torniquete com o tecido e o apertou. Meu grito foi agudo e quebrei um galho grosso com a mão livre. Braços fortes me seguraram com firmeza, e uma das garras foi puxada por Josh. Gritei mais e me debati violentamente.

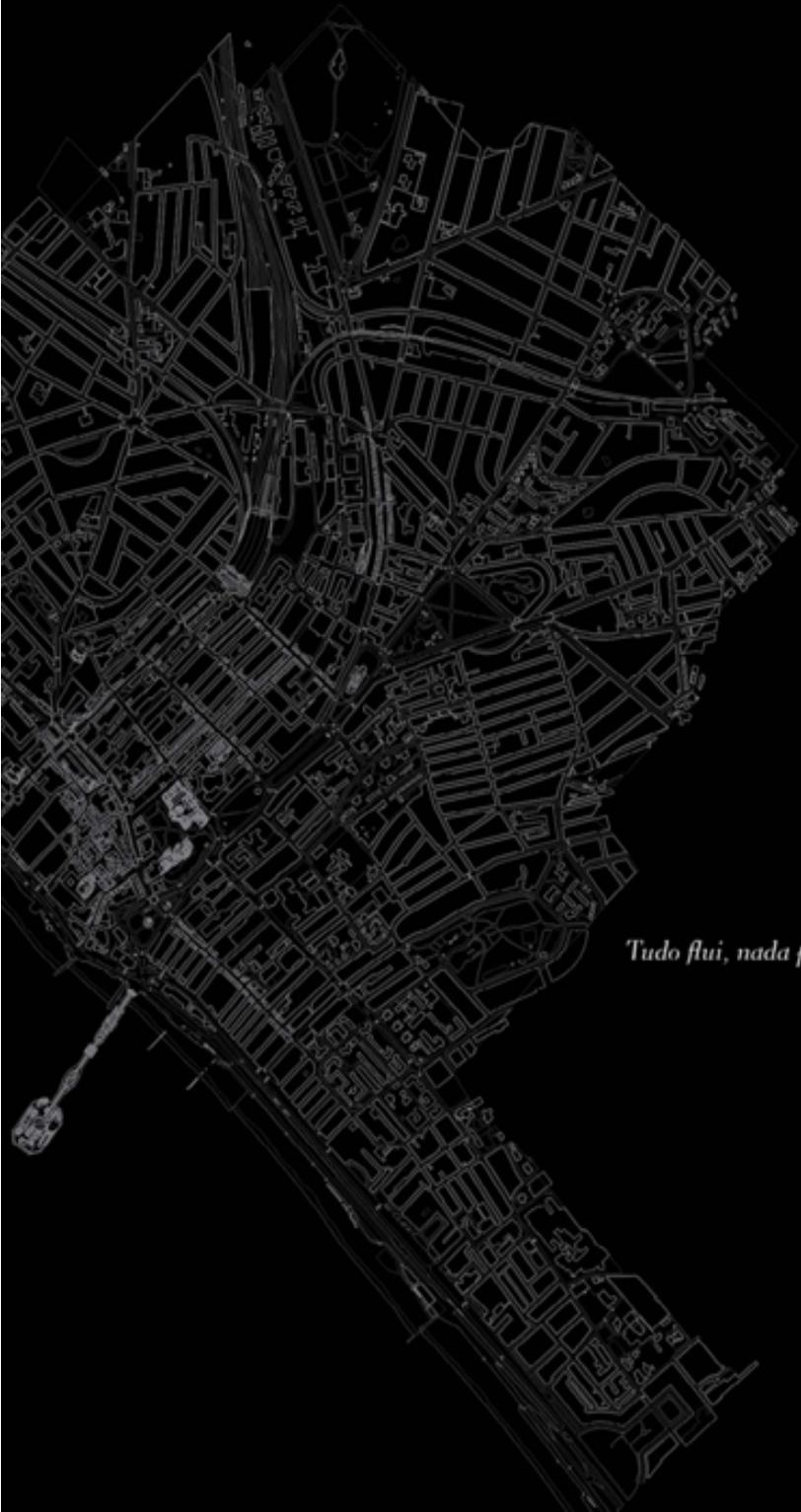
— Josh! — Robert gritou.

— Segure-a! — puxou outra.

Se minha alma pudesse sair do corpo, aquele seria o melhor momento. Assim não sentiria a dor. Ouvei as respirações de Josh e Robert se alterarem e as mãos me apertaram de novo.

— Agora! — Josh comandou.

Uma nova onda de agonia me varreu quando a última garra foi retirada. E pela primeira vez, em mais de dois anos, desmaiei.

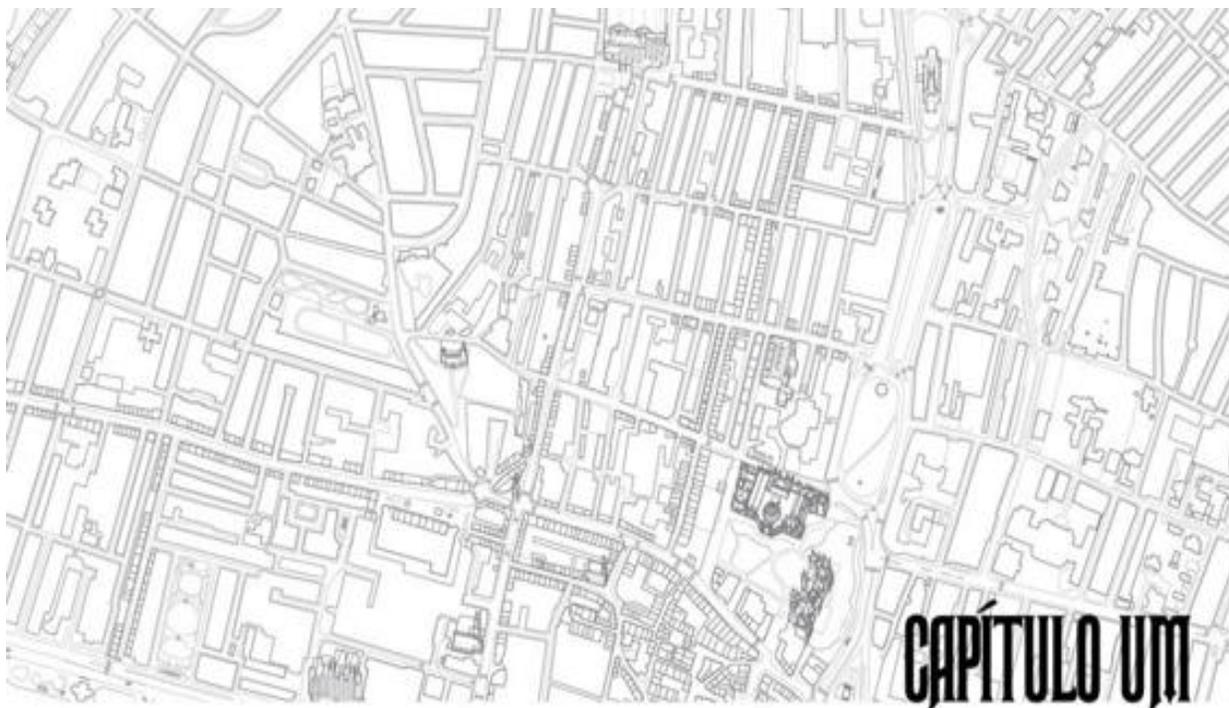


Livro Três

Conversão

*Tudo flui, nada persiste, nem permanece o mesmo.
O ser não é mais que o vir-a-ser.*
Heráclito





Livro Três – Capítulo Um

Amsterdã — Holanda — Outubro

Mais um outono. Algumas flores desapareciam em hibernação, árvores exibiam folhas em tons vermelho, rosa, laranja, marrom, e deixavam um manto multicolorido e seco pelo chão. A brisa úmida e quente do verão era substituída pelo vento seco e gélido. Ainda não nevaria, era muito cedo para aquilo, mas a paisagem que se modificava ditava os novos tons no céu e na terra. Outono era sinônimo de chuva e tempo nublado. *Detesto o frio.*

Era incrível como um ano estudando Arte na Universidade de Amsterdã me fizera enxergar com mais clareza as cores que pintavam o mundo. Cores que antes pareciam opacas e ocultas. Cada grão de areia, folha e flor, cada nuvem no céu, as aves e animais, a água dos riachos e lagos, até mesmo os tijolos das construções possuíam tons que iam muito além do espectro de Newton. Eram aquelas cores que estavam em minha paleta e eu transferia para a

tela no cavalete. Aproveitava o que ainda havia de claridade para captar a atmosfera do pôr do sol, o laranja e o roxo mesclados num tom de terra abóbora-lilás, um novo termo que eu inventara. Precisava ser rápida; aquele espetáculo não duraria muito, nem se repetiria talvez. O céu era mutável assim como a vida, algumas vezes alegre como primaveras e outras mais tristes e inverniais. Hoje eu estava triste, por isso pintava o pôr do sol. Quando me sentia feliz minhas escolhas eram sempre as cores do meio-dia, ao ar livre. Pinte pouco felicidade no último ano...

Estava no primeiro andar, num cômodo que transformei em ateliê. Através da janela via nuvens pesadas, escuras, cores quentes se tornando frias. Como me sentia. Lembrei-me de um conto que li uma vez, no Brasil — *O Cobertor Que Não Secou* —, que narrava o sentimento de uma menina durante o enterro de seu pai, de como olhava para a densidade das nuvens e elas influenciavam seu estado de espírito. Eu não me recordava muito bem do funeral do meu pai, mas o sentimento que me invadia era o mesmo do conto. Pois eu não sabia se minha mãe estava viva.

Percebi que chorava quando meu foco nas nuvens se perdeu e as gotas pesadas de lágrimas caíram sobre as tintas na paleta, misturando o laranja, o roxo e o marrom. Cores secundárias e terciárias, dizia a professora de artes plásticas. O céu hoje era secundário, as nuvens também. Primária era a cor da minha dor.

Senti o cheiro do café e a mão no meu ombro ao mesmo tempo. Consegui ver seu rosto através das lágrimas, os olhos negros preocupados, e ouvi as batidas do coração forte, *tum tum tum tum*, quando aconchegou minha cabeça ao peito. O calor de seu corpo fluía para mim. Chorei ainda mais. Deixei vazar pelos olhos a agonia da alma, como minha mãe havia me ensinado, até que não restasse mais nada. Quantas vezes fiz aquilo no último ano? Vinte, duzentas, duas mil vezes desde aquele dia? Não saberia responder.

Os soluços se acalmaram. A mão que acariciava os cabelos levantou meu queixo. O beijo pousou suavemente nos meus lábios e aninhei os braços em sua cintura. Ficamos assim por um tempo, sem falar nada, até que escureceu. A tela ficaria para outro dia.

— Nenhuma notícia, não é? — perguntei, já sabendo a resposta.

— Ainda não — Eric respondeu, me apertando.

Suspirei e me deixei ficar ali, sem ânimo. As lágrimas ameaçavam cair de novo.

— Eu fiz o jantar — ele falou.

— Não estou com fome — respondi desanimada.

— Cínthia, isso não vai ajudar. Ficar sem comer não vai trazê-la de volta — virou meu rosto para o dele. — Acha que Laura gostaria de ver você assim?

— Então ela que volte para casa e resolva isso! — respondi nervosa e comecei a chorar, com mais força.

Eric não falou, apenas ficou me embalando. Pela janela, a lua aparecia no céu. Há um ano estávamos ali, na casa de Robert. Pareciam séculos... Não, não fazia séculos. Eu ainda vivia no mundo humano. O tempo para mim corria com o tique-taque do relógio, mesmo que parecesse fluir devagar agora, mais do que deveria. E a cada avançar dos dias lentos as lembranças se arrastavam também, corroendo minha alma, abrindo a ferida.

Uma chaga que recebi nas florestas da Irlanda do Norte.

Belfast — Irlanda do Norte — Março

Um ano e nove meses antes

O tabuleiro de xadrez balançou e as peças caíram. A cabeça de Eric tombou para trás. Suas mãos voaram até as têmporas como se estivesse com dor.

— Eric, o que foi? — perguntei assustada.

Ele me olhou, pálido. Os olhos muito arregalados. Carlo e Clementine se entreolharam, surpresos. Morgana surgiu do nada, apoiando fortemente a mão na mesa como se fosse cair.

— O quê...? — Clem engasgou ao falar. — O que foi isso?

— O que foi o quê? — eu olhava de um para o outro, mas ninguém me respondeu.

Estavam paralisados, mais brancos do que já eram, e minha presença tinha sido esquecida.

— Laura — Carlo balbuciou.

Gelei.

— O que tem minha mãe? — falei alto. — O que tem ela?

Eu sabia do lance da comunicação mental entre eles, Eric tinha me explicado aquilo. Mas o que eles sabiam e não queriam me contar?

— Clementine, o que foi? — perguntei de novo, uma estranha sensação de medo me deixando com a boca seca.

Ela piscava muito rápido.

— Eu... Não sei... Ainda... — admitiu num tom fraco. — Ninguém sabe... Mas... — olhou para os outros como se pedisse uma resposta. — Vocês sentiram?

Morgana, que estava apoiada na mesa, tremeu.

— Parece que tiraram a alma dela pela boca... — os olhos dela se arregalaram.

Clementine sinalizou para que ela ficasse quieta. Comecei a ficar apavorada.

— Cadê ela, Clem? Cadê ela? — me aproximei de Clementine. Eric colocou as mãos nos meus ombros. — Cadê a minha mãe? — estava quase gritando.

O movimento rápido das cabeças para a entrada me fez virar também. Robert apareceu, carregando minha mãe nos braços. Ela estava desmaiada.

— Mãe! Mãe! — chamei, tocando em seu rosto, mas ela não se mexia. — Mãe!

Josh e os outros chegavam também.

— O que aconteceu? — Clem perguntava ao se aproximar. — Que grito foi aquele?

Grito? Que grito? Carlo examinava os olhos dela.

— Ela está desacordada? Como é possível? — sua expressão era chocada.

— Nós não sabemos — Robert falava, aflito, colocando minha mãe num sofá. — Escutamos o grito e a encontramos ferida na floresta — mostrou o punho enrolado, de onde escorria sangue.

— Mas quem fez isso? Vocês toparam com alguém? Um metamorfo, um puro? — Clem perguntava.

— Não, Clem. Foi isso — Jamal colocou alguma coisa embrulhada com a camisa de Josh sobre a mesa.

Carlo foi até ele e o abriu. Franziu a testa e olhou para Jamal e Solomon.

— Que coisa é essa? — apontou.

Ceguei perto para ver também. Era um bicho nojento! Parecia uma mistura de... Um macaco com um duende, ou de um duende com um ET, ou os três juntos. Não conseguia pensar numa outra explicação. Era feio e horripilante!

— Que criatura é essa? — Clem perguntou para Carlo.

— Não tenho certeza, Clementine — Solomon se adiantou e respondeu. — Para ser sincero, minha amiga, eu achava que tal criatura realmente não existisse neste mundo. E creio que se Carlo o examinar melhor, vai concordar comigo.

Carlo olhava para aquela... coisa... como se duvidasse do que estava vendo. Levantou o rosto para Solomon e Jamal. Os três sabiam de algo e, mesmo assim, custavam a acreditar.

— Isso... É impossível! — Carlo estava mais pálido. — Simplesmente não pode ser real!

— Nós também não somos reais, amigo — Solomon falou.

Houve um silêncio estranho. Robert, que segurava a cabeça de minha mãe, chamou:

— Carlo, olhe aqui! — a urgência de sua voz me assustou e me aproximei.

Nós dois colocamos as mãos quase ao mesmo tempo. Ela estava suando! E sua testa queimava.

— Meu Deus, ela está quente! E a temperatura está subindo muito rápido! — Carlo estava alarmado.

Ah, chega!

— O que está acontecendo, por favor? — minha voz era histérica.

— Calma, Cínthia — Clem passou os braços frios pelos meus ombros. — Carlo?

— Temos que voltar para Bristol, agora! — Carlo olhou para Jamal e Solomon. — Meus amigos, vou precisar da ajuda de vocês mais um pouco, espero que compreendam. Não posso lidar com isso sozinho — apontou para a coisa. — Preciso do meu laboratório e dos livros.

— Josh, vá até o porto e alugue um barco — Clem falava depressa. — Não podemos pegar um avião com ela assim.

Josh acenou, visivelmente abalado, e sumiu de vista.

— Peguem o que for de vocês e rápido! — Clem praticamente ordenou. — Como ela está? — perguntou para Robert.

— Cada vez mais quente — seu olhar estava fixo no rosto de minha mãe.

— Vou trazer o carro — Clem se foi.

Quando Robert levantou a cabeça para mim, seus olhos tinham tanto pânico quanto os meus.

— Mãe? Mãe? — peguei e beijei sua mão. — Mãe, você tá me ouvindo? — as lágrimas caíam. — Por favor, mãe, fala comigo!

Não me deixa, mãe! Por favor, por favor, não me deixa! Minha mente suplicava enquanto eu chorava.



— Mãe? Mãe? Por favor, mãe, fala comigo!

Por que Cíntia estava chorando? *Não chora, filha. Calma, mamãe já vai.* Ela estava do outro lado de uma ponte que nos separava e erguia os bracinhos para mim. Seu vestidinho branco, que Jeanete fizera para o aniversário de seis anos, balançava com o vento forte que soprava.

— *Mãe? Mãe?* — ela chorava e chamava.

Eu queria acalmá-la, mas nada saía da minha boca. Não conseguia falar. Corri pela ponte para alcançá-la. O vento batia no meu rosto, jogando os cabelos em meus olhos. Por que eu me movia tão devagar? Por que não deslizava com velocidade? O vento me empurrava e sufocava.

— *Mãe! Mãe!* — a ventania queria levá-la! Seus pés saíram do chão e se debatiam.

Não! Gritei em minha mente e pulei. Agarrei-a com as mãos e a puxei, segurando com força. Abracei-a e respirei fundo. Ela estava gelada. Muito gelada. *Oh, meu Deus!*

— *Mãe? Mãe? Você tá me ouvindo?*

Graças a Deus ela está viva! Por um momento pensei... Não ventava mais. Olhei seu rosto assustado. Por que ela tinha tanto medo? Passei a mão em seu cabelo.

Subitamente ficou quente, muito quente.

— *Cada vez mais quente* — ouvi a voz que falava ao redor.

Mas onde? Por que o tom era de desespero? Sim, eu sentia o calor, mas Cíntia ainda estava tão gelada! O calor percorria meu corpo como se fosse um fogo líquido, formigava da ponta dos dedos até a raiz dos cabelos. Abracei Cíntia para aquecê-la também.

— *Mãe! Mãe!* — ela gritou e tentou fugir.

Minhas mãos pegavam fogo! Chamas azuladas saíam dos meus dedos, subiam pelos braços e chegavam aos ombros. Eu quis gritar! Ia queimar Cíntia! Soltei-a e ela caiu. O fogo aumentou e desceu para os pés. Meus cabelos se incendiaram e soltavam brasas que crepitavam com o vento, mais violento que antes. Ele me suspendeu do chão, fazendo flutuar. Subi como um balão de ar aquecido, uma tocha azulada no céu.

— *Mãe! Mãe! Fala comigo, por favor!* — ouvi as súplicas de Cíntia.

Eu não conseguia responder. O fogo percorria minha pele, penetrava nos ossos. Doía e queimava. Estava quente demais. A distância, uma pequenina Cíntia me estendia os braços. Chorando!

— *Meu Deus, ela está quente!* — a voz sem corpo dizia apavorada.

A pressão que vinha de dentro de mim era enorme. As fibras da pele pareciam se romper, os ossos trincarem, e os músculos se retesavam em agonia. A dor era inacreditável. Eu era uma chama viva. E o fogo iria me matar. Mas, ao contrário do que esperava, aquilo não aconteceu. Permaneci viva, podia senti-lo queimar e a agonia era maior.

Quando o estilhaçar dos ossos e o repuxar dos músculos chegou a um ponto insuportável, minha boca se abriu num grito doloroso. Faíscas eram expulsas de mim como fogos de artifício, aumentando, dissolvendo e quebrando meu corpo. O calor era o de um vulcão. Eu queimava como um sol. Olhei para baixo e vi o rio de águas escuras

sob a ponte. *Sim, a água pode me salvar, apagar o fogo*, pensei em meio ao sofrimento. Mas eu flutuava, mais leve que o ar. O vento soprou e me deslocou do lugar, aumentando as chamas. Gritei, vendo as faíscas se agitarem e caírem na água. Percebi, então, que poderia usar a força dos ventos a meu favor.

Trinquei os dentes e não ofereci resistência quando ele me atingiu. Apesar da dor, aproveitei seu fluxo e me atirei como um paraquedista em queda livre nas águas geladas. Não sei quanto tempo fiquei flutuando no rio, mas não podia sair dele. Se levantasse a mão, ela se enchia de chamas e eu gritava.

Apesar de fria como gelo, a água não conseguia conter totalmente o fogo do meu corpo quebrado. Eu era uma brasa dormente que um sopro incendiava. Cada respiração doía com milhares de pequenas adagas inspiradas e exaladas. Os movimentos, por menores que fossem, eram insuportáveis. Até a total imobilidade não trazia nenhuma paz. Não conseguia abrir os olhos, mas de tempos em tempos vozes distantes chegavam até mim. Tensas, preocupadas e ansiosas.

— *E então?* — uma voz feminina perguntava.

— *Quarenta e três graus e meio* — um homem respondeu.

— *Ainda tão alta?* — outra voz masculina questionava. — *Quanto tempo ela vai aguentar assim?* — seu tom era desesperado.

— *Não sei dizer* — a primeira voz masculina parecia derrotada. — *Ontem a temperatura chegou a 45 graus. Qualquer um teria morrido com bem menos que isso. Não há como prever nada.*

— *E o que faremos?* — a voz feminina falou.

— *O que já estamos fazendo* — o homem retrucou. — *Tentar manter a temperatura baixa, o máximo que pudermos.*

— *Esperem!* — a voz do homem desesperado chamou. — *Escutem!*

Silêncio. O que estavam ouvindo?

— *Impossível!* — a outra voz masculina soou chocada.

As chamas aumentaram ao meu redor. A água não estava funcionando. O calor me consumiu e me debati à procura de alívio.

— *Laura* — ouvi a voz que chamava, de muito longe. — *Por favor, aguente. Volta para mim, aguente* — senti o toque gelado.

O fogo me engoliu. E gritei.



A montanha era alta. De onde estava, podia ver o cume se elevar e precisava alcançá-lo. O vento era frio e meu corpo doía, congelado. Os dedos dos pés e mãos se machucavam nas pedras que agarrava e gemia a cada toque. Por algum motivo — que não me lembrava — sentir tanta dor era estranho. Os tremores machucavam minha pele, refletiam-se nos ossos. Tinha certeza de que meus dedos iriam se quebrar, mas continuei agarrando e subindo. Precisava chegar ao topo. E estava frio. Por quê? O vento me cortava como um chicote e cravava agulhas nas costas. Cada passo era o mesmo que pisar em mil facas, como a sereia Ariel do conto de Andersen. Não havia centímetro de mim que não estivesse doendo e sofrendo.

Para cada etapa que avançava, duas eu recuava. O cume continuava longe. Parei por um momento e tremi com os espasmos. Meu peito pesava contra a rocha e os pulmões sofriam apenas por respirar. Queria desistir. Talvez se me deixasse cair, aquilo terminaria e a dor iria desaparecer. O sofrimento acabaria e ficaria em paz. Apertei-me contra a rocha e percebi que ela estava mais lisa. Os dedos dos pés se apoiavam em degraus em vez de pedras ásperas. Olhei em volta. Não estava mais na montanha, e sim numa arena circular. Conhecia aquele lugar, mas não sabia de onde. Ainda fazia muito frio e meus membros doíam.

Uma figura alta e solitária estava no outro extremo da arena. Trajava um manto púrpura e me observava sob um capuz. Juntei todas as forças e caminhei até ele. O sangue pingava a cada passo, fluindo dos tornozelos e pulsos machucados, traçando um caminho vermelho pelo chão liso. Quase aos pés do estranho, tropecei e caí. O choque de dor me abalou. A respiração ficou fraca e entrecortada.

— Por favor — pedi num sussurro —, ajude-me.

A figura não se moveu do lugar. Apenas atirou para trás o capuz. Seus olhos castanhos eram familiares e acusadores.

— Eu disse que ele não era bom para você!

Sua voz ecoou pela arena, que não era mais uma arena, e sim a encosta da montanha. Agarrei a rocha quando pedras rolaram do alto e me atingiram. A pulsação no meu peito retumbou violentamente. Não conseguia mais sustentar o corpo cansado e ele escorregou para o abismo escuro abaixo, onde o calor me atingiu como uma fornalha em carne viva.

O inferno havia recomeçado ainda mais abrasador.



— Quanto? — a voz masculina perguntou.

— Está variando. 41, 42 graus, nem mais, nem menos — outra voz familiar confirmou. — Parece que está se estabilizando.

— Mas... assim? — a primeira voz interrogou. — Isso vai matá-la!

— Talvez não. Se o que pensamos for verdade, ela não vai morrer — a voz retrucou.

Ouvi o suspiro desolado.

— Por que isso está acontecendo? *Como* pôde acontecer?

— Não temos respostas para tudo ainda — o outro homem falou. — Só resta aguardar. Acho que o pior já passou.

O toque gelado em minha testa era hesitante. Afastou o calor por um momento, mas ele ardia lento e irradiante.

— Ela não grita mais quando a tocamos — sua voz era triste. — Será que é tão horrível assim?

— Só ela vai poder nos dizer — a voz estava cansada. — Nunca tivemos um precedente antes e talvez não vejamos outro.

O beijo foi suave em meus lábios ressecados. Doeu, mas não gritei.

— Eu te amo, Laura — sussurrou. — Não se esqueça disso e não deixe de lutar.

Bristol — Inglaterra — Abril

— A Laura ainda não voltou, mãe? — Georgiana perguntava num domingo, durante o almoço familiar, e olhava disfarçadamente em minha direção.

Mulheres... Continuei lendo o jornal sem me alterar.

— Ainda não — minha mãe respondeu servindo a sobremesa, com o mesmo olhar especulativo. — Falei com Cínthia pelo telefone e só voltarão daqui a alguns dias — ela hesitou e continuou. — Vai depender do estado da Laura.

Levantei a cabeça na hora.

— Que estado? — joguei o jornal na mesa.

Minha mãe falava e servia ao mesmo tempo.

— Parece que Laura ficou doente na Irlanda — falava com preocupação. — Uma virose, ou coisa parecida, que ela pegou na ilha. Estão esperando que melhore — suspirou. — Queria que estivesse aqui, assim eu poderia ajudar a cuidar dela.

Meu pai bufou.

— Com tantos lugares para se visitar nas férias, foram justo para lá! Seria impossível não contrair alguma praga irlandesa só de se respirar o mesmo ar! — resmungava.

— Ah, Ben! Não comece, por favor! — mamãe retrucava.

Meu pai e ela sempre discutiam por aquilo. Ele não gostava da Irlanda nem dos irlandeses e já havia arrumado brigas no passado. Resquícios de uma criação antiga e preconceitos arraigados; mas não prestei atenção à discussão que se iniciava na cozinha.

Laura, doente? Não, aquilo era impossível! Não havia como, eu sabia. *Desde que ela... mudou*, pensei com amargura, nada mais do nosso mundo a atingiria. Principalmente uma doença. Mas... Cínthia não inventaria aquela história do nada. Havia algo de errado. E se aconteceu alguma coisa diferente? Algum *mal-entendido* e Laura se machucou? O clã Di Feveré estava muito visado. Meu coração bateu rápido e me levantei.

— David, não vai comer a sobremesa? — mamãe perguntou, mas não respondi.

Fui até meu carro com o celular na mão, discando o número. Ela atendeu em um toque.

— *Eu imaginei quando iria ligar* — comentou do outro lado da linha.

— Estão em Belfast? — fui direto.

— *Não. Em Bristol* — respondeu.

— O que houve com ela, Clementine? — perguntei à queima-roupa.

Ouvi o suspiro baixo e minha respiração ficou pesada.

— *Não posso explicar por telefone.*

Meu estômago se contraiu e as mãos ficaram suadas. O que diabos estava acontecendo?

— Mas ela está bem?

Silêncio.

— *Ela está viva* — prendi o ar quando ouvi aquilo. — *O restante você precisa conferir. Sugiro que venha ver com seus próprios olhos, mas apenas quando eu o chamar. Entendido?*

Engoli em seco.

— Clementine, eu...

— *Não se preocupe* — ela continuou, como se entendesse meu incômodo. — *Sabe que Laura não guardaria mágoas suas. Robert não irá se opor também, eu prometo.*

E a ligação ficou muda.



Achei que estivesse longe da dor. A salvo. Mas não.

Um ponto quente irradiou algo como lava vulcânica nas minhas veias e artérias. O ritmo da pulsação era lento, atrofiado, tentando empurrar uma massa viscosa por tubos finos demais. Cada pulso era o martelar de uma bigorna de ferreiro sobre meu corpo em brasas, um processo de moldagem se consolidando a cada eco das batidas. De dentro para fora, o calor se espalhava e se consumia em si. O frio também fazia parte dessa estranha reação, como uma descrição da praga bíblica que se abateu sobre o Egito: *fogo e gelo caindo dos*

céus. Fogo e gelo lutavam em mim. Nos momentos de pico, as reações me torturavam além do que achei que poderia suportar. Mas aguentei.

Ouvia as vozes que diziam ‘*Mãe? Mãe? Fala comigo, por favor!*’, ‘*Laura, por favor, não desista. Volta para mim. Eu te amo...*’ Só pensava nelas naqueles momentos. Assim suportei o fogo, a dor, o frio, a tortura de sentir a alma ser arrancada, as constantes agressões das facas, chicotes e adagas que retalharam meus músculos. O quebrar dos ossos. Tolerei as chamas e o vento. Resisti à vontade de me entregar e morrer. Seria mais fácil, seria melhor. Mas não seria eu.

Minha visão estava embaçada quando abri os olhos. Meu corpo doía. A boca estava ressecada e ouvi o ruído de um bipe. Virei a cabeça para o lado e vi a intravenosa no meu braço, conectada a uma bolsa de soro. Por um momento achei que estava num hospital, mas logo reconheci a sala onde minha metamorfose aconteceu. Aquilo me confundiu. Não estávamos na Irlanda do Norte?

Passei a língua pelos lábios e encontrei feridas iguais às que ocorrem em casos de febre alta. O gosto de sangue nas fissuras era horrível! O bipe de um monitor cardíaco mostrava um batimento forte e acelerado. Era o único som na sala. Tentei levantar a cabeça, mas a tontura me impediu e ela caiu para trás. Uma mão gelada tocou minha testa com suavidade e o rosto se inclinou sobre o meu.

— Graças a Deus... — Robert suspirou baixinho. — Laura? Amor? Está me ouvindo?

Ele parecia diferente, mas eu não sabia dizer por quê. Tive que molhar os lábios com saliva e sentir o gosto repulsivo para tentar falar.

— Oi — o som saiu tão baixo que eu mesma quase não me ouvia. Ele sorriu aliviado.

— Oi — beijou minha testa. O toque me fez contrair e ele se afastou. — Ainda dói?

Balancei a cabeça um pouco.

— Não muito — minha voz estava empastada. — É só um incômodo. Por que estou sentindo dor? — *que estranho*.

Robert não respondeu, apenas mexeu delicadamente em meus cabelos e rosto.

— O que aconteceu comigo? — perguntei, confusa. Minha voz saía por um fio de ar. — Por que estou aqui?

Havia hesitação em seu olhar.

— É melhor chamar os outros — sua voz era insegura. — Cínthia passou as noites aqui, com você. Foi dormir hoje de madrugada, ela ficou muito preocupada.

As noites? Como assim?

— Deixe-a dormir então, por favor — pedi, sem coragem para questionar mais.

Ele concordou e no instante seguinte os outros apareceram. Inclusive Solomon e Jamal. *Ainda estavam aqui?* Respirei fundo e meus pulmões reclamaram do esforço. O ar cheirava a álcool. E curiosamente era o único cheiro que eu sentia. Onde estavam os odores deles? Eu conhecia cada um.

— Laura — Carlo se aproximou. — É um alívio ter você de volta. Como se sente?

Uma espécie de falta de nitidez, não sabia bem como explicar, me fazia enxergar os rostos de Carlo e Robert de um jeito diferente; familiar, mas mesmo assim estranho. Balancei a cabeça e me arrependi do gesto na hora.

— Dói tudo... — fechei os olhos. — Parece que fui amassada, triturada, cozida, espremida... — engoli a saliva para continuar —... Nunca me senti tão mal, nem quando era humana e ficava doente...

Abri os olhos e vi a troca de sinais que se sucediam entre eles, alguns tão rápidos que mal conseguia perceber. Sentia zumbidos nos ouvidos e o barulho do monitor cardíaco incomodava. Por que aquela porcaria estava ali? Quem iria precisar daquilo? Tentei levantar a mão, mas um *plug* de hospital estava atado ao dedo indicador esquerdo. A mão direita tinha um curativo enrolado no pulso e aquilo me trouxe uma memória: a estranha criatura na floresta irlandesa, sua aparência horripilante, seu cheiro mutável e a dor. Lembrei-me de Robert me segurando e Josh arrancando garras pretas. E então tudo ficou escuro, com sensações de fogo e frio, chamas e gelo que me

dominaram e vozes ao redor. E a dor excruciante. Meu cérebro cansado juntava aqueles detalhes e franzi a testa.

— Laura? — Clem perguntou. — O que foi?

Encarei o rosto de Clem. Ele estava... normal, como eu me lembrava de quando a conheci no museu. Diferente das humanas, é claro, mas normal. Não conseguia ver os detalhes que a visão adquirida na transformação me permitia. Robert também era o mesmo de dois anos atrás, assim como os outros na sala.

Minha boca secou, de repente, e eu estava com sede... Mas de água! O som do bipe se acelerou junto com a minha respiração. Levantei a mão e gelei.

— O que... O que é isso? — o *plug* no meu dedo estava conectado ao monitor.

O batimento cardíaco era meu!

Outro ruído quase me fez saltar da cama. Meu estômago roncou alto.

— Carlo? Robert? — perguntei alarmada.

Robert segurou minha outra mão. Carlo se aproximou.

— Laura, fique calma. Está bem? — sua voz era cautelosa como nunca ouvi. — Aconteceu uma coisa... Algo que nenhum de nós aqui, mesmo Jamal e Solomon, viram antes. E eles já viram muita coisa, pode acreditar. Parece loucura, eu sei, nós sabemos, mas é a verdade... — hesitou, mas continuou. — Ainda não temos todas as explicações, mas pela sua expressão, acho que deve ter percebido o que houve. Só peço que mantenha a calma, por favor.

Minha mente montava o quebra-cabeça. O monitor, o soro, a sede, a fome, a dor... O toque gelado de Robert... Levei a mão automaticamente ao peito apenas para sentir o pulso forte e vibrante. Olhei para Carlo com surpresa e descrença. Sua cabeça balançou levemente.

— Sim, Laura — ele confirmou meu exame. — Você é humana outra vez. Fez a conversão. O caminho de volta...

O monitor cardíaco bipava freneticamente.

Bristol — Inglaterra — Outubro

O aeroporto de Bristol estava movimentado naquele início de outubro, mas eu não enxergava o vai e vem das pessoas. Meus olhos apenas miravam a cabeça loira que se aconchegava em mim. O abraço era forte e emocionado. Sentia as lágrimas de Cínthia no meu ombro.

— Ei, o que é isso? — levantei sua cabeça e limpei seus olhos com os dedos. — Nós vamos nos ver nas férias, não precisa chorar, já disse. Você vai para a Universidade e não para a força!

O rosto dela estava vermelho. Chorou a manhã toda. Eric fazia o *check-in*.

— Eu sei, mas... — dizia pela centésima vez —, tem certeza que vai ficar tudo bem mesmo, mãe?

— É claro que vai, querida. Eu já sou bem grandinha, ouviu? — acariciei sua bochecha.

Desde a nossa volta da Irlanda do Norte, meses antes, Cínthia tinha se tornado superprotetora. Ela passou por experiências difíceis e aquilo a amadureceu, não era mais uma simples adolescente. *Não queria que fosse assim...* Será que agi certo ao envolvê-la naquela coisa toda? Sentia-me culpada, mas teria sido inútil tentar evitar a verdade. O mundo de Eric seria o de Cínthia, um dia. Ela tomou aquela decisão e não voltaria atrás. Nem ele abriria mão dela. Eu só podia respeitar.

— Bem, temos que ir para a sala de embarque — Eric voltou do balcão. — É a última chamada do nosso voo, Cínthia.

Ela me abraçou com mais força.

— Eu te amo, mãe — sussurrou entre as lágrimas.

— Também te amo, querida — segurei as minhas. Deixaria para chorar depois, uma cena não ajudaria em nada naquele momento.

Abracei Eric com carinho. Ele era um rapaz e tanto.

— Cuide dela, está bem? — fiz com que me promettesse. — E, se acontecer qualquer coisa, me avise.

— Pode deixar, Laura — olhou-me triste.

Os dois se afastaram. Ela acenava para mim, soluçando.

— Mande um beijo a todos, mãe! E diga para o Carlo que confio nele!

Acenei com a cabeça. Ela não perdia a esperança. Suas figuras sumiram pelo portão de embarque. O voo iria para *Heathrow* e de lá pegariam outro para Amsterdã. Caminhei devagar até uma cafeteria próxima e me sentei.

— Um expresso, por favor.

O avião sairia em meia hora. Mexi o café com a colher, sentido o aroma, e uma lágrima correu pelo meu rosto. Sentiria falta daquela menina, e como... Levei a xícara aos lábios. Forte. O calor da bebida queimou minha língua. Tinha de me acostumar de novo. Suspirei e olhei os painéis luminosos de embarque. Um deles marcava o horário da próxima partida para a Irlanda do Norte com letras verdes. Um nó se formou em minha garganta. Ao lado da cafeteria, uma loja de presentes exibia uma coleção de luminárias de lava. Suas formas e cores se modificavam a todo instante. Uma delas era grande, o conteúdo azul pálido. Movia-se silenciosamente. Meu olhar perdeu-se nela enquanto a lembrança de outra silhueta voltava.



A criatura estava inerte. Morta.

Seu pequeno corpo encontrava-se dentro de um recipiente de laboratório para fetos, animais e órgãos. Uma conexão de cabos estava ligada a ele, fluindo um líquido azulado que borbulhava como num aquário. Uma das invenções de Carlo. Segundo ele, aquilo ajudaria a preservar o espécime sem os danos causados pelo formol.

O tom da criatura era de um azul-cinzento desbotado. Os grandes olhos amarelos estavam fechados e a boca entreaberta. Uma das mãos perdera as três garras negras. Olhei automaticamente para o pulso. Três cicatrizes ficariam bem marcadas ali até o dia da minha morte. *Morte...* Sim, podia dizer aquilo. Porque eu era humana. E era estranho.

Lembrei-me da revolta que experimentei quando me tornei uma vampira; do desespero e medo do desconhecido à minha frente. Dos

dias angustiantes de treinamento, da incerteza de poder ver minha filha outra vez. Da nova rotina de adaptação que precisei enfrentar, a tentação que tive que vencer para não ser um monstro, uma assassina louca e desvairada por sangue. Um caminho duro de percorrer; sobrepujar o medo, o desespero e a sensação de perda.

E, entretanto, sentia-me igualmente amedrontada agora, desesperada e perdida: nascera humana, era humana naquele momento, e morreria daquela forma. Não deveria ser um choque, mas era. Não conseguia mais me ver como uma coisa ou outra. *O que eu sou?* Havia me adaptado à vida imortal de um vampiro antes. Conseguiria ser humana de novo?

Por que eu, meu Deus? Minha cabeça repetia a pergunta sem cessar. Os outros estavam em silêncio atrás de mim, perplexos. Enrolei-me na manta — fazia frio lá dentro — e virei-me para encarar os pares de olhos assustados e incrédulos.

— Muito bem — respirei para falar. — O que foi que *exatamente* aconteceu comigo? — perguntei com voz firme, oposta ao meu interior trêmulo.

Muitos olharam para Carlo, mas foi Solomon quem respondeu:

— Laura, antes de tudo, eu quero que saiba de uma coisa: a história que vai ouvir não passava de uma lenda. Ou melhor, era a sombra distante de uma lenda — Solomon apontou para a criatura. — Durante o tempo em que você esteve entre a vida e a morte, Carlo, Jamal e eu procuramos todos os registros possíveis e reviramos as histórias mais remotas de nossos povos para chegar perto o possível de uma explicação. E ela ainda nos deixa perturbados... — seus olhos lampejaram de espanto. — O que está vendo, Laura, é um Lázarus.

— Lázarus? — perguntei, notando a semelhança com o nome bíblico.

— Sim. Esse é o nome pelo qual é conhecido desde a Idade Média — Solomon continuou. — Mas ele já teve outros nomes antes, muitos deles. Essa história é mais antiga do que eu e provavelmente até mais que Jamal, o ancião entre nós aqui.

Eu sabia que Solomon e Jamal possuíam milênios de existência, mas nunca perguntei quantos. E mesmo assim estavam tão confusos como os demais diante da situação.

— O primeiro relato do qual ouvi falar vem da região da Mesopotâmia — ele continuou —, registrado na epopeia de Gilgamesh, rei de Uruk, na Suméria, filho da obscura deusa Ninsu, e que data de mais de dois mil anos antes de Cristo. Na história de Gilgamesh, após a morte de seu grande amigo, Enkidu, o rei passa a questionar a existência e finalidade da morte. Não conformado, procura respostas entre o céu e a terra, vai aos confins dos infernos e à terra dos deuses. Mas nenhum deles lhe dá argumentos que o satisfaçam. Por fim, resolve seguir a única orientação fornecida por eles e vai à procura de Utnapishti, o único sobrevivente do dilúvio primeiro da Terra e que conquistou a vida eterna. Atravessou o oceano e encontrou a resposta: Utnapishti o orienta a mergulhar nas águas profundas e escuras que banham o mundo das sombras e trazer o ramo florido e espinhoso que apenas lá crescia. Segundo os relatos, foi uma grande aventura vivida por ele.

Continuei a ouvir em silêncio.

— De posse da planta, Gilgamesh decide voltar a Uruk — Solomon contava —, mas no caminho ele parou para descansar e se refrescar. Durante esse intervalo, uma criatura, descrita por uns como uma serpente e por outros como um estranho ser pequeno semelhante a um demônio, sente o perfume do ramo, devora-o e vai embora. Gilgamesh chora ao perceber que perdeu a fonte da vida eterna.

— Mas esse ser — continuou Jamal — comeu o ramo e por isso adquiriu a força da imortalidade. Essa lenda foi repetida em dezenas de civilizações ao longo da história, com modificações, mas sempre envolvendo uma criatura de aspecto semelhante em muitos detalhes, associada a algum animal ou forma humanoide conhecidos para facilitar a compreensão — apontou Solomon. — Até o nosso amigo possuía em sua terra, no Egito, narrações semelhantes. Em seu tempo, faraós e sacerdotes apreciavam a presença de anões porque eles eram representações do deus Bes, que protegia a fertilidade, a sexualidade e as mulheres, e Ptah, associado à regeneração e ao rejuvenescimento. Ambos os deuses eram descritos como *anões*, pequenas divindades.

Ouvi a explicação de Jamal e Solomon retomou daquele ponto.

— Na Grécia Antiga, o mito também aparecia. Ascéplio, ou Esculápio para os romanos, filho de Apolo e deus da medicina, teve duas filhas: Hígia, de onde vem a palavra higiene, e Panaceia, conhecida como a cura para todas as enfermidades. A tradição médica ocidental fez com que seus nomes figurassem no juramento de Hipócrates até meados do século XX, feito pelos médicos no momento da graduação — sua voz reproduziu um trecho dele: — *Eu juro, por Apolo, médico, por Esculápio, Hígia e Panaceia, e tomo por testemunhas todos os deuses e todas as deusas, cumprir, segundo o meu poder e a minha razão, a promessa que se segue...*

Não havia quem não estivesse absorto nas palavras de Solomon.

— As filhas de Ascéplio são bastante mencionadas no panteão — ele continuava —, mas o que não se fala muito, e não se sabe realmente por que razão, é que Panaceia teve filhos com outras criaturas mitológicas de seu tempo. Dentre eles, um se chamava Akos, que em grego significa *remédio*. Panaceia podia curar os males e seu filho, Akos, era o remédio também. Alguns poucos registros o descrevem como um ser pequeno, desfigurado, de aparência grotesca, mas possuidor do elixir da vida correndo em suas veias.

— E naqueles tempos — Jamal completou —, vimos os homens partirem em viagens pelo mundo conhecido atrás de tal prêmio. O mito influenciou contadores de histórias por toda parte. Muitos perderam a vida ou a sanidade nessa busca. Colocaram em risco até a própria humanidade de seu ser.

— Com a queda do Império Romano, no século V, e início da Idade Média no Ocidente — Solomon falava —, as religiões judaico-cristãs começaram a ganhar força. Para atrair os gentios aos seus rebanhos espirituais, muitos dos mitos gregos e romanos, que tinham suas raízes em outras antigas civilizações consideradas pagãs, foram recontados e incorporados às tradições da época. A lenda do Akos foi uma delas — Solomon cruzou os braços. — Ela reapareceu com os alquimistas da idade das trevas, que tinham como principal objetivo encontrar a fórmula da pedra filosofal.

— A fórmula que transformaria chumbo em ouro — Carlo falou com a voz saudosista pela primeira vez desde o início da explicação

— e que produziria o elixir da vida e curaria todos os males, até mesmo a morte.

— A Panacea! — Jamal completou.

— E o que essa criatura tem a ver com a busca da pedra filosofal? — perguntei, sentindo um estremecimento estranho. — Segundo as histórias que ouvi, achei que essa pedra era formada apenas por componentes grosseiros como mercúrio, enxofre e sal, em uma ciência ainda muito primitiva... — olhei para Carlo. O que eu conhecia sobre alquimia com certeza era muito inferior ao que ele sabia. — Desculpe-me, Carlo, mas eu realmente não estou muito a par disso. Se eu disse alguma besteira, me perdoe — meu rosto queimou de vergonha. O sangue quente em minha pele me deu uma sensação esquisita. E também me assustou.

Carlo apenas acenou, despreocupadamente, respondendo a questão.

— No ano de 1525 foi fundada, por Paracelso, a *latroquímicos*, do grego *iatros*, que significa *médico*; uma escola de estudos químicos. Tinha como objetivo principal produzir uma fórmula para que a humanidade se tornasse totalmente imune às doenças naturais. Porém, essa causa aparente ocultava uma intenção maior: encontrar o chamado elixir da longa vida. Paracelso e os latroquímicos conceberam o conceito de *quintessência: o elemento divino* — ele sorriu. — Eu sei disso porque estava com eles quando tal ideia tomou forma. Com os estudos dos documentos greco-romanos que tínhamos em mãos, trazidos de Constantinopla e proibidos pela Inquisição, os indícios apontaram para a existência real desse ser — apontou o vidro —, então chamado de Lázarus, numa alusão ao texto bíblico da ressurreição de Lázaro por Jesus Cristo.

— Quer dizer que essa criatura... Ela é a quintessência? O elemento divino? — não conseguia acreditar naquilo.

— Sim, Laura — Carlo falou. — Todos nós estamos olhando o que a humanidade buscou por milênios sem nunca ter encontrado: o elixir da vida.

Absorvia aquelas informações de forma lenta e concentrada. Diante de mim estava uma criatura que deveria ter o quê? Mais de cinco mil anos, talvez? Balancei a cabeça e olhei para Carlo.

— Mas o que aconteceu? Quero dizer... — reformulei a questão, tentando não me sentir chocada com a história. — Como isso — mostrei a criatura — funcionou comigo? Eu não estava doente, nem queria vida eterna — dei uma risada de deboche. — O que ele fez?

Carlo suspirou e respondeu devagar.

— Lembra-se de quando falei e mostrei os amorfus, Laura? — concordei — De como eles penetravam na corrente sanguínea e alteravam a morfologia humana? *Grosso modo* seria dizer que sofremos um tipo de *contaminação*, e que ela provocou a transformação. Nosso corpo é atacado e não consegue reagir porque não possui defesas contra esse tipo de *vírus*, e então ocorre a infestação. Em casos mais graves, no de Josh, por exemplo, o organismo pode não aguentar e morrer, mas no nosso houve a adaptação. De humanos passamos a não-humanos. Uma condição irreversível.

Silêncio.

— Mas...? — cutuquei.

— Mas você teve contato, Laura, com uma criatura que, segundo a mitologia, pode curar *qualquer* tipo de doença — Carlo olhou-me atentamente. — E o vampirismo pode ser considerado uma, já que afeta o sistema orgânico como uma infecção, digamos assim.

Engoli saliva pela garganta dolorida. Olhei novamente para o vidro azulado e estremeci.

— De que jeito? — perguntei. — Como ele fez isso? E se é possuidor da imortalidade, como pode estar morto?

— Ainda não tenho certeza — Carlo admitiu. — Ele agiu como uma abelha: deixou o *ferrão* em você e depois morreu. Solomon e Jamal encontraram o corpo próximo do local onde a atacou. Acredito que a imortalidade do Lázarus está associada ao fato de não ser afetado por males, como doenças, mas que ele pode ser morto se for atacado ou se atacar e perder o *ferrão* — abriu os braços. — Tudo o que confirmei nas minhas análises foi que as garras do Lázarus possuem um composto de substâncias orgânicas proteicas. Elas estimularam seu sistema imunológico a fabricar antígenos completos, ou imunógenos, que por sua vez estimularam a produção dos anticorpos que atacaram os amorfus, eliminando-os de seu

organismo. Durante o período em que seu sistema era *curado*, você teve febre muito alta, altíssima na verdade, o que confirmou essa teoria. Quando humanos contraem uma infecção, a febre é o primeiro sinal de que o corpo está tendo uma resposta imune para se defender. Suas amostras sanguíneas também estavam totalmente alteradas e mudavam com uma frequência muito rápida, como se estivessem se reconstruindo. Assim que sua temperatura se estabilizou, o processo foi concluído. Você voltou a ser humana, pelo menos quase totalmente.

— O que quer dizer com quase totalmente? — *vão nascer chifres na minha testa?* Pensei com amargura.

— Algumas coisas não ficaram tão *normais* — explicou. — Não como antes. Sua temperatura corporal, por exemplo. Ela é constante em 41 graus.

— 41 graus? — olhei alarmada.

— Sim, e bem estáveis — Carlo confirmou.

— Mas, por quê? Isso pode me matar?

— Se permanecer estável, não. Laura, ainda vou precisar de alguns exames complementares, mas minha hipótese no momento é a de que você vai manter esse *alarme corporal constante*. Seu corpo possui resposta imune total contra qualquer tipo de vírus ou bactérias e o sistema imunológico está permanentemente preparado. A temperatura serve como uma barreira natural de proteção. Qualquer aumento nela significa que seu organismo está reagindo a alguma ameaça em potencial, e isso pode causar problemas. Tenho que fazer mais pesquisas a respeito e descobrir respostas — ele concluiu.

Sentei-me na cadeira próxima à mesa e minha cabeça pendeu para as mãos. Uma fraqueza tomou conta dos meus joelhos. As explicações de Carlo, por mais estranhas que fossem, faziam sentido, pelo menos por enquanto. Era insólito, improvável, mas estava acontecendo. Teria que absorver muitas coisas e talvez ninguém pudesse me esclarecer totalmente o que significavam. Não tinha certeza se as respostas viriam logo ou se eu teria que esperar muito, e também não fazia ideia se todos os efeitos relatados por Carlo seriam mesmo permanentes. Era assustador, desesperador na verdade, e eu deveria estar apavorada e com medo.

Entretanto, curiosamente, em meio a toda a incerteza, uma pergunta estava em minha mente e se recusava a deixá-la. Levantei a cabeça e olhei para Cínthia, com seus grandes olhos azuis. Ela parecia cansada. Depois olhei para Robert. Meu coração, mais acelerado do que o normal, bateu descompassado.

— Carlo? — perguntei.

— O quê?

Respirei fundo e o encarei.

— Não posso voltar a ser uma vampira de novo, não é?

Era incoerente me preocupar com aquele detalhe quando tantas coisas mais importantes e perigosas me espreitavam, mas precisava saber. Uma necessidade maior do que o medo do desconhecido pulsava em mim, fazendo o sangue latejar de um modo que eu havia me esquecido ser possível. Não era lógico, era instinto. Minha cabeça procurou por lembranças: imagens de Robert e eu ao começarmos nosso relacionamento e a diferença depois que sofri a metamorfose. Imaginei como seria se tivesse permanecido humana, das limitações impostas a nós dois; lembrei-me como Cínthia teve um chique ao descobrir a verdade e se recusar a envelhecer, morrer, privar-se de uma vida afetiva normal, enquanto Eric e eu seríamos os mesmos.

O jogo agora era outro. Os papéis se inverteram naquela peça. Com tudo o que Carlo dissera, eu já deduzira a verdade, mas ainda precisava ouvir dele.

Sua expressão ficou triste e ele encolheu os ombros, cruzando os dedos das mãos.

— Não posso afirmar, Laura... — hesitou —, mas tenho quase cem por cento de certeza de que não. Se tentarmos, seu corpo vai lutar contra os amorfus e a reação poderá ser violenta. Se você não morrer nessa tentativa, não mudará em nada. Sinto muito.

Não havia o que fazer. Vi o rosto de Robert embaçado através das lágrimas. E depois de dois anos, voltei a chorar. Lágrimas cristalinas que rolavam soltas.



O toque do celular me tirou das lembranças. Olhei para o número e sorri.

— Oi — falei.

— *Oi* — ouvi sua resposta alegre. — *Onde você está?*

— No aeroporto — tomei um gole do café e fiz uma careta. Estava frio.

— *Eles não embarcaram?* — Robert perguntou.

— Já sim — empurrei a xícara de lado. — É que perdi a noção do tempo.

— *Você está bem?* — sua voz era preocupada.

— Estou.

— *E a temperatura?* — senti a aflição dele.

Revirei os olhos. Aquela era a mais nova obsessão de Robert. Desde que Carlo alertou que qualquer alteração na minha temperatura poderia ser um sinal de que meu corpo estava reagindo a algum perigo, a pergunta virou rotina. Olhei para o termômetro digital em meu relógio: 41,5 graus.

— *Não é bom* — ele falou.

— É só meio grau! — retruquei rindo.

— *Mesmo assim* — ele não se abalou com meu bom humor. — *Se subir demais é perigoso. Quer que eu vá te buscar?*

— Tentador. Assim você podia me ajudar a baixar o termômetro... — provoquei.

— *Sempre às ordens* — ele riu.

Suspirei.

— Alguma novidade? — perguntei por perguntar.

— *Ainda não* — sua voz ficou séria. — *Carlo não sai mais do laboratório. Você virou uma questão de honra para ele. É o seu Everest agora.*

Não adiantava argumentar. Carlo se comprometera a encontrar uma solução. Não se conformava com a minha situação, com a *nossa* situação, referindo-se a Robert também. Cínthia era sua maior incentivadora.

— Eu sei que ele vai conseguir, mãe! — falou uma vez durante o café da manhã.

— Filha, nós não temos certeza — queria que ela enxergasse a verdade, por mais dolorosa que fosse. — Isso nunca aconteceu antes e Carlo pode não achar uma solução.

E era naquela momento que ela sempre começava a chorar.

— Mas, se ele não fizer nada, você vai morrer! — soluçava.

Então eu trazia sua cabeça para o meu colo e acariciava seus cabelos cor de areia.

— Quando eu era humana antes, morreria de qualquer maneira, Cínthia — falava devagar. — Todos nós morreremos um dia. O que aconteceu comigo foi uma mudança breve de rota — levantava sua cabeça e secava seus olhos. — Mas com você não. Pode escolher e viver feliz com Eric. E vai ser feliz, sinto isso.

Seus olhos azuis me encaravam e ela sempre perguntava:

— Mas e você, mãe? E o Rob? Não é justo! — irritava-se. — Como ficam vocês dois?

Eu não sabia. Sinceramente não sabia o que responder.

— *Laura?* — a voz dele no celular me acordou. — *Amor? Que foi?*

— Nada — olhei para o relógio. — O avião já foi.

— *Quer que eu vá te buscar?* — ofereceu outra vez.

— Estou de carro. Não precisa — completei. — Você vai vir mais tarde?

— *Com certeza* — sua voz se animou. — *Já estou com saudades.*

— Eu também — sorri.

— *Te amo* — desligou.

Estacionei em frente a minha casa algum tempo depois. Jeanete estava na cozinha quando entrei com sacolas de compras.

— E então? — levantou seus olhos cinzentos. Estavam vermelhos pelo choro.

— Já foram — respondi. — Tudo certo. Agora só os veremos nas férias.

Ela enxugava as lágrimas no lençinho.

— Cínthia vai fazer falta — resmungou.

Deixei as compras na mesa e abracei Jeanete. Georgiana veio da sala.

— Ah, mãe, outra vez? Não basta tudo o que já chorou? — recriminava gentilmente.

Jeanete apenas gesticulou para a filha.

— Deixe ela, G — falei. — Se isso lhe faz bem...

Quando se afastou do meu abraço, Jeanete comentou:

— Tem certeza de que está bem, Laura? — pôs a mão na minha testa, era agradavelmente fresca. — Faz dias que anda tão quente. Não está com febre?

Neguei com a cabeça e peguei um copo de água. Havia sanduíches na mesa e comi um.

— Pelo menos a viagem para a Irlanda trouxe um benefício — Georgiana comentou. — Você não está mais tão pálida e come melhor.

Uma voz masculina falou do corredor, próximo à porta.

— Sou obrigado a concordar com você, G, apesar de detestar admitir isso.

Olhei para o recém-chegado e sorri.

— Oi, David.

— Olá — ele me olhou. — Você parece bem melhor mesmo.

Com certeza bem melhor do que no dia em que me surpreendi ao ver David entrando na sala da mansão dos Fevré, acompanhado por Clementine. Até então ela havia mantido sigilo de todos sobre seus contatos diretos com ele. David estava a par dos fatos ocorridos e das suspeitas dela, sabia sobre a reunião em Belfast e concordava sobre a questão da precaução. Ele também estava preocupado. Porém, deixamos os receios de lado e a única coisa que fizemos naquele dia foi conversar sobre outros assuntos. Tínhamos arestas para aparar. Apesar de se mostrar visivelmente incomodado, Robert nos deu privacidade. Estávamos sentados nos confortáveis sofás de estofado florido, eu tinha uma manta nas pernas.

— Que loucura! E eu achava que sabia mais do que deveria para um ser humano por uma vida — exclamou surpreso, depois que contei o que aconteceu desde a Irlanda.

— Eu também. Você, pelo menos, tinha a vantagem de estar por dentro dos detalhes desse mundo. Já eu, fui pega de surpresa desde o começo. Mas o destino ainda me reservou mais essa.

David ficou em silêncio por um momento.

— Posso? — apontou para minha mão.

— Claro.

Pegou-a devagar. A boca se abriu.

— Meu Deus!

— Chocante, não é? — brinquei.

Ele concordou, mas não soltou a mão. Sua expressão mudou para angústia. Delicadamente a retirei. Ele entendeu a mensagem.

— Laura, queria me desculpar por aquele dia em Salisbury.

— Não precisa — assegurei.

— Preciso sim — disse com firmeza. — Nunca deveria ter dito aquilo. Foi muito mais do que uma grosseria. Você não merecia ouvir — hesitou. — É que para mim... É difícil saber... Aceitar que você e Robert...

Seus olhos ficaram envergonhados e as mãos tensas. Não queria mais tocar naquele assunto com ele, mas precisava dar um ponto-final.

— Sei por que falou daquele jeito, não vou ignorar seus sentimentos, David — olhei em seus olhos. — Mas preciso que entenda que nada do que aconteceu até aqui me faria mudar de ideia sobre Robert. Nada — afirmei. — E nem sobre o que realmente sinto por você.

David fechou os olhos por um momento, como se o golpe tivesse sido duro demais. Apertei os dedos na manta, sentindo-me a pior das criaturas.

— E como vai ser? — ele abriu os olhos. — Como pretende manter isso? Sabe tão bem quanto eu que é impossível. Antes, você era igual a ele, poderia ter se tornado igual por livre e espontânea vontade se não fosse pelo ataque na ponte — ele contraiu o maxilar ao dizer aquelas palavras e seus olhos se estreitaram. — Mas, e agora? Vocês estão na estaca zero.

Suspirei e me esforcei para que ele não percebesse o quanto aquilo me machucava. Nunca saber e não ter era uma coisa, mas saber e perder era bem diferente.

— Nós vamos dar um jeito.

David não retrucou. Permaneceu em silêncio por algum tempo, me encarando, deixando que vazasse pelos olhos toda a sua indignação, raiva, frustração... E amor. Ele estava lá, intocado, em meio aos

demais sentimentos revoltosos. Aquilo me doeu mais do que as palavras de Salisbury. Elas, ao menos, ficaram no passado. Então, levantou-se e beijou minha testa.

— Não posso dizer que estou torcendo a favor disso — disse em voz baixa, olhando-me de cima —, mas também não quero saber que está infeliz. Entretanto, eu preciso que entenda: não vou deixar de acreditar... e esperar — seus olhos estavam nos meus. — Qualquer que seja a hora e o lugar, breve ou distante, demore o tempo que for necessário, não interessa: esta mão — colocou a palma sobre a minha — estará estendida, como sempre esteve, apenas para você.

— David, por favor... — tentei argumentar, mas ele colocou um dedo em meus lábios.

— Você já me deixou claro várias vezes o que sente sobre isso, Laura. Por favor, deixe que eu o faça também — sua voz era um pedido caloroso e angustiado. — Eu a amo, amei a vida toda. Isso não é algo que acaba assim, com um estalar de dedos. Não se arranca a alma de um coração sem esperar que ele não morra... — seu hálito estava tão próximo que levantou alguns fios do meu cabelo. — Minha alma está intacta, viva e segura aqui, e continuará batendo — levou minha mão junto ao peito. Estremeci, uma onda de suor frio escorrendo pelas axilas. — Não posso ser menos sincero do que foi comigo, e jamais mentirei outra vez sobre meus sentimentos. Se quiser meu silêncio, você o terá. Não falarei sobre isso a menos que deseje, mas agora sabe que existe alguém, diante de você, preparado para amá-la. E que nunca mais se esconderá na sombra de um simples amigo...

Beijou delicadamente minha mão, sorriu de maneira triste, e foi embora. Duas lágrimas caíram dos meus olhos e nublaram a sala.

Agora ele estava sentado na minha cozinha e pegava um sanduíche. Mantive a conduta de sempre, tratando-o da forma mais natural possível, mesmo que seus olhares me seguissem de forma quase torturante. Quando Jean e Georgiana saíram, perguntei baixinho:

— O que Avelar anda fazendo? — falar sobre assuntos práticos era a melhor forma de diluir aquele clima.

— Não tem de se preocupar com isso, Laura — ele respondeu.

— Preciso sim. Minha filha já foi atacada duas vezes, lembra-se?
— aponte o dedo para a mesa. — Quais as novidades da Ordem?

Ele olhou para o corredor e aproximou o corpo para falar.

— Esse é o problema — disse em voz ainda mais baixa. — Não há novidades, está tudo quieto demais. Não é o estilo de Avelar — vi a ruga surgir em sua testa. — Na última reunião em que nos convocou quase houve uma discussão séria entre nós. Achei que ele fosse estourar ali e que depois sairia fazendo alguma coisa, sei lá, mexendo onde não deveria. Mas não, tudo está relativamente tranquilo — olhou para cima. — E isso me incomoda.

— E os outros Megisters?

— Nem todos concordam com ele, acho que você pôde perceber. Com aqueles que são mais próximos tenho certa liberdade para falar. Estão perdidos, tanto quanto eu e os clãs do Acordo que se reuniram com vocês em Belfast, esperando para ver qual será o próximo passo do Mathesis.

Concordei com a cabeça.

— Você o conhece há muito tempo?

— Desde que iniciei na Ordem — David confirmou. — Ele tinha dezessete, e eu, quinze anos.

— O que acha dele, David?

Ele cruzou as mãos sobre a mesa e fitou os dedos.

— Sempre o achei um pirralho mimado e arrogante — disse com desprezo. — Toda essa história de ser herdeiro de Domenico subiu à cabeça dele, como se pensasse ser o próprio Messias! — um sorriso debochado surgiu em seu rosto. — Quando chegou ao posto, senti que não seria uma boa coisa.

— Mas, e você? — perguntei curiosa. — Como entrou nessa?

Ele olhou para mim.

— Minha família, por parte da mãe, tem sangue italiano — explicou. — Migraram para o Reino Unido há muitas gerações, um ramo bem pequeno da linhagem de Domenico. Minha mãe falava deles, mas sabe como meu pai é com essas histórias. Nunca deu importância. Eu sabia apenas o essencial. Só conheci o restante no ensino médio.

David cruzou as mãos na nuca e continuou, dobrando o corpo para trás.

— Um secretário recrutador da Ordem procurou-me uma vez por intermédio de um professor — falou. — Preciso explicar, Laura, que os membros da Ordem sempre possuem boas referências e entram em qualquer lugar. Por isso, a direção da escola não se incomodou quando ele veio até mim, dizendo-se representante da Universidade. Ele sabia que eu era um herdeiro de Domenico e possível sucessor na hierarquia — seu rosto mostrava sinais de lembranças antigas. — Não preciso dizer que no começo achei tudo muito esquisito, mas fui me envolvendo com a disciplina e aprendizado. Foi fascinante o que conheci e acabei subindo rápido dentro da Ordem. Quando o Megister antecessor morreu, imediatamente fui indicado para substituí-lo.

— Você poderia ter sido Mathesis...

Ele negou com a cabeça.

— Na verdade, gostaria que Yacov fosse — seu rosto ficou descontente. — Tem mais experiência, está há muito tempo como Megister e possui algo que falta a Avelar: compaixão. Teríamos bem menos problemas.

Silêncio.

— O que acha que Avelar quer?

— Poder — David foi firme ao falar. — Poder absoluto. Sinto isso quando ele fala. Avelar vê o cargo não como uma continuidade, uma obrigação e honra maior a cumprir. Para ele, é uma escada para levar ao topo. A vontade de ter poder o faz falar e agir dessa maneira — sua voz ficou rouca. — E muitos dos grandes tiranos da história começaram assim.

Senti um tremor com aquelas palavras.

— Como ele conseguiu achar tantos mestiços, David?

— Percebeu, não é?

Abri os braços.

— Todos perceberam. Como ele consegue?

— Não sei — sua expressão ficou estranha. — Ninguém sabe. Essa é outra questão. A guarda nunca foi responsabilidade direta dos

Megisters. Tudo o que se resume a ela acaba ficando sob sigilo de Avelar.

— Mas não é normal?

— Não.

David não sabia sobre a guarda, mas teria como descobrir talvez? Seria certo pedir que fizesse aquilo e se arriscasse? Avelar era bem imprevisível, e eu não me perdoaria se algo acontecesse com David. Ouvimos as vozes de Jeanete e Georgiana.

— Só mais uma coisa, David — pedi baixo. — Você comunicou a Avelar sobre mim?

Ele negou com a cabeça, dando um sorriso de alguém que cometeu uma travessura e não foi pego.

— Minha obrigação é relatar sobre os humanos que viram vampiros, e não o contrário — piscou.

Sorri em resposta. Um bipe tocou. Era o termômetro: 42 graus.

— Problemas? — David olhou.

— Subiu um grau. Droga! — resmunguei.

Ele ergueu as sobrancelhas. Levantei-me devagar.

— Hora de um banho gelado no outono — estremei, fazendo uma careta.

David tremeu de brincadeira.

— Boa sorte — riu.

Acenei e subi as escadas. Podia sentir seus olhos aquecendo ainda mais as minhas costas.



A primeira neve de outono caía do lado de fora. Pela janela, os flocos brancos salpicavam a escuridão da noite.

— Quarenta e um graus — ele falou. — Bom.

Robert estava ao meu lado na cama e media a temperatura outra vez.

— Feliz agora? — brinquei com ele.

— Muito — deu-me um beijo com os lábios frios, mas nem por isso menos calorosos.

Beijei-o de volta, passando os braços pelo seu pescoço, primeiro devagar e depois com mais força. Ele se empolgou e me deitou na cama. Em instantes seu corpo frio estava sobre o meu, uma sensação gostosa contra minha pele quente. Desci as mãos e ele fez o mesmo. Senti minha blusa se soltar com suavidade e me movi para retirar o suéter dele. E então, como sempre acontecia naquela parte, nós paramos. Meus olhos castanhos estavam refletidos em seus olhos vermelhos. Ele tombou para o lado e eu respirei com força.

— Desculpe-me — falamos quase ao mesmo tempo.

Não podíamos ir adiante. Nos últimos meses meu corpo voltara a exibir todos os sinais de uma mulher saudável... E fértil.

— Sinto sua falta — sussurrei baixinho, minha garganta apertada.

— Eu também — ele me aconchegou nos braços, beijando minha testa —, você nem imagina quanto.

Exatamente como no início, com a dolorosa diferença de que nós dois sabíamos como era na prática. O desejo era forte e apenas uma linha tênue nos impedia de continuar. Transpor aquela marca poderia ser fatal para mim. Deixei-me ficar nos braços de Robert. Com o movimento constante das mãos em meus cabelos, o sono rapidamente dava sinais de sua presença. Tinha voltado a dormir pelo menos umas oito horas por noite, mas não queria adormecer e comecei a falar para me distrair.

— Tem certeza de que não precisa ajudar aos outros na ronda? — perguntei. — Com Eric fora, eles ficarão desfalcados — e *comigo fora também*, quase completei com tristeza.

Ele beijou meus cabelos.

— Hoje não. Quero ficar com você.

Sorri. Era bom ouvir aquilo. Beijou meus cabelos outra vez e comentou:

— Melhor dormir, amanhã você acorda cedo.

Minha rotina de trabalho estava de volta há alguns meses. Foram muitas as especulações sobre as constantes ausências misteriosas naquele período. Clementine sempre dava um jeito em relação àquilo e novas aquisições chegavam constantemente ao museu,

procedentes dos lugares por onde eu estivera em *viagem de trabalho*. Eu não dava a mínima para os comentários. Apenas uma coisa me deixara feliz naquele retorno: Kate estava de volta ao museu e à Universidade. *Foi um caminho longo para ela também*. Kate não era mais a mesma — assim como eu —, e nós duas levávamos nossas vidas com o toque do sobrenatural.

Apertei-me contra Robert e meu coração se acelerou com aquele contato.

— Que estranho — ouvi seu sussurro.

— O que foi? — perguntei bocejando.

— Já faz algum tempo que venho percebendo uma coisa diferente em você...

— Surpresa! Não sou mais vampira! — dei risada. — Desculpe-me ter te enganado todo esse tempo, querido.

Robert riu também, mas depois seu tom voltou a ficar grave.

— Estou falando sério. Tem algo estranho com você.

Sentei-me. Meu coração bateu mais rápido.

— O quê? — olhei com estranheza.

— Espere — ele pediu e aspirou o ar. — Outra vez — falou consigo mesmo. — Será que...? — olhou para mim — Deixe-me tentar uma coisa — e sem aviso me jogou na cama, dando-me um beijo daqueles!

Suspirei e amoleci, entregando-me. Então, sem motivo aparente, ele se afastou.

— De novo! — a surpresa em seu rosto era grande. — Incrível!

Comecei a ficar ansiosa.

— Mas, o que foi?

— Seu cheiro. Ele está mudando conforme o seu humor e pulsação — Robert me olhava espantado.

— Como é que é? — pisquei.

Ele falava devagar, tentando acreditar também.

— Seu odor... Tenho percebido que se a sua pulsação acelera ou diminui quando fica triste, ansiosa, aborrecida, excitada... Seu cheiro fica diferente — a voz deixava transparecer a perplexidade. — É como se seu corpo se escondesse atrás de aromas diversos, camuflando o verdadeiro.

Franzi a testa.

— Você disse camuflando? Como um camaleão faz com as cores?

— Isso! — minha pergunta o agradou. — Isso mesmo, um camaleão. Mas com o cheiro.

— Hummm... — uma imagem voltou à minha mente e arregalei os olhos, encarando-o. *Será que...?*

— O que foi? — ele quis saber.

— O Lázarus fazia isso — confirmei, mexendo-me de forma desconfortável na cama.

— Como? — suas sobrancelhas se arquearam.

Sentei-me de frente a ele e segurei suas mãos.

— Quando o encontrei na floresta, naquele dia... — expliquei. — Ele mudava de cheiro conforme se alimentava. Enquanto eu o observava, fiz essa comparação com um camaleão.

A expressão de Robert mudou devagar. Algo em seus olhos vermelhos brilhou.

— Laura, estou pensando uma coisa.

— E o que é?

— Não tenho certeza se é isso, preciso falar com Carlo primeiro — moveu a cabeça para o lado. — É uma teoria por enquanto, mas... — hesitou.

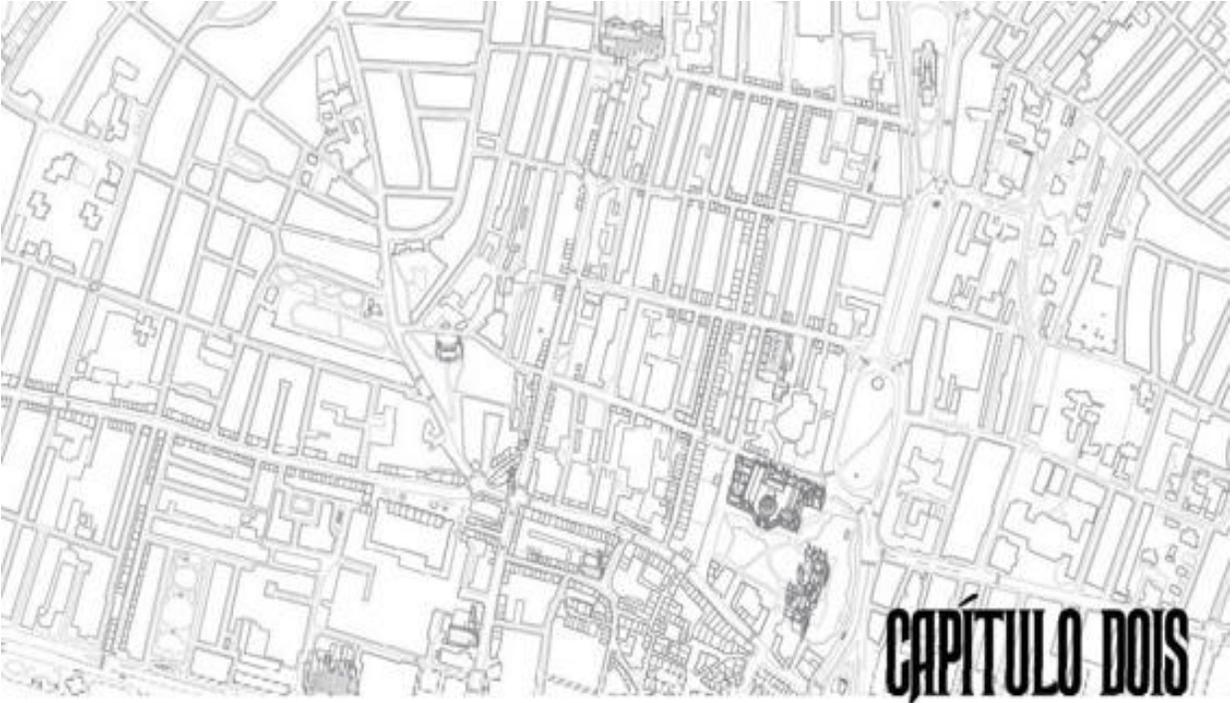
Estava ansiosa de novo.

— Mas...?

Ele me olhou.

— Acho que o Lázarus não deixou em você apenas o poder de se curar de doenças...

O pio de uma coruja cortou o silêncio da noite.



Livro Três – Capítulo Dois

Ravena — Itália — Outubro

Estavam todos lá, conforme combinado. Um mar de diferentes rostos e formas se estendia pelas cadeiras da mesa do salão, onde nossa reunião teria lugar naquela noite. Um sorriso interno se opunha à seriedade do meu rosto.

— Boa noite, meus amigos — dei as boas-vindas. — Fico feliz que puderam atender ao meu pedido. Como Mathesis dessa Ordem, espero ajudá-los com suas solicitações — percebi os olhares que trocaram entre si, mesmo que rapidamente.

Do lado esquerdo da mesa estavam os Leviaatãs Amos e seu irmão, juntamente com três de seus filhos translúcidos. Uma ramificação do clã dos Ekiiminus, dissidentes das opiniões de Bóris e dos Obours, também estava presente. Do lado direito, duas Baobhan Sith pálidas e de cabelos vermelho-sangue aguardavam em seus mantos negros. Também havia alguns Churels e Bhutas da Índia,

inimigos naturais dos Baital, Kathakanos de Creta e os Viesczys das estepes russas. Silenciosos, miravam-me com simulada indiferença.

Seus rostos eram impassíveis, mas eu intuía que estavam desconfortáveis com a presença daqueles que não eram seus iguais, principalmente pelas exiladas; os instintos alertas pelo possível perigo e a necessidade de preservação. Em outros tempos, aquele simples aglomerado de tantos opostos seria sinônimo de embates, lutas e morte. Entretanto, boatos e rumores circulavam, mesmo entre os exilados, e o poderio da guarda mostrada no Concílio os impedia de exteriorizar seus *humores*.

— Espero que realmente valha a pena nossa vinda até aqui, Mathesis Avelar — Amos usava um tom irritante. — Não gosto de deixar minhas terras. Ultimamente têm aparecido impuros para nos perturbar, achando que podem caçar em nosso território.

A repulsa subia pela minha espinha ao olhar seus olhos demoníacos. *Paciência*, dizia a mim mesmo.

— Meu caro Amos, por isso os chamei aqui, mesmo sabendo das dificuldades que tal mobilidade poderia lhes causar. Todos têm passado por dificuldades semelhantes. Nesse caso, a discussão interessa a você e aos demais — usei um tom conciliador. — Tenho que admitir, com tristeza: acredito que a raiz desse mal possa ser a mesma. Disse que tem tido problemas com os metamorfos ultimamente?

Amos me encarou.

— Sim. Acho que estão perdendo o amor pelos pescoços. Pelo menos, os que pegamos em nossas terras aparentavam isso. Abusaram da sorte no lugar errado.

— O mesmo aconteceu conosco — o Ekiiminu chamado Velkan falou. — Apesar de Bóris afirmar que não precisamos nos preocupar com a situação, nosso território continua a ser invadido. E nosso clã bate primeiro e pergunta depois.

Esquentadinho. Muito bom. Os rumores se instalaram pelo salão, cada qual falando sobre sua terra. *Não será tão difícil.* Eles brigavam por territórios, a maior recompensa que poderiam ter. Pasto para o gado que saciava sua sede. Fiz um gesto para apaziguar o ambiente. O silêncio foi instantâneo.

— Meus amigos, suas reclamações têm sido constantes. Como seu Mathesis, é minha obrigação intervir. Mas creio que o que vou lhes falar seja extremamente desagradável, pois fere nosso Acordo secular e me deixa angustiado e entristecido. Faço o que tenho de fazer agora em nome de uma paz que, com certeza, será muito mais duradoura.

Os olhares estavam em mim. A sensação de força se espalhou pelo meu corpo.

— Os fatos ocorridos no último Concílio mostraram que uma estranha conspiração, arquitetada por alguns clãs descontentes, instalou-se — usei um timbre dramático. — Em uma investigação muito discreta, descobri uma reunião secreta realizada, meses atrás, na Irlanda do Norte. E ao que tudo indica, organizada pela família do Reino Unido.

— Os Di Feveré? — Selena, a Baobhan Sith, falou. — Eu não duvido disso — riu com escárnio. — Eles estão em nossas terras! São usurpadores! A pior espécie de impuros que há! Por causa deles somos obrigadas a continuar exiladas na Islândia. Por causa deles não aceitamos fazer parte do Acordo da Ordem. E não aceitaremos enquanto não saírem de lá! — apontou seu dedo magro e ossudo para o alto.

Antigos ressentimentos. Muito bom. Mais fácil ainda.

— Por favor, Selena — pedi —, não se altere. O problema não é apenas seu. Aflige todos os que aqui estão, exilados ou não.

Olhei os demais. Rostos hostis, mentes atentas, desejos revelados. Eu já sabia o que oferecer.

— Amigos, temo que uma nova conspiração, maior do que a presenciada no Concílio, esteja ocorrendo. Nesses poucos anos depois que assumi o posto, tentei de todas as formas possíveis, através dos Conselhos, trazer a paz e promover a não discórdia. Busquei pela luz, mas vi clãs quebrarem o Acordo e não sofrerem nenhum tipo de punição por seus atos, usando de subterfúgios para iludir os Megisters e acusar a outros injustamente. Minha tarefa não caminha conforme meu desejo — suspirei. — Os metamorfos têm se mostrado intolerantes com as regras e alguns dentre os puros os estão apoiando, dando suporte para uma possível revolta. Não digo

que isso aconteça agora — frisei —, mas a longo prazo é bem possível. Recebi relatos de neófitos sendo criados sem nenhuma autorização e que têm provocado estragos entre os humanos, o que contraria os princípios do Acordo. Isso tem me preocupado muito.

Todos continuaram em silêncio.

— Sempre acreditei na paz, amigos, mesmo que para conquistá-la os meios tenham de ser agressivos... — lamentei. — Odeio violência, mas temo por um massacre ainda maior e por isso peço sua ajuda nesse momento.

— E o que quer de nós, Avelar? — Amos perguntou. — E o que tem para nos dar em troca?

Vamos ver o que conseguirei.

— Amos, isso não é um negócio, é um pedido de ajuda — falei despreocupadamente. — A Ordem deseja a paz e eu também, como seu maior representante. É claro que aqueles que me ajudarem terão seu valor reconhecido, sou um homem justo e procuro por justiça. Nosso Acordo é antigo e muitas das partes que o compõem podem ser revistas, ampliadas e melhoradas para o benefício de todos.

Os olhares se cruzaram. Havia animosidade e rivalidade entre eles, mas as engrenagens de seus cérebros se agitavam diante das possibilidades.

— Como seu Mathesis, posso apenas oferecer, em troca de ajuda, ampliações no Acordo e divisão justa de territórios aos que estiverem ao nosso lado no que for necessário para detê-los, agora e quando a revolta dos imprudentes traidores se fizer visível. No momento eles agem nas sombras, como ratos — falei com desprezo —, mas juntos poderemos trazê-los à luz e colocar a harmonia de volta aos trilhos corretos. Esses termos são a prova de minha lealdade aos clãs que fizerem por merecer estar ligados a mim.

Quase ouvia as palavras que se formavam em suas mentes. Cada grupo procurava investigar as fraquezas dos que estavam ali, arquitetando formas de usá-las para diminuir a concorrência e ampliar os benefícios em causa própria. Graças àquilo seriam mais úteis do que poderiam imaginar. Não havia nenhuma contração facial que os denunciasse. Apenas os olhos imortais me fitavam. E o que mostravam me deixou satisfeito.

Retiraram-se após horas discutindo os termos e limites de territórios do *Novo Acordo*, seguido de um pequeno *banquete* que ofereci como anfitrião. Apenas Amos ficou, seguindo-me pelos cantos com seus olhos glaciais. Não era uma sensação confortável, mas eu precisava jogar; e quanto mais peças estivessem disponíveis no tabuleiro, melhor.

— E o que deseja, meu amigo? — perguntei quando até mesmo o silêncio se incomodou com a presença do Leviatã. — O que é tão importante que precisa ser discutido em particular comigo?

Amos passava o dedo levemente na borda de um cálice colocado à mesa. O ruído baixo e seco feria os ouvidos, e um sorriso de canto de boca se insinuou nos lábios de papel.

— Sei o que quer, Avelar — falou sem mais rodeios.

— Poderia se explicar melhor? — não aparentei a surpresa que senti.

Amos sorriu de forma aberta. Seu rosto ficou perverso.

— Você quer acabar com eles, os Di Feveré. Percebi no Concílio. A maioria dos membros dos clãs não tem cérebros para mais nada que não seja o seu quinhão, mas eu não. Compreendi sua intenção naquele momento, mas havia testemunhas demais por lá e por isso não o ajudei — sua voz era tranquila. — Não se preocupe, você tem seus motivos e eu tenho os meus para desejar o mesmo. Há muito tempo espero por uma oportunidade. Vamos apenas juntar a fome com a vontade de comer.

— Se com isso busca reafirmar seu apoio, meu amigo, agradeço — continuei cauteloso —, embora tenha que admitir não fazer ideia do que diz.

O sorriso de Amos foi compreensivo.

— É claro que não faz — a ironia ditou o tom de sua frase. — São ossos do ofício. Do *seu* ofício. Entretanto, para que tudo fique bem acertado, eu quero algo mais, além do que prometeu, é claro. Apenas um pequeno acordo secreto entre nós — seus olhos eram ávidos. — Temos vantagens que irão, com certeza, ajudá-lo e muito em sua tarefa.

Leviatãs dominavam mentes não preparadas para eles, como Heather havia me contado em detalhes. Seu controle podia se

estender por grupos de humanos, longas distâncias e alguns outros atributos muito superiores à mera hipnose dos vampiros. Havia segredos sobre aquela raça de que nem mesmo eu ou os Megisters da Ordem tínhamos conhecimento.

— E o que deseja que possa estar ao meu alcance? — a curiosidade acabou me dominando.

Amos pegou o cálice de cristal no topo de uma pilha baixa e rapidamente o girou entre os dedos. Eu só conseguia ver as faíscas do espectro de cores em sua mão. Depois de segundos, colocou-o de volta com extrema perícia. A pilha não se mexeu. Manteve o dedo na borda e achei que iria recomeçar com aquele ruído irritante quando uma tênue neblina emanou de sua mão.

O ar da sala ficou frio, de repente, e vi o vapor d'água se desprender de minha boca como aureolas azuladas quando exalei. Cristais finos de gelo desceram dos dedos de Amos, movendo-se feito ervas daninhas rasteiras, recobrando as taças dispostas na pilha. O *crec crec* era ritmado, audível. O gelo parou de escorrer e Amos retirou a mão. A luz filtrada pela massa congelada irradiava prismas coloridos na toalha branca da mesa. Era uma demonstração surpreendente, eu tinha de admitir, e também um grande sinal de alerta: a Ordem talvez tivesse negligenciado demais a obtenção de informações sobre os clãs nos últimos séculos. Eu precisaria rever aquilo, e rápido.

O Leviatã perscrutava meu rosto com os olhos, repuxando os lábios em um sorriso.

— Quero a fêmea dos Di Feveré, a mulher do cavaleiro francês — disparou sem hesitação.

A surpresa se estampou em meu rosto. A bela mulher do clã de Clementine parecia atrair mais atenção do que eu pensava. Algo dentro de mim se agitou. Fiquei pensando no corpo dela naquela noite, em Salisbury. E agora aquele maldito queria colocar as mãos nela. Reprimi a onda de raiva. Havia muito em jogo. *Paciência...*

— Pensei que não gostasse dos impuros, meu amigo.

— Apenas uma compensação de guerra. Sabemos o que está por vir — falou com presunção. — Ela é bonita demais para se perder em meio ao que planejamos, não concorda?

— Se essa é sua opinião, Amos, o que posso dizer? — ressalttei sem mostrar interesse. *Não se deixe entregar.* — Gosto não se discute. Ela será sua, então; cuide para que ninguém a mate quando a hora chegar.

E quando chegar, veremos quem ficará com ela. Amos deu um sorriso ambíguo.

— Pode deixar esse assunto comigo. A *ela* eu darei essa garantia — sua voz soou ameaçadora.

Com um toque leve de seu dedo indicador, a pilha de taças congeladas ruiu, espalhando cristais de gelo pela mesa e pelo chão. Pisquei por duas vezes e Amos desapareceu do meu campo de visão.



Maldito! Maldito! Maldito! Mil vezes maldito Leviatã!

Estava na terceira dose, mas o uísque não conseguia me acalmar. O que diabos teria aquela mulher que chamava tanto a atenção? Ela era bonita sim, intrigante, e a forma como me encarou no Conselho, ao reafirmar seu nome perante todos...

— Ahhhh — suspirei, sentindo os efeitos daquela lembrança. Era automático. Bastava pensar e meu corpo reagia numa vibração intensa. — Laura... — sussurrei baixinho.

Eu me lembraria de seu nome, com certeza. Ainda tínhamos muito a resolver entre nós. *Mas, por enquanto, precisa se concentrar, Avelar.* Os acordos estavam feitos. A ganância, o ressentimento, a ânsia de poder não eram privilégios dos humanos. Tudo o que eu precisava era paciência. E estratégia. Haveria um caminho a percorrer e, até lá, o jogo poderia se inverter. Todo cuidado seria necessário, e falhas eram potencialmente fatais.

— Mantenha a calma... E o prêmio final será seu, sabe disso — engoli uma nova dose.

Olhei para o retrato de Domenico. Seus olhos pareciam vivos. Ele começou uma dinastia. Eu a transformarei num Império.

Disquei rapidamente o número.

— *A reunião acabou?* — Maia perguntava do outro lado da linha.

— Preciso de Heather. Tenho um serviço para ela — e desliguei.

Tornei a pegar o uísque. Heather e seu talento peculiar seriam úteis. Precisava saber mais sobre os planos dos Di Feveré.

— Meu caro Amos — falei com um sorriso —, você não é o único que pode se gabar do que tem a oferecer.

Bebi o uísque de um gole só.

Bristol — Inglaterra — Outubro

O campus da Universidade estava cheio. Aquela semana seria dedicada aos seminários estudantis de retorno às atividades acadêmicas após as férias de verão. Os universitários se acotovelavam na entrada dos auditórios, espalhados pelos diferentes prédios que compunham o campus no centro da cidade, para terem a oportunidade de assistir palestras presenciais e teleconferências com profissionais de outros países. Sorri de satisfação. Lembrei-me dos tempos de graduação e de como aqueles eventos modificavam nossa rotina. Com crachás especiais, Kate e eu passamos pela fila de alunos que esperavam uma vaga remanescente das inscrições — recebendo vaias de alguns mais afoitos —, e entramos num dos auditórios. Estávamos representando o museu e o palestrante convidado era amigo de Clementine. Daríamos assessoria a ele após o evento. Lá dentro, David já nos aguardava. Tinha reservado dois dos melhores lugares.

— Bom dia, David — falei.

— Bom dia, Laura — respondeu, dando-me um beijo no rosto. Era assim que passou a me cumprimentar sempre que nos encontrávamos, e aquilo me deixava tensa. Mas tinha que admitir: era bom ter David de volta. — Bom dia, Kate.

Ela ficou vermelha.

— Bom dia, professor Carter — falou num sussurro.

Tomamos nossos assentos. Quando a porta foi aberta, um mar de cabeças inundou o auditório. Vozes, algumas em idiomas diferentes — cerca de dezesseis por cento dos estudantes eram estrangeiros

—, estavam por toda a parte e uma grande salva de palmas ecoou assim que o palestrante entrou. Era um profissional internacionalmente reconhecido, com artigos e livros publicados pelo mundo.

— Acho que vocês vão gostar muito dele — David dizia. — Seu trabalho é referência para o estudo da História Medieval.

Acenei com a cabeça. Fez-se silêncio quando o orador se posicionou no púlpito. O tema da palestra era *Movimentos Populares na Idade Média*. Um assunto, sem dúvida, fascinante. O palestrante fazia paralelos constantes entre os movimentos ocorridos nos mil anos em que durou o período medieval e os principais acontecimentos que marcaram boa parte do século XX. Entre eles, pandemias como AIDS e gripe espanhola — comparando-as com a peste negra; as lutas por terras nos feudos *versus* a reforma agrária nos países emergentes; mudanças geopolíticas significativas como a da extinta União Soviética e das Alemanha Ocidental e Oriental e seu impacto na sociedade e economia; e finalmente jogando o foco sobre o tema da globalização no século XXI. Ele era muito bom. Quando foram abertas as perguntas ao público, os assistentes tiveram dificuldade com poucos microfones para muitos entusiastas.

— Professor Harris — um estudante perguntou —, por que o senhor afirma que uma nova pandemia pode afetar nosso século se possuímos tecnologia, medicina e saneamento básico muito superiores ao da Idade Média?

Enquanto o professor Harris respondia, Kate soltou um gemido pequeno ao meu lado, levando uma das mãos à têmpora.

— Kate? Tudo bem? Está sentindo alguma coisa? — perguntei num sussurro.

Ela levantou o rosto pálido, estava suando e seus dedos massageavam a cabeça.

— Estou bem sim — falou meio incerta. — Foi só uma pontada — olhou para os lados. — Acho que vou ao banheiro — e se levantou.

— Quer que eu vá com você? — ofereci.

Ela negou com um aceno.

— Não precisa, Laura. Volto logo — e saiu.

Fiquei observando-a deixar a sala com preocupação.

— Pobre menina. E pensar que sobreviveu a tudo aquilo — David lamentou.

— Não posso dizer que isso é um privilégio apenas dela — concordei. — Sei exatamente pelo que passou.

Voltamos nossa atenção para a palestra. Ela caminhava para o final e a plateia não queria deixá-lo sair. Kate ainda não havia voltado. O mediador deu por encerrado o evento e ela finalmente retornou. Estava pálida e seus olhos embaçados.

— Está melhor, Kate? — perguntei.

Desde que voltara ao trabalho, usava echarpes no pescoço para disfarçar as cicatrizes que ficariam com ela até a morte. Aquilo me entristecia.

— Estou sim, só precisava de um pouco de ar — falou com voz fraca e cansada.

— Bem, nesse caso — David interrompeu —, melhor levarmos o professor Harris para almoçar.

Concordei com a cabeça e fomos ao encontro do palestrante.



Maldita dor de cabeça! Bem no meio da palestra? Gemi baixo.

— Kate? Tudo bem? Está sentindo alguma coisa? — Laura perguntava preocupada.

Minha cabeça estava zumbindo e senti o suor se formar na testa.

— Estou bem sim. Foi só uma pontada — olhei para os lados. — Acho que vou ao banheiro.

— Quer que eu vá com você? — Laura se ofereceu.

Sacudi a cabeça. E doeu.

— Não precisa, Laura. Volto logo.

Droga! Deixei Laura e David no auditório e fui para o banheiro, meio cambaleante. Aquilo não era bom. Havia voltado para o trabalho e estudos há pouco tempo e não queria passar uma imagem de fraqueza. *É só um mal-estar, Kate. Vá lavar o rosto que passa.*

O banheiro feminino estava deserto. Melhor assim. Liguei a torneira e lavei o rosto várias vezes, deixando a água gelada molhar

minha nuca. Ela aliviava a dor. Foi como se eu levasse uma ferroadada súbita no auditório. Fiquei tonta, com a sensação de que meu cérebro tinha sido puxado com uma pinça. Não me lembrava de ter sentido aquilo antes. E não queria experimentar de novo. Agora que finalmente o pesadelo havia passado, o melhor a fazer era esquecer tudo e seguir com minha vida; terminar o semestre pendente, cumprir meu estágio e então estaria formada. Com sorte, conseguiria meu primeiro emprego fixo no próprio museu. *Isso seria bom.*

Gostava de lá, das pessoas, e tinha muito carinho pelo trabalho porque David me indicou. Senti o rubor no meu rosto. *Deixe de bobagens, Kate.* Ele era seu professor e estava na cara que era apaixonado pela Laura, mesmo ela tendo namorado. O jeito como sempre a olhava era de pura admiração. Suspirei. Aquela era uma causa perdida. Ele nunca olharia para mim daquele jeito; eu era sem graça, tímida demais e feia. Principalmente perto de Laura, uma das mulheres mais lindas que conhecia.

Desliguei a torneira com força, olhei-me no espelho por um momento e depois para o *display* de toalhas de papel, pegando duas para secar o rosto.

— Por acaso você teria um batom para me emprestar? — uma voz falou por trás de mim.

Olhei novamente para o espelho, surpresa. Uma mulher, de cabelos pretos e intensos olhos verdes, me fitava. Não a ouvi chegar. Minha cabeça doeu de novo.

— Não, não tenho — lamentei, mais por dor do que por educação.
— Não uso batom.

Ela continuou me fitando.

— É uma pena. Ficaria bem se usasse um, Kate — falou com deboche.

— Como sabe meu nome? — minha cabeça parecia que iria estourar.

Ela riu baixo. Não era uma risada amistosa. Senti um tremor no corpo.

— Sei mais do que pensa — afirmou. — Mas não é o que sei que importa, e sim o que você pode descobrir para mim, querida — ela

sorriu de forma misteriosa, e por instantes pude jurar que seus dentes ficaram maiores contra os lábios.

Um suor pegajoso grudou-se em meu corpo. Tentei sair dali, mas minhas pernas estavam paralisadas. Ela moveu-se em minha direção sinuosamente, rodeou-me e parou o rosto a centímetros do meu. Confirmei que seus dentes eram mesmo anormais na boca vermelha. *Eu já vi isso antes...* Fiquei horrorizada, revivendo o pior dos meus medos.

— Agora preste atenção, Kate — seu hálito era gelado, assim como a voz. Suas pupilas estavam dilatadas e não conseguia pensar de maneira clara. — Sempre que ouvir minha voz, vai fazer tudo o que eu mandar. Tudo o que eu quiser onde quer que esteja, certo?

Minha cabeça se moveu automaticamente para confirmar. A dor aumentava. Senti frio e meus olhos estavam embaçados.

— Muito bom, assim não teremos problemas, certo? — ela passou os dedos gelados no meu rosto, contornando meus lábios e descendo pelo pescoço, tocando as cicatrizes sob meu lenço. — E vejo que já teve alguns, querida. Mas não se preocupe, apenas lembre-se do que eu disse e não terá o que temer, não de mim... — sua voz era suave e sedutora, mas de uma maneira que dava medo.

Escorregou os dedos para minha blusa e com as unhas abriu dois botões. Sorriu de maneira enigmática, fazendo-me suar e tremer, e enfiou a mão para dentro dela, apalpando um dos meus seios levemente. Seu toque frio provocou arrepio e uma repulsa sem tamanho. Queria gritar, mas meus lábios estavam selados por algum tipo de força que continha a minha vontade. Ela afagou e fechou a mão em torno do seio esquerdo, e sem aviso beijou meus lábios. A língua fria inundou minha boca com atrevimento e algo como uma corrente elétrica passou por mim, amolecendo meus músculos. Ovi sua voz dentro da minha cabeça: *“Quando eu chamar, você irá obedecer”*. Uma neblina escura caiu sobre meus olhos abertos.

Estava no banheiro, parada. Olhei minha imagem refletida no espelho, a blusa aberta e fios de cabelos espalhados. O rosto parecia estranho, desconhecido. Balancei a cabeça. Não estava doendo. Com gestos mecânicos fechei os botões, imaginando porque estavam abertos, e ajeitei os cabelos.

— Agora você deu para ter surtos de esquecimento, Kate? — falei para mim mesma.

Onde será que eu estava com a cabeça? Temi que fosse alguma recaída, mas respirei fundo e me arrumei o melhor que pude. Voltei para o auditório. A palestra havia terminado. *Quanto tempo fiquei fora?*

— Está melhor, Kate? — Laura perguntou. Parecia preocupada, talvez pela minha demora.

— Estou sim, só precisava de um pouco de ar — disse a verdade, embora também achasse estranho ter ficado lá por tanto tempo.

— Bem, nesse caso, melhor levamos o professor Harris para almoçar — sugeriu David.

Concordei com ele e segui para o palco, tentando esquecer aquele assunto embaraçoso. Olhei para trás por um momento, para o corredor de acesso aos banheiros, e uma pontada de dor percorreu meu crânio. Estremeci...



A vegetação nos bosques da Reserva Nacional de *Leigh Woods* bloqueava a luz do sol em alguns pontos e era impossível saber há quanto tempo eu estava ali, sozinha, tentando escapar. Perceber as trilhas sem os *sentidos extras* que me auxiliaram um dia era complicado. Meus pés descalços se moviam devagar, criando sulcos no solo. Precisava me proteger, me esconder, fugir aos perseguidores antes que me encontrassem. Ouvei o som de animais ao redor e o coração acelerou involuntariamente. Fiquei imóvel, esperando. Controlei a respiração e diminuí o batimento.

Quando o silêncio aumentou, voltei a caminhar, seguindo por uma abertura entre dois arbustos. Um deles me arranhou e o sangue pingou do corte. Praguejei em pensamento, temendo que o cheiro me denunciasse, e continuei andando. A brisa soprou rápido sobre mim e me escondi entre a vegetação. Prendi o fôlego e busquei o controle da pulsação. Ainda não tinha certeza se aquilo daria certo, mas precisava tentar ou me achariam. As respostas viriam depois, se

conseguisse escapular dali. O que era quase improvável. A sorte não estava do meu lado, o mais fraco. Durante algum tempo fiquei assim, brincando de esconde-esconde na floresta. A cada som que percebia, as reações no meu corpo eram diferentes e tomei nota de tudo mentalmente.

Meu pé pisou num galho, que se partiu, e formas escuras apareceram no meu campo de visão. Gelei e corri. Rolei por uma ribanceira baixa e me arrastei entre as amoreiras, o pulso acelerado. Fiquei em pé e segui pelas árvores, procurando lembrar-me de como caminhar sem fazer ruídos. Não seria fácil, eu não tinha vantagens. Teria de conquistá-las.

Por fim, escureceu. Seria mais complicado escapar. Tentei adaptar minha visão à escuridão. O olfato e audição melhorados me ajudavam. Percebia os sons com mais facilidade e os cheiros da mata eram intensos, embora de uma forma diferente da percepção de um vampiro. Caminhei com o corpo rente ao chão, onde o vento era mais fraco. Aquilo me disfarçaria. Só precisava controlar a tensão, os batimentos do coração, e manter o foco para não deixar que me pegassem. Minha vida poderia depender daquilo.

Mas então o imprevisível — ou previsível — aconteceu: meu estômago roncou de fome. Uma mão fria agarrou minha cintura, suspendendo-me no ar. Olhos vermelhos me encararam de perto, a boca se abriu... e cobriu a minha de beijos famintos.

Comecei a rir. Não havia como fugir.

— Você deu trabalho desta vez! — Robert ria, satisfeito, pegando-me no colo e levando de volta à mansão. Ao nosso redor, outros seguiam em grande velocidade.

Quando chegamos, eles já estavam por lá, nos esperando. Clementine trajava uma roupa preta colante, os cabelos em uma trança comprida, e os demais vestiam malhas também pretas. Lindos e impecáveis. Quanto a mim, bem, estava um trapo na verdade: suja de terra, arranhada e com os cabelos cheios de folhas e galhos. Robert ria enquanto tentava tirá-los.

— E então? — perguntei. — Como me saí agora?

Carlo estava com o *notebook* aberto sobre a mesa.

— Desde a última vez em que testamos a teoria de Robert, você conseguiu disfarçar seu cheiro 45 vezes hoje, Laura. O maior período de tempo foi de dois minutos e meio entre a percepção de um grupo e outro. Sua camuflagem está evoluindo bastante.

— Nossa! — nem eu acreditava.

— Incrível — Clementine e os outros se animaram. — Isso sem dúvida vai além do que podíamos esperar.

— Sim — Carlo comentou. — E essa habilidade nos confundiu várias vezes. Mesmo quando chegávamos perto, sua atenção focada permitiu que sustentasse o disfarce. Seus sentidos estão mais aguçados também.

— O que acha, Carlo? — Robert perguntou. — Faz sentido o que eu disse?

Ele cruzou os braços no *notebook* e olhou para nós.

— Não há como negar, Robert, o Lázarus deixou em Laura muito mais do que pensamos: camuflagem, aumento das capacidades olfativas e auditivas, menos a visão; o que me faz pensar que, apesar dos olhos grandes, talvez ele não enxergasse tão bem. Algumas atribuições físicas que você possuía como vampira se mantiveram, mas em níveis menores. Você consegue caminhar em silêncio quase que absoluto e suas habilidades com as armas permaneceram.

— Quem poderia imaginar isso — Josh comentou. — Você é terrível, pequenina — bagunçou o meu cabelo, que Robert tentava limpar, em vão.

— E algumas coisas novas também surgiram e têm de ser consideradas — Carlo continuou.

— E quais são elas? — falei.

— Laura, seus últimos exames clínicos se mostraram interessantes. Melhor virem comigo para o laboratório.

Robert me suspendeu nos braços e em segundos estávamos no anexo da casa que servia como laboratório de Carlo, onde o corpo do Lázarus se encontrava. Sempre admirava a quantidade de equipamentos e recursos tecnológicos que havia ali, que faziam inveja aos laboratórios de grandes indústrias e de muitas universidades. O antigo e o novo se misturavam, desde equipamentos de alquimia, com séculos de idade, até modernas máquinas que detectavam de tudo:

amostras de DNA, exames clínicos, e computadores com potentes *softwares* instalados, sempre ligados, processando novas informações a cada segundo. Um estoque dos mais diversos produtos químicos — com os quais Carlo elaborava suas fórmulas — estava exposto em frascos coloridos espalhados pelas prateleiras.

As mesas eram repletas de tubos de ensaios, pipetas, decantadores, béqueres, aceleradores, autoclaves. Olhei para as seringas de aplicação do soro produzidas com ligas de titânio, fortes o suficiente para romper a pele dos vampiros metamorfos durante o dia, e que, segundo Robert, Carlo desenvolveu por meio do estudo de tecnologias aplicadas pela Nasa. Antes disso, o soro tinha de ser ingerido via oral e não era nada agradável, pelo que me contaram.

Carlo sentou-se e orientava a objetiva do microscópio. Algumas lâminas estavam cuidadosamente etiquetadas com meu nome numa caixa transparente, guardada num dos muitos congeladores da sala.

— Nessas lâminas — falou — estão os resultados dos testes que fiz com seu sangue, Laura. Ainda tenho mais para fazer, mas as amostras surpreendem.

Os outros prestaram atenção.

— De dez em cada dez tipos diferentes de vírus e bactérias que testei, seu sangue se mostrou cem por cento eficiente em destruir o invasor. A reação é rápida e letal. Não há chance contra os imunógenos que seu organismo produz. Há também outro fator que chamou minha atenção e que estou levando em consideração — separou uma nova caixa transparente com lâminas onde o nome do Lázarus estava escrito. — Fiz o mesmo teste com células do corpo do Lázarus e o resultado deu negativo.

— Como assim negativo? — Robert questionou. — Não foi ele que fez tudo isso? Deveria ter o mesmo efeito.

Carlo assentiu.

— Aí está a questão. Os testes mostraram uma diferença crucial na forma como agem os efeitos do toque do Lázarus. Para que funcione, o portador dos imunógenos tem de estar vivo.

— Vivo? — Clem perguntou. — Mesmo as células retiradas diretamente do corpo da criatura não fazem efeito?

— Não — Carlo confirmou. — Apenas as células vivas. Quando morreu, todo o vigor regenerativo de seu sistema se foi com ele, ou melhor, foi passado para você, Laura. Por isso o seu sangue se mostra eficiente contra doenças... e até contra o envelhecimento.

Pisquei confusa.

— Espere um pouco! — exclamei. — Envelhecimento?

— Sim — sua voz era alegre. — Descobri isso comparando amostras antigas com as novas — pegou duas lâminas diferentes. — Está aqui é uma das primeiras que coletei de seus tecidos após a conversão e esta outra é mais recente. Não houve nenhum sinal aparente de envelhecimento.

Minha boca se abriu e todos na sala pararam de respirar.

— Quer dizer que Laura não pode morrer? — Morgana perguntou surpresa.

Ele levantou as mãos.

— Não foi isso que eu disse — corrigiu. — Laura é mortal, é melhor deixar bem claro. Se você for atacada, ferir-se seriamente, perder muito sangue ou contrair alguma bactéria ou vírus que faça seu organismo se aquecer muito para se defender, isso poderá matá-la. Nisso você é humana.

Robert me abraçou com força ao ouvir aquilo.

— Entretanto — Carlo continuou —, não há envelhecimento celular, que pode ser considerado um processo nocivo e degenerativo que causa a morte dos organismos. E se você não envelhece, não passa por ele, ou seja, não morre. Seu sistema imunológico reconhece os efeitos do envelhecimento como uma *doença* e age contra ele. Isso talvez explique o porquê de sua temperatura elevada não causar danos às enzimas proteicas do corpo.

A surpresa era geral. Carlo era o mais alegre entre todos. Levantou-se e veio pegar minhas mãos.

— Laura, preciso lhe dizer o quanto isso me deixa feliz. Agora que descobri essa possibilidade, tenho tempo para encontrar uma solução para você... Para vocês dois — olhou para Robert. — E sei que vou conseguir, prometo.

Acenei com a cabeça, estava em choque demais para falar.

— Além disso — Clem completou —, teremos uma desculpa em relação à Ordem. Se Laura não envelhece, podemos deixar tudo como está por enquanto. Não há necessidade de temermos algum tipo de ação por parte de Avelar.

A sempre prática Clementine!

— Posso ficar com uma cópia disso para ler? — aponte para os dados do computador.

— Claro — Carlo providenciou uma cópia, entregando-me um pequeno CD dourado. — Leia tudo com calma.

Suspirei. E meu estômago roncou de novo. Todos na sala riram.

— Melhor comer alguma coisa — Robert riu e me beijou. — Qual restaurante você prefere?

Gesticulei para minha aparência desgrehada.

— Acho que prefiro jantar em casa, se não se importa.

Ele me pegou no colo, deu-me um beijo, e desaparecemos.



— *Isso é ótimo, mãe!* — Cínthia exultava do outro lado do telefone numa manhã. — *Não disse que confiava no Carlo?*

Estava no museu. Kate ainda não havia chegado e eu tinha acabado de ler os dados que Carlo me dera: gráficos, estatísticas, resultados de hemogramas e testes celulares, inclusive de DNA. Uma infinidade de informações que seu potente laboratório processara. Era ótimo, mas me preocupava.

— Sim, você disse, e Carlo está se empenhando — respondi. — Mas é melhor não soltar fogos, Cínthia. É tudo experimental; podem surgir informações novas a qualquer minuto.

— *E vão surgir, tenho certeza* — ela exclamava —, *e serão todas ótimas!*

Olhei para minha caixa de *e-mail*. Estava cheia. Selecionei algumas para deletar e marquei outras. Uma delas era de Robert, do dia anterior, avisando-me sobre novos resultados que estavam em anexo. Deixei para ler mais tarde. Kate acabava de chegar.

— A gente se fala depois, Cíntia — despedi-me. — Agora preciso trabalhar.

— *Tá bom, mãe* — falou alegre. — *Mande beijos para todos e parabéns para o Ben e Jean* — a ligação ficou muda.

Coloquei o fone no gancho. Dali a algumas semanas seria o aniversário de casamento dos dois. Jeanete faria um jantar para a família e havia me convidado. Ela não queria muita gente, então seríamos apenas Ben, ela, Georgiana, David e eu.

— Traga o Robert também — ela pediu —, afinal, ele faz parte da família.

Inventei uma desculpa para a ausência dele. Seria estranho David e Robert no mesmo lugar, fazendo de conta que eram amigos, com David demonstrando toda sua *solicitude* comigo e Robert determinado a socar a cara dele por ciúmes. Também havia o fato de que Robert não poderia apreciar os dotes culinários de Jean, e isso a magoaria.

Fechei os arquivos e guardei o CD na gaveta da mesa, olhando para Kate.

— Bom dia, Kate.

— Bom dia — ela estava branca como papel.

— Kate, você está bem? — falei com olhar de suspeita. — Tem andado muito pálida.

Ela sentou-se pesadamente na poltrona e suspirou.

— Não é nada. Tenho tido enxaqueca ultimamente — pôs os dedos na têmpora.

— Você foi ao médico?

— Fui — ela confirmou. — Ele me receitou uns comprimidos. Melhora um pouco quando tomo.

— Se você achar que não está em condições de trabalhar e quiser ir para casa...? — sugeri.

Ela pulou na poltrona.

— Não! — exclamou. — É passageiro. Vou ficar bem — sentou-se à mesa.

Olhei-a atentamente. Se ela não se sentisse melhor, eu a mandaria para casa. Voltei minha atenção ao trabalho, tinha muita coisa para fazer.

Ravena — Itália — Outubro

— Tem certeza de que não consegue? — perguntei irritado para o rapaz sentado ao computador. — Achei que poderia entrar em qualquer sistema.

O assistente, Pietro, engasgou uma resposta:

— Não disse que não poderia, senhor — desculpou-se —, mas às vezes demora dias ou semanas. Ao que tudo indica, o local que o senhor deseja vasculhar possui um sistema de roteadores fantasmas. Levaria muito tempo para conseguir localizar e identificar o ID do computador central — apontou uma tela cheia de códigos. — O sistema se parece com o nosso, para garantir máxima segurança. Não posso prometer resultados rápidos.

Merda! Estava impedido de entrar no sistema de computadores da mansão dos Di Feveré. Conhecia as habilidades de Joshua em informática, mas confesso que subestimei a informação. *Tem de haver outra forma de checar o que andam fazendo.* Só antecipando os passos do inimigo seria mais fácil derrotá-lo. Entretanto, a cada nova tentativa frustrada de Pietro, as chances de furar as defesas do vampiro albino se tornavam escassas. *A não ser que...*

— Tente esse local — apontei para o mapa em outra tela. — Veja o que consegue.

O rapaz se concentrou no sistema do Museu de Arte e Galeria de Bristol. Geralmente esses locais não se preocupam tanto com sua segurança em informática, e sim com as obras. Os minutos passaram enervantes. Milhares de códigos circulavam rápidos pela tela e os sons de bips eram constantes. Então tudo parou, de repente.

— Aqui está, senhor. — Pietro apontava para um mapa de navegação dos sistemas internos do museu. — O que deseja saber?

Onde seria melhor procurar? Não era a mansão, mas um museu. Haveria vários setores que não me interessariam. Na verdade, apenas duas coisas lá eram importantes no momento.

— Quero a lista de *e-mails* dos funcionários — ordenei.

Pietro deu um clique e a tela ficou escura. Menos de cinco minutos depois a lista de endereços eletrônicos apareceu.

— Procure os endereços de Clementine Fevré e Laura Vargas — pronunciar seu nome fazia meu corpo se arrepiar.

Outro clique e a tela identificou e selecionou os endereços.

— Abra-os — ordenei.

Levou alguns minutos até que os códigos de combinações fossem testados e conferissem com as senhas de acesso. A caixa de *e-mails* de Clementine se abriu. Vasculhei seu interior. Não havia nada de excepcional, apenas arquivos e documentos de trabalho, mensagens para clientes e fornecedores, burocracia.

— Abra a outra — mandei.

Senti a excitação tomar conta de mim. *Irei desvendar um de seus mistérios, Laura.* Quando a caixa foi aberta, olhei as mensagens. Não eram muitas, a maioria de trabalho também.

— Aqui! — uma delas atraiu minha atenção e apontei imediatamente. Pietro clicou.

Era uma mensagem do amante, Robert.

From: Robert Fevré

To: Laura Vargas

Carlo confirmou novos exames no Lázarus. Segue anexo. Venha hoje.

Te amo,

Robert

— Lázarus? — falei baixo, minha voz perplexa. — Criptografe e copie. Mantenha-se atento a qualquer outra mensagem — ordenei a Pietro.

— Sim, senhor — rapidamente fez o que mandei.

Saí da sala levando as informações num *pen drive*. Apesar da raiva pela intimidade com que o vampiro a tratava, minha surpresa pelo nome contido na mensagem era maior que a irritação. Em meu escritório, li o arquivo uma, duas, várias vezes. Meu corpo inclinou-se para trás na cadeira. *Será possível?*

— *Alô?* — a voz de Maia respondeu no primeiro toque.

— Mande Heather fazer uma nova visita a nossa amiguinha — ordenei. — Quero que ela me traga uma coisa.

Bristol — Inglaterra — Novembro

— Tem certeza de que pode ficar, Kate? — Laura me perguntava.
— Você não precisa fazer isso. Eu posso terminar esse trabalho amanhã pela manhã.

Balancei minha cabeça, confirmando.

— Tudo bem, Laura. Tenho aula com o professor Carter hoje à noite e não vou ter nada para fazer até lá — afirmei. — Eu adianto isso para você. Pode sair mais cedo e ir comprar os presentes de aniversário de Cínthia e de seus amigos. Diga-lhes que desejo felicidades.

Ela parecia preocupada. Era nisso que dava ficar se queixando à toa, Kate, por causa de uma dor de cabeça estúpida! Laura confiava em você, mostre que fazia por merecer.

— Certo. Se você diz que quer fazer... — ela acenou. — Mas se precisar sair antes não se preocupe, checo tudo amanhã. Boa noite.

— Boa noite, Laura.

Assim que fiquei sozinha me concentrei no trabalho, não sem antes tomar outro comprimido. As enxaquecas estavam me atrapalhando muito. Ficava difícil pensar, às vezes, e desde a primeira crise na Universidade elas não passavam, apenas melhoravam por algum tempo. Engoli o remédio com um copo-d'água e procurei os gráficos nas pastas do computador. Tinha de checar o fluxo dos visitantes durante os meses de janeiro e abril e compará-los com o mesmo período do ano anterior. A diretoria se reuniria no dia seguinte para discutir novas estratégias e Laura precisava daquele material.

Duas horas depois e eu terminava de arquivar os resultados, quando o telefone tocou. Levei um susto com o chamado inesperado, fora de horário.

— Escritório da Sra. Vargas — falei, enquanto pegava minha bolsa e o casaco.

— *Olá, querida* — a voz do outro lado era familiar e hipnótica. — *Sou eu. Sentiu minha falta? Uma pena que não se lembre de nossos*

últimos encontros, não? Eu não consigo me esquecer de nenhum... É muito bom falar com você outra vez, Kate.

Um zumbido ecoou na minha cabeça. Minha mente ordenou que desligasse o telefone, mas o corpo não tinha forças para aquilo. Meu ouvido ficou colado ao aparelho, e o suor pegajoso se formou na testa.

— *Muito bem, querida* — a doçura era embriagante, mas levemente ameaçadora —, *preste atenção* — intimou com delicadeza. — *Quero que você procure uma coisa muito importante para mim...*

Via minhas mãos trêmulas se movendo automaticamente, revirando a mesa e as coisas de Laura. O zunido forte me deixava alheia a tudo, menos para a voz do telefone. Parte de mim estava consciente de que aquilo era errado. Então, por que não conseguia parar? Não sei por quanto tempo fiquei procurando algo até que um objeto numa gaveta atraiu minha atenção: um pequeno CD dourado dentro de um envelope. Nele estava escrito o nome que a voz repetia incessantemente: *Lázarus*.

— *Excelente* — ela respondeu à minha confirmação estrangulada. — *Agora criptografe o conteúdo e copie o arquivo.*

Estendi minha mão para pegar um dos *pen drives*. Todo o processo foi rápido.

— *Muito bem, Kate* — minha garganta estava seca e o zumbido aumentou. — *Agora deixe tudo como estava, do mesmo jeitinho, certo?* — dava instruções. — *Coloque a cópia em sua bolsa e saia. Estou ansiosa para vê-la de novo, minha querida* — mais algumas ordens depois e desligou.

A dor de cabeça me dominou quando recoloquei o telefone no gancho. Sem nenhum comando consciente, peguei minhas coisas e saí. Andei pelas ruas seguindo a direção que a voz indicara. Estava escuro, fazia frio e o vento era forte, mas eram sensações apenas registradas, eu não fazia parte delas. Duas quadras depois, eu a ouvi:

— *Kate* — chamou suavemente.

O som vinha de uma construção abandonada, próxima ao departamento de História da Universidade. Um galpão. Não havia pessoas circulando por ali, e mecanicamente atravessei as faixas de isolamento na calçada, entrando pela porta escorada com toras.

Dentro dele, a umidade e o frio eram mais fortes, mas a dor de cabeça não me deixava perceber mais do que aquilo sobre o ambiente. Apenas consegui ver que era escuro, o ar estagnado e mofado, e o ruído de ratos e outros pequenos animais me alcançava de maneira distante, desligada.

— Kate...

Deparei-me novamente com a mulher do banheiro da Universidade. Com assombro, percebi que aquele episódio não havia sido o único. Memórias transbordaram subitamente, revelando mais do que eu gostaria de saber. Revi as imagens de outros encontros, outros momentos em que aquela voz e aquela mulher me alcançaram, geralmente à noite, no banheiro da Universidade, em locais vazios... E até dentro do meu próprio quarto! Os mesmos olhos estavam lá, agora vermelhos. O suor escorreu nas minhas axilas. Ela estendeu a mão pálida. Peguei o *pen drive* em minha bolsa e o entreguei. Queria gritar e correr, mas era impossível. *Meu Deus, que ela queira apenas isso, só isso...*

— Muito bem, garota — sua mão gelada tocou meu rosto. Era o frio da morte. — Você tem se comportado, Kate querida — seus olhos brilhavam ao descer os dedos por meu pescoço, depois por baixo do casaco e repousando-os na curva dos seios. — Senti sua falta, meu bem... Você é especial... Muito apetitosa... — passou a língua na boca, umedecendo-a, e se aproximou.

Socorro! Alguém me ajude! Minha mente gritou quando a língua fria percorreu meus lábios, que responderam ao beijo de forma selvagem, completamente fora de controle. As mãos da mulher se tornaram mais ousadas, abrindo minha blusa por dentro do casaco, tocando-me de forma urgente, em frenesi. Ela me beijava com voracidade, de uma maneira que eu nunca havia sido beijada, e aquilo trazia mais lembranças de momentos semelhantes. Eu via tudo com horror, mas não conseguia parar.

Com pressa, ela me empurrou contra a parede úmida, seu corpo pressionando o meu, e as mãos desceram mais. Parou o beijo e me encarou enquanto seus dedos se moviam mais abaixo, trazendo-me sensações confusas. A dor de cabeça era insuportável e meus lábios se abriram em um grito mudo, angustiada. O sorriso da mulher era

maldoso, os dentes assustadores, e por um momento ela abaixou a cabeça, roçando-os na pele do meu pescoço, afastando a echarpe. A lembrança do ataque do museu voltou e estremei, tentando procurar forças para lutar.

Não havia nenhuma...

— Ainda não, Kate, querida... — ela murmurou junto ao meu ouvido, lambendo-me com volúpia. — Ainda não posso ter tudo o que quero de você... O que não significa que não podemos brincar... — seus dedos se apertaram entre minhas pernas.

A sensação de amolecimento me dominou por completo...

Minha noção de tempo ficou comprometida, e era impossível reter as imagens. Estava deitada no chão, a mulher respirava fortemente e se afastava de mim, arrumando a própria roupa. Com delicadeza perversa, fechou os botões da minha blusa, ajeitou minha saia, colocando-me sentada. Deu-me um beijo demorado, apertando meu corpo, mordendo minha boca.

— Agora vá para sua aula. Não quero que se atrase — e sorriu.

Fazia muito frio e eu estava sozinha. Encolhi-me no casaco, tremendo. A escuridão me oprimiu e sacudi a cabeça, tentando entender onde estava e como havia ido parar ali. Deixei o galpão, encarando a rua quase deserta. Por mais que tentasse, não encontrava respostas para aquele enigma. A enxaqueca era forte e suspirei, imaginando se ela não teria sido responsável por mais aquele delírio. Assim que alcancei as luzes da iluminação pública, olhei para o relógio. *Minha nossa! Vou chegar atrasada à aula.* Meio tropeçando e meio andando, tomei a direção certa, procurando por um comprimido em minha bolsa aberta.



De dentro do carro, fiquei observando a garota pálida cambaleiar pela rua. *Pobre criaturinha. Tão frágil.* Era mesmo um milagre que tivesse sobrevivido antes. Mas, por outro lado, seria muito útil agora. Pelo menos enquanto sua mente aguentasse. Sorri com desdém. Os

dons de Heather costumavam trazer sérias consequências para os humanos. Muito sérias.

A porta do passageiro se abriu e ela deslizou.

— Aqui está, Maia — entregou-me o *pen drive*.

— Você demorou muito, Heather — peguei o objeto, encarando-a com raiva. — Precisávamos apenas disso, não era o momento para suas aventuras com os humanos.

Ela não respondeu, apenas relaxou no banco do passageiro, sorrindo satisfeita. Estava saciada no momento e uma onda de inveja me percorreu. *Mais tarde*, prometi a mim mesma, *mais tarde terei tempo de me divertir também. Quem sabe com Heather...*

Sorri com aquela possibilidade — Heather era uma amante esplêndida — e rapidamente inseri o *pen drive* no *notebook*. Cliquei. A tela ficou azul. Uma janela apareceu:

Deseja iniciar transferência de dados?

Cliquei no *sim*, e a transferência começou. Ele ficaria satisfeito. Melhor para mim.

— Agora é só uma questão de tempo — falei, dando a partida no carro.

Contornamos o quarteirão e vimos a garota humana entrando no departamento da Universidade, mais pálida do que o normal para sua espécie. Franzi a testa.

— Acho melhor limitar suas visitinhas à humana, Heather — ela me olhou, retesando o corpo. Era óbvio que havia se apegado ao seu objeto de prazer. — Avelar pode precisar dela, e você a está exaurindo. Não sei se a mente de Kate poderá aguentar muito mais — olhei-a demoradamente. — Quando Avelar dispensar a garota, e se ainda estiver interessada nela, sugiro que termine o serviço discretamente, entendeu? Assim não poderão nos ligar a ela e não correremos riscos desnecessários.

Heather sorriu abertamente, mostrando os dentes de forma libidinoso. O sinal fechou e ela virou-se para mim, os lábios semiabertos. Beijei-a com paixão, mordiscando sua boca, e senti sua mão deslizando entre minhas pernas. O sinal abriu e segui pela avenida movimentada. Os dedos de Heather eram hábeis e suspirei, pisando mais no acelerador. Era hora da diversão...

Ravena — Itália — Novembro

O som vindo do computador me fez virar na cadeira. A transferência de dados de Maia se iniciara. Tempo estimado: cinco minutos. Tamborilei os dedos sobre a mesa e peguei o uísque, tentando conter a expectativa. *Lázarus! Se for o que estou pensando...* Minha mente divagava sobre as implicações daquela palavra. Era realmente formidável que a humanidade, portadora de uma imensa história, não tenha tido o cuidado de preservá-la em muitos momentos. Ao menos alguns se preocuparam com aquele detalhe. Sorri em satisfação. Melhor para mim, que estava no momento certo no lugar certo.

O *bip* avisava que a transferência fora concluída com sucesso. Durante a próxima hora fiquei trancado em meu escritório, absorvendo cada uma das palavras que saltavam da tela para os meus olhos. Depois de ler o arquivo várias vezes, repousei o queixo sobre as mãos. Senti a ruga em minha testa e a expectativa tomou conta de mim. Seria mesmo verdade? Levantei-me e peguei outra garrafa. A bebida desceu como brasa. Ponderei sobre o conteúdo e suas implicações. Se o que estava ali fosse real... Teria de alterar meus planos. Uma nova resolução se formava. Algo muito maior e ainda mais fabuloso estava reservado para mim. Algo jamais imaginado por nenhum de meus antecessores.

— Isso você nunca sonhou em sua vida, nem mesmo em seus maiores delírios — falei para o retrato de Domenico.

E brindei.

Bristol — Inglaterra — Novembro

— Desculpe-me pelo atraso, professor Carter — falei baixo e meu rosto queimou.

Ele fez um sinal e me sentei. A aula estava começando, não havia perdido muita coisa. Que bom. Não gostava de perder aulas, principalmente as dele. Corei, abaixando a cabeça. *Ah, Kate, outra vez? Quando é que você vai se tocar? Burra!* Minha mente me criticava, mas não conseguia evitar. Levantei o rosto e lutei contra os pensamentos para me focar na matéria de História Medieval, uma das que tive que trancar no segundo ano e precisava repor.

O tema era o camponês na Europa feudal. Tomava notas, prestava atenção às palavras, mas vez ou outra minha mente se perdia. Meus olhos seguiam as mãos masculinas que gesticulavam em frente à lousa, seu andar pela classe, e os ouvidos saboreavam o som da sua voz. Apenas não olhava para seus olhos, isso não conseguiria fazer. Tinha certeza de que, se os encarasse diretamente, não poderia esconder nada e o constrangimento seria maior. Ele era meu professor, e eu só mais uma aluna.

Só um semestre, Kate, repetia para mim mesma, *só mais um e então tudo isso vai passar.* Você não o verá mais e vai cuidar da sua vida. Aquela era a coisa certa a fazer. E então, como sempre acontecia nos momentos em que eu cogitava o futuro, meu coração ficava pequeno e murcho. Durante o tempo em que fiquei doente, David me visitara — assim como Laura —, e me apoiara. Eles nunca deixaram que eu desistisse, e não desisti. Primeiro porque queria viver, e segundo porque, se morresse, eu deixaria de vê-lo.

Desde o dia em que fui atacada, lutava para reprimir qualquer lembrança, a menor que fosse, por causa do medo. Havia momentos em que eu me desesperava, principalmente quando sentia que a barreira ameaçava desabar, expondo-me às memórias que não desejava. Como acontecera hoje, ao *despertar* dentro do galpão. Suspirei, tremendo levemente.

Graças a Deus, pelo menos não fui estuprada naquela noite no Museu. Aquilo ficou comprovado nos exames do hospital. Teria sido horrível perder a virgindade assim, tão diferente do romantismo e dos sonhos que guardava para esse dia especial. Olhei David disfarçadamente e imaginei como seria se fosse com ele...

— Bem, isso é tudo por hoje — fui acordada de meu devaneio pelo encerramento da aula. — Se tiverem alguma dúvida, estarei em

minha sala durante a próxima meia hora. Boa noite.

Não, eu não tinha dúvidas, nem sobre a matéria e nem sobre o resto. Juntei minhas coisas. A dor de cabeça ainda me incomodava.

— Kate? — David me chamou.

— Sim, professor Carter — respondi, mas sem olhá-lo.

Ele estava próximo.

— Poderia me acompanhar até minha sala, por favor?

Meu coração bateu mais forte.

— Algum problema, professor? — *Será que Laura falou com ele? Disse que não estou bem e por isso vão me substituir no estágio?*

— De forma alguma — assegurou-me. — Só quero conversar com você. Poderia?

Acenei com a cabeça e o segui. Ao chegarmos a sua sala, ele manteve a porta aberta para que eu passasse. *Muito gentil*. Meu corpo ficou a centímetros do dele ao cruzar o batente. Corei de novo. Havia entrado ali diversas vezes antes, fosse para tirar alguma dúvida das matérias ou tratar de assuntos diversos, como quando ele me comunicou sobre o estágio. Depois que voltei da licença médica, aquela era a primeira vez. O interior não mudara muito.

— Por favor, sente-se. Quer uma água, um chá? — perguntou educadamente.

— Não. Obrigada, professor — sentei-me sem jeito e esperei, meu fichário e bolsa estavam sobre os joelhos para disfarçar o nervosismo.

— Bem, Kate, deve estar pensando por que a chamei — ele sugeriu.

— Estou, sim senhor.

— Então vamos lá — pegou um papel na gaveta. — Agora que o professor Calahan se aposentou e eu assumi suas aulas, o reitor Adams liberou a contratação de um assistente permanente para mim. Gostaria de saber se está interessada no cargo.

Engoli minha saliva. Estaria ouvindo direito?

— Eu? — consegui dizer. — Você... Quer dizer... O senhor quer que eu trabalhe aqui?

Ele me olhou surpreso.

— E por que não? — assegurou. — Você é uma excelente aluna. É também uma ótima funcionária, já me garantiram; seu estágio não termina no próximo verão?

Acenei que sim. Engasgaria se falasse.

— Então? — ele parecia satisfeito ao propor. — A princípio, terá que cumprir apenas algumas horas aqui, para não prejudicar seu estágio e os pontos para a graduação. Depois seu horário será ampliado e irá usufruir dos benefícios que a universidade oferece, inclusive os programas para pós-graduação — sorriu. — Poderá seguir a carreira acadêmica, se desejar.

Fitei-o incrédula. Há poucos minutos achei que só o veria até o verão e agora ele me estendia a oportunidade de estar todos os dias ao seu lado. *Meu Deus, o que eu faço?* Meu corpo já sofrera muita coisa e suportou, mas e meu coração? Será que aguentaria? Ele esperava uma resposta. Remexi as mãos em meu fichário.

— Bom, se o senhor diz que estou qualificada para o cargo... Aceito, c-claro — minha voz tropeçou no final da frase.

Seu sorriso ficou radiante de satisfação. Não, definitivamente meu coração não vai aguentar.

— Ótimo — ele me passou o papel. — Vou encaminhar o pedido. Preciso que assine esse documento para formalizar a contratação — olhou para o calendário na mesa. — Pode começar na terça-feira, à noite?

Assenti em silêncio. Entreguei-lhe o papel. Ele o guardou na gaveta.

— Obrigado, Kate. Tenho certeza de que nos daremos muito bem. Seja bem-vinda.

Levantei-me sem falar nada e me despedi. Minha cabeça doía ao deixar o campus, mas não fazia a menor diferença.



— Ahhhh! — não consegui evitar o gemido alto de dor quando a lâmina acertou minha perna e abriu um corte.

— Laura! — Robert apareceu ao meu lado e me segurou antes que eu caísse. O sangue gotejava da ferida e marcava o piso.

— Tudo bem — falei para ele. — Estou bem.

Ele olhou Morgana com raiva.

— Devia ter mais cuidado! — sibilou.

— Desculpe... Não queria... Esqueci que ela não era mais... — sua voz morreu.

O constrangimento invadiu seu rosto e fiquei com pena dela. Eu estava treinando com as armas brancas. Morgana lutava comigo sob a supervisão de Robert e se empolgou. Era natural ela fazer aquilo nos treinos.

— Não fique bravo com ela — reclamei —, foi um acidente.

Ele estava irado.

— Mais um pouco e poderia ser fatal! — sim, nervoso e exagerado também. — Venha, vou levá-la para o Carlo — levantou-me devagar.

Enquanto examinava o corte, Carlo falava de forma tranquila e brincalhona:

— Foi profundo, mas não atingiu o osso, isso é bom. Ossos são mais difíceis de consertar — pegou um vidro contendo um líquido azulado. — Isso vai doer, mas é melhor do que dar pontos.

Respirei fundo. Não era a primeira vez que ele usava aquela coisa em mim. Como Carlo nunca havia testado seu cicatrizante em humanos antes, ficou satisfeito ao ver que funcionara comigo. Geralmente, Eric era sua cobaia. Limpou a ferida e gotejou o líquido. Trinquei os dentes para não soltar um palavrão. O ácido fumegou, deixando o aroma de carne queimada no ar, e cauterizou a ferida sem deixar cicatriz. Apertei a mão de Robert com força até a dor passar.

— Pronto — ele limpou o excesso. — Está feito. Agora vamos esperar.

— Esperar o quê? — falei ao respirar novamente.

— O corte ficou exposto. Precisamos ter certeza de que não houve alguma contaminação — explicou. — É melhor monitorar sua temperatura por um tempo.

Soltei o ar. O calor já se espalhava devagar e o suor escorria antes mesmo do termômetro apitar. Fiquei de repouso no quarto de

Robert. Ele estava deitado ao meu lado e alisava meus cabelos. Olhei para a pintura na parede, meu retrato na estufa de flores.

— Desde quando você pinta? — perguntei, passeando meus dedos em seu peito.

Ele olhou para o quadro.

— Eu tive algumas aulas em Paris durante a *belle époque*. Não fui um aluno muito aplicado na verdade — abraçou-me —, apenas tive vontade de fazer coisas diferentes. Como estudava arquitetura, resolvi aprender pintura também.

Podia-se ver a influência clara do estilo da *belle époque* que predominou na França do final do século XIX até o início do século XX. Reconhecia os mesmos traços de Toulouse-Lautrec na pintura de Robert, misturado com seu próprio estilo mais naturalista. Se praticasse, seria muito bom.

— Você pinta bem — lembrei-me de minha mãe.

— Se você diz, posso até acreditar. Afinal, é filha de uma artista — beijou meus cabelos.

Seu corpo, então, enrijeceu de súbito e ele olhou para a porta fechada.

— Entre — falou com azedume.

A porta se abriu e Morgana apareceu. Não olhou para ele.

— Queria saber se está melhor, Laura? — sua voz era preocupada.

Antes que eu abrisse a boca, ele resmungou.

— Ela poderia estar melhor se *alguém* aqui soubesse se controlar — seu tom não era amigável.

Encarei-o e franzi a testa.

— Robert — Morgana voltou-se para ele —, já pedi desculpas. Quer parar de pegar no meu pé?

— É mesmo, você está ficando chato — ajudei-a.

Ele olhou surpreso para nós.

— Ah, é? Ela quase te mata e o chato sou eu? Maravilha! — fechou a cara.

— Mas ela não me matou, nem iria fazer isso — estava irritada agora. — Meu Deus, acidentes acontecem, Robert!

— Mas nesse caso podia ter sido evitado!

— Chega, Robert! — Morgana se exasperou. — Laura, volto depois.

— Não, Morgana — pedi antes que ela sumisse. — Fique, por favor. E você, comporte-se, *Chevalier*.

Ele fungou um pouco. O *bip* do termômetro apitou.

— Bem melhor — Robert falou, meio irritado.

Coloquei os dedos em seu queixo e o puxei para um beijo. Ele se animou. Morgana estava no canto, entristecida.

— Robert, pode me fazer um favor? — dei-lhe outro beijo.

— Qualquer coisa — assegurou-me e continuou me beijando.

— Estou com fome — fiz uma expressão cativante.

Ele pensou um pouco.

— Hummmm... Acho que não temos comida em casa. Depois que Eric se mudou, a geladeira perdeu a utilidade — disse embaraçado.

Dei de ombros, fazendo minha melhor cara de decepção.

— Tudo bem, então — e o abracei.

— Mas posso ir buscar — ele logo emendou. — Só não queria deixá-la sozinha.

— Não vou ficar sozinha. Morgana, você me faz companhia? — perguntei.

Ela confirmou com a cabeça, e Robert a olhou com suspeita.

— Sei... E quem me garante que não vai faltar algum pedaço de você quando eu voltar?

Ela o fuzilou com o olhar.

— *Eu* garanto — minha voz era firme e calma —, porque confio nela.

Robert ponderou minhas palavras por um momento.

— Chinesa? — perguntou

— Humm. Italiana — sugeri sorrindo.

Ele se entusiasmou com meu sorriso e me deu um beijo. Olhou Morgana mais uma vez, mas não tão aborrecido, e sumiu. Fiquei em silêncio e olhei significativamente para Morgana. Ela sinalizou que esperasse.

— Pronto — disse-me alguns minutos depois. — Ele já está longe.

Bati a palma da mão na cama. Ela se sentou, cruzando as pernas longas dentro do *jeans* desbotado.

— Você não está com fome, Laura — não era uma pergunta.

— Só um pouco — concordei. — Queria que ele te desse um tempo. Sei que não fez por mal.

— Obrigada — ela sorriu e ficou mais bonita. — Pelo menos, mais alguém aqui sabe que é verdade.

Havia amargura e tristeza em suas palavras e aquilo me incomodou. Algumas vezes percebi que os Fevré — menos Josh, é claro — eram duros com ela. Sabia muito pouco sobre Morgana.

— E por que acha que os outros pensam o contrário? — cutuquei.

Seus olhos vermelhos olharam de mim para a janela. Ela parecia decidir se falava alguma coisa ou não. Talvez fosse mais confortável para Morgana que eu não soubesse sua história. Aquilo me deixaria neutra.

— Já lhe contaram que dei muito trabalho no início, não é? — ela disse, indecisa.

Sim, eu sabia. Morgana tinha sido uma rebelde.

— Alguma coisa sobre isso — comentei.

Ela me olhou pelo canto dos olhos.

— Você sabe que nasci em Viena, no século XVIII — torcia os dedos ao falar. — Passei minha juventude ouvindo sobre os filósofos e escritores do Iluminismo: Voltaire, Diderot, John Locke, Montesquieu, Rousseau e, é claro, Descartes. Eles estavam na moda, mas não me importava com esse tipo de moda. Em 1758 eu era o que se podia chamar de uma jovem coquete e temperamental, que levava uma vida meio tresloucada. Era bonita, inteligente e rica, muito rica — comentou. — Era a única herdeira da fortuna que meus pais deixaram e vivia da renda que ela me proporcionava. Nunca precisei trabalhar, nem me preocupar de onde e como vinham todas as coisas caras e bonitas que eu possuía. Minha rotina eram as boutiques, os cafés, as viagens e as festas. Sim, muitas festas.

Seu olhar voltou-se para a janela.

— A cada dia havia uma atração diferente. Viajava pela Europa sendo cortejada e desejada, tanto pela minha beleza quanto pelo dinheiro que possuía, como um bilhete premiado de loteria que não tinha dono — suspirou. — Era uma vida frívola, na verdade, mas me entregava a esse mundo, pois não conhecia outro.

Tentei imaginar Morgana com as roupas mais caras da última moda de Paris, rodando nos braços de homens influentes nos salões elegantes do século XVIII. Nada parecia combinar com a mulher de cabelos negros vestida num *jeans* e camiseta, sentada na cama.

— Certa noite, eu estava no carnaval de Veneza e fui a uma das muitas festas à fantasia — falou. — Havia luzes, música, danças, muita gente linda com roupas exuberantes e máscaras decoradas. Era um brilho só. Também havia muito *champanhe*, vinho, absinto — abaixou o rosto. — Eu bebia de tudo e mais um pouco, era normal, nunca tive limites. Adorava a sensação de liberdade que um bom porre me proporcionava. Com certeza seria tachada como alcoólatra hoje — seu sorriso era de constrangimento. — Vivia para me divertir e desejava ser livre acima de tudo, fugir de uma prisão que eu não sabia qual era.

Ela ficou em pé num salto e foi para a janela, cruzando os braços na cintura.

— Naquela ocasião, em especial, bebi muito, mais do que de costume, e deixei a festa cambaleante, sendo amparada por serviçais que me puseram em uma gôndola. Todos conheciam a minha fama e ninguém se importava com meus excessos — seu tom era amargurado. — Nunca tive amigos que realmente se preocupassem comigo ou com meu bem-estar e nenhuma pessoa deixou a festa para me acompanhar. No caminho de volta, mandei o gondoleiro parar junto a uma das pontes que ficava no cais das gôndolas. Queria caminhar. Saltei para as ruas estreitas e fui rodando e dançando pela noite. Girava, sentindo o vento desmanchar os cachos dos meus cabelos, e olhava para as estrelas do céu sem lua. Sentia-me completamente livre.

Sua voz me transportava para o passado, fazendo-me ver a cena como se estivesse diante dos meus olhos.

— No meio da escuridão, percebi dois olhos me encarando. Achei que estava realmente muito bêbada, pois eles eram de um vermelho-inferno penetrante. Antes que eu pudesse articular algum palavrão bem formulado para espantar o estranho, veio a dor da mordida no pescoço e o hálito gelado em meu rosto — seu semblante estava carregado. — Nunca consegui descobrir quem foi o miserável e já

tentei, acredite, pois ele me deve, e muito, pelo que me fez. Lembrome apenas da paralisia absurda, dos sons, gemidos, e *flashes* de imagens que mostravam que fui abusada de formas revoltantes para uma mulher. Quando o vampiro me soltou, meu corpo caiu numa das gôndolas atracadas — ela segurava a ponta da cortina. — Não sentia nada, estava imóvel, e só pensava em fechar os olhos e dormir profundamente. Naquele instante, um rosto envolto em cabelos brancos me olhou de cima, agarrado às beiradas da gôndola, e suas mãos me levantaram com facilidade — ela riu. — Achei que estivesse sonhando, pois era um homem muito grande e branco; não podia ser real. Ou talvez tivesse morrido e um anjo me levava para o céu.

— Foi Josh? Ele mudou você?

— Não. Ele teve medo na época por causa da lenda do sangue dos puros. Carlo ainda não conhecia sobre a genética e mecânica do processo, mas as histórias de humanos que não sobreviviam aos puros eram antigas. Josh fora uma rara exceção e não quis arriscar — seu olhar ficou claro e ela sorriu. — Só muito tempo depois ele me confessou que não teve coragem de fazer a mudança porque gostou de mim, assim que me viu, e temia que eu morresse por causa de seu sangue. Carregou-me até a casa de Carlo em Veneza. Ele viu a aflição de Josh, e, mesmo sem Robert e Clementine lá para ajudá-los, Carlo decidiu fazer a minha metamorfose. Depois, cuidaram de mim.

Ela voltou para a cama num piscar de olhos e me encarou com tristeza.

— Você se lembra da sua transformação, Laura? Dos momentos em que perdeu o controle na sala e atacou os que se aproximavam?

Acenei que sim. Lembrava-me de tudo, de lutar e agredir. Imaginava como teria sido se não fosse o tratamento com o soro e o sangue.

— Comigo não foi diferente — ela continuou —, mas foi bem pior! Não havia o soro e me comportei como uma selvagem. Antes precisava de bebida para me sentir livre, depois queria o sangue — suas mãos se juntaram no queixo. — Eu fugia e eles me encontravam, quase sempre tarde demais para os humanos. Matei muito, Laura —

confessou. — Josh me defendia, mas eu temia perder o controle de vez e me tornar um perigo. Eu não confiava em mim.

Santo Deus, que loucura! Será que eu poderia ter feito o mesmo?

— Tive dois anos para me preparar ao Conselho. Naqueles dias o Mathesis era Salvatore, um homem muito benevolente. Se eu tivesse de passar pelos mesmos testes que você, Laura, teria falhado e estaria morta agora — sorriu de forma melancólica. — Todos tiveram muita paciência, mas admito: sou a mais esquentada. Lutei por décadas para ter o mínimo de controle. Luto até hoje, apesar de o soro ter me ajudado muito. Tenho consciência de que minha batalha poderá ser eterna.

— Por que diz isso? — argumentei. — Você afirmou que melhorou. O que a faz pensar que terá que ser assim?

Ela sorriu e pegou minha mão.

— Acho que nem Carlo deve ter percebido, mas quando a vi na metamorfose pude entender por que minha experiência foi diferente da sua. São as nossas personalidades — gesticulou de mim para ela. — Fui uma garota fútil, mimada, rica, que não dava valor para nada a ser a mim mesma, talvez nem isso. Não me controlava e aquilo ficou mais evidente depois. A metamorfose amplia os nossos sentidos, mas também as qualidades e defeitos. Você é mãe, criou uma filha sozinha, tem responsabilidades. Isso a tornou sensata e prudente. Mesmo com a força da mudança agindo, sua mente sabia a diferença entre o bom senso e a desordem. A minha não. Ainda aprendo muito, e Josh tem sido minha força todo esse tempo.

— E você o ama desde aquela época também — eu afirmei.

Ela sacudiu a cabeça e riu, mais relaxada.

— Não. Eu o detestava.

Abri a boca.

— Sério?

— Sim. Ele vivia bancando a minha babá e eu odiava ser vigiada e controlada! Josh me explicava e orientava com mais paciência que os demais, mas eu não percebia que ele fazia aquilo por amor. Queria que eu vivesse, mesmo que não fosse correspondido, que tivesse uma chance. Na verdade — ela riu —, Josh me venceu pelo cansaço. Apenas quando fiquei realmente exausta e sem forças para lutar

mais, no fundo do poço, compreendi o quanto ele era importante para mim. Que era por ele que eu me obrigava a continuar. Todo meu esforço era para não desapontá--lo, não suportava causar-lhe tanta dor. Foi o amor dele que fez com que eu tivesse amor-próprio, e assim eu pude amá-lo de verdade.

Engoli a saliva pela declaração tão ardente. Meus olhos marejaram e o coração palpitou.

— Eu era incapaz de ver aquilo antes porque não sabia o que sentia. A necessidade de estar com alguém, não importasse quais os obstáculos que tivesse de enfrentar, era uma novidade assustadora para mim — disse com a voz engasgada. — Foi por ele que me obriguei a ter controle. Finalmente pude me olhar e me ver mais *civilizada*, e consegui cruzar a ponte que nos separava desde o início. Encontrei Josh, do outro lado, a minha espera, como sempre estivera, como sabia que sempre estaria. E se aquilo não era amor, o que mais poderia ser?

Eram provavelmente as palavras mais lindas que eu esperaria ouvir de uma mulher que amava o homem que escolheu. Se não era amor, não conhecia outro nome para aquele sentimento, pelo menos um que fosse equivalente o bastante. Minha garganta se apertou e invejei Morgana, pois, apesar da luta e dificuldade de se ajustar, ela podia se entregar de corpo e alma ao amor. A minha alma estava entregue, mas tinha de negar meu corpo. E a ausência física era dolorosa. Suspirei.

— Lamento por você e Rob — ela disse baixinho. — Nunca o tinha visto feliz antes e queria que tudo voltasse a ser como era.

Incrível como as mulheres conseguiam captar aqueles estados de humor umas das outras. Apertei a mão fria dela.

— Vai ficar tudo bem, tenho certeza — mas meu coração estava angustiado, como se duvidasse daquilo.

Morgana levantou a cabeça e olhou para a porta aberta.

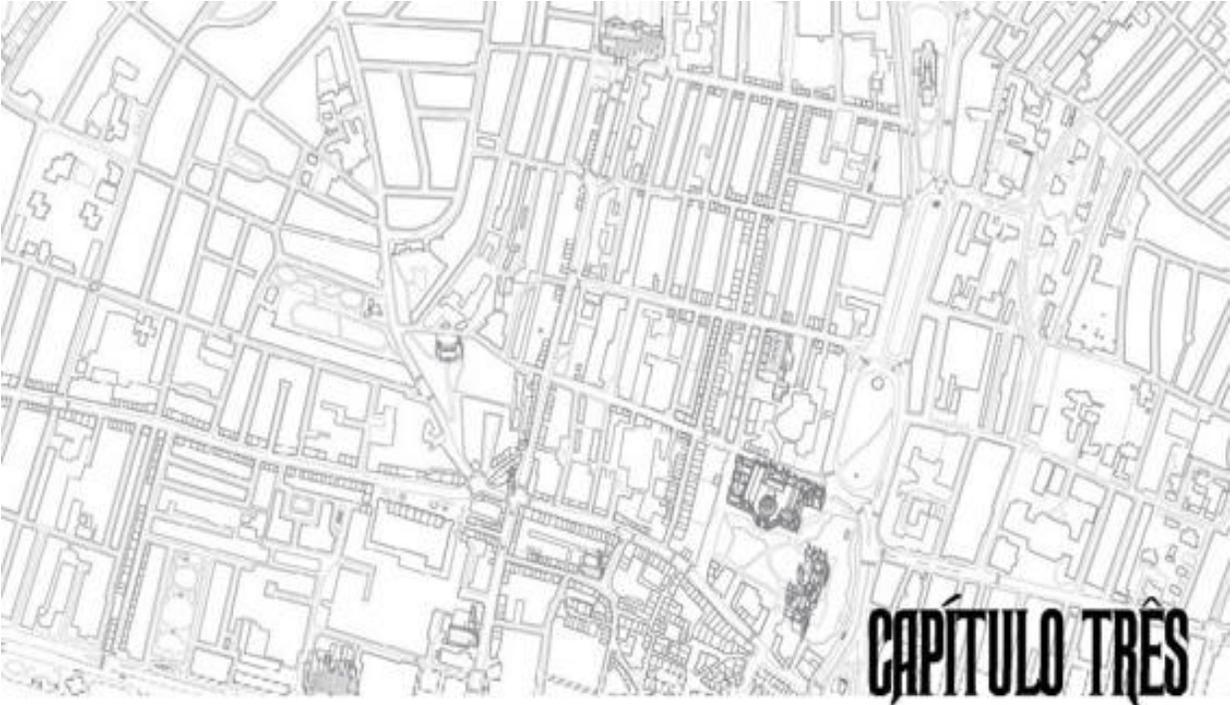
— Espero que goste de lasanha quatro queijos e macarrão à *carbonara* — fez uma careta, piscou e se levantou. Robert apareceu com a comida.

— Não sabia qual você iria querer e trouxe os dois — abaixou-se para me beijar.

Morgana se afastou e fechou a porta. Lágrimas queriam se formar e obriguei-as a voltar.

— Hummm... O cheiro está ótimo — tentei parecer animada e comer, embora não sentisse o sabor.

Minha boca estava amarga, com gosto de lembranças perdidas...



Livro Três – Capítulo Três

Bristol — Inglaterra — Novembro

O vento era frio no estacionamento do museu. Meus pés descalços doíam contra o calçamento e os braços estavam gelados. Por que eu estava ali, sozinha, e de camisola? As luzes estavam apagadas. Só conseguia distinguir os espaços por causa do brilho da lua cheia. Não havia ninguém por perto. O vento bagunçava o meu cabelo e o frio me mantinha imóvel. Precisava sair dali, voltar para casa. *Mamãe vai ficar preocupada.* Forcei o corpo a dar meia-volta. E congelei.

Um par de olhos verdes me encarava num rosto lindo de mulher, tão pálida quanto a lua acima dela.

— Kate — a voz sussurrava meiga e terna, ela me estendia os braços. — Venha, querida, não tenha medo. Está com frio, Kate?

Não, não, não! Minha mente me alertava para não ir, mas o corpo não obedecia. Os passos eram incertos e desajeitados. Senti a

secura na garganta e o zumbido forte na cabeça. Estava doendo.

— Venha, Kate. Não precisa ter medo de mim, criança — ela sorria como uma serpente para a presa. — Não vou machucá-la...

Estiquei o braço lentamente para pegar a mão que me oferecia. Ela enlaçou-me pela cintura, abraçando-me, e girou devagar como numa dança. Fiquei zozza com o movimento e a pulsação de um martelo atingiu minhas têmporas. Presa naquela coreografia por vários minutos, eu era a marionete nas mãos hábeis de um titereiro. Parou de girar, curvou meu corpo para trás e aproximou os lábios do meu rosto. O brilho de seus olhos mudou do verde para o vermelho, e ela me beijou. Ardentemente.

Tentei lutar, mas foi em vão. Meus dedos se agarraram em seus cabelos e retribuí ao beijo, com sede. As mãos dela me percorreram, rasgando a camisola em tiras que desciam ao chão, e sua boca descolou-se da minha, descendo pelo pescoço. Arfei com a falta de ar e tremi com o contato de lábios frios na pele. Ela passeava a língua sem pressa, sorvendo-me em goles, e os braços firmes me mantinham prisioneira. Ao me olhar outra vez, vi o faiscar dos dentes brancos no sorriso em seu rosto.

— Calma, Kate, não vou machucá-la — falou com voz sedutora, aproximando a boca.

Senti a dor no pescoço e o grito preso na garganta ecoou pela noite, escapando em desespero.

E me fazendo acordar banhada em suor. O brilho da lua insinuava-se pela janela. Levantei-me trêmula e fechei com força as cortinas. Por sorte, não havia acordado ninguém. Talvez tivesse gritado apenas no sonho. Ou melhor, pesadelo. Fui até a mesa de cabeceira e peguei o copo d'água. Seu gosto era ruim. Sentei-me na cama e as fisgadas de enxaqueca me amoleceram. Encontrei a caixa de remédios e tomei um comprimido. Ainda tremia, mas de um frio que vinha de dentro do corpo.

Acalme-se, Kate, foi só um pesadelo. Tentava convencer-me daquilo. Mas por que tinha o mesmo sonho recorrente quase toda noite? Sabia que era algo ruim, mas evitava me lembrar dos detalhes. Quando eles apareciam, eu os reprimia com força, o que fazia minha cabeça doer. Deitei-me, meus pés e pernas amortecidos e a garganta

empastada. Um fio de suor escorreu pela testa e o limpei com as costas da mão. Virei-me contra a janela, sentindo dor, e tentei mergulhar num sono sem sonhos.

Ravena — Itália — Novembro

Acariciei a pele pálida, contornando a cintura e o quadril, fazendo desenhos circulares com as pontas dos dedos. Tão fria. Muito provocante. Maia se virou e colocou o rosto sobre a mão, apoiando o cotovelo na cama. Deslizava as unhas afiadas sobre meu ventre.

— E então, Avelar? Fiz tudo direitinho? — roçou os lábios no meu pescoço.

Aquele era o momento que mais me deixava excitado. O limite entre a vida e a morte era tênue quando Maia estava na cama comigo. Apenas um deslize e tudo acabaria. Meu pulso se acelerava enquanto sua língua subia e descia.

— Sim, você e Heather trabalharam bem — afirmei. — E a garota?

Ela deu de ombros.

— Não vai se lembrar de nada, de um jeito ou de outro — riu. — Ela é apenas mais uma humana nas mãos de Heather. Até que ela se canse, a garota será um novo brinquedo com o qual ela tem prazer ao jogar... — continuou sua exploração, mais intensa, o que provocou minha reação imediata.

Rolei por cima dela e recomeçamos nossa dança. Estava me vestindo, horas depois, e olhei Maia pelo espelho.

— Tenho um trabalho para você — ela estava estirada na cama. — Preciso que confirme uma coisa para mim, mas com cuidado.

Eu já tinha todas as informações. Agora era hora de colher as provas.

Bristol — Inglaterra — Novembro

“Deixei um suflê para você no forno.

Jean.”

O bilhete de Jeanete estava na geladeira. Sorri e dei uma olhada no suflê. Parecia muito bom, mas primeiro eu precisava de um banho. Já era noite e sentia-me cansada. Robert não viria por causa de alguns compromissos de trabalho — ele era um arquiteto reconhecido e tinha projetos importantes para entregar —, e me fez companhia no almoço. Antes de conhecer aquele mundo, nunca imaginei que vampiros exercessem atividades típicas dos humanos. Mas vendo Clementine trabalhar tanto, Robert e Josh também, e Carlo com suas pesquisas, era interessante que alguns pudessem ser tão parecidos com os humanos em seu dia a dia. Desliguei o chuveiro e me sequei. Vesti o roupão e fui para o *closet*. Pegava meu pijama quando o celular tocou.

— Alô? — perguntei.

— *Laura!* — a voz de David chamou do outro lado.

— Oi, David.

— *Onde você está?* — ele ofegava. Falava depressa demais e engasgava as palavras.

— Em casa, por quê? — fiquei curiosa com sua agitação.

— *Não saia daí... Não...!* — ele quase gritava; a ligação estava ruim por causa do barulho de buzinas.

David falava ao celular, dirigindo?

— David... Não estou entendendo... Tem muito barulho aí...

— *Escute... Preciso falar com você... Não saia daí, estou chegando!* — a ligação ficou muda.

Encarei o aparelho sem compreender aquilo. Procurava uma explicação enquanto vestia meu pijama e secava os cabelos, mas nada surgia. Decidi que apenas David poderia me dar respostas e o melhor seria aguardá-lo. Torcia para que não fosse um novo *surto* de declarações apaixonadas. Se Robert soubesse, não gostaria nem um pouco e certamente iria tirar satisfações com ele. Embora tenha me prometido que não tocaria mais no assunto — e de fato não o fez —, seus gestos e posturas sempre me lembravam dos reais sentimentos dele. *‘Nunca mais vou me esconder sob a sombra de um simples*

amigo... Ele dissera, e provava a cada dia estar mais disposto àquilo. E eu estava decidida a evitar a questão.

Olhei para a mochila preta oculta sob um vão da prateleira no canto do *closet* e não consegui deixar de rir. Robert havia me dado um *kit* completo de *caça-mestiços*, como ele chamava: uma espada e duas adagas. Achei melhor escondê-lo ali antes que Jeanete o visse e tivesse um treco. Terminei de secar os cabelos e abri a janela do *closet*, olhando para a noite. A lua cheia dos dias anteriores havia sumido e o jardim estava escuro. Que pena.

Caminhei para o quarto quando um arrepio percorreu meu pescoço. O coração acelerou e um cheiro ácido atingiu meu nariz, ao mesmo tempo em que a brisa leve balançou meus cabelos. Não precisei me virar para ter certeza de que não estava só. Dois homens me encaravam com olhos escuros. *Mestiços!* E não eram amigáveis. Eles se aproximaram lentamente, bocas abertas em ameaça, tentando fechar minha lateral. Dei um passo para trás e um dos mestiços pulou para o teto, equilibrando-se de cabeça para baixo com as garras presas no *border* de pinus. O outro arqueou o corpo, virando a cabeça para o lado, aspirando e piscando os olhos em confusão. Vinham sem pressa, hesitantes. Tateei a parede, buscando apoio em sua solidez.

Pela minha visão periférica, percebi que só havia uma saída.

Respirei fundo e me atirei ao chão, rolando para o lado, surpreendendo-os com a ousadia. Fugi para o *closet*. Bati a porta com força e ouvi os rosnados e sibilos altos. Agarrei a mochila preta e, sem pensar, saltei pela janela. O barulho da porta despedaçada me alcançou logo atrás. Meu corpo caiu com um baque, rolei na grama e corri pelo jardim. Procurei abrigo atrás de uma árvore, disfarçando meu cheiro, e tirei a espada e uma adaga da bolsa. Escondi-me como fizera em meus treinamentos na floresta e controlei os batimentos do coração. Meu odor camuflado iria confundi-los por algum tempo e a neblina me ajudaria. Os minutos se passaram, os músculos de minhas pernas tremiam.

Apurei os ouvidos e escutei a respiração baixa e lenta próxima a mim. Quando a figura negra passou pelo meu campo de visão, ataquei. A lâmina afundou na carne e rompeu ossos. O mestiço caiu,

segurando o flanco. Sem dar trégua, cravei a adaga na altura do pescoço. Num gesto reflexo, ele me deu um soco, atirando-me contra outra árvore. Minha cabeça bateu no tronco e o sangue escorreu da testa. Senti, mais do que vi, o outro mestiço saltar em minha direção e tombei para o lado, estocando a espada em sua perna. Ele gemeu de dor e afastou-se, apertando o ferimento.

Aproveitei e corri para os fundos da casa. O quintal estava escuro e me abaixei entre os arbustos. O sangue gotejava. *Merda!* Os mestiços seguiriam o cheiro. Só poderia esperar que minha camuflagem fosse suficiente para distraí-los, mesmo assim não sabia por quanto tempo. Minhas vantagens não eram boas. Controlei a respiração e fiquei imóvel. Ouvei o farfalhar leve dos galhos secos dos arbustos. Segurei a espada com as duas mãos. Já que era para golpear, então faria direito e com força. A sombra passou pela neblina em frente à parede lateral da área de serviço e um rato saiu correndo da moita onde eu estava. O mestiço me olhou diretamente. Disparei em direção à árvore. Ele foi rápido e me derrubou, a espada escapando das minhas mãos.

Pegou-me pelo pescoço e levantou-me do chão. Lentamente apertou a traqueia e meus olhos nublaram, ficando mais escuros do que a noite.



Era, sem dúvida, o melhor mês da minha vida! Digitava os planos de aula de David e os arquivava nas pastas correspondentes da área de trabalho do computador. Apesar de estar duas vezes mais cansada — graças aos pesadelos que não me deixavam dormir bem —, estava duplamente feliz.

— Kate? — ele chamou.

— Sim, professor Carter — olhei timidamente para ele.

— Veja se há alguma lista disponível de alunos para estágios, por favor? — sorriu.

— Está bem — comecei a procurar.

Coisas simples, pedidos como aquele, faziam meu coração palpitar e lavavam minha alma. Eu estava muito bem. Gostaria apenas que as enxaquecas passassem. O médico havia trocado meu remédio e, mesmo assim, elas não diminuíram, pelo contrário. Imprimi as duas listas e levantei-me para entregá-las.

E então minha cabeça explodiu. Levei as mãos às têmporas e as listas caíram.

— Kate!? — David chamou.

Tentei responder, mas minha língua ficou presa. As pernas falharam e desabei pesadamente. A dor era horrível, uma facada dentro do crânio. Meus olhos turvaram.

— Kate! — o grito de David era de alarme quando me pegou e levantou minha cabeça.

Suas mãos tocaram minha testa. Algo quente escorria do meu nariz.

— Meu Deus! — ele estava pálido e pegou o celular. — Preciso de uma ambulância, urgente!

Enquanto falava, uma parte do meu cérebro — que reprimia as lembranças desagradáveis — veio à tona. Na sequência de imagens, contemplei os olhos vermelhos da noite de terror da minha vida. Depois, os olhos mudaram para um tom verde-esmeralda no rosto pálido de uma mulher, fitando-me no banheiro da Universidade. Seguiu o som de voz dela, remexendo nas coisas de Laura no museu e depois entregando algo para a mulher, agora com olhos vermelhos. E, com horror, revi a sucessão de abusos que cometera contra mim, como em um filme que nunca chegava a seu fim.

Palavras se formavam em minha mente, um emaranhado de letras e frases confusas, mas que se encaminharam para um sentido mais lógico. Com uma certeza que eu não sabia de onde vinha, as palavras me alertaram para a ameaça iminente. O perigo que *ela* estava correndo!

Os paramédicos me levavam para a ambulância. Juntei forças e agarrei o braço de David.

— David... — chamei através da máscara de oxigênio.

Ele segurou minha mão, caminhando ao meu lado na maca.

— Tudo bem, Kate — ele assegurava. — Vou ficar com você, não se preocupe.

— Não! — tentei gritar, mas a voz saiu baixa. Puxei-o até ele abaixar o rosto. Eu tinha de avisá-lo. — Não... — repeti num engasgo. — Laura... Olhos vermelhos... Lázarus... Ajude... ela... Agora... — pedi.

Ele empalideceu. *Por favor, David, entenda, por favor.*

— Kate? — ele sussurrou.

Apertei outra vez sua mão.

— Agora... — pedi novamente.

Não havia mais dor. Tudo ficou escuro.



— Kate? — chamei. Ela virou-se para mim.

— Sim, professor Carter? — disse com um sorriso tímido.

O sorriso de Kate a deixava mais bonita.

— Veja se há alguma lista disponível de alunos para estágios, por favor? — pedi.

— Está bem — voltou-se para seu computador.

Estava satisfeito pela contratação de Kate. Ela era exatamente o que Laura me garantiu: eficiente, discreta, além de uma garota muito gentil. Olhava-a disfarçadamente, pensando nas coisas pelas quais teve que passar, e sentia raiva por imaginar alguém fazendo mal a uma menina tão meiga e frágil. *Bem, nem tão frágil assim.* Afinal, sobreviver ao ataque de um vampiro e ainda tocar a vida adiante não era um sinal de fraqueza. Kate deveria ser mais forte do que eu pensava. Se não fosse pela timidez, muitos dos alunos estariam perseguindo-a pelo campus.

Sorri mentalmente ao imaginar o grupo de veteranos do último ano, ou da pós-graduação, correndo atrás dela pelos corredores, oferecendo-se para levar seus livros ou convidando-a para um café. Ao que tudo indicava, Kate não tinha namorado, dentro ou fora da Universidade, mas quem conhecesse melhor seu caráter ficaria fascinado.

Duas folhas saltaram da impressora e ela as pegou, levantando-se para me entregar. E tudo aconteceu rápido demais. Kate levou as mãos à cabeça e deixou as listas caírem.

— Kate!? — chamei assustado.

Sabia que ela queixara-se de enxaqueca para Laura e estava muito pálida agora. Com horror, vi seu corpo tombar para a frente e desabar no carpete.

— Kate! — dei um pulo da mesa e corri até ela.

Levantei sua cabeça, passei a mão por sua testa e o sangue começou a escorrer pelo nariz.

— Meu Deus! — peguei meu celular. — Preciso de uma ambulância, urgente!

Seus olhos reviraram-se para trás. Kate parecia inconsciente. Peguei-a no colo e coloquei-a sobre o divã, medindo sua pulsação. Acelerada. A respiração era descompassada e ela estava gelada. Fiquei desesperado por ajuda.

— Aguarde, garota, por favor! — pedi bem baixinho. Não sabia se ela tinha me ouvido.

Os sons das sirenes se aproximaram e os primeiros paramédicos entraram, acompanhados pelo guarda da noite. Acompanhava Kate na maca, andando apressadamente. De súbito, ela pegou minha mão — havia recobrado a consciência.

— David — chamou num sussurro através da máscara de oxigênio.

Segurei sua mão fria e rezei para que ficasse bem.

— Tudo bem, Kate — tentei acalmá-la. — Vou ficar com você, não se preocupe.

— Não! — ela se agitou.

Puxou-me com mais força do que pensei que poderia. Seu hálito soprou em meu ouvido.

— Não... — ela pediu sufocando. — Laura... Olhos vermelhos... Lázarus... Ajude... ela... Agora...

Meu estômago se contraiu. Ela olhava diretamente para meu rosto. *Mas o que significa isso?*

— Kate? — falei baixo, quase sem acreditar.

Ela apertou novamente minha mão e a resolução que vi em seus olhos não me deixou nenhuma dúvida.

— Agora — pediu mais uma vez e desmaiou.

Fiquei imóvel na porta da ambulância, sem saber o que fazer, o que pensar.

— Professor Carter, quer que eu vá com ela ao hospital? — despertei com a voz de Sheldon, um aluno do curso de pós-graduação.

Não queria deixar Kate, não parecia certo. Ela era tão fraca... Mas o que me disse. *Ajudar Laura, agora?* Aquilo não fazia sentido, principalmente os olhos vermelhos... e o Lázarus. Como Kate podia saber?

— Professor? — Sheldon perguntava.

— Sim, Sheldon, por favor — me senti péssimo por fazer aquilo. — Irei logo em seguida. Não a deixe sozinha até eu chegar.

Sheldon subiu na ambulância e a porta se fechou. Uma estranha agonia me dominou quando as luzes vermelhas dispararam pela alameda, o veículo se afastando, mas me concentrei em suas palavras e corri para o carro. Saí do campus quase em alta velocidade pelas ruas da cidade. A meio caminho da casa de Laura, peguei o celular.

— *Alô?*

— Laura! — minha voz era sufocada, desviando dos carros.

— *Oi, David.*

Eu respirava com dificuldade.

— Onde você está? — falei rápido.

— *Em casa, por quê?*

— Não saia daí! Não saia! — quase gritei. A ligação estava péssima e o barulho de buzinas dos carros que eu costurava não ajudava muito.

— *David... Não estou entendendo... Tem muito barulho aí...* — ela tentou falar.

— Escute, preciso falar com você! — fui dizendo às pressas. — Não saia daí, estou chegando! — desliguei.

Aumentei a velocidade e rezei para não aparecer nenhum guarda de trânsito. Um sexto sentido me dizia para não ignorar o aviso de

Kate. Em dez minutos cheguei à *Southville*. A casa de Laura estava quieta. A luz vinha do quarto dela e do *closet*. Ao descer do carro, fiquei paralisado. Laura saltou da janela e rolou pelo jardim, indo se refugiar atrás de uma das árvores das laterais. Quase ao mesmo tempo, dois vultos também pularam, rápidos demais para simples humanos.

— Meu Deus! — falei baixo.
O sangue fugiu do meu corpo.



Estava quase perdendo a consciência, tentando livrar meu pescoço das mãos do atacante. Movida pelo desespero, enfiei meus dedos em seus olhos e ele me largou, cego pela dor. Rastejei até a espada e a peguei. Não via o outro mestiço, talvez tivesse fugido. Levantei a espada e me preparei para dar o golpe. O mestiço me encarou com ódio — eu não seria rápida o suficiente para atacá-lo antes que pudesse me alcançar.

Ele avançou com olhos em fúria e então parou, de repente. A ponta de uma lâmina apareceu através de seu abdômen, rasgando-o até a garganta num só golpe vertical. O sangue jorrou, atingindo meus dedos dos pés. Em seguida, a lâmina retrocedeu e a cabeça do mestiço rolou para o lado com a rapidez do corte. O restante do corpo tombou no jardim.

— David? — fitei-o incrédula.

David estava em pé atrás do cadáver com uma espada ensanguentada nas mãos. Sua roupa também tinha sangue. Ele veio rápido e se abaixou.

— Você está bem? — perguntou num sussurro, olhando para os lados.

Confirmei com a cabeça, ainda sem fôlego.

— Tem mais um — falei no mesmo tom.

— Fugiu — David vasculhava ao redor. — Você o acertou feio. Se ele não procurar ajuda, vai morrer.

— Como sabia...?

Ele me ajudou a levantar.

— Conto depois. Agora temos que sair daqui. Não é seguro.

Corremos para o seu carro. Ele deu a partida e disparou pela rua. Nunca vira David dirigir naquela velocidade.

— O que vamos fazer? — tentei me controlar e os tremores chegaram com força.

— Precisamos procurar um lugar onde fique protegida por enquanto — ele disse. — Sua casa é perigosa.

Ponderei suas palavras e tomei uma decisão.

— David? Me dá seu celular.

Ele me olhou, franzindo a testa.

— Só tem um lugar para onde podemos ir — disquei o número.



Clementine estava imóvel, mas a tensão era visível em seu rosto. Carlo cuidava do corte em minha testa enquanto David estava ao celular, procurando informações sobre Kate no hospital.

— Tome. Nós temos quase o mesmo número. Acho que vai servir — Morgana me passava um monte de roupas, além de um pijama.

— Obrigada — agradei cansada. O ritmo da adrenalina havia passado.

— Pronto. A ferida está limpa e os pontos firmes. — Carlo falou.

— Não vou usar o cicatrizante aqui. Melhor não arriscar por ser um corte na cabeça.

Consegui me ajeitar no sofá. Morgana estava agitada.

— Por que os dois ainda não voltaram? — ela questionava.

Robert e Josh foram *limpar* as evidências na minha casa. Josh não deixou que ela o acompanhasse. Não quis dizer em voz alta, mas também estava preocupada com a demora. E com Robert. David desligou o celular. Estava pálido.

— E então, como ela está? — perguntei ansiosa.

Ele se sentou no sofá, abatido. Sua camisa tinha manchas de sangue.

— Falei com o médico que trabalha comigo na Universidade. Kate teve um AVC.

— AVC? — olhei assustada. — Um derrame? Deus!

— Sim — ele concordou, chocado. — Ela está inconsciente. A boa notícia é que não corre risco de vida, pois o quadro aparentemente foi de um ataque de isquemia transitória, pelo que mostraram os resultados da tomografia.

Suspirei de alívio. O destino parecia querer brincar com a vida de Kate.

— Eu preciso ir até lá... — David se levantou.

— Um momento, David — Clementine pediu. — Precisamos discutir um assunto primeiro, se não se importa.

— Claro — sentou-se outra vez.

— Você disse que sua assistente o avisou sobre o perigo que Laura corria. Mas como foi que isso aconteceu exatamente?

David narrou os momentos em que Kate passou mal e pronunciou as palavras: *Laura... Olhos vermelhos... Lázarus... Ajude... ela... Agora*. Eu não conseguia entender de onde Kate havia tirado aquilo.

— Pode imaginar o tamanho da minha surpresa com o que ela falou — ele concluiu.

Clementine assentiu, preocupada.

— Como ela saberia dessas coisas? — Carlo questionava.

— Esse é um mistério ainda sem uma solução. E até que isso aconteça, Laura, sua casa não é mais segura — Clementine me olhou. — Melhor ficar aqui, conosco.

Eu não tinha alternativa a não ser concordar. Se não fosse por David, estaria morta.

— Além disso — as palavras de Clem eram sérias —, gostaria de pedir que não relatasse a Avelar o que aconteceu essa noite, David. Poderia deixá-lo curioso e querer mais detalhes. Não seria bom que ele soubesse sobre a nova condição de Laura.

— Entendo — David confirmou, olhando-me intensamente. — Farei o que me pede, Clementine. Foi um ataque estranho e injustificado. Se eu relatar, as chances dele querer investigar são grandes, e isso tomaria um vulto muito maior.

Josh e Robert apareceram naquele instante. Morgana deslizou aliviada para o lado de Josh e Robert veio até mim.

— Tudo limpo — Josh comentou —, não restou nada — olhou para David com satisfação. — Tenho que lhe dar os parabéns, Megister. Você acertou bem aquele mestiço — sorriu com seus lábios pálidos.

— Não passei minha vida toda apenas na carreira acadêmica.

No caminho para a mansão de *Leigh Woods*, David me contou sobre os treinos regulares com armas, obrigatórios para os iniciados e membros da Ordem. Ele sabia até mais do que eu sobre mestiços e como eliminá-los, se necessário.

— Mas Laura também não decepcionou — David sorriu e desviei de seu olhar, que me fitava com mais admiração do que suas palavras supunham. — Vocês a treinaram bem. Ela tinha dado conta de um quando cheguei.

— Mas ele fugiu — falei com raiva.

— Acharam o rastro? — Clementine quis saber.

— Sim — Robert disse. — Seguiu até *Kingsdown* e depois sumiu. Alguém o esperava num carro. Vimos as marcas dos pneus.

— Carro? — perguntei. — Então isso foi mesmo planejado!

— Não resta dúvida — Robert confirmou minha suspeita. — O que precisamos saber é: por que queriam você? Mas até lá ficará aqui, é mais seguro — e me abraçou.

— Eu já disse a ela — Clem falou.

Robert voltou-se para David. Ambos ficaram em silêncio e trocaram um olhar de reconhecimento. Aquilo me deixou tensa.

— Obrigado — a voz de Robert tinha o alívio da gratidão. — Sei bem o que teria acontecido sem a sua ajuda.

— Não precisa me agradecer. Fiz o que devia para proteger o que me é caro. Jamais deixaria que alguma coisa a machucasse, não a ela — David respondeu com a voz firme e coberta de segundas, terceiras e quartas intenções.

Percebi o rápido entreolhar de alguns. Engoli em seco e meu coração palpitou. Robert não demonstrava o que estaria pensando.

— Agora tenho que ir. Preciso trocar de roupa e ver Kate, no hospital — ele despediu-se e, antes de sair, me olhou.

O momento foi tenso, o silêncio cheio de palavras. Robert colocou-se entre mim e ele. David o encarou e se foi. Por alguns minutos, Robert permaneceu imóvel, vigiando a porta, pronto a me defender de algo que parecia representar um perigo maior do que um ataque de mestiços ou vampiros.

— Robert? Amor?

Toquei seu rosto e a custo ele relaxou, virando-se para mim. Abraçou-me e deu-me um beijo. Sua boca tinha gosto de medo e perda. Passou os dedos pelos meus olhos.

— Deve estar cansada. Vamos, eu levo você — falou com carinho.

— Não precisa. Posso ir andando.

Mas ele havia me erguido e subia as escadas em disparada.



— O estado dela é estável agora — o médico residente do *General Hospital* explicava —, o AVC não atingiu uma área que possa comprometer as funções motoras.

— Mas qual foi a causa, doutor? O senhor tem como saber? — perguntei. Robert estava comigo.

Ele deu de ombros levemente.

— Podem ser várias: aumento na pressão arterial, predisposição genética, estresse... — foi citando. — Estamos investigando as possibilidades. Segundo o prontuário, a senhorita Morgensen já passou por uma internação prolongada anteriormente, que causou muita debilidade, e vinha se queixando de cefaleia com certa regularidade, fazendo uso de medicamentos controlados. Podemos considerar como um dos fatores de alerta para o aumento da pressão intracraniana que levou a um quadro de isquemia.

— E como ela vai ficar, doutor?

— Como disse, foi um episódio transitório — explicou com cuidado. — Ela ficará em observação aqui por alguns dias, para verificarmos possíveis sequelas, e deverá guardar repouso médico domiciliar até estar apta a retornar às suas funções. Mas o prognóstico é favorável.

Fiquei aliviada ao ouvir aquilo. Temia por Kate, não queria vê-la fragilizada de novo. Ela dormia profundamente por causa dos medicamentos quando entramos no quarto.

— Ah, Laura! Que bom que veio — a Sra. Morgensen cumprimentou em voz baixa.

Fiz as apresentações de Robert.

— Como ela está, Sra. Morgensen? — perguntei também em sussurros para não acordá-la.

Ela enxugava os olhos. O jeito protetor da mãe de Kate me lembrava Jeanete.

— Vai ficar bem, graças a Deus! — falou num soluço. — Mas começo a temer pela minha Kate, Laura. Essas coisas horríveis parecem escolher a minha filha.

Durante meia hora ficamos por lá, tentando confortar Anita Morgensen da melhor forma possível.

Quando chegamos ao museu, Robert me beijou.

— Pego você no fim do dia. Te amo.

— Te amo — o beijei e descii.

— Bom dia, Sra. Vargas — Forrest cumprimentava. — A senhora se machucou?

Havia me esquecido do curativo na testa.

— Bom dia, Forrest. Não foi nada, só uma topada na porta.

Entre em minha sala e desabei na poltrona. Olhei em volta, fitando o vazio. Qual era a parte daquela história que estava faltando? Como Kate pôde avisar David no exato momento em que eu estava sendo atacada? Ela salvou minha vida, mas não achava nenhuma explicação sobre como o fez. Cada palavra dita tinha sentido para mim, David e os outros. Mas Kate? O que ela poderia saber sobre aquela história? A única menção pertinente eram os *olhos vermelhos*. Kate os vira antes, quando fora atacada, e até os desenhou para mim. Porém, e o restante? Isso não. Bati os dedos na mesa, nervosa. Não conseguiria encontrar respostas enquanto ela não melhorasse. Só podia especular.

Mas também havia algo mais que me deixou intrigada: a natureza do ataque dos mestiços. Desde o princípio da invasão a minha casa, eles titubearam muito em dar um golpe final. Quando o segundo

mestiço me agarrou pelo pescoço, teve tempo mais do que suficiente para quebrá-lo ou dar uma mordida e se alimentar. Entretanto, ele hesitou, como se observasse algo. Como se fosse um teste. Mas de quê? O rastro pertencia aos mesmos nômades, Josh confirmara, então deveria haver uma relação. Será que Avelar estaria envolvido também? Ele não sabia de minha conversão, e certamente não mandaria simples mestiços se quisesse um ataque ofensivo.

O ruído do aparelho de *fax* me tirou dos devaneios. Decidi não pensar mais naquilo por hora e voltei ao trabalho. Abri a gaveta da mesa e o brilho dourado refletiu contra as luzes. Peguei o pequeno CD entre os dedos. Em sua capa, apenas uma palavra escrita: Lázarus.

Ravena — Itália — Novembro

— Avisei para tomar cuidado! Por que agiram de maneira tão imprudente? — berrei aos quatro cantos do quarto.

Maia não dizia nada. Estava imóvel.

— Não fui claro o suficiente quando disse que não era para matar? Apenas queria confirmações, e não um assassinato!

Fui até a mesa e peguei o uísque. Mas minha raiva era tanta que atirei o copo contra a parede. Ele estilhaçou-se.

— Você queria uma confirmação e eu lhe trouxe — ela disse com a voz fria. — Apesar de achar uma loucura toda essa história! Uma insanidade! Não me culpe pela falta de trato desses mestiços idiotas. Foi você quem sugeriu que eles fossem.

Olhei-a com raiva.

— E o que faria se estivesse no lugar deles? Teria tanto controle assim? — falei com desdém.

— E por que não quis que eu fosse? Teve medo que eu acabasse com a vida da sua preciosa Laura? — levantou-se nervosa. — Que, aliás, por alguma misteriosa magia, não é mais uma de nós — seus olhos eram investigadores. — Isso, pelo menos, aquele estúpido que sobreviveu pôde confirmar. Por que se preocupa tanto com a

segurança dela? O que tinha em mente além do que me disse, Avelar? Fazê-la juntar-se à nossa festinha privada? Ou queria algo mais? — o tom de voz era ácido. — Como, por exemplo, uma troca em sua cama?

Ah! O ciúme! Ele era um sentimento maravilhoso. Ao mesmo tempo em que a verdade se mostrava, ele cegava o observador diante dela. Era excitante ver sua força apoderar-se do corpo e mente da beldade loira a minha frente.

— Deixe de ser estúpida, Maia! — falei num tom ríspido. — A mulher do clã Di Feveré faz parte do acordo com Amos. Eu garanti isso a ele. Se algo acontecer a ela, perdemos um forte aliado. E a guerra não tardará.

Maia me olhava desconfiada, seus olhos faiscantes como rubis.

— Tem mesmo certeza de que é só isso? — sua voz era terrível. — Não tente me enganar, Avelar. Seu interesse por ela tem sido obsessivo nos últimos tempos! Não me importo em dividi-lo com Heather e com as mestiças que mantém aqui, mas não tente me pôr de lado para dar lugar àquela aberração!

Não deixe a raiva aumentar. Dome a fera ou ela perde seus limites. Empurrei-a contra a parede com meu corpo. Ela fugiu para o canto oposto do quarto, sibilando e me mostrando os dentes.

— Venha cá... — falei sorrindo e entrei em seu jogo de pega-pega.

Avancei novamente, segurando-a pelos pulsos, arrastando-a para a cama. Ela fingia resistir. Derrubava móveis, chutou o espelho, que se quebrou, destruiu mais alguns objetos até agarrar-se ao dossel, abrindo um corte no tecido com as unhas longas. Peguei-a pela cintura, joguei-a contra os lençóis e me atirei sobre ela. Maia socou-me de leve o peito, tentou morder meu pescoço, mas coleí minha boca em seus lábios gelados e com mãos ferozes rasguei suas roupas, apertando os seios. Ela ainda se debateu um pouco, mas depois estraçalhou minha camisa, enquanto eu abria o zíper das calças, e suspendeu a pélvis, movimentando os quadris. Penetreei-a com força e ela dobrou o corpo, soltando um urro, ajustando-se ao ritmo que eu impunha, sem dó. Em minutos ela gemia e estava em êxtase.

Horas mais tarde, houve uma batida discreta na porta do meu escritório.

— Com licença, senhor — Pietro entrou carregando um *tablet*.

— Alguma novidade?

— Em relação aos computadores da mansão ainda não, mas descobri algo que pode interessá-lo — colocou o *tablet* em minha mesa.

Um complexo de estruturas em 3D aparecia nele e reconheci o lugar. A mansão dos Di Feveré.

— Consegui isso por meio de fotos de satélite do local — Pietro disse. — Depois passei as informações codificadas para um programa que as analisa e reconstrói em plantas baixas tridimensionais. Pode-se passear por dentro de qualquer lugar com esse sistema.

Pietro demonstrava sua eficiência. Em minutos via os detalhes de cada cômodo da construção.

— Que área é essa? — apontei para um anexo que chamou minha atenção.

— Bem, senhor, entre todas as possibilidades, uma se mostrou mais favorável: é um laboratório.

— Tem certeza?

— Absoluta. Ele segue padrões de construção e segurança internacionais e está afastado da casa central. Creio ser um local favorável para explorar.

— Muito bem, faça isso e me mantenha informado — dispensei-o.

Pietro acenou e saiu. Dei um clique em meu *notebook* e uma foto apareceu na tela. A bela mulher de cabelos castanhos estava de perfil.

— Laura, Laura — suspirei. — Meu *elemento divino* — tomei um gole.

Agora você valia muito mais que todos os tesouros da Terra juntos. Mas como alcançá-la? Não poderia simplesmente mandar que a pegassem à força. Os Di Feveré lutariam. Os resultados seriam desastrosos para mim; não era o momento da luta direta. Provavelmente ela estaria refugiada na mansão, graças aos idiotas

que Maia mandara, o que tornaria uma investida muito provocativa. Clementine reclamaria com David e ele exigiria esclarecimentos.

David! Aquele era outro que precisava de um bom corretivo. Com certeza ele já sabia da nova condição de Laura há tempos e não comunicou à Ordem. Mais uma vez posicionara-se a favor dela. Mas eu não poderia encurralá-lo sobre aquilo sem revelar a verdade. Tinha de aparentar não saber de nada, não levantar suspeitas desnecessárias.

Nem sobre a reunião dos clãs organizada em Belfast pelos Di Feveré. Eles deveriam estar desconfiados de algumas de minhas ações e estavam se agrupando. Precisava agir. Os Di Feveré possuíam duas coisas vitais para meus novos planos. Encontraria um jeito de pegar uma delas. A outra precisava vir até mim voluntariamente, sem resistências. Para isso, um pequeno incentivo seria necessário... E esse incentivo serviria a mais de um dos meus propósitos.

A ideia formou-se e tomou dimensões. O comprometimento que os clãs sempre demonstraram pela segurança de seus membros havia ficado claro no Concílio. Nenhum deles permitiria que o outro fosse machucado. Muito menos por sua causa. Olhei a foto no computador.

— Você virá até mim com as próprias pernas — entornei o uísque.

Bristol — Inglaterra — Final de Novembro

Mais um toque de pó compacto, aqui... Aqui. Isso. Agora o blush. A maquiagem estava quase acabada quando ouvi o resmungo.

— Jean! Não consigo dar o nó nessa gravata!

Ah, meu Deus! Saí do quarto abotoando os brincos de pérolas. Encontrei-o lutando contra a tira de pano acetinado, como um condenado com o pescoço na forca. Peguei-a e ajeitei rapidamente.

— Não sei para que tanta frescura! — Ben reclamava. — Somos só nós, as crianças e a Laura. Podia usar minhas camisas de sempre.

— E perder a oportunidade de se mostrar um homem elegante? — contra-ataquei. — Não se faz quarenta anos de casamento todo dia,

senhor Carter. Veja as crianças: David já passou dos trinta e não se casou, e Georgiana vive só para o trabalho. Provavelmente não viveremos para ver nossos netos, isso se tivermos algum. Então pare de reclamar — dei o nó final na gravata.

Ele bufou, mas me olhou de cima a baixo.

— Você está maravilhosa — sua voz transbordava de alegria. — Do mesmo jeito de quando me apaixonei por você, lembra-se?

— Sim, eu me lembro. Principalmente da parte onde meu pai saiu correndo atrás de você com o machado de cortar lenha — dei risada. — Ainda bem que naquela época sua coluna era boa, Ben.

Ele riu também.

— Que culpa eu tinha se você era tão nova? Não parecia ter quinze anos, achei que tivesse dezoito!

— O que foi muito ofensivo de sua parte, diga-se de passagem. Que mulher gosta de parecer mais velha aos olhos dos outros? — recriminei. — Além disso, meu pai não queria a filha dele envolvida com um católico. E mais velho. Esse foi o problema. Ele achou que você queria se aproveitar de mim.

— E não me aproveitei? — seu olhar era malicioso. — Se eu não tivesse feito isso, nossos filhos não estariam conosco hoje.

Pegou-me pela cintura e começou a girar pelo quarto. Quase sufoquei de tanto rir.

— Lembra-se da nossa dança de casamento? — ele disse.

— Como poderia esquecer? Você pisou no meu pé três vezes!

Ele me olhou envergonhado.

— É... Não dançava bem — admitiu.

— Não dançava? Você nunca dançou bem!

Ben parou e pegou meu rosto entre as mãos.

— Muito bem. Sei que sou um bronco, que danço mal, que seu pai achou que eu fosse um perverso. Mas em toda essa história, senhora Carter, uma coisa eu sei que fiz, e espero ter feito direito — olhou dentro dos meus olhos: — amei você com toda a força que esse coração podia ter. Se ele ainda bate, apesar desse corpo não ajudar muito, é porque bate por você. Não se esqueça nunca disso, Jean, do quanto eu te amo — seus olhos brilharam.

Os meus se encheram de lágrimas e transbordaram.

— Oh, Ben — deixei-o me abraçar. — Ninguém jamais poderá dizer que nesses últimos quarenta anos, em algum momento, deixei de sentir o mesmo. Também amo você, meu querido.

Os minutos passaram e ouvi o cuco do relógio tocar.

— Oh, meu Deus! Daqui a pouco eles vão chegar — olhei-me no espelho do *closet*. — E veja, minha maquiagem borrou. Terei que retocar.

Ele esfregou o polegar e o indicador no meu queixo.

— Minha chorona maravilhosa. Deixe que eu espere por eles enquanto se arruma. Vá.

Concordei e voltei para o quarto. *Não borrou tanto assim*, analisava-me no espelho. De qualquer maneira, choraria e a maquiagem não duraria toda a noite. Seria uma reunião muito boa. As crianças, Laura. Minha família. Olhei os retratos espalhados pelo quarto. David pequeno, Georgiana na primeira comunhão. Laura e seus pais. Elizabeth, a avó de Laura.

— Sim, minha amiga. Você adoraria ver como Laura está linda — falei para o retrato. — E Cíntia também.

Aquela era uma noite especial, e meu coração estava cheio de alegria. A vida havia sido boa para mim, não poderia me queixar de nada, nem teria mudado os detalhes. As coisas foram exatamente do jeito que deveriam ser. E aquelas lembranças me fizeram companhia, dançando ao meu redor, enchendo-me de orgulho por cada uma delas.

O cheiro de queimado vindo da cozinha chegou ao quarto enquanto passava mais pó compacto. *O assado no forno!*

— Ben! Desligue o forno, por favor!

Ajeitei a gola da blusa bordada e mirei-me no espelho. O cheiro aumentava.

— Ah, meu Deus! Ben, você quer pôr fogo na casa?

Não houve resposta. Caminhei depressa. Fumaça saía do forno. Abri a porta e tirei a forma com o assado, colocando o pudim em seu lugar e mudando a temperatura de cozimento. Apenas as pontas haviam queimado e era fácil de consertar. O som da TV da sala me dizia que Ben estava lá. Por que ele não me ouviu?

— Ben? — chamei, seguindo pelo corredor. — Ben, você não está me ouvindo...? — parei.

Meu coração bateu forte e os olhos não acreditavam na visão a minha frente.

— Ben! Ben! — minha garganta se apertou e corri para o seu lado. — Ben, meu querido, não, por favor!

Ben estava caído de barriga para o chão, a cabeça virada de lado, os olhos arregalados, e uma poça de sangue jorrava de seu pescoço. Ele não se mexia. O sangue manchava o tapete. Virei-o e minhas mãos ficaram encharcadas de vermelho. Arrastei-me em pânico para alcançar o telefone quando distingi a forma sentada na poltrona em frente à lareira. Uma mulher de cabelos negros e muito branca mudava os canais de televisão calmamente com o controle remoto. Engoli a saliva.

— Q-quem é você? O que faz aqui? — minha voz estava engasgada. — O que fez ao meu marido?

Pisquei e a poltrona ficou vazia. Encostada à porta, ela me olhou com seus olhos verdes. Ria e caminhava.

— Soube que hoje haveria uma festinha aqui. Por isso, resolvi passar e fazer uma *boquinha*.

Sua mão agarrou meu pescoço com força, virando-o de lado. Pelo canto dos olhos, vi aquilo que fez minha alma tremer: as presas saltaram da boca da mulher e seus olhos ficaram vermelhos. *Não pode ser!*

Senti a mordida dolorosa e a falta de ar, enquanto minha mente ficava repetindo:

David... Georgiana... Laura...



— G, por favor! — David reclamava. — Já devíamos ter ido!

Estávamos em *Kingsdown*, no apartamento que Georgiana dividia com mais duas colegas do hospital. Robert havia me deixado lá. Apesar do ciúme que sentia, depois do incidente com os mestiços Robert passou a ter um pouco mais de confiança em David e

consegui convencê-lo de que seria melhor que ele me levasse para o jantar de aniversário.

— Mas, por favor — Robert pediu —, assim que acabar, me ligue para que eu possa pegá-la — e estendeu o olhar para o *Kia Carnival* estacionado diante do prédio de Georgiana.

Prometi que o faria e agora estávamos ali, esperando a irmã de David. Ele a chamara várias vezes.

— Pronto — Georgiana finalmente saiu do quarto. — Já estou aqui. Mas que pressa!

Ela apareceu elegantemente num vestido verde e sandálias prateadas. David também estava muito bonito, com calça social cinza e um suéter azul. Eu usava um vestido preto básico, resgatado junto com outras roupas de minha casa, e os brincos de zircônio que Georgiana me dera há três natais.

— Pressa? Você sabe que a mamãe detesta atrasos, G — ele criticou. — Ainda mais hoje! É importante para ela.

— Tá bom, David! Vamos logo, então — empurrou o irmão pela porta, pegando o casaco.

O trajeto foi tranquilo. Georgiana não parava de falar do trabalho e do enfermeiro da ala pediátrica que arrastara uma asa para ela.

— Xiii, David! — brinquei. — Acho que você ganhou um cunhado — dei risada.

David franziu a testa.

— Não sei. Talvez devesse fazer como o vovô: correr atrás dele com um machado de lenha, para saber se é macho mesmo!

Demos risadas. A história do dia em que o pai de Jean perseguiu Ben com um machado era lendária. O maior desafio que tivera de enfrentar para se casar com Jeanete. A noite prometia ser divertida e especial, em muitos sentidos. David desviava o olhar para mim de vez em quando, mas eu permanecia atenta às ruas e às narrativas de Georgiana. Pelo retrovisor, ela nos observava, e certo quê de desesperança misturada com irritação perturbava seu semblante amigável. Entramos em *Southville* e pegamos a rua da casa dos pais de David.

— Meu Deus... — ele murmurou e parou o carro.

O silêncio tomou conta de todos. Carros de polícia estavam espalhados pelo perímetro isolado e uma ambulância parada em frente à casa. Com um frio no estômago e um pressentimento horrível, saltei do banco do passageiro e avancei. Um policial me barrou.

— Desculpe-me, senhora, ninguém pode passar — seu corpo bloqueou meu caminho.

— O que aconteceu? — eu estava em pânico.

— Houve um crime nesta residência — informou polidamente.

Gelei. Minha cabeça começou a dar voltas.

— Policial, esta é a casa dos meus pais. Preciso entrar! — David falou, contendo o desespero.

O policial fez um sinal para outro homem, que se aproximou.

— Detetive Parker — apresentou-se. — É da família? — perguntou para David.

— Sou filho. O que aconteceu? — os olhos de David estavam fixos no rosto do detetive. Minhas mãos se agarraram nas de Georgiana.

— Lamento, Sr. Carter, mas devo informá-lo que encontramos os corpos de seus pais no interior da casa no início da noite.

— Não! — Georgiana gritou. — Não! Não! Não! Mãe! Pai! — caiu de joelhos.

Fiquei sem ar, amparando Georgiana. David controlava o tremor nas mãos.

— Como assim? — perguntou.

— Eles foram assassinados, Sr. Carter — o detetive consultou um caderninho. — Os vizinhos sentiram cheiro de queimado vindo da casa por volta das 18 horas e vieram verificar. Como ninguém atendia à porta, chamaram a polícia. Os corpos foram encontrados na sala.

Georgiana chorava descontroladamente e eu tremia. *Jean... Ben... Assassinados...*

— Eu... Posso vê-los? — David pediu, sua voz mal se ouvia.

O detetive acenou e ele passou pela fita. Sem pensar o acompanhei. Georgiana era atendida por um paramédico. Respirei fundo diante da porta.

Peritos legistas estavam pela sala, fotografando cada ângulo do cômodo, tomando notas e recolhendo evidências. Alguns vinham dos fundos do corredor, trazendo sacos plásticos lacrados com objetos. Eles falavam em códigos que eu não compreendia, de um filme policial do qual não queria fazer parte. E tudo se movia na câmera lenta que antecede o horror.

Parei ao lado de David, congelada. A cena que vi jamais seria apagada da minha memória.

Ben estava caído como um boneco desarticulado numa poça de sangue, a garganta cortada, os olhos arregalados. E Jeanete... Ah, meu Deus... O rosto carinhoso, bondoso, estava pálido, os lábios azulados, a expressão do terror em sua última visão da vida. A perícia havia marcado os contornos deles no chão. Lágrimas rolaram dos meus olhos quando me abaixei e toquei seu rosto frio com as pontas dos dedos.

— Jean... — chamei baixinho e chorei em silêncio.

— Senhora, por favor. Não toque nos corpos — advertiu um policial da perícia.

Corpos? É isso o que ele pensa que são? Apenas corpos? A raiva misturou-se com o pranto, rolando dolorido assim que a dura certeza me dominou. Eles estavam mortos... Mortos... Não conseguia juntar a figura maternal, dócil e gentil de Jeanete, que para mim foi como uma mãe, com o cadáver mutilado fitando o vazio do horror. Não era justo, não era justo...

Meus pulmões perderam a destreza, esqueceram os movimentos e não conseguiam puxar o ar. David também não respirava. Estendeu a mão para fechar os olhos do pai e depois os da mãe, ignorando os protestos do policial. O detetive se aproximou, com a intenção de nos afastar, mas desistiu ao nos encarar. O pior tipo de desesperança que existe estava diante dele, capaz de abalar até o mais duro dos homens.

Então, como eu não via há muito tempo, David pôs as mãos no rosto. E chorou pesadamente.

Bristol — Inglaterra — Início de Dezembro

— *O Senhor é o meu pastor, nada me falta./ Ele me faz descansar em verdes prados, a águas tranquilas me conduz./ Restaura minhas forças, guia-me pelo caminho certo, por amor do Seu nome./...*

Assim como nossos corações, o céu sobre Bristol estava nublado, pesado. A grossa garoa de outono e a neblina grudavam na pele. Enquanto ouvia o sermão, minha alma se partia e um pedaço seria sepultado sob o solo do cemitério de St. Mary, indo juntar-se a tantas outras partes que deixei sob a terra em etapas anteriores da vida. Minha mente estava vazia como o tronco seco e oco da árvore próximo da sepultura. O vento que soprava por ele criava lamentos pelo ar, algo como um choro fino, semelhante aos que muitos ali derramavam. A natureza espelhava a perda mais que dolorosa para as pessoas que se aglomeravam ao redor dos caixões.

— *Se eu tiver de andar por vale escuro,/ não temerei mal nenhum,/pois comigo estás./ O teu bastão e teu cajado me dão segurança/...*

Muita gente estava presente. Algumas eu conhecia, como a mãe de Kate e vários vizinhos dos Carter. Robert e Clementine esperavam do lado de fora, na entrada do cemitério. Solo sagrado era proibido pelo Acordo. Eu havia telefonado para Cínthia, mas ela chorara tanto que Eric teve que pegar o telefone para saber dos detalhes.

— *Felicidade e graça vão me acompanhar/ todos os dias da minha vida/ e vou morar na Casa do Senhor/ por muitíssimos anos.*

O padre encerrava o sermão e David se aproximou dos caixões. Estendeu as mãos sobre eles, acariciando a madeira com carinho, e respirou profundamente. David envelhecera anos em apenas sete dias. O vento soprou mais forte, fazendo meu cabelo dançar diante dos olhos, e as pessoas se encolheram nos casacos. A garoa virava chuva e guarda-chuvas pretos se abriram como flores negras desabrochando em meio à tristeza que as alimentava.

— Num momento como este, não adianta pensar em um discurso — David falou com a voz emocionada, buscando meus olhos por um momento. Sustentei seu olhar. Dar-lhe forças era o mínimo que eu poderia fazer. — Nenhuma palavra parece ser suficiente para explicar,

para livrar o coração da dor, impedir que as lágrimas venham tão fortes quanto a saudade. Então, o que fazer? Como encontrar coragem e vontade para continuar adiante ao se perder algo tão valioso? Se minha mãe estivesse aqui, sei que ela diria: *'Ninguém pode ter tudo o que quer sempre'* — a voz tremeu levemente. — E ela falava a verdade, pois a presença deles é algo que quero... e não terei mais... — seus olhos estavam marejados, mas ele controlava a ânsia de chorar. — E agora, quando me deparo com essa realidade, quando preciso entender o que devo fazer para apoiar a mim e àqueles que amo, acabo descobrindo alento justamente naqueles que se vão, nas lições que deixaram, na verdade que professavam e que passaram adiante para seus filhos... — alisou a tampa do caixão com uma ternura dolorosa.

Meus olhos arderam e as lágrimas rolaram. Lutei para calar ao menos os soluços.

— Meus pais viveram de acordo com uma verdade: amar. Tiveram problemas, enfrentaram dificuldades, mas nunca deixaram de se amar e dividir esse sentimento com os filhos, com os amigos, com aqueles que se aproximaram. E apesar da tragédia, eles morreram no dia em que celebrariam os quarenta anos desse amor. No dia que foi o mais feliz de suas vidas — ele lutava para manter o timbre firme. — Sei que, de onde estiverem, essa era a lição que queriam que nós aprendêssemos: que o amor é a única coisa que realmente vale a pena, aquilo que move a existência, que nos faz caminhar entre as estrelas e a lua como heróis. Que o amor é a matéria-prima com que se moldam os sonhos, e sem sonhos a vida não passa de um caminho de pedras intransponíveis, tornando a felicidade algo inalcançável. É o amor que irá nos unir, mesmo no final de tudo. Por ele, e para ele, devemos dedicar o melhor de nós...

David olhou fixamente para mim. Georgiana soluçava ao meu lado.

— Meus pais foram as melhores pessoas que pude conhecer. Sinto-me honrado por ser filho deles — sorriu de tal maneira que meu coração parou de bater, angustiada, pelo tempo de uma respiração. Não pude conter um soluço rouco, baixo, e sua figura ficou nublada entre as lágrimas. — Sinto-me privilegiado por ter partilhado da sabedoria, do carinho, da dedicação e devoção deles. Se hoje sou

uma pessoa melhor, devo isso a eles. Se um dia meus filhos forem pessoas melhores do que eu, será porque parte dos meus pais sempre estará conosco. E dessa forma sei que Benjamin e Jeanete Carter alcançarão a imortalidade.

As palavras de David arrancaram palmas, e lágrimas foram derramadas quando os caixões baixaram às sepulturas. Ele estava ao meu lado, e segurei sua mão fria. Entrelaçou meus dedos nos seus com suavidade e retribuí o carinho. Ficamos assim, de mãos dadas durante o restante do funeral. Os coveiros recolheram as amarras de sustentação dos caixões e flores e bocados de terra foram jogados nas covas.

Chorei silenciosamente, a rosa branca que segurava escorregou sem esforço. Sentia-me abandonada, sozinha, traída pela vida e pela morte. O sentimento tomou tal vulto que me abracei a David, aspirando seu odor de colônia de pinho. Ele me envolveu nos braços fortes, beijando meus cabelos. Meu coração se acelerou e soluzei, desamparada.

— Estou aqui... — ele me garantiu em um sussurro que não seria ouvido pelos demais. — Estou aqui, sempre... Calma...

Alguns minutos se passaram e me recompus, soltando-o. Corei e respirei, buscando pelo ar. Fiquei com vergonha de agir como uma idiota, buscando apoio em quem eu deveria amparar. Ele apenas me olhou em silêncio, ainda segurando minha mão como se fosse uma extensão da sua. Quando as pessoas começaram a se retirar, fui em direção a Georgiana, que tremia. Abracei-a e saímos em silêncio. Georgiana segurava-se em mim e David vinha um pouco atrás.

No portão, Robert me abraçou e Clementine virou-se para David.

— Sinto muito por tudo — ela sussurrou. — Prometo que vamos pegá-los.

As evidências eram claras. Ben e Jeanete tiveram seu fim nas mãos de um vampiro. Não um mestiço, mas um vampiro. Após a saída da polícia, Clem, Robert e Josh fizeram a varredura da área e confirmaram os fatos. O rastro seguiu para *Kingsdown* e sumiu. David apenas acenou com a cabeça, pálido e abatido demais para falar agora que o serviço funerário estava acabado. A solidão e o vazio se estampavam em seu rosto.

— Professor Carter? — a mãe de Kate se aproximou. — Lamento por sua perda e Kate também — as lágrimas caíam dos olhos da mulher tão parecida com Jean. — Ela queria vir, mas os médicos não permitiram. Pediu-me que lhe dissesse que vai rezar por seus pais e pelo senhor.

Kate havia melhorado, mas não tinha autorização médica para deixar o repouso.

— Obrigada, Senhora Morgensen — ele tentava manter a voz normal. — Diga a Kate que ficarei bem e irei visitá-la logo. Que ela deve obedecer aos médicos e se cuidar, isso é uma ordem de seu chefe — sorriu devagar, despedindo-se dela.

Georgiana era a mais abalada. Sentada no banco do carro de David, não parava de chorar. Imóvel, olhando quadro a quadro daquele cenário, eu pensava: por quê? Por que Ben e Jean? Qual o sentido em matar duas pessoas totalmente alheias àquele mundo sobrenatural? Fome? Não, eles tiveram as gargantas estraçalhadas. Nenhum vampiro sedento faria aquilo, desperdiçar alimento daquela maneira. Além disso, David era um Megister. Não parecia lógico um ataque aos seus pais.

— Laura? — Robert chamou. — Você vai voltar conosco ou quer ficar com eles mais um pouco?

Olhei para Georgiana. As amigas do hospital ficariam com ela. Estava bem acompanhada. Encarei David. Ele era uma estátua sem expressão, enxergando o nada diante de si.

— David? — chamei.

Ele me olhou com olhos mortos. Senti o aperto na garganta.

— Quer que eu fique com você? — sugeri.

Percebi o conflito em Robert. Ele olhava de David para mim. Era óbvio que não desejava que eu ficasse sozinha com ele. Entretanto, não me interrompeu. David era meu amigo, acima de tudo, e era ao amigo que eu queria consolar. Era bom deixar aquilo claro para ambos.

Os olhos de David não recuperaram o brilho.

— Não, Laura, obrigado, eu... — engoliu a saliva —... Preciso ficar sozinho.

— Tem certeza?

— Tenho. Vai ser melhor assim.

Abracei-o, sentindo sua tensão, e entendi: David desejava ficar a sós para chorar. Após a demonstração de desespero na cena do crime, ele não havia vertido uma só lágrima em todo o velório e enterro, cuidando sozinho dos detalhes para o funeral. Georgiana ficara em choque e eu estivera com ela a maior parte do tempo. Admirei David por sua dedicação e coragem, e o amei por ter poupado a irmã de mais aquele sofrimento.

— Se precisar de alguma coisa, é só pedir — garanti a ele.

David balançou a cabeça e se afastou em direção a Georgiana. Entrei no carro de Robert. Clem estava com o dela. Ele deu a partida e eu pedi:

— Faz uma coisa para mim?

Minutos depois estava olhando a casa, lacrada pela polícia enquanto as investigações não fossem concluídas. O lar de Ben e Jeanete, um lugar de amor e alegria, estava vazio. Do mesmo jeito que meu coração. Não aguentei e chorei.

— Melhor irmos embora, isso não está fazendo bem para você — Robert secou minhas lágrimas com os dedos.

— Tudo bem — consegui dizer. — Só quero passar em casa antes, preciso pegar algumas coisas.

Minha casa me recebeu com um sopro gelado ao entrar, como se eu fosse uma estranha. A sala, os corredores, tudo era silêncio. Tão diferente de quando cheguei ali. Na cozinha, o bilhete ainda estava na geladeira: *“Deixei um suflê para você no forno, Jean.”*

A lágrima rolou pesada. Guardei o bilhete no bolso do casaco. Caminhei pelos cômodos e subi devagar as escadas. Meu quarto e o de Cínthia estavam arrumados e intocados, mas o sentimento era o de estar em uma casa abandonada ou habitada por fantasmas. Não sabia quando nem se voltaria para lá. Tinha a impressão de que um círculo se fechava ao meu redor e que as pessoas estivessem ameaçadas apenas por serem próximas a mim. Era um pensamento maluco, mas insistente. Suspirei e fui para o *closet*. A porta destruída pelos mestiços havia sido substituída por Josh, para não despertar a atenção caso Jean viesse ver como estava a casa em meu período

de ausência. Toquei a madeira e chorei. Ela nunca mais faria aquilo novamente...

Controlei os soluços e girei a maçaneta. E a surpresa me fez paralisar.

Os armários, o baú, as gavetas, estavam revirados. Havia peças de roupas, sapatos, e objetos pessoais espalhados por toda parte. Deixei meu transe e vasculhei tudo. Pude perceber que várias coisas sumiram. Coisas que eu usava! E apenas meu *closet* fora remexido. Continuei a examinar a situação quando encarei o espelho. Minha pele se arrepiou. Escrito com batom vermelho em sua superfície, destacava-se contra o meu reflexo as palavras: *Panaceia, João 11:12*.

Meus joelhos tremeram. Abaixo do espelho, em cima da banquetta, repousava a Bíblia de minha avó. Sobre ela um cravo vermelho, já meio murcho, um par de brincos de pérolas e uma gravata azul. Eram os brincos de Jean e a gravata de Ben, eu os reconhecia. Foram arrumados com precisão. Forcei as pernas e me aproximei. Abri a Bíblia com mãos trêmulas em João 11:12.

“Dito isso exclamou com voz forte: ‘Lázaro, vem para fora!’. O que estivera morto saiu, com as mãos e os pés amarrados com faixas e um pano em volta do rosto. Jesus então lhes disse:

‘Desamarrai-o e deixai-o ir’”.

A ressurreição de Lázaro!

Segurei o cravo vermelho. O símbolo da Ordem. Engoli a saliva pegajosa. Lázaro. Lázarus!

“Esse é o nome pelo qual é conhecido desde a Idade Média, mas ele já teve outros antes, muitos deles. Essa história é mais antiga do que eu e provavelmente até mais que Jamal...” A voz de Solomon preenchia o ar ao redor.

Avelar sabia! A verdade inundou minha mente num jato. De alguma maneira, o Mathesis sabia sobre mim, sobre o que aconteceu. Sentei-me na banquetta, as pernas bambas. Olhei para os brincos e a gravata, o cravo e a Bíblia. Afugentei o torpor e obriguei a memória a buscar os fatos anteriores. O que aconteceu após minha conversão? Kate e a estranha premonição do meu ataque, as palavras que ela

dissera, os mestiços que invadiram minha casa sem motivo aparente. Eles não pareciam interessados em me matar, apenas checar...

Checar se eu ainda era vampira!

Ben e Jean... Aquilo não foi mesmo um acaso. Agora estava claro! Eles foram escolhidos para me avisar. Avelar sabia sobre o mito. As palavras no espelho comprovaram. A Ordem devia possuir tantos documentos e textos quanto Carlo, Solomon ou Jamal. Avelar queria a mim, a fonte da cura de todos os males, e para conseguir mostrou estar disposto a qualquer coisa. Até matar aqueles que eu amava. Meu estômago se contraiu como se tivesse levado um soco.

Lembrei-me de Robert esperando no carro. Ele viria atrás de mim se eu me demorasse, veria aquilo e tiraria as mesmas conclusões, eu tinha certeza. Alertaria os demais. Todos acabariam em perigo apenas para me defender. Não podia permitir que isso acontecesse. Uma guerra direta e aberta traria consequências desastrosas. Avelar tinha muitos aliados, havia o Acordo, e o clã seria forçado a quebrá-lo. E se o fizessem... A Ordem poderia eliminá-los... O recado estava claro. Apertei a gravata e os brincos nas mãos e meus olhos se encheram de lágrimas.

Ah, Jean, Ben, perdoem-me. Se algum dia puderem, perdoem-me.

Avelar fizera o *convite*: ou eu me entregava ou a chacina iria continuar. David, Georgiana, Cínthia, Robert, Clem, todos eram alvos. Minha presença colocava suas vidas em risco. Levantei-me da banquetta e limpei o espelho com força. Peguei algumas roupas a esmo e enfiei na mochila, para não levantar as suspeitas de Robert. Joguei o cravo na privada e dei descarga. Guardei os brincos e a gravata comigo.

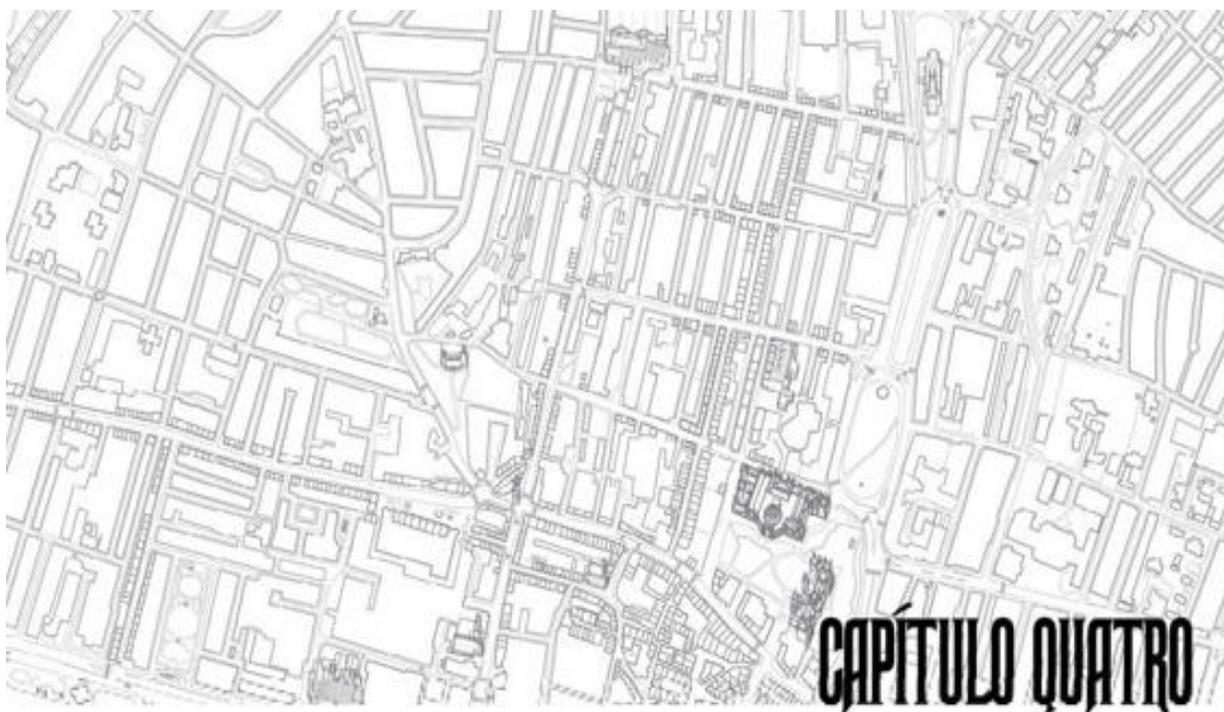
Voltei mais calma para o carro, a resolução se formando em minha cabeça. Uma determinação nascendo.

— Tudo bem? Você parece cansada — Robert passou a mão em meu cabelo.

— Estou, foi um dia muito difícil — suspirei, mas mantive-me firme.

— Vamos. Vou levá-la para descansar, amor.

Acelerou o carro. Pelo retrovisor a casa se afastava, sumindo do meu campo de visão. Sabia o que precisava fazer. E chorei...



Livro Três – Capítulo Quatro

Bristol — Inglaterra — Dezembro

Leona e mais dois membros de seu clã, Artur e Varínia, chegaram a pedido de Clementine. Ficariam com os Fevré por um tempo. Colocados a par dos fatos recentes, Leona comentou:

— Clementine, ao que tudo indica, o grupo de nômades voltou a agir em seu território. Se permitirmos que continuem com essa desordem, poderão se animar e avançar para outras áreas, e isso não será bom. Outro Conselho não será bem-vindo para resolver a questão. Podemos ficar e ajudar.

Era um reforço muito bom. Clem tivera que fazer alguns ajustes com o clã nórdico. Eles se alimentavam de sangue humano, embora não matassem suas presas, mas não poderiam fazer aquilo em território dos Fevré. Após uma breve conversa, ficou decidido que usariam o soro de Carlo e caçariam nas florestas da região. Seria uma situação temporária. *Logo não haverá mais motivos para se*

preocuparem. Uma pontada de dor me atingia ao pensar sobre aquilo.

A princípio, Leona me olhava com curiosidade. Quando nos vimos pela última vez as coisas eram diferentes, mas não dei explicações, nem ela as pediu. Clem se encarregaria daquilo se fosse necessário. Mantive minha rotina de trabalho e insisti para dirigir meu carro. Robert não queria concordar, mas o convenci do contrário. À noite, as rondas foram intensificadas, mas um deles sempre ficava comigo. Na maior parte das vezes era Robert, o que atrapalhava meus planos. Adorava ficar a sós com ele, em paz, amava cada minuto por saber que poderia ser o último, mas precisava que ele ficasse longe. Só não sabia como conseguiria aquilo.

Numa tarde em que voltei para a mansão, Robert me deu a chance que eu tanto esperava e temia.

— Artur e Varínia tiveram que ir para casa. Garret os chamou — ele contou.

Senti o estômago revirar.

— Problemas? — perguntei sem me alterar.

— Ao que parece, andaram tendo alguns desentendimentos com os Leviatãs — Robert completou. — A fronteira entre os territórios deles é muito tênue.

A misteriosa raça de vampiros puros albinos. Lembrei-me do Concílio e do olhar de cobiça de Amos, seu líder.

— E quando eles voltam? — forcei a mente para os fatos que me interessariam.

— Em dois dias, talvez três. Até lá, irei com os outros na vigília. Leona pediu para fazer companhia a você. Ela não se sente à vontade para sair sem seu clã.

Dois dias! Meu prazo final. O pânico se formou, mas controlei meus batimentos cardíacos com força para não alertar Robert. Seria agora ou não teria outra chance.

Mais tarde, antes de deixar a casa, Robert me deu um beijo demorado. Na verdade, demorado por minha causa, pois queria aproveitar cada minuto precioso. Precisava daquilo e me agarrei a ele.

— Uau! Você quase tirou meu fôlego! — ele riu.

Memorizei cada traço daquela risada e acariciei seu rosto.

— Eu te amo. Nunca se esqueça disso — falei com a voz emocionada, mas controlada.

— Te amo também — deu-me outro beijo rápido e se foi.

Leona e eu ficamos na sala, em silêncio. Fingia ler um livro para evitar conversas. Então, talvez por se sentir pouco à vontade, ela sugeriu:

— Acho que vou verificar o perímetro da casa. É mais útil do que ficar parada aqui. Você se importa, Laura?

— Não. Pode ir, ficarei bem — retornei os olhos para o livro.

Leona sumiu. Esperei alguns minutos angustiantes. *É agora!*

Peguei a mochila em meu quarto e segui pelo corredor até o laboratório de Carlo. Passei pelo recipiente onde repousava o corpo do Lázarus, mas não lhe dei atenção. Os vidros coloridos estavam dispostos em ordem pelas prateleiras. Não podia perder tempo. Separei os itens de que precisaria de maneira que Carlo não percebesse de imediato a sua falta. Voltei para o quarto e embrulhei com cuidado a espada retrátil e as adagas, colocando-as em outra mochila. Levei-as para o carro e escondi no porta-malas.

Feito aquilo, minha próxima parada foi a sala de Josh. Os computadores, ligados durante vinte e quatro horas por dia, eram conectados em rede. Ao deixar a sala, sentia-me um fantasma caminhando pelos corredores de *Leigh Woods*. Fui para o quarto e me deitei, tensa demais para dormir. *Deus, dê-me forças e coragem para enfrentar isso...* Já era madrugada alta quando peguei no sono.

Dois dias depois, Edith apareceu pela manhã em minha sala no museu.

— Com licença, Sra. Vargas. A Srta. Fevré irá a uma reunião com o prefeito e não tem hora para voltar. Ela me pediu para avisá-la que se precisar de algo basta me pedir.

Suspirei mentalmente.

— Obrigada, Edith. Talvez eu saia para resolver algumas coisas antes do almoço e, se der tempo, volto ainda hoje.

Ela acenou com a cabeça e se retirou. Duas horas depois, um entregador apareceu.

— Sra. Vargas? — ele perguntou. — Assine aqui, por favor.

Dei um rabisco rápido. Fiquei sozinha com o envelope estufado a minha frente. Abri devagar e olhei. Estava tudo lá. Senti o frio correr pela minha espinha. Não havia mais volta.

Isso é só o começo...

Forrest me cumprimentou na saída.

— Vai almoçar fora, Sra. Vargas? — disse sorridente.

— Sim, Forrest. Vou respirar os últimos ares do outono — tentei parecer animada.

Segui para o estacionamento. O carro virou a esquina, e o museu desapareceu pelo retrovisor.



Ouvi o barulho do carro que chegava. Não era o de Laura.

— Clem, onde está Laura?

Ela me olhou com estranheza.

— Pensei que ela estivesse aqui, Robert — respondeu.

— Não, ainda não chegou. Achei que estivesse com você no museu — minha aflição começou a ser palpável.

— Fiquei fora quase o dia todo. Tive uma reunião insuportável com o prefeito e vim direto para cá. Mande Edith avisar Laura.

Alguma coisa estava errada. A voz dentro de mim não cansava de repetir.

— Ligou para o museu? — Clem falou enquanto entrávamos.

— Sim, o guarda da noite disse que todos já se foram. Também tentei o celular, mas está fora de área.

— Talvez ela tenha ido ver Georgiana ou David — Clem voou para o telefone.

Discou rapidamente o número do celular de Laura. Uma, duas, três, quatro vezes e nada. Depois fez outra ligação.

— *Simons falando* — a voz do outro lado era audível.

— Simons, aqui é a Srta. Fevré. Por acaso tem alguma notícia sobre a Sra. Vargas?

Ouvi o diálogo rápido entre os dois. Era o mesmo que escutara antes. Quando desligou, havia uma ruga entre os olhos de Clem.

— Chame os outros — ela falou.



Fiquei esperando na esquina, junto com Clementine, quando o *Kia Carnival* estacionou em uma rua de *Kingsdown*. No instante em que a porta se abriu, eu estava ao lado dele.

— David — vi sua cara de espanto.

— Robert? — ele olhou para Clem em seguida. — O que aconteceu? O que fazem aqui?

Apertei os dedos das mãos, lutando contra o ciúme, contra o impulso que sentia em avançar sobre David. Por mais que eu soubesse que Laura me amava e tinha me escolhido, eu não era cego. Sabia reconhecer os sinais de um homem que continuava apaixonado e que se mostrava disposto a lutar pelo que queria: a minha mulher.

— Você sabe alguma coisa da Laura? — odiei ter que perguntar a ele.

Seu rosto passou do espanto para a preocupação.

— Ela não está com vocês? — o tom era assustado.

Aquilo me apavorou. Clem deu um passo à frente, notando a minha tensão. Ela sempre percebia aqueles detalhes.

— Ela foi para o museu pela manhã. Passei o dia fora e quando voltei para casa, Robert me avisou que não conseguia encontrá-la. Já tentamos o celular e ela não atende, ligamos para Kate, mas a senhora Morgensen disse que não vê Laura desde o enterro — falou a frase com mais delicadeza no final. — Pensamos que poderia ter vindo visitar você ou sua irmã.

— Não, não veio. Acabei de sair da casa de Georgiana e ela não apareceu por lá — David estava pálido, a voz temerosa. — Mas onde ela pode ter ido?

— É o que precisamos saber — senti meu desespero crescer. — Os outros estão percorrendo a cidade para procurá-la. Achamos que

conseguiríamos alguma informação com você.

Laura, onde você está? Por favor, meu Deus, não permita que...

O celular de Clem vibrou.

— Josh? E então?

Ouvi as palavras rápidas do outro lado da linha e meu coração, se batesse, teria parado. Apoiei-me no poste. David viu meu gesto e empalideceu.

— Estamos indo — ela desligou. Seu olhar também era de aflição.

— O que foi? — David perguntou. — Ele achou algo? O que aconteceu, Clementine?

Ela virou os olhos vermelhos para David.

— Melhor vir conosco — sussurrou.



A confusão dos carros de polícia era imensa e moradores estavam nas ruas, assustados demais. De longe, pude sentir o cheiro da fumaça. Mangueiras pulavam dos hidrantes e os bombeiros lutavam para fazer as chamas cederem. Clem e David estacionaram os carros antes da faixa de isolamento.

— Não vão nos deixar passar — David falou assim que saltou do veículo.

— Não precisamos da permissão deles para isso — respondi.

— David, tente descobrir algo com a polícia e os bombeiros. Nós vamos fazer do nosso jeito — Clementine falou.

Procurei pelos outros. Josh estava num telhado próximo, disfarçado pelas sombras. Nós o alcançamos e olhei as chamas que consumiam a casa de Laura. O pânico tomou conta de mim.

— Josh, o que aconteceu? — Clem perguntou.

— Eu... Estava procurando algum rastro de Laura, qualquer coisa. Então pensei que talvez tivesse vindo até a casa — Josh explicou, assustado. — Quando entrei em *Southville*, ouvi a frequência do rádio da polícia alertar sobre o incêndio e onde era. Encontrei a casa do jeito que estão vendo.

— Mas ela... estava lá dentro? — minha voz era um fiapo.

Ele negou com a cabeça.

— Não há nenhum corpo. Eu mesmo chequei. Embora não consiga saber o que provocou isso. Laura não estava lá, Rob.

Não me contente com a explicação.

— Mas e se a fumaça confundiu você? E se camuflou o cheiro? E se...

— Robert — Clem me interrompeu. — Se Josh disse que não havia ninguém lá, acredite...

— Não! — gritei. — Preciso ver — saí em disparada.

Num instante estava em meio às chamas, onde os bombeiros humanos não poderiam chegar. O calor do fogo era apenas uma coceira leve na pele enquanto consumia meu casaco. Meus olhos varreram os cômodos, procurando qualquer sinal. Não encontrei nada na parte inferior. No andar superior tudo estava desabando, mas não me importei. Continuei minha busca. O cheiro da fumaça estava misturado com gasolina e algum tipo de ácido.

Nisso algo explodiu próximo a mim e o forro veio abaixo. Saltei para o lado, evitando as vigas em chamas, e o braço de Clem agarrou o meu com força.

— Vamos sair daqui, seu maluco! — ela praguejava.

Em segundos estávamos do lado de fora, no telhado junto com Josh e os outros, que haviam chegado. Minhas roupas estavam quase destruídas e eles olhavam de mim para a casa. Leona e seus amigos estavam perturbados com a nossa preocupação. Ficamos em total silêncio e imóveis por instantes. O telhado em chamas ruiu de vez e uma parede tombou. Os bombeiros gritavam e chamavam reforços pelo rádio. O fogo atingia proporções estranhas, consumindo totalmente o que antes havia sido a bela casa de Laura em *Southville*. Minha memória revia todos os momentos que passei com ela ali: o tapete de rosas, as conversas animadas com Cínthia e Jeanete, o início de namoro e as noites de amor no quarto, agora destruído. Desabei o corpo sobre o telhado. O que aconteceu? Por quê? Minha mente ficava perguntando. Onde ela está?

— Melhor falarmos com David — Clem sugeriu, cobrindo-me com o casaco de Josh. — Ele pode saber de algo. Vamos.

David falava com um detetive da polícia. A distância, percebeu nossa presença e veio ao nosso encontro.

— Os bombeiros receberam o chamado por volta das dezenove horas. Uma vizinha percebeu fumaça saindo pelas janelas — David contava. — Quando chegaram, o fogo já havia se espalhado rápido. Segundo uma perícia preliminar, eles acham que foi intencional.

— Intencional? — falei. — Alguém colocou fogo aqui de propósito?

— É o que os bombeiros disseram. Claro que precisarão confirmar isso por meio de laudos periciais mais completos, mas é a primeira hipótese — David falava e passava a mão nos cabelos, nervoso. — Vocês... acharam alguma coisa lá dentro? — perguntou assustado.

— Não — Clem confirmou. — Ela não estava lá. Não sei o que pode ter causado isso, mas Laura não estava na casa durante o incêndio.

Eu não tinha palavras. Minha cabeça se recusava a pensar.

— O que vocês conseguiram? — Clementine perguntava aos demais.

— Na verdade nada — a voz de Carlo tinha o tom de desânimo. — Laura agora é uma completa contradição para nós. Numa busca por rastros, o cheiro é a nossa melhor arma, e o dela pode ser qualquer um. Mesmo que não quisesse disfarçar de propósito, bastaria uma leve mudança de humor e o resultado seria esse.

Observei os olhares assustados e curiosos de Leona e dos membros de seu clã.

— Vamos continuar a procurar. Ela tem de estar em algum lugar! Sei que tem! — falei desesperado.

Vi o olhar que eles me lançaram. Dor e dúvida estavam neles, claros em seus semblantes.

— O que foi? — perguntei. — Acham que não há esperança? Pois se pensam assim, tudo bem, eu vou sozinho! Mas não desistirei de procurar por ela, nunca!

Por alguns segundos o silêncio foi angustiante.

— Eu ajudo você — David falou, sua voz se elevando. — Também não pretendo desistir. De forma alguma. Eu preciso encontrá-la...

Olhei para ele; seus olhos não fugiram dos meus. Engoli em seco a verdade estampada ali, fazendo minha raiva se revirar sobre si.

Busquei o ar para aplacar os sentimentos revoltosos. David não desistiria tão facilmente. Assim como eu. Apesar de saber o que ele sentia por ela, naquele momento, diante da situação, eu poderia deixar nossas diferenças para serem discutidas depois. Sua ajuda seria valiosa.

— Muito bem — Clementine falou, olhando a todos. — Vamos procurar. Ninguém aqui vai desistir, Robert. Laura é da nossa família. O que quer que tenha acontecido, iremos descobrir.

Rapidamente os demais deslizaram pelos telhados, iniciando a caçada que talvez entrasse pela noite. Encarei David. Ele deu-me as costas e entrou em seu carro, engatando a ré e depois acelerando pela rua. Olhei as chamas do incêndio outra vez, e saltei para as sombras.



— E foi isso o que ela me disse, Srta. Fevré — Forrest reconstituiu sua conversa do dia anterior com Laura.

Clem balançou a cabeça.

— E você não notou algo de estranho com ela, Forrest? Se estava abatida, diferente?

O sujeito atarracado e de cabelos ralos pensou um pouco e deu de ombros.

— Na verdade, não. Ela parecia normal. Cumprimentou-me do mesmo jeito de sempre. Só estranhei o fato de ela não ter voltado antes do meu turno acabar. Mas, como sempre faz trabalhos externos, aquilo não me preocupou.

Clementine ficou quieta.

— Srta. Fevré, há alguma coisa errada com a Sra. Vargas? Eu vi as manchetes sobre o incêndio — ele quis saber. — Ela está bem, não está?

— Está tudo bem, Forrest — Clem disfarçou. — Diga-me uma coisa: alguém veio procurá-la ontem durante o expediente?

Ele pensou um pouco.

— Houve apenas um entregador, desses com cara de *punk*, que perguntou por ela — falou. — Indiquei a sala e ele entrou e saiu rápido.

— Lembra-se qual era a empresa? — eu mesmo perguntei.

Forrest me olhou.

— De cabeça não, senhor Fevré, mas posso verificar nos registros de visitantes.

— Faça isso então, Forrest, e me informe — Clem disse, aproximando-se dele. Olhou-o intensamente e o vigia empalideceu, os olhos ficando dispersos. — E quando conseguir o que precisamos, esqueça essa nossa conversa, ok? Pode ir agora.

Assim que ele saiu, cambaleante, nossos olhares se cruzaram.

— Há uma maneira de saber — levantou-se.

Vasculhamos a sala de Laura: correspondências, documentos, tudo. Não havia nada de anormal que justificasse seu desaparecimento. *O que quer que ela tenha recebido desse mensageiro, não ficou nessa sala.*

Ao voltarmos para o escritório de Clementine, o ramal interno tocou. Era Forrest.

— Sim, Forrest. Sei — ela anotava algo num papel. — Muito bem, obrigada — desligou.

Era um entregador particular.

— Não é uma empresa, mas podemos rastreá-lo pelo número do registro de trabalho — ela pegou o celular e fez a discagem. — Josh? Tenho uma coisinha para você.

Cerca de quinze minutos depois Josh ligou. Clementine rabiscou os dados num papel.

— Vamos — falou.

O endereço ficava em *Redland*. Ninguém atendeu a campainha do apartamento e esperamos. Cerca de uma hora depois, uma moto apareceu. Um sujeito mediano, cabelo espetado, com brincos e *piercings* no nariz e sobrancelha, usando calças de couro pretas e um casaco longo, estacionou. Antes que ele pudesse desligar o motor, Clem e eu o cercamos.

— Sr. Sidney? — ela chamou.

Ele olhou assustado, provavelmente por não saber de onde viemos.

— Sou eu sim — olhava de mim para Clem. — O que vocês querem? Se forem do imposto de renda, minha licença está em ordem e meus impostos também.

— Não somos do imposto de renda — ela continuou. — Trabalho no Museu de Arte e ontem o senhor fez uma entrega lá para uma funcionária: Laura Vargas. Lembra-se?

Ele franziu um pouco a testa e olhou para cima.

— Vargas, Vargas... Ah, sim! A gostosona de cabelos castanhos. Que mulher! Gostaria de voltar lá mais vezes.

Controle-se. Eu dizia a mim mesmo ou partiria o pescoço dele. Clem olhava para minhas mãos fechadas.

— Sr. Sidney...

— Pode me chamar de Neil, moça — ele ofereceu.

— Certo, Neil — Clem sorriu. — Poderia me dizer o que entregou a ela ontem?

— Hummm — ele parecia cauteloso. — Isso é confidencial, pode atrapalhar meu trabalho se alguma coisa vazar por aí, sabe como é? É meu ganha-pão.

— Entendo — uma nota de cem libras apareceu na mão de Clementine. — Mas acredito que para tudo sempre há uma compensação — entregou a ele.

A ganância falou mais alto que o profissionalismo de Neil. Furtivamente pegou o dinheiro e sacou uma prancheta de sua mochila surrada.

— Muito bem, vamos ver... — enquanto procurava, meus nervos explodiam. — Aqui — apontou o dedo: — *Laura Vargas, Museu de Arte, feita às onze horas e trinta e dois minutos. Conteúdo sigiloso* — continuou. — Não dá para saber o que tinha dentro.

— Sabe, pelo menos, de onde veio? — Clem questionou.

Ele olhou de novo.

— Embaixada Brasileira em Londres — respondeu.

Clem trocou de olhar comigo. Embaixada Brasileira? O que Laura precisava de lá?

— Isso é tudo o que tenho, moça — Neil concluiu.

Clementine retirou os óculos escuros e encarou Neil. Assim como Forrest, ele empalideceu. Por alguns segundos ficou parado, os olhos perdidos.

— É mesmo tudo o que sabe, Neil? — ela perguntou com a voz sedutora.

A boca do rapaz se abriu, mas nenhum som saiu. Clementine torceu os lábios, em desgosto. Se ele soubesse de algo mais e estivesse nos escondendo, teria confessado ali mesmo. Clementine só empregava aquele recurso em último caso ou em situações desesperadas. Como a nossa.

Por fim, ela o libertou. Ele piscou e estremeceu, encarando-nos como se acabasse de acordar.

— Muito bem — Clementine passou-lhe um cartão. — Se por acaso se lembrar de algo mais, me avise, ok?

Ele olhou o cartão, aparentemente refeito da hipnose.

— Com certeza, moça. E não deixe de recomendar meu trabalho — deu uma piscadela.

Voltamos para o carro.

— O que ela poderia querer com a embaixada? — minha cabeça tentava juntar as peças.

— Vamos descobrir — acelerou.



Estávamos na sala, observando. Josh manipulava o teclado com rapidez. Para conseguir informações em embaixadas do mundo todo ninguém era melhor do que ele. Ir pessoalmente não resolveria. Após alguns minutos, ele encostou-se a cadeira.

— Droga! — resmungou.

— O que foi? — perguntei.

— Tem certeza de que era da Embaixada Brasileira, Robert? — ele questionou.

— Nós vimos os registros, Josh — respondi. — Por quê?

— Porque não consta nada no nome de Laura na sede da Embaixada em Londres. Aliás, não consta nada sobre Laura em parte

alguma.

— Como é que é? — olhei o computador incrédulo.

— É o que estou dizendo. Já verifiquei várias vezes — ele falou. — Não há informações sobre Laura Elizabeth Benson Vargas em parte alguma do território britânico: registro de carteira de motorista, identidade, passaporte; nem consta que veio para Bristol anos atrás.

— Mas como?... O que quer dizer? — Clem perguntou.

— Está tudo aqui. Aliás, não está! — Josh apontou. — Nem a casa que queimou está em nome dela. Consta como pertencente a Elizabeth Marie Benson, cadastrada como espólio governamental por falta de herdeiros. E tem mais. Veja isso, Clem.

Ela olhou para a tela e eu também.

— Esta é a lista de segurados dos funcionários do museu — correu os dedos pelo monitor. — O nome de Laura não consta dela. Pelo que vejo aqui, nunca constou. É como se ela não existisse.

Naquele momento, o telefone tocou ao nosso lado.

— Alô? — Clem atendeu. Uma chuva de palavras escapou do fone em segundos. — Calma, Eric, um momento. Vou colocá-lo no viva-voz — apertou o botão. — Pode falar. Estamos aqui.

Clem trocou um olhar com Carlo e Morgana se aproximou.

— *Bem, é o seguinte. Cínthia recebeu um envelope hoje — ele dizia. — Veio da Embaixada Brasileira na Holanda. Tem alguma coisa errada com ele.*

— E o que é, Eric? — perguntei, intrigado.

— *Documentos: identidade, carteira de motorista, certidão de nascimento, títulos de propriedade, tudo o que puderem imaginar — continuou. — Todos eles no nome de Cínthia, mas com sobrenomes diferentes.*

— Diferentes? Como assim? — Clem perguntou.

— *Cínthia me disse que é o sobrenome de solteira da mãe. Antes de se casar, ela assinava Laura Elizabeth Benson — ele explicava devagar. — E também tem o sobrenome de solteira da avó brasileira: Marques. Os documentos vieram como sendo de Cínthia Maria Benson Marques. E tem mais: os dados da universidade, até mesmo a matrícula, foram modificados.*

Josh olhou para nós e imediatamente começou a mexer no teclado.

— *Clem? O que está acontecendo?* — Eric perguntava.

Ela tirou do viva-voz e pegou o telefone, explicando para Eric sobre o desaparecimento de Laura. Josh olhava apenas para a tela. Clicou numa barra e todo um conjunto de símbolos apareceu.

— Mas é claro! — ele falou alto. — Só podia ser isso! Como ela conseguiu?

— O quê? — eu queria saber. — O que foi que ela fez? — já não tinha mais dúvidas de que Laura fizera algo depois da ligação de Eric.

Josh virou a tela para mim. Olhei-a sem entender.

— Laura fez um *Black hole*, criou um buraco negro. Usou os meus programas para entrar no sistema da Embaixada Brasileira e conseguir nova documentação para ela e Cínthia — ele parecia pasmo. — Ela deletou os próprios dados do sistema internacional para ficar invisível e não ser rastreada. Com certeza o pacote que recebeu no museu continha esses documentos. E enviou outro para Cínthia.

— Mas... — tentei engolir. — Por que ela fazia isso? Com que propósito?

— Eu... Não sei, Rob — Josh estava visivelmente constrangido. Seus olhos procuravam apoio nos demais. — Ela destruiu os dados do disco rígido dos computadores para impedir o acesso. Laura arquitetou a própria fuga... Ela fugiu...

Fugiu? Laura fugiu? Não, ela não faria isso! Ela não me deixaria assim, não ela, não depois de tudo. Apoiei meu peso na beirada da mesa e uma dor angustiante tomou conta do meu peito inerte. O vazio se formou, como se uma parte de mim — um membro amputado que continuamos a sentir depois de arrancado — estivesse latejando. Era insuportável e doloroso. Não havia alívio para aquela agonia.

Ninguém falava nada. Clementine tinha o olhar perdido também.

— Agora sabemos o que aconteceu — ela disse devagar, rompendo o silêncio. Sua voz era triste. — Laura não foi atacada nem está machucada... ou morta. Ela foi embora... Desapareceu e deixou claro que não quer ser encontrada.

Demorei um tempo absorvendo o que dizia e levantei a cabeça, olhando-a com raiva.

— Então é isso? — meu tom era indignado. — Ela vai embora e tudo bem? A vida vai continuar como se nada tivesse acontecido, nem para mim nem para vocês? — encarei cada um deles, os músculos contraídos. Depois a olhei novamente. — É isso, Clem?

— Robert, o que quer que façamos? — Clementine tinha uma postura voluntariosa e determinada. — Ela se foi! Tomou uma decisão e seguiu adiante — sua voz era dura. — Foi a vontade dela, não a nossa.

— E por que ela teria feito isso, hein? Por quê? — as palavras eram lamentos que eu despejava para fora de mim. — Meu Deus, Clem, você nem se deu ao trabalho de querer pensar nisso? — estava gritando, descontrolado. — Deve haver alguma razão muito forte. Qualquer coisa, mas tem de haver! Eu não posso... Não posso acreditar que ela simplesmente... — minha voz morreu.

A mão de Clem tocou meu ombro e a retirei com força.

Então corri. Tinha de sair dali, desaparecer. A chuva me molhava, mas não me importei. Avancei pela floresta do parque, rasgando o vento que soprava contra mim. O tempo perdeu o significado, dia e noite poderiam surgir juntos no céu. Eu correria o planeta se fosse preciso para aplacar aquela dor, mesmo sabendo que ela estaria comigo onde quer que fosse. E correr foi o que fiz, pela escuridão.

Quando dei por mim, quando finalmente parei, estava em Salisbury. O céu era nublado e a chuva não demorou a chegar ali também. Caí de joelhos diante do altar do círculo de pedras de Stonehenge. O temporal se intensificou e uma cortina de água me envolveu, separando-me do resto do mundo. O tremor se apossou do meu corpo enquanto os soluços que eu tentava conter vinham à tona. Meu peito doía; não a dor física, mas a dor da alma. Uma chaga latejante se abria, dilacerava e consumia os sentidos. Ela sangrava e a intensidade da sua força minava meu ser. Olhei para cima e a tempestade lavou meu rosto. Os séculos pesaram sobre mim e me senti como as pedras do círculo ao redor, com a solidão da eternidade imutável me envolvendo. Um trovão rugiu sobre a minha cabeça.

— Laura! — gritei para o vazio da noite.

E as lágrimas vermelhas caíram dos meus olhos, se dissolvendo entre as gotas da chuva.

Aeroporto de Guarulhos — São Paulo — Dezembro

Desembarquei e segui pelo corredor até o balcão da Polícia Federal. Uma policial pegou meu passaporte e verificou os dados. Enquanto virava as páginas, seus olhos atentos iam de mim para a foto no documento. Lia todos os registros, os carimbos e vistos dos últimos dois anos: Irlanda, Escócia, França, Itália, Inglaterra. Olhou novamente para a foto do passaporte. Tirei os óculos escuros para que visse o azul dos meus olhos. Ela pareceu se convencer e carimbou o documento, me devolvendo.

— Seja bem-vinda de volta, Srta. Costa — deu um sorriso breve.

— Obrigada — deixei o setor.

Andei pelo saguão principal, com seu piso impecavelmente lustrado. Desci a escada rolante e me dirigi ao terminal de táxis. Levava apenas duas mochilas como bagagem de mão. Imediatamente um deles se prontificou:

— Táxi, moça? — ofereceu.

— Sim, por favor — respondi e entrei no banco de trás.

— Para onde vai, moça?

— Bela Vista — informei o endereço e me encostei ao assento. Seria um longo trajeto, pelo menos vinte e cinco quilômetros.

Deixamos o aeroporto e pegamos a Rodovia Presidente Dutra.

Observei os restaurantes, empresas, indústrias, expostos na marginal da Dutra. Procurava por qualquer tipo de distração, algo que não me fizesse pensar muito, mas então me deparei com meu reflexo no espelho retrovisor do motorista. O rosto de uma mulher que não existia me encarou. Seus olhos azuis estavam marejados de lágrimas num semblante pálido, de cabelos curtos e loiros. Anoitecia e o aperto no meu coração ficava maior.

O motorista ligou o rádio e uma música familiar tocou. Uma das muitas que eu tinha para lembrar, quando tudo que mais precisava era esquecer. Fora ontem que dancei aquela mesma música numa festa de Natal nos braços do homem que eu amava?

Não haveria mais outro Natal como aquele.

Aquele tivera Ben e sua roupa de Papai Noel, Jeanete e sua voz bondosa ao afagar meu rosto, Cínthia e sua animação de adolescente. Aquele Natal tivera David e seu gorro natalino, e também Georgiana... E houve uma festa de funcionários onde um *Chevalier* sem armadura me pediu a honra de uma dança.

Agora tudo era passado. A mulher que viveu aquilo não poderia mais aparecer. Ela deixou de existir num dia de outono inglês, quando saiu do Museu de Arte de Bristol. *Lembro-me bem*. Forrest me cumprimentou na saída.



— Vai almoçar fora hoje, Sra. Vargas? — Forrest dizia, sorridente.

— Sim, Forrest. Vou respirar os últimos ares do outono — tentei parecer animada.

Segui para o estacionamento. O carro virou a esquina, e o museu desapareceu pelo retrovisor. Suspirei e acelerei além do normal. Minhas horas estavam contadas e cada minuto era precioso. A primeira parada foi *Southville*. A casa estava fechada, e a vizinhança, quieta. Desci rapidamente, levando tudo o que precisava. Dentro da casa fui de cômodo em cômodo empilhando móveis, roupas, papéis, o que eu pudesse encontrar. Peguei o galão de gasolina e a espalhei nos montes.

Depois, com cuidado, retirei da mochila o vidro de ácido inflamável que Carlo havia criado. Numa de suas demonstrações, vi como ele agia lentamente sobre um pavio, queimando em proporção de quinze centímetros a cada meia hora. Calculei a quantidade de pavio para cada cômodo, ajustei-os posicionando uma ponta sob cada monte e todas as extremidades opostas na sala — que permanecia intacta — como uma teia de aranha. Pinguei delicadamente o ácido onde as

pontas convergiam. Ele acendeu. A chama azul inodora seguiu seu caminho, espalhando-se e dividindo-se.

Deixei a casa sem chamar a atenção e dirigi para o Aeroporto de Bristol, pela Rodovia A38. Ao me aproximar de *Lulsgate Botton*, estacionei numa rua com pouco movimento. Abri o porta-luvas e peguei a tesoura. Com movimentos rápidos, cortei os cabelos aqui e ali, com cuidado para não esquecer vestígios no carro, deixando-os curtos e repicados. Abri a mochila e troquei de roupa ali mesmo, vestindo uma calça *jeans* surrada, camiseta, jaqueta e um par de botas de couro. Rasguei o envelope lubrificado com as lentes de contato e delicadamente as coloquei. Olhei-me no retrovisor: uma estranha mulher de olhos azuis me encarava. Mas ainda faltava um detalhe.

— Em que posso ajudar? — a cabeleireira gentil se ofereceu assim que entrei no salão pequeno, não sem antes olhar com espanto para meu cabelo bagunçado.

— Eu gostaria de uma descoloração rápida — pedi e fui me sentando.

Em vinte minutos estava feito.

Minha próxima parada foi a concessionária que ficava nos arredores do aeroporto. O vendedor olhou para mim com uma mistura de admiração e desconfiança, checkou os documentos do carro, pediu ao mecânico para examinar o motor e outros detalhes, e quarenta minutos depois saía de lá com o cheque no bolso. Entrei no saguão iluminado do aeroporto e fui para o balcão da companhia aérea com a passagem nas mãos. Estava em cima da hora e embarquei às pressas no voo *Bristol-Cork*, na Irlanda. Enquanto ia de um lado para o outro naquele arranjo, minha cabeça manteve-se ocupada com os detalhes. Mas nos momentos em que ficava sem ação, como durante o voo, pensava na reação de todos.

Primeiro achariam o pior, ficariam preocupados... E Robert, desesperado. Quando descobrissem que tudo não passara de uma armação, e descobririam... Ele jamais me perdoaria, nem os outros. Cínthia receberia sua encomenda, dali a dois dias, e as peças do quebra-cabeça iriam se juntar. A verdade viria à tona. Ponderava sobre as consequências daquilo ao desembarcar em *Cork*.

No balcão do meu próximo embarque, a atendente checava minha identificação, olhava para o passaporte e para mim, verificando os registros. Tudo estaria em ordem, eu sabia. O voo para Paris sairia em uma hora e de lá pegaria outro, para o Brasil. Aproveitei o intervalo e fui ao banheiro. Retirei cuidadosamente as adagas e a espada da mochila e banhei--as mais uma vez com o impermeabilizante — outra das ideias que roubei de Carlo —, que bloquearia o detector de metais. Somente assim a família de Clem conseguia viajar longas distâncias levando armas consigo.

Minha mochila passou sem problemas, e eu também. Poderia ter pegado um voo direto *Bristol-Heathrow* e depois um para o Brasil, mas precisava não deixar nenhuma evidência, e fazer um caminho alternativo era a melhor solução. Oficialmente eu era agora Flávia Ramos Costa, que vivia na Europa há dois anos e estava voltando para o Brasil. Uma identidade recente chamaria a atenção caso alguém quisesse me rastrear, por isso criei toda uma nova vida para meu personagem: documentos, contas bancárias, tudo.

O voo até o aeroporto *Charles de Gaulle* foi cansativo e enervante, principalmente porque minha cabeça não parava de pensar e a todo o momento alguma lágrima escapava. Precisei ir ao banheiro algumas vezes para ajeitar as lentes de contato. Sentia-me uma completa estranha, numa roupa que nunca usaria e com um aspecto alienígena. Mas aquilo era necessário. Estariam à procura de alguém com a minha verdadeira aparência, ninguém se preocuparia com uma mochileira loira e de olhos azuis.

Em dado momento, imaginei se estaria sobrevoando Bristol. Olhei para o relógio. Deveria ser quase sete horas da noite por lá, o tempo exato em que as coisas começariam a acontecer. Queria chorar, gritar, berrar, mas não podia. A segurança de todos dependia de meu desaparecimento. Não estando por perto, Avelar não precisaria atacar aqueles que eu amava. E quando descobrisse que fugi... Se ele estivesse mesmo interessado... Bom...

Ele mandaria alguém me procurar. Seus mestiços ou nômades. Eu fizera todo o barulho possível para chamar sua atenção e dizer que estaria longe. Se ele viesse atrás de mim, seria um problema só meu e ninguém se machucaria, eu enfrentaria o que tivesse de enfrentar.

Desembarquei no *Charles de Gaulle* com os olhos doendo pelo uso prolongado das lentes e pela falta de sono. O voo seguinte demoraria um pouco para decolar e fui comer alguma coisa. Esperava pelo pedido quando um noticiário de urgência apareceu no televisor da cafeteria. Era de uma filial da BBC em Bristol.

—... *Um incêndio destruiu uma casa em Southville hoje, no início da noite. Bombeiros ainda estão no local tentando controlar as chamas. Segundo informações, o fogo pode ter sido provocado. Não há relatos sobre possíveis vítimas, mas há pouco tempo o mesmo bairro foi palco de um duplo homicídio, sem solução até o momento...*

Meu coração deu um pulo. *Já começou.* Meus olhos tentavam procurar por alguém, qualquer um deles, em meio às imagens. Não os encontrei. Estariam lá, escondidos, observando? Não poderia vê-los daqui. Não poderia vê-los nunca mais.

O café, de repente, perdeu o gosto, e deixei o sanduíche pela metade. Ouí o chamado para o voo sem escalas para São Paulo. Baixei os olhos cheios de lágrimas e segui para o portão de embarque.



— Chegamos, moça — o taxista parava em frente ao prédio na Rua Baronesa da Bela Vista.

Saltei do carro e abri o portão do prédio com minha antiga chave. Não poderia ficar ali por muito tempo, mas senti vontade de voltar para casa. No apartamento, o cheiro de ar estagnado encheu minhas narinas. O último inquilino deixara o lugar há alguns meses. Deixei as mochilas no chão e tranquei a porta. Encostei-me nela por um momento. Fiquei observando a sala pequena e vazia.

Abri a janela para deixar o ar quente e úmido entrar, com uma garoa típica de São Paulo. Era primavera no Brasil. Andei pelos cômodos como um espírito de Natal passado de Dickens: meu antigo quarto, o quarto de Cínthia, a pequena cozinha, o banheiro, a área de serviço. Voltei para a sala, sentei-me no chão e chorei. Tirei as lentes

com força, machucando os olhos. Fazia apenas três anos que eu vivera ali, em paz? Por que o destino me escolheu para passar por tudo aquilo?

Eu não tinha a resposta. Talvez nunca tivesse. Agora só havia a garoa que entrava pela janela e grudava em meu rosto, misturando-se com as lágrimas.

Ravena — Itália — Dezembro

Pelo vidro grosso que isolava o laboratório observava os cientistas, vestindo trajes especiais contra contaminação, retirando amostras do espécime. Sua preservação era excelente. Carlo tinha muito conhecimento. Enquanto realizavam os trabalhos, eu me dirigi ao escritório. Meu plano para *persuadir* Laura a vir até mim não surtiu o efeito desejado, pelo contrário. Ela havia desaparecido por completo. Pietro estava rastreando, mas não encontrara registros dela em parte alguma. Nem mesmo os Di Feveré ou David sabiam de seu paradeiro. E sem ela eu não teria acesso ao que precisava.

O plano B teve que ser acionado então. Com o sistema de monitoramento por satélite da mansão, foi possível detectar o momento exato em que a casa ficou vazia e Maia pôde agir. O anexo mostrou ser mesmo um laboratório e seu conteúdo precioso jazia lá sem nenhuma proteção adicional. Os Di Feveré nunca se sentiriam ameaçados em casa. Trajando roupas odoro-isolantes desenvolvidas recentemente, Maia e dois de seu bando entraram e saíram sem deixar rastros, eliminando um antigo problema em relação ao olfato dos vampiros. E agora um exército dos melhores cientistas e geneticistas que serviam à Ordem conseguiria as informações necessárias.

Em minha sala, um grupo de vinte mestiços me aguardava, todos absolutamente iguais.

— Muito bem. O trabalho que tenho para vocês é simples — virei a tela do computador e mostrei a foto de Laura. Os mestiços imediatamente a focalizaram. — Quero que se espalhem e procurem

por essa mulher em toda parte, em qualquer lugar que for necessário — ordenei. — Vocês já pegaram amostras do cheiro dela?

Eles acenaram positivamente com as cabeças. Havia muitos itens coletados da casa de Laura antes que ela fosse destruída pelo incêndio. Embora a probabilidade de se conseguir um rastro através do odor fosse difícil, ao menos teriam por onde começar.

— Então podem ir — falei. — E não voltem sem trazê-la viva. Fui claro?

As cabeças se moveram outra vez e os mestiços saíram em silêncio. Eram pertencentes à Ordem e não ao grupo de Maia, para garantir que não houvesse mais erros. Voltei para o laboratório. O corpo do Lázarus permanecia no recipiente de preservação.

Seus mistérios ao meu alcance.

Bairro da Liberdade — São Paulo — Dezembro

São Paulo se preparava para mais um Natal.

A decoração da Rua Galvão Bueno era alegre e as lojas estavam abertas até mais tarde. Lanternas balançavam alegremente acesas no bairro mais japonês da capital. No Brasil, tudo se harmonizava e era bonito. Caminhava sob os arcos do bairro, sem nenhum rumo específico. Apenas queria respirar um pouco. Era uma data triste para mim e tentava não pensar em nada, me distrair com qualquer coisa. Mas, assim que vi os buquês de rosas vermelhas na vitrine de uma floricultura, percebi o quanto seria difícil fugir àqueles detalhes. Suspirei e abaixei a cabeça. Já estava em São Paulo há tempo demais e teria de ir embora. Não seria bom fincar território. Ainda não havia decidido para onde iria, mas não poderia demorar mais.

Desde que cheguei, havia mudado de endereço três vezes em um ano, tomando cuidado para não deixar rastros de qualquer tipo. Meu antigo celular foi destruído, mas registrei os números em outro. Não tinha coragem de esquecê-los e aquela atitude me dava certo alento. Andei pelas ruas até decidir voltar para o apartamento que aluguei próximo dali, na Rua Taguá. Desci as escadas em espiral que

terminavam em arenas concêntricas ao ar livre. Não era o melhor caminho para se fazer à noite, mas estava tranquila. Apenas moradores de rua dormiam ali e o cheiro de fezes e urina era suportável. Havia coisas piores que aquilo no mundo.

No último lance de escadas senti o arrepio nos cabelos. Era inconfundível. O vulto saltou rápido e me joguei para trás. As adagas já estavam em minhas mãos. Não havia deixado de praticar nem um dia no último ano, desde que partira de Bristol. Desde que deixara de existir.

Era um só. O mestiço circulou em volta, uma espada nas mãos, mas parecia não estar disposto a matar. Como da última vez em Bristol. Circulei também, as adagas brilhando contra a luz da lua. Ele não iria me matar, mas não me levaria de volta. Avancei e ele se desviou. Tentou me agarrar com a mão livre. Girei o corpo e finquei a adaga em sua palma, tirando a lâmina em seguida. Ele gemeu de dor e esqueceu por um momento sua determinação, atracando-se comigo. Bloqueei seu golpe com as adagas e rolei para o outro lado, correndo escadas acima.

Num salto ele estava lá e sua lâmina quase acertou meu pescoço, atingindo a mureta de contenção e tirando faíscas. Pulei pela amurada e me escondi nas sombras, camuflando meu cheiro de maneira mais potente. Ouvi o baque surdo de seu corpo pousando no chão. Ele virava o rosto para os lados, inspirando. Havia perdido o rastro e exasperou-se. O odor que eu exalava era muito diferente daquele que seguiu. Diminuí o ritmo do meu coração e caminhei lentamente. A poucos passos, ele virou-se e me encarou com surpresa, ao mesmo tempo em que eu cravava uma adaga em seu peito e com a outra talhava seu pescoço. O sangue jorrou e ele caiu, tentando sorver o ar através do corte. Sem dar chance, apertei mais a adaga até rasgar totalmente sua garganta. Em poucos minutos ele parou de se mover.

Inspirei fundo para me recompor e peguei o ácido de Carlo em minha mochila. Estava pronta a limpar aquela bagunça, mas um novo arrepio me alcançou. Coloquei-me de pé no ato. Havia mais deles? Apertei o cabo das adagas e vi o par de olhos vermelhos me encarando da escuridão. Estremeci sutilmente. Contra um nômade

metamorfo, de nada adiantariam as armas. Calculava quais seriam minhas chances de correr quando a figura deu um passo a frente.

— Quem é você? — perguntou com voz familiar em português. — Nunca vi um humano matar um mestiço antes — seu tom era impressionado.

Não relaxei a guarda, mesmo sabendo que seria inútil.

— Era ele ou eu — falei. — O que acha?

O vulto deixou as sombras que o escondiam, mas mantendo certa distância. O luar iluminou suas feições.

— José? — minha boca se abriu. — É você mesmo?

Ele me olhou confuso e aproximou-se devagar. Estava vestido todo de negro.

— Quem é você? Como sabe meu nome e como pôde matar esse mestiço? — ele falava rápido. — Estou atrás dele há dias. Ele já matou um monte de gente para se alimentar.

— Você não deve me reconhecer agora — expliquei com cautela. — Mas sou a Laura, do clã dos Di Feveré.

O olhar dele pareceu confuso. Suas narinas se abriram e inspirou. Depois me rodeou com suavidade, parando a alguns metros com o semblante incrédulo. Talvez eu devesse me acostumar com a sensação de ser observada como uma aberração.

— Laura? Mas... — sua voz mostrou o tamanho da surpresa, de uma forma que eu não conseguia saber se era boa ou ruim. — Sim, é você mesma! Então... É verdade? Solomon nos contou o que aconteceu, mas... — seu olhar era investigativo. — Achei que fosse impossível, uma brincadeira dele — seu rosto se contraiu em uma expressão indefinível. — Você fez mesmo a conversão? A lenda é verdadeira?

Acenei que sim.

— Imaginei que Solomon contaria para vocês — afirmei.

José ficou me observando por mais algum tempo. Deveria ser bem mais que uma humana para ele. Era uma anomalia.

— Eu não fazia ideia de que você estaria em São Paulo — o corpo dele relaxou da postura de defesa. — Por que não está com seu clã?

Meu coração se apertou. De saudade e medo. Meu disfarce ali estava acabado.

— Essa é uma longa história, José. Posso contar se quiser, mas primeiro temos que dar um jeito nisso — aponte para o mestiço morto.

José se aproximou dele e o examinou. Sua cara se abriu em asco.

— Arrghhh! Que cheiro horrível! Mestiços sempre fedem! Ele não é dessa região, com certeza — seu olhar era especulativo. — O que estaria fazendo aqui?

— Você falou que ele tem matado há dias? — perguntei.

— Sim... Eu o estava seguindo quando a atacou — José falou. — Estava prestes a derrubá-lo, mas ele a viu e começou a lutar com você. Achei que fosse outra mestiça. Decidi esperar o resultado da briga para ver o que faria — ele me encarou. — Somente quando a luta acabou percebi que você era humana.

Concordei com um gesto de cabeça. Se eu fosse uma mestiça fora de território saberia o que aconteceria. Peguei o ácido e derramei sobre o corpo. Ele desapareceu em minutos numa nuvem fumegante.



Sentados no monumento do Ipiranga, víamos o dia amanhecer. Ao terminar de contar minha história, José ficou pensativo por um longo instante.

— Então os Di Feveré não sabem mesmo que você está aqui? — José buscou confirmação.

— Não. E não podem saber, por favor. Nem a Ordem pode — pedi. — Você viu o que aconteceu ontem à noite. Apesar de não ter como provar, tenho certeza de que Avelar está envolvido, José — olhei para ele. — Eles vieram atrás de mim e matariam se fosse preciso para me encontrar. Por isso fugi de Bristol e vou sair de São Paulo.

— Eu entendo — seu olhar estava distante. — Talvez deva saber, Laura: os Di Feveré ligaram para Solomon e perguntaram por você durante o último ano. Na época, não entendi por que fizeram aquilo.

Acredito que contataram todos os clãs amigos a respeito. Soube que Robert ficou muito mal com sua partida.

Ah, Robert...

— Não posso fazer nada, José. Não posso voltar. acredite, mais pessoas poderiam ser feridas ou mortas em Bristol por minha causa. Não vou correr esse risco — o sol havia nascido completamente. — Agora tenho que ir. Podem aparecer mais mestiços e não quero causar problemas por aqui. Por favor, não diga a ninguém que você me viu, não importa o que falem. Promete?

— E para onde irá? — ele perguntava. — Bernardo e eu poderíamos ajudar na sua segurança. Ele está na zonal sul, procurando pelo mestiço que você matou. Ficaria a salvo conosco.

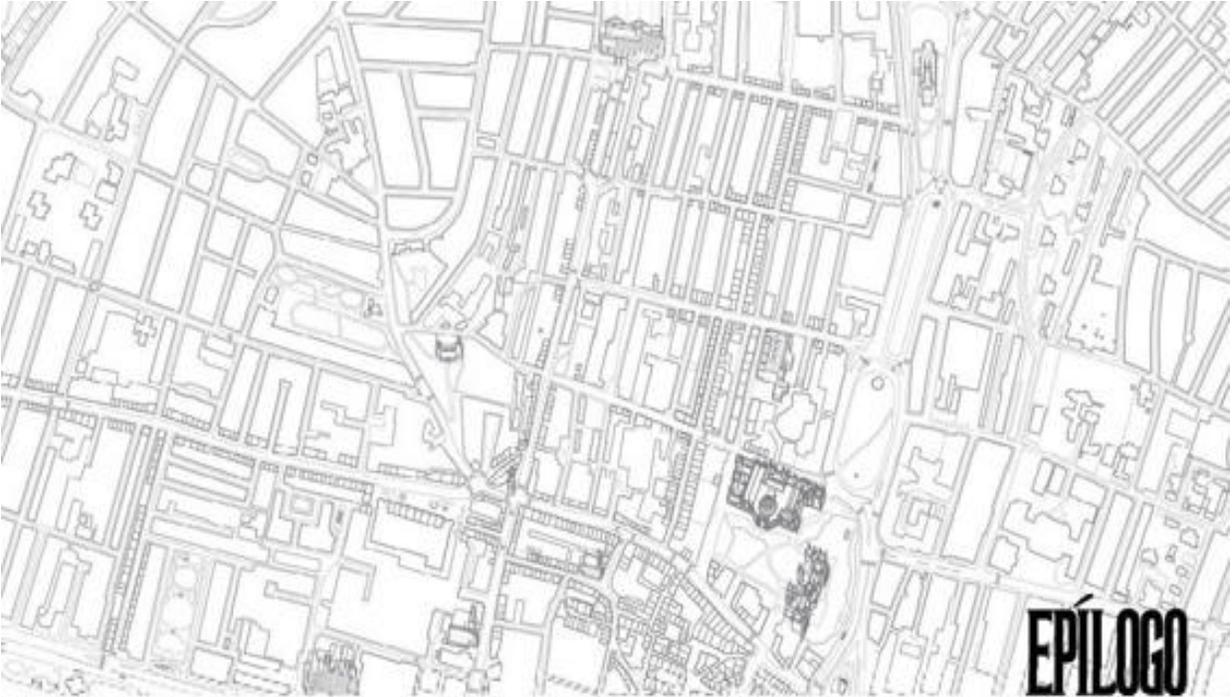
— Não, obrigada — retruquei. — Essa luta é só minha. Eles já chegaram perto demais ontem, não posso permitir isso de novo.

José concordou com a cabeça, aborrecido e contrariado, mas não tentou me dissuadir.

— Que seja, então. Tem minha promessa de que não contarei a ninguém que estive aqui. E se outros mestiços vierem, fique tranquila. Nós os pegaremos antes que cheguem a qualquer lugar. Agora estamos avisados do porquê de suas *gracinhas* em nosso território — levantou-se. — Boa sorte em sua jornada, Laura. Sabe onde nos procurar se precisar.

— Obrigada, José.

Assim nos despedimos. O vulto de José sumiu rapidamente do monumento em direção ao museu. Desci e peguei um táxi. Tinha de arrumar minhas coisas.



Epílogo

Terminal Rodoviário do Tietê São Paulo — Dezembro

Já era noite quando cheguei ao guichê da empresa de ônibus.

— Uma passagem para Campo Grande, por favor — pedi.

O atendente me olhou.

— Preciso da identidade.

Abri a bolsa e a entreguei. Ele olhou para a foto e me estendeu um formulário.

— Preencha os campos obrigatórios e o entregue ao motorista — passou-me o bilhete, apontando plataforma e poltrona. — Boa viagem e boas festas.

Acenei com a cabeça. Sentei-me em um banco e comecei a completar os campos assinalados.

Nome: Maria Alice Pereira...

Quando acabei, desci até a plataforma de embarque.

— Feliz Natal! Ho, ho, ho...

A rodoviária estava literalmente um inferno. Multidões caminhavam apressadas para suas plataformas, carregando bagagens enormes, multicoloridas. Parentes se despediam, mandando lembranças para suas famílias. Lágrimas e choro por toda parte...



Uma Olhada em Panaceia

Ilha de Lesbos – Grécia – Outono

Meus pés se machucavam nas pedras grossas e os dedos das mãos agarravam com violência o tronco das árvores da floresta petrificada de sequoias. Cada passo exigia mais esforço do que o corpo parecia conseguir. O ar entrava dolorido e entrecortado em meus pulmões. *Você não devia ter saído, Laura.* Deveria ter escutado quando ela me alertou para descansar, ou deixar que uma delas tivesse vindo comigo. Mas agora isso não tinha importância. A dor forçava meu pensamento em apenas uma direção: precisava voltar, o mais rápido que pudesse. Havia muito a fazer e pouco tempo. A sombra das árvores eternamente petrificadas criava espectros no solo à luz da lua, os galhos dos arbustos ressecados ao redor se contorciam com o vento. Por um momento essas imagens trouxeram de volta a lembrança de outro grupo de arbustos desfolhados numa noite de inverno em Bristol, em frente ao museu, parecendo-se com

garras lúgubres de criaturas sobrenaturais e mitológicas que ameaçavam me agarrar com dedos cadavéricos e ossudos. Mas isso foi em outro tempo, onde eu sabia, ou acreditava, pelo menos, que tais criaturas não pudessem existir de verdade. Que tudo o que havia visto era o fruto de uma imaginação cansada e iludida pelo cenário de inverno.

Isso foi naquele tempo.

Pois desde aquele dia minha vida seguiu outro rumo, não ditado pelos homens. Passei a percorrer um mundo onde a cortina entre o real e o imaginário era tênue como poeira no ar, onde forças milenares ainda imperavam com seus encantos e vaticínios, nada era o que realmente parecia e a diferença entre o que é ou não humano se revela. Às vezes, da pior maneira possível. Olhei para o movimento das estrelas no céu, agora claro e real em muitos sentidos. Cada passo que elas davam iluminava com força o caminho dentro do meu sangue. Seus segredos me foram ditos, o poder de sua força e o que representavam para mim, e eu para elas. Mas mesmo essa força não parecia fazer nenhuma diferença hoje, não equilibrava o peso da balança a meu favor. Forcei o corpo a continuar, passo a passo. As pernas não obedeciam e cada respiração trazia consigo dor e sofrimento. Eu não estava longe da casa. A caminhada fora breve, apenas para espairecer as ideias e encarar o destino que tomara conta da minha vida. Uma realidade que me chamou agora, mais cedo do que esperava. A faca em meu pescoço, armada durante meses, dava seus primeiros sinais de corte. E a lâmina era afiada. Precisa. Tão exata que penetrava fundo em meus músculos e alcançava os ossos, separando-os com a perícia de um anatomista habilidoso.

O latejar constante não dava tréguas para que pudesse recuperar o equilíbrio, agir com rapidez ou pedir ajuda. Não tinha forças para chamar alguém, se fizesse elas chegariam rápido. Não que isso pudesse me salvar, mas havia coisas mais importantes em jogo agora do que apenas a minha segurança ou a necessidade de ficar longe, afastada e distante até que tudo se consumasse como me foi dito. Mesmo porque, em breve, não estaria presente para ser uma ameaça. Ao menos esse consolo minha alma poderia levar, o de que

todos os que amo estariam definitivamente a salvo quando a notícia se espalhasse entre os clãs. E também entre os humanos. Esse havia sido o pedido que fiz a ela, o segundo entre os dois únicos e mais importantes: a guerra precisava acabar.

Fechei os olhos na tentativa de deter a tontura e a dor, impedir que os pontos pretos, que brincavam diante deles, me fizessem perder o foco. Nesses minutos de ausência visual os rostos de todos dançaram na minha frente, um por um, amados e queridos com toda a força de um coração que um dia bateu, deixou de bater, e voltou a latejar para uma vida nova e completamente diferente de tudo o que alguém sonharia existir na Terra. As lágrimas escorreram. Só os veria em minhas lembranças, e não mais que isso. Não havia retorno agora. Meus dedos agarraram o tronco de pedra e o sangue escorreu do corte provocado pela pressão das unhas contra a madeira fossilizada. Antes, eu me perguntava se ainda haveria o tempo de pedir perdão. Mas agora sei que não virá mais, ele se foi. Ele se foi entre as quedas-d'água do Mato Grosso do Sul, se foi entre a densa floresta Amazônica, se foi dentro de uma velha cabana abandonada, com as gotas da chuva lavando meus cabelos, onde meu destino foi selado.

Que assim seja, então. Forcei o choro a parar e a mente a procurar o caminho de pedras. Se essa fosse a solução, a única saída, não tinha por que temer. Tudo seria resolvido da melhor maneira, para todos eles. Ninguém mais sofreria. Nenhum dos lados se mataria ou mataria inocentes por minha causa. Então, meus olhos o viram. Não os olhos reais, os físicos, mas os da alma, do coração: o rosto alvo, lindo, amado e desejado. O semblante de cabelos castanhos, a pele fria iluminada pelos primeiros raios de sol. *Nem ao menos pude ver seus olhos uma última vez...* Mas não tinha por que lamentar. Tive mais dessa vida junto a ele do que poderia esperar. Mesmo por pouco tempo, nossa história valeria a eternidade.

Deus! Não me deixe fraquejar agora, não agora! Obriguei os pés a seguirem a trilha de seixos pontudos e ásperos. Os sapatos de lona que usava não pareciam isolar minha pele e cada passada deixava farpas entre os dedos dos pés. *Por tudo que há de mais sagrado eu imploro, me permita concluir essa etapa com força, só essa. E*

depois... que seja feita Sua vontade, e não a minha. Não tinha o hábito de rezar. Minha fé, em muitos momentos, era motivada apenas pela razão dos fatos. Mas nessa hora, aqui e agora, quando a morte parece inevitável e seu anjo paira sobre a cabeça, rezar parece ser o único consolo. Principalmente quando muita coisa importante será deixada para trás e você não estará ali para cuidar e proteger. Esse pensamento me motivou. Caminhei o mais rápido que pude, debaixo de uma lua que banhava minha pele, deixando-a azulada, com a brisa salgada do mar Mediterrâneo balançando meus cabelos castanhos. O suor escorria de todos os poros e minha respiração era descontrolada. Do corpo uma profusão de diferentes aromas era exalada e os batimentos cardíacos estavam muito acelerados. Isso deve tê-la alertado, pois, quando virei a trilha que dava acesso à casa encravada na rocha sólida da ilha, sua imagem apareceu do nada a minha frente. Os cabelos loiros sacudiam-se com o vento e seus olhos vermelhos estavam arregalados de horror, estampados numa face ainda mais translúcida por causa da lua. Se seu coração batesse, acredito que estaria tão ou mais acelerado que o meu. Mas mesmo a visão do medo não tiraria do rosto perfeito a beleza de Alexia, nem a antecipação do perigo que estava por vir faria sua voz ser menos encantadora.

— Por Ilícia! — o som preencheu o silêncio da noite.

— Eu... preciso de ajuda... — consegui espremer as palavras, enquanto sentia os joelhos falharem.

Mas não toquei o chão. No instante seguinte ela me segurava nos braços e cruzava os portões de pedra que conduziam à porta da casa. Em segundos eu estava deitada no divã da sala e a mão fria de Alexia tocava minha testa.

— Eu disse que ficasse aqui! — repreendeu-me enquanto o bipe do relógio apitava incessante nos meus ouvidos. — Por que não me escutou?

— Prometo que, se tivermos outra chance... não vou contrariar você, Alexia... — respondi com a voz engasgada e parei de falar, o calor se espalhando pelo meu corpo em ondas.

— Sibila! Olímpia! — ela chamou, mais alto do que o necessário para a audição de um vampiro. Alexia estava com medo.

As formas morenas das lâmias gregas estavam lá, o olhar de pânico igual ao de sua líder.

— Chame Claudia e Hipólita, mas sem alertar mais ninguém! — advertiu para Sibila. — E volte rápido! — a lâmia se foi.

Agarrei a mão de Alexia com força.

— Eu preciso delas, Alexia. Por favor...

Nossos olhos se encontraram e o pensamento dela estava tão claro que podia vê-lo em seu rosto.

— Você prometeu, lembra? — encarei-a com seriedade. — Não vai avisar mais ninguém, não agora. Depois poderá fazer o que quiser, mas antes preciso que cumpra o primeiro dos meus dois pedidos — senti o calor aumentar e apertei sua mão. — Elas têm que estar aqui.

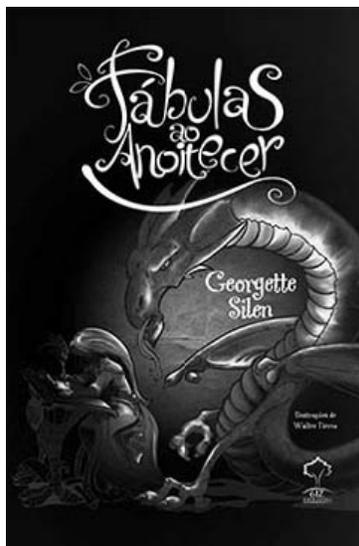
O olhar de Alexia se demorou um minuto a mais no meu. Quando percebeu que não havia como me desmotivar, desistiu. A promessa de uma lâmia, como ela mesma me garantira antes, era para toda a eternidade. Houve um movimento no ar. Sibila e mais duas mulheres chegavam. Mestiças de Hidra, a antiga comunidade destruída. Sua cabeça voltou-se para Olímpia.

— Vocês sabem o que fazer — Alexia disse. — Sejam o mais rápidas e discretas possível — seu olhar vagou delas para mim.

A brisa leve indicava que Sibila e Olímpia haviam partido. Em algumas horas estariam de volta. *Espero que haja tempo*. Senti a cabeça ficar pesada e o calor aumentar. O ar não parecia fazer parte do ambiente ao meu redor. Alexia dava instruções para as outras mulheres, que silenciosamente se moveram. Meu corpo foi erguido sem dificuldade e transportado, mas a essa altura não podia identificar para onde, nem o que estavam fazendo comigo. Apenas sabia qual seria o final, estava muito claro.

Nem mesmo a cura da Panaceia poderia me salvar agora.

**Se você gostou deste livro,
leia mais obras da autora!**



**Fábulas ao Anoitecer, de Georgette Silen
Giz Editorial, 2012**

Terror, amor, magia, criaturas fantásticas como fadas, bruxos, dragões, elfos, e até ficção científica surgem de páginas da coletânea de contos *Fábulas ao Anoitecer*, de Georgette Silen. Mitologia e lendas folclóricas mundiais são revisitadas e conduzem o leitor pelo maravilhoso mundo da Literatura Fantástica Brasileira.



**A Crônicas de Kira, de Georgette Silen
Giz Editorial, 2012**

As Crônicas de Kira, de Georgette Silen, é uma narrativa épica, repleta de reviravoltas e personagens complexos, guerreiros, batalhas espetaculares em terra e mar, criaturas fantásticas, monstros saídos de histórias de terror, belas mulheres e feiticeiros sinistros, que irá hipnotizá-lo do início ao fim.

Kira, a Princesa de Hisipan, terra de fabulosas mulheres guerreiras, parte em uma jornada heroica por reinos distantes, à procura de um artefato mágico.

Sobre a Autora



Georgette Silen é natural de Caçapava - SP. Arte-educadora e professora de teatro, além de diretora teatral e figurinista, com vários espetáculos premiados nos circuitos de mostras e festivais pelo Brasil. Como escritora, iniciou profissionalmente em 2009, participando de coletâneas, sempre no gênero que mais a inspira: a Literatura Fantástica. Flerta com o terror, com a FC e seus subgêneros. É autora da série Lázarus, uma saga sobrenatural com 4 volumes sobre vampiros. Lázarus é o primeiro livro da série, publicada pela Giz Editorial. Também é autora dos livros *As Crônicas de Kira* e *Fábulas ao Anoitecer* (Giz Editorial, 2012), além de ter participado de mais de 30 coletâneas como coautora e algumas como organizadora.

E assim ela leva sua vida, entre tramas e mistérios, romances e lendas, amigos e inimigos que saltam de sua imaginação e falam sobre seus medos, seus desejos e suas aspirações.

Facebook: [facebook.com/georgettesilen.silen](https://www.facebook.com/georgettesilen.silen)

Twitter: [@georgettesilen](https://twitter.com/georgettesilen)

e-mail: missgette@yahoo.com.br

Blog: georgettesilen.blogspot.com



Se você gostou deste livro
indique-o para um amigo!